J.R.R.

TOLKIEN

BEOWULF

UMA TRADUÇÃO COMENTADA

incluindo o conto

SELLIC SPELL

Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

BEOWULF

BEOWULF

UMA TRADUÇÃO COMENTADA

incluindo o conto

Sellic Spell

DE

J. R. R. Tolkien

Editado por Christopher Tolkien

Tradução
RONALD EDUARD KYRMSE
Membro da Tolkien Society e do grupo linguístico “Quendily”

SÃO PAULO 2015

ÍNDICE

Prefácio
Introdução à tradução
Beowulf
Notas sobre o texto da tradução
Nota introdutória ao comentário
Comentários complementares à tradução de *Beowulf*
Sellic Spell
A Balada de Beowulf

PREFÁCIO

Uma vez que a natureza e o propósito deste livro poderiam muito facilmente ser mal-entendidos, apresento aqui uma explicação que, espero, será também uma justificativa.

É bem sabido que existe uma tradução de *Beowulf* em prosa inglesa moderna feita por J. R. R. Tolkien e, devido à sua reputação e eminência nos estudos literários e linguísticos do inglês antigo, o fato de ela ter permanecido inédita por tantos anos tornou-se mesmo motivo de descrédito.

Sou o responsável por isso, por uma razão, ou explicação, muito simples. A tradução foi terminada em 1926, quando meu pai tinha 34 anos. Seguiram-se duas décadas como professor de anglo-saxão em Oxford, duas décadas de estudos complementares sobre a poesia inglesa antiga, juntamente com um árduo programa de conferências e aulas, e muita reflexão, especialmente sobre *Beowulf*. Das suas conferências desses anos restaram muitos escritos sobre o poema, inclusive grande parte da interpretação dos detalhes do texto. Evidentemente, não houve uma relação passo a passo entre as conferências e a tradução, mas pode-se verificar que as alterações feitas na tradução em diferentes momentos (e são muitas) estão coerentes com a discussão das questões nas suas conferências. Em outros casos, ele não alterou a tradução à luz de uma opinião posterior e revista.

Não parecia haver um modo pronto para apresentar um texto que se mostrava em certo sentido completo, mas ao mesmo tempo claramente “inacabado”. Apenas imprimir o

que parece ter sido sua última decisão ao traduzir uma palavra, uma frase ou um trecho, e deixar por isso mesmo, parecia enganoso e errado. Alterar a tradução visando acomodar uma opinião posterior estava fora de questão. É claro que teria sido possível incluir minhas notas explicativas, mas pareceu muito melhor inserir neste livro os trechos das conferências em que meu pai expôs suas opiniões sobre os problemas textuais em questão.

Sua intenção explícita era que a série de conferências sobre *Beowulf* que reproduzi neste livro fosse um "comentário textual", tratando de perto os detalhes verbais. Na prática, porém, descobriu que essa restrição o limitava: muitas vezes a discussão de uma palavra ou frase o conduzia a uma exposição mais ampla das características do antigo poeta inglês, de seu pensamento, estilo e propósito. Ao longo das conferências há muitos "ensaios", breves mas esclarecedores, que surgem em momentos específicos do texto. Como ele escreveu, "tento fazê-lo, mas na verdade não é possível nem satisfatório subdividir o comentário em 'conteúdo lendário' e 'texto'".

Existe aqui, em meio ao enorme acervo crítico sobre *Beowulf*, uma singularidade bem evidente de concepção e discernimento; e nesses argumentos e observações, expressos de forma característica, pode-se perceber a proximidade de sua atenção ao texto, seu conhecimento da dicção e de expressões antigas e sua visualização das cenas daí derivadas. Emerge, parece-me, sua vívida evocação pessoal de um mundo há muito desaparecido – tal como foi percebido pelo autor de *Beowulf*; o detalhe filológico existe para esclarecer o significado e a intenção daquele poeta.

Assim, após muito refletir, decidi ampliar significativamente o âmbito deste livro, extraindo grande quantidade de material da transcrição daquelas conferências, oferecendo (espero) um comentário de pronta compreensão, que surge em relação explícita com o próprio

texto do poema, e que no entanto se estende muitas vezes além desses limites imediatos para expor assuntos como o conceito de *wrecca*, ou a relação dos personagens do poema com o poder do “destino”.

Mas o uso desses inúmeros escritos, de uma forma que, é claro, não era de modo algum sua intenção, necessariamente implica problemas de apresentação difíceis de solucionar. Em primeiro lugar, esta é uma obra de meu pai que não é de sua própria autoria (e, portanto, diferente de todas as edições de seus escritos inéditos que realizei, exceto uma), mas que trata de uma obra específica, de grande notoriedade e com um volumoso acervo crítico que se estende por mais de dois séculos. Em segundo lugar, as conferências em questão se destinavam a uma plateia de estudantes cujo trabalho com o inglês antigo se baseava, em parte, na complexa linguagem de *Beowulf*, e seu propósito era elucidar e esclarecer, muitas vezes com precisão de detalhes, a parte do texto original que estava destinada a estudo. Mas é claro que sua tradução estava voltada sobretudo, mas não exclusivamente, a leitores com pouco ou nenhum conhecimento do idioma original.

Neste livro, assim concebido, tentei satisfazer os diferentes interesses dos possíveis leitores. E nessa conexão existe um paralelo parcial, curioso e interessante com o dilema que meu pai expressou em uma carta a Rayner Unwin, em novembro de 1965, acerca de sua incapacidade de compor o material “editorial” que acompanharia sua tradução acabada de *Sir Gawain and the Green Knight* [*Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*]:

> Estou achando difícil selecionar e condensar as notas e fazer a introdução. Há muito que dizer, e não tenho certeza de qual é o meu alvo. É claro que o alvo principal é o leitor em geral, com gosto literário mas

> sem conhecimento do inglês médio, mas não se pode duvidar de que o livro será lido por estudantes e por acadêmicos dos Departamentos de Inglês. Alguns deles têm as pistolas soltas no coldre. É claro que tive de realizar um extenso trabalho editorial, invisível, para chegar a uma versão, e fiz, creio, importantes descobertas a respeito de certas palavras e alguns trechos (na medida em que algo é "importante" no pequeno mundo do inglês médio). [...] Acho adequado informar àqueles que possuem o original onde e como minhas leituras diferem das usuais.

Anos mais tarde, em 1974, logo após a morte de meu pai, fiz referência a essa carta quando escrevi a Rayner Unwin a respeito de uma publicação póstuma da sua tradução de *Sir Gawain*. Disse-lhe que havia feito uma busca em suas anotações sobre *Gawain*, mas "não consigo encontrar vestígio de alguma que seja minimamente adequada ao 'leitor em geral, com gosto literário mas sem conhecimento do inglês médio', ou talvez à maioria dos estudantes", e me perguntava "se não foi sua completa incapacidade de resolver essa questão que o impediu de terminar o livro". Disse que a solução que eu defendia (com dúvidas) era não incluir nenhum comentário "erudito" e prossegui:

> Mas, muito além disso, e supondo que os pistoleiros filológicos que meu pai temia possam ser desprezados sem risco, o que dizer do "leitor geral, com gosto literário mas sem conhecimento do inglês médio"? A situação é tão particular que acho difícil analisá-la. Em geral, eu presumiria que um livro de traduções de poemas medievais dessa ordem, publicado sem

nenhum comentário sobre o texto, seria tão estranho que provocaria hostilidade.

Minha solução para o presente caso, claro, baseia-se em diferentes materiais que guardam diferentes relações entre si, cuja origem remonta a cerca de três quartos de século. Certamente, porém, ela está sujeita a crítica. O comentário, tal como apresentado aqui, é e só pode ser uma *seleção pessoal* de um corpo de escritos muito maior, aqui e ali desordenado e muito difícil, intensamente concentrado na parte inicial do poema. Mas não vai além disso e, portanto, só se assemelha superficialmente a uma "edição". Tanto quanto as conferências de meu pai, não visa a nenhum grau de inclusão generalizada. Como ele mesmo revelou, ele se atinha sobretudo a assuntos sobre os quais tinha algo de pessoal a dizer ou acrescentar. Não acrescentei explicações nem informações que o leitor poderia buscar em uma edição. Os acréscimos de pequena monta que fiz são principalmente os que os elementos do próprio comentário pareciam exigir. Eu mesmo não relacionei suas opiniões e observações com as obras de outros estudiosos que vieram antes ou depois dele. Ao fazer esta seleção, guiei-me pela relevância de características da tradução, de acordo com minha avaliação sobre o interesse geral do tema e pela necessidade de estender-me obedecendo a certos limites. Incluí algumas notas das conferências, em pontos bastante secundários do texto, que ilustram como, a partir de um pequeno detalhe gramático ou etimológico, meu pai formulava conclusões mais amplas, e algumas discussões sobre emendas textuais para mostrar como ele apresentava seus argumentos e suas evidências. Um relato mais completo dessas conferências, como se conservariam na forma escrita, e do tratamento que lhes dei, pode ser encontrado na introdução ao comentário (Ver texto).

No comentário às suas conferências, ele presumia (talvez demasiado prontamente) algum conhecimento dos elementos do inglês antigo e a posse ou talvez o fácil acesso a um exemplar do “Klaeber” (a principal e mais usada edição de *Beowulf*, realizada por Frederic Klaeber, que ele muitas vezes criticava mas também tinha em alta conta). Eu, por outro lado, ao longo de todo este livro tratei a tradução como a fonte principal. Porém, ao lado das referências às linhas, invariavelmente indiquei as referências correspondentes ao texto em inglês antigo, para aqueles que desejassem ter acesso imediato a ele sem precisar pesquisar.

Em meu prefácio de *A lenda de Sigurd e Gudrún* escrevi: “Dada sua natureza [do livro], ele não deve ser julgado pelas opiniões predominantes na erudição contemporânea. Ele pretende ser, isso sim, uma apresentação e um registro de suas percepções, em seus próprios dias, de uma literatura que ele admirava muito.” Pode-se dizer o mesmo deste livro. De um modo muito claro, não considerei que meu papel nas edições de *Sigurd e Gudrún* e *A queda de Artur* fosse oferecer uma avaliação crítica das suas opiniões, como alguns parecem ter pensado que deveria ser. Seria melhor enxergar a presente obra como um “volume memorial”, um “retrato” (digamos) do estudioso em seu tempo, em suas próprias palavras, inédito até agora.

Assim, parece bastante adequado incluir como elemento suplementar sua obra *Sellic Spell*, também aqui publicada pela primeira vez, uma história imaginária sobre Beowulf na forma primitiva. Incluí também, no final do livro, as duas versões de sua *Balada de Beowulf*, que conta a história em forma de balada para cantar. Ouvi-lo cantando a *Balada* continua sendo para mim uma lembrança nítida após mais de oitenta anos, meu primeiro contato com Beowulf e com o salão dourado de Heorot.

As quatro ilustrações reproduzidas neste livro são todas obras de J. R. R. Tolkien. Sob a pintura do dragão, na capa, ele escreveu estas palavras de *Beowulf*, verso 2561: (*ðá wæs*) *hringbogan heorte gefýsed*, que traduziu como: “(então foi) inflamado o coração da fera enrodilhada (a sair para o combate)” (2173-4). O desenho na quarta capa representa o charco de Grendel: as palavras *wudu wyrtum fæst,* que aparecem embaixo, são de *Beowulf*, verso 1364; na tradução: “Não é longe daqui [...] que fica essa lagoa, sobre a qual pendem árvores congeladas, e *uma mata agarrada pelas raízes* faz sombra na água” (1141-4). Outro desenho do charco, feito à mesma época (1928), aparece reproduzido na orelha. O desenho da primeira página deste livro, mostrando um dragão atacando um guerreiro, foi feito no mesmo ano.

Todas as quatro ilustrações estão reproduzidas, com observações interessantes, em *J. R. R. Tolkien: Artist and Illustrator*, de Wayne G. Hammond e Christina Scull (pp. 52-5).

INTRODUÇÃO À TRADUÇÃO

A história textual

Os textos da tradução em prosa de *Beowulf* feita por meu pai são muito fáceis de descrever, pelo menos superficialmente. Em primeiro lugar, existe um texto datilografado, escrito em papel muito fino, em que ele usou o que chamava de seu tipo "*midget*" [anão ou minúsculo] da sua máquina de escrever Hammond. Vou chamá-lo de "B". O texto estende-se até a linha 1773 da tradução (verso 2112 do texto em inglês antigo), "warrior of old wars, in age's fetters did lament his" [guerreiros de antigas guerras, lamentou nos grilhões de velhice]: a última palavra está no fim da última linha da página, no pé desta.

As 32 páginas de B estão em péssimo estado. As bordas da direita estão com manchas escuras e, em alguns casos, seriamente rasgadas ou arrancadas, com perda do texto. Na aparência, lembra estranhamente o próprio manuscrito de *Beowulf*, que foi bastante danificado no ruinoso incêndio da Ashburnham House em Westminster, em 1731: as bordas das folhas foram chamuscadas e depois esfarelaram. Mas, independentemente do que teria danificado o texto B da tradução de meu pai, ele inseriu a maioria das palavras perdidas na margem (nem sempre isso aconteceu).

Não há vestígio de nenhuma outra folha da versão datilografada B, mas um manuscrito se inicia com as palavras (depois de "did lament his", palavras com as quais B termina) "youth and strength in arms". Portanto, referir-me-ei ao texto datilografado como "B(i)" e, ao manuscrito, que prossegue até o final do poema, como "B(ii)".

A tradução estava completa por volta do final de abril de 1926, como se vê numa carta de meu pai a Kenneth Sisam existente no arquivo da Oxford University Press:

> Tenho todo o *Beowulf* traduzido, mas em grande parte pouco me agrada. Vou enviar-lhe um exemplar para que o critique livremente – embora os gostos difiram, e na verdade seja difícil decidir-se sozinho [...][1]

(Meu pai assumiu sua indicação ao posto de professor de anglo-saxão em Oxford no inverno de 1925, e minha família mudou de Leeds em janeiro de 1926.)

Segue-se a B(i) e B(ii) outro texto datilografado (que também existe em cópia carbono), feito por mim, que pode ser datado de cerca de 1940-42[2]. Chamarei esse texto datilografado de “C”. Não há outros textos.

O texto datilografado B(i) foi bastante modificado, sobretudo no trecho que descreve a chegada de Grendel a Heorot e seu combate com Beowulf (na tradução, linhas 574-632). Após correções preliminares, meu pai riscou-o e substituiu-o por um trecho reescrito em outro tipo. Mas, curiosamente, a partir desse ponto as correções tornam-se muito escassas e esparsas, até o fim do texto datilografado B(i).

Voltando para o manuscrito B(ii), que começa no meio da última frase de B(i), ele foi escrito com fluência e bem depressa, de modo bastante legível para quem está familiarizado com a letra de meu pai, mas apresentando dificuldades aqui e ali. Há um bom número de correções, mas a maioria foi feita na época em que o manuscrito foi composto. Algumas foram muito alteradas ao serem redigidas e são difíceis de interpretar. Nesse texto há notas

esparsas, de caráter explicativo ou sugerindo interpretações alternativas do texto em inglês antigo.

O datilografado C contém todo o texto da tradução. A grande massa das correções em B(i) foi incorporada a C, mas algumas foram feitas em B(i) posteriormente. No caso de B(ii), o manuscrito virtualmente atingiu sua forma final quando meu pai o entregou a mim para que o copiasse.

Quando datilografei C, o texto de B(i) em alguns lugares tornou-se difícil de ler, mas fiz uma reprodução surpreendentemente precisa dele (sem dúvida, mediante pedidos de auxílio em certos momentos). Por outro lado, na parte final da tradução, a versão manuscrita B(ii), cometi um bom número de erros (é estranho fazer um retrospecto de três quartos de século, lembrando meus primeiros conflitos com a famosa caligrafia).

Por fim, em datas desconhecidas, meu pai repassou depressa o texto C datilografado, até superficialmente (como fazia com outras obras suas), e rabiscou – em alguns casos de forma quase ilegível – muitas alterações adicionais à redação. Se nessa etapa ele comparou meu texto com os antecessores, parece não tê-lo feito com muita atenção (pelo menos não observou casos em que simplesmente me enganei ao ler o texto B(ii)).

Assim, enquanto a série de textos B(i), B(ii) e C é simples de descrever, as camadas de correção textual constituem uma história extremamente intrincada. Apresentá-la toda não seria conveniente neste livro, mas, em seguida à tradução, apresento uma lista substancial de características textuais notáveis. Para dar uma ideia do processo, reproduzo a seguir um trecho bastante emendado, tal como aparece em diferentes etapas. São as linhas 263-79 da tradução, versos 325-43 do texto em inglês antigo.

(a) *O texto como foi originalmente datilografado em B(i).*

> Weary of the sea they set their tall shields [*palavra perdida*] [...] ed and wondrous hard, against that mansion's wall, then turned they to the benches. Corslets clanged, the warharness of those warriors; their spears were piled together, weapons with ashen haft each grey-tipped with steel. Well furnished with weapons was [*palavras perdidas:* the iron-]clad company. There a proud knight then asked those men of battle concerning their lineage: 'Whence bear ye your gold-plated shields, your grey shirts of mail, your vizored helms and throng of warlike spears? I am Hrothgar's herald and esquire. Never have I seen so many men of alien folk more proud of heart! Methinks that in pride, not in the ways of banished men, nay, with valiant purpose are you come seeking Hrothgar.' To him then made answer, strong and bold, the proud prince of the Weder-Geats; these words he spake in turn, grim beneath his helm: 'Companions of Hygelac's table are we; Beowulf is my name.'

(b) *O texto de B(i) como foi emendado.*

> Weary of the sea they set their tall shields and bucklers wondrous hard against the wall of the house, and sat then on the bench. Corslets rang, war-harness of men. Their spears were piled together, seamen's gear, ash-wood steel-tipped with grey. Well furnished with weapons was the iron-mailed company. There then a knight in proud array asked those men of battle concerning their lineage: 'Whence bear ye your gold-plated shields, your grey shirts of mail, your vizored helms and throng of warlike spears? I am Hrothgar's

> herald and esquire. Never have I seen so many men of alien folk more proud of heart! I deem that with proud purpose, not in the ways of banished men, nay, in greatness of heart you are come seeking Hrothgar.’ To him then, strong and bold, the proud prince of the Weder-Geats replied, these words he spake in answer, stern beneath his helm: ‘We are companions of Hygelac’s board; Beowulf is my name.’

O texto de C, como foi datilografado, era idêntico a (b), salvo o fato de terem sido omitidas as palavras “with grey”, obviamente um mero engano (em inglês antigo, *æscholt ufan græ´g*). Em vez de “with greatness”, erradamente datilografei “in greatness”.

(c) *O texto de C como foi emendado (as alteraçõ̃es adicionais aparecem sublinhadas).*

> Weary of the sea they set their tall shields, bucklers wondrous hard, against the wall of the house, and sat then on the bench. Corslets rang, war-harness of men. Their spears <u>stood</u> piled together, seamen’s gear, <u>ash-hafted, grey-tipped with steel</u>. Well furnished with weapons was the iron-mailed company. There then a knight in proud array asked those men of battle concerning their lineage: ‘Whence bear ye your <u>plated</u> shields, your grey shirts of mail, your <u>masked</u> helms and throng of warlike <u>shafts</u>? I am Hrothgar’s herald and <u>servant</u>. Never have I seen so many men of <u>outland</u> folk more proud of <u>bearing</u>! I deem that <u>in pride</u>, not in the ways of banished men, nay, with greatness of heart you <u>have</u> come seeking Hrothgar!’ To him then, strong and bold, the proud prince of the <u>Windloving folk</u> replied, words he spake in answer, stern beneath his helm: ‘We

are companions of Hygelac’s table; Beowulf is my name.’

Ver-se-á que as alterações “grey-tipped with steel”, “in pride” em lugar de “with proud purpose” e “table” em vez de “board” fazem o texto retornar a B(i) antes das emendas. As únicas diferenças entre esse texto e o trecho reproduzido neste livro estão na linha 275: “in greatness” recompõe a leitura correta (ver texto anterior) e “ye have come” é minha correção do óbvio deslize de meu pai, “you have come” (cf. 315-20).

Parece que existem duas explicações aparentemente simples para a relação entre os dois textos, B(i) e B(ii), bastante diferentes e habilmente interligados, e as primeiras palavras de uma frase na última página do texto datilografado e o restante na primeira página do manuscrito. Pode-se supor que o texto datilografado B(i) foi imediatamente continuado no manuscrito B(ii) em decorrência de alguma causa externa (por exemplo, a máquina de escrever precisou ser consertada), ou então que o manuscrito era o texto original e estava em vias de ser substituído pelo texto datilografado quando a máquina de escrever foi retirada, por qualquer motivo que fosse. Diante dessa hipótese, o suposto manuscrito, até o ponto onde agora se inicia, foi perdido ou destruído.

Essa última explicação parece de longe a menos provável das duas, mas duvido também de que seja correta a primeira explicação. O modo de composição dos dois textos é muito diferente. O datilografado B(i), antes das pesadas correções que se sucederam, era um texto acabado (mesmo que à época de sua redação fosse considerado provisório), enquanto o manuscrito B(ii) dá a forte impressão de ser um trabalho ainda em vias de

execução, com correções feitas durante o ato da redação e notas marginais que podem deixar em dúvida se aquela leitura deve ser uma substituição ou uma possibilidade a considerar.

Em linhas gerais, inclino-me a crer que a relação não pode ser desemaranhada com base no material que restou, mas de qualquer modo fica claro que são o estado infeliz de B(i) e as abundantes correções de ambos os textos que explicam por que meu pai me convidou a datilografar uma nova versão do texto todo muitos anos após ele ter dito que sua tradução de *Beowulf* em prosa estava completa.

*

Abandonando seu trabalho fragmentário de uma tradução plenamente aliterante de *Beowulf*, que imitasse as regularidades da poesia antiga, parece-me que meu pai pretendia fazer uma tradução o mais próxima possível do exato significado, em detalhes, do poema em inglês antigo, muito mais próxima do que seria possível pela tradução em "versos aliterantes", mas ainda assim com alguma sugestão do ritmo do original.

Sobre os versos do inglês antigo, ele escreveu: "Em essência, eles se fazem tomando meia dúzia de padrões frasais mais comuns e mais compactos da língua corriqueira que tenham dois elementos ou acentos. Dois deles [padrões frasais], normalmente diferentes, são equilibrados para formarem um verso completo." Em nenhum de seus papéis encontrei qualquer referência ao aspecto rítmico de sua tradução em prosa de *Beowulf*, nem a nenhum outro aspecto, mas parece-me que propositadamente ele escreveu, em grande número de casos, usando ritmos baseados em "padrões frasais comuns e compactos da língua corriqueira", sem vestígios de aliteração e sem prescrever padrões específicos.

> upon the morrow they lay upon the shore in the flotsam of the waves, wounded with sword-thrusts, by blades done to death, so that never thereafter might they about the steep straits molest the passage of seafaring men. (459-63)
>
> In care and sorrow he sees in his son's dwelling the hall of feasting, the resting places swept by the wind robbed of laughter – the riders sleep, mighty men gone down into the dark; there is no sound of harp, no mirth in those courts, such as once there were. Then he goes back unto his couch, alone for the one beloved he sings a lay of sorrow: all too wide and void did seem to him those fields and dwelling places. (2064-70)

É interessante comparar sua tradução em versos aliterantes da descrição em *Beowulf*, versos 210-24, da viagem de Beowulf e seus companheiros à Dinamarca (dada na seção "On Metre" de suas *Prefatory Remarks* [Observações à guisa de prefácio], na tradução de J. R. Clark Hall, revisada por C. L. Wrenn, 1940), com a tradução em prosa apresentada neste livro, linhas 171-82.

> Time passed away. On the tide floated
> under bank their boat. In her bows mounted
> brave men blithely. Breakers turning
> spurned the shingle. Splendid armour
> they bore aboard, in her bosom piling
> well-forged weapons, then away thrust her
> to voyage gladly valiant-timbered.
> She went then over wave-tops, wind pursued her,
> fleet, foam-throated, like a flying bird;

and her curving prow on its course waded,
till in due season on the day after
those seafarers saw before them
shore-cliffs shimmering and sheer mountains,
wide capes by the waves; to water’s end
the ship had journeyed.

> Time passed on. Afloat upon the waves was the boat beneath the cliffs. Eagerly the warriors mounted the prow, and the streaming seas swirled upon the sand. Men-at-arms bore to the bosom of the ship their bright harness, their cunning gear of war; they then, men on a glad voyage, thrust her forth with her well-joined timbers. Over the waves of the deep she went sped by the wind, sailing with foam at throat most like unto a bird, until in due hour upon the second day her curving beak had made such way that those sailors saw the land, the cliffs beside the ocean gleaming, and sheer headlands and capes thrust far to sea. Then for that sailing ship the journey was at an end.

Esse ritmo, por assim dizer, pode ser percebido em todo o texto. É uma característica da prosa que de nenhum modo convida à análise, mas é suficientemente generalizada para dar à obra um tom marcante e característico. Ver-se-á que esse caráter rítmico é responsável por peculiaridades da dicção, como a terminação *-ed* escrita em alguns casos como *-éd*, para obter uma sílaba a mais, como no caso de “renowned” (753, 833)/ “renownéd” (649, 704), ou de “prized” (1712)/“prizéd” (1721), e muitas vezes, de modo similar, em outros trechos; ou o uso de “unto” por “to” em casos como “a thousand knights will I bring to thee, mighty men unto thy aid” (1534-5). As terminações verbais *-s* e *-eth* (arcaica)

podem ser vistas alternadas por razões rítmicas, de modo muito enfático, no trecho 1452-76. A inversão da ordem das palavras muitas vezes pode ser explicada de modo semelhante, assim como a escolha quase imperceptível de palavras (como “helmet” por “helm”, mais usual, 839). Muitas das correções no texto datilografado C foram dessa natureza.

*

Pelo que foi explicado, pode perceber-se que o texto da tradução apresentada neste livro baseou-se, por completo, nas grafias mais recentes do autor, representadas pelo texto datilografado C, tal como foi corrigido por ele. Como já mencionei, muitas características são pormenorizadas na seção “Notas sobre o texto da tradução”, que se segue à tradução, a qual, por sua vez, está ligada às discussões no comentário.

Meu princípio diretor tem sido não introduzir grafias que não estejam realmente presentes em algum dos textos B(i), B(ii) e C, exceto em um ou dois casos óbvios que estão registrados nas “Notas sobre o texto da tradução”.

No que tange aos nomes próprios, meu pai era inconsistente e às vezes achava difícil decidir-se entre diversas possibilidades. Um exemplo notável é *Weder-Geatas*, sobre o qual há uma observação nas linhas 182-3, nas “Notas sobre o texto da tradução”. Com relação à grafia dos nomes em inglês antigo, ver o final da “Nota introdutória do comentário”.

Devo mencionar aqui que não alterei nenhum uso arcaico, mantendo, por exemplo, a forma *corse*, outrora comum, no lugar da moderna *corpse* [cadáver].

*

1 Sou grato a Wayne Hammond e Christina Scull por esta referência.

2 Nessa época realizei várias tarefas de copista para auxiliar meu pai. Recentemente, encontrei um mapa esquecido do *Silmarillion*, desenhado e colorido com muito cuidado, assinado com minhas iniciais e com a data de 1940, apesar de eu não guardar nenhuma lembrança de tê-lo feito. Outras indicações sugerem 1942: ver as “Notas sobre o texto da tradução” (nota 2260-2).

BEOWULF

Lo! the glory of the kings of the people of the Spear-Danes in days of old we have heard tell, how those princes did deeds of valour. Oft Scyld Scefing robbed the hosts of foemen, many peoples, of the seats where they drank their mead, laid [5] fear upon men, he who first was found forlorn; comfort for that he lived to know, mighty grew under heaven, throve in honour, until all that dwelt nigh about, over the sea where the whale rides, must hearken to him and yield him tribute – a good king was he!

[10] To him was an heir afterwards born, a young child in his courts whom God sent for the comfort of the people: perceiving the dire need which they long while endured aforetime being without a prince. To him therefore the Lord of Life who rules in glory granted honour among men: Beow [15] was renowned – far and wide his glory sprang – the heir of Scyld in Scedeland. Thus doth a young man bring it to pass with good deed and gallant gifts, while he dwells in his father’s bosom, that after in his age there cleave to him loyal knights of his table, and the people stand by him when war [20] comes. By worthy deeds in every folk is a man ennobled.

Then at his allotted hour Scyld the valiant passed into the keeping of the Lord; and to the flowing sea his dear comrades bore him, even as he himself had bidden them, while yet, their prince, he ruled the Scyldings with his words: beloved [25] lord of the land, long was he master. There at the haven stood with ringed prow, ice-hung, eager to be gone, the prince’s bark; they laid then their beloved

king, giver of rings, in the bosom of the ship, in glory by the mast. There were many precious things and treasures brought from regions far away; [30] nor have I heard tell that men ever in more seemly wise arrayed a boat with weapons of war and harness of battle; on his lap lay treasures heaped that now must go with him far into the dominion of the sea. With lesser gifts no whit did they adorn him, with treasures of that people, than did those [35] that in the beginning sent him forth alone over the waves, a little child. Moreover, high above his head they set a golden standard and gave him to Ocean, let the sea bear him. Sad was their heart and mourning in their soul. None can report with truth, nor lords in their halls, nor mighty men beneath the [40] sky, who received that load.

Then in the strongholds long was Beow of the Scyldings, beloved king of men, renowned among peoples – elsewhere had the prince his father departed from his home – until thereafter he begat Healfdene the high, who held the lord-ship[45] while he lived, aged and fierce in war, over the fair Scyldings. To him were children four born in the world, in order named: captains of the hosts, Heorogar, and Hrothgar, and Halga the good; and [a daughter] I have heard that was Onela’s queen, dear consort of the warrior Scylfing.

[50] Thereafter was fortune in war vouchsafed to Hrothgar, and glory in battle, that the vassals of his own kindred hearkened willingly unto him and the numbers of his young warriors grew to a mighty company of men. Then it came into his heart that he would command men to fashion a hall and a [55] mansion, a mightier house for their mead-drinking than the children of men had ever known, and there-within would he apportion all things to young and old such as God had granted him, save the people’s land and the lives of men.

Then have I heard that far and wide to many a kindred [60] on this middle-earth was that work proclaimed, the

adorning of that dwelling of men. In a while, swiftly among men, it came to pass for him that it was all made ready, the greatest of houses and of halls. For it he devised the name of Heorot, even he whose word far and wide was law. His vow he belied [65] not: the rings he dealt and treasure at the feast. The hall towered high with horned gables wide, awaiting the warring billows of destroying fire: the time was not far off that between father and daughter’s spouse murderous hate in memory of a deadly feud should awake again.

[70] Then the fierce spirit that abode in darkness grievously endured a time of torment, in that day after day he heard the din of revelry echoing in the hall. There was the sound of harp and the clear singing of the minstrel; there spake he that had knowledge to unfold from far-off days the first [75] beginning of men, telling how the Almighty wrought the earth, a vale of bright loveliness that the waters encircle; how triumphant He set the radiance of the sun and moon as a light for the dwellers in the lands, and adorned the regions of the world with boughs and with leaves, life too he devised for [80] every kind that moves and lives.

Even thus did the men of that company live in mirth and happiness, until one began to work deeds of wrong, a fiend of hell. Grendel was that grim creature called, the ill-famed haunter of the marches of the land, who kept the moors, the [85] fastness of the fens, and, unhappy one, inhabited long while the troll-kind’s home; for the Maker had proscribed him with the race of Cain. That bloodshed, for that Cain slew Abel, the Eternal Lord avenged: no joy had he of that violent deed, but God drove him for that crime far from mankind. Of him all [90] evil broods were born, ogres and goblins and haunting shapes of hell, and the giants too, that long time warred with God – for that he gave them their reward.

Then went Grendel forth when night was come to spy on that lofty house, to see how the Ring-Danes after the [95] aledrinking had ordered their abode in it; and he found therein a lordly company after their feasting sleeping, sorrow they knew not, the unhappy fate of men. That accursed thing, ravenous and grim, swift was ready; thirty knights he seized upon their couch. Thence back he got him gloating over his prey, [100] faring homeward with his glut of murder to seek his lairs.

Thereafter at dawn with the first light of day was Grendel's strength in battle made plain to men; then was weeping after feasting upraised, a mighty cry at morn. The glorious king, their prince proven of old, joyless sat: his stout and valiant [105] heart suffered and endured sorrow for his knights, when men had scanned the footprints of that foe, that demon cursed; too bitter was that strife, too dire and weary to endure! Nor was it longer space than but one night ere he wrought again cruel murders more, and grieved not for them, his deeds of [110] no enmity and wrong – too deep was he therein. Thereafter not far to seek was the man who elsewhere more remote sought him his couch and a bed among the lesser chambers, since now was manifested and declared thus truly to him with token plain the hatred of that hall-keeper; thereafter he who [115] escaped the foe kept him more distant and more safe.

Even thus did one lord it and against right make war, alone against them all, until empty stood that best of houses. Long was the while; twelve winters' space the Scyldings' dear lord endured anguish and every woe and sorrow deep. So it was [120] made known to men and revealed to the children of mankind sadly in songs that Grendel strove a while with Hrothgar, wrought hate and malice, evil deeds and enmity, for many a year, a strife unceasing; truce would he not have with any man of the Danish host, nor would withhold his deadly [125] cruelty, nor

accept terms of payment; and there no cause had any of the counsellors to look for golden recompense from the slayer’s hands; nay, the fierce killer pursued them still, both knights and young, a dark shadow of death, lurking, lying in wait, in long night keeping the misty moors: men know not [130] whither sorcerers of hell in their wanderings roam.

Thus many a deed of evil that foe of men stalking dreadfully alone did often work, many a grievous outrage; in Heorot’s hall bright with gems in the dark nights he dwelt. (Never might he approach the precious Throne of grace in [135] the presence of God, nor did he know His will). That was great torment to the Scyldings’ lord, anguish of heart. Many a mighty one sat oft communing, counsel they took what it were best for stouthearted men to do against these dire terrors**.** At times they vowed sacrifices to idols in their heathen [140] tabernacles, in prayers implored the slayer of souls to afford them help against the sufferings of the people. Such was their wont, the hope of heathens; they were mindful in their hearts of hell, (nor knew they the Creator, the Judge of deeds, nor had heard of the Lord God, nor verily had learned to praise [145] the Guardian of the heavens and the King of glory. Woe shall be to him that through fiendish malice shall thrust down his soul into the fire’s embrace, to look for no comfort, in no wise to change his lot! Blessed shall be he that may after his death-day go unto the lord and seek peace in the bosom of [150] the Father!)

Even thus over the sorrows of that time did the son of Healfdene brood unceasingly, nor could that wise prince put aside his grief; too strong was that strife, too dire and weary to endure, that had come upon that folk, torment fierce and [155] cruel that they needs must bear, the greatest of miseries that came by night.

Of this, of Grendel’s deeds, the knight of Hygelac, esteemed among the Geats, heard in his home afar; in that day of man’s life here in might the strongest of mankind was [160] he, noble and of stature beyond man’s measure. He bade men prepare for him a good craft upon the waves, saying that over the waters where the swan rides he would seek the warrior-king, that prince renowned, since he had need of men. With that voyage little fault did wise men find, dear though he [165] were to them; they encouraged his valiant heart, and they observed the omens.

Champions of the people of the Geats that good man had chosen from the boldest that he could find, and fifteen in all they sought now their timbered ship, while that warrior, [170] skilled in the ways of the sea, led them to the margins of the land. Time passed on. Afloat upon the waves was the boat beneath the cliffs. Eagerly the warriors mounted the prow, and the streaming seas swirled upon the sand. Men-at-arms bore to the bosom of the ship their bright harness, their [175] cunning gear of war; they then, men on a glad voyage, thrust her forth with her well-joined timbers. Over the waves of the deep she went sped by the wind, sailing with foam at throat most like unto a bird, until in due hour upon the second day her curving beak had made such way that those sailors saw [180] the land, the cliffs beside the ocean gleaming, and sheer headlands and capes thrust far to sea. Then for that sailing ship the journey was at an end. Thence the men of the Windloving folk climbed swiftly up upon the beach, and made fast the sea-borne timbers of their ship; their mail-shirts they shook, [185] their raiment of war. They gave thanks to God that the passage of the waves had been made easy for them.

Then from the high shore the watchman of the Scyldings, who of duty guarded the cliffs by the sea, saw them bearing over the gangway bright shields and gallant harness; anxiety [190] smote him in his heart to learn what

these men might be. He went then to the strand riding on his horse, Hrothgar’s knight, and mightily he brandished in his hands his stout spear-shaft, and in words of parley he asked: ‘What warriors are ye, clad in corslets, that have come thus steering your [195] tall ship over the streets of the sea, hither over deep waters? Lo! I long while have dwelt at the ends of the land, keeping watch over the water, that in the land of the Danes no foeman might come harrying with raiding fleet. Never have armed men more openly here essayed to land, knowing not at all [200] the pass-word of men in array of war, nor having the consent of kinsmen. Never have I seen on earth a greater among men than is one of you, a warrior in arms; no hall-servant is he in brave show of weapons, if his fair countenance lie not and his peerless mien. Now must I learn of what people you are [205] sprung, rather than ye should pass on hence, false spies, into the land of the Danes. Come now, ye dwellers afar, voyagers of the sea, hear my thought plainly spoken: in haste it is best that ye declare whence your ways have led!’

To him then the chief made answer, the leader of the [210] company, opened his store of words: ‘We are by race men of the Geats and hearth-comrades of Hygelac. Famed among peoples was my father, a noble warrior in the forefront of battle; Ecgtheow was he called. Many a winter he endured ere in age he departed from his courts; full well doth every [215] wise man remember him far and wide over the earth. With friendly purpose are we now come seeking thy master, the son of Healfdene, defender of his people. Be thou kindly in counsel to us! A mighty errand have we to him renowned, the lord of the Danes; and there a certain matter shall not be [220] kept secret, as I think. Thou knowest if so it be, as in truth we have heard tell, that among the Scyldings I know not what deadly thing, a doer of deeds of secret hatred, on dark nights in dreadful wise makes plain his monstrous malice, shame of men, and

felling of the dead. Concerning that with [225] ungrudging heart I can give counsel to Hrothgar how he, wise and good, will overcome his enemy – should there ever come change or betterment in the torment of his woes – how those burning griefs will be assuaged; or else for ever after he will endure a time of tribulation and dire need, while there in its [230] high place abides the best of houses.'

The watchman spake, sitting there upon his steed, fearless servant of the king: 'A man of keen wit who takes good heed will discern the truth in both words and deeds: my ears assure me that here is a company of friendly mind towards [235] the Lord of the Scyldings. Go ye forward bearing your weapons and your armour! I will guide you! My young esquires, moreover, I will command honourably to guard your ship, your new-tarred vessel upon the sand, against every foe, until with its timbers and its wreathed prow it bears back [240] again over the streams of the sea its beloved master to the Weather-mark. To such a doer of good deeds it shall surely be granted that he will come sound and whole through this onset of war!'

They went then marching forth. Their fleet vessel [245] remained now still, deep-bosomed ship it rode upon its hawser fast to the anchor. Figures of the boar shone above cheek-guards, adorned with gold, glittering, fire-tempered; fierce and challenging war-mask kept guard over life. The men hastened striding together until they could descry the [250] builded hall adorned bright with gold, foremost it was in fame of all houses under heaven among the dwellers upon earth, wherein the mighty one abode; the light of it shone over many a land. Then that warrior bold pointed out to them, clear to see, the court of proud men, that they might [255] march straight thither.

Then that warrior turned his horse, and thereupon spake these words: 'Time it is for me to go. May the Almighty

Father in his grace keep you safe upon your quests! To the sea will I go, against unfriendly hosts my watch to keep.’

[260] The street was paved in stone patterns; the path guided those men together. There shone corslet of war, hard, hand-linked, bright ring of iron rang in their harness, as in their dread gear they went striding straight unto the hall. Weary of the sea they set their tall shields, bucklers wondrous hard, [265] against the wall of the house, and sat then on the bench. Corslets rang, war-harness of men. Their spears stood piled together, seamen’s gear, ash-hafted, grey-tipped with steel. Well furnished with weapons was the iron-mailed company. There then a knight in proud array asked those men of battle [270] concerning their lineage: ‘Whence bear ye your plated shields, your grey shirts of mail, your masked helms and throng of warlike shafts? I am Hrothgar’s herald and servant. Never have I seen so many men of outland folk more proud of bearing! I deem that in pride, not in the ways of banished men, [275] nay, in greatness of heart ye have come seeking Hrothgar!’

To him then, strong and bold, the proud prince of the Windloving folk replied, words he spake in answer, stern beneath his helm: ‘We are companions of Hygelac’s table; Beowulf is my name. To the son of Healfdene, glorious king, [280] I wish to tell mine errand, to thy lord, if he will vouchsafe to us that we may approach him in his excellence.’ Wulfgar spake – noble prince of the Wendels was he, his heart’s temper, his prowess and wisdom, were known to many a man: ‘This will I enquire of the Friend of the Danes, lord of [285] the Scyldings, giver of rings, concerning thy quest, even as thou prayest, and such answer quickly declare to thee as he in his goodness is minded to give.’

Then swiftly he returned to where Hrothgar sat, old and hoar-headed, amid his company of knights; valiant he strode [290] until he stood by the shoulder of the lord of the Danes, well he knew the customs of courtly men. Wulfgar spake to his beloved lord: ‘Here are now landed, come from afar over the encircling sea, noble men of the Geats; the chiefest of them men of arms name Beowulf. They beg to exchange words with [295] thee, my king. Do not make denial to them of thy fair answer, O gracious Hrothgar! In their harness of war they seem well to merit the esteem of men; assuredly a man of worth is the captain, who hath led these men of battle to this land.’

Hrothgar spake, protector of the Scyldings: ‘I knew him [300] while he was yet a boy. His sire of old was called Ecgtheow; to him Hrethel of the Geats gave as bride his only daughter; it is his son that has now here come dauntless seeking a friend and patron. Voyagers by sea, such as have borne gifts and treasures for the Geats thither in token of good will, have [305] since reported that he hath in the grasp of his hand the might and power of thirty men, valiant in battle. Holy God hath sent him to us in his mercy, even to the West Danes, as is my hope, against the terror of Grendel. To this good knight I shall offer precious gifts to reward the valour of his heart. [310] Make haste now! Bid them enter here and look upon the proud company of our kin here gathered together; tell them too in words of greeting that they are welcome to the people of the Danes!’

[Then Wulfgar went toward the door of the hall, and] [315] standing within he pronounced these words: ‘My victorious lord, chieftain of the East Danes bade me say to you that he knows your lineage, and that with your dauntless hearts ye come as welcome guests to him over the surges of the sea. Now may ye go in your harness of battle beneath [320] your masked helms to look upon Hrothgar. Leave here your warlike shields and deadly

shafted spears to await the issue of your words.' Then that lordly man arose, and about him many a warrior, a valiant company of knights. Some remained behind guarding their gear of war, even as the bold captain [325] commanded. They went with speed together, the knight guiding them, beneath the roof of Heorot. Stern beneath his helm [strode Beowulf] until he stood beside the hearth. Words he spake – his mail gleamed upon him, woven like stuff in crafty web by the cunning of smiths: 'Hail to thee, Hrothgar! I am [330] Hygelac's kinsman and vassal; on many a renowned deed I ventured in my youth. To me on my native soil the matter of Grendel became known and revealed; travellers upon the sea report that this hall, fairest of houses, stands empty and to all men useless, as soon as the light of evening is hid beneath [335] heaven's pale. Thereupon the worthiest of my people and wise men counselled me to come to thee, King Hrothgar; for they had learned the power of my body's strength; they had themselves observed it, when I returned from the toils of my foes, earning their enmity, where five I bound, making [340] desolate the race of monsters, and when I slew amid the waves by night the water-demons, enduring bitter need, avenging the afflictions of the windloving Geats, destroying those hostile things – woe they had asked for. And now I shall with Grendel, with that fierce slayer, hold debate alone with the [345] ogre. Now therefore will I ask of thee, prince of the glorious Danes, defender of the Scyldings, this one boon, that thou deny not to me, O protector of warriors, fair lord of peoples, since I have come from so far away, that only I may, and my proud company of men, this dauntless company, make [350] Heorot clean. I have learned, too, that this fierce slayer in his savagery to weapons gives no heed. I too then will disdain (so love me Hygelac, my liege lord!) to bear either sword, or wide shield, yellow-bossed, to battle, nay, with my gripe I shall seize upon the foe, and engage in mortal contest with [355] hate against hate – there to the judgement of the Lord shall he

resign himself whom death doth take. Methinks he will, if he is permitted to have the mastery, in this hall of battle devour without fear the Gothic knights, the strong band of Hrethmen, as he oft hath done. No need wilt thou have in [360] burial to shroud my head, but he will hold me reddened with gore, if death takes me; a bloody corse will bear, will think to taste it, and departing alone will eat unpitying, staining the hollows of the moors. No need wilt thou have any longer to care for my body's sustenance! Send back to Hygelac, should [365] battle take me, the mail-shirt most excellent that defends my breast, fairest of raiment. Hrethel bequeathed it, the work of Wayland. Fate goeth ever as she must!'

Hrothgar made answer, protector of the Scyldings: 'My friend Beowulf, for my deserts and for the grace that once [370] I showed thou hast now come to us. Thy father with the sword ended one of the greatest feuds: Heatholaf with his own hands he slew among the Wylfings. Then the kindred of the Wederas could no longer keep him for the dread of war. Thence he sought the South-Danish folk over the surges [375] of the sea, even the glorious Scyldings, when first I ruled the people of the Danes and in youth governed a spacious realm, treasury and stronghold of mighty men. Heorogar was then dead, mine elder brother, no longer lived the son of Healfdene; better was he than I! Thereafter that feud I settled [380] with payment, sending [to the Wylfings] over the backs of the sea ancient treasures; oaths he swore to me. Grievous to my heart is it to recount to any among men what humiliations in Heorot, what dreadful deeds of malice Grendel hath wrought for me in the hatred of his heart. Diminished is the [385] company of my hall, the ranks of my warriors; Fate hath swept them into the dire clutch of Grendel. God (alone) may easily hinder from his deeds that savage foe! Full often have champions of war flushed with drink over the goblets of ale made vaunt that in the drinking

hall they would meet [390] the warlike might of Grendel with the terror of their blades. Thereafter was this mead-hall, my royal house, on the morrow-tide red with dripping blood when day shone forth, all the bench-boards drenched with blood and the hall with dew of swords. The fewer loyal hearts and bold men tried [395] in war had I, for death had taken them. Sit now at the feast, and when the time comes turn thy thought to victory for the Hrethmen, as thy heart may urge thee.'

Then for the young Geatish knights together in company a bench was made free in the drinking hall; there to their seats [400] went those stout of heart resplendent in their strength. An esquire his office heeded, he that bore in hand the jewelled ale-goblet and poured gleaming out the sweet drink. Ever and anon the minstrel sang clear in Heorot. There was mirth of mighty men, no little assembly of the tried valour of Danes [405] and Wederas.

Unferth spake, son of Ecglaf, who sat at the feet of the lord of the Scyldings, a spell to bring forth strife he loosed – the quest of Beowulf come thus boldly over the sea gave to him great displeasure, for it was not to his liking that [410] any other man in this world below should ever accomplish more honour under heaven than he himself: 'Art thou that Beowulf who strove with Breca in swimming upon the wide sea, that time when ye two in pride made trial of the waters and for a rash vaunt hazarded your lives upon the deep? No [415] man, friend nor foe, could dissuade you two from that venture fraught with woe, when with limbs ye rowed the sea. There ye embraced with your arms the streaming tide, measuring out the streets of the sea with swift play of hands, gliding over the ocean. The abyss was in tumult with the waves and [420] the surges of the winter. Seven nights ye two laboured in the waters' realm. He overmatched thee in swimming, he had greater strength! Then on the morrow-

tide the billows bore him up away to the Heathoreamas' land; whence he, beloved of his people, sought his own dear soil, the land of [425] the Brandings and his fair stronghold, where a folk he ruled, his strong town and his rings. All his vaunt truly did he, the son of Beanstan, accomplish against thee. Wherefore I expect for thee a yet worse encounter, though thou mayest in every place have proved valiant in the rush of battle and grim war, [430] if thou darest all the nightlong hour nigh at hand to wait for Grendel.'

Beowulf spake, the son of Ecgtheow: 'Lo! my friend Unferth, flushed with drink thou hast spent much speech, telling of Breca and his feat! Truth I account it that greater [435] prowess in the sea had I, more labour in the waves than any other man. We two agreed, being boys, and made our vaunt, being yet both in the youth of life, that we would hazard our lives out upon the ocean; and that we accomplished even so. Naked we held our swords, hard in our hands, when we two [440] rowed the sea; we thought thus to defend us against monstrous fish. Never at all could he swim away from me afar upon the streaming waves, more swift than I upon the deep; from him I would not go. Then we two were together in the sea five nights' space, until the tide drove us asunder, and [445] the boiling waters. The coldest of storms, glooming night, a wind from the north came with cruel onslaught against us; rough were the waves. The hearts of the fishes of the sea were stirred, and there the corslet on my flesh, links stoutly wrought by hand, gave me aid against my foes; my woven [450] raiment of battle lapped my breast adorned with gold. To the abyss drew me a destroying foe accursed, fast the grim thing held me in its gripe. Nonetheless, it was granted to me to find that fell slayer with point of warlike sword; the battle's onset destroyed that strong beast of the sea through this my hand. [455] Thus many a time deadly assailants menaced me grievously. With my beloved sword I ministered to them, as

it was meet. In no wise had they joy in that banqueting, foul doers of ill deeds, that they should devour me sitting round in feast nigh to the bottoms of the sea; nay, upon the morrow they lay [460] upon the shore in the flotsam of the waves, wounded with sword-thrusts, by blades done to death, so that never thereafter might they about the steep straits molest the passage of seafaring men. Light came from the East, God’s beacon bright; the waves were lulled, so that I could descry the [465] headlands out to sea and windy cliffs. Fate oft saveth a man not doomed to die, when his valour fails not. Howbeit it was my lot with sword to slay nine sea-demons. Never have I heard beneath the vault of heaven of more bitter fighting by night, nor of a man more unhappy in the torrents of the sea, [470] and nonetheless from the grappling of accursed creatures my life I saved weary of my venture. Then the sea, the tide upon the flood, with boiling waters swept me away to the land of the Finns. Never have I heard men tell of thee any such cruel deeds of war and dreadful work of swords. Breca never yet [475] in the play of battle, nay, neither of you twain, hath accomplished so daring a deed with blood-stained blades – yet little do I glory in it – not though thou wert the slayer of thine own brethren, thy nearest kin. For that thou shalt in Hell suffer damnation, though thy wit be good. I tell thee for a truth, son [480] of Ecglaf, that never would Grendel have achieved so many a deed of horror, fierce slayer and dire, in thy lord’s despite, humbling him in Heorot, if they heart and soul were thus fell in war as thou thyself accountest. Nay, he hath found that he need not greatly dread avenging wrath nor dire pursuit [485] of swords from your people of the conquering Scyldings! Forced toll he levies, none he spares of the folk of the Danes, but followeth his lust, slays and ravishes, for no vengeance looking from the Spear-Danes. But I shall now ere long in battle oppose to him the might and valour of the Geats. He [490] will return who may, triumphant to the mead, when the light of the morning on

the following day, the sun in skiey robes, shines from the south over the children of men!’

Then in joyful hour was the giver of rich gifts, greyhaired, bold in battle; prince of the glorious Danes he believed that [495] succour was at hand. Shepherd of his people he had discerned in Beowulf s words the moveless purpose of his mind.

There was laughter of mighty men, the din of singing; sweet were the words. Wealhtheow went forth, Hrothgar’s queen, mindful of courtesy; with gold adorned she greeted [500] the men in the hall, and then the cup she offered, noble lady, first to the guardian of the East Danes’ realm, and wished him joy at the ale-quaffing and his lieges’ love. He, king victorious, in delight partook of feast and flowing bowl. Then the lady of the Helmings went to and fro to every part of [505] that host, to tried men and young proffering the jewelled vessels, until in due time it chanced that she, ring-laden queen of courteous heart, to Beowulf bore the cup of mead, and hailed the Geatish knight, and gave thanks to God in words of wisdom that her desire was granted to her that she might [510] trust in any man for comfort in their miseries. That cup he then received, grim warrior at Wealhtheow’s hand, and thereupon, his heart being kindled with desire of battle, fair words he said. Thus Beowulf, son of Ecgtheow, spake: ‘This did I purpose when I went up upon the sea and sat me in my [515] sea-boat amid my company of knights, that I wholly would accomplish the desire of your people or would fall among the slain fast in the clutches of the foe. A deed of knightly valour I shall achieve, or else in this mead-hall await my latest day!’ These words well pleased that lady, the proud utterance [520] of the Geat; with gold adorned she went, fair queen of the people, to her seat beside her lord.

Then again as before were valiant words spoken within the hall, the host was in joyful hour, there was clamour of

folk triumphant, until on a sudden the son of Healfdene [525] desired to seek his nightly couch. He knew that onslaught against that lofty hall had been purposed in the demon's heart from the hours when they could see the light of the sun until darkling night and the shapes of mantling shadow came gliding over the world, dark beneath the clouds. All the host [530] arose. Then man saluted man, Hrothgar and Beowulf; all hail the king him wished, giving to him the keeping of his house of wine, and this word he spake: 'Never have I ere this, since I could lift hand and shield, to any other man save thee here and now entrusted the mighty dwelling of the Danes. Have [535] it now and hold it, fairest of houses! Remember thy renown, show forth thy might and valour, keep watch against our foes! No lack shall there be to thee of thy desires, if thou dost achieve this deed of valour and yet live.'

Then Hrothgar departed, defender of the Scyldings, with [540] his company of knights forth from the hall ; their warrior lord would follow Wealhtheow his queen as the companion of his couch. The King of Glory, as men now heard, had appointed one to guard the hall against Grendel; now a special office he held in the service of the Danes, having taken on [545] himself a watch against monstrous things. Verily the Geatish knight trusted confidently in his valiant strength, God's grace to him. Then his corslet of iron things he doffed, and the helm from his head, and gave his jewelled sword, best of iron-wrought things, to his esquire, and bade him have care [550] of his gear of battle. Then the brave man spake, Beowulf of the Geats, a speech of proud words, ere he climbed upon his bed: 'No whit do I account myself in my warlike stature a man more despicable in deeds of battle than Grendel doth himself. Therefore I will not with sword give him the sleep [555] of death, although I well could. Nought doth he know of gentle arms that he should wield weapon against me or hew my shield, fierce

though he be in savage deeds. Nay, we two shall this night reject the blade, if he dare have recourse to warfare without weapons, and then let the foreseeing God, [560] the Holy Lord, adjudge the glory to whichever side him seemeth meet.’

Then he laid him down, that valiant man, and his face was buried in the pillow at his cheek; and about him many a gallant rover was stretched upon his couch within the hall. None [565] of them believed that he would ever return to the sweetness of his home, to the strong places of the free people where he was nurtured. Nay, they had learned that a bloody death had ere now in that hall of wine swept away all too many of the Danish folk. Yet God granted them a victorious fortune in [570] battle, even to those Geatish warriors, yea succour and aid, that they, through the prowess of one and through his single might, overcame their enemy. Manifest is this truth, that mighty God hath ruled the race of men through all the ages.

There came, in darkling night passing, a shadow [575] walking. The spearmen slept whose duty was to guard the gabled hall. All except one. Well-known it was to men that, if God willed it not, the robber-fiend no power had to drag them to the shades; but he there wakeful in his foe’s despite abode grimhearted the debate of war.

[580] He came now from the moor under misty fells, Grendel walking. The wrath of God was on him. Foul thief, he purposed of the race of men someone to snare within that lofty hall. Under cloud he went to where he knew full well that house of wine was, hall of men with gold bright-plated. [585] Not the first adventure that, that he had made, seeking for Hrothgar’s home. Never in days of life before nor later with harder fortune guards in hall he found.

He came now to the house, a man-shape journeying of men’s mirth shorn. The door at once sprang back, barred

[590] with forged iron, when claws he laid on it. He wrenched then wide, baleful with raging heart, the gaping entrance of the house; then swift on the bright-patterned floor the demon paced. In angry mood he went, and from his eyes stood forth most like to flame unholy light. He in the house espied there [595] many a man asleep, a throng of kinsmen side by side, a band of youthful knights. Then his heart laughed. He thought that he would sever, ere daylight came, dread slayer, for each one of these life from their flesh, since now such hope had chanced of feasting full. It was no longer doomed that he yet [600] more might of the race of men devour beyond that night.

There stern and strong the kinsman of Hygelac watched how that foul thief with his fell clutches would now play his part. And that the slayer was not minded to delay, not he, but swiftly at the first turn seized a sleeping man, rending [605] him unopposed, biting the bone-joints, drinking blood from veins, great gobbets gorging down. Quickly he took all of that lifeless thing to be his food, even feet and hands.

Onward and nearer he stepped, seized then with hand the valiant-hearted man upon his bed. Against him the demon [610] stretched his claw; and swiftly he laid hold on it, and with hate in heart he propped him on his arm. Straightway that master of evil deeds perceived that never had he met within this world in earth’s four corners on any other man a mightier gripe of hand. In heart and soul he grew afraid, yet none the sooner could [615] escape. His desire would haste away, he would to hiding flee, seeking the devils’ throng. Not now were his dealings there such as he ever before in the days of his life had found.

Then the good knight, kinsman of Hygelac, remembered his words at evening. Upright he stood and grappled fast [620] against him. Fingers cracked. Out would the ogre go. Forth strode the knight. The accursed thing would fain, could he have done so, go free afar and thence flee away to

hollows in the fens. He felt the power of his fingers in his fierce foe's grasp. It was a woeful journey that the fell robber had to [625] Heorot made!

The royal hall rang. On all the Danes, dwellers in the town about, on each bold heart there fell a ghastly fear. Wroth were they both, fierce rivals in the keeping of the house. The hall was full of noise. Great wonder was it then that that house of [630] wine endured their battling, so that it fell not to the ground, fair dwelling upon earth; but stout was it smithied within and without with bonds of iron cunningly contrived. There, where they fought in wrath, was many a bench adorned with gold for the drinking of mead cast from its place upon the [635] floor, so the tale tells. Never aforetime had the Scyldings' counsellors foreseen that any among men could in any wise shatter it its goodliness adorned with ivory, nor dismember it with craft, unless the embrace of fire should engulf it in swathing smoke. Clamour new arose ever and anon. Dread [640] fear came upon the northern Danes, upon each of those that from the wall heard the cries, the adversary of God singing his ghastly song, no chant of victory, the prisoner of hell bewailing his grievous hurt. Fast was he held by that most strong in body's might in that day of men's life here.

[645] In no wise would that captain of men permit that deadly guest to go forth alive, nor did he account the days of his life of use to any man. There many a knight of Beowulf drew swift his ancient blade, wishing to defend the life of his lord and master and renowned prince, if so he might. They knew [650] it not, young warriors brave-hearted, as they fought that fight, and on each side sought to hew the foe and pierce his vitals: that doer of evil none upon earth of swords of war would touch, not the most excellent of things of iron; not so, for he had laid a spell upon all victorious arms and upon [655] every blade. On that day of this life on earth unhappy was fated to be the sending forth

of his soul, and far was that alien spirit to fare into the realm of fiends. Now did he perceive who aforetime had wrought the race of men many a grief of heart and wrong – he had a feud with God – that his [660] body's might would not avail him, but the valiant kinsman of Hygelac had him by the arm – hateful to each was the other's life. A grievous hurt of body that fierce slayer and dire now endured; a mighty wound was seen upon his shoulder; the sinews sprang apart, the joints of his bones burst. To [665] Beowulf was vouchsafed triumph in battle; thence now must Grendel flee stricken to death to hide beneath the slopes of the fens, seeking his joyless haunts. Thereby the more surely did he know that the end of his life was come to pass and the hours of his days were numbered. That deadly contest was [670] over and achieved was the desire of all the Danes; in that hour had one come from afar, wise and stout of heart, purged the hall of Hrothgar and redeemed it from the malice of Grendel. He rejoiced in his deeds that night and in the glory of his prowess. The chief of those Geatish men had accomplished [675] all his proud vaunt before the East Danes, and had healed, moreover, all the woe and the tormenting sorrow that they had erewhile suffered and must of necessity endure, no little bitterness. Of this a clear token it was when that warrior bold had set the hand, the arm and shoulder, beneath the [680] widespread roof – there was all Grendel's clutching limb entire.

Then have I heard that in the morning many a warlike knight was gathered about his patron's hall; the chieftains of the people had come from far and near over the distant ways that marvel to behold, and the footprints of that hated one. [685] No grief for his departure from life felt any of those men who looked upon the trail of his inglorious flight, marking how sick at heart he had dragged his footsteps, bleeding out his life, from thence away defeated and death-

doomed to the water-demons' mere. There the waters boiled with blood, [690] and the dread turmoil of the waves was all blended with hot gore, and seethed with battle's crimson. Therein doomed to die he plunged, and bereft of joys in his retreat amid the fens yielded up his life and heathen soul; there Hell received him. Thence the ancient men of the court, and many a young man [695] too, fared back from their joyous journey riding from the mere upon their steeds in pride, knights upon horses white. There was the renown of Beowulf recalled; many a man and oft declared that South or North the Two Seas between was there no other beneath the encircling sky more excellent [700] among bearers of the shield, more worthy of kingly rule. Yet verily they did not in any thing belittle their lord and patron, gracious Hrothgar; nay, a good king was he.

At whiles those warriors bold set their bay horses of renowned excellence to gallop and run in rivalry, where the [705] paths over earth seemed good to them. At whiles a servant of the king, a man laden with proud memories who had lays in mind and recalled a host and multitude of tales of old – word followed word, each truly linked to each – this man in his turn began with skill to treat the quest of Beowulf and in [710] flowing verse to utter his ready tale, interweaving words. He recounted all that he had heard tell concerning Sigemund's works of prowess, many a strange tale, the arduous deeds of the Wadsing and his adventures far and wide, deeds of vengeance and of enmity, things that the children of men [715] knew not fully, save only Fitela who was with him. In those days he was wont to tell something of such matters, brother to his sister's son, even as they were ever comrades in need in every desperate strait – many and many of the giant race had they laid low with swords. For Sigemund was noised afar [720] after his dying day no little fame, since he, staunch in battle, had slain the serpent, the guardian of the Hoard. Yea, he, the son of noble

house, beneath the hoar rock alone had dared a perilous deed. Fitela was not with him; nonetheless it was his fortune that the sword pierced through the serpent of strange [725] shape and stood fixed in the wall, goodly blade of iron; the dragon died a cruel death. The fierce slayer had achieved by his valour that he might at his own will enjoy that hoard of rings; the boat upon the sea he laded and bore to the bosom of his ship the bright treasures, the offspring of Wads was he. [730] The dragon melted in its heat.

He was far and wide of adventurers the most renowned throughout the people of mankind for his works of prowess, that prince of warriors – thereby did he aforetime grow great – after the valour of Heremod, his might and prowess, [735] had failed, and he, in the land of the Jutes, was betrayed into the power of his enemies and swiftly sent to death. Too long did the surges of sorrow beat upon him; a mortal affliction he became unto his people and to all his nobles; yet in time gone by many a wise man had oft lamented the exile of that [740] stouthearted one, to whom they looked for the cure of their ills, believing that this son of their king was like to advance in virtue and inherit the qualities of his father, to keep well the people, the treasures and the fenced stronghold and the realm of his vassals, the land of the Scyldings. But he there [745] now among them, the kinsman of Hygelac, had proved more pleasing in the eyes of all men and of his friends; on that other’s heart wickedness had seized.

Again at whiles in rivalry upon their steeds they measured the dusty roads. Now the light of morning was advanced in [750] haste far upon its course. Many a knight of stout heart went unto that lofty hall to see that marvel strange; so too the king himself from his bedchamber, guardian of hoards of rings renowned for his largesse, strode in majesty amid a great company, and with him the queen with her train of maidens [755] paced the path unto

the mead-hall. Hrothgar spake – he was come to the hall and stood upon the steps and looked upon the steep roof bright with gold and upon Grendel's hand: Tor this sight be thanks swiftly given to Almighty God. Much evil and many woes have I endured from Grendel. [760] Ever may God perform marvel upon marvel, Lord of glory! It was but little while ago that I hoped never in all my life to find healing of any of my woes, when this best of houses stood stained with blood and dripping with fresh gore: that was a grief far-reaching to every one of my counsellors, [765] who hoped not that they ever in the world should defend this stronghold of the people of the land from the malice of demons and of devils. Now hath one young man through the might of the Lord wrought a deed that we none of us with our wisdom were able to compass. Lo! this may she say, if [770] yet she lives, whosoever among women did bring forth this son among the peoples of earth, that the eternal God was gracious to her in her childbearing! Now, Beowulf, best of men, I will cherish thee in my heart even as a son; hereafter keep thou well this new kinship. Lack shalt thou have of none of [775] thy desires in the world, of such as lie in my power. Full oft for less have I granted a reward and honourable gifts from my treasure to a humbler man and to one less eager in battle. Thou hast achieved for thyself with thine own deeds that thy glory shall live for ever to all ages. The Almighty reward thee [780] with good, even as He hitherto hath done!'

Beowulf spake, the son of Ecgtheow: 'We with all good will achieved that deed of prowess in battle and the perilous strength of the unknown thing we dared. Yet rather had I wished that thou might see him here, Grendel himself, thy [785] foe in his array sick unto death! I purposed in hard bonds swiftly to bind him upon his deathbed, that by the grasp of my hands he should be forced to lie struggling for life, had not his body escaped me. I might not, since it was

not the will of God, restrain his flight; I did not cleave fast enough for [790] that unto my mortal foe; too overwhelming was the might of that fiend in body’s movement. Nonetheless he hath left behind upon his trail his hand and arm and shoulder. Yet in no wise thus hath that unhappy one purchased him relief; none the longer thereby will he live, that doer of evil wrong, [795] burdened by his sins; nay, pain hath him closely gripped in a grasp he cannot flee, in bonds of anguish – there must he, stained with sin, await the great Day of Doom and the sentence that the bright Judge will pronounce on him.’

Then was the son of Ecglaf a man more sparing of his [800] words and vaunting speech concerning his deeds in war, now that the royal company through the valour of Beowulf looked up to the lofty roof at the hand and fingers of their foe. At the tip was each one of the stout nails most like unto steel, grievous and cruel were the spurs upon the hand of that [805] savage thing. All agreed that there was naught so hard, no iron proven of old, that would touch him in such wise as to hurt that demon’s bloodstained murdering hand.

Then was it ordered that Heorot should swiftly be adorned within by the hands of men; many were there, men [810] and women, who arrayed that hall of revelry and welcome. Glittering with gold tapestries shone along the walls, many a marvellous thing to see for every one of those that on such things love to look. Sorely shattered was all that shining house within, from their iron bars the hinges of the doors [815] were wrenched away; the roof alone was preserved free from all injury, when that fierce slayer stained with deeds of wrong had turned to flee despairing of his life. No easy thing is it to escape – let him strive who will; nay, he shall come at last to a place appointed by inevitable fate, made ready for all those [820] who have life,

the sons of men dwelling upon earth, where his body still upon its bed of rest shall sleep after the feast.

Now was it the time and hour and the son of Healfdene went to the hall; the king himself would partake of the feast. Never have I heard tell that a people was thronged more [825] numerous or bore itself more gallantly than they did then about their lord and friend. They went then in splendour to their seats, rejoicing in plenty, meetly they partook of many a cup of mead. High of heart were the kinsmen in that lofty hall, Hrothgar and Hrothulf. Heorot was filled with friends; [830] in no wise did the Scyldings work treachery as yet. Then did the son of Healfdene give to Beowulf a golden ensign as reward of his victory, an embroidered banner upon a staff, and a helm and corslet; a renowned and treasured sword there many saw laid before that warrior. The cup Beowulf [835] received there in the hall; no need had he to feel shamed by the riches given unto him before the assembled bowmen. Few men, have I heard tell, gave ever to another seated at the drinking in more loving wise four such precious gifts. Round the helmet’s crown the wale wound about with wire [840] kept guard without over the head, that no sword that leaves the file of smith, hardened in the rain of blows, might cruelly injure it, when the eager warrior beneath his shield should go against his foes. Then the lord of men commanded that eight horses with gold-plated bit and bridle be led into the [845] hall, in amid the courts. Upon one of these there lay a saddle adorned with cunning colours and rich with gems – the seat in battle had it been of the high-king, in days when the son of Healfdene would play the play of swords; never had the valour of that far-famed lord failed in the front of war, when [850] slain men fell. And thereupon the warden of the Servants of Ing (Danes) granted unto Beowulf possession of both, of weapons and of steeds; he bade him use them well. Thus right manfully did the renowned king, rich lord of men,

reward the impetuous deeds of battle with treasures and with horses, [855] in such wise that no man finds fault in him who will justly speak the truth. Moreover the lord of men to each of those that with Beowulf had made the passage of the sea gave as they sat at their mead a rich gift and heirloom, and commanded that atonement should be paid with gold for that one [860] whom Grendel wickedly had slain – even as he would have more, had not the foreseeing God and the courage of that man fended fate from them. God was lord then of all the race of men, even as He yet is. Wherefore is understanding and the heart that taketh thought in every time and place the best. [865] Much must he endure of sweet and bitter, who long time here in these days of trouble enjoyeth life in the world!

There was song, and the voices of men gathered together before the leader of the host of Healfdene, there the harp was touched to mirth, and many a lay recalled. Then [870] according to his office Hrothgar's minstrel touched upon a tale to the liking of those upon the benches drinking their mead within the hall. He told of the sons of Finn. When the sudden onslaught came upon them the hero of the Half-Danes, Hnaef of the Scyldings, fell by fate in the Frisian slaughter. [875] Of a truth Hildeburg had little cause to praise the loyalty of the Jutes; by no fault of hers she was robbed of her loved ones in the clash of shields, of brothers and of sons. They fell according to their doom slain by the spear. A woeful lady she! Not without cause did that daughter of Hoc lament the [880] decree of fate, when that morning came, whereon she might behold beneath the light of day the cruel slaying of her kin. Where he aforetime had possessed the greatest earthly joy, there had war taken all Finn's champions, save few alone; so that he might by no means on that field of meeting wage [885] to an end the fight with Hengest, nor in battle wrest the sad remnant from the

captain of the prince. Nay, they offered terms to him, that he would make all free for them another court, both hall and throne; that they should have possession of the half thereof, sharing with the sons of the Jutes, and at [890] the giving of treasure the son of Folcwalda should each day honour the Danes, should with the rings and hoarded jewels of plated gold rejoice the company of Hengest no whit less than he was wont in the drinking-hall to enhearten the men of Frisian race.

[895] Thus on both sides they confirmed a binding treaty of peace. To Hengest Finn in full and without reserve declared with solemn oaths that he would with the advice of his counsellors honourably entreat the sad remnant (of the fight); and that there should no man ever recall it to mind, not though [900] they served the slayer of him who before had given them rings, being now without a lord; for such was their necessity. If moreover any of the men of Frisia should with grievous words recall to memory that deadly feud, then should it be expiated by the edge of sword.

[905] A pyre was made ready, and the gleaming gold brought forth from the treasury. That best of the heroes in battle of the warrior Scyldings was arrayed upon the funeral pile. Upon that pyre was plain to see blood-drenched corslet, swine-crest all made of gold, boar hard as iron, many a lord [910] by wounds destroyed – one and all they had fallen in that slaughter! Then Hildeburg bade that her own son be committed to the flames upon the pyre of Hnaef, there to burn their bones, setting him upon the funeral pile at his uncle’s side. The lady mourned bewailing them in song. The [915] warrior was mounted upon high. Up to the clouds swirled that mightiest of destroying fires, roaring before the burial mound. Consumed were their heads, their gaping wounds burst open, the cruel hurts of the body, and the blood sprang forth. Flame devoured them

all, hungriest of spirits, all that [920] in that place war had taken of either people: their glory had passed away.

Then the warriors bereft of their friends departed to look upon their dwellings, to see the Frisian land, their homes and mighty town. Still Hengest abode with Finn that [925] bloodstained winter, keeping fully to his word. He thought of his own land, even though he could not speed upon the sea his ship with curving beak. The deep was tossed in storm and battled with the wind; winter locked the waves in icy bond, until another year came to the dwellings of men, even as it [930] doth yet, those weathers gloriously fair that unchangingly observe the seasons. Now past was winter, and fair the bosom of the earth. The exile, the guest of Finn, was eager to be gone from those courts. Therein more thought did he give to vengeance for his sorrow than to the passage of the [935] sea, pondering if he might again achieve a clash of wrath, wherein he would in his heart remember the children of the Jutes. Wherefore he did not refuse the homage (that binds all men), when Hunlaf’s son laid the Light of Battle, that best of swords, upon his lap. The edges thereof the Jutes knew full [940] well! And so too in turn cruel destruction by the sword came upon Finn in his very hall, when Guthlaf and Oslaf after their journey over the sea had recounted their sorrow and that deadly onslaught, and complained their woeful lot; the restless spirit within the breast might not be restrained. Then [945] was that hall reddened with the life-blood of their foes, and Finn, too, slain, the king amid his company, and the queen was taken. The bowmen of the Scyldings bore to their ships all the wealth of the house of that king of earth, all such as they could find of jewels and cunning gems. Over the ways [950] of the sea they bore that royal lady to the land of the Danes, and brought her to her people.

The lay was sung, the minstrel’s tale at an end. Merry noise arose once more, loud and clear the sound of revelry upon the seats; the cup-bearers gave out wine from vessels [955] wondrous wrought. Now came Wealhtheow forth, and wearing many a golden ring she went to where those proud men sat, both uncle and brother’s son. Still was their kinship’s love between them, and each to the other true. There too Unferth, the king’s sage, sat at the feet of the Scyldings’ [960] lord. Each man among them trusted in his mind’s temper, that he had a mighty heart, albeit he had not in the play of swords dealt mercy to his kin.

Then spake the lady of the Scyldings: ‘Receive now this cup, dear lord of mine, giver of rich gifts. In happy hour [965] be thou, from whom men get love and gifts of gold, and to the Geats speak with kindly words, as behoves a man. To the Geats be gracious, and forget not to give of those things that now thou hast, gathered from near and far. I have heard men say that thou wert in mind to take this [970] warrior for thy son. Lo! Heorot is cleansed, this shining hall where rings are dealt; dispose while yet thou mayest of many a reward, and to thy kin after thee leave thy people and thy realm, when thou must go forth to look upon thy fate. Hrothulf I know well, my nephew fair, that he will in [975] honour cherish these our youths, if thou, dear master of the Scyldings, sooner than he do leave this world. Methinks that he will with good repay our sons, if he recalleth all those deeds of grace that we did unto him, to his pleasure and his honour, while yet he was a child.’

[980] Then turned she to the seat where sat her sons, Hrethric and Hrothmund, and the children of mighty men, young warriors all, were gathered together. There beside those brethren twain that brave heart sat, Beowulf of the Geats. To him was the cup borne, and friendship offered in fair [985] words; and the twisted gold was brought forth with all good will, two armlets, a mantle, and rings, and the

mightiest of torques that I have heard was ever upon the neck of man on earth. Beneath the light of day I heard never men tell of any better treasure in the hoards of the mighty, since Hama [990] bore away to the bright city the necklace of the Brosings, jewel and precious vessel. He fled from the ensnaring hate of Eormenric, and chose the counsels of the eternal faith. This circlet Hygelac, King of the Geats, of the blood of Swerting, had with him on that last day when beneath his standard he [995] defended his treasures, and fought for the spoil of battle. Fate took him, for that he in his pride had challenged his own ruin and the enmity of the Frisian folk. This fair thing of precious stones he bore now over the bowl of the seas, a king in his might. Beneath his shield he fell. Thus into the [1000] grasp of the Frank came now the life of the king, the armour upon his breast, and that necklet too; and warriors, albeit of less prowess in arms, there stripped the slain, when the blows of battle were done. The people of the Geats were left upon the field of slain.

[1005] The hall was filled with clamour. These words did Wealhtheow utter, before all that host she spake: ‘Have and use well to thy good this precious thing, Beowulf, young and dear, and for thine own joy take this mantle, a thing treasured among this people, and prosper well! Show forth thyself in [1010] valour, and to these my sons be thou gracious in thy counsels. For that my heart will remember to reward thee. Thou hast achieved that far and near all the ages long shall men esteem thee, as wide as the sea encircleth the windy walls of the land. Be thou blessed, O prince, while thy life endures [1015] A wealth of precious things I wish thee with good heart. Be thou to my sons kindly in deeds, possessing days of mirth! In this place is each good man to his fellow true, friendly in heart, loyal unto his liegelord, of one mind the servants of the king, the

people all ready to his will, his warriors filled with [1020] wine. Do thou as I bid!’

She went then to her seat. There was the very choice of banquets, there men drank their wine; fate they knew not grim, appointed of old, as it had gone already forth for many of those good men, so soon as evening came, and Hrothgar [1025] the mighty departed to his lodging and to his couch. The hall was guarded by a host of men uncounted, even as it was oft before. They stripped the benches of wooden board, and all along the hall were beds and pillows spread. Over those who had there drunk the ale fate hung now nigh at hand, as they [1030] laid them upon their couches on the floor. At their heads they set their warlike shields, targes fashioned of wood and blazoned bright. There upon each bench was plain to see above each knight the helm that he had borne aloft in battle, and his coat of ringed mail, his spear valiant in the press of [1035] war. Their manner was it that seldom were they unprepared for the onslaught, be it at home or amid the host, or in either case, even at all such times as upon their liegelord need should come – a worthy company was that!

Now they sank into sleep. One there was who paid [1040] grievously for his rest that eve, even as full oft had befallen them, in time when Grendel had dwelt in that golden hall and wrought evil there, even until his end came and death after his deeds of wrong. Plain was it made and published abroad among men that an avenger to succeed their foe [1045] lived yet long while after that woeful strife – Grendel’s mother, ogress, fierce destroyer in the form of woman. Misery was in her heart, she who must abide in the dreadful waters and the cold streams, since Cain with the sword became the slayer of his only brother, his kinsman by his [1050] father’s blood. Thereafter he departed an outlaw branded with murder, shunning the mirth of men, abiding in

the wilderness. From thence sprang many creatures doomed of old; of whom was Grendel one, outlawed by hate as is the deadly wolf, who at Heorot had found one who [1055] unsleeping awaited battle. There had the fierce slayer seized upon him, but he remembered the might of his valour, that gift which God had bounteously bestowed upon him, and he trusted in the One God for mercy, for succour and for aid. Therewith did he vanquish that fiend and brought low the [1060] creature of hell. Wherefore that enemy of man departed humbled, robbed of his triumph, to look upon his house of death. And now once more his mother grimhearted, ravenous, was minded to go upon a journey full of woe to avenge the slaying of her son.

[1065] Now was she come to Heorot, where the Ring-Danes slept along the hall. There suddenly now old ills returned upon those knights when into their midst crept Grendel’s mother. Less indeed was the terror, even by so much as is the might of women, the terror of a woman in battle [1070] compared with armed man, when the sword with wire-bound hilt, hammer-forged, its blade stained with dripping blood, trusty of edge, cleaves the opposing boar-crest high upon the helm. Lo! in the hall along the benches stoutedged swords were drawn, many a tall shield was gripped in hand and held [1075] aloft. Of his helm no man bethought him, nor of long corslet, when that horror came upon him. She was in haste. Out and away she would be gone for the saving of her life, now that she was discovered. Swift and close had she clutched one of those noble knights as she departed to the fen. He was unto [1080] Hrothgar of all his men of might, holding high place in his court, the one most dear the Two Seas between; proudly had he borne his shield in battle, whom now she rent upon his bed, a man established in renown. Not there was Beowulf, but to that glorious Geatish knight had other lodging been [1085] assigned after the giving of gifts.

Clamour arose in Heorot. Under the covering dark she took the arm she knew so well. Grief was renewed, and was come again to those dwelling places. An evil barter was that, wherein they must on either side exchange the lives of men [1090] beloved! Now was that king aged in wisdom, warrior grey of hair, in mournful mood, knowing that his princely servant lived no more, and that most beloved of his men was dead. Swiftly was Beowulf, that warrior whom victory had blessed, summoned to the king’s chamber. With the break of day he [1095] went, a noble champion with his good men about him, himself and his companions, to where that wise king abode pondering whether haply the Almighty God will ever after these grievous tidings bring some betterment to pass. Now strode across the floor that man well-tried in arms amid his retinue [1100] – the timbers of the hall echoed – and there he addressed in speech the wise lord of the Friends of Ing, asking if he had known repose according to his desire.

Hrothgar made answer, the guardian of the Scyldings: ‘Ask not for news of happy hours! Sorrow is come anew [1105] upon the people of the Danes. Dead is Æschere, the elder brother of Yrmenlaf; my counsels were his and his wisdom mine, at my right hand he stood when on fatal field we fended our lives, as the ranks clashed in battle and the boar-crests rang. Such should a good man be, of noble birth long [1110] tried in deeds, even as was Æschere! In Heorot has death come upon him at the hands of a wandering murderous thing. I know not whither she hath turned her backward steps, as dreadfully she gloats over her prey, exulting in her belly’s fill. That deed of war she hath avenged, that last night thou [1115] didst slay in violent wise Grendel with thy gripings hard, for that he too long had minished and destroyed my folk. He fell in battle forfeiting his life, and now another hath come, a mighty doer of cruel wrong. She purposed to avenge her kin, and indeed hath

carried far the feud, as may well seem [1120] to many a knight who mourns in his heart for him that gave him bounty: a heartpiercing grief and bitter. Now lieth still that hand that aforetime availed to accomplish for you (O knights) all things of your desire.

‘This have I heard dwellers in the land, lieges of mine, [1125] vassals in their halls, recount, telling how they saw two such mighty stalkers of the outer places, who kept the moors, alien creatures. Of these was one, in so far as they might clear discern, a shape as of a woman; the other, miscreated thing, in man’s form trod the ways of exile, albeit he was greater [1130] than any other human thing. Him in days of old the dwellers on earth named Grendel; of a father they knew not, nor whether any such was ever before begotten for him among the demons of the dark. In a hidden land they dwell upon highlands wolfhaunted, and windy cliffs, and the perilous [1135] passes of the fens, where the mountain-stream goes down beneath the shadows of the cliffs, a river beneath the earth. It is not far hence in measurement of miles that that mere lies, over which there hang rimy thickets, and a wood clinging by its roots overshadows the water. There may each night [1140] be seen a wonder grim, fire upon the flood. There lives not of the children of men one so wise that he should know the depth of it. Even though harried by the hounds the ranger of the heath, the hart strong in his horns, may seek that wood being hunted from afar, sooner will he yield his life and [1145] breath upon the shore, than he will enter to hide his head therein: no pleasant place is that! Thence doth the tumult of the waves arise darkly to the clouds, when wind arouses tempests foul, until the airs are murky and the heavens weep.

‘Now once more doth hope of help depend on thee alone. [1150] The abode as yet thou knowest not nor the perilous place where thou canst find that creature stained

with sin. Seek it if thou durst! For that assault I will with riches reward thee, with old and precious things, even as I did ere now, yea with twisted gold, if thou comest safe away.’

[1155] Beowulf made answer, the son of Ecgtheow: ‘Grieve not, O wise one! Better it is for every man that he should avenge his friend than he should much lament. To each one of us shall come in time the end of life in the world; let him who may earn glory ere his death. No better thing can brave [1160] knight leave behind when he lies dead. Arise, O lord of this realm! Swiftly let us go and look upon the footprint of Grendel’s kin. This I vow to thee: in no refuge shall he ever hide, neither in bosom of earth nor in mountain-forest, nor in the deeps of the sea, go where he will! For this day have [1165] patience in every woe, even as I know thou wilt!’

Then did the aged king leap up, and God, the Mighty Lord, he thanked for that other’s words. Now a horse was bridled for Hrothgar, a steed with plaited mane, and forth the wise prince went with seemly array, forth went the company [1170] of his warriors bearing shields. Far over the paths across the wolds the print of her feet, her course over the lands, was plain to see, as straight on she strode over the darkling moor, bearing the best of knights who by Hrothgar’s side had ruled his house, a lifeless corse. And now those men of noble race, [1175] steep stony slopes they overpassed, narrow tracks and one-man paths, down unfamiliar trails, past headlong crags, and many a house of demons of the deep. One with a few men of hunting-craft went on before to spy the land, until on a sudden he came upon the mountain-trees leaning o’er the [1180] hoar rock, a joyless forest. Bloodstained and troubled water loomed beneath.

To all the Danes, vassals of the Scylding lords, to the hearts of many a knight, grievous was it endure, and pain to

all good men, when there upon the cliff above the deep they [1185] found the head of Æschere. The water surged with gore, with blood yet hot. The people gazed thereon. Ever and anon the horn cried an eager call unto the host. There sat them down the ranks of men. Now they saw about the water many of the serpent-kind, strange dragons of the sea, ranging the [1190] flood, and demons of the deep lying upon the jutting slopes, even such as in the middle hours watch for those journeying anxious upon the sailing paths, serpents and beasts untamed.

Back they dived filled with wrath and hate; they had heard the clangour of the war-horns braying. One the Geatish chief [1195] with an arrow from his bow bereft of life and his labour in the waves, that in his vitals stood the hard and deadly dart. Therefore less swift to swim in the deeps was he, for death took him. Straightway amid the waves with boar-spears cruelly barbed sorely was he pressed and grievously assailed, [1200] and dragged upon the jutting cliff, monstrous upheaver of the waves. Men there gazed upon this strange and terrible thing.

In warrior’s harness Beowulf clad him, no whit recked he of his life. Now must his long corslet woven for battle by the hands of smiths and cunningly adorned make trial [1205] of the flood, raiment skilled to guard his body’s frame, that the grappling of war and the fell clutch of angry foe should not harm his life. But his head the white helm guarded, that now must stir the deep places of the mere, searching out the eddying floods, adorned with gold and clasped with rich [1210] chains, even as in days of old a weapon-smith had wrought it, marvellously fashioning it, setting thereon images of the boar, so that thereafter never blade nor swords of strife might cleave it. Nor yet was that thing to be misprized among his mighty aids which to him in his need Hrothgar’s [1215] sage had lent. Hrunting was the name of that hafted blade; pre-eminent among old and precious

things was that, of iron was the blade stained with a device of branching venom, made hard in the blood of battle. Never had it in warfare betrayed any man of those that had wielded it with hands, [1220] who had dared to achieve adventures perilous upon battlefields against their foes. This was not the first time that it was required to accomplish valorous deeds. Verily the son of Ecglaf mighty of valour remembered not that which he had before spoken being filled with wine, when he lent that [1225] weapon to a swordsman worthier than was he. He durst not himself beneath the warring waves adventure his life and deeds of prowess perform. There he forfeited glory for heroic deeds. Not so that other, who now had arrayed him for battle. Beowulf spake, the son of Ecgtheow: Torget not, [1230] O thou the son renowned of Healfdene, wise prince from whom men get love and gifts of gold, now that I haste to mine adventure, that which was aforetime spoken between us: if I should at thy need lay down my life, that thou wouldst ever be to me when I was gone in father’s stead. Be [1235] thou protector of the knights that follow me, the companions at my side, if battle take me. And send thou, too, those precious gifts that thou hast given me, beloved Hrothgar, unto Hygelac. Then by that gold may the son of Hrethel, Lord of the Geats, when he gazeth upon that treasure, [1240] perceive and understand that, finding a giver of rings, a lord endowed with generous virtue, I earned his bounty while I might. And let Unferth, that man of wide renown, receive back his olden heirloom, his sword cunningly adorned with flowing lines and hard of edge. For myself glory will I earn [1245] with Hrunting, or death shall take me!’

After these words the prince of the windloving Geats hastened dauntless forth, for no answer would he wait. The surging sea engulfed that warrior bold. Thereafter a long hour of the day it was ere he could descry the level floor.

[1250] Straightway that creature that with cruel lust, ravenous and grim, had a hundred seasons held the watery realm, perceived that there from on high some man was come to espy the dwelling of inhuman things. She clutched then at him, seized in her dire claws the warrior bold. No whit the sooner did [1255] she hurt his body unharmed within; the ring-mail fended him about, that she might not pierce with cruel fingers the supple-linked shirt that clad him in the fray. Then that she-wolf of the waves to the sea-bottom coming bore the mail-clad prince unto her own abode. Even so, in no wise could [1260] he wield his weapons – wroth was he thereat! – so many a monster strange beset him sorely as they swam, and many a beast of the sea with fell tusks at his hauberk tore; fierce destroyers pressed upon him.

Now then the good man perceived that he was in some [1265] abysmal hall, he knew not what, wherein no water did him any hurt, nor might the sudden onrush of the flood touch him by reason of the vaulted chamber. A light as of fire he saw with gleaming flames there shining bright. Then did that gallant one perceive the monstrous woman of the sea, [1270] shewolvish outlaw of the deep. To his warlike sword he lent a mighty force, nor did his hand hold back the blow; and on her head the weapon ring-adorned sang out its lusting song of war. Soon did the invader learn that in battle shining it would bite not there nor harm her life; nay, that blade failed [1275] the prince at need, which aforetime had endured many a clash of blows, oft-times had cloven helm and harness of the doomed. This was the first venture for that dearly-prized thing wherein its glory fell.

Again he made on, no laggard in valour, remembering his [1280] renowned deeds, that kinsman of Hygelac. As he fought in ire he cast away that blade with twisted ornament and curiously bound, and upon the earth it lay steeledged and strong. He trusted in his strength and the grasp of his

own mighty hands. Such shall a man’s faith be, when he thinks to win [1285] enduring fame in war: no care for his life will trouble him. Then seized the prince of Geatish warriors GrendePs mother by her locks, ruing not the cruel deed, and his mortal foe he threw, for now he grim in war was filled with wrath, and she was bowed unto the floor. Again she swiftly answered him [1290] with like, and grappling cruelly she clutched at him. Then stumbled, desperate at heart, that warrior most strong, that champion of the host, and he in turn was thrown. Then did she bestride the invader of her hall, and drew her knife with broad and burnished blade: she thought to avenge her son [1295] and only child. Upon his shoulders hung the woven net of mail about his breast; this now his life defended, and withstood the entry of both point and edge. In that hour had the son of Ecgtheow, champion of the Geats, come to ill end beneath the widespread earth, had not his corslet, the stout [1300] net of rings, furnished him help in fight and fray – there Holy God did rule the victory in battle. The allseeing Lord who governeth the heavens on high with ease did give decision to the right, when Beowulf again sprang up.

Lo! among the war-gear there he beheld a sword endowed [1305] with charms of victory, a blade gigantic, old, with edges stern, the pride of men of arms: the choicest of weapons that, albeit greater than any other man might have borne unto the play of war, a good and costly thing, the work of giants. Now he grasped its linked hilt, that champion of the [1310] Scyldings’ cause, in fierce mood and fell he flashed forth the ring-adorned blade; despairing of his life with ire he smote, and on her neck it bitter seized, and shivered the bony joints. Through and through the sword pierced her body doomed. She sank upon the floor. The sword was wet. The knight [1315] rejoiced him in the deed.

The flame flashed forth, light there blazed within, even as of heaven radiantly shines the candle of the sky. He

gazed about that house, then turning went along the wall, grasping upraised that hard weapon by the hilt, in ire undaunted [1320] the knight of Hygelac. That blade the warrior bold did not despise; nay, he thought now swiftly to requite Grendel for those many dire assaults that he had made upon the Western Danes, far oftener than that one last time, slaying in slumber the companions of Hrothgar’s hearth, devouring as they [1325] slept fifteen of the people of the Danes, and others as many bearing forth away, a plunder hideous. For that he had given him his reward, that champion in his wrath, so that on his couch he saw now Grendel lying weary of war, bereft of life, such hurt had he erewhile in battle got at Heorot. Far [1330] asunder sprang the corpse, when Grendel in death endured a stroke of hard sword fiercely swung; his head was cloven from him.

Soon did the wise men, who about Hrothgar kept watch upon the deep, this sight behold, that the sea’s confused [1335] waves were all mingled and were stained with blood. About their good lord old men with greying hair then said with one accord that never again they hoped to see that noble knight, or that he would come in triumph and victory to see their king renowned; of one mind in this were many then, that the [1340] she-wolf of the sea had broken him.

Now came the ninth hour of the day. The gallant Scyldings forsook the headland; he from whom they had love and gifts of gold departed thence. The strangers sat sick at heart and gazed upon the mere. They wished, and hoped not, that they [1345] might see the dear form of their lord. In that hour the valiant sword began, after the hot blood of battle touched it, to drip away in fearful icicles. A thing of wonder that; for it melted all, most like unto ice when the Father looseneth the bonds of frost and unlocks the enchained pools, even He who hath [1350] the governance of seasons and of times, who is the steadfast designer of the world. In those abodes no more did the

prince of the windloving Geats take of the hoarded treasures, though many such he looked upon, save that head alone, and the hilt too, all bright with gems; the sword had melted now [1355] away, and all its woven ornament was consumed; so hot that blood, so venomous was that alien creature that there had perished in the hall. Soon was he swimming swift, who had erewhile lived to see his enemies fall in war. Up dived he through the water. The confused waves, those regions vast, [1360] all were purged, now that the alien creature had given up the days of life and this swift-passing world.

Lo! to the land came swimming, dauntless of heart, the chieftain of seafaring men, rejoicing in the plunder of the sea and the huge burden of the things he bore. Then the [1365] proud company of his knights went forth to meet him, giving thanks to God, welcoming their prince with joy, that they might look upon him there unharmed. Swiftly then were loosed the helm and corslet from that valiant one. The waters of the lake lay dark and still beneath the clouds stained [1370] with deadly gore. Thence in heart rejoicing they measured with their marching feet the way across the land, the road well-known. Royalhearted men from that cliff beside the deep they bore the head – a weary task for each of those most brave: four must on a spear-shaft there with labour [1375] grievous carry to the golden hall the head of Grendel, until anon they came striding thither, gallant, eager in arms, those fourteen Geats. Their liege lord with them, proudly among his company, trod the level ways about the hall of mead. Now in came striding that prince of knights daring in deeds, 1380 honoured with men’s praise, a mighty man of valour greeting Hrothgar. Now Grendel’s head by its locks was borne upon the hall’s floor where men were drinking, hideous in the sight of men and of the lady in their midst, a marvellous thing to look upon with eyes. Men gazed thereon.

[1385] Beowulf spake, the son of Ecgtheow: ‘Lo! this plunder of the sea, O son of Healfdene, Scyldings’ prince, we gladly have brought to thee, the token of my triumph which here thou lookest on. Hardly did I save my life therein, in war beneath the water, perilously did dare that deed. Well nigh were there [1390] my days of battle ended, were not God my shield. Nor might I in that combat with Hrunting aught achieve, good though that weapon be. Nay, the Lord of men vouchsafed to me that on the wall I saw hanging fair a mighty sword and old – oft and again hath He guided those bereft of friends – and that [1395] weapon now I drew, slew then in that strife, when space was granted me, the guardians of the house. Thereupon that blade of war with woven ornament was all consumed, even as the blood sprang out, gore most hot in battle. The hilt I bore thence from my foes, their evil deeds avenged, the [1400] death and torment of the Danes, even as was meet. This do I promise thee henceforth, that thou mayest in Heorot sleep untroubled amid the proud host of thy men, thou and each one of thy knights and captains, the proven and the young that thou wilt not from that quarter have need to fear for [1405] them, King of the Scyldings, the bane of good men’s lives, as once thou didst.’

Then was the golden hilt given to the aged chieftain’s hand, to the grey-haired leader of the host, the work of trolls of old. After the demons’ fall it passed to the dominion of [141] o the Lord of Danes, that fabric of wondrous smiths; and since that fellhearted foe, the enemy of God, had left this world stained with murder’s guilt, yea and his mother too, it passed into the keeping of that most excellent of earthly kings the Two Seas between, who aforetime dealt out their wealth on [1415] Sceden-isle.

Hrothgar made answer, looking close upon the hilt, the relic of old days, whereon was writ the beginning of that ancient strife, whereafter the flood of pouring ocean

destroyed the Giants' race; evilly did they fare. That was [1420] a people alien to the eternal Lord; for that a final payment with surging water the Almighty made to them. There too upon the plates of purest gold was it duly marked in lettered runes, set forth and declared, for whom that sword was fashioned first, that best of things of iron with wirewrapped [1425] hilt and snakelike ornament. Now spake the wise king, son of Healfdene – all were silent: 'Lo! this may he say who furthereth truth and justice among men and, aged ruler of his home, recalleth all things long ago, that this good knight was born to mastery. Thy glory is uplifted to pass down the [1430] distant ways, Beowulf my friend, thy glory over every folk. All which unmoved by pride thou dost possess, keeping thy valour with discerning heart. I shall to thee my vow of love accomplish, even as at first we spake together. Thou shalt unto thy lieges prove a comfort destined to endure, the help [1435] of men of might. Not such did Heremod prove to Ecgwela's sons, the Scyldings proud; he grew not to their joy, but to their bane and fall, to death and destruction of the chieftains of the Danes. In the fury of his heart he destroyed the companions of his board, the followers at his side, until he [1440] passed forth alone, renowned king, the mirth of men forsaking. Albeit the almighty God had advanced him beyond all in the glad gifts of prowess and in might, nonetheless the secret heart within his breast grew cruel and bloody. He gave not things of gold unto the Danes to earn him praise; [1445] joyless he lived on to suffer misery for that strife, the torment long-lasting of his folk. Learn thou from this, and understand what generous virtue is! These considered words on thy account have I here uttered to whom have the winters wisdom brought.

[1450] 'Wondrous 'tis to tell how the mighty God doth apportion in His purpose deep unto the race of men wisdom, lands, and noble estate: of all things He is Lord. At whiles

the heart’s thought of man of famous house He suffereth in delight to walk, granteth him in his realm earthly joy ruling over men [1455] within his walled town, maketh the regions of the earth as his to sway, a kingdom vast, so that the end thereof in his unwisdom he cannot himself conceive. He dwells in plenty; no whit do age or sickness thwart him, nor doth black care grieve his soul, nor strife in any place bring murderous hatred [1460] forth; nay, all the world goeth to his desire. He knows nothing of worse fate, until within him a measure of arrogance doth grow and spread. Now sleeps the watchman, guardian of his soul: too sound that sleep in troubles wrapped; the slayer is very nigh who in malice shooteth arrows from his [1465] bow. Then beneath his guard he is smitten to the heart with bitter shaft, the strange and crooked biddings of the accursed spirit; he cannot himself defend. Too little now him seems what long he hath enjoyed, his grim heart fills with greed; in no wise doth he deal gold-plated rings to earn him praise, [1470] and the doom that cometh he forgets and heeds not, because God, the Lord of glory, hath before granted him a portion of honour high. Thereafter in the final end it cometh to pass that his fleshly garb being mortal faileth, falls in death ordained. Another succeeds to all, who unrecking scattereth his [1475] precious things, the old-hoarded treasures of that man: his wrath he fears not. Defend thee from that deadly malice, dear Beowulf, best of knights, and choose for thyself the better part, counsels of everlasting worth; countenance no pride, O champion in thy renown! Now for a little while thy valour is [1480] in flower; but soon shall it be that sickness or the sword rob thee of thy might, or fire’s embrace, or water’s wave, or bite of blade, or flight of spear, or dreadful age; or the flashing of thine eyes shall fail and fade; very soon ‘twill come that thee, proud knight, shall death lay low.

[1485] ‘Even so did I for half a hundred years beneath heaven rule the ring-proud Danes, and with my battle

fenced them round from many a neighbour over all this earth below, with swords and spears, so that I counted no man beneath the compass of the sky my likely foe. Lo! a change of this [1490] fortune in my very home befell me, grief after gladness, when Grendel, ancient enemy, became the invader of my house, and I for that trespass unceasingly endured deep sorrow in my heart. For this be to the Creator thanks, to the everlasting Lord, that I have lived in my life, that long strife over, to gaze [1495] on this head dyed with cruel gore! Go now to thy seat, use the gladness of the feast, war's honour with thee! Between us shall many a host of treasures pass when morn shall come.'

Glad was the heart of the Geat; swift went he to his place, seeking his seat as the wise king bade. Then was again once [1500] more for the bold and valiant sitting in that hall fair feasting made anew. The hood of night fell darkling black upon the proud men there. All the fair host arose. The aged Scylding with grey-sprinkled hair desired to seek his bed. Longing immeasurably sweet for rest there took the Geatish knight, [1505] bold bearer of the shield. Straightway there led him forth, that man of distant folk now weary of his quest, a chamberlain who in courtesy to the knight's need ministered, in such things as in that day were due for men on warlike errantry to have.

[1510] Now rested that mighty heart. The hall loomed high, wide-vaulted, gold-adorned. The stranger slept within, until the raven black announced with merry heart the heaven's gladness. Then came speeding bright a radiance above the gloom. The warriors were in haste; eager were those noble [1515] men to journey back unto their people; far from thence that guest proud-hearted now wished to seek his ship.

Then the bold son of Ecglaf bade men Hrunting bring, bade him take the sword, dear thing of iron. For that offered gift he spake his thanks, saying that a good friend in war he [1520] deemed it, a power in battle, nor uttered any words belittling the edges of that sword – a gallant knight was he! And now those warriors were in their armour dight for journey longing. Honoured among the Danes their prince to the high seat went where the other sat, a mighty man of valour Hrothgar [1525] greeted. Beowulf spake, the son of Ecgtheow: ‘Now we who came from far away voyaging over the sea desire to say that we are eager to be gone to seek King Hygelac. Here have we right well been cherished in delight; good hast thou been to us. Wherefore if I may in any matter upon this earth deserve [1530] thy greater love beyond what I yet have done in way of valiant works, swift will I be at hand. If news be brought to me over the encompassing seas that thy neighbours threaten thee with war’s alarm, as on a time those did that hated thee, a thousand knights will I bring to thee, mighty men unto thy [1535] aid. This do I know of Hygelac, lord of Geats, though young he be, the shepherd of his folk, that in word and deed he will further me, that I may meetly honour thee, and to thy support lead throng of spears, the succour of thy might, when thou hast need of men. If Hrethric, king’s son, moreover, do [1540] purpose to seek the Geatish courts, there may he find many friends. To profit are far countries visited by him that in himself hath worth.’

Hrothgar then spake thus answering him: ‘These words that thou hast spoken the all-knowing Lord hath set within [1545] thy heart. Never heard I of years so young a man discourse more wise. Thou art in valour strong and in thy mind prudent, knowledge is in thy uttered words. Likely it is, methinks, if it should come to pass that the spear in battle grim and deadly take Hrethel’s son, thy prince, the shepherd of his folk, [1550] sickness or the sword, and thou

dost keep thy life, that then the sea-loving Geats would have no better one to choose for king and keeper of the wealth of mighty men, if thou wilt rule the kingdom of thy kin. The temper of thy mind pleaseth me the better the longer known, Beowulf beloved! Thou hast [1555] accomplished that between these peoples, the Geatish folk and spearmen of the Danes, a mutual peace shall be, and strife and hateful enmities shall sleep which erewhile they used, and long as I my wide realm rule, shall precious things between us pass, and many a man shall send over the water [1560] where the gannet dives greeting to another with goodly gifts, and vessels ring-adorned over the high seas shall bring offerings and tokens of our love. That people do I know to be formed in steadfast mould, be it toward foe or friend, in all things without reproach after the good ways of old/

[1565] Then the son of Healfdene, protector of good men, in that hall again twelve costly things gave unto him, bade him with those gifts in safety seek now his own dear people, and swiftly again return. Then the prince of the Scyldings, that king of noble line, kissed there the best of knights, clasping [1570] him about the neck. Tears ran down his face beneath his grey-strewn hair. Two thoughts were in his heart old with the wisdom of years, but this thought more, that never might they meet again proudly in high discourse. To him the other was so dear that he might not restrain that upwelling of the [1575] heart, but twined in the heartstrings in his breast longing profound for that beloved one now burned within his blood. Thence Beowulf went, a warrior bold in golden splendour, treading the grassy sward, his heart uplifted with rich gifts. The traverser of the sea awaited its lord and master there on [1580] the anchor riding; and as they went oft was the bounty of Hrothgar praised: unrivalled king was he in all things without reproach, until

age robbed him of his joyous strength -oft hath it stricken many a man.

Now to the flowing sea came that band of young men [1585] most proud wearing their netlike mail, their supple-linked shirts. The watchman of the shore descried the warriors' return, as he had before. Not with unfriendly words from the cliffs brow did he hail the guests, but rode to meet them, and said to the men of the windloving Geats that welcome [1590] they came, warlike men in gleaming raiment, to their ship. Then upon the beach was their deep-draughted vessel of the sea with curving beak laden with gear of war, with horses and with precious things. The mast stood tall above Hrothgar's hoarded wealth. To the keeper of his ship Beowulf gave a [1595] sword, bound with golden wire, so that thereafter sitting at the mead he was the more honoured by reason of that rich gift and heirloom old.

Forth sped the bark troubling the deep waters and forsook the land of the Danes. Then upon the mast was the [1600] raiment of the sea, the sail, with rope made fast. The watery timbers groaned. Nought did the wind upon the waves keep her from her course as she rode the billows. A traveller upon the sea she fared, fleeting on with foam about her throat over the waves, over the ocean-streams with wreathed prow, until [1605] they might espy the Geatish cliffs and headlands that they knew. Urged by the airs up drove the bark. It rested upon the land.

Swiftly was the portreeve ready beside the sea, who long while now had anxious upon the shore looked out afar for [1610] those men beloved. The deep-bosomed ship he moored unto the beach, made fast with anchor-ropes, lest the might of the waves should wrest from them their fair-builded craft. Then he bade men bear to land the wealth of princes, the jewelled work and plated gold. Not far thence

must they go to find [1615] Hygelac Hrethel’s son giver of rich gifts, where he dwelleth in his own house, chief amid his champions, nigh to the walls of the sea.

Good was that mansion, a brave king was its lord, lofty were his halls; very young was Hygd, wise and of virtue [1620] seemly, though winters few she had known within the castle courts; Hasreth was her sire. Yet no niggard was she, nor too sparing of gifts and precious treasures to the Geatish men. The fierce mood of Thryth she did not show, good queen of men, nor her dire wickedness. None was there of the dear [1625] companions of the court, save her lord alone, who dared in his hardihood to gaze openly with eyes upon her. Nay, then he might count on deadly bonds woven by hands in store for him; then swift when he was seized and held the sword was called upon that with its figured blade it might make an end [1630] and deal the agony of death. No course is this for queens, for woman to pursue, peerless though she be, that she who should weave men’s peace should compass the life of man beloved with lying tales of wrong. Verily he of Hemming’s race made light of that; yea, men at their ale-drinking have [1635] further told that less injuries to men, less cruel wickedness she wrought, since first she was given a bride of noble line adorned with gold to that young champion, since first at her father’s bidding she had come unto Offa’s hall over the wan waters journeying. There did she afterward use well her life’s [1640] estate upon the royal throne, renowned for goodness while she lived; her loving duty she observed toward that prince of mighty men, of all mankind, as I have learned, the one most excellent the Two Seas between of wide earth’s race. For Offa in his bounty and his wars was honoured far and [1645] wide, a man bold amid the spears who with wisdom ruled his rightful land. Of him was begotten Eomer for the comfort of men of might, valiant in fell deeds, of the race of Hemming, Garmund’s grandson.

Now that valiant one, Beowulf himself, his retinue about [1650] him, went forth along the sand, treading the level beach and the wide shores. The lamp of the world shone down, the sun hasting from the south. Their journey to its end they brought bravely marching to where, as they had learned, the protector of good men, the young warrior-king, slayer of Ongentheow, [1655] within his fast dwelling dealt out the rings, a worthy lord. To Hygelac was word of Beowulf's coming told in haste, how there to the outer courts that lord of warriors, stout beneath the shield, was come striding to the court alive and whole from the play of war. Swift, as the mighty king them [1660] bade, was room in the hall within made for the new-come warriors. He who that strife had safely passed now sat him beside the very king, kinsman at kinsman's side, when he with solemn words and gracious utterance had greeted his good liege-lord. Now Hacreth's daughter down that high hall [1665] passed for the pouring of the mead, cherished the good men there, bearing the cup of strong sweet drink to the hands of mighty men. Then Hygelac began in that lofty house with fair words to question the companion at his side; eagerness pierced his heart to know of what sort the adventures of the [1670] sealoving Geats had been: 'What fortune befell you on your voyage, Beowulf beloved, since thou didst on a sudden take the mind to seek strife far away over the salt waters, deeds of arms in Heorot? And, come! didst thou for Hrothgar king renowned in any wise amend his grief so widely noised? On [1675] this account did care about my heart well ever up in surging sorrow; I feared the hazard of my man beloved. Thee long I prayed that thou shouldst in no wise approach that deadly creature, but shouldst suffer the South-Danes look themselves to their war with Grendel. To God I render thanks that [1680] I can now see thee safe returned.'

Beowulf made answer, the son of Ecgtheow: 'Lord Hygelac, no secret is it to many among mortal men in what

sort our warlike bout, the mighty duel of Grendel and of me, fell out upon that field, where many a host of wrongs and [1685] agelong misery he wrought against the victorious Scyldings. These did I all avenge, so that none upon earth of Grendel's kin hath cause to boast of that encounter at grey dawn, who-so of that fell brood yet longest liveth in the encircling fens. First then I came there to the hall of rings greeting [1690] Hrothgar. Straightway did the renowned son of Healfdene, as soon as he learned the temper of my mind, beside his own son appoint my seat. The company was in mirth, nor saw I ever in life beneath the vault of heaven greater revelry of men that sit at mead within the hall. At whiles the glorious queen, [1695] peace and goodwill of peoples, did traverse all that floor about, enheartening the young esquires; oft to some knight she gave a twisted ring ere she went unto her seat. At whiles before the host Hrothgar's daughter bore the goblet of ale to all goodmen in turn. Her did I hear men sitting in that hall [1700] name Freawaru, as the gem-studded vessel to mighty men she gave. Betrothed is she, that young maid gold-adorned to Froda's gallant son. This hath the Scyldings' lord, the shepherd of his realm, determined, and accounts it policy that through that woman he may set to rest long tale of deadly [1705] deeds of enmity and strife. Oft do we see that seldom in any place, even for the briefest time, when a prince falleth, doth the murderous spear relent, good though the bride may be! This, maybe, will in that purposed time displease the Heathobardish king and each knight of that folk, when [1710] one walks down their hall beside the lady, a noble scion of the Danes amid their host. On him will gaily gleam things prized by their sires of old, a stout sword ring-adorned once treasure of the Heathobards, while yet their weapons they could yield, until they led their comrades dear and their own [1715] lives to ruin in the clash of shields. Then will one speak at the ale, seeing that costly thing, a soldier old who remembers all, recalling the slaying of men with

spears – grim is the heart of him, with gloomy thought he will begin to try the young warrior's temper searching the secrets of his breast, to wake [1720] again cruel war, and these words will he say: "Canst thou not, my lord, the sword recall which thy father bore, his prized blade, unto the fray wearing his vizored helm upon that latest day whereon the Danes slew him, the eager Scyldings, and were masters of the stricken field, after Withergyld was slain [1725] and the downfall of mighty men? Now here the son of one, I know not who, among those slayers walks in this hall, his heart uplifted with fair things, boasteth of the slaying and weareth that treasure which thou shouldst by right possess."

'Thus at each occasion will he stir remembrance, [1730] prompting with wounding words, until the hour cometh when that lady's knight shall sleep, red with his blood from the bite of sword, forfeiting his life for his father's deeds. The other fleeing thence will with his life escape, knowing the land full well. Then will on either hand the sworn oaths of men [1735] be broken; thereafter will cruel thoughts of hate surge up in Ingeld's heart, and for this tide of woe cooler will wax his love of wife. For this cause I count the good will of the Heathobards, their part in this royal truce, filled with menace for the Danes, their friendship insecure.

[1740] 'I shall speak on once more concerning Grendel, that thou mayst fully know, O giver of rich gifts, to what end it came when we mighty ones did rush to grips. So soon as the jewel of the sky had glided over the world, that creature came in ire, bringing fierce horror in the dusk, to seek us [1745] out where yet unharmed that hall we guarded. There did slaughter upon Handscioh fall, a cruel ending to his doomed life; sword-girt warrior he was the first to fall. Death came to that young knight renowned by Grendel's jaws, who all the flesh devoured of him we loved. And yet none the more [1750] did he desire to go forth from that golden hall with empty hand, that murderer with bloody tooth

bethinking him of evil deeds. Nay, he in his strength glorying of me made trial, seized upon me with eager clutch. His pouch hung down; deep was it and strange, made fast with curious thongs; with [1755] subtle skill it was all contrived by fiends' craft wrought of dragon-hides. Therein did he, doer of deadly deeds, desire to thrust me all unoffending, adding one more to many. That might not be done, when I in ire stood upright upon my feet. Too long it is to tell how I to that destroyer of men gave due [1760] reward for each of his foul deeds. There I, my lord, brought honour on thy people by my works. To hiding he escaped, a little while possessed the joys of life. And yet his right hand remained to mark his trail behind in Heorot, and he humbled, misery in his heart, far thence did cast him to the mere's [1765] abyss. For that deadly combat the Scyldings' lord granted me a manifold reward of plated gold and many precious things, when morn was come and we had sat us at the feasting. There was mirth and minstrelsy: the aged Scylding, full of ancient lore, told tales of long ago; now did he, once bold in battle, [1770] touch the harp to mirth, the instrument of music; now a lay recited true and bitter; or again, greathearted king, some wondrous tale rehearsed in order due; or yet again, warrior of old wars, in age's fetters did lament his youth and strength in arms. His heart heaved within him, when he wise with [1775] many years recalled a host of memories.

'Thus did we within that hall all the long day take our delight until another night came upon this world. Then was Grendel's mother swiftly ready to revenge her woe once more. Full of anguish she took the road. Death had [1780] taken her son, the wrathful valour of the windloving Geats. Inhuman troll-wife she avenged her child, and daringly a man she slew. There was from yEschere the life sped forth, a sage wise in old lore. Nor could they, the Danish lords, when morn was come, burn him sleeping in death upon the

[1785] blazing wood, nor lift upon the pyre that man beloved. She had borne away that corse in her fiend’s clutches beneath the mountain-stream. That was for Hrothgar the most grievous of those his sorrows that he, lord of his folk, long while had known.

[1790] ‘Then the king gloomy-hearted implored me by thy life that I would in the tumult of the deeps accomplish deeds of prowess, adventure my life achieving glory. Reward he vowed me. Then, as is noised abroad, I sought out the grim and dreadful guardian of the whirling gulf. There awhile were [1795] our hands in duel joined. The deep swirled with blood, and in that abysmal hall I hewed the head of Grendel’s mother with the edges of a mighty sword. Thence hardly did I retrieve my life; but not yet was I doomed to die. Nay, the son of Healfdene, protector of good men, gave me [1800] thereafter a multitude of precious things. Thus did the king of that people live according to kingly virtue – no whit did I fail to find those rewards, my valour’s meed; nay, to me the son of Healfdene gave costly things at mine own choice. These, O warrior king, I will bring to thee, offering them in all good [1805] heart. To thee belongeth still all that share of joys. Few have I of kinsmen near and dear, O Hygelac, save thee!’

He bade now the men bring in the banner charged with a boar’s head, the helm towering in war, the grey corslet, the sword of battle cunning-wrought; and thereupon uttered [1810] these appointed words: ‘To me did the wise prince Hrothgar give this raiment of war, and spake bidding me that I should first describe to thee his gracious gift. He said that King Heorogar, lord of the Scyldings, long while possessed it; and yet he would not for that the rather bestow it upon his son, [1815] the gallant Heoroweard, for the clothing of his breast, loyal to him though he was. Use all the gifts with honour (said he).’

I have heard that to those fair things four steeds dapple-grey swift and well-matched were added. Beowulf to Hygelac granted the sweet possession of horses and of precious things. [1820] Even so shall a kinsman do, nor in any wise shall spread with secret craft a net of malice for another, death devising for the comrade at his side. To Hygelac, dauntless in fell deeds, his nephew was exceeding true, and each was mindful of the other's honour. I have heard too that to Hygd he gave that [1825] necklace, a costly thing of intricate and marvellous fashion, which Wealhtheow, king's daughter, had bestowed on him, and therewith three horses, lithe limbed with gleaming saddies. Nobly arrayed was her breast thereafter by that necklet she received.

[1830] Thus did the son of Ecgtheow, renowned in battle, show his manhood in fair deeds, bearing himself honourably. Never did he at the drinking strike down the comrades of his hearth; no grim heart was his – nay, with greatest might among mankind he maintained those lavish gifts which God had granted [1835] him, a warrior bold. Long was he contemned, for the sons of the Geats did not account him worthy, nor would the king of the windloving folk accord him a place of much honour upon the seats where men drank mead. They much misdoubted that he was of sluggish mood, without eager spirit [1840] though of noble birth. A change and end of all his heart's griefs had come for him, a man now blessed with glory.

Then the king, in battle valiant, protector of good men, commanded that a fair thing bequeathed by Hrethel, adorned with gold, should be brought into the hall. In that time [1845] there was not among the Geats a treasure or rich gift more excellent in form of sword. This now on Beowulf's lap he laid, and granted unto him seven thousand (hides of land), a hall and princely throne. To both of them alike had land by blood descended in that realm, estates and rightful

heritage, [1850] but in greater measure to the one that was higher in the land, a kingdom wide.

*

This after came to pass in later days in the clash of wars, when Hygelac was fallen, and swords of battle had been Heardred's bane amid the shielded ranks, what time the [1855] warlike Scyldings, dauntless men of arms, sought him out amid his glorious people, and came upon him, nephew of Hereric, with fell assault, then into Beowulf's hands came that broad realm. Well he ruled it for fifty winters – now was he a king of many years, aged guardian of his rightful [1860] land – until a certain one in the dark nights began to hold sway, a dragon, even he who on the high heath watched his hoard, his steep stone-barrow: below lay a path little known to men. Therein went some nameless man, creeping in nigh to the pagan treasure; his hand seized a goblet deep, bright [1865] with gems. This the dragon did not after in silence bear, albeit he had been cheated in his sleep by thief's cunning. This the people learned, men of the neighbouring folk, that he was wroth indeed.

By no means of intent had that man broken the dragon's [1870] hoard of his own will, he who thus wronged him grievously; but in dire need, being the thrall of some one among the sons of mighty men, he had fled from the lashes of wrath, and having no house he crept therein, a man burdened with guilt.

[1875] Soon did the dragon bestir himself… that (swiftly) upon the trespasser dire terror fell; yet nonetheless illfated one… when the sudden danger came on him, (he saw) a treasure chest…

There was in that house of earth many of such olden [1880] treasures, as someone, I know not who, among men in

days of yore had there prudently concealed, jewels of price and mighty heirlooms of a noble race. All of them death had taken in times before, and now he too alone of the proven warriors of his people, who longest walked the earth, [1885] watching, grieving for his friends, hoped but for the same fate, that he might only a little space enjoy those longhoarded things.

A barrow all ready waited upon the earth nigh to the watery waves, new-made upon a headland, secured by binding spells. Therein did the keeper of the rings lade a portion [1890] right worthy to be treasured of the wealth of noble men, of plated gold; and a few words he spake:

‘Keep thou now, Earth, since mighty men could not, the wealth of warriors. Lo! aforetime in thee it was that good men found it! Death in battle, cruel and deadly evil, hath [1895] taken each mortal man of my people, who have forsaken this life, the mirth of warriors in the hall. I have none that may bear sword, or burnish plated cup and precious drinking vessel. The proud host hath vanished away. Now shall the hard helm, gold-adorned, be stripped of its plates; those [1900] who should burnish it, who should polish its vizor for battle are asleep, and the armour too that stood well the bite of iron swords in war amid bursting shields now followeth its wearer to decay. The ringed corslet no more may widely fare in company of a prince of war, upon the side of mighty [1905] men. There is no glad sound of harp, no mirth of instrument of music, nor doth good hawk sweep through the hall, nor the swift horse tramp the castle-court. Ruinous death hath banished hence many a one of living men.’

Even thus in woe of heart he mourned his sorrow, alone [1910] when all had gone; joyless he cried aloud by day and night, until the tide of death touched at his heart.

This hoarded loveliness did the old despoiler wandering in the gloom find standing unprotected, even he who filled with fire seeks out mounds (of burial), the naked dragon of [1915] fell heart that flies wrapped about in flame: him do earth’s dwellers greatly dread. Treasure in the ground it is ever his wont to seize, and there wise with many years he guards the heathen gold – no whit doth it profit him.

Even thus had that despoiler of men for three hundred [1920] winters kept beneath the earth that house of treasure, waxing strong; until one filled his heart with rage, a man, who bore to his liege-lord a goldplated goblet, beseeching truce and pardon of his master. Then was the hoard laid bare, the hoard of rings minished, and his boon granted to the man [1925] forlorn. The lord for the first time gazed now on the olden work of men. Then the serpent woke! New strife arose. He smelt now along the rock, and grimhearted he perceived the footprint of his foe, who in his stealth had stepped right nigh, yea, close to the dragon’s head. Thus may indeed one whose [1930] fate is not to die with ease escape woe and evil lot, if he have the favour of the Lord! The Guardian of the Hoard searched eagerly about the ground, desiring to discover the man who had thus wrought him injury as he lay in sleep. Burning, woeful at heart, ofttimes he compassed all the circuit of the [1935] mound, but no man was there in the waste. Nonetheless he thought with joy of battle, of making war. Ever and anon he turned him back into the barrow, seeking the jewelled vessel. Quickly had he discovered this, that some one among men had explored the gold and mighty treasures. In torment the [1940] Guardian of the Hoard abode until evening came. Then was the keeper of the barrow swollen with wrath, purposing, fell beast, with fire to avenge his precious drinking-vessel. Now was the day faded to the serpent’s joy. No longer would he tarry on the mountain-side, but went blazing forth, sped with [1945] fire. Terrible for the people in that land was the

beginning (of that war), even as swift and bitter came its end upon their lord and patron. Now the invader did begin to spew forth glowing fires and set ablaze the shining halls – the light of the burning leapt forth to the woe of men. No creature there did [1950] that fell winger of the air purpose to leave alive. Wide might it be seen how the serpent went to war, the malice of that fell oppressor, from near and far be seen how that destroyer in battle pursued and humbled the people of the Geats. Back to his Hoard he sped to his dark hall ere the time of day. He had [1955] wrapped the dwellers in the land in flame, in fire and burning; he trusted in his barrow, in its wall and his own warlike might, and his trust cheated him.

Now to Beowulf were the dread tidings told, swift and true, that his own homestead, best of houses, was crumbling [1960] in the whirling blaze, even the royal seat of the Geats. Grief was that to the good man’s heart, the greatest of sorrows in his breast. Wise though he was he thought that he had bitterly angered the eternal Lord, Ruler of all, against the ancient law. His breast within was whelmed in dark boding thought, as [1965] was unwonted for him. The flaming dragon from without that seabordered land with glowing fires had crushed to ruin the stronghold of the folk, the guarded realm. For him did the king of war, lord of the windloving Geats, ponder vengeance therefore. He then, protector of warriors, lord of good men, [1970] bade fashion for him a shield for battle curiously wrought, all made of iron: full well he knew that no wood of the forest, no linden shield, would avail him against the flame. Appointed was it that the prince proven of old should find now the end of his fleeting days, of life in this world, and the serpent with [1975] him, albeit he had long possessed his hoarded wealth.

Lo! the lord of gold disdained with a host and mighty army to go against that creature flying far abroad. For

himself he did not fear the contest, nor account as anything the valour of the serpent, nor his might and courage. For [1980] he, daring many a grievous strait, had aforetime come safe through many a deadly deed and clash of war, since the time when, champion victory-crowned, he had purged Hrothgar’s hall and in battle crushed the kin of Grendel of hated race.

Not the least of these encounters was that wherein [1985] Hygelac was slain, when in the onslaughts of war blades drank the blood of the King of the Geats, the gracious prince of peoples, Hrethel’s son, in the Frisian lands by the broadsword beaten down. Thence Beowulf got him by his own prowess, using his craft of swimming; he alone upon his arm [1990] had thirty coats of mail as he strode into the deep. Little cause in sooth had the Hetware who bore forth their shields against him to exult in that fight on foot – few came back from that fierce warrior to see their home! Then the son of Ecgtheow over the expanse of the salt sea, unhappy and alone, swam [1995] back unto his people. There Hygd offered to him treasury and realm, rings and kingly throne. She trusted not in her son that he was yet wise enow to defend the seats of his fathers against alien hosts, since Hygelac was dead. Yet never the more could the bereaved people obtain in any wise from the [2000] prince that he would be lord over Heardred, or accept the kingship. Rather he upheld him among his folk with friendly counsel in love and honour, until he grew older and ruled the windloving Geats. To Heardred came banished men over the sea, the sons of Ohthere; they had set at nought the lord [2005] of the Scylfings, that best of sea-kings that ever in Sweden dealt out precious gifts, a king renowned. That marked his end – there to the son of Hygelac for his harbouring was allotted a deadly wound by stroke of sword. But the son of Ongentheow, when Heardred was slain,

returned to seek his [2010] home, suffering Beowulf to hold the kingly throne and rule the Geats – a good king was he!

He did not forget the requital of his prince’s fall in later days: to Eadgils in his need he was found a friend, with a host he supported Ohthere’s son, with warriors and [2015] weapons beyond the broad lake, and later in cold and grievous marches achieved revenge, the king he reft of life.

Even thus had he, the son of Ecgtheow, been preserved in every deadly strait and cruel slaying and desperate deed, until that one day when he must fight the serpent.

[2020] Then filled with grief and rage the lord of the Geats with eleven companions went to look upon the dragon: already he had learned whence those deeds of enmity and dire hatred of men had sprung – into his possession had come the splendid and precious vessel by the hand of the spy: he was in that [2025] company the thirteenth man who had wrought the beginning of that warfare, a captive with gloomy heart he now must in shame show the way thence over the land. Against his will he went to where he knew a solitary hall of earth, a vault under ground, nigh to the surges of the deep and the warring waves. [2030] All filled within was it with cunning work and golden wire. The monstrous guardian eager and ready in battle ancient beneath the earth kept those golden treasures – no easy bargain that for any among men to win. Now upon the headland sat the war-proven king from whom the Geats had love and [2035] gifts of gold while he bade farewell unto the companions of his hearth. Heavy was his mood, restless hastening toward death: the fate very nigh indeed that was to assail that aged one, to attack the guarded soul within and sunder life from body – not for long thereafter was the spirit of the prince in [2040] flesh entrammelled.

Beowulf spake, the son of Ecgtheow: ᶜIn youth from many an onslaught of war I came back safe, from many a day of battle. I do recall it all. Seven winters old was I, when the king of wealth, gracious prince of peoples, received me of my [2045] father. King Hrethel it was, who guarded me and kept me and gave me rich gift and fair feast, remembering our kinship. No whit was I while he lived less beloved by him within his house than any of his sons, even Herebeald, and Haethcyn, and Hygelac my lord. For the eldest, as never should it have [2050] been, by a kinsman's deed the bed of cruel death was made, when Hacthcyn with arrow from his horn-tipped bow smote grievously his lord – he missed his mark and shot to death his kinsman, brother slew brother with a bloody shaft. That was an assault inexpiable, a wrong most evilly wrought, [2055] heartwearying to the soul; and yet the prince must depart from life all unavenged.

'In like wise is it grievous for an old man to endure that his son yet young should swing upon the gallows, that he should utter a dirge, a lamentable song, while his child hangs a sport [2060] unto the raven, and he old and weighed with years cannot devise him any aid. Ever is he reminded, each morning, of his son's passing; little he cares to await within his courts another heir, now that this one hath tasted evil deeds through the violence of death. In care and sorrow he sees in his son's dwelling [2065] the hall of feasting, the resting places swept by the wind robbed of laughter – the riders sleep, mighty men gone down into the dark; there is no sound of harp, no mirth in those courts, such as once there were. Then he goes back unto his couch, alone for the one beloved he sings a lay of sorrow: all too wide and [2070] void did seem to him those fields and dwelling places.

'Even so did the lord of the windloving folk bear the surging sorrow of his heart for Herebeald – in no wise could he exact atonement for the evil deed from the slayer of life; none the more might he pursue with deeds of hate that

warrior, [2075] though little was his love. Then beneath that sorrow that had fallen thus too grievously upon him he forsook the joys of men, God’s light he sought: to his heirs, as rich man doth, he left his lands and populous towns, departing from this life. Soon was deed of hate and strife betwixt Swede and Geat and [2080] feud on either hand across the water wide, bitter enmity in war, since Hrethel was dead, or else the sons of Ongentheow were bold in war, eager to advance, and desired not to keep the peace across the sea, but about Hreosnabeorg they oft-times wrought cruel slaughter in their hate.

[2085] ‘That did my kinsmen avenge, the deeds of enmity and wrong, as has been famed, albeit one of them paid for it with his life in grim barter: upon Hasthcyn, lord of the Geats, war fell disastrous. That day, as I have heard, at morn one kinsman with the edges of his sword brought home to the slayer [2090] the other’s death, when Ongentheow met Eofer. The helm of battle sprang asunder and the aged Scylfing fell, death-pale in the fray. His hand remembered fell deeds enow, but it warded not the fatal stroke.

‘Hygelac I repaid in battle for those precious gifts that he [2095] gave me? even as was permitted me, with my shining sword; he gave me lands and the joyous possession of my fathers’ home. No need was there for him that he should seek among the Gifethas or the spearmen of the Danes or in the Swedish realm a warrior less doughty or hire such with pay; ever in [2100] the marching hosts I would go before him alone in the front of war, and thus shall through life do battle, while this sword endures that has oft, early and late, served me well, since before the proven hosts my hands were Dasghrefn’s death, the champion of the Franks. In no wise might he bring that [2105] fair-wrought ornament of the breast unto the Frisian king; nay, he fell in battle, the keeper of their banner, that prince in his pride. No sword-edge was his slayer, but a warrior’s gripe it was that

quenched his beating heart crushing his frame of bones. Now shall this sword’s edge, hard and tempered [2110] blade, do battle for the hoard.’

Beowulf spake, for the last time proud words he uttered: ‘In youth many a deed of war I dared and still I will, aged protector of my people, seek strife and achieve renown, if that worker of evil and ruin comes forth from his house of [2115] earth to find me.’ Then he addressed each of those men, bold warriors bearing their shields, his dear comrades for the latest time. [C]I would not bear sword or weapon against the serpent, if I knew how else I might grapple with the fierce destroyer to mine honour, as aforetime I did with Grendel. But here [2120] do I look for fell fire’s heat, for blast and venom; wherefore I have upon me shield and corslet. Yet I will not from the barrow’s keeper flee one foot’s pace, but to us twain hereafter shall it be done at the mound’s side, even as Fate, the Portion of each man, decrees to us. Fearless is my heart, wherefore I [2125] forbear from vaunting threat against this winged foe.

‘Wait now on the hill, clad in your corslets, ye knights in harness, to see which of us two may better endure his wounds when the combat is over. This is not an errand for you, nor is it within the measure of any man save me alone that he [2130] should put forth his might against the fierce destroyer, doing deeds of knighthood. I shall with my valour win the gold, or else shall war, cruel and deadly evil, take your prince.’

Then the bold warrior stood up beside his shield, resolute beneath his helm. Wearing his grim mail he strode up to [2135] the stony cliffs, trusting in the strength of one man alone -such is no craven’s feat! Then he who, endowed with manly virtue, had passed through many a host of battles and a clash of war, when the ranks of men smote together, saw now at the mound’s side a stone-arch

standing from whence a stream [2140] came hurrying from the hill. The boiling water of that spring was hot with deadly fires; no man could long while endure unscorched that deep place nigh the hoard by reason of the dragon’s flame.

Now in his wrath the prince of the windloving Geats let [2145] words speed from his breast; grim of heart he shouted loud, so that his voice came ringing clear as a war-cry in beneath the hoary rock. Hatred was aroused. The Guardian of the Hoard perceived the voice of man. No longer was there space for the sueing of peace. Forth came first the blast of the fierce [2150] destroyer from out the rock, hot vapour threatening battle. The earth rang. The Lord of the Geats beneath the mound flung round his warrior’s shield to meet the dreadful comer. Now was the heart of the coiling beast stirred to come out to fight. His sword had already the good king drawn for battle, [2155] his ancient heirloom, quick of edge. Each with fell purpose in their hearts knew dread of [the] other; but undaunted stood the prince of vassals with his tall shield against him, while the serpent swiftly coiled itself together. In his armour he awaited it. Now it came blazing, gliding in looped curves, hastening [2160] to its fate. The shield well protected the life and limbs of the king renowned a lesser while than his desire had asked, if he were permitted to possess victory in battle, as that time, on that first occasion of his life, for him fate decreed it not. The Lord of the Geats flung up his arm and with his ancient sword [2165] smote the dread foe and the burnished edge turned on the bony body, but less keenly than its king had need, thus sore oppressed. Then was the guardian of the barrow after that warlike stroke in fell mood; murderous fire he flung – wide the flames of battle sprang. No triumphant cry of victory then [2170] uttered he from whom the Geats had love and gifts of gold: his naked blade had failed him in the cruel deeds of battle, as never should it have done, that iron tried of old. No pleasant fare was his that day, (nor

such) that the renowned son of Ecgtheow should of his own will forsake that field on earth; [2175] against his will must he inhabit a dwelling otherwhere, even as each man must, leaving the brief days of life.

Not long was it now before those fierce slayers together came again. The Guardian of the Hoard took heart afresh, his breast heaved with gasping breath. Anguish he endured [2180] oppressed with fire who aforetime was ruler of his folk. In no wise did his companions in arms, sons of princes, stand about him, a company proved in war; nay, they had retreated to a wood for the saving of their lives. In one alone of them the heart was moved with grief. Kinship may nothing set [2185] aside in virtuous mind. Wiglaf was he called, Wihstan's son, that fair warrior beneath his shield, a lord of Scylfing race of Ælfhere's line. He saw his liege-lord beneath his vizored helm of war in torment of heat. He remembered then those favours which Beowulf had granted to him, the rich dwell [2190] ing-place of the Waegmundings, and all the landed rights which his father before had held. Then he could hold back no more: his hand wielded shield of yellow linden, ancient sword he drew – among men was it known as plunder of Eanmund Ohthere's son. Him, a lordless exile, did Wihstan [2195] in battle slay with edge of sword, and to Eanmund's kin bore off his bright burnished helm, ringed corslet, and old gigantic sword. All which did Onela return to him, the battle-harness of his nephew, and gallant gear of war; nor did he speak of the injury to his house, albeit Wihstan had laid low his [2200] brother's son. These fair things he kept for many a year, both sword and corslet, until his son might accomplish deeds of knightly valour, as his father had before him. Then he gave unto him in the land of the Geats of harness of battle an uncounted store, when he departed life full of years upon his [2205] journey hence. This was the first venture in which that champion young was destined to make onslaught in battle

beside his good lord. His heart turned not to water within him, nor did the weapon his sire bequeathed betray him in the fight. And that indeed the serpent found when they came together.

[2210] Wiglaf spake many a right fitting word, saying to his comrades (for heavy was his heart): ‘I do not forget the time when, where we took our mead in the hall of revelry, we vowed to our master, who gave us these precious things, that we would repay him for that raiment of warriors, the helmets [2215] and stout swords, if ever on him such need as this should fall. For this of his own choice he chose us amid the host, for this adventure, considering us worthy of glorious deeds; for this he gave to me those costly gifts, for he accounted us spear-men valiant, bold bearers of the helm – yea, even though our [2220] lord, shepherd of his people, purposed alone on our behalf to achieve this work of prowess, for he hath above all men wrought feats of renown and deeds of daring. Now is the day come when our liege-lord hath need of valour and of warriors good. Come! Let us go to him! Let us help our leader [2225] in arms, while the heat endures, the glowing terror grim. God knoweth that for my part far sweeter is it for me that glowing fire should embrace my body beside the lord that gave me gold. Nor seems it fitting to me that we bear back our shields unto our home, unless we can first smite down the foe, and [2230] defend the life of the king of the windloving people. Verily I know that his deserts of old were not such that he alone of proven Geatish men should suffer anguish, and fall in battle. With him my sword and helm, my corslet and my armour, shall be joined in league!’

[2235] Then strode he though the deadly reek, his head armed for war, to the succour of his lord, and these brief words he spake: ‘Beowulf beloved, do all things well unto the end, even as thou didst vow aforetime in the days of youth that thou wouldst not while living suffer thy honour to

fall low. Now [2240] must thou, brave in deeds, thy noble heart unwavering, with all thy might thy life defend. To the uttermost I will aid thee.’

Upon these words the serpent came on in wrath a second time, alien creature fierce and evil, assailing with swirling fires, drawing nigh unto his foes, these hated men. His [2245] buckler in the billowing flames was burned even to the boss, his corslet could afford no help to that young wielder of the spear; but beneath his kinsman’s shield stoutly fared that warrior young, when his own was crumbled in the glowing fires. Now once more the king of battles recalled his [2250] renowned deeds, with mighty strength he smote with his warlike sword, and fast in the head it stood driven by fierce hate. Naegling burst asunder! Beowulf’s sword, old, grey-bladed, had failed him in the fight. It was not vouchsafed to him that blades of iron might be his aid in war: too strong [2255] that hand, that as I have heard with its swing overtaxed each sword, when he to the battle bore weapons marvellously hard; no whit did it profit him.

Then for the third time the destroyer of the folk, the fell fire-dragon, bethought him of deeds of enmity, and rushed [2260] upon that valiant man, now that a clear field was given him, burning and fierce in battle. His neck with his sharp bony teeth he seized now all about, and Beowulf was reddened with his own life-blood; it welled forth in gushing streams. I have heard tell that in that hour of his king’s need the [2265] good man unbowed showed forth his valour, his might and courage, as was the manner of his kin. He heeded not those jaws; nay, his hand was burned, as valiant he aided now his kinsman, and smote that alien creature fierce a little lower down – a knight in arms was he! – so that bright and [2270] goldenhiked his sword plunged in, and the fire began thereafter to abate. Once more the king himself mastered his senses; drew forth a deadly dagger keen and

whetted for the fray, that he wore against his mail; Lord of the windloving folk he ripped up the serpent in the midst. They had slain their foe – valour [2275] had vanquished life; yea, together they had destroyed him, those two princes of one house – of such sort should a man be, a loyal liege at need! That for the king was the last of his hours of triumph by his own deed, last of his labours in the world.

[2280] Now the wound that the dragon of the cave had wrought on him began to burn and swell. Swiftly did he this perceive, that in his breast within the venom seethed with deadly malice. Then the prince went and sat him upon a seat beside the mound, full of deep thought. He gazed upon that work of [2285] giants, marking how that everlasting vault of earth contained within it those stony arches on their pillars fast upheld.

Then that knight surpassing good with his hands sprinkled him with water, that king renowned all dreadly bloody, his own liege-lord, weary of war; his helmet he unclasped. [2290] Beowulf spake – despite his hurt, his grievous mortal wound, he spake – verily he knew that he had accomplished his hours of life, his joys upon the earth; now was departed all the number of his days, and Death exceeding near.

‘Now to a son of mine I should have wished to give my [2295] harness of battle, had it been granted unto me that any heir of my body should follow me. This people have I ruled for fifty winters – no king was there, not one among the peoples dwelling nigh, who dared with allied swords approach me, or threaten me with war’s alarm. In mine own land I faced [2300] what time brought forth, held well mine own, nor pursued with treachery cruel ends, nor swore me many an oath unrighteously. In all this may I now, sick of mortal wounds, have joy, for that the Ruler of men hath not cause to charge me with cruel murder of my kin, when my life departeth [2305] from my body. Now go thou swiftly and

survey the Hoard beneath the hoary rock, Wiglaf beloved, now that the serpent lieth dead, sleepeth wounded sore, robbed of his treasure. Make now haste, that I may behold the wealth of long ago, the golden riches, may plain survey the clear jewels [2310] cunning-wrought, and so may I, the wealth of precious things achieved, the softer leave my life and the lordship which long time I held.’

Then I have heard that speedily the son of Wihstan, when these words were spoken, did hearken to his wounded lord [2315] in combat stricken, striding in his netlike mail, his corslet for battle woven, under the barrow’s vault. Then, passing by the seat, that young knight proudhearted, filled with the joy of victory, beheld a host of hoarded jewels, gold glistening that lay upon the ground, marvellous things upon the wall, [2320] the very lair of that old serpent in the dim light flying, and ewers standing there, vessels of men of bygone days, reft of those who cared for them, their fair adornment crumbling. There was many a helm old and rusted, a multitude of twisted armlets in strange devices twined. Treasure, gold [2325] hidden in the earth, easily may overtake the heart of any of the race of men – let him beware who will! There too he saw a banner hanging all wrought of gold, high above the hoard, the chiefest of all marvellous things of handicraft, woven by skill of fingers. Therefrom a radiance issued, that he might [2330] plain perceive that space beneath the earth, and all the precious things survey. Of the serpent there was nought to see; nay, the sword had taken him. Then, as I have heard, within that mound the Hoard and ancient work of giants did one man plunder, lading his bosom with dish and goblet at his [2335] own sweet will; the banner, too, he seized, of standards the most shining-fair. The broad-sword of his aged lord – iron was its edge – had brought to ruin him that in his sway these precious things had kept long while, the terror of his

flame wielding hot before the Hoard, swirling fiercely in the [2340] midmost night, until he died a bitter death.

In haste was the messenger, eager to return, urged by the precious spoils. Anxiety pierced his uplifted heart to know whether he should yet living find the prince of the windloving people upon that level place where he had erewhile left [2345] him, his valour ebbing. Now bearing these precious things he found that prince renowned, his lord, bleeding, nigh to his life’s end. Once more he began to sprinkle him with water, until speech like a sharp pang burst from the prison of his breast. Thus spake the aged warrior king in anguish, [2350] looking upon the gold: ‘To the Master of all, the Glorious King and everlasting Lord, I speak now my words of thanks for these fair things, that I here gaze upon, for that I have been suffered ere my death’s hour such wealth to gather for my people. Now that I have for the hoard of precious things [2355] bartered the span of mine old life, do ye henceforth furnish the people’s needs. No longer may I here remain. Bid ye men renowned in war to make a mound for me plain to see when the pyre is done upon a headland out to sea. It shall tower on high upon Hronesnass, a memorial to my folk, that voyagers [2360] upon the sea shall hereafter name it Beowulf s Barrow, even they who speed from afar their steep ships over the shadows of the deeps/ From his neck that prince of valiant heart undid a golden circlet and gave it to his knight, young wielder of the spear, and his helm, gleaming with gold, his corslet and a [2365] ring, bidding him use them well. ‘Thou art the end and latest of our house of Wacgmund’s line. All hath fate swept away of my kinsfolk to their appointed doom, good men of valour – I must follow them!’ That was the latest word that issued from that aged heart and breast, ere he betook him to the pyre and [2370] the hot surge of warring flames. From his bosom did the soul depart to seek the judgement of the just.

Then grievous was the lot of that man little tried in years, seeing upon the earth that most beloved of men at his life’s end suffering miserably. His slayer, too, lay dead, [2375] the dire dragon of the cave bereft of life, whom torment had oppressed. Those hoarded rings no longer might he rule, that serpent crooked-coiling; nay, blades of iron had seized him, hard, forged by hammers, notched in war; that he who had winged afar by wounds was stilled, fallen upon the ground [2380] beside his treasure-house. Never more in his disport did he wander through the air at midmost night, nor proud in the possession of fair things reveal his form to men, but was cast upon the earth by the hand and deed of that leader of the host. In sooth few among men that possessed great valour [2385] in that land, as I have learned, had luck therein, when daring though he were in every deed, he hurled him against the blast of that envenomed foe, or troubled with his hands his hall of rings, if he therein had found the Guardian dwelling watchful in his mound. Even by Beowulf was his portion of [2390] those kingly treasures paid for with his death. Both now had journeyed to the end of passing life.

Now it was not long ere those laggards in battle, who before had not dared to wield their shafts in the great need of their sovereign lord, forsook the wood, ten faint hearts [2395] together, breakers of their vows. But now in shame they came bearing their shields and harness of war to where the aged king lay dead. They looked upon Wiglaf. Wearied he sat, that champion of the host, close to the side of his lord, seeking with water to revive him – nought did it avail him. [2400] He could not, dearly though he wished it, keep upon the earth his captain’s life, nor any whit avert the Almighty’s will. God’s Doom was ever the master then of every man in deeds fulfilled, even as yet now it is.

Then did each man that had forgot his valour with little [2405] seeking get a grim rebuke from Wiglaf the young, the son of Wihstan. He now spake, a man with pain at heart, looking on those men unloved: ‘Lo! this indeed may he say, who wishes the truth to tell, that this liege-lord (who gave you those costly gifts and soldier’s gear, arrayed wherein ye now stand [2410] here, in that time when he oft did grant to you, sitting drinking ale upon the benches in his hall, both helm and corslet, even the most splendid of such things as he, a king for his knights, might get for you from far or near) that in the hour when war came upon him all that harness of war he utterly [2415] had cast away, ruinously. Little cause indeed had the king of this people for pride in his comrades in arms. Nonetheless God who ruleth victories vouchsafed to him that he unaided avenged himself with his sword, when he had need of valour. Little succour of his life could I afford him in that combat, [2420] and yet essayed beyond the measure of my power to help my kinsman. Thereafter ever was that deadly adversary in vigour less, when I had smitten him with sword, less violent then the fire surged from the gateways of his head. Too few the defenders that thronged about their prince, when that evil [2425] hour was come upon him! Behold! receiving of rich gifts, the giving of swords, all joy in the homes of your fathers, and hope shall fail for all your kin. Stripped of lands and rights shall each man of that house and line depart, when good men learn from afar of your retreat and deed inglorious. Death [2430] is more sweet for every man of worth than life with scorn!’

Then he bade men up over the cliff by the sea to bring news of the deeds of war to the fenced camp, wherein good men assembled, having their shields beside them, sat the long morning of the day, gloom in their hearts, pondering either [2435] chance, the last day or the home-coming of the man they loved. Little of these tidings new did he in silence keep who rode that seaward slope, but faithfully he said for

all to hear: ‘Now is he who to the windloving people furnished their delight, the lord of the Geats, bound upon the bed of death; [2440] he abides upon a bloody couch through the serpent’s deed. Beside him his mortal adversary lies stricken with strokes of knife; sword could in no wise to that fierce slayer do grievous hurt. Wiglaf, Wihstan’s son, by Beowulf sits, the brave living watching the brave dead; in weariness of soul he holds wake [2445] beside the body of both friend and foe.

‘Now must our people look for time of war, as soon as afar to Frisian and to Frank the king’s fall is revealed. Bitter was the feud decreed against the Hugas (Franks), when Hygelac came sailing with his raiding fleet to Frisian land. [2450] There the Hetware in battle assailed him, and valiantly with overwhelming strength achieved that the mailed warrior should lay him down: he fell amid the host, not one fair thing did that lord to his good men give. From us hath been ever since the favour of the Merovingian lord withheld. Nor do [2455] I from the Swedish realm look for any peace or truce at all: rather has it been reported far and wide that Ongentheow reft of life Hasthcyn Hrethel’s son beside Hrefnawudu (Ravenswood), when the Geatish folk in arrogance had first attacked the warlike Scylfings. Quickly did the aged father [2460] of Ohthere, old and dread, deliver him an answering stroke; the sea-chieftain he destroyed, and his wife aged as he was he rescued, his lady revered, of her gold bereaved, the mother of Onela and Ohthere; and then pursued his mortal foes until they escaped hard-pressed, leaderless, into Hrefnesholt [2465] (Ravensholt). Then with all his great host he besieged the survivors of his swords, weary of their wounds; grievous things often did he vow to that unhappy band through the long night, saying that he at morn would spill their lives with edge of sword or some would do upon gallows-trees to be [2470] the sport of crows. Relief thereafter came for those unhappy hearts with

the first light of day, when they heard the horns and trumpets of Hygelac for battle ringing, as that good man came marching on their trail with the proven valour of his people. Plain to see was far and wide the bloody swath of [2475] Geats and Swedes, the murderous assault of men, how those peoples between them stirred up deeds of enmity.

‘Then the good king (Ongentheow) – full of years was he and many sorrows – betook him with his bodyguard to a fast place; yea, the warrior Ongentheow gave back to higher [2480] ground. He had heard of the valour of Hygelac and the might in war of that proud prince; he hoped not to withstand him, nor to strive against those men of the sea, to defend from those fierce rovers treasure, child, nor wife. Back he gave from that place, the old king, behind an earthen wall. There [2485] attack was ordered upon the people of the Swedes; the banners of Hygelac marched forth over that defended space, when HrethePs people came crowding upon the fenced camp. There was Ongentheow with grey-strewn hair driven to bay with edge of sword, and there must that king of (his) [2490] people endure the single will of Eofor. Him in wrath had Wulf Wonreding with his weapon found, so that at the stroke from veins forth spouted blood beneath the hair. And yet daunted was he not, the aged Scylfing; nay, swiftly requited that deadly blow with exchange more fell, when he, the king [2495] of his people, turned upon his foe. Now could the eager son of Wonred no answering blow return; nay, he had cloven the helm upon his head, so that dyed with blood he must sink down: he fell upon the earth. Not yet was he doomed to die; nay, he recovered, albeit the wound had touched him nigh. [2500] Lo! Hygelac’s bold knight, since his brother was laid low, let now the broad blade of ancient giant-forged sword above the wall of shields shatter the helm gigantic. Now the king gave back, the shepherd of his people, he was stricken mortally. Many then were those that bound up Eofor’s brother and

[2505] swiftly lifted him, since it was granted them that they should be masters of the stricken field. Whereupon the knight despoiled his adversary, from Ongentheow he took the iron corslet, the hiked sword hard-tempered, and the helm too; the harness of the greyhaired lord he bore to Hygelac.

[2510] ‘These fair things he received, and graciously vowed to him rewards amid his people, and even so fulfilled his word. For their onslaught in that battle the lord of the Geats, Hrethel’s heir, when he came to his home Eofor and Wulf repaid with gifts beyond measure; to each of them he gave [2515] one hundred thousand (silver pence) in land and linked rings – no cause had any man on earth to reproach him with those rewards, since they had with their swords achieved such glorious deeds. Moreover to Eofor he gave his only daughter, as a pledge of his favour, for the honouring of his [2520] house.

‘Such is the feud and enmity, the cruel malice of men, for which I look, in which the Swedish people will come against us, when they learn that our lord is reft of life, who aforetime did guard against those that hated him his treasury and realm, [2525] after the fall of mighty men did rule the sealoving Geats, accomplishing the profit of his people, yea, and before all did knightly deeds.

‘Now is all speed the best, that we should look upon the king of this people where he lies, and bring that one who gave [2530] us rings upon his funeral way. Nor is it due that some solitary thing should be consumed beside that proud heart; nay, there is a hoard of precious things, gold beyond count grimly purchased, and rings now at this last paid for with his very life – these is it right that the blazing wood devour, the fire enfold. [2535] Not for him shall good man wear a thing of price in memory, nor maiden fare about her neck have ring to deck her; rather woeful-hearted, stripped of gold, long time and again shall she tread the lands of

exile, now that the captain of our host hath laid aside his laughter, his mirth and merriment. For this shall [2540] many a spear cold at morn be grasped and seized, lifted in hand; nor shall the music of the harp awake the warriors, but the dusky raven gloating above the doomed shall speak many things, shall to the eagle tell how it sped him at the carrion-feast, when he vied with the wolf in picking bare the slain/

[2545] Thus was that gallant man a teller of tidings bitter; little did he report amiss of what had chanced or had been said. All the host arose. Joyless they went with welling tears to the foot of Earnanass (Eagles' Head) that monstrous sight to see. So found they keeping his bed of ease, lifeless upon the earth, [2550] him who in former times had given rings to them. Now was his last day passed for that good man, and the king of battles, the prince of the windloving people had died a monstrous death. Already had they seen a thing there yet more strange: the loathly serpent lying there stretched out before them on [2555] the ground. Grim to see, dreadly-hued, the flaming dragon had been scorched with his own glowing fires; fifty measured feet in length he lay at rest. Joy in the air aforetime had he had by night, then back was wont to go seeking his lair; now was he bound in death, for the last time had he used his earthy [2560] caves. Beside them goblets and ewers stood, and dishes lay and precious swords, rusty and eaten through, as had they dwelt there a thousand winters in the earth's embrace. In that day that heritage had been endowed with mighty power; the gold of bygone men was wound about with spells, so that [2565] none among them might lay hand upon that hall of rings, unless God himself, true King of Victories, granted to the man he chose the enchanter's secret and the hoard to open, to even such among men as seemed meet to Him.

Now all could see that to evil fortune had he sallied forth [2570] who wrongfully had kept concealed therein the precious things beneath the builded mound. One only, and

none beside, had the Guardian slain, before his deeds of enmity were bitterly avenged. A mystery it is where a man of prowess and good heart shall meet the end of his allotted life, when [2575] no longer may he among his kin dwell in the hall, his mead drinking. Even thus it was with Beowulf: when he sought out the barrow's guardian, his guile and malice, he knew not himself through what means his parting from the world should come about. To this end had the mighty chieftains, [2580] those that there had laid it, set a deep curse upon it even until the Day of Doom, that that man should be for his crimes condemned, shut in the houses of devils, fast in the bonds of hell, tormented with clinging evil, who should that place despoil. Alas, Beowulf ere he went had not more carefully [2585] considered the old possessor's will that cursed the gold.

Wiglaf spake, the son of Wihstan: [c]Oft must it be that many men through one man's will shall suffer woe, even as is now befallen us. We could not advise our king beloved, the shepherd of this realm, to any well-counselled course, that he [2590] should not approach the keeper of the gold, but should let him lie where long time he had been, abiding in his dwellings unto the world's end, pursuing his mighty fate. The hoard is laid bare, grimly was it gained. Too mighty was the doom that thither drew this mortal man. I have been therein and all [2595] of it have I surveyed, the treasures of that house, when leave was given me – in no kindly wise was my entry welcomed in beneath the earthy mound. In haste I seized with hands a mighty burden huge of hoarded treasures, and hither did I bear them out unto my king. Yet living was he then, clear in mind [2600] and conscious, and all those many things he spake, aged and in anguish; and he bade me greet you, commanding that ye should fashion in memory of your good lord's deeds upon the place of his pyre such a lofty tomb, mighty and splendid, even as he was among men the most renowned in war over

the wide earth, [2605] while yet it was his lot to use the wealth within his courts.

‘Let us now haste, going once again to find and look upon that press of fair-wrought gems, the marvellous things beneath the builded mound. I will guide you, that ye from nigh at hand shall gaze there upon rings in plenty and on [2610] massive gold. Let the bier be ready, swiftly arrayed, when we come out; then let us bear our prince, our dear-beloved, where he shall long abide in the keeping of the Lord!’

Then the son of Wihstan, mighty man of valour, bade them summons send to many among men that homesteads [2615] ruled, that they being masters of men should bring from afar wood for the pyre to their good lord’s need. ‘Now shall the smoking flame be fed, the glowing fire devour the prince of men, even him who oft endured the iron hail, when the storm of arrows urged by bowstrings fled above the wall of shields, [2620] and the shaft performed its task sped by its feathered raiment, following the arrowhead.’

Moreover the wise son of Wihstan summoned from the host the king’s own knights, seven in company, men most excellent; now eight warriors in all they went under the [2625] accursed roof, one bearing in his hand a fiery torch, going forward at their head. No need then to cast lots who should despoil that hoard, when keeperless those men espied still any portion lying crumbling there; little did any grieve that they in haste brought forth those treasures of great price. The [2630] serpent too they thrust over the towering cliff, let the tide the dragon take, the flowing sea engulf the keeper of fair things. Then was the wreathed gold laded upon a wain, beyond all count, and the prince borne away to Hronesnaes (Whale’s Head), their chieftain hoar.

[2635] For him then the Geatish lords a pyre prepared upon the earth, not niggardly, with helms o’erhung and shields of war and corslets shining, as his prayer had been. Now laid they amidmost their glorious king, mighty men lamenting their lord beloved. Then upon the hill warriors began the [2640] mightiest of funeral fires to waken. Woodsmoke mounted black above the burning, a roaring flame ringed with weeping, till the swirling wind sank quiet, and the body’s bony house was crumbled in the blazing [? core]. Unhappy in heart they mourned their misery and their liege-lord slain. There too a [2645] lamentable lay many a Geatish maiden with braided tresses for Beowulf made, singing in sorrow, oft repeating that days of evil she sorely feared, many a slaying cruel and terror armed, ruin and thraldom’s bond. The smoke faded in the sky. Then the lords of the windloving people upon a seaward [2650] slope a tomb wrought that was high and broad, to voyagers on the waves clear seen afar; and in ten days they builded the memorial of the brave in war, encompassed with a wall what the fires had left, in such most splendid wise as men of chief wisdom could contrive. In that mound they laid armlets and [2655] jewels and all such ornament as erewhile daring-hearted men had taken from the hoard, abandoning the treasure of mighty men to earth to keep, gold to the ground where yet it dwells as profitless to men as it proved of old.

Then about the tomb rode warriors valiant, sons of [2660] princes, twelve men in all, who would their woe bewail, their king lament, a dirge upraising, that man praising, honouring his prowess and his mighty deeds, his worth esteeming – even as is meet that a man should his lord beloved in words extol, in heart cherish, when forth he must from the raiment of [2665] flesh be taken far away.

Thus bemourned the Geatish folk their master’s fall, comrades of his hearth, crying that he was ever of the kings

of earth of men most generous and to men most gracious, to his people most tender and for praise most eager.

*

BEOWULF

Eis aí! Da glória dos reis da gente dos Daneses de Lança nos dias de antanho ouvimos contar como esses príncipes fizeram feitos valorosos. Muitas vezes Scyld Scefing roubou às hostes dos inimigos, muitas gentes, os assentos onde bebiam seu hidromel, lançou o medo nos homens, ele que outrora foi encontrado [5] abandonado; viveu para disso conhecer o consolo, tornou-se poderoso sob o céu, prosperou em honra, até todos os que perto habitavam, por sobre o mar onde anda a baleia, lhe deverem obediência e lhe entregarem tributo – um bom rei foi ele! [10]

Depois nasceu-lhe um herdeiro, uma criancinha em seus domínios, que Deus mandou para o consolo da gente ao perceber a grave privação que muito tempo sofreram antes por não terem príncipe. A ele, portanto, o Senhor da Vida, que reina em glória, concedeu honra entre os homens: Beow [15] era renomado – em toda parte brotava sua glória –, o herdeiro de Scyld em Scedeland. Assim um jovem faz acontecer com bons feitos e nobres dádivas, enquanto mora nos domínios do pai, e ao qual, mais tarde, quando é mais velho, se unem cavaleiros leais de sua mesa, e a gente o apoia quando a guerra vem. Os [20] feitos valorosos enobrecem o homem em todos os povos.

Então, em sua hora azada, o valente Scyld passou à guarda do Senhor; e ao mar fluente seus caros camaradas o levaram, como ele próprio lhes pedira enquanto ainda, como seu príncipe, governava os Scyldings com suas palavras: amado senhor da terra, por muito [25] tempo foi mestre. Ali no porto demorava-se, com proa anelada e gelo

pendente, ávida por partir, a barca do príncipe; então deitaram seu amado rei, doador de anéis, no seio do navio, em glória junto ao mastro. Para ali muitas coisas preciosas e tesouros foram trazidos de regiões muito distantes; nem ouvi dizer que jamais os [30] homens tenham arranjado um barco mais lindamente com armas de guerra e arneses de batalha; em seu colo jaziam tesouros amontoados, que agora deviam acompanhá-lo ao longe, no domínio do mar. Não o adornaram com presentes nem um pouco menos valiosos, com tesouros daquela gente, do que aqueles que no começo [35] o haviam enviado sozinho por sobre as ondas, ainda criancinha. Ademais, puseram no alto, sobre sua cabeça, um estandarte dourado e o deram ao oceano, deixando que o mar o carregasse. Tristes estavam seus corações e havia luto em suas almas. Ninguém pode relatar, nem os senhores em seus salões, nem homens [40] poderosos sob o céu, quem realmente recebeu aquela carga.

Nas fortalezas, então, por muito tempo, Beow dos Scyldings, amado rei dos homens, foi renomado entre as gentes – para alhures partira do lar o príncipe, seu pai – até depois de gerar Healfdene, o grande, que manteve o domínio enquanto viveu, [45] velho e feroz na guerra, sobre os belos Scyldings. Nasceram-lhe quatro filhos no mundo, chamados em ordem: capitães das hostes Heorogar, Hrothgar e Halga, o bom; e [de uma filha] ouvi dizer que foi rainha de Onela, cara consorte do guerreiro Scylfing.

Daí em diante, a fortuna na guerra estava garantida a Hrothgar [50], e a glória na batalha, pois os vassalos de sua própria família lhe obedeciam de bom grado, e os números de seus jovens guerreiros cresceram até se tornarem uma poderosa companhia de homens. Então sentiu no coração que deveria mandar os homens construírem um salão e uma mansão, uma casa mais [55] majestosa para beberem hidromel, como os filhos dos homens jamais haviam

conhecido, e nela ele distribuiria todas as coisas aos jovens e velhos, assim como Deus lhas concedera, exceto a terra da gente e as vidas dos homens.

Então, segundo ouvi, em toda parte e a muitas gentes esta [60] terra média essa obra foi proclamada o adorno daquela habitação dos homens. Em pouco tempo, rapidamente entre os homens, aconteceu-lhe que ficou toda pronta a maior das casas e o maior dos salões. Para ela imaginou o nome de Heorot, ele cuja palavra era lei em toda parte. Não se furtou ao seu juramento [65]: distribuiu os anéis e o tesouro no banquete. Alto erguia-se o salão, com largas empenas cornudas, aguardando as ondas combatentes do fogo destruidor: não estava longe o tempo em que, entre pai e esposo da filha, o ódio assassino em memória de uma contenda mortal haveria outra vez de despertar.[70]

Então o espírito feroz que habitava na treva suportou penosamente um tempo de tormento, já que dia após dia escutava o barulho do divertimento ecoando no salão. Havia som de harpa e o claro canto do menestrel; falava aquele que tinha saber para explicar, desde os dias longínquos, o primeiro começo [75] dos homens, contando como o Onipotente criou a Terra, um vale de luzidio encanto cercado pelas águas; como, triunfante, Ele pôs o brilho do Sol e da Lua como luz para os habitantes das terras, e adornou as regiões do mundo com ramos e folhas, e também imaginou a vida para todas as espécies [80] que se movem e vivem.

Assim, os homens daquela companhia viviam alegres e felizes, até que um deles começasse a fazer feitos do mal, um demônio do Inferno. Grendel chamava-se aquela feroz criatura, o mal-afamado que assombrava os limites da terra, que guardava [85] as charnecas, a fortaleza dos brejos, e,

infeliz dele, por muito tempo habitou o lar da espécie dos trolls, pois o Criador o proscrevera com a raça de Caim. Esse derramamento de sangue, quando Caim matou Abel, o Senhor Eterno vingou; ele não se alegrou por seu feito violento, mas Deus o expulsou, por [90] esse crime, para longe da humanidade. Dele nasceram todos os bandos maléficos, ogros e trasgos e formas pavorosas do Inferno, e os gigantes também, que por muito tempo combateram Deus – por isso Ele lhes deu sua retribuição.

Então Grendel partiu, quando a noite era chegada, para espionar [95] aquela casa altiva, para ver como os Daneses dos Anéis, após beberem cerveja, haviam nela ordenado sua morada. E encontrou ali uma nobre companhia dormindo após o banquete. Não conheciam o pesar, o infeliz destino dos homens. O ser maldito, voraz e feroz depressa se aprestou; trinta cavaleiros apanhou [100] em seus leitos. Dali voltou regozijando-se com a presa, retornando à casa com a saciedade do assassínio, em busca de seu covil.

Depois disso, à aurora, com a primeira luz do dia, a força de Grendel em combate tornou-se evidente para os homens; ergueu-se então o choro depois do banquete, um imenso grito [105] ao amanhecer. O rei glorioso, seu príncipe há muito testado, sentou-se sem alegria: o coração robusto e valente sofreu, e sentiu pesar por seus cavaleiros quando os homens haviam esquadrinhado as pegadas do inimigo, esse amaldiçoado demônio. Era demasiado amarga a porfia, medonha e penosa demais de [110]s uportar! Nem houve mais tempo, apenas uma noite, antes que ele voltasse a cometer outras mortes cruéis, e não se afligiu com elas, seus feitos de inimizade e mal, pois estava demasiado imerso nisso. Depois, não foi difícil encontrar algum homem que em lugar mais remoto, buscasse leito e cama entre os recintos menores [115], pois agora estava evidente e verdadeiramente declarada, com óbvio sinal, a fúria

daquele vigia do salão. Após isso, quem escapara ao inimigo mantinha-se mais longe e seguro.

Foi assim que um se assenhoreou e combateu contra o bem, sozinho contra todos, até que ficasse vazia aquela que era a melhor [120] de todas as casas. Longo tempo durou. Pelo espaço de doze invernos, o caro senhor dos Scyldings suportou a angústia, e toda a aflição, e um profundo pesar. Assim os homens ficaram sabendo, e aos filhos da humanidade foi revelado tristemente em canções, que Grendel por um tempo porfiou com Hrothgar, produziu[125] ódio e rancor, feitos malignos e inimizade, durante muitos anos, porfia incessante. Não quis trégua com nenhum homem da hoste danesa, nem refreou sua crueldade mortal, nem aceitou termos de pagamento. E nenhum dos conselheiros tinha motivo para esperar recompensa dourada das mãos do assassino. Ao contrário [130], o feroz matador os perseguia sempre, tanto os cavaleiros como os jovens, escura sombra da morte, emboscado, à espreita, vigiando na longa noite as enevoadas charnecas. Os homens não sabem por onde os bruxos do Inferno vagam em seus passeios.

Assim, muitas vezes, esse inimigo dos homens, em medonha [135] espreita solitária, fez muitas coisas malignas, muitas afrontas atrozes. No salão de Heorot, brilhante de gemas, passava as noites escuras. (Jamais pôde se aproximar do precioso Trono da graça na presença de Deus, nem sabia qual a Sua vontade.) Foi grande tormento para o senhor dos Scyldings, angústia do coração [140]. Muitos poderosos se reuniam com frequência, aconselhavam-se sobre o que seria melhor os homens intrépidos fazerem contra aqueles terrores medonhos. Às vezes ofereciam sacrifícios a ídolos em seus tabernáculos pagãos, e em oração imploravam ao aniquilador das almas que lhes prestasse auxílio contra o sofrimento [145] do povo. Tal era seu costume, a esperança dos pagãos. No coração tinham

consciência do Inferno (não conheciam o Criador, o Juiz dos feitos, nem tinham ouvido falar do Senhor Deus, nem de fato haviam aprendido a louvar o Guardião dos Céus e o Rei da Glória. Ai daquele que por malícia demoníaca lançar sua [150] alma no abraço do fogo, que não procurar consolo, que de modo nenhum mudar sua sina! Bendito aquele que depois do dia da morte chegar ao Senhor e buscar a paz no regaço do Pai!).

Assim mesmo, nos pesares daqueles tempos, o filho de Healfdene meditava sem cessar, nem o sábio príncipe conseguia [155]pôr de lado seu pesar; era demasiado forte a porfia, medonha e penosa demais de suportar, que se abatera sobre aquela gente, tormento feroz e cruel que precisava suportar, a maior das angústias que chegava à noite.

Sobre isso, sobre os feitos de Grendel, o cavaleiro de Hygelac [160], estimado entre os gautas, ouviu dizer em seu lar longínquo. Naqueles dias, aqui na vida humana, ele era o mais vigoroso da humanidade em poderio, o mais nobre e de estatura além da média. Mandou que lhe aprontassem uma boa nau sobre as ondas, dizendo que além das águas onde anda o cisne haveria [165] de buscar o rei guerreiro, esse príncipe renomado, pois ele precisava de homens. Pouco problema os sábios encontraram nessa viagem, por muito que ele lhes fosse caro; encorajaram seu valoroso coração e observaram os presságios.

O bom homem escolhera campeões da gente dos gautas [170], dentre os mais audazes que encontrara, e quinze deles, ao todo, foram então ter ao navio de madeira, enquanto o guerreiro, hábil nas coisas do mar, os conduzia às margens da terra. O tempo passou. Sob os penhascos, o barco flutuava nas ondas. Ávidos, os guerreiros subiram à proa, e o mar fluente rodopiava [175] na areia. Homens

armados levaram ao interior do navio seus arneses luzidios, seus destros apetrechos de combate. Então eles, homens em viagem alegre, fizeram partir a nau de madeirame bem ajustado. Por sobre as ondas das profundezas correu ao vento, navegando com espuma à garganta quase como um [180] pássaro, até que na hora devida, no segundo dia, seu bico curvo tanto avançara que os marujos avistaram a terra, os penhascos brilhando junto ao oceano, e íngremes promontórios e cabos avançando longe pelo mar. Estava então terminada a jornada daquele veleiro. Dali os homens da gente Amante do Vento [185] depressa subiram pela praia e amarraram as madeiras de seu navio, trazidas pelo mar, sacudiram as cotas de malha e seus trajes de guerra. Deram graças a Deus por lhes ter sido facilitada a travessia das ondas.

Então, da alta costa, o vigia dos Scyldings, que por dever [190] guardava os penhascos junto ao mar, os viu levando pelo passadiço brilhantes escudos e nobres arneses; seu coração foi tomado de ansiedade para saber quem seriam aqueles homens. Montado a cavalo, foi então até a praia o cavaleiro de Hrothgar, e com vigor brandiu nas mãos a robusta haste da lança, e com [195] palavras de negociação perguntou: “Que guerreiros sois vós, trajados de couraças, que assim chegastes guiando vossa altiva nau por sobre as ruas do mar até aqui sobre águas profundas? Eis que por muito tempo morei nos confins de nossa terra, fazendo guarda das águas, para que nenhum inimigo viesse à [200] terra dos daneses pilhá-la com frota de assalto. Jamais homens armados tentaram aportar aqui mais abertamente, ignorando a senha dos homens em vestimenta de guerra, nem tendo o consentimento dos compatriotas. Nunca na Terra vi alguém maior dentre os homens do que um de vós, um guerreiro em armas; [205] não é servo do salão em brava exibição de armamento se não mentem seu belo semblante e seu porte sem par. Agora

preciso saber de qual gente procedeis, para que não passeis além daqui, falsos espiões, para a terra dos daneses. Avante, habitantes longínquos, viajantes do mar, ouçais meu pensamento dito [210] abertamente: é melhor que declareis depressa de onde vêm vossos caminhos!”

O chefe então respondeu, o líder da companhia, abrindo sua provisão de palavras: “Pela raça somos homens dos gautas e companheiros de lar de Hygelac. Afamado entre as gentes foi [215] meu pai, nobre guerreiro na vanguarda da batalha. Ecgtheow era seu nome. Muitos invernos durou, até, na velhice, partir dos seus domínios; todo sábio muito bem se lembra dele, em toda parte sobre a Terra. Agora chegamos com propósito amigável, buscando teu senhor, o filho de Healfdene, defensor do seu [220] povo. Sê bondoso em nos aconselhar! Estamos em missão possante rumo a ele, senhor dos daneses, e certo assunto não há de ser mantido em segredo, assim creio. Tu sabes que assim é, como em verdade ouvimos falar, que entre os Scyldings não sei que coisa mortífera faz feitos de ódio secreto nas noites escuras e de [225] modo terrível revela sua malícia monstruosa, vergonha dos homens, e abate dos mortos. A esse respeito, posso aconselhar Hrothgar, sábio e bom, com o coração sem inveja, como derrotar seu inimigo – que haja alguma mudança ou melhora do tormento de seus pesares –, como essas dores ardentes hão de ser [230] aplacadas, ou então por todo o sempre ele haverá de suportar um tempo de atribulação e grave privação, enquanto ali, em seu lugar, perdurar a melhor das casas.”

Falou o vigia, assentado em sua montaria, servo destemido do rei: “Um homem de espírito atilado que seja cauteloso perceberá [235] a verdade tanto nas palavras como nos feitos: meus ouvidos me garantem que eis aqui uma companhia de índole amigável para com o Senhor dos Scyldings. Avançai levando vossas armas e armaduras! Eu vos guiarei! Ademais, mandarei que meus jovens escudeiros

honradamente vigiem vosso navio, [240] vossa nau recém-calafetada sobre a areia, para protegê-la contra qualquer inimigo, até que ela, com seu madeirame e sua proa encoberta, leve o mestre amado, por sobre as correntezas do mar, de volta a Weather-mark. A um tal fazedor de bons feitos certamente será concedido que atravesse são e salvo esta investida [245] de guerra!”

Então avançaram marchando. Sua nau veloz agora estava imóvel, o navio de casco fundo preso à amarra, firme na âncora. Figuras de javalis luziam sobre as guardas do rosto, enfeitadas de ouro, rebrilhando, temperadas no fogo; a máscara [250] de guerra, feroz e desafiadora, protegia a vida. Os homens apressaram-se, caminhando juntos, até conseguirem divisar o salão erguido, enfeitado de ouro brilhante, mais afamada dentre todas as casas sob o céu entre os habitantes da Terra, onde morava o poderoso senhor; sua luz se estendia sobre muitas [255] regiões. E o audaz guerreiro apontou-lhes, nítido de se ver, o paço dos homens altivos, para que marchassem direto para lá.

Então o guerreiro voltou o cavalo e em seguida falou estas palavras: “É tempo de partir. Que o Pai Onipotente em sua graça vos mantenha seguros em vossas demandas! Rumo para o [260] mar, montar minha guarda contra exércitos hostis.”

A rua era calçada de pedras que formavam desenhos; a senda guiava juntos aqueles homens. Ali brilhava a couraça de guerra, dura, unida à mão, e o vivo anel de ferro tinia em seus arneses quando, com terríveis apetrechos, foram caminhando direto [265] para o salão. Cansados do mar, encostaram os altos escudos, broquéis de espantosa dureza, à parede da casa, e sentaram-se no banco. Couraças tiniam, arneses de guerra dos homens. Suas lanças estavam juntas, de pé, material de marujo, com

hastes de freixo, pontas cinzentas de aço. Bem provida de armas estava a [270] companhia em malha de ferro. Então um cavaleiro de vestimenta altiva interrogou aqueles combatentes acerca de sua linhagem: “De onde trazeis vossos escudos chapados, vossas cotas de malha cinzentas, vossos elmos mascarados e a multidão de lanças belicosas? Sou o arauto e servo de Hrothgar. Jamais vi tantos [275] homens de gente estrangeira com atitude mais altiva! Julgo que com altivez, não com modos de homens banidos, mais ainda, com grandeza de coração, viestes em busca de Hrothgar!”

A ele então, forte e audaz, retrucou o altivo príncipe da gente Amante do Vento, palavras falou em resposta, sisudo sob [280] o elmo: “Somos companheiros da mesa de Hygelac. Beowulf é meu nome. Ao filho de Healfdene, glorioso rei, desejo contar minha missão, ao teu senhor, se ele nos garantir que possamos nos aproximar dele em sua excelência.” Wulfgar falou – nobre príncipe dos Wendels era ele, a têmpera do seu coração, sua [285] valentia e sabedoria eram conhecidas de muitos homens: “Isso indagarei ao amigo dos daneses, senhor dos Scyldings, doador de anéis, acerca de tua missão, bem como pedes, e tal resposta depressa te declararei como ele, em sua bondade, tenciona dar.”

Então retornou depressa ao lugar onde estava sentado [290] Hrothgar, velho e encanecido, entre sua companhia de cavaleiros. Valente, caminhou até parar junto ao ombro do senhor dos daneses – bem conhecia o costume dos homens corteses. Wulfgar falou a seu amado senhor: “Agora aportaram aqui, vindos de longe por sobre o mar circundante, nobres homens dos gautas; [295] seu principal, os homens de armas chamam de Beowulf. Imploram trocar palavras contigo, meu rei. Não lhes negue tua leal resposta, Ó gracioso Hrothgar! Em seus arneses de guerra bem parecem merecer a estima dos homens; certamente o

capitão é homem de valor, que conduziu esses combatentes a esta [300] terra.”

Hrothgar, protetor dos Scyldings, falou: “Conheci-o quando ainda era menino. Seu pai outrora chamava-se Ecgtheow; a ele Hrethel dos gautas deu por noiva a única filha. É seu filho que agora aqui chegou, destemido, buscando um amigo e [305] patrono. Viajantes do mar, tais que levaram aos gautas presentes e tesouros como sinais de boa vontade, relataram desde então que ele tem no aperto da mão a força e o poder de trinta homens valentes na batalha. O Santo Deus no-lo mandou em sua misericórdia, aos próprios daneses ocidentais, como é minha [310] esperança, contra o terror de Grendel. A este bom cavaleiro hei de oferecer presentes preciosos para recompensar a valentia de seu coração. Apressa-te agora! Fá-los entrar e contemplar a altiva companhia de nossa família aqui reunida. Conta-lhes também com palavras de saudação que são bem-vindos à gente dos [315] daneses!”

[Então Wulfgar se dirigiu à porta do salão, e] de pé, no interior, pronunciou estas palavras: “Meu vitorioso senhor, chefe dos daneses orientais, mandou-me dizer que conhece vossa linhagem e que com vossos corações intrépidos chegais como [320] hóspedes bem-vindos, por sobre as marés do mar. Agora podeis ir, em vossos arneses de batalha, sob vossos elmos mascarados, contemplar Hrothgar. Deixai aqui vossos escudos belicosos e mortíferas lanças de haste, para aguardar o resultado de vossas palavras.” Então ergueu-se o nobre homem, e em sua volta muitos [325] guerreiros, valorosa companhia de cavaleiros. Alguns ficaram para trás, vigiando seu material de guerra, como ordenara o audaz capitão. Foram juntos depressa, com o cavaleiro a guiá-los, sob o teto de Heorot. Severo sob o elmo [caminhava Beowulf], até chegar ao lado da lareira. Palavras falou – sua malha [330] rebrilhava sobre ele, tecida qual pano em astuciosa teia pela habilidade dos ferreiros:

“Salve, Hrothgar! Sou parente e vassalo de Hygelac. Em muitos feitos renomados me aventurei na juventude. A mim, em meu solo nativo, o assunto de Grendel foi conhecido e revelado; viajantes do mar relatam que este salão, [335] a mais bela das casas, está vazio e inútil para qualquer homem assim que a luz do ocaso se esconde atrás da barreira do céu. À vista disso, os mais valorosos de minha gente e os sábios me aconselharam a vir a ti, Hrothgar, pois haviam se inteirado do poder da minha força corporal. Eles próprios o perceberam [340] quando regressei das armadilhas de meus inimigos, merecendo a hostilidade deles, onde atei cinco, tornando desolada a raça dos monstros, e quando matei entre as ondas, de noite, os demônios da água, sofrendo amarga privação, vingando as aflições dos gautas amantes do vento, destruindo aquelas coisas [345] hostis – desgraça que nos tinham pedido. E agora com Grendel, com esse feroz matador, hei de travar debate a sós com o ogro. Agora, portanto, pedir-te-ei, príncipe dos gloriosos daneses, defensor dos Scyldings, esta mercê, que não me negues, ó protetor dos guerreiros, leal senhor dos povos, já que vim de [350] tão longe, que eu apenas possa, com minha altiva companhia de homens, essa intrépida companhia, limpar Heorot. Fiquei sabendo também que esse feroz matador, em sua selvageria, não dá importância a armas. Também eu então desdenharei (pelo amor de Hygelac, meu senhor suserano!) portar em batalha [355] espada ou escudo largo de bossa amarela. Ao contrário, com as mãos hei de agarrar o inimigo e travar contenda mortal com ódio contra ódio – ali há de se resignar ao julgamento do Senhor aquele que a morte levar. Creio que ele, se lhe permitirem ter o domínio, neste salão de batalha há de devorar sem [360] medo os cavaleiros godos, o forte bando de Hrethmen, como tantas vezes fez. No funeral não precisarás amortalhar-me a cabeça, mas ele me terá pintado de sangue coagulado se me levar à morte. Carregará um cadáver sangrento, tencionará prová-lo, e

partindo a sós o comerá sem piedade, manchando [365] as baixadas das charnecas. Não mais precisarás cuidar do sustento de meu corpo! Manda de volta a Hygelac, caso a batalha me leve, a excelentíssima cota de malha que defende meu peito, a mais bela das vestimentas. Hrethel a legou, obra de Wayland. O destino sempre segue como deve ser!” [370]

Hrothgar, protetor dos Scyldings, respondeu: “Meu amigo Beowulf, por meus méritos e pela graça que outrora concedi, vieste agora até nós. Teu pai terminou, com a espada, uma das maiores contendas: matou com as próprias mãos Heatholaf entre os Wylfings. Então a gente dos Wederas não pôde mais [375] mantê-lo, por temor da guerra. Dali ele buscou a gente danesa meridional, por sobre as marés do mar, os próprios Scyldings gloriosos, quando comecei a dirigir o povo dos daneses e na juventude governei um extenso reino, erário e baluarte de homens poderosos. Heorogar então havia morrido, meu irmão [380] mais velho, não vivia mais o filho de Healfdene. Ele era melhor do que eu! Depois liquidei a contenda com pagamento, mandando [aos Wylfings] sobre o lombo do mar antigos tesouros; ele prestou-me juramentos. É penoso ao meu coração relatar a alguém dentre os homens que humilhações em Heorot, que [385] terríveis feitos de malícia Grendel me causou no ódio de seu coração. Estão reduzidas a companhia de meu salão, as fileiras de meus guerreiros; o destino os varreu para as medonhas garras de Grendel. Deus (somente) pode facilmente afastar de seus feitos esse selvagem inimigo! Muitas vezes campeões de guerra, [390] corados ante as taças de cerveja, gabaram-se de que no salão da bebida haveriam de enfrentar o poderio belicoso de Grendel com o terror de suas lâminas. Depois, ao amanhecer, esta sala de hidromel, minha casa real, esteve rubra de sangue escorrendo quando o dia se iluminou, todas as tábuas dos bancos embebidas [395] de sangue e o salão

com orvalho de espadas. Tanto menos corações leais e homens audazes experimentados na guerra tinha eu, pois a morte os levara. Senta-te agora no banquete, e quando a hora chegar volta teu pensamento à vitória pelos Hrethmen, como teu coração te instigar.” [400]

Então, para os jovens cavaleiros gautas, juntos em companhia, foi liberado um banco no salão da bebida; foram ter a seus assentos os de coração robusto, esplendorosos em sua força. Um escudeiro cuidou de seu ofício, o que tinha em mãos a taça de cerveja crivada de joias, e verteu brilhante a doce bebida. [405] De tempos em tempos, o menestrel cantou claro em Heorot. Houve regozijo de homens valorosos, não era pequena a assembleia da bravura experiente dos daneses e Wederas.

Falou Unferth, filho de Ecglaf, sentado aos pés do senhor dos Scyldings, uma palavra que libertou um encanto de gerar [410] contenda – a demanda de Beowulf, vindo audaz por sobre o mar, lhe dava grande desprazer, pois não apreciava que outro homem neste mundo inferior houvesse de conquistar mais honra sob o céu do que ele próprio: “És tu aquele Beowulf que competiu com Breca, nadando no amplo mar, no tempo em [415] que vós, os dois, com altivez, experimentastes as águas e por alarde imprudente arriscastes vossas vidas sobre as profundezas? Nenhum homem, amigo ou inimigo, pôde dissuadir-vos dessa aventura carregada de pesar, quando com os membros remastes no mar. Ali alcançastes com os braços a maré corrente, [420] medindo as ruas do mar com veloz jogo das mãos, deslizando sobre o oceano. O abismo estava em tumulto com as ondas e os surtos do inverno. Sete noites lutastes, os dois, no reino das águas. Ele te sobrepujou na natação, tinha maior força! Depois, ao amanhecer, as vagas carregaram-no para longe, para a terra [425] dos Heathoreamas. Dali ele, amado por sua gente, buscou o

próprio solo caro, a terra dos Brandings e seu belo baluarte, onde governou uma gente, sua forte cidade e seus anéis. Todo o seu alarde, em verdade, o filho de Beanstan realizou contra ti. Portanto, prevejo para ti um embate ainda pior, por mais que [430] em toda parte tenhas demonstrado teu valor na agitação da batalha e na guerra cruel, se ousares, todas as horas da noite próxima, esperar por Grendel.”

Falou Beowulf, filho de Ecgtheow: “Eis aí! Meu amigo Unferth, ruborizado de bebida gastaste muita fala, contando de [435] Breca e seu feito! Tenho por verdade que maior mestria no mar tinha eu, mais labuta nas ondas do que qualquer outro homem. Nós dois combinamos, visto que éramos meninos, e nos vangloriamos, pois estávamos ambos na juventude da vida, que arriscaríamos nossas vidas lá longe no oceano, e assim fizemos. [440] Nus, seguramos nossas espadas, firmes nas mãos, quando ambos remamos no mar, acreditando assim nos defender contra peixes monstruosos. Jamais pôde ele nadar para longe de mim sobre as ondas fluentes, mais rápido do que eu sobre a profundeza; eu dele não me apartava. Então estivemos juntos no mar [445] pelo espaço de cinco noites, até que a maré nos separasse, e as águas borbulhassem. A mais fria tempestade, a noite escura, um vento do norte vieram em assalto cruel contra nós; ásperas eram as ondas. Agitaram-se os corações dos peixes do mar, e ali a couraça em minha carne, elos firmemente forjados à mão, [450] veio-me em socorro contra os inimigos; minha vestimenta de batalha tecida envolvia-me o peito, adornada de ouro. Ao abismo puxou-me um maldito adversário destruidor, firme o ser cruel me agarrou. Ainda assim foi-me concedido encontrar o feroz assassino com a ponta da espada belicosa; o choque do combate [455] destruiu aquela poderosa fera marinha por meio desta mão. Assim, muitas vezes, atacantes mortíferos seriamente me ameaçaram. Com minha espada querida, tratei-os como convinha.

Nenhuma alegria tiveram naquele festim, imundos praticantes de malfeitos, de me devorarem sentados à minha volta, [460] banqueteando-se junto aos fundos do mar. Ao contrário, no dia seguinte jaziam na costa, nos destroços das ondas, feridos a golpes de espada, levados à morte por lâminas, para depois nunca mais, junto aos íngremes estreitos, impedirem a passagem dos homens navegantes. A luz veio do leste, o claro farol de Deus. [465] As ondas se aplacaram, e assim pude divisar os promontórios no mar e os penhascos ventosos. Amiúde o destino salva o homem não fadado a morrer, quando sua bravura não falta. Seja como for, foi minha sina matar com a espada nove demônios marinhos. Nunca ouvi falar, sob a abóbada do firmamento, de [470] combate mais renhido à noite, nem de homem mais infeliz nas torrentes do mar, e ainda assim salvei minha vida das garras das malditas criaturas, exausto de minha aventura. Então o mar, a maré sobre a enchente, com águas ferventes me arrebatou ao longe, à terra dos fineses. Nunca ouvi contarem de ti tão cruéis [475] feitos de combate e terrível obra de espadas. Nem Breca no calor da batalha, não, nenhum de vós dois realizou tão audaz feito com lâminas tingidas de sangue – porém pouco me vanglorio disso –, mesmo que fosses o matador dos próprios irmãos, teus mais próximos parentes. Por isso sofrerás danação [480] no Inferno, por bom que seja teu juízo. Digo-te em verdade, filho de Ecglaf, que jamais Grendel teria realizado tantos feitos de horror, matador feroz e cruel, a despeito de teu senhor, humilhando-o em Heorot, se teu coração e tua alma fossem tão ardentes na guerra quanto tu mesmo contas. Ao contrário, ele [485] descobriu que não deve temer muito a ira vingadora nem a perseguição cruel com espadas da vossa gente, os Scyldings conquistadores! Coleta pedágio forçado, não poupa ninguém da gente dos daneses, e segue sua luxúria, mata e violenta, sem esperar vingança dos Daneses de Lança. Mas agora pouco falta [490] para que, em batalha, eu lhe oponha o poder e a valentia

dos gautas. Que volte quem puder, triunfante ao hidromel, quando a luz da manhã do dia seguinte, o sol em roupagens celestes, brilhar do sul sobre os filhos dos homens!”

Viveu então hora de júbilo o doador de ricos presentes, [495] encanecido, audaz na batalha. Príncipe dos gloriosos daneses, acreditou que o socorro era iminente. Pastor de seu povo, distinguira nas palavras de Beowulf o propósito inabalável de sua mente.

Ouviram-se risos de homens valentes, o ruído de cantos; doces eram as palavras. Wealhtheow, rainha de Hrothgar, [500] surgiu cônscia da cortesia. Adornada de ouro, saudou os homens no salão, e depois ofereceu a taça, nobre senhora, primeiro ao guardião do reino dos daneses orientais, e lhe desejou alegria ao beber a cerveja e o amor dos suseranos. Ele, rei vitorioso, com deleite partilhou o banquete e a taça repleta. Então a senhora [505]dos Helmings percorreu toda a hoste de um lado para o outro, oferecendo aos homens experientes e aos jovens as taças cobertas de joias, até que, no devido momento, ela, rainha cheia de anéis e de coração cortês, levasse até Beowulf a taça de hidromel, saudando o cavaleiro gauta e agradecendo a Deus com [510] palavras de sabedoria porque seu desejo fora atendido, de poder confiar em algum homem para consolo de suas angústias. Então ele recebeu aquela taça, guerreiro severo, junto à mão de Wealhtheow, e em seguida, com o coração inflamado pelo desejo de combater, disse belas palavras. Assim Beowulf, filho de [515] Ecgtheow, falou: “Este era meu propósito quando me pus sobre o mar e me assentei em meu navio entre minha companhia de cavaleiros: realizar por completo o desejo de vosso povo ou tombar entre os mortos, agarrado firme pelo inimigo. Hei de concluir um feito de bravura cavalheiresca, ou então neste salão [520] de hidromel aguardarei meu dia derradeiro!” Essas palavras muito agradaram à senhora, a

altiva declaração do gauta. Adornada de ouro retomou ela, bela rainha do povo, o assento junto ao seu senhor.

Depois disso, como antes, palavras valorosas foram ditas no [525] salão. A hoste estava em regozijo, houve clamor de gente triunfante, até que de repente o filho de Healfdene resolveu buscar o leito noturno. Sabia que um assalto contra aquele elevado salão estava planejado no coração do demônio desde as horas em que podiam ver a luz do sol até a noite sombria e as formas [530] da sombra envolvente virem deslizando sobre o mundo, escuras sob as nuvens. Toda a hoste ergueu-se. Então um homem saudou o outro, Hrothgar e Beowulf. Toda a sorte o rei lhe desejou, dando-lhe a guarda de sua casa de vinho, e estas palavras falou: “Nunca antes, desde que pude erguer mão e escudo, [535] a nenhum outro homem, senão a ti, aqui e agora, confiei a possante moradia dos daneses. Toma-a agora e guarda-a, a mais bela das casas! Recorda teu renome, demonstra teu poderio e valor, vigia contra nossos inimigos! Nada te faltará de teus desejos se realizares esse feito de valor e ainda assim viveres.” [540]

Então Hrothgar partiu, defensor dos Scyldings, saindo do salão com sua companhia de cavaleiros. Seu senhor guerreiro seguiu Wealhtheow, sua rainha, como companheiro de leito. O Rei da Glória, como os homens ouviram então, havia destacado um homem para guardar o salão contra Grendel. Esse homem [545] ocupava uma posição especial no serviço dos daneses, tendo assumido para si uma vigia contra seres monstruosos. Em verdade, o cavaleiro gauta confiava com segurança em sua força valorosa, a graça de Deus para ele. Então tirou a couraça de peças de ferro, e o elmo da cabeça, e deu a espada cravejada [550] de joias, melhor dentre as coisas feitas de ferro, ao escudeiro, e lhe pediu que cuidasse do seu equipamento de batalha. Em seguida o bravo homem, Beowulf dos gautas, falou palavras altivas antes de subir ao

leito: “Em minha estatura belicosa, não me considero nem um pouco mais desprezível em feitos de [555] batalha do que o próprio Grendel se considera. Portanto, não será com a espada que lhe darei o sono da morte, por muito bem que pudesse. Ele nada conhece de armas nobres para empunhar armamento contra mim ou golpear meu escudo, por muito que seja feroz em feitos selvagens. Ao contrário, nós dois esta noite [560] rejeitaremos a lâmina, se ele ousar recorrer ao combate sem armas, e então que o previdente Deus, o Santo Senhor, conceda a glória a quem bem lhe parecer.”

Deitou-se então esse homem valente, o rosto oculto no travesseiro até a bochecha, e em volta dele muitos bravos [565] aventureiros se estenderam nas camas dentro do salão. Nenhum deles acreditou que, um dia, iria voltar à doçura do lar, aos lugares fortificados da gente livre onde foram criados. Ao contrário, haviam aprendido que uma morte sangrenta naquele salão de vinho arrebatara, antes disso, inúmeros dentre a gente danesa. [570] Porém Deus lhes concedeu uma sorte vitoriosa em combate, a esses mesmos guerreiros gautas, verdadeiro socorro e auxílio, para que eles, pela proeza de um deles e por seu poderio singular, sobrepujassem o inimigo. É manifesta esta verdade, que o poderoso Deus governou a raça dos homens por todas as eras. [575]

Chegou, atravessando a noite escura, uma sombra ambulante. Dormiam os lanceiros, cujo dever era guardar o salão de empena. Todos, exceto um. Os homens bem sabiam que, se Deus assim não quisesse, o demônio salteador não teria força para arrastá-los às sombras. Mas ele, ali, acordado, a despeito do [580] inimigo, aguardava com o coração agitado o embate da guerra.

Ele então chegou caminhando da charneca, sob colinas enevoadas, Grendel. A ira de Deus estava sobre ele. Ladrão imundo, pretendia apanhar em cilada algum da raça dos homens dentro daquele alto salão. Debaixo de uma nuvem,

foi até o [585] lugar em que, sabia ele muito bem, ficava a casa do vinho, salão dos homens com armaduras brilhantes de ouro. Não era essa a sua primeira aventura buscando o lar de Hrothgar. Nunca, nos dias de sua vida, nem antes nem depois, encontrou guardas no salão com mais dura sorte. [590]

Ele então chegou à casa, uma forma humana viajando despojada do júbilo dos homens. Trancada com ferro forjado, a porta recuou de imediato quando deitou as garras nela. Sinistro e com o coração enraivecido, ele então abriu-a violentamente, escancarando a entrada da casa. Então o demônio caminhou [595] depressa sobre o chão de desenhos vivos. Prosseguiu, furioso, e seus olhos emitiam uma luz ímpia, muito semelhante à chama. Dentro da casa, avistou muitos homens dormindo, uma multidão de compatriotas lado a lado, um bando de cavaleiros jovens. Então seu coração riu. Pensou que antes de chegar a luz [600] do dia arrancaria, matador temível, a vida da carne de cada um daqueles, já que a esperança do banquete pleno se realizara. Não estava predestinado que após aquela noite ele pudesse devorar ainda outros da raça dos homens.

Ali, sisudo e forte, o parente de Hygelac observou como o [605] ladrão imundo, com suas garras ferozes, haveria de desempenhar seu papel. E que o matador não tinha intenção nenhuma de se atrasar, pois sem demora, já no primeiro assalto, agarrou um homem adormecido, desmembrando-o sem oposição, mordendo as juntas dos ossos, bebendo o sangue das veias, [610] empanturrando-se de grandes pedaços de carne crua. Rapidamente, transformou em comida toda aquela coisa inerte, até os pés e as mãos.

Passo a passo, avançou e chegou mais perto, e então agarrou com a mão o homem de coração audaz em seu leito. Contra ele o demônio estendeu a garra, e depressa o outro se [615] apoderou dela, e com ódio no coração o

escorou no braço. De imediato o mestre dos feitos malignos percebeu que jamais neste mundo, nos quatro cantos da Terra, topara com algum outro homem de mais possante aperto na mão. Teve medo de coração e alma, mas nem por isso pôde logo evadir-se. Seu desejo era fugir [620] às pressas, queria escapar para se esconder, em busca do bando do demônio. Ali, naquela hora, suas lides não eram como outras que antes tivesse encontrado em sua vida.

Então o bom cavaleiro, parente de Hygelac, lembrou-se de suas palavras ao anoitecer. Pôs-se de pé e atracou-se firme com [625] o outro. Dedos estalaram. O ogro fez menção de sair. Avançou o cavaleiro a passos largos. Gostaria o ser amaldiçoado, se assim pudesse, de ir livre ao longe e dali fugir para os vales dos pântanos. Sentiu o poder dos dedos no aperto de seu feroz inimigo. Fora uma jornada deplorável que o selvagem ladrão fizera a Heorot! [630]

Rumores enchiam o salão real. Sobre todos os daneses, moradores do vilarejo em volta, sobre cada audaz coração abateu-se um medo pavoroso. Estavam ambos furiosos, ferozes rivais pela posse da casa. No salão havia muito barulho. Foi grande prodígio, então, que aquela casa de vinho tenha resistido à batalha [635] deles sem ruir ao chão, bela moradia sobre a Terra. Mas havia sido firmemente trancada, dentro e fora, com amarras de ferro tramadas com astúcia. Ali onde combatiam em fúria, muitos bancos adornados de ouro, para beber hidromel, foram lançados dos seus lugares para o chão, assim conta o relato. Nunca antes os [640] conselheiros dos Scyldings haviam previsto que algum dentre os homens pudesse, da maneira que fosse, destruir sua beleza adornada de marfim, nem desmembrá-la com perícia, a não ser que o abraço do fogo a englobasse em trilha de fumaça. Um novo clamor erguia-se de tempos em tempos. Um medo pavoroso se [645] abateu sobre os daneses no norte, sobre cada um dos que, da muralha, escutava os gritos, o adversário de Deus

cantando sua canção medonha, não um canto de vitória, o prisioneiro do Inferno lamentando sua aflitiva ferida. Era mantido imóvel pelo mais forte de poderio do corpo naqueles dias da vida dos homens por aqui.

De nenhum modo esse capitão dos homens podia permitir que o hóspede mortífero escapasse com vida, nem considerava os dias de vida dele de qualquer utilidade para os homens. Ali muitos cavaleiros de Beowulf sacaram depressa as antigas lâminas, desejando defender a vida de seu senhor e mestre e príncipe renomado, se pudessem. Não sabiam, os jovens guerreiros de bravo coração, ao combater aquele combate, e por cada lado buscaram golpear o inimigo e transpassar-lhe os órgãos vitais: aquele perpetrador do mal não podia ser tocado por nenhuma espada de guerra do mundo, nem pela mais excelente arma de ferro; não podia porque lançara um encantamento sobre todas as armas vitoriosas e sobre cada lâmina. Esse dia da infeliz vida na Terra estava destinado a ser aquele em que despacharia sua alma, e o espírito forasteiro haveria de viajar longe, para o reino dos demônios. Agora percebeu, aquele que antes causara à raça dos homens muitos pesares do coração e injustiças – tinha uma rixa com Deus –, que o poderio de seu corpo de nada lhe adiantaria, mas que o valoroso parente de Hygelac o segurava pelo braço – a vida de cada um era odiosa para o outro. Agora esse feroz e horrendo matador suportava terrível dor no corpo. Uma enorme ferida estava à vista em seu ombro. Os tendões se separaram com um salto, as juntas de seus ossos se despedaçaram. A Beowulf foi garantido o triunfo em batalha. Dali, pois, Grendel teve de fugir, ferido de morte, para se esconder sob as encostas dos pântanos, buscando seus infelizes domínios. Assim soube com maior certeza que chegara o fim de sua vida, e que as horas de seus dias estavam contadas. O combate mortal terminara, e estava cumprido o desejo de todos os

daneses. Naquela hora, viera alguém de longe, sábio e inflexível de coração, purgara o salão de Hrothgar e o redimira da malevolência de [680] Grendel. Regozijou-se com seus feitos naquela noite, e na glória de sua proeza. O líder daqueles homens gautas realizara tudo o que prometera, altivo, diante dos daneses orientais, e ainda curara todo o pesar e a atormentadora pena que haviam sofrido antes e tiveram de suportar por necessidade, com não [685] pouco amargor. Um símbolo evidente disso foi quando o audaz guerreiro pôs a mão, o braço e o ombro sob o amplo teto: ali estava, inteiro, o membro agarrador de Grendel.

Então ouvi dizer que de manhã muitos cavaleiros belicosos se reuniram em volta do salão de seu patrono; os chefes da [690] gente vieram de longe e de perto, por caminhos distantes, para contemplar aquele prodígio e as pegadas do ser odiado. Nenhum pesar por ter ele partido da vida sentiu qualquer um desses homens que fitaram a trilha de sua fuga inglória, notando como, pesaroso de coração, arrastara os passos, sangrando a [695] vida, saindo dali derrotado e fadado à morte, até a lagoa dos demônios aquáticos. Ali as águas fervilhavam de sangue, e o terrível tumulto das ondas estava todo misturado com sangue quente, e fervia com o carmim da batalha. Ali dentro mergulhou, fadado a morrer, e, privado de alegrias em seu refúgio em [700] meio aos charcos, entregou a vida e a alma pagã. Ali o Inferno o recebeu. Dali os anciãos da corte, e também muitos jovens, retornaram de sua jornada alegre, voltando da lagoa em suas montarias com orgulho, cavaleiros em cavalos brancos. Ali foi relembrado o renome de Beowulf. Muitos homens, muitas [705] vezes, declararam que do sul ao norte, ou entre os dois mares, nenhum outro existia sob o céu circundante mais excelente entre os portadores de escudo, mais digno do comando real. Porém,

na verdade, em nada depreciaram seu senhor e patrono, o gracioso Hrothgar. Pelo contrário, bom rei ele era. [710]

Por vezes os valorosos guerreiros punham seus cavalos baios, de excelência renomada, a galopar e correr em rivalidade onde as trilhas sobre a terra lhes pareciam boas. Por vezes um servo do rei, homem carregado de altivas lembranças que guardava canções na memória e relembrava abundância e variedade de [715] contos de antanho – palavra seguindo palavra, cada uma de fato ligada à outra –, esse homem, por sua vez, começava com habilidade a tratar da demanda de Beowulf e a exprimir em versos fluentes sua pronta história, entretecendo palavras. Relatou tudo o que ouvira contar a respeito das obras de proeza de Sigemund, [720] muitos estranhos relatos, os árduos feitos do Wælsing e suas aventuras por toda parte, feitos de vingança e de inimizade, coisas que os filhos dos homens não conheciam plenamente, exceto Fitela, que estava com ele. Naqueles dias, costumava contar algo de tais assuntos, irmão, ao filho de sua irmã, visto que sempre [725] foram companheiros de necessidade em todos os apertos desesperados – muitos e muitos da raça dos gigantes haviam eles abatido pela espada. Pois Sigemund, após o dia de sua morte, não pouca fama conheceu em toda parte, já que ele, sólido na batalha, matara a serpente, a guardiã do Tesouro. Sim, ele, filho de [730] casa nobre, a sós sob a rocha coberta de geada, ousara um feito arriscado. Fitela não estava com ele. Ainda assim, foi sorte sua que a espada transpassasse a serpente de estranha forma e se fixasse na parede, excelente lâmina de ferro. O dragão morreu morte cruel. O feroz matador, por sua bravura, podia desfrutar [735] como quisesse daquele acúmulo de anéis. Carregou o barco no mar e trouxe ao seio de sua nau os brilhantes tesouros, descendente dos Wæls era ele. O dragão derreteu em seu próprio calor.

Por toda parte, foi ele o mais renomado dos aventureiros, entre as gentes da humanidade, por suas obras de proeza, aquele [740] príncipe dos guerreiros – foi por isso que se tornou grande no passado –, depois que o valor de Heremod, seu poder e sua proeza haviam minguado, e ele, nas terras dos jutos, foi traído, entregue aos inimigos e depressa enviado à morte. Por longo tempo as marés do pesar se abateram sobre ele; tornou-se aflição [745] mortal para seu povo e todos os seus nobres. Porém, nos tempos de outrora, muitos sábios costumavam lamentar o exílio daquele homem de coração inflexível, em quem haviam confiado para a cura de seus males, crendo que aquele filho do seu rei haveria de progredir em virtude e herdar as qualidades do pai, manter [750] bem o povo, os tesouros e o baluarte cercado de seus vassalos, a terra dos Scyldings. Mas ali entre eles o parente de Hygelac havia se mostrado mais agradável aos olhos de todos os homens e de seus amigos. O coração do outro fora presa da maldade.

A intervalos, novamente, rivalizando-se em suas montarias, [755] avaliaram as estradas poeirentas. A luz da manhã, com pressa, já estava bem avançada em seu curso. Muitos cavaleiros de coração valente foram àquele alto salão para ver o estranho prodígio. Também o próprio rei, vindo do aposento, guardião de um estoque de anéis, conhecido pela generosidade, caminhou em [760] majestade entre a grande companhia, e, junto a ele, a rainha com seu séquito de donzelas percorreu o caminho até o salão de hidromel. Hrothgar falou – ele chegara ao salão, estava de pé nos degraus e contemplava o íngreme telhado, brilhando com ouro, e a mão de Grendel: “Por esta visão demos graças [765] prontamente a Deus Onipotente. Muito mal e muitos pesares suportei de Grendel. Possa Deus sempre realizar milagre após milagre, Senhor da Glória! Bem pouco tempo faz que eu não mais esperava, em toda a minha vida, encontrar a cura para algum dos meus pesares,

quando esta, a melhor dentre as casas, estava [770] manchada de rubro e gotejava com sangue fresco. Era um desgosto que alcançava longe cada um de meus conselheiros, que não esperavam jamais, no mundo, defender este baluarte da gente da terra contra a malícia dos demônios e diabos. Agora um jovem, pelo poder do Senhor, fez um ato que nenhum dentre [775] nós, com nossa sabedoria, foi capaz de realizar. Eis aí! Isso ela pode dizer, se viver ainda, aquela que entre as mulheres deu à luz este filho entre os povos da Terra, que o Deus eterno lhe concedeu graça em seu parto! Agora, Beowulf, o melhor dos homens, tratar-te-ei com carinho em meu coração, como a um [780] filho. Daqui em diante mantém bem este novo parentesco. Nada te faltará de teus desejos neste mundo, daqueles que estão em meu poder. Muitas vezes, por menos, concedi recompensa e dádivas honrosas de meu tesouro a homens mais humildes e menos ávidos em combate. Conquistaste para ti, com teus próprios [785] feitos, que tua glória viva para sempre em todas as eras. Que o Onipotente te recompense com o bem, assim como fez até agora!”

Falou Beowulf, filho de Ecgtheow: “Com toda a boa vontade, realizamos esse feito de proeza em batalha, e enfrentamos a perigosa força do ser desconhecido. Porém, desejaria que tu o [790] visses aqui, o próprio Grendel, teu inimigo ataviado com o sofrimento da morte! Eu queria com fortes amarras atá-lo rápido ao leito de morte, para que, pelo aperto das minhas mãos, ele fosse forçado a jazer lutando pela vida, se o corpo dele não me tivesse escapado. Não pude evitar sua fuga, não foi essa a [795] vontade de Deus. Não me agarrei com força suficiente ao meu adversário mortal. Era demasiadamente avassalador o poder desse demônio ao movimentar o corpo. Ainda assim, abandonou em seu caminho a mão, o braço e o ombro. Mas de nenhuma forma aquele infeliz obteve alívio. Ele não há

de viver mais [800] tempo por isso, autor de sérios males, atormentado pelos pecados. Ao contrário, a dor o agarra firme em aperto do qual não consegue fugir, em amarras de angústia. Manchado de pecado, ele precisa aguardar o grande Dia do Juízo e a sentença que o luminoso Juiz lhe imporá.” [805]

Então o filho de Ecglaf foi homem mais moderado em palavras e falas de bravata sobre seus feitos de guerra, agora que a companhia real, pelo valor de Beowulf, erguia os olhos ao elevado teto, à mão e aos dedos de seu inimigo. Na ponta, cada uma das sólidas garras era muito semelhante ao aço, atrozes e [810]cruéis eram os aguilhões na mão daquele ser selvagem. Todos concordavam em que nada havia tão duro, nenhum ferro testado desde outrora, que o atingisse de modo a ferir a mão assassina desse demônio, manchada de sangue.

Ordenou-se então que depressa Heorot fosse adornado por [815] dentro pelas mãos dos homens. Muitos ali, homens e mulheres, enfeitaram aquele salão de folguedo e boas-vindas. Tapeçarias luzindo com ouro brilhavam ao longo das paredes. Muitas coisas admiráveis para serem vistas por todos aqueles que apreciam contemplar tais objetos. No interior, aquela casa brilhante estava [820] seriamente destruída, as dobradiças das portas arrancadas de suas barras de ferro; só o teto não havia sofrido nenhum dano, quando o feroz matador, manchado de feitos malignos, se voltou para fugir, desesperado da vida. Não é coisa fácil escapar – quem quiser que se esforce. Ao contrário, há de chegar a um lugar a ele [825] destinado pela sina inevitável, preparado para todos os que têm vida, filhos dos homens que habitam a Terra, onde seu corpo, imóvel no leito de repouso, há de dormir após o banquete.

Já era tempo e hora, e o filho de Healfdene foi até o salão. O próprio rei participaria do banquete. Nunca ouvi dizer que [830] um povo se apinhasse mais numeroso, nem

que se portasse com mais garbo do que esse em torno de seu senhor e amigo. Então foram com esplendor até seus assentos, regozijando-se na fartura. Tomaram, como convinha, muitas taças de hidromel. Estavam cheios de coragem os corações dos parentes naquele salão [835] altivo, Hrothgar e Hrothulf. Heorot estava repleto de amigos. Até aquele momento, os Scyldings não cometiam nenhum tipo de traição. Então o filho de Healfdene deu a Beowulf uma insígnia dourada como prêmio pela vitória, um estandarte bordado num bastão, um elmo e uma couraça. Muitos ali viram [840] uma espada renomada e prezada ser posta diante do guerreiro. A taça, Beowulf recebeu ali no salão; não teve necessidade de se envergonhar das riquezas que lhe foram concedidas diante dos arqueiros reunidos. Segundo ouvi contar, poucos homens jamais deram a outro, sentados a beber, de modo mais amável, [845] quatro presentes tão preciosos. Ao redor da copa do elmo, a crista envolta de fio metálico protegia a cabeça por fora, de modo que nenhuma espada que sai da lima do ferreiro, endurecida na chuva de golpes, poderia feri-la cruelmente quando o guerreiro, ávido sob o escudo, avançasse contra os inimigos. [850] Então o senhor dos homens mandou que oito cavalos de freio e brida revestidos de ouro fossem trazidos ao salão, em meio à corte. Sobre um deles havia uma sela adornada de cores graciosas, rica de gemas – fora o assento de batalha do grande rei, nos dias em que o filho de Healfdene brincava no jogo das espadas. [855] Jamais a bravura daquele senhor de longínqua fama fracassara na frente de guerra, quando tombaram os homens abatidos. E nessa hora o guardião dos Servos de Ing (daneses) concedeu a Beowulf a posse de ambas, das armas e das montarias, e ordenou que bem as usasse. Assim, de modo bem varonil, o [860] renomado rei, rico senhor dos homens, recompensou os impetuosos feitos de batalha com tesouros e cavalos, de forma tal que nenhum homem que justamente fale a verdade nele encontre defeito. Ademais, o senhor dos

homens deu a cada um dos que haviam atravessado o mar com Beowulf, ali onde estavam [865] sentados bebendo hidromel, um rico presente e legado, e mandou que com ouro fosse paga a compensação por aquele que Grendel malignamente matara – como teria matado mais, não tivessem o Deus previdente e a coragem daquele homem afastado deles a sina. Deus era então senhor de toda a raça dos homens, [870] como é ainda. Por isso o juízo e o coração que reflete são os melhores em toda hora e lugar. Muito tem de suportar, doce e amargo, quem aqui por muito tempo, nestes dias de infortúnio, desfruta da vida no mundo!

Soaram canções e as vozes dos homens reunidos diante do [875] líder da hoste de Healfdene. Ali a harpa foi tocada com alegria, e foram relembradas muitas canções. Então, como era o seu ofício, o menestrel de Hrothgar iniciou um conto do agrado dos que, nos bancos, bebiam seu hidromel no salão. Contou sobre os filhos de Finn. Quando foram subitamente [880] atacados, o herói dos meio-daneses, Hnæf dos Scyldings, tombou, por sina, no massacre frísio. Na verdade, Hildeburg tinha poucos motivos para louvar a lealdade dos jutos. Não foi por falha dela que foi privada de seus entes queridos no embate dos escudos, de irmãos e filhos. Tombaram conforme sua sina, [885] abatidos pela lança. Pesarosa senhora foi ela! Não sem motivo, essa filha de Hoc lamentou o decreto da sina, naquela manhã em que pôde contemplar, à luz do dia, o cruel assassinato de sua família. Ali onde Finn antes desfrutara a maior ventura mundana, ali também a guerra o privara de todos os [890] campeões, com exceção de poucos, para que de nenhum modo, naquele campo de embate, pudesse disputar até o fim a luta com Hengest, nem em batalha arrebatar do capitão do príncipe o triste remanescente. Ao contrário, propuseram-lhe termos pelos quais ele lhes liberaria outra corte, tanto o salão quanto o [895] trono; que eles haveriam

de ter a posse de metade daquilo, partilhando com os filhos dos jutos; e que na doação dos tesouros o filho de Folcwalda deveria honrar os daneses todos os dias, deveria agradar à companhia de Hengest com anéis e joias reservadas, revestidas de ouro, nem um pouco menos do que [900] costumava fazer no salão da bebida para encorajar os homens da raça frísia.

Assim, de ambos os lados, selaram um tratado de paz compromissório. A Hengest, Finn declarou plenamente e sem reserva, com juras solenes, que, seguindo a orientação de seus [905] conselheiros, haveria de tratar com honras os tristes remanescentes (do combate) e que ninguém jamais haveria de recordá-lo, mesmo que servissem ao matador daquele que antes lhes dera anéis, já que estavam sem senhor; tal era a sua privação. Se, além disso, algum dos homens da Frísia relembrasse [910] aquele embate mortal com palavras de queixume, isso deveria ser expiado pelo fio da espada.

Prepararam uma pira e trouxeram o ouro reluzente do tesouro. O melhor dentre os heróis, na batalha dos guerreiros Scyldings, foi colocado sobre a pira fúnebre. Nesta estavam, [915] bem à vista, a couraça embebida de sangue, a crista em forma de porco toda feita de ouro, o javali duro como ferro, muitos senhores destruídos pelas feridas – cada um deles tombara naquele massacre! Então Hildeburg pediu que seu próprio filho fosse entregue às chamas na pira de Hnæf, para que ali [920] queimassem os ossos dele, pondo-o sobre a pilha fúnebre ao lado do tio. A senhora enlutada pranteou-os cantando. O guerreiro foi erguido ao alto. Subiu rodopiando até as nuvens o mais possante dos fogos destruidores, rugindo diante da colina tumular. Consumiram-se suas cabeças, rebentaram suas feridas [925] escancaradas, as cruéis lesões do corpo, e o sangue jorrou. A chama devorou a todos, o mais faminto

dos espíritos, a todos os que, naquele lugar, a guerra tirara de ambos os povos: sua glória se esvaíra.

Então os guerreiros, privados dos amigos, partiram para [930] olhar suas moradas, para ver a terra frísia, seus lares e a cidade majestosa. Hengest ainda morou com Finn naquele inverno tingido de sangue, mantendo plenamente sua palavra. Pensava em sua própria terra, apesar de não poder impelir por sobre o mar a nau de bico recurvo. As profundezas se agitavam com a [935] tempestade e lutavam contra o vento. O inverno imobilizou as ondas em amarras gélidas, até que outro ano chegasse às moradas dos homens, assim como chegam ainda os tempos gloriosamente belos que, inalteráveis, observam as estações. Já havia passado o inverno, e era belo o seio da terra. O eLivros, o [940] hóspede de Finn, estava ávido por partir daquelas cortes. Ali pensou mais na vingança por sua dor do que na travessia do mar, ponderando se outra vez haveria de promover um choque de cólera em que, em seu coração, recordasse os filhos dos jutos. Por isso, não recusou a homenagem (que compromete todos os homens) [945] quando o filho de Hunlaf deitou a Luz da Batalha, a melhor das espadas, em seu colo. Seus gumes, os jutos os conheciam muito bem! E assim também, por sua vez, a cruel destruição pela espada se abateu sobre Finn em seu próprio salão, quando Guthlaf e Oslaf, após sua jornada no mar, relataram seu pesar e [950] aquele ataque mortífero e se queixaram da sua sina lamentável. O espírito inquieto dentro do peito não podia ser refreado. Então aquele salão ficou rubro com o sangue vital de seus inimigos. Finn também foi morto, o rei em meio a sua companhia, e a rainha, aprisionada. Os arqueiros dos Scyldings [955] levaram para seus navios toda a fortuna da casa daquele rei da Terra, tudo o que puderam encontrar de joias e gemas habilmente trabalhadas. Pelos caminhos do mar levaram

aquela senhora real à terra dos daneses, e a seu povo a devolveram.

A balada foi cantada, o conto do menestrel chegou ao fim. [960] Outra vez ouviu-se feliz algazarra, alto e claro o som do folguedo nos assentos. Os portadores de taças serviam vinho em recipientes de admirável feitura. Surgiu então Wealhtheow e, envergando muitos anéis de ouro, foi até onde estavam sentados esses homens altivos, tanto o tio quanto o filho do irmão. [965] Ainda havia o amor de parentesco entre eles, e eram fiéis um ao outro. Ali também Unferth, sábio do rei, estava assentado aos pés do senhor dos Scyldings. Cada um deles confiava no seu temperamento, no seu coração pujante, ainda que não tivesse sido compassivo com sua gente no jogo de espadas. [970]

Falou então a senhora dos Scyldings: “Recebe agora esta taça, caro senhor meu, doador de ricos presentes. Tenhas uma hora feliz, tu de quem os homens recebem amor e dádivas de ouro, e fala aos gautas com palavras amáveis, como convém a um homem. Sê gentil com os gautas, e não te esqueças de dar [975] dessas coisas que tens agora, colhidas de perto e de longe. Ouvi dizer que tencionavas tomar por filho esse guerreiro. Eis que Heorot está purificado, este salão reluzente onde são distribuídos os anéis. Dispõe, enquanto ainda podes, de muitas recompensas e deixa aos parentes, depois de ti, tua gente e teu reino, quando [980] tiveres de partir para contemplar teu destino. Bem conheço Hrothulf, meu bom sobrinho, que com honra tratará nossos jovens se tu, caro mestre dos Scyldings, deixares este mundo antes dele. Creio que com o bem há de recompensar nossos filhos, se recordar todos esses feitos que de graça lhe fizemos, [985] para seu prazer e sua honra, enquanto ainda era criança.”

Dirigiu-se então ao assento onde seus filhos, Hrethric e Hrothmund, e os filhos de homens poderosos, todos eles jovens guerreiros, estavam reunidos. Ali estava sentado, junto aos seus dois irmãos, o bravo coração, Beowulf dos gautas. A ele [990] foram oferecidas a taça e amizade com belas palavras, e foi trazido o ouro trabalhado com toda a boa vontade, dois braceletes, um manto, e anéis, e o mais forte torque que jamais ouvi dizer que um homem na Terra levasse ao pescoço. À luz do dia, nunca ouvi os homens contarem de mais rico tesouro nas arcas [995] dos poderosos desde que Hama levou à clara cidade o colar dos Brosings, joias e vasos preciosos. Fugiu do ódio envolvente de Eormenric e escolheu os conselhos da fé eterna. Hygelac, rei dos Gautas, do sangue de Swerting, aquela faixa usava no derradeiro dia em que, sob o estandarte, defendeu seus tesouros e [1000] lutou pelo espólio da batalha. O destino o levou porque, em sua altivez, desafiara sua própria ruína e a inimizade do povo frísio. Ele então levou aquele belo objeto de pedras preciosas por sobre o bojo do mar, rei poderoso. Sob seu escudo, ele tombou. Assim, ao domínio do franco chegou então a vida do [1005] rei, a armadura em seu peito e também aquele colar. E ali guerreiros, mesmo de menor proeza em armas, despojaram os mortos quando os golpes da batalha haviam cessado. A gente dos gautas foi abandonada no campo dos abatidos.

O salão encheu-se de clamor. Wealhtheow pronunciou estas [1010] palavras, diante de toda aquela hoste: “Mantém e usa de modo bom, para teu bem, este objeto precioso, jovem e querido Beowulf, e para tua própria alegria toma este manto, coisa prezada entre esta gente, e prospera muito! Mostra-te em valentia e sê gracioso em teus conselhos a estes filhos meus. Por isso meu [1015] coração lembrar-se-á de te recompensar. Conseguiste ser estimado pelos homens, longe e perto, por todas as eras, tão amplamente como o mar circunda os tempestuosos muros

da Terra. Sê abençoado, ó príncipe, enquanto tua vida durar! Desejo-te de bom coração opulência de coisas preciosas. Sê bondoso [1020] nos feitos com meus filhos, de posse de dias de júbilo! Neste lugar todo bom homem é fiel a seu companheiro, afável de coração, leal a seu suserano. Com unanimidade, os servos do rei, o povo todo está submetido à sua vontade, seus guerreiros repletos de vinho. Faz o que te peço!” [1025]

Voltou ela então ao seu assento. Foi o mais fino dos banquetes, e os homens bebiam ali seu vinho; não conheciam sina austera, determinada desde outrora, como já sucedera a muitos daqueles bons homens. Assim que chegou o anoitecer, Hrothgar, o poderoso, partiu para seu aposento e seu leito. O salão [1030] foi vigiado por uma incontável hoste de homens, como muitas vezes antes acontecera. Retiraram os bancos de tábuas de madeira e ao longo de todo o salão foram estendidas camas e travesseiros. Sobre os que ali beberam o hidromel agora o destino pairava bem próximo, ao se deitarem nos seus leitos no chão. [1035] Às suas cabeças puseram os escudos belicosos, tarjas feitas de madeira e vivamente brasonadas. Ali, em cada banco, estavam bem visíveis, sobre cada cavaleiro, o elmo que usara erguido em batalha, sua cota de malha de anéis, sua lança valorosa no tumulto da guerra. Raramente estavam despreparados para o [1040] assalto, fosse em casa ou em meio à hoste, ou em qualquer outra situação, mesmo nas horas em que a necessidade acometesse seu suserano – era valiosa aquela companhia!

Caíram então no sono. Um deles pagou aflitivamente por seu descanso naquela noite, como com muita frequência lhes [1045] tinha acontecido no tempo em que Grendel habitara naquele salão dourado e ali cometera crimes, mesmo até chegar seu fim, sua morte após seus feitos malignos. Foi anunciado e publicado em toda parte,

entre os homens, que uma vingadora, sucessora do inimigo, ainda viveria muito tempo depois daquele [1050] pesaroso combate: a mãe de Grendel, ogra, feroz destruidora em forma de mulher. A desgraça estava em seu coração, ela que teve de morar nas águas terríveis e nas frias correntezas desde que Caim, com a espada, se tornou matador de seu único irmão, parente pelo sangue de seu pai. Depois disso, ele partiu como [1055] proscrito marcado pelo assassinato, esquivando-se ao júbilo dos homens, habitando no ermo. Dali originaram-se muitas criaturas há muito condenadas. Uma delas era Grendel, proscrito pelo ódio como o lobo mortal, que em Heorot encontrara alguém que, desperto, aguardava o combate. Ali o feroz [1060] matador o agarrara, mas ele recordava o poder de sua valentia, a dádiva que Deus generosamente lhe outorgara, e confiava no Deus Único para misericórdia, socorro e auxílio. Destarte derrotou esse demônio e abateu a criatura do Inferno. Assim, o inimigo dos homens partiu humilhado, privado de seu triunfo, [1065] para contemplar a casa de sua morte. E agora, mais uma vez, sua mãe, de coração impiedoso e faminta, se dispôs a sair em jornada repleta de pesar para vingar a morte do filho.

Chegou assim a Heorot, onde os Daneses dos Anéis dormiam espalhados ao longo do salão. De repente, os antigos [1070] males retornaram àqueles cavaleiros quando a mãe de Grendel se insinuou entre eles. O terror foi menor, na medida em que se tratava do poder das mulheres, do terror de uma mulher em combate comparada a um homem armado, quando a espada de punho envolto em fio de metal, forjada pelo martelo, com [1075] o gume manchado de sangue a escorrer, de fio confiável, racha a crista oposta do javali no alto do elmo. Eis que no salão, ao longo dos bancos, foram sacadas espadas de fio resistente, muitos escudos grandes tomados à mão e erguidos bem alto. Nenhum dos homens se lembrou do elmo, nem da longa

couraça, [1080] quando aquele horror os acometeu. Ela tinha pressa. Pretendia sair e escapar para salvar sua vida, agora que fora descoberta. Depressa e com firmeza, agarrara um daqueles nobres cavaleiros, ao partir para o pântano. A Hrothgar, ele era o mais caro de todos os seus homens valentes entre os Dois Mares, [1085] ocupando uma alta posição na sua corte; altivo, portara o escudo na batalha aquele que agora ela despedaçava em seu leito, um homem de honra confirmada. Beowulf não estava ali, pois ao glorioso cavaleiro gauta outro alojamento fora concedido após a entrega dos presentes. [1090]

Um clamor ergueu-se em Heorot. Sob a escuridão que a encobria, ela levou o braço tão bem conhecido. O pesar renovou-se e voltou àquelas habitações. Maligna foi essa permuta, que fez ambos os lados trocarem as vidas de homens queridos! Estava pesaroso o rei, maduro em sabedoria, guerreiro de cabelos [1095] encanecidos, sabendo que seu principesco servo não mais vivia, e que estava morto o mais amado dos homens. Depressa Beowulf, o guerreiro a quem a vitória abençoara, foi convocado ao aposento do rei. Ao romper da aurora, ele, nobre campeão cercado de bons homens, dirigiu-se, junto com seus companheiros, ao lugar [1100] onde o sábio rei aguardava, pensando se o Deus Onipotente algum dia, após as notícias aflitivas, haveria de lhe conceder algum alívio. Foi caminhando, atravessando o piso – as madeiras do salão ecoaram –, aquele homem mui experiente em armas, em meio à sua comitiva, e ali dirigiu a palavra ao sábio senhor dos [1105] Amigos de Ing, indagando se tivera repouso, como desejara.

Respondeu Hrothgar, guardião dos Scyldings: “Não peças notícias de horas felizes! O pesar chegou outra vez à gente dos daneses. Morto está Æschere, irmão mais velho de Yrmenlaf. Meus conselhos eram dele e a sabedoria dele era minha: estava [1110] à minha mão direita quando no

campo fatal defendemos nossas vidas, quando as fileiras se chocaram em batalha e as cristas de javali ressoaram. Assim deveria ser um bom homem, de nobre estirpe, longamente testado em feitos, como Æschere! Em Heorot, a morte o assaltou pelas mãos de um ser assassino [1115] errante. Não sei se ela voltou sobre seus passos, olhando pavorosamente a presa, exultante por ter enchido o ventre. Vingou aquele feito de guerra, quando, ontem à noite, tu abateste Grendel violentamente com tua firme empunhadura, por ter ele por muito tempo dizimado e destruído minha gente. Ele [1120] tombou em batalha, perdendo o direito à vida, e agora outra chegou, poderosa agente de um mal cruel. Pretendia vingar a família, e de fato levou longe a contenda, como bem podem ver muitos cavaleiros que em seu coração pranteiam aquele que lhes concedeu recompensas: um luto amargo, de transpassar o [1125] coração. Agora está imóvel a mão que outrora servia para executar em prol de vós (ó cavaleiros) todas as coisas que desejáveis.

“Isto ouvi contar os que habitam o país, meus vassalos, tributários em seus salões. Disseram que haviam visto dois poderosos perseguidores dos lugares externos que vigiavam as [1130] charnecas, criaturas extraordinárias. Um deles, na medida em que podiam distinguir claramente, tinha forma de mulher, e a outra desgraçada criatura pisava em forma de homem os caminhos do exílio, apesar de ser maior do que qualquer outro ser humano. Este, nos dias de outrora, fora chamado de Grendel [1135] pelos habitantes da Terra. Dele não conheciam o pai, nem sabiam se outro antes fora gerado por ele entre os demônios das trevas. Numa terra oculta, eles vivem nas colinas assombradas por lobos, em penhascos tempestuosos, nas perigosas passagens dos pântanos, onde a torrente da montanha desce sob as [1140] sombras das escarpas, um rio sob a terra. Não é longe daqui, pela medida das milhas, onde fica essa lagoa sobre a

qual pendem moitas congeladas, e uma mata agarrada pelas raízes faz sombra na água. Todas as noites, pode-se ver ali um soturno prodígio, um fogo sobre as águas. Não vive ninguém tão sábio entre os [1145] filhos dos homens que conheça sua profundidade. Mesmo que, atormentado pelos cães, aquele que vagueia pela charneca, o cervo forte de chifres, possa buscar essa mata quando o caçam desde longe, mais prontamente entregará a vida e o fôlego na costa do que ali entrará para esconder a cabeça. Não é [1150]agradável esse lugar! Dali o tumulto das ondas se ergue sombrio até as nuvens, quando o vento desperta fétidas tempestades até os ares se tornarem tenebrosos e os céus chorarem.

"Agora, mais uma vez, a esperança de auxílio depende apenas de ti. Ainda não conheces a morada nem o lugar perigoso [1155] onde podes encontrar essa criatura manchada de pecado. Busca-a, se ousares! Por esse ataque recompensar-te-ei com riquezas, com coisas antigas e preciosas, como fiz antes, até com ouro torcido, se escapares em segurança."

Respondeu Beowulf, filho de Ecgtheow: "Não te aflijas, ó [1160] sábio! Para todos os homens, é melhor vingar o seu amigo do que lamentar demais. Para cada um de nós, a seu tempo, chegará o fim da vida no mundo. Quem puder, que conquiste glória antes de morrer. Nada melhor o bravo cavaleiro pode deixar para trás quando jaz morto. Ergue-te, ó senhor deste reino! [1165] Vamos depressa olhar a pegada da parente de Grendel. Isto eu te juro: em nenhum refúgio ela há de se esconder jamais, nem no seio da terra, nem na floresta da montanha, nem nas profundezas do mar, aonde quer que vá! Durante este dia, tem paciência em todos os pesares, como sei que terás!" [1170]

Então o idoso rei se ergueu de um salto e deu graças a Deus, o Senhor Poderoso, pelas palavras do outro. Em seguida foi arreado um cavalo para Hrothgar, um corcel de

crina trançada, e partiu o sábio príncipe com bela tropa, na companhia de seus guerreiros, portando escudos. Ao longe, sobre as trilhas que [1175] cruzavam as matas, era fácil ver as marcas dos pés dela, sua rota sobre as terras, seu caminhar reto sobre a obscura charneca, carregando o melhor dos cavaleiros que governara sua casa ao lado de Hrothgar, um cadáver sem vida. E agora os homens de nobre raça venciam íngremes ladeiras pedregosas, estreitas trilhas [1180] e sendas por onde só passava um homem, desciam por caminhos desconhecidos e cruzavam penhascos precipitados e muitas casas de demônios das profundezas. Com alguns poucos caçadores, um deles seguiu na frente para vasculhar a região, até que de súbito topou com as árvores montanhesas debruçadas sobre [1185] a rocha gélida, uma floresta infeliz. Água manchada de sangue, revolta, assomava lá embaixo.

Para todos os daneses, vassalos dos senhores Scyldings, para o coração de muitos cavaleiros, foi penoso suportar e dolorido para todos os bons homens quando ali, sobre o penhasco acima [1190] do abismo, encontraram a cabeça de Æschere. A água encapelava-se com sangue coagulado, sangue ainda quente. Eles a olharam fixamente. Muitas e muitas vezes, a trompa fez um insistente chamado à hoste. As fileiras de homens sentaram-se. Então viram na água muitos seres da espécie das serpentes, [1195] estranhos dragões do mar, vagando pela correnteza, e demônios das profundezas deitados sobre as encostas salientes, os mesmos que nas horas médias vigiam os que viajam ansiosos pelas trilhas da navegação, serpentes e bestas indômitas.

Voltaram a mergulhar, cheias de furor e de ódio. Haviam [1200]escutado o barulho das trompas de guerra ressoando. Um deles o chefe gauta, com uma flecha do seu arco, privou da vida e da labuta nas ondas, pois a seta dura e mortal se fixou em suas entranhas. Por isso foi menos rápido a nadar

nas profundezas, visto que a morte o colhera. De imediato foi atacado e [1205] dolorosamente assaltado entre as ondas, com lanças de javali de farpas cruéis, e arrastado para o penhasco saliente, monstruoso agitador das ondas. Os homens que ali estavam contemplaram aquele ser estranho e terrível.

Com arnês de guerreiro Beowulf se trajou. Nem um pouco [1210] se preocupou com sua vida. Então teve de provar a corrente a longa couraça, tecida para o combate pelas mãos de ferreiros e astuciosamente enfeitada, veste adequada para lhe proteger a estrutura corporal, para que os golpes da guerra e a garra feroz do inimigo furioso não lhe ameaçassem a vida. Mas a cabeça [1215] era protegida pelo elmo branco, que agora era usado para agitar os recantos profundos da lagoa, buscando as torrentes em redemoinho. Era enfeitado de ouro e afivelado com ricas correntes, assim como um armeiro outrora o fizera, modelando-o de forma maravilhosa, colocando nele imagens de javali, para que [1220] depois nenhuma lâmina nem espadas de combate pudessem rachá-lo. Não era de se menosprezar esse objeto entre os poderosos implementos que o sábio de Hrothgar lhe cedera na necessidade. Hrunting era o nome daquela lâmina empunhada, que se destacava entre os objetos antigos e preciosos. Sua [1225] lâmina de ferro, endurecida no sangue da batalha, tinha gravado o desenho de um ramo de veneno. Na guerra, jamais traíra o homem que a tivesse tomado em mãos, que tivesse ousado realizar arriscadas investidas contra os inimigos no campo de batalha. Não era a primeira vez que lhe exigiam feitos valorosos. [1230] Em verdade, o filho de Ecglaf, poderoso e valente, não recordava o que dissera antes, quando, repleto de vinho, cedera aquela arma a um espadachim mais valoroso do que ele. Ele próprio não ousava arriscar a vida e realizar façanhas sob as ondas revoltas. Abriu mão da glória por feitos heroicos. Não o

outro, que [1235]agora estava pronto para o combate. Beowulf, filho de Ecgtheow, falou: “Não te esqueças, ó renomado filho de Healfdene, sábio príncipe de quem os homens recebem amor e presentes de ouro, agora que me atiro à minha aventura, do que antes foi combinado entre nós: se por tua causa eu tiver de perder a [1240] vida, faz para mim sempre o papel de pai quando eu me for. Protege os cavaleiros que me seguem, os companheiros ao meu lado, se a batalha me levar. E manda também a Hygelac as preciosas dádivas que me deste, amado Hrothgar. Então, com esse ouro, que o filho de Hrethel, senhor dos gautas, ao [1245] contemplar esse tesouro, possa perceber e compreender que, tendo encontrado um doador de anéis, um senhor dotado de generosa virtude, mereci sua generosidade enquanto pude. E que Unferth, esse homem de grande renome, receba de volta seu antigo legado, sua espada habilmente adornada de linhas fluentes e com [1250] duro gume. Para mim, hei de conquistar glória com Hrunting, ou a morte me leve!”

Após dizer essas palavras, o príncipe dos gautas amantes do vento avançou às pressas, destemido, sem esperar resposta. O mar encapelado tragou o audaz guerreiro. Depois, passou-se [1255] uma longa hora do dia antes que ele pudesse divisar o fundo plano. De imediato, a criatura que, com ânsia cruel, faminta e impiedosa, durante cem estações dominara o reino aquático, deu-se conta de que lá de cima descera um homem para espiar a morada dos seres inumanos. Agarrou-o, então, segurando [1260] com as horrendas garras o audaz guerreiro. Nem um pouco ela feriu o corpo dele, ileso por dentro; a malha de anéis o defendia, de forma que ela não conseguia perfurar com seus dedos cruéis a camisa de elos maleáveis que o protegia na refrega. Então aquela loba das ondas, descendo ao fundo do mar, [1265] levou o príncipe trajado de malha à sua própria habitação. Ele não conseguia empunhar suas

armas – e encolerizou-se com isso! –, de forma que muitos monstros estranhos o golpearam com fúria enquanto nadavam, e muitos animais do mar com cruéis presas atacaram a sua cota de malha; ferozes destruidores [1270] o acossaram.

Percebeu então o bom homem que estava numa espécie de salão abismal, não sabia bem o que era, no qual nenhuma água lhe causava dor, nem a súbita investida da torrente o tocava, em virtude do recinto abobadado. Viu ali uma luz como de fogo, [1275] com chamas brilhantes que luziam forte. Então o garboso homem percebeu a monstruosa mulher do mar, como uma loba proscrita das profundezas. À espada belicosa conferiu enorme força, e sua mão não refreou o golpe; e sobre a cabeça dela a arma enfeitada de anéis cantou sua lasciva canção de guerra. [1280] Logo o invasor descobriu que a espada, reluzente em combate, ali não haveria de cortar nem ameaçar a vida dela. Ao contrário, a lâmina, que antes suportara muitos embates de golpes, que com frequência fendera o elmo e o arnês dos condenados, fracassou quando o príncipe se viu em apuros. Foi a primeira [1285] aventura da arma, cara e preciosa, em que sua glória tombou.

Prosseguiu no ataque, ele que não perdia a valentia, recordando seus feitos renomados, esse parente de Hygelac. Lutando irado, lançou fora a lâmina de ornamento entrelaçado, curiosamente atada, e ela jazeu no chão, forte e com gume de aço. [1290] Confiou em sua força e no aperto de suas próprias mãos poderosas. Tal é a fé de um homem quando ele deseja conquistar fama duradoura na guerra: nenhuma preocupação com sua vida o impede. Então o príncipe dos guerreiros gautas agarrou a mãe de Grendel pelos cabelos, sem se arrepender do feito cruel, e [1295] derrubou a inimiga mortal. Agora ele, impiedoso na guerra, estava repleto de ira, e ela curvou-se no chão. De novo ela reagiu depressa, do mesmo modo, e o agarrou em cruel

corpo a corpo. Então ele tropeçou, o coração desesperado, o mais forte dos guerreiros, o campeão da hoste, e foi ao chão. Em seguida ela [1300] montou em cima do invasor de seu salão e sacou o punhal de lâmina larga e brunida, para vingar o filho, cria única. Dos ombros dele pendia a teia tecida de malha, em torno do peito; essa então lhe defendeu a vida e resistiu à penetração tanto da ponta como do gume. Naquela hora, o filho de Ecgtheow, campeão [1305] dos gautas, teria tido um final infeliz debaixo da terra extensa, se a sua couraça, firme rede de anéis, não o tivesse socorrido no combate – ali o Santo Deus definiu a vitória na batalha. O Senhor onividente que governa os céus nas alturas deu facilmente a vitória ao justo, quando Beowulf outra vez se ergueu [1310] de um salto.

Eis que entre os armamentos de guerra que ali estavam ele divisou uma espada dotada de encantamentos de vitória, uma lâmina gigantesca, antiga, com bordas inflexíveis, orgulho dos homens de armas: essa era a mais primorosa das armas, embora [1315] grande demais para que qualquer outro homem pudesse conduzir no jogo da guerra, objeto bom e precioso, obra de gigantes. O campeão da causa dos Scyldings tomou então o punho encadeado e com ferocidade e crueldade fez brilhar a lâmina enfeitada de anéis. Golpeou em ira, desesperado da vida, e a arma atingiu o pescoço dela e fragmentou as juntas dos ossos. De lado a lado, [1320] a espada transpassou seu corpo condenado. Ela tombou no chão. A espada estava úmida. O cavaleiro regozijou-se do seu feito.

A chama lampejou, a luz se inflamou no seu interior, assim como no firmamento reluz radiante a vela do céu. Ele olhou [1325] atentamente aquela habitação e depois, virando-se, subiu ao longo da parede, segurando erguida pelo punho aquela dura arma, em ira indômita, o cavaleiro de Hygelac. Essa lâmina o audaz guerreiro não desprezava. Ao contrário, agora tencionava vingar-se depressa de

Grendel pelos inúmeros e terríveis ataques contra os daneses [1330] ocidentais, muito mais frequentes do que na última vez, abatendo enquanto dormiam os companheiros do lar de Hrothgar, devorando enquanto dormiam quinze da gente dos daneses e levando embora para longe outro tanto, uma horrenda pilhagem. Por isso recebera a recompensa, esse campeão em sua ira. Avistou [1335]Grendel, que jazia no leito, exausto da guerra, sem vida, tal como fora ferido antes, no combate em Heorot. O cadáver saltou longe, aos pedaços, quando Grendel recebeu, morto, um golpe de dura espada ferozmente empunhada. A cabeça foi separada do corpo. Logo os sábios que em torno de Hrothgar vigiavam as [1340] profundezas tiveram esta visão: as confusas ondas do mar estavam misturadas e manchadas de sangue. Junto a seu bom senhor, os anciãos encanecidos disseram então, concordando entre si, que não esperavam jamais ver aquele nobre cavaleiro, nem que ele haveria de seguir em triunfo e glória ao encontro de seu [1345]renomado rei. Muitos ali eram da mesma opinião, achando que a loba do mar o havia despedaçado.

Chegou então a nona hora do dia. Os valorosos Scyldings deixaram o promontório; aquele que lhes dera amor e presentes de ouro dali partira. Os estrangeiros sentaram-se desanimados [1350] e fitaram a lagoa. Desejavam, mas disso não tinham esperança, que haveriam de ver o caro vulto do senhor. Naquela hora, a espada valorosa, depois de ser tocada pelo sangue quente da batalha, começou a se desfazer, gotejando em terríveis pingentes. Foi coisa espantosa: ela se dissolveu toda, exatamente como [1355] acontece com o gelo quando o Pai solta as suas amarras e destranca os lagos imobilizados, Ele que governa as estações e os tempos, que é o inabalável maquinador do mundo. Daquelas habitações o príncipe dos gautas amantes do vento não tirou outros tesouros, dentre

os que amealhou, apesar de contemplar [1360] muitos deles, exceto aquela cabeça, e também o punho todo reluzente de gemas. Agora a espada se dissolvera, e todo o seu ornamento entrelaçado desaparecera, tão quente era aquele sangue, tão peçonhenta era aquela criatura estranha que ali perecera no salão. Logo ele passou a nadar depressa, aquele que [1365] antes sobrevivera para ver os inimigos tombarem na guerra. Emergiu através da água. As ondas confusas, aquelas vastas regiões, estavam todas purgadas agora que a estranha criatura abandonara os dias de vida e este mundo que passa veloz.

Eis que chegou a terra nadando, com o coração indômito, o [1370] chefe dos navegantes, regozijando-se com a pilhagem do mar e o enorme fardo das coisas que carregava. Então a altiva companhia de seus cavaleiros saiu ao seu encontro, dando graças a Deus, recebendo seu príncipe com alegria por poderem contemplá-lo ali ileso. Prontamente o elmo e a couraça foram [1375] retirados do valente homem. As águas do lago estendiam-se escuras e quietas sob as nuvens, manchadas de mortal sangue coagulado. Dali, com alegria no coração, mediram com os pés em marcha o caminho através da terra, a estrada bem conhecida. Homens de coração régio, daquele penhasco junto à profundeza, [1380] levaram a cabeça, tarefa fatigante para cada um dos mais bravos: numa haste de lança, quatro tiveram de levar, com intenso esforço, a cabeça de Grendel ao salão dourado, onde chegaram caminhando, garbosos, impetuosos com suas armas, esses quatorze gautas. Junto com eles, seu lígio senhor, altivo entre sua [1385] companhia, pisava os caminhos planos em torno do salão de hidromel. Entrou então, a passos largos, o príncipe dos cavaleiros de feitos ousados, honrado com o louvor da gente, poderoso homem de coragem saudando a Hrothgar. Então a cabeça de Grendel foi pega pelos cabelos e posta no piso do salão onde [1390] os homens bebiam, hedionda à vista dos homens

e da senhora no meio deles, coisa espantosa de se contemplar. Os homens a fitavam.

Beowulf, filho de Ecgtheow, falou: “Eis que esta pilhagem do mar, ó filho de Healfdene, príncipe dos Scyldings, [1395] contentes te trouxemos, sinal de meu triunfo que aqui contemplas. Com dificuldade ali salvei minha vida na guerra sob a água, em perigo ousei esse feito. Quase terminariam ali meus dias de batalha, não fosse Deus meu escudo. Nem consegui realizar nada em combate com Hrunting, por melhor que fosse essa arma. [1400] Ao contrário, o Senhor dos homens me permitiu ver pendendo da parede uma bela, poderosa e antiga espada – mais uma vez Ele guiara os desprovidos de amigos –, e essa arma empunhei então e matei ali, em combate, quando me foi concedida a oportunidade, os guardiões da casa. Em seguida, a lâmina de [1405] guerra, de ornamentos entrelaçados, consumiu-se toda enquanto o sangue, muito quente, jorrava na batalha. Trouxe dali o punho que era de meus inimigos, tendo vingado seus feitos malignos, a morte e o tormento dos daneses, como convinha. Isto te prometo doravante: poderás dormir tranquilo em Heorot em meio [1410] à altiva hoste de teus homens, tu e cada um de teus cavaleiros e capitães, os experientes e os jovens, para que desse lado não precises temer por eles, rei dos Scyldings, pela ruína da vida dos homens bons, como acontecia outrora.”

Então o punho dourado, obra dos trolls de outrora, foi [1415] entregue às mãos do chefe idoso, ao encanecido líder da hoste. Após a queda dos demônios, ele, esse produto de ferreiros assombrosos, chegou ao domínio do senhor dos daneses. E já que o adversário de coração cruel, inimigo de Deus, deixara este mundo manchado pela culpa da matança, assim como sua mãe, ele chegou à [1420] posse daquele mais excelente dos reis da terra entre os Dois

Mares, que outrora distribuíram sua fortuna na ilha de Sceden.

Hrothgar respondeu olhando atentamente o punho, relíquia dos dias de antanho, onde estava escrito o começo da antiga rixa, após a qual a torrente do oceano, derramando-se, destruiu [1425] a raça dos gigantes. Tiveram um mau destino. Era uma gente estranha ao Senhor eterno, por isso o Todo-Poderoso lhes deu um pagamento final com água encapelada. Ali também, nas placas do mais puro ouro, estava devidamente escrito em letras runas, relatado e declarado para quem a espada primeiro foi [1430] modelada, esse que era o melhor dos objetos de ferro, com punho envolto de fio metálico e ornamento em forma de serpente. Falou então o sábio rei, filho de Healfdene – todos silenciaram: “Eis que isto pode ser dito por quem promove a verdade e a justiça entre os homens e, velho soberano de seu lar, recorda [1435] todas as coisas de antigamente: que este bom cavaleiro nasceu para comandar. Tua glória se ergue para ser levada pelos caminhos distantes, meu amigo Beowulf, tua glória acima de todas as gentes. Tudo isto possuis, intocado pelo orgulho, guardando tua valentia com coração perspicaz. A ti cumprirei meu voto de [1440] amor, como antes falamos entre nós. A teus lígios demonstrarás ser um consolo destinado a durar, auxílio dos homens poderosos. Não foi assim que Heremod se portou com os filhos de Ecgwela, os altivos Scyldings; deles não se tornou alegria, e sim ruína e queda, morte e destruição dos chefes dos daneses. Na [1445] fúria de seu coração ele destruiu seus companheiros de mesa, os que seguiam ao seu lado, até ir-se solitário, rei renomado, abandonando o júbilo dos homens. Apesar de o Deus onipotente tê-lo contemplado, mais que todos, com dádivas alegres de bravura e poder, ainda assim o coração secreto em seu peito [1450] tornou-se cruel e sangrento. Não deu aos daneses objetos de ouro para conquistar louvor; seguiu vivendo sem alegria, para

sofrer desgraça por essa contenda, tormento duradouro de sua gente. Aprende com isso, e compreende o que é a virtude generosa! Por tua causa pronunciei aqui estas palavras refletidas àqueles a [1455] quem os invernos trouxeram sabedoria.

"É maravilhoso relatar como o poderoso Deus distribuiu à raça dos homens, em suas profundas intenções, a sabedoria, as terras e a nobre condição: Ele é o Senhor de todas as coisas. Às vezes permite que o pensamento do coração do homem de casa [1460] famosa caminhe em deleite, concede-lhe em seu reino a alegria terrena de governar os homens em sua cidade murada, torna suas para serem dominadas as regiões da terra, um vasto reino, de tal modo que ele próprio em sua insipiência não possa conceber o fim delas. Ele habita na abundância; a idade ou a [1465] doença nem um pouco o frustram, nem a tenebrosa preocupação lhe entristece a alma, nem a contenda em qualquer lugar faz surgir o ódio mortífero. Ao contrário, o mundo todo segue conforme o seu desejo. Nada conhece da pior sorte, até que, dentro dele, um tanto de arrogância cresce e se alastra. Então [1470] dorme o vigia, guardião de sua alma: demasiado profundo é esse sono envolto em aflições; está muito perto o matador que, com malícia, atira flechas do arco. Então, descuidado, é atingido no coração por amarga seta, estranhas e tortuosas ordens do espírito amaldiçoado; ele não consegue se defender. Aquilo que [1475] por tanto tempo gozou parece-lhe agora muito pouco, seu austero coração se enche de cobiça; de nenhum modo distribui anéis revestidos de ouro para conquistar louvor. E a sina que vem, ele esquece e ignora, porque Deus, Senhor da glória, antes lhe concedera inúmeras altas honras. Depois, no desfecho, [1480] acontece que sua veste carnal, sendo mortal, sucumbe, tomba na morte predestinada. Outro vem depois dele, e afoito espalha seus bens preciosos, os tesouros há muito amealhados desse homem,

não temendo a sua ira. Defende-te dessa malícia mortal, caro Beowulf, o melhor dos cavaleiros, e escolhe para ti a [1485] melhor parte, os conselhos de valor perpétuo. Não cultives o orgulho, ó campeão de renome! Agora teu valor floresce por alguns instantes, mas logo há de acontecer que a doença ou a espada te privem da valentia, ou do abraço do fogo, ou da aflitiva velhice, ou o reluzir de teus olhos há de falhar e desbotar. [1490] Breve a morte abaterá a ti, altivo cavaleiro.

"Assim eu, por meio século, governei sob o céu os daneses orgulhosos dos anéis, e com minhas batalhas os cerquei protegendo-os de muitos vizinhos por toda esta terra cá embaixo, com espadas e lanças, de modo que não considerava nenhum [1495] homem sob o perímetro do firmamento meu provável inimigo. Eis que me acometeu uma mudança dessa sorte, em meu próprio lar, pesar após a alegria, quando Grendel, antigo inimigo, se tornou invasor de minha casa, e por essa transgressão incessantemente suportei profundo pesar em meu coração. Graças [1500] sejam dadas ao Criador por isso, ao Senhor eterno, que tenha podido viver, passado esse longo embate, para poder contemplar essa cabeça tingida de sangue cruel! Vai agora ao teu assento, desfruta a alegria do banquete, e que a honra da guerra esteja contigo! Entre nós passará grande número de tesouros quando [1505] chegar a manhã."

Alegrou-se o coração do gauta; foi depressa para o seu lugar, buscando o seu assento, como mandara o sábio rei. Então, mais uma vez, renovou-se o excelente banquete para os altivos e valorosos assentados naquele salão. O manto da noite caiu ali, [1510] obscuro e negro, sobre os homens altivos. Toda a bela hoste se ergueu. O idoso Scylding, de cabelos salpicados de cinza, desejava ir para o leito. Uma necessidade de repouso, incomensuravelmente doce, apossou-se do cavaleiro gauta, audaz portador do escudo.

De pronto levou-o embora, a esse homem de gente [1515] distante que agora estava exausto da demanda, um camareiro que, por obséquio, atendia à necessidade do cavaleiro em coisas que, naqueles dias, eram devidas aos homens em errância belicosa.

Repousou então o coração pujante. O salão, de ampla abóbada, adornado de ouro, erguia-se alto. O estrangeiro dormiu em [1520] seu interior até que o negro corvo anunciou, com o coração feliz, a alegria do céu. Surgiu então, veloz e luzidio, um brilho sobre a treva. Os guerreiros apressaram-se. Aqueles nobres homens estavam ansiosos para voltar para sua gente. Para longe dali o hóspede de coração altivo agora desejava ir em busca de seu navio. [1525]

Então o ousado filho de Ecglaf pediu que lhe trouxessem Hrunting e mandou que ele tomasse a espada, caro objeto de ferro. Ele agradeceu aquela dádiva oferecida, dizendo que a considerava boa amiga na guerra, potente na batalha, e não pronunciou palavra que indicasse desprezo pelos gumes da [1530] espada – garboso cavaleiro era ele! E agora os guerreiros, já com as suas armaduras, prontos, ansiavam pela viagem. Honrado entre os daneses, o príncipe deles foi até o alto assento onde estava o outro, um homem pujante e valente que saudou Hrothgar. Falou Beowulf, filho de Ecgtheow: “Agora nós, que viemos [1535] de longe, viajando sobre o mar, desejamos dizer que estamos ansiosos para partir em demanda do rei Hygelac. Aqui fomos muito bem tratados. Foste bom para nós. Por isso, se em algum assunto desta terra eu puder merecer teu amor maior, além do que já fiz em termos de obras valorosas, depressa estarei à tua [1540] disposição. Se me for trazida notícia, por sobre os mares abrangentes, de que teus vizinhos te ameaçam com alarme de guerra, como outrora fizeram os que te odiavam, mandarei mil cavaleiros, homens poderosos, em teu auxílio. Isto sei de Hygelac, senhor dos gautas, por

jovem que seja esse pastor de sua gente, que [1545] em obra e feito ele há de me promover para que eu possa honrar-te como convém e trazer em tua defesa uma multidão de lanças, em socorro do teu poder, quando tiveres necessidade de homens. Ademais, se Hrethric, filho do rei, tiver o propósito de buscar as cortes gautas, ali ele há de encontrar muitos [1550] amigos. É vantajoso visitar países longínquos para quem tem seu próprio valor."

Hrothgar então respondeu: "Essas palavras que disseste, o Senhor onisciente as colocou no teu coração. Jamais ouvi um homem tão jovem discursar com maior sabedoria. És forte em [1555] valentia e prudente na mente, há conhecimento nas palavras que pronuncias. Parece-me provável, se a lança, em batalha rude e mortal, ou a doença ou a espada colher o filho de Hrethel, teu príncipe, pastor de tua gente, e se tu mantiveres a vida, que os gautas amantes do mar não terão melhor escolha para rei e [1560] mantenedor da fortuna dos homens poderosos se aceitares governar o reino de tua gente. A têmpera de tua mente me agrada tanto mais quanto mais te conheço, amado Beowulf! Conseguiste que entre esses povos, a gente gauta e os lanceiros dos daneses, existisse paz, e que dormissem a rixa e as odiosas [1565] inimizades de outrora. E, enquanto eu governar, em meu amplo reino hão de passar coisas preciosas entre nós, e muitos homens hão de mandar uns aos outros, por sobre a água onde mergulha o alcatraz, saudações com formosos presentes, e naus enfeitadas de anéis hão de trazer sobre o alto-mar dádivas e sinais de [1570] nosso amor. Sei que essa gente é formada em molde inabalável, frente ao amigo ou inimigo, sem censura em qualquer coisa, conforme as boas maneiras de antigamente."

Então o filho de Healfdene, protetor dos homens bons, outra vez lhe deu naquele salão doze objetos preciosos e mandou [1575] que, com aqueles presentes, fosse em

segurança buscar sua própria amada gente e depressa retornasse. Em seguida o príncipe dos Scyldings, rei de nobre linhagem, beijou ali o melhor dos cavaleiros, abraçando-o pelo pescoço. Lágrimas escorreram-lhe pelo rosto, sob os cabelos salpicados de cinza. Havia dois [1580] pensamentos em seu coração, que a sabedoria dos anos amadurecera, porém mais este pensamento, que nunca mais haveriam de se encontrar, altivos, em grave colóquio. O outro lhe era tão caro que ele não pôde dominar o arroubo do coração, mas, enredada nas fibras do coração dentro do peito, uma ânsia [1585] profunda por aquele homem querido agora lhe fervia o sangue. Beowulf, guerreiro audaz, partiu dali em esplendor dourado, pisando o solo relvoso, com o coração enaltecido com as ricas dádivas. O cruzador de mares aguardava ali seu senhor e mestre, preso à âncora; e durante a jornada muitas vezes foi [1590] louvada a liberalidade de Hrothgar: era rei sem rival, sem censura em qualquer coisa, até que a idade o privasse da alegre força – com frequência, ela abateu muitos homens.

Chegou então ao mar corrente aquele bando de jovens muito altivos, envergando malhas semelhantes a redes, as camisas [1595] de elos maleáveis. O vigia na costa divisou o retorno dos guerreiros, como fizera antes. Não foi com palavras hostis que recebeu os visitantes à beira do penhasco, mas cavalgou ao encontro deles e disse aos homens dos gautas amantes do vento que eram bem-vindos, homens belicosos em vestes reluzentes, ao [1600] seu navio. Então, na praia, sua nau marinha de fundo calado e proa recurva foi carregada com implementos de guerra, cavalos e objetos preciosos. Alto erguia-se o mastro sobre a fortuna amealhada de Hrothgar. Ao protetor de seu navio, Beowulf deu uma espada, atada com fio de metal dourado, para que depois, [1605] sentado a beber hidromel, ele fosse

mais honrado em razão daquele rico presente e legado antigo.

Zarpou veloz o barco, agitando as águas profundas, e abandonou a terra dos daneses. A veste do mar, a vela, foi então fixada com cordas ao mastro. As madeiras molhadas gemeram. [1610] O vento sobre as ondas não o desviou nem um pouco do seu curso, ao cavalgar os vagalhões. Prosseguiu como viajante sobre o mar, correndo nas ondas com espuma em torno da garganta, sobre as correntezas do oceano com proa engrinaldada, até conseguirem divisar os penhascos e promontórios gautas que [1615] conheciam. Impelido pelos ares, o barco avançou. Deteve-se em terra.

Prontamente o bailio foi ter à beira-mar, aquele que por muito tempo, ansioso, na costa havia procurado avistar ao longe os homens amados. Atracou na praia o navio de casco fundo [1620] com cordas de ancoragem, para que a força das ondas não arrancasse deles sua bem construída nau. Mandou que os homens trouxessem a terra a fortuna dos príncipes, as obras cravadas de joias e o ouro em baixelas. Não tiveram de ir longe dali para encontrar Hygelac, filho de Hrethel, doador de ricos [1625] presentes, o maior de seus campeões, na própria casa onde ele habitava, próximo às muralhas do mar.

Bela era aquela mansão, um bravo rei era seu senhor, elevados eram seus salões; muito jovem era Hygd, sábia e de bela virtude, apesar de ter conhecido poucos invernos nas cortes do [1630] castelo; Hæreth era seu pai. Porém não era avara, nem demasiado frugal com presentes e tesouros preciosos aos homens gautas. Não demonstrava o humor selvagem de Thryth, boa rainha dos homens, nem sua horrenda malvadeza. Nenhum dos seus caros companheiros da corte ali presentes, com exceção apenas do seu [1635] senhor, ousava, em sua intrepidez, contemplá-la abertamente com os olhos. Aquele que ousasse poderia contar com as amarras mortais, tecidas à mão, para ele

reservadas. Quando estivesse preso e dominado, rapidamente seria trazida a espada que, com a lâmina ornamentada, por-lhe-ia fim à vida e conferir-lhe-ia a [1640] agonia da morte. Não é conduta para ser assumida por rainha, por muito ímpar mulher que seja, que aquela que deveria tecer a paz entre os homens enrede a vida do homem amado com mentirosos relatos de injúria. Em verdade ele, da raça de Hemming, pouco se importava com isso; de fato, os homens [1645] contaram ainda, enquanto bebiam cerveja, que ela cometera menos injúrias contra os homens, menos maldades cruéis, desde que, de nobre linhagem e adornada de ouro, fora dada como noiva àquele jovem campeão, desde que a mando do pai viera ao salão de Offa viajando por sobre as lívidas águas. Depois, ali, usara [1650] bem sua condição de vida no trono real, tornando-se conhecida pela bondade enquanto viveu. Cumpriu seu dever de amar aquele príncipe de homens poderosos, dentre toda a humanidade, segundo eu soube, o mais excelente entre os Dois Mares da raça da vasta Terra. Pois Offa, na generosidade e nas guerras, foi [1655] honrado em toda parte, homem audaz entre as lanças, que com sabedoria governava a terra que lhe era de direito. Ele gerou Eomer para consolo dos homens fortes, valoroso em feitos cruéis, da raça de Hemming, neto de Garmund.

Agora o valente, o próprio Beowulf, cercado de sua [1660] comitiva, seguia pela areia, pisando a praia plana e as amplas costas. O sol, a lâmpada do mundo, brilhava no alto, correndo desde o sul. Puseram fim à sua jornada marchando firmemente até o lugar onde, segundo tinham ouvido, o protetor dos bons homens, valoroso senhor, o jovem rei guerreiro, matador de [1665] Ongentheow, distribuía os anéis em sua habitação segura. A Hygelac, a notícia da chegada de Beowulf foi contada às pressas, como chegara aos pátios externos aquele senhor dos guerreiros, robusto sob o

escudo, caminhando até a corte vivo e inteiro desde o decurso da batalha. Rapidamente, como lhes ordenou [1670] o poderoso rei, abriram espaço dentro do salão para os guerreiros recém-chegados. Aquele que saíra ileso do combate sentou-se então ao lado do próprio rei, parente ao lado de parente, após ter saudado seu bom soberano com palavras solenes e uma entonação graciosa. Depois a filha de Hæreth, descendo pelo [1675] alto salão, serviu o hidromel, levando a taça de bebida forte e doce às mãos dos poderosos, alegrando os bons homens que ali estavam. Então, naquela casa elevada, Hygelac começou a interrogar com belas palavras o companheiro ao seu lado. Seu coração estava ansioso para saber sobre as aventuras dos gautas [1680] amantes do mar: “Que sorte te coube em tua viagem, amado Beowulf, desde que repentinamente resolveste buscar combate ao longe, além das águas salgadas, feitos de armas em Heorot? E dize! De algum modo amainaste o pesar tão amplamente conhecido de Hrothgar, renomado rei? Por esse motivo muitas [1685] vezes a preocupação dominou o meu coração, em crescente aflição. Eu temia o risco de meu caro súdito. Por muito tempo te pedi que de modo nenhum te aproximasses daquela mortífera criatura, que deixasses os daneses meridionais tratarem eles mesmos da guerra com Grendel. Dou graças a Deus de agora poder [1690] ver-te retornar em segurança.”

Respondeu Beowulf, filho de Ecgtheow: “Senhor Hygelac, não é segredo para muitos dentre os homens mortais de que modo aconteceu nossa belicosa contenda, o terrível duelo entre Grendel e mim naquele campo onde ele perpetrou inúmeros [1695] males e antigas desgraças contra os vitoriosos Scyldings. Vinguei-os todos, e assim nenhum parente de Grendel sobre a Terra tem motivo para se gabar daquele embate na madrugada cinzenta, ninguém daquela cruel geração que ainda continue vivendo nos pântanos circundantes. Pois primeiro cheguei ao [1700] salão dos anéis

saudando Hrothgar. De imediato, o renomado filho de Healfdene, assim que soube de minha intenção, concedeu-me assento ao lado do próprio filho. A companhia estava em júbilo; nunca vi, em toda a minha vida, sob a abóbada do firmamento, maior folguedo de homens sentados diante do [1705]hidromel num salão. Por vezes, a gloriosa rainha, semeadora da paz e da boa vontade entre os povos, percorreu todo aquele chão, encorajando os jovens escudeiros; muitas vezes, antes de chegar a seu assento, deu um anel torcido a algum cavaleiro. Por vezes, diante da hoste, a filha de Hrothgar levou a taça de [1710] cerveja sucessivamente a todos os homens. Ouvi os homens sentados naquele salão chamarem-na de Freawaru, enquanto oferecia aos poderosos o recipiente guarnecido de gemas. Essa jovem donzela adornada de ouro está prometida ao audaz filho de Froda. Assim determinou o senhor dos Scyldings, o pastor [1715]de seu reino, e tem por política que através dessa mulher poderá dar fim à longa história de feitos mortais, de inimizade e rixa. Sabemos que é raro, em qualquer lugar, mesmo por um breve período, a lança homicida se aplacar quando o príncipe cai, por melhor que seja a noiva! Quem sabe no tempo [1720] estabelecido desagrade ao rei dos Heathobards e a cada cavaleiro dessa gente quando um homem atravessar o salão ao lado da senhora, nobre herdeiro dos daneses em meio à sua hoste. Alegremente reluzirão nele objetos outrora prezados por seus antepassados, a robusta espada enfeitada de anéis que foi outrora [1725] tesouro dos Heathobards, enquanto ainda podiam empunhar suas armas, antes de levarem à ruína seus caros companheiros e suas próprias vidas no choque dos escudos. Então, vendo aquele objeto precioso, alguém há de falar enquanto bebe cerveja, um velho soldado que se lembra de tudo, recordando a matança de [1730] homens com lanças – impiedoso é seu coração; com sombrios pensamentos ele começará a atiçar o humor do jovem guerreiro, esquadrinhando os segredos guardados em

seu peito, para despertar outra vez a guerra cruel, e dirá estas palavras: ‘Não podes chamar de volta, meu senhor, a espada que teu pai usou e [1735] sua lâmina prezada, ele que envergou em batalha o elmo com viseira, naquele dia derradeiro em que os daneses o mataram, os ávidos Scyldings, e dominaram o campo aflito, depois da morte de Withergyld e da queda dos poderosos? Aqui, agora, o filho não sei de quem caminha neste salão em meio a esses [1740] matadores, de coração enaltecido com coisas belas, gabando-se da matança e usando o tesouro que por direito tu deverias possuir.’

“Assim, em cada ocasião, ele revolverá a recordação, incitando com palavras que ferem, até chegar a hora em que aquele cavaleiro da dama há de dormir, rubro do próprio sangue após [1745] ser atingido pela espada, pagando com a vida os feitos do pai. O outro, fugindo dali, há de escapar com vida, já que conhece muito bem a região. Então, de ambos os lados, serão rompidos os juramentos feitos pelos homens. Depois disso, cruéis pensamentos de ódio revolverão o coração de Ingeld, e com essa [1750] maré de pesar há de esfriar seu amor pela esposa. Por esse motivo, considero uma grande ameaça para os daneses a boa vontade dos Heathobards, a sua parte nesta trégua real, e insegura a sua amizade.

“Falarei mais uma vez a respeito de Grendel, para que [1755] possas conhecer por completo, ó doador de ricos presentes, qual foi o desfecho quando nós, poderosos, nos atracamos. Assim que a joia do firmamento desceu sobre o mundo, aquela criatura chegou na penumbra, com ira, com feroz horror, buscando-nos onde vigiávamos aquele salão, ainda ilesos. Ali a [1760] matança recaiu sobre Handscioh, cruel desfecho de sua vida fadada. Esse guerreiro cingido de espada foi o primeiro a tombar. A morte chegou ao jovem guerreiro renomado pela queixada de Grendel, que devorou toda a carne daquele que amávamos. Ainda assim, não quis

partir do salão dourado de mãos vazias, [1765] aquele assassino de dentes sangrentos que tencionava feitos malignos. Ao contrário, vangloriando-se de sua força, testou a mim, agarrando-me com impetuoso aperto. Pendia sua sacola, funda e estranha, presa com tiras curiosas, toda tramada com manha diabólica, feita de peles de dragão. Ele, autor de feitos [1770] mortais, queria enfiar-me dentro dela sem cerimônia, acrescentando mais um a muitos. Não conseguiu fazer isso porque eu, irado, pus-me de pé. Levaria muito tempo contar como dei a esse destruidor de homens a devida recompensa por cada um de seus imundos atos. Ali eu, meu senhor, conferi honra à tua [1775] gente por minhas obras. Ele fugiu para se esconder, desfrutando por breve tempo as alegrias da vida. No entanto, sua mão direita ficou para trás, para assinalar sua trilha em Heorot, e ele, humilhado, com peso no coração, lançou-se para longe dali, ao abismo da lagoa. Por esse combate mortal, o senhor dos [1780] Scyldings me conferiu múltipla recompensa de ouro revestido e muitos objetos preciosos, de manhã, quando estávamos sentados no banquete. Houve júbilo e canção de menestréis. O idoso Scylding, detentor de antigo e extenso saber, contou histórias de antanho. Ora ele, outrora ousado na batalha, tocou a [1785] harpa alegremente, o instrumento da música, ora cantou uma balada correta e amarga, ou então, rei de grande coração, relatou um conto assombroso na devida ordem, ou ainda, guerreiro de antigas guerras, lamentou nos grilhões da velhice sua juventude e sua força nas armas. O coração palpitava dentro dele [1790] ao recordar, sábio de muitos anos, um mundo de lembranças.

“Assim nos deleitamos durante todo o longo dia naquele salão, até outra noite chegar. Então a mãe de Grendel depressa se preparou para vingar de novo sua dor. Cheia de angústia, ela se pôs a caminho. A morte lhe levara o filho, graças à [1795] coragem encolerizada dos gautas amantes

do vento. Vingou o filho, a mulher-troll inumana, e com ousadia matou um homem. Ali terminou a vida de Æschere, sábio sagaz, de saber antigo. Chegada a manhã, nem os senhores daneses puderam cremá-lo no sono da morte sobre a madeira inflamada, nem erguer à pira [1800] aquele homem querido. Ela levara o cadáver em suas garras demoníacas para debaixo da torrente da montanha. Esse foi, para Hrothgar, o mais aflitivo dos pesares que ele, senhor de sua gente, conhecera por muito tempo.

"Então o rei, com o coração abatido, implorou-me, pela tua [1805] vida, que eu realizasse façanhas no tumulto das profundezas, que arriscasse a minha vida para alcançar a glória. Jurou-me recompensa. Assim, como foi anunciado em toda parte, fui em busca do soturno e pavoroso guardião da lagoa rodopiante. Por algum tempo, juntamos ali nossas mãos em duelo. O abismo [1810] girava sangrento, e naquele salão abismal decepei a cabeça da mãe de Grendel com os gumes de uma enorme espada. A muito custo salvei minha vida, ainda não estava fadado a morrer. Ao contrário, o filho de Healfdene, protetor dos homens bons, deu-me depois inúmeros objetos preciosos. Assim vivia o rei [1815] daquela gente, de acordo com a virtude real. Não deixei de receber recompensas pela minha valentia; pelo contrário, o filho de Healfdene deu-me coisas valiosas que eu próprio escolhi, as quais, ó rei guerreiro, eu te darei, ofertando-as de todo o coração. A ti pertence ainda toda essa porção da alegria. Poucos parentes [1820] tenho, próximos e caros, senão a ti, ó Hygelac!"

Mandou então os homens trazerem o estandarte ornado com uma cabeça de javali, o elmo altaneiro na guerra, a couraça cinzenta, a espada de combate habilmente forjada; e pronunciou então estas palavras escolhidas: "A mim o sábio [1825] príncipe Hrothgar deu esta veste de guerra, e mandou que primeiro eu descrevesse para ti sua dádiva bondosa. Disse que o rei Heorogar, senhor dos Scyldings, a

possuiu por muito tempo. No entanto, nem por isso ele preferiria dá-la ao filho, o audaz Heoroweard, para proteger seu peito, por mais que ele lhe fosse [1830] leal. Usa todos os presentes com honra (ele disse).”

Ouvi dizer que foram acrescentados a essas coisas quatro corcéis cinza malhados, velozes e bem emparelhados. A Beowulf, Hygelac concedeu a bela posse de cavalos e objetos preciosos. É isso que deve fazer um parente, e de modo algum deve estender, [1835] com astúcia secreta, uma rede de malícia para outro, tramando a morte do companheiro ao seu lado. O sobrinho era extremamente leal a Hygelac, impávido em feitos cruéis, e cada um deles cuidava da honra do outro. Também ouvi falar que a Hygd ele deu o colar, objeto valioso, de estilo complexo e admirável, que [1840] Wealhtheow, filha do rei, entregara a ele, além de três cavalos de membros ágeis e selas reluzentes. Depois disso, ele teve o peito nobremente enfeitado com o colar que recebeu.

Assim o filho de Ecgtheow, renomado no combate, demonstrou sua virilidade com belos feitos, portando-se de modo [1845] honroso. Jamais, ao beber, derrubou seus camaradas do lar. Não era impiedoso seu coração. Ao contrário, o guerreiro audaz, com a maior força entre os homens, mantinha as pródigas dádivas que Deus lhe concedera. Por muito tempo foi desdenhado, pois os filhos dos gautas não o consideravam digno, [1850] nem o rei da gente amante do vento lhe concedia lugar de muita honra nos assentos onde os homens bebiam hidromel. Supunham de fato que tinha humor indolente, que lhe faltava o espírito impetuoso, apesar da ascendência nobre. Para ele chegara uma mudança, e o fim de todos os pesares do coração, um [1855] homem agora abençoado com glória.

Então o rei, valente na batalha, protetor dos bons homens, mandou que um belo objeto legado por Hrethel, enfeitado de ouro, fosse trazido ao salão. Nessa época não

havia entre os gautas um tesouro ou rico presente mais excelente em forma de [1860] espada. Então, ele a pôs no colo de Beowulf e lhe concedeu sete mil (*hides*[1] de terra), um salão e um trono principesco. Ambos haviam herdado, pelo sangue, terras, propriedades e heranças de direito naquela região, porém, em maior medida, aquele que era mais elevado no país ficara com um amplo reino. [1865]

*

Isso veio a ocorrer em dias posteriores, no embate das guerras, quando Hygelac havia tombado e as espadas da batalha foram a ruína de Heardred entre as fileiras escudadas, no tempo em que os belicosos Scyldings, impávidos homens de armas, o buscaram em meio à sua gente gloriosa e foram ter com ele, sobrinho de [1870] Hereric, com feroz assédio – então esse extenso reino foi ter às mãos de Beowulf. Governou-o bem por cinquenta invernos – era agora um rei de muitos anos, idoso guardião de sua terra legítima –, até que, nas noites escuras, alguém começou a dominar, um dragão, o mesmo que na alta charneca vigiava seu [1875] tesouro, sua íngreme colina de pedra: abaixo dela estendia-se uma trilha pouco conhecida dos homens. Ali penetrou um homem sem nome, esgueirando-se à noite até o tesouro pagão; sua mão agarrou uma taça funda, brilhante, com gemas. Isso o dragão não suportou em silêncio, apesar de ter sido enganado durante o [1880] sono pela astúcia do ladrão. As pessoas ficaram sabendo, a gente do povo vizinho, que ele ficou deveras furioso.

Não com intenção, o homem invadira, por vontade própria, o tesouro do dragão, e destarte o ofendera gravemente. Mas, por extrema necessidade, visto que era servo de um dos [1885] filhos dos poderosos, homem

oprimido pela culpa, ele fugira dos impulsos da ira e, como não tinha casa, esgueirara-se ali para dentro.

Logo o dragão agitou-se [...] que (depressa) recaiu um terror horrendo sobre o transgressor; e ainda assim o desgraçado [...], [1890] quando o perigo repentino o acometeu, (viu) uma arca de tesouro [...].

Havia naquela casa de terra muitos desses tesouros de antigamente, pois alguém, não se sabe quem, dentre os homens de antanho, prudentemente ocultara ali joias preciosas e enormes [1895] heranças de uma nobre raça. Todos eles a morte levara em tempos antigos, e agora só ele, dentre os guerreiros comprovados de sua gente, o que por mais tempo caminhou sobre a terra, vigiando, lamentando seus amigos, só ele esperava o mesmo destino: deleitar-se, apenas por um breve tempo, com aqueles [1900] objetos há muito amealhados.

Um morro acabado, recém-erguido em um promontório, defendido por encantamentos impressionantes, aguardava sobre a terra, junto às ondas da água. Ali o guardião dos anéis depositou uma parte da fortuna dos homens nobres, muito digna de ser [1905] entesourada, de ouro revestido, e falou algumas palavras:

“Guarda agora, Terra, a fortuna dos guerreiros, já que os homens poderosos não conseguiram fazê-lo. Eis que em tempos idos foi em ti que os bons homens a encontraram! A morte em combate, cruel e fatalmente má, levou cada homem mortal [1910] de minha gente, que abandonou esta vida, júbilo dos guerreiros no salão. Não tenho ninguém que leve espada, nem lustre taça revestida ou precioso copo de bebida. A altiva hoste desapareceu. Agora o duro elmo, adornado de ouro, há de ser despojado de suas chapas. Os que deveriam lustrá-lo, que deveriam [1915] polir sua viseira para a batalha estão adormecidos. E também a armadura, que bem suportou a mordida das espadas de ferro, na

guerra em meio a escudos que rebentavam, agora segue seu dono à ruína. A couraça de anéis não mais viajará ao longe em companhia de um príncipe da guerra, ao lado de homens [1920] poderosos. Não há som alegre de harpa, nem júbilo de instrumento musical, nem o bom falcão desliza pelo salão, nem o cavalo veloz pisoteia o pátio do castelo. A morte ruinosa baniu daqui muitos dentre os homens viventes."

Destarte, com pesar no coração, ele lamentou sua dor, a sós, [1925] quando todos haviam partido. Bradou alto, infeliz, dia e noite, até a maré da morte lhe tocar o coração.

Foi esse encanto que o velho saqueador, vagando na treva, encontrou desprotegido, o mesmo que, repleto de fogo, vai em busca de morros (tumulares), o dragão nu de coração feroz que [1930] voa envolto em chamas, ao qual temem imensamente os moradores da Terra. Costuma sempre apossar-se de tesouros que estão no solo e lá, sábio de muitos anos, guarda o ouro pagão, que nem um pouco lhe aproveita.

O saqueador dos homens havia mantido sob a terra, por [1935] trezentos invernos, aquela casa de tesouro, tornando-se cada vez mais forte, até que um homem, que levou ao seu soberano uma taça revestida de ouro, implorando do mestre trégua e perdão, encheu o seu coração de fúria. Então o tesouro foi desnudado, o monte de anéis diminuiu e o obséquio foi [1940] concedido ao infeliz. Assim, pela primeira vez, o senhor contemplou a obra dos homens de outrora. Aí a serpente despertou! Nova contenda emergiu. Ela então farejou ao longo da rocha e, com o coração impiedoso, percebeu a pegada do inimigo, que furtivamente pisara bem junto, muito perto da cabeça do dragão. [1945] Alguém que não esteja fadado a morrer pode facilmente escapar ao infortúnio e à má sorte se tiver o favor do Senhor! O Guardião do Tesouro procurou avidamente pelo chão, tentando descobrir o homem que lhe causara aquele

dano enquanto ele dormia. Ardendo, de coração pesaroso, muitas vezes [1950] perscrutou em volta de todo o morro, mas não encontrou ninguém no ermo. Ainda assim, alegrou-se ao pensar no combate, em travar guerra. De tempos em tempos, retornou para dentro do morro, buscando a taça crivada de joias. Depressa descobriu que alguém dentre os homens explorara o ouro e os enormes [1955] tesouros. Atormentado, o Guardião do Tesouro esperou até chegar o anoitecer, e então o vigia do monte, monstro cruel, inchou-se de ira, pretendendo vingar com fogo seu precioso vaso de bebida. O dia terminara, para alegria da serpente. Não se demorou mais na encosta do monte, mas partiu [1960] resplandecente, impelido pelo fogo. Foi terrível para a gente daquela terra o começo (dessa guerra), com seu senhor e patrono sofrendo um fim veloz e amargo. O invasor começou então a vomitar fogos incandescentes e a incendiar os reluzentes salões – a luz das chamas ergueu-se, para desgosto dos homens. Ali o [1965] feroz voador dos ares não pretendia deixar nenhuma criatura viva. Em toda a volta, podia-se ver como a serpente partiu para a guerra, a malícia desse feroz opressor. De longe e de perto, via-se como o destruidor perseguiu em combate e humilhou a gente dos gautas. Voltou às pressas a seu tesouro, ao escuro [1970] salão, antes que chegasse o dia. Envolvera em chamas, em fogo e queima, os que habitavam o país. Confiava em seu morro, sua muralha e seu poderio belicoso, mas sua confiança o traiu.

Então foram relatadas a Beowulf as terríveis novas, velozes e verdadeiras, de que seu domicílio, a melhor das casas, a sede [1975] real dos gautas, fora destruída em meio às labaredas rodopiantes. Foi um grande desgosto no coração do bom homem, o maior dos pesares em seu peito. Por muito sábio que fosse, pensava ter enfurecido dolorosamente o Senhor eterno, Governante de tudo, contra

a antiga lei. O interior de seu peito foi tomado [1980] de pensamentos obscuros e presságios, o que não costumava acontecer. Do exterior daquela terra limitada pelo mar, o dragão chamejante, com fogos ardentes, levara à ruína o baluarte do povo, o reino guardado. Foi contra ele que o rei da guerra, senhor dos gautas amantes do vento, jurou vingança. Então [1985] ele, protetor dos guerreiros, senhor dos homens bons, mandou fazer um escudo de batalha todo feito de ferro, cuidadosamente acabado. Ele sabia muito bem que nenhuma madeira da floresta, nenhum escudo de tília lhe valeria contra a chama. Estava determinado que o príncipe, experiente outrora, haveria de [1990] encontrar o fim de seus dias fugazes, da vida neste mundo, e a serpente junto com ele, por mais tempo que ela tivesse possuído sua fortuna amealhada.

Eis que o senhor do ouro desdenhou enfrentar a criatura que voava por toda parte com uma hoste e um exército [1995] poderoso. Ele próprio não temia a disputa, nem dava valor à valentia da serpente, nem ao seu poder e à sua coragem. Pois ele, ousando muitas dificuldades angustiantes, antes sobrevivera a muitos feitos mortais e embates de guerra, desde o tempo em que, campeão coroado de vitória, purgara o salão de Hrothgar [2000] e esmagara em batalha a parentela de Grendel, de raça odiada.

Não foi o menor desses combates aquele em que Hygelac foi morto, quando, no assalto da guerra, as lâminas beberam o sangue do rei dos gautas, o bondoso príncipe dos povos, filho de Hrethel, derrotado pelo sabre nas terras frísias. Dali Beowulf [2005] o tirou por sua própria valentia, usando de habilidade ao nadar. Somente ele tinha no braço trinta cotas de malha quando avançou até a profundeza. Em verdade, poucos motivos para exultar com esse combate a pé tinham os Hetware que ergueram os escudos contra ele, pois poucos retornaram desse guerreiro feroz [2010] para

seus lares! Então o filho de Ecgtheow, infeliz e solitário, nadou de volta à sua gente, por sobre a extensão do mar salgado. Ali Hygd lhe ofereceu tesouro e reino, anéis e trono real. Ela não acreditava que seu filho já fosse bastante sábio para defender os assentos de seus pais contra as hostes estrangeiras, visto que [2015] Hygelac estava morto. Porém, de nenhum modo o povo consternado conseguiu que o príncipe se tornasse senhor acima de Heardred, nem que aceitasse a realeza. Ele manteve-se, sim, amado e honrado entre sua gente, com seus conselhos amigáveis, até tornar-se mais velho e governar os gautas amantes do vento. A [2020] Heardred vieram juntar-se os homens banidos por sobre o mar, filhos de Ohthere. Eles haviam desprezado o senhor dos Scylfings, o melhor dos reis do mar, rei de renome, que jamais distribuiu presentes preciosos na Suécia. Isso assinalou seu fim. Ali foi destinada uma ferida mortal, por golpe de espada, ao filho [2025] de Hygelac, pelo refúgio que concedeu. Mas o filho de Ongentheow, quando Heardred foi morto, voltou para buscar seu lar, permitindo que Beowulf ocupasse o trono real e governasse os gautas. Um bom rei ele foi!

Não se esqueceu de retribuir a queda de seu príncipe nos [2030] dias subsequentes: provou ser amigo de Eadgils na necessidade, apoiou o filho de Ohthere com um exército, com guerreiros e armas além do amplo lago. Depois, perpetrou a vingança em regiões gélidas e atrozes, privando o rei da vida.

Assim mesmo, ele, filho de Ecgtheow, fora poupado em [2035] todas as dificuldades, nas matanças cruéis e nos feitos desesperados, até aquele dia em que teve de combater a serpente.

Então, pleno de pesar e fúria, o senhor dos gautas partiu com onze companheiros para contemplar o dragão. Já descobrira a origem dos feitos de inimizade e do medonho ódio dos [2040] homens – a taça esplêndida e preciosa

chegara à sua posse pelas mãos do espião: o décimo terceiro da companhia era aquele que causara o começo daquela guerra, e como cativo, de coração abatido, teve de mostrar, envergonhado, o caminho por terra para lá chegar. Contra a sua vontade, ele foi até onde [2045] havia um solitário salão de terra, uma abóbada subterrânea, junto às vagas da profundeza e às ondas beligerantes. Seu interior estava todo repleto de obras feitas com habilidade e fios de ouro. O guardião monstruoso, ávido e preparado em antigas batalhas embaixo da terra, vigiava esses tesouros dourados. [2050] Não era fácil para nenhum homem conquistá-lo. Agora assentava-se no promontório o rei testado em guerras, de quem os gautas recebiam amor e dádivas de ouro, despedindo-se dos companheiros de seu lar. Estava abatido, apressando-se inquieto para a morte: o destino, em verdade muito próximo, que [2055] haveria de assaltar aquele ancião, atacar a alma protegida em seu interior e separar a vida do corpo – depois disso, o espírito do príncipe não permaneceu atado à carne por muito tempo.

Beowulf, filho de Ecgtheow, falou: “Na juventude, voltei a salvo de muitas investidas de guerra, de muitos dias de batalha. [2060] Recordo-me de tudo. Tinha sete invernos de idade quando o rei da fortuna, o bondoso príncipe dos povos, me recebeu de meu pai. Foi o rei Hrethel quem me vigiou, me defendeu e me ofereceu ricos presentes e belos banquetes, relembrando nosso parentesco. Enquanto ele viveu, nem um pouco, em sua casa, [2065] amou-me menos que a seus filhos, Herebeald e Hæthcyn, e a meu senhor, Hygelac. Para o mais velho, como jamais deveria ter acontecido, foi preparado um leito de morte cruel pelo ato de um parente, quando Hæthcyn, com uma flecha de seu arco de pontas de chifre, feriu seu senhor cruelmente. Ele errou o [2070] alvo e abateu seu parente, irmão matando irmão com seta sangrenta. Foi um ataque inexpiável, uma

injúria feita com muita maldade, dolorosa à alma; e ainda assim o príncipe teve de partir desta vida sem ser vingado.

“Do mesmo modo, é aflitivo para um ancião suportar que [2075] seu filho, ainda jovem, balance na forca, que tenha de entoar um canto fúnebre, uma canção de lamento, enquanto sua cria pende à mercê dos corvos, e ele, velho e carregado de anos, sem poder lhe oferecer nenhum auxílio. Recorda sempre, a cada manhã, a morte do filho. Pouco importa esperar outro herdeiro [2080] nas suas cortes, já que esse provou dos feitos malignos pela violência da morte. Com desvelo e pesar, vê na morada do filho o salão do banquete, os locais de repouso varridos pelo vento e destituídos de riso. Os cavaleiros dormem, homens >poderosos que desceram à treva; não há som de harpa nem júbilo nessas [2085] cortes, como outrora. Então ele volta ao leito, e só ele canta uma balada de pesar para o ente amado: demasiado amplos e vazios lhe parecem aqueles campos e aquelas moradas.

“Assim mesmo, o senhor da gente amante do vento suportou o pesar por Herebeald que lhe invadiu o coração – de [2090] nenhum modo podia exigir do matador a retribuição pelo feito maligno; tampouco podia perseguir aquele guerreiro com feitos de ódio, por menor que fosse o seu amor. Então, sob o pesar que o acometera tão aflitivamente, renunciou às alegrias dos homens, buscou a luz de Deus: aos herdeiros, como faz um [2095] homem rico, deixou suas terras e cidades populosas, partindo desta vida. Logo houve feitos de ódio e contenda entre suecos e gautas, e rixas de parte a parte por sobre as amplas águas, amarga inimizade de guerra, pois Hrethel estava morto. Ainda, os filhos de Ongentheow eram audazes na guerra, ávidos por [2100] avançar, e não desejavam manter a paz nas margens do mar, e em seu ódio muitas vezes cometeram matanças cruéis ao redor de Hreosnabeorg.

“Isto foi vingado por minha família, os feitos de inimizade e injustiça, como foi propalado, porém um deles pagou com a [2105] vida em horrível permuta: sobre Hæthcyn, senhor dos gautas, a guerra se abateu desastrosa. Naquele dia, segundo ouvi falar, ao amanhecer, um parente, com os gumes da espada, retribuiu ao matador a morte do outro, quando Ongentheow se defrontou com Eofer. O elmo de batalha partiu-se e o idoso Scylfing [2110] tombou, pálido de morte, no combate. Sua mão recordava muitos feitos ferozes, mas não desferiu o golpe fatal.

“Retribuí a Hygelac em batalha as preciosas dádivas que me deu, como me foi permitido, com minha espada reluzente; ele me deu terras e a feliz posse do lar de meus pais. Não teve [2115] necessidade de buscar um guerreiro menos robusto entre os Gifethas, ou entre os lanceiros dos daneses, ou no reino sueco, ou contratá-lo mediante pagamento. Nas hostes em marcha, eu sempre ia adiante dele, a sós, na frente de batalha, e assim hei de combater a vida toda, enquanto durar esta espada que [2120] muitas vezes, cedo e tarde, bem me serviu, desde que diante das hostes comprovadas minhas mãos foram a morte de Dæghrefn, campeão dos francos. De nenhum modo ele pôde levar o ornamento do peito bem trabalhado ao rei frísio. Ao contrário, tombou em batalha o guardião do estandarte deles, esse [2125] príncipe altivo. Não foi o gume de espada que o matou, mas a força das mãos de um guerreiro que extinguiu seu coração que batia, esmagando-lhe a armação dos ossos. Agora o gume desta espada, lâmina dura e temperada, há de combater pelo tesouro.”

Beowulf, pela última vez, pronunciou palavras altivas: “Na [2130] juventude, ousei muitos feitos de guerra, e como idoso protetor de minha gente ainda hei de buscar contenda e obter renome se o autor do mal e da ruína sair de sua casa de terra para me encontrar.” Então, dirigiu-se a cada um daqueles homens, audazes guerreiros portadores de

escudos, seus caros camaradas [2135] dos tempos recentes. “Eu não usaria nem espada nem outra arma contra a serpente se soubesse de que outra maneira poderia me atracar com o feroz destruidor, pela minha honra, como outrora fiz com Grendel. Mas aqui espero o calor do fogo cruel, sopro e peçonha, por isso me armei de espada e couraça. [2140] Porém, não recuarei um só passo diante do guardião do morro, mas depois, a nós dois, ao lado do monte, há de acontecer tudo o que o destino, a parte que cabe a cada homem, decretar. Meu coração é destemido, assim abstenho-me de ameaça com bravata diante desse inimigo alado. [2145]

“Esperai agora na colina, vestidos de couraças, cavaleiros de arnês, para verdes qual de nós melhor suportará suas feridas quando o combate terminar. Não é incumbência para vós, nem está na medida de nenhum homem, apenas na minha, empenhar seu poderio contra o feroz destruidor, realizando feitos de [2150] cavalaria. Com minha valentia, hei de ganhar o ouro, ou a guerra, e o mal cruel e mortal há de levar de vós o príncipe.”

Em seguida o guerreiro audaz se ergueu junto ao escudo, resoluto sob o elmo. Envergando a soturna malha, foi a passos largos até os penhascos rochosos, confiando na força de um só [2155] homem – este não é feito de covarde! Então ele, que, dotado de máscula virtude, enfrentara toda uma hoste de batalhas e embates de guerra quando as fileiras de homens se chocavam, viu postado ao lado do monte um arco de pedra do qual corria um arroio colina abaixo. A água fervente dessa fonte era quente [2160] graças aos fogos mortais. Nenhum homem poderia suportar por muito tempo, sem chamuscar-se, aquele lugar profundo junto ao tesouro, em virtude da chama do dragão.

Em sua ira, então, o príncipe dos gautas amantes do vento deixou as palavras se soltarem do seu peito; com o coração [2165] soturno, bradou alto, de forma que sua voz

ressoou nítida como grito de guerra embaixo da rocha esbranquiçada. O ódio foi incitado. O Guardião do Tesouro percebeu a voz humana. Não havia mais possibilidade de apelar por paz. Primeiro saiu da rocha o sopro do feroz destruidor, vapor quente, ameaça de [2170] batalha. A terra ressoou. O senhor dos gautas, sob o morro, virou o escudo de guerreiro para enfrentar o ser pavoroso que se aproximava. Naquele momento foi inflamado o coração da fera enrodilhada a sair para o combate. O bom rei já sacara a espada para combater, sua antiga herança, de gume afiado. Cada um [2175] deles, com intenção cruel no coração, sentia pavor [do] outro. Mas o príncipe dos vassalos se manteve de pé diante dela, indômito com o alto escudo, enquanto a serpente depressa se enrodilhou. Ele a aguardou em sua armadura. Ela então veio chamejante, deslizando em curvas e alças, apressando-se rumo ao seu [2180] destino. O escudo protegeu bem a vida e os membros do renomado rei, por tempo um tanto mais breve do que ele teria desejado se lhe fosse permitido alcançar a vitória em combate, o que daquela vez, na primeira vez em sua vida, o destino não lhe concedeu. O senhor dos gautas lançou o braço para o alto e com a antiga [2185] espada golpeou o inimigo medonho. O gume brilhante atingiu o corpo ossudo, porém com menor intensidade do que precisava seu rei, ali penosamente oprimido. Após esse golpe belicoso, tornou-se cruel o humor do guardião do monte. Ele lançou seu fogo mortífero, e as chamas da batalha saltaram longe. Então [2190] aquele de quem os gautas recebiam amor e presentes de ouro não soltou um triunfante brado de vitória: sua lâmina nua o desapontara nos cruéis feitos da batalha, o que jamais deveria ter feito aquele ferro, experimentado desde antanho. Não foi aprazível sua sina naquele dia, (nem foi tal) que o renomado filho de [2195] Ecgtheow abandonasse por vontade própria o campo na Terra. A contragosto, foi habitar numa morada alhures, como é

necessário a todos os homens quando deixam os breves dias da vida.

Não demorou muito para aqueles ferozes matadores se defrontarem outra vez. O Guardião do Tesouro novamente [2200] animou-se, com o peito arfando, a respiração ofegante. Aquele que antes fora monarca de sua gente suportou a angústia, oprimido com o fogo. Seus companheiros de armas, filhos de príncipes, de nenhum modo se postaram em torno dele, companhia testada na guerra. Ao contrário, retiraram-se para um [2205]bosque para salvar suas vidas. Apenas o coração de um deles se agitou com desgosto. Na mente virtuosa, nada pode afastar o parentesco. Wiglaf chamava-se ele, filho de Wihstan, o belo guerreiro sob seu escudo, senhor da raça Scylfing, da linhagem de Ælfhere. Viu seu senhor lígio sob a viseira do elmo de [2210] guerra em tormento de calor. Lembrou-se então dos favores que Beowulf lhe concedera, da rica habitação dos Wægmundings e de todos os direitos de terra que seu pai possuíra antigamente. Então não pôde mais conter-se: sua mão empunhou o escudo de tília amarela, sacou a antiga espada – entre os homens, ela [2215] era conhecida como pilhagem de Eanmund, filho de Ohthere. eLivros, sem senhor, ele fora morto por Wihstan em batalha com o fio da espada, o qual levara da família de Eanmund seu luzente elmo brunido, a couraça de anéis e a antiga espada gigantesca. Tudo isso Onela lhe devolveu, o arnês de batalha de seu [2220] sobrinho, o garboso equipamento de guerra, e não falou dessa injúria à sua casa, apesar de Wihstan ter abatido o filho de seu irmão. Guardou por muitos anos esses belos objetos, tanto a espada quanto a couraça, até seu filho ser capaz de realizar feitos valorosos de cavalaria, assim como seu pai fizera antes dele. Então [2225] deu-lhe na terra dos gautas uma quantidade incontável de arneses de batalha, ao partir da vida, pleno de anos, em sua jornada para o além. Essa era a primeira

aventura em que aquele jovem campeão estava destinado a fazer uma investida em combate ao lado de seu bom senhor. Seu coração não fez água dentro dele, [2230] nem a arma que o pai lhe legara o traiu na luta. E isso, de fato, a serpente sentiu quando se defrontaram.

Wiglaf falou muitas palavras bastante apropriadas aos companheiros (pois tinha o coração pesado): “Não me esqueço do tempo em que, quando tomávamos hidromel no salão dos [2235] folguedos, juramos a nosso mestre que nos deu estes objetos preciosos que lhe retribuiríamos a vestimenta de guerreiros, os elmos e as espadas resistentes, se alguma vez o acometesse uma necessidade como esta. Para isto nos escolheu de própria vontade dentre a hoste, para esta aventura, considerando-nos dignos de feitos [2240] gloriosos. Para isto deu-me essas dádivas valiosas, pois nos tomou por lanceiros valentes, audazes portadores do elmo, mesmo que nosso senhor, pastor da sua gente, tencionasse realizar esta obra de proeza sozinho, em nosso favor, pois ele, mais do que todos os homens, realizou façanhas de renome e feitos de ousadia. Agora [2245] chegou o dia em que nosso senhor lígio tem necessidade de valentia e de bons guerreiros. Vinde! Vamos até ele! Ajudemos nosso líder em armas enquanto dura o calor, o impiedoso terror ardente. Deus sabe que, no que me diz respeito, é muito melhor que o fogo ardente me abrace o corpo junto ao senhor que me [2250] deu ouro. Nem me parece adequado que levemos nossos escudos de volta ao lar, a não ser que primeiro possamos abater o inimigo e defender a vida do rei da gente amante do vento. Em verdade, sei que seus méritos de outrora não foram tais que só ele, dentre os experimentados homens gautas, deva sofrer angústia e tombar [2255] em batalha. Com ele minha espada e meu elmo, minha couraça e minha armadura hão de se unir em aliança!”

Então avançou a passos largos através da fumaça mortal, de cabeça armada para a guerra, em socorro de seu senhor, e falou estas breves palavras: “Beowulf amado, faze bem todas as coisas [2260] até o fim, assim como outrora juraste, nos dias da juventude, que não permitirias que tua honra fosse diminuída enquanto vivesses. Agora tu, bravo em feitos, sem hesitação no nobre coração, deves defender tua vida com todas as forças. Hei de te ajudar ao limite extremo.” [2265]

Ditas essas palavras, a serpente, estranha criatura feroz e maligna, em cólera, pela segunda vez atacou com fogos em redemoinho, aproximando-se dos inimigos, aqueles homens odiados. Seu broquel foi queimado pelas ondas de chamas até a bossa. Sua couraça não pôde servir de auxílio àquele jovem que empunhava [2270] a lança. Mas, sob o escudo do parente, o jovem guerreiro houve-se corajosamente quando seu próprio escudo se esfarelou nos fogos ardentes. Mais uma vez, então, o rei das batalhas recordou seus feitos renomados; com enorme força golpeou com a espada belicosa, e ela chocou-se firmemente contra a cabeça, impelida [2275] por um ódio selvagem. Nægling rompeu-se em pedaços! A espada de Beowulf, antiga, de lâmina cinzenta, falhara em combate. Não lhe fora concedido que lâminas de ferro o auxiliassem na guerra. Era forte demais aquela mão que, como ouvi dizer, sobrepujava todas as espadas com seu balanço, quando levava à batalha armas [2280] espantosamente duras. Isso nem um pouco o favorecia.

Então, pela terceira vez, o destruidor do povo, o selvagem dragão de fogo, pensou em feitos de inimizade e atacou aquele homem valoroso, tendo agora conquistado um espaço livre, ardente e feroz na batalha. Envolveu seu pescoço com os dentes [2285] afiados e ósseos, e Beowulf enrubesceu com seu próprio sangue vital, que jorrou em golfadas impetuosas. Ouvi dizer que, naquela hora da

necessidade de seu rei, o bom homem, ereto, demonstrou sua valentia, seu poder e sua coragem, como era o costume entre sua gente. Não deu atenção às mandíbulas. Ao [2290] contrário, sua mão foi queimada enquanto ele, valoroso, auxiliava o parente, golpeando a estranha criatura selvagem um pouco mais abaixo – cavaleiro em armas era ele! –, de forma que sua luzente espada de punho dourado mergulhou e, depois disso, o fogo começou a amainar. Mais uma vez, o próprio rei [2295] dominou seus sentidos. Sacou um punhal mortífero, penetrante e afiado para a luta, que usava junto à malha; senhor da gente amante do vento, ele rasgou a serpente pelo meio. Haviam matado o inimigo – a valentia vencera a vida. Juntos o destruíram, aqueles dois príncipes da mesma casa – de tal espécie o homem [2300] tem de ser, um lígio leal na necessidade! Esse foi, para o rei, o último de seus momentos de triunfo pelos próprios feitos, a última de suas labutas no mundo.

Agora, a ferida que o dragão da caverna lhe causara começou a arder e inchar. Depressa ele percebeu que no interior do peito [2305] a peçonha fervilhava com malignidade mortal. O príncipe foi então sentar-se em um assento junto ao morro, pleno de profundos pensamentos. Contemplou aquela obra de gigantes, dando-se conta de como a duradoura abóbada de terra continha em si os arcos de pedra, firmemente sustentados por seus pilares. [2310]

Então o cavaleiro de suprema bondade jogou-lhe água com as mãos, naquele rei de renome, todo ensanguentado de modo horrível, seu próprio senhor lígio, exausto de guerra, e desafivelou-lhe o elmo. Beowulf falou – a despeito da ferida, do atroz ferimento mortal – que sabia que haviam chegado ao fim suas [2315] horas de vida, suas alegrias na Terra. Terminava agora toda a conta de seus dias, e a morte estava muito próxima.

“Agora desejaria dar a um filho meu o arnês de combate, se me tivesse sido concedido que um herdeiro de

meu corpo me sucedesse. Governei este povo por cinquenta invernos. Não [2320] havia nenhum rei, nenhum entre os povos que habitavam por perto, que ousasse de mim se aproximar com espadas aliadas ou me ameaçar com alerta de guerra. Em minha própria terra, enfrentei o que o tempo me trouxe. Saí-me bem e não persegui fins cruéis com perfídia, nem jurei muitas promessas [2325] injustamente. Com tudo isso, posso agora, enfermo de feridas mortais, me regozijar, porque o Governante dos homens não tem motivo para me acusar da cruel matança de minha gente quando minha vida se aparta do meu corpo. Agora vai depressa inspecionar o tesouro sob a rocha esbranquiçada, amado Wiglaf, [2330] agora que a serpente jaz morta, dorme gravemente ferida, privada do seu tesouro. Apressa-te agora para que eu possa contemplar a fortuna de outrora, as riquezas de ouro, para que eu possa examinar bem as claras joias de habilidosa feitura e possa, assim, obtida a fortuna em objetos preciosos, mais [2335] amenamente deixar a vida e a soberania que por tanto tempo detive."

Então ouvi dizer que, rapidamente, o filho de Wihstan, quando essas palavras foram ditas, obedeceu ao senhor ferido, abatido em combate, caminhando em sua malha de rede, sua couraça tecida para a batalha, para dentro da abóbada do [2340] monte. Passando então pelo assento esse jovem cavaleiro de coração altivo, repleto da alegria da vitória, contemplou uma multidão de joias amealhadas, ouro reluzente a jazer no chão, objetos maravilhosos na parede, o próprio covil daquela velha serpente à pálida luz minguante, e jarros lá colocados, vasos de homens [2345] de tempos passados, roubados dos que zelavam por eles, com os belos adornos se desfazendo. Havia muitos elmos velhos e enferrujados, inúmeros braceletes torcidos, entrelaçados, formando estranhos desenhos. O tesouro, o ouro oculto na terra, facilmente pode dominar o coração de qualquer um da raça [2350] dos homens – que se acautele quem quiser!

Ali viu também um estandarte de ouro todo trabalhado, dependurado alto, acima do tesouro, o mais maravilhoso dentre todos os objetos de artesanato, tecido pela perícia dos dedos. Dali provinha um brilho pelo qual ele podia bem divisar aquele espaço sob a terra e [2355] contemplar todos os objetos preciosos. Da serpente nada podia ser visto, a espada a consumira. Então, como ouvi dizer, no interior daquele morro um homem pilhou o tesouro e a antiga obra de gigantes, carregando em seu corpo pratos e taças a seu bel-prazer; apossou-se também do estandarte, o mais belo e [2360] brilhante dos emblemas. O montante de seu idoso senhor – era de ferro seu gume – arruinara aquele que por tanto tempo mantivera os objetos preciosos sob seu domínio, brandindo ardente diante do tesouro o terror de sua chama, rodopiando furiosamente no meio da noite, até sofrer morte amarga. [2365]

Com pressa o mensageiro, ávido por retornar, foi impelido pelos despojos preciosos. Seu coração enaltecido era trespassado pela ansiedade de saber se ainda haveria de encontrar vivo o príncipe da gente amante do vento naquele lugar plano onde o deixara, com a coragem desvanecendo. Então, trazendo esses [2370] objetos preciosos, ele encontrou o renomado príncipe, seu senhor, sangrando e próximo do fim da vida. Mais uma vez, começou a jogar-lhe água, até que a fala, como aguda pontada, irrompeu da prisão do seu peito. Assim falou com aflição o idoso rei guerreiro, contemplando o ouro: “Ao Mestre de tudo, [2375] Rei Glorioso e Senhor perpétuo, digo agora minhas palavras de graças por estas belas coisas que aqui contemplo, por ter-me sido permitido reunir, antes da hora de minha morte, tal fortuna para meu povo. Agora que, pelo tesouro de objetos preciosos, permutei a duração de minha velha vida, supri de ora em [2380] diante as necessidades do povo. Não posso mais permanecer aqui. Mandai os homens renomados na guerra me carregarem a

um morro fácil de enxergar quando a pira for feita num promontório junto ao mar. Hei de me erguer alto acima de Hronesnæs, memorial para meu povo, para que mais tarde os viajantes [2385] do mar o chamem de Colina Tumular de Beowulf, esses mesmos que de longe se apressam em seus navios alcantilados por sobre as sombras das profundezas.” O príncipe de coração valoroso tirou do pescoço um colar de ouro e o deu ao cavaleiro, jovem que empunha a lança, e seu elmo reluzindo de ouro, sua couraça [2390] e um anel, pedindo que os usasse bem. “Tu és o fim e o derradeiro de nossa casa da linhagem de Wægmund. Todos os meus parentes foram arrebatados pelo destino à sua sina designada, bons homens valorosos – preciso segui-los!” Foram essas as últimas palavras que brotaram daqueles idosos coração e peito antes de [2395] ele ser levado à pira e à ardente vaga das chamas belicosas. Do seu peito, a alma partiu em busca do julgamento dos justos.

Foi então dolorosa a sorte daquele homem pouco experimentado em anos, ao ver o mais amado dos homens sobre a terra sofrendo desgraçadamente no fim da vida. Também seu [2400] matador jazia morto, o horrendo dragão da caverna sem vida, a quem o tormento oprimira. Não mais podia dominar os anéis amealhados essa serpente curva e enrodilhada; ao contrário, lâminas de ferro duras, forjadas por martelos, chanfradas pela guerra a haviam dominado. Aquele que voara ao longe [2405] estava silenciado pelas feridas, caído por terra junto ao seu depósito de riquezas. Nunca mais folgaria vagando pelo ar no meio da noite, nem revelaria seu vulto aos homens, altivo pela posse de coisas belas. Fora lançado por terra pela mão e pelo feito daquele líder da hoste. Em verdade, poucos dentre os [2410] homens possuidores de grande valentia naquela terra, como fiquei sabendo, tinham tal sorte, por muito que fossem audazes em todo feito, ao se lançarem contra o sopro do inimigo peçonhento ou

perturbarem com as mãos seu salão de anéis e encontrarem ali o Guardião habitando alerta em seu morro. [2415] Mesmo Beowulf pagou com a morte sua porção desses régios tesouros. Agora ambos haviam viajado ao fim da vida passageira.

Não passou muito tempo até que os retardatários da batalha, que antes não haviam ousado empunhar as lanças na grande necessidade de seu senhor soberano, abandonassem o bosque, [2420] dez corações débeis juntos, infratores de seus juramentos. Mas agora, envergonhados, vieram trazendo escudos e arneses de guerra até onde jazia morto o idoso rei. Olharam para Wiglaf. Estava sentado exausto, esse campeão da hoste, ao lado de seu senhor, procurando revivê-lo com água – de nada lhe adiantou. [2425] Não conseguiu, por muito intensamente que o desejasse, manter na terra a vida de seu capitão, nem obstar um pouco a vontade do Onipotente. A sina de Deus sempre foi senhora de todo homem que realizou seus feitos, e continua sendo assim.

Então cada homem que por pouca coisa se esquecera da [2430] valentia foi severamente repreendido por Wiglaf, o jovem, filho de Wihstan. E ele falou, um homem com dor no coração olhando para aqueles homens desprezados: “Eis que de fato isto pode ser dito por quem desejar contar a verdade: que este senhor lígio (que vos deu estes presentes e equipamentos de [2435] soldados valiosos, os quais agora usais, na época em que costumava vos conceder, sentados a beber cerveja nos bancos do salão, tanto elmo quanto couraça, os mais esplêndidos objetos que ele, rei para seus cavaleiros, podia arranjar para vós, de longe ou de perto), na hora em que a guerra o surpreendeu, [2440] teria lançado fora, de maneira prejudicial, todos esses equipamentos de guerra. Pouco motivo o rei deste povo teve para se orgulhar de seus companheiros de armas. Não obstante, Deus, que

governa, lhe garantiu vitórias quando ele se vingou com a espada, sem ajuda, e teve necessidade de valentia. Pouco [2445] socorro à vida eu pude propiciar a ele nesse combate, e ainda assim tentei auxiliar meu parente além da medida de minhas forças. O adversário mortal diminuiu em vigor depois que o golpeei com a espada, e com menos violência então o fogo brotou dos portais de sua cabeça. Bem poucos defensores se juntaram em [2450] torno de seu príncipe quando essa má hora chegou para ele! Vede: ricos presentes, espadas, toda a alegria e a esperança nos lares de vossos pais não hão mais de chegar a toda a vossa gente. Destituído de terras e de direitos, cada homem dessa casa e linhagem há de partir quando os homens bons de longe [2455] descobrirem vossa retirada e vosso feito inglório. Para todo homem digno, a morte é mais suave do que a vida com desprezo!”

Então ele mandou que os homens acima do penhasco junto ao mar levassem notícias dos feitos de guerra ao acampamento cercado, no qual bons homens reunidos, com os escudos ao seu [2460] lado, permaneceram sentados durante a longa manhã daquele dia, com desânimo no coração, meditando sobre os dois acontecimentos: o dia que findava e a volta ao lar do homem que amavam. Dessas novas, pouca coisa foi mantida em silêncio por aquele que cavalgou naquela ladeira voltada para o mar, [2465] mas fielmente ele disse para todos ouvirem: “Agora aquele que trazia alegria à gente amante do vento, o senhor dos gautas, está preso ao leito de morte. Jaz numa cama sangrenta pelo feito do dragão. Ao seu lado, o adversário mortal jaz atingido por golpes de punhal; de nenhuma forma a espada podia ferir com [2470] gravidade o feroz matador. Wiglaf, filho de Wihstan, está sentado junto a Beowulf, o bravo vivo vigiando o bravo morto. Com fadiga na alma, ele se mantém vigilante junto aos corpos do amigo e do inimigo.

“Agora nosso povo deve esperar tempos de guerra, assim que [2475] se espalhar a notícia da queda do rei aos frísios e aos francos. Amarga foi a rixa decretada contra os Húgas (francos) quando Hygelac chegou navegando à terra frísia com sua frota de ataque. Ali os Hetware o atacaram em batalha e valorosamente, com força esmagadora, conseguiram que se deitasse o guerreiro [2480] em cota de malha: ele tombou em meio à hoste, e nem uma só coisa bela esse senhor deixou para seus bons homens. Desde então nos tem sido negado o favor do senhor merovíngio. Não vejo nem paz nem trégua vinda do reino sueco. Ao contrário, foi noticiado por toda parte que Ongentheow tirou a vida de [2485] Hæthcyn, filho de Hrethel, perto de Hrefnawudu (Floresta dos Corvos), quando o povo gauta, com arrogância, havia antes atacado os belicosos Scylfings. Depressa o idoso pai de Ohthere, velho terrível, lhe desferiu um golpe em resposta, destruiu o chefe do mar e resgatou sua esposa, idosa como ele, sua senhora [2490] venerada, despojada de ouro, mãe de Onela e Ohthere. Depois, perseguiu seus inimigos mortais até eles escaparem, pressionados, sem líder, para Hrefnesholt (Bosque dos Corvos). Então, com todo o seu grande exército, sitiou os que sobreviveram ao ataque de suas espadas, feridos e exaustos. Muitas vezes, por [2495] toda a longa noite, fez juramentos cruéis àquele bando infeliz, dizendo que ao amanhecer tiraria suas vidas com o fio da espada, ou que alguns, enforcados em árvores, tornar-se-iam a diversão dos corvos. O alívio àqueles corações infelizes chegou com a primeira luz da manhã, ao ouvirem as cornetas e as trompas de [2500] Hygelac tocando, chamando para o combate, quando esse bom homem chegou marchando no rastro deles, com a valentia provada de sua gente. Era fácil ver por toda parte a sangrenta faixa de gautas e suecos, o ataque mortífero dos homens, os dois povos clamando entre si feitos de inimizade. [2505]

“Então o bom rei (Ongentheow) – pleno de anos era ele, e de muitos pesares – foi com sua escolta a um local protegido. O guerreiro Ongentheow recuou a um terreno mais elevado. Havia ouvido falar da valentia de Hygelac e do poderio na guerra desse altivo príncipe. Não tinha esperança de resistir a [2510] ele, nem de se empenhar contra aqueles homens do mar, de defender tesouros, crianças ou esposas desses ferozes viandantes. Retrocedeu daquele lugar o velho rei, para trás de uma muralha de terra. Ali foi ordenado o ataque à gente dos suecos. Os estandartes de Hygelac partiram em marcha sobre aquele [2515] espaço defendido, quando a gente de Hrethel chegou em multidão ao acampamento cercado. Ali estava Ongentheow, de cabelos salpicados de cinza, acuado pelo fio da espada, e ali aquele rei de (seu) povo teve de suportar a vontade singular de Eofor. Wulf Wonreding, em fúria, o encontrara com sua arma, de [2520] forma que com o golpe o sangue irrompeu das veias sob os cabelos. Ainda assim não se desencorajou o idoso Scylfing; ao contrário, depressa retribuiu aquele golpe mortal com permuta mais selvagem, quando ele, rei de seu povo, se voltou contra o inimigo. Agora o ávido filho de Wonred não era capaz de [2525] responder com outro golpe; ao contrário, ele tinha o elmo partido na cabeça, de forma que, tingido de sangue, teve de ir a pique: caiu por terra. Ainda não estava fadado a morrer; pelo contrário, recuperou-se, por mais que a ferida o tivesse atingido de perto. Eis que então o corajoso cavaleiro de Hygelac, visto que [2530] seu irmão fora abatido, deixou a larga lâmina da antiga espada forjada por gigantes despedaçar o gigantesco elmo por sobre a muralha de escudos. O rei, o pastor de sua gente, recuou então, e foi atingido de morte. Foram muitos ali os que prenderam o irmão de Eofor e depressa o ergueram, pois lhes fora concedido [2535] dominar o campo atacado. Em seguida, o cavaleiro despojou seu adversário. Tirou de Ongentheow a couraça de ferro, a espada empunhada de dura têmpera e

também o elmo; o arnês do senhor encanecido, ele o deu a Hygelac.

"Esses belos objetos ele recebeu, e afavelmente lhe [2540] prometeu recompensas diante de sua gente, e cumpriu sua palavra. Pelo seu ataque nessa batalha, o senhor dos gautas, herdeiro de Hrethel, ao chegar ao lar, recompensou Eofor e Wulf com presentes além da conta. A cada um deu cem mil (*pence*[2] de prata) em terras e anéis encadeados. Nenhum motivo qualquer [2545] homem do mundo teria para repreendê-lo por essas recompensas, visto que, com suas espadas, eles haviam realizado tão gloriosos feitos. Ademais, deu a Eofor sua única filha, como penhor de boa vontade, por ter honrado sua casa.

"Assim são a contenda e a inimizade, a cruel malícia dos [2550] homens, com as quais temo que a gente sueca venha nos enfrentar quando souber que nosso senhor foi privado da vida, ele que antes protegia seu tesouro e seu reino contra os que o odiavam, que após a queda de homens poderosos governou os gautas amantes do mar, obtendo proveito para seu povo, e, [2555] mais do que tudo, realizou feitos de cavalaria.

"Agora, o melhor é nos apressarmos, contemplarmos o rei deste povo onde ele jaz e levarmos à sua via funeral aquele que nos deu anéis. E não é adequado que apenas um objeto seja consumido junto a este altivo coração; ao contrário, há um [2560] estoque de objetos preciosos, ouro além da conta, adquirido com crueldade, anéis pagos com sua própria vida – é justo que a madeira inflamada os devore, que o fogo os envolva. Nenhum homem bom há de usar qualquer objeto precioso em memória dele, nem nenhuma bela donzela há de ter um anel [2565] em torno do pescoço a enfeitá-lo, mas, com o coração pesaroso, destituída de ouro, por muito e muito tempo ela pisará as terras do exílio, agora que o capitão de nossa hoste pôs de

lado o riso, o júbilo e a diversão. Por isso, muitas lanças frias serão tomadas pela manhã e erguidas na mão; a música da harpa não [2570] despertará os guerreiros, mas sim o corvo sombrio, olhando com cobiça os condenados, dirá muitas coisas, contará à águia como se houve no banquete da carniça quando competiu com o lobo limpando os ossos dos mortos.”

Destarte o audaz homem se tornou contador de amargas [2575] notícias. Pouco relatou incorretamente sobre as coisas que haviam ocorrido ou sido ditas. Toda a hoste se ergueu. Infelizes, com lágrimas jorrando, foram até o sopé de Earnanæs (Cabeça das Águias) para contemplar aquela visão monstruosa. Ali encontraram, jazendo inerte no leito, no solo, aquele que em [2580] tempos antigos lhes dera anéis. Agora terminara o dia derradeiro daquele bom homem, e o rei das batalhas, o príncipe da gente amante do vento, teve morte monstruosa. Haviam visto ali coisa ainda mais estranha: lá jazia a detestável serpente, estendida diante deles, no chão. Horrível de se ver, de pavoroso [2585] matiz, o dragão chamejante fora chamuscado com seu próprio fogo ardente. Cinquenta pés[3] medidos era o seu comprimento estendido. Outrora divertira-se no ar à noite, depois costumava ir em busca de seu covil, mas agora estava atado à morte, pela última vez usara suas térreas cavernas. Junto a eles havia copos e [2590] jarros, pratos e espadas preciosas, enferrujadas e carcomidas, como se ali tivessem passado mil anos no abraço da terra. Naquele dia, essa herança fora dotada de enorme poder. O ouro de homens passados estava enredado em encantamentos, de modo que nenhum deles poderia se apossar daquele salão de anéis, a [2595] não ser que o próprio Deus, o verdadeiro Rei das Vitórias, concedesse ao homem escolhido o segredo do encantador e abrisse o tesouro àqueles dentre os homens que lhe conviessem.

Todos podiam ver agora a má sorte daquele que injustamente ali mantivera ocultos os objetos preciosos sob o morro. Um [2600] apenas, e mais nenhum, o Guardião matara antes que seus feitos de inimizade fossem amargamente vingados. É um mistério onde o homem de bravura e bom coração há de encontrar o fim da vida que lhe foi outorgada, quando não mais poderá ficar com sua gente no salão, bebendo hidromel. Aconteceu assim [2605] com Beowulf: quando foi em busca do guardião do monte, de sua perfídia e malícia, ele próprio não sabia de que maneira haveria de ocorrer sua despedida do mundo. Com esse fim, os poderosos chefes, os que lá o haviam depositado, o amaldiçoaram profundamente até o próprio Dia do Juízo, para que fosse [2610] condenado pelos seus crimes, encerrado nas casas dos demônios, preso nas amarras do Inferno, atormentado com mal duradouro o homem que saqueasse aquele lugar. Ai de Beowulf, que antes de partir não havia considerado mais cuidadosamente a vontade do antigo possuidor que amaldiçoara o ouro. [2615]

Falou Wiglaf, filho de Wihstan: “Com frequência precisa acontecer que muitos homens sofram infortúnio pela vontade de um, assim como nos aconteceu agora. Não pudemos aconselhar nosso amado rei, o pastor deste reino, a tomar alguma rota bem deliberada, para que não se aproximasse do guardador do ouro, [2620] mas o deixasse deitado onde estivera por longo tempo, habitando em suas moradas até o fim do mundo, seguindo seu destino poderoso. O tesouro, posto a nu, cruelmente foi conquistado. Era demasiado poderoso o destino que para ali atraiu esse homem mortal. Estive lá dentro e tudo inspecionei, os tesouros dessa casa, [2625] quando tive permissão – não foi indulgente o modo como minha entrada foi recebida embaixo do morro de terra. Apressado, agarrei com as mãos um enorme fardo de tesouros amealhados e

para cá os trouxe até meu rei. Porém, ele tinha então a mente clara e consciente e, idoso e angustiado, falou todas essas coisas e [2630] mandou-me saudar-vos, ordenando que fizésseis, em lembrança dos feitos de vosso bom senhor, no local de sua pira, uma tumba tão soberba, imensa e esplêndida como ele mesmo fora entre os homens o mais renomado na guerra em todo o amplo mundo, enquanto ainda era sua sina usar a riqueza de suas cortes. [2635]

“Apressemo-nos agora, e vamos mais uma vez encontrar e contemplar, naquele acúmulo de gemas lindamente trabalhadas, os objetos maravilhosos sob o morro. Eu vos guiarei para que ali observeis de perto anéis em abundância e ouro maciço. Que esteja pronto o esquife, arranjado depressa, quando sairmos. Então [2640] levemos nosso muito amado príncipe para o lugar onde por muito tempo há de permanecer sob a guarda do Senhor!”

Em seguida o filho de Wihstan, poderoso homem de coragem, mandou-os enviar apelos a muitos dos que governavam domicílios rurais, para que eles, como comandantes de [2645] homens, trouxessem de longe a madeira para a pira a serviço de seu bom senhor. “Agora a chama fumegante há de ser alimentada, o fogo ardente há de devorar o príncipe dos homens, aquele que muitas vezes suportou o granizo de ferro, quando a tempestade de setas impelidas pelas cordas dos arcos voava [2650] sobre a muralha de escudos e a flecha cumpria sua tarefa, levada por sua veste emplumada, seguindo a ponta.”

Ademais o sábio filho de Wihstan convocou na hoste os próprios cavaleiros do rei, sete numa companhia, homens excelentíssimos. Então, oito guerreiros, ao todo, foram para baixo do teto [2655] maldito, um levando uma tocha acesa e caminhando à frente deles. Não foi preciso lançar a sorte para saber quem haveria de saquear aquele tesouro, quando os homens sem vigia avistavam mais alguma porção posta ali, esfarelando-se. Pouco lamentaram quando,

apressados, trouxeram para fora esses tesouros de [2660] grande valor. Também lançaram a serpente sobre o penhasco altaneiro, deixaram a maré levar o dragão, o mar corrente tragar o vigia de coisas belas. Depois o ouro entrelaçado foi carregado em uma carroça, além de qualquer conta, e o príncipe foi levado embora para Hronesnæs (Cabeça da Baleia), seu chefe encanecido. [2665]

Para ele, então, os senhores gautas prepararam uma pira sobre a terra, sem avareza, com elmos pendentes, escudos de guerra e couraças brilhantes, como ele solicitara. Em seguida, depositaram no meio dela seu glorioso rei, os homens poderosos lamentando seu amado senhor. Depois, sobre a colina, os [2670] guerreiros fizeram despertar a mais imensa das fogueiras fúnebres. A fumaça da madeira subiu negra acima do fogo, uma chama rugindo cercada de choro, até o vento rodopiante decair em silêncio e a casa óssea do corpo se esfarelar no [?cerne] ardente. Com o coração triste, lamentaram sua desgraça e seu senhor [2675] lígio abatido. Ali também muitas donzelas gautas de cachos trançados fizeram uma balada de lamento por Beowulf, cantando pesarosas, repetindo várias vezes que muito temiam os dias de maldade, as muitas matanças cruéis e o terror armado, ruína e grilhões de servidão. A fumaça esvaneceu-se no céu. Então os [2680] senhores da gente amante do vento construíram numa encosta voltada para o mar uma tumba alta e larga, claramente visível ao longe pelos que viajavam nas vagas. Em dez dias ergueram o memorial do bravo guerreiro, cercado por uma muralha que os fogos haviam deixado, da maneira mais esplêndida que os homens de [2685] grande sabedoria podiam tramar. Nesse monte depuseram braceletes, joias e todos os ornamentos que os homens de coração audaz haviam tirado do estoque, abandonando o tesouro dos homens poderosos à guarda da terra, o ouro no solo onde ainda perdura, tão

pouco proveitoso foi aos homens quanto demonstrou [2690] ser outrora.

Então cavalgaram em torno da tumba guerreiros valorosos, filhos de príncipes, doze no total, lastimando sua desgraça, lamentando seu rei, entoando um lamento fúnebre, louvando aquele homem, honrando sua proeza e seus feitos pujantes, [2695] ressaltando seu mérito – tal como convém a um homem exaltar com palavras seu senhor amado, acalentá-lo no coração, quando ele tem de ser levado para muito longe das vestes da carne.

Assim o povo gauta pranteou a queda de seu senhor, os camaradas de seu lar, proclamando que ele sempre fora, dentre os reis [2700] da Terra, o mais generoso dos homens e o mais bondoso com eles, o mais brando com seu povo e o mais ávido de louvor.

*

1 Pela estimativa atual, um *hide* corresponde a 120 acres, ou cerca de 0,486 km². Sete mil *hides* equivalem, portanto, a 3.400 km². (N. do T.)

2 *Pence*, plural de *penny*, antiga subdivisão da libra (unidade monetária), equivalente a 1/240 desta. (N. do T.)

3 Aproximadamente 15 metros. (N. do T.)

NOTAS SOBRE O TEXTO DA TRADUÇÃO[1]

Estas notas tratam principalmente, mas não exclusivamente, das variadas interpretações encontradas nos textos da tradução de palavras e trechos de *Beowulf*. Muitas delas são discutidas no comentário. Quando uma nota textual contém as palavras “Ver comentário” sem referência de linha, isto significa que a linha é a mesma em ambos os casos. O número de página da nota do comentário ou o trecho específico dela, porém, normalmente é indicado, para que possa ser encontrado de maneira mais fácil e rápida.

As letras UT (“último texto”) indicam o texto da tradução de *Beowulf* publicado neste livro.

14 (*18) *Beow*: este, e também em 41 (*53), é quase o único caso da tradução em que, sem justificativa, alterei uma leitura clara em qualquer um dos textos, que têm todos *Beowulf*. O assunto é discutido no comentário. Ver comentários.

17-18 (*21) Sobre a tradução “*he dwells in his father’s bosom*”, ver comentário.

60 (*74) Em B(i), junto à palavra “*proclaimed*”, aparece escrito a lápis, com letra diferente, “*summoned?*”. Esta é a

primeira de várias sugestões, e certamente a letra é de C. S. Lewis. Nesse caso, ela não foi aceita.

67 (*83) B(i) trazia "*the time was not yet come*"; em C, "*come*" foi alterado para "*at hand*", junto com outra opção, "*was not far off*", que adotei. Ver comentário.

94-5 (*117) "*ale-drinking*": em B, "*ale-quaffing*"; "*ale-drinking*" foi sugestão de C. S. Lewis.

97 (*120) Para o inglês antigo [I.A.], *Wiht unhæ´lo*, B(i) e C traziam "*That ruinous thing*", mais tarde emendado em C para "*That accurséd thing*". Numa nota referente a *Wiht unhæ´lo*, interpretado como "criatura do mal", meu pai escreveu que preferia a forma *unfæ´lo*, "já que em outros contextos *unhæ´lo* significa 'má saúde, doença', e *unfæ´le* é precisamente o adjetivo adequado: significa antinatural, sinistro, impuro, maligno, e está dito que livrar Heorot de Grendel é torná-lo *fæ´le* outra vez (*Heorot fæ´lsian*, 350, *432)".

97-9 (*121-3) No texto em inglês antigo aparece: "(...) *grim ond græ´dig, gearo sóna wæs, réoc ond réþe, ond on ræste genam þrítig þegna*"; na tradução: "*ravenous and grim, swift was ready; thirty knights he seized* (...)". Assim, não há tradução para os adjetivos *réoc ond réþe*, que significam "feroz, selvagem, cruel". Isso faltou no primeiro texto B(i) e nunca foi percebido depois.

107-8 (*134-5) Sobre a tradução "*Nor was it longer space than but one night*", ver comentário.

110 (*137) “*wrong*” (I.A. *fyrene*): sugerido por C. S. Lewis para B(i) “*sin*”.

123-5 (*154-6) “*truce would he not have with any man of the Danish host, nor would withhold his deadly cruelty, nor accept terms of payment*”. Sobre esta tradução, ver comentário.

“*nor accept terms of payment*” é uma emenda em C para “*nor make amends with gold*”.

127-8 (*160) “*both knights and young*” (I.A. *duguþe ond geogoþe*): este é, aparentemente, um claro exemplo de correção realizada em B(i) após a feitura do texto datilografado C, que manteve a leitura original “*both old and young*”. Sobre a tradução de *duguð*, ver comentário e outro.

134-5 (*168-9) Essas linhas foram incluídas entre parênteses tanto em B(i) quanto em C. Ambos os textos traziam “*Who took no thought of him*”, mas foi emendado em C para “*nor did he know His will*”. Ver comentário.

135-50 (*170-88) Ver comentário, onde consta uma versão muito semelhante desse trecho da tradução.

140 (*175) “*tabernacles*”: emendada em C de “*fanes*”. Ver comentário.

140 (*177) “*the slayer of souls*” (I.A. *gástbona*): sugerido por C. S. Lewis para B(i) “*destroyer of souls*”.

143-50 (*180-8) Os parênteses que aparecem nessas linhas são editoriais. Ver comentário, nota de rodapé.

146 (*184) "*fiendish malice*": emenda em C de "*rebellious malice*". Sobre a tradução de *sliðne nið*, ver comentário.

163-4 (*202-3) "*With that voyage little fault did wise men find*". A lápis, em C "*i.e. they applauded it*" [isto é, aplaudiram-na (a viagem)]". Ver comentário.

181-2 (*223-4) A leitura original de B(i) "*The waters were overpassed; they were at their sea-way's end*" foi alterada no texto para: "*Then for that sailing ship the voyage was at an end*" (em C, no lugar de "*voyage*" aparece "*journey*"). Ver comentário.

182-3 (*225) "*the Windloving folk*" (I.A. *Wedera léode*). Meu pai achou difícil escolher uma versão para os nomes dos gautas[2], que em *Beowulf* também são chamados de *Weder-Geatas, Wederas, Sæ-Geatas*. Nos textos da tradução encontram-se, adicionalmente aos nomes, mantidos em inglês antigo, "*Storm-folk*", "*Storm-Geats*", "*Windloving folk*"[3], "*Windloving Geats*". A correção superficial que ele fez no texto C deixou inconsistências, mas ainda assim é evidente que sua escolha final foi "*windloving folk, windloving Geats*" (talvez seguindo "*sealoving Geats*", por *Sæ-Geatas*). Usei, portanto, "*windloving* (*folk, Geats*)" em todas as ocorrências de *Wederas* e *Weder-Geatas* no poema.

184 (*226) B(i) "*their mail-shirts clashed*" foi alterado no texto para "*their mail-shirts they shook*". Ver comentário.

189 (*232) A palavra “*fyrwyt*” foi traduzida como “*eagerness*” em B(i) e corrigida em C para “*anxiety*”. Ver comentário. Em 1668 (*1985), “*eagerness*” permaneceu, mas, em 2342 (*2784), “*anxiety*” foi a tradução original usada em B(ii).

202 (*249) I.A. *seldguma*: B(i) e C “*minion*”. Corrigido em C para “*hall-servant*”. Ver comentário.

210 (*259) “*opened his store of words*” (I.A. *wordhord onléac*). Sugerido por C. S. Lewis para B(i) “*unlocked his prisoned words*”.

219-20 (*271-2) “*nor shall there in his court be aught kept secret*” foi emendado em C para “*and there a certain matter shall not be kept secret*”.

223 (*276) “*monstrous*” (I.A. *uncúðne*). Emenda em B(i) de “*inhuman*”.

232-4 (*287-9) Em B(i) e C, o texto “*it behoves a warrior that is bold of heart and right-minded to discern what truth there is in both words and deeds*” não compunha a fala do guarda costeiro, que começa com “*This have I heard* (...)”. Isso foi emendado em C para: “*A man of keen wit who takes good heed will discern the truth in both words and deeds: my ears assure me* [...]”. Ver comentário.

240 (*297) “*streams*” (I.A. *lagustréamas*). Sugerido por C. S. Lewis para B(i) “*currents*”.

246-8 (*303-6) B(i), após emenda, e C traziam: “*Images of the boar shone above the cheek-guards, adorned with gold, gleaming, fire-tempered; grim of mood the vizored helm kept guard over life*”. Isso foi corrigido em C para o UT (o texto apresentado neste livro). Ver comentário.

334-5 (*413-14) “*as soon as the light of evening is hid beneath heaven’s pale*”. Sobre essa tradução, ver comentário.

338-9 (*419-20) B(i) e C: “*when I returned all stained with blood from the dangerous toils of my foes*”. Meu pai tratava *fáh* como a palavra evidente (“decorado, colorido, manchado”), aqui usada (como é costume) com o significado de “manchado (de sangue)”, mas não fez nenhuma referência a essa interpretação em seu comentário. Mais tarde, a lápis, em C, alterou sua versão original da tradução no UT, “*when I returned from the toils of my foes, earning their enmity*”. Ver comentário.

339-40 (*420-1) B(i) e C: “*when five I bound, and made desolate the race of monsters, and when I slew* [...]”. Sobre as alterações feitas em C, ver comentário referente a 290-5.

344 (*426) I.A. *ðing wið þyrse*: B(i) e C: “*keep appointed tryst*”. Corrigido em C para “*hold debate*”.

346 (*428) No poema, Beowulf se dirige a Hrothgar como *brego Beorht-Dena, eodor Scyldinga*, mas *eodor Scyldinga* é omitido na tradução. Introduzi isto no texto, “*defender of the Scyldings*” (como na linha 539, *663).

348-9 (*431-2) B(i) e C: “[...] *that I* (*be permitted* B(i) >) *may, unaided, I and my proud company*”. Corrigido em C para “*only I may, and my proud company*”. Ver comentário.

356-9 (*442-5) B(i) e C: “*Methinks he will, if he may so contrive it, in this hall of strife devour without fear the Geatish folk, as oft he hath the proud hosts of your men*”. No texto datilografado B(i), meu pai mais tarde escreveu a lápis, de modo quase ilegível, acima de “*Geatish folk*”, as palavras “*folk of the Goths*” e, acima de “*the proud hosts of your men*”, algumas palavras foram riscadas e estão ilegíveis, exceto “*Hreðmen*”. Essas correções não aparecem em C como foi datilografado, mas o texto, conforme apresentado neste livro, foi incluído em seguida. Sobre esse trecho, ver comentário.

380-1 (*471-2) B(i) e C: “*sending over the backs of the sea ancient treasures*”. O texto em I.A. traz “*sende ic Wylfingum ofer wæteres hrycg ealde mádmas*”, mas “*to the Wylfings*” foi omitido e sua ausência não foi notada em C.

386-7 (*478) “*God (alone) may easily*”, I.A. *God éaþe mæg.* A palavra “*alone*” foi riscada e depois marcada com um tique indicando aceitação em B(i); datilografada em C, depois ela foi colocada entre parênteses. Em sua cópia da terceira edição de Klaeber, meu pai anotou junto ao verso 478: “*A cry of despair: Only God can help me*” [Um grito de desespero: somente Deus pode me ajudar.] Ver comentário.

395-7 (*489-90) B(i): “*Sit now at the feast, and unlock the thoughts of thy mind, thy victories and triumph, unto men, even as thy heart moveth thee*”. Emendado no texto datilografado para: “*Sit now at the feast, and in due time*

turn thy thought to victory for thy men, as thy heart may urge thee.” Esta era a forma em C como a datilografei. Mais tarde, meu pai alterou “*in due time*” para “*when the time comes*” e rabiscou, de maneira quase ilegível, “ou *for the Hrethmen*” junto a “*for thy men*”. Ver comentário.

398 (*491) I.A. *Géatmæcgum*: C “*the Geatish knights*”, corrigido para “*the young Geatish knights*”. Foi escrito “não B” (isto é, “não Beowulf”) na margem. Ver comentário.

398-405 (*491-8) Esse trecho da tradução aparece de forma quase idêntica no comentário referente a 163-4. Ver comentário.

452 (*555) I.A. *hwæþre mé gyfeþe wearð*: B(i) “*it was decreed by fate that I found*”. Emendado para: “*as my fate willed I found*”. Emendado em C para: “*it was granted to me to find*”. Ver comentário.

524-30 (*644-51) Ver comentário, sobre a tradução dessas linhas.

555-6 (*681) I.A. *þára góda* “*of gentle arms*”. Ver comentário.

635 (*776) I.A. *míne gefræ´ge* “*as I have heard*” B(i) e C. Em B(i) (apenas) aparece “*so the tale tells*” escrito por cima, o que adotei.

687-8 (*846) I.A. *feorhlastas bær* “*his desperate footsteps*” B(i) e C. Alterado em C para “*his footsteps, bleeding out his life*”. Ver comentário.

691-2 (*850) I.A. *déaðfæ´ge déog* “*doomed to die he plunged*”. Ver comentário.

707-8 (*870-1) I.A. *word óþer fand sóðe gebunden*: “*word followed word, each truly linked to each*”. Essa versão remete a B(i). Meu pai não a alterou depois, a despeito da opinião que expressou no comentário referente a 705-10. Ver comentário.

709 (*871-2) B(i) e C trazem “*began with skill to treat in poetry the quest of Beowulf*”. “*In poetry*” foi mais tarde incluído entre parênteses em C, e eu o omiti no UT.

735 (*902) “*in the land of the Jutes*” (I.A. *mid Éotenum*). A forma “*Eotens*” aparece em B(i) e C. Neste último, meu pai escreveu acima, a lápis, um nome que não consegui decifrar. Ver também a nota textual referente a 875-6, “*Jutes*”.

791-2 (*971) Sobre a omissão das palavras *tó lífwraþe* (“*to save his life*”) na tradução, ver comentário.

803-5 (*984-7) Ver comentário.

813-15 (*997-9) B(i) e C: “*Sorely shattered was that shining house, all bound as it was within with bonds of iron, the hinges of the doors were wrenched apart*”. Em C, emendado mais tarde para a leitura do UT. Ver comentário.

850-1 (*1044) I.A. *eodor Ingwina*: “*the warden of the Servants of Ing* (*Danes*)”. “*Warden*” foi uma alteração tardia de

“*bulwark*” em C, e o “*Danes*” explicativo entre parênteses está presente em B(i) e C.

875-6 (*1072) “*the loyalty of the Jutes*” (I.A. *Éotena tréowe*). Aqui, como em 735 e nas referências subsequentes, 889 (*1088), 937 (*1141), 939 (*1145), o nome em B(i) e C é “*Eotens*”. Em 735, como já observado, ele foi alterado em C para uma forma ilegível, mas nos demais casos foi mudado para “*Eote*”. Na linha 876 (apenas), “*Jutes*” foi escrito acima de “*Eote*”.

No UT usei “*Jutes*” em todos os casos. Há uma discussão substancial sobre essa questão em: J. R. R. Tolkien, *Finn and Hengest*, ed. Alan Bliss, 1982, verbete *Eotena* do Glossário de Nomes. Nessa obra se encontra também uma explicação para a forma *Eote* e uma tradução do *Fréswæl*, como meu pai denominou a balada do menestrel em Heorot: “a matança frísia” (“*the Frisian slaughter*”), *Beowulf* 874 (*1070), diferente da deste livro.

877 (*1074) “*of brothers and of sons*”. Ver comentário, e a discussão de meu pai em *Finn and Hengest*, p. 96.

898 (*1098) “*the sad remnant* (*of the fight*)” (I.A. *þá wéaláfe*). As palavras explicativas entre parênteses encontram-se em B(i) e C.

917-19 (*1121-3) B(i) e C: “*their gaping wounds burst open, the cruel hurts of the body, and the blood sprang forth. Flame devoured them all, hungriest of spirits* [...]”. I.A. *bengeato burston, ðonne blód ætspranc, láðbite líces. Líg ealle forswealg, gæ´sta gífrost* [...]

Muito rapidamente, a lápis, de modo quase ilegível, meu pai alterou esse texto em C para: “*their gaping wounds burst open, the cruel hurts of the body, and the blood sprang away from the cruel devouring of the flame. Flame swallowed up them all* [...]”. Essa tradução depende da sua ideia (*Finn and Hengest;* ver nota anterior referente a 875-6) de que, por erro do escriba, *líg* (“chama”) e *líc* (“corpo”) foram invertidos, daí sua tradução em *Finn and Hengest*, pp. 152-3: “*gaping wounds burst open, when the blood sprang away from the cruel bite of flame* (*láðbite líges*)*. That greediest of spirits consumed all the flesh* (*líc eall forswealg*) *of those* [...]”. Ele comparou com *2080 (1748-9) *líc eall forswealg* “*all the flesh devoured*”.

Visto que a emenda em C era claramente uma etapa primitiva, mantive a leitura original no UT.

1102 (*1320) “*according to his desire*”. A lápis em B(i): “*seeing that he was summoned thus earnestly*”.

1191 (*1428) “*in the middle hours*” (I.A. *on undernmæ´l*). B(i), conforme datilografado, trazia “*in the very morning time*”, corrigido para “*the underntide*”; “*middle hours*” aparece escrito ao lado. C “*in the middle hours*”.

1216 (*1458) “*old and precious things*” (I.A. *ealdgestréona*). B(i) “*prizéd*”, C “*precious*”. A leitura em B(i) não foi corrigida, mas “*precious*” aparece em C como se estivesse presente no texto anterior. Presumivelmente, meu pai me informou isso, talvez por causa de “*misprized*” na linha 1213.

1217 (*1459) I.A. *átertánum fáh.* B(i) e C “*stained with a device of branching venom*”, com uma nota de rodapé em B(i) e em C (como era usual, inserida entre parênteses e

incorporada ao texto), “ou ‘*deadly with venom from poisoned shoots*’”.

1227-8 (*1470-1) I.A. *þæ´r hé dóme forléas, ellenmæ´rðum*. Em B(i) não há a tradução dessas palavras, mas a necessidade de que fosse feita está anotada no texto. No pé da página foi incluído, em letra desconhecida e mal escrita (uma das muitas pequenas estranhezas desses textos): “*There he forfeited glory for heroic deeds*”; “*lost*” aparece escrito acima de “*forfeited*” como alternativa. Datilografei esse texto (com “*forfeited*”) em C.

1261 (*1510) “*as they swam*”, I.A. *on sunde.* Há uma nota de rodapé em B(i) e C “ou ‘*in the flood*’ (*on sunde*, cf. *1618)”. Em *1618 (1357), *Sóna wæs on sunde* é traduzido como “*Soon was he swimming*”.

1264-5 (*1513) “*that he was in some abysmal hall*”. Uma nota de rodapé para “*abysmal*” em B(i) e C sugere “hostil, maligno” como tradução do I.A. *níðsele*.

1287 (*1537) “*by her locks*”. Tradução de “*be feaxe*”, que é uma emenda do manuscrito, “*be eaxle*”*.* Uma nota de rodapé em B(i) e C traz: “ou (manuscrito) ‘*shoulder*’, mas a aliteração e as próximas palavras são opostas a isso”.

1299 (*1551) “*beneath the widespread earth*” (I.A. *under gynne grund*). Nota de rodapé em B(i) e C “ou ‘*under the vasty deep*’; ‘*under*’ é um tanto contrário ao sentido de ‘terra’”.

1304-5 (*1557) “*a sword endowed with charms of victory*”, I.A. *sigeéadig bil.* B(i) e C trazem “*a sword endowed with victory’s might*”.“*Magic?*” aparece escrito a lápis acima de “*victory’s*” em B(i), foi mantido em C e depois alterado nesse texto para “*with charms of victory*”.

1414-15 (*1686) “*on Sceden-isle*”, I.A. *on Scedenigge*. Ver comentário.

1444 (*1720) I.A. *æfter dóme* (“*to earn him praise*”) [para merecer louvor]. Nota de rodapé em B(i) e C: “*æfter dóme* pode significar “*according to honourable use*” [de acordo com o costume honrado]. Ver nota referente a 1831.

1481 (*1764) I.A. *oððe flódes wylm* foi esquecido em B(i); “*or water’s wave*” aparece em C como se tivesse estado presente em B(i).

1549 (*1847) “*Hrethel’s son*” (I.A. *Hréþles eaferan*). Nota de rodapé em B(i) e C: “ou, se a referência for totalmente profética, ‘descendente’, isto é, Heardred” (filho de Hygelac; ver 1853-4).

1551 (*1850) I.A. *Sæ´-Géatas “sea-loving Geats*” [gautas amantes do mar]. Ver nota anterior referente a 182-3.

1554-62 (*1855-63) Outra tradução dessas linhas aparece no comentário sobre 303-4. Ver comentário.

1666-7 (*1983) “*to the hands of mighty men*”, I.A. *hæleðum tó handa* (*hæleðum* é uma emenda do manuscrito *hæ[ð]num*).

Nota de rodapé em B(i) e C: “ou *Hæthenas*, nome de um povo”. Ver comentário.

1711 (*2035) Nas palavras “*amid their host*”, uma nota de rodapé em B(i) e C informa: “trecho corrompido e duvidoso”. Ver comentário referente a 1708. Ver comentário

1773 (*2112) “*in age’s fetters did lament his*”. O texto datilografado B(i) termina aqui, no pé de uma página, e o manuscrito B(ii) inicia nova página com “*youth and strength in arms*”.

(A partir deste ponto, as alterações textuais, alternativas e explicações são aquelas feitas no manuscrito B(ii). Muitas, como observado, foram mantidas no texto datilografado C.)

1788-9 (*2130) “(*most grievous of those his sorrows*) *that he, lord of his folk, long while had known*”, I.A. *þára þe léodfruman lange begéate.* Nota marginal: “literalmente, por longo tempo, acometera o príncipe do povo”.

1796 (*2139) “*in that abysmal hall*”. A palavra “*abysmal*” (cf. nota anterior referente a 1264-5) aparece entre parênteses, com uma nota marginal: “[*grund*]*sele*”. O manuscrito em I.A. tem *in ðám sele* sem intervalo. O significado é: “o salão no fundo da lagoa”.

1801 (*2144) I.A. *þéawum:* “*kingly virtue*” [virtude real]. Em B(ii) e C “*ancient virtue*”, mas em B(ii) “*ancient*” foi inserido entre parênteses, e “*kingly*” aparece escrito em cima.

1810 (*2154) I.A. *gyd*: "*these fitting words*" foi alterado, no tempo da elaboração (há muitos exemplos assim em B(ii)), para "*these appointed words*". Sobre *gyd*, ver comentário e comentário.

1816 (*2162) I.A. *Brúc ealles well!* Ao lado de "*Use all the gifts with honour*" aparece escrito a lápis, muito fraco: "*Blessed be thy use of all the gifts.*"

1831 (*2179) "*bearing himself honourably*", I.A. *dréah æfter dóme.* Em um acréscimo ao texto, entre parênteses, outras versões são sugeridas: "*according to* [*?worthy*] *tradition*" > "*according to honourable use*", ou "*so as to earn praise*". Com referência a *1720, ver nota textual anterior referente a 1444.

1834-5 (*2182) "*those lavish gifts which God had granted him*". Acrescentado no manuscrito: "ou seja, dádivas de valentia, hombridade, força, e prudência, lealdade, &c.".

1882 (*2236) Acrescentado após "*All of them*": "(*that kin*)", repetido em C.

1885 (*2239) I.A. *winegeómor* "*grieving for his friends*". Acrescentado: "(ou *'lord'*)".

1888-9 (*2243) "*secured by binding spells*", I.A. *nearocræftum fæst.* Acrescentado: "(ou *'inaccessible* (*confining*) *arts'*)", repetido em C.

1908 (*2266) “*many a one of living men*”, I.A. *fela feorhcynna.* Acrescentado entre parênteses: “*life’s kindred*”, repetido em C.

1909-10 (*2267-8) I.A. *Swá giómormód giohðo mæ´nde án æfter eallum*, “*Even thus in woe of heart he mourned his sorrow, alone when all had gone*”. Depois, entre parênteses, aparece: “*alone mourning for them all*”.

1910 (*2268) “*joyless he cried aloud*”. Nota marginal: “ou ‘*walked abroad*’ [caminhou por ali], repetida em C. Somente as três primeiras letras do verbo em I.A. podiam ser lidas com clareza no manuscrito, mesmo muitos anos atrás. As duas traduções do meu pai refletem diferentes propostas. A primeira, *hwéop* (*hwópan*), com sentido duvidoso de “lamentou”, e a segunda, *hwearf* (*hweorfan*), significando “moveu, andou, vagou”.

1912-14 (*2270-2) I.A. *Hordwynne fond eald úhtsceaða opene standan, sé ðe byrnende biorgas séceð*, “*This hoarded loveliness did the old despoiler wandering in the gloom find standing unprotected, even he who filled with fire seeks out mounds* (*of burial*)”. Junto a esse texto, meu pai escreveu: “Isto pode ser escrito mais concisamente?”

1934-5 (*2296-7) I.A. *hlæ´w oft ymbehwearf ealne útanweardne*, “*he compassed all the circuit of the mound*”. Nota de rodapé: “literalmente, deu voltas em torno de todo o exterior do morro”.

1944 (*2307) “*on the mountain-side*”, I.A. *on wealle.* Nota marginal: “possivelmente ‘junto ao muro do morro’”,

repetida em C.

1947 (*2312) “*the invader*”, I.A. *se gæst.* Nota marginal: “ou ‘*creature*’?”, repetida em C.

1963 (*2330) I.A. “*ofer ealde riht*”, “*against the ancient law*” [contra a antiga lei]. Nota marginal: “isto é, aquela ordenada outrora”.

2063 (*2454) “*evil deeds*” (I.A. *dæ´da*). Depois, no manuscrito: “(*sc. men’s cruelty*)”, repetido em C.

2103 (*2501) I.A. *for dugeðum*, “*before the proven hosts*” [diante das hostes provadas]. Nota marginal: “ou ‘*by reason of my valour*’ [‘em virtude de meu valor’?].

2124-5 (*2527-8) “*Fearless is my heart, wherefore I forbear from vaunting threat against this wingéd foe*”, I.A. *Ic eom on móde from, þæt ic wið þone gúðflogan gylp ofersitte*. Na margem: “referindo-se às suas palavras modestas de que ‘o resultado está nas mãos do destino’, sendo que poderia ter dito: ‘Hei de derrotar o dragão, como derrotei todos os outros.’”

2133-4 (*2538-9) “*Then the bold warrior stood up beside his shield, resolute beneath his helm*” (I.A. *Árás ðá bí ronde, róf óretta, heard under helme*). Depois, no manuscrito: “ou *‘arose, resolute in heart, his shield at side, his helm at head*’”, repetido em C.

2140-3 (*2546-9) Aqui há uma nota marginal: “Agora o dragão estava inflamado de ira, antes (quando o tesouro foi saqueado) estava adormecido.”

2147 (*2554) Acrescentado após “*Hatred was aroused*”: “(*within*)”, repetido em C.

2161-3 (*2573-5) A tradução do manuscrito B(ii), como a fiz, foi mantida, mas meu pai introduziu uma interpretação diferente numa nota de rodapé: “quando teve a oportunidade, naquela ocasião, de empunhá-la em seu primeiro dia de batalha (a espada, ver 1970-2), pois a sina não lhe concedeu triunfo nesse combate”. Essa nota de rodapé parece ter sido acrescentada por ocasião da escrita da página, que evidentemente traz o texto no corpo principal da tradução, mas em C não aparece essa segunda versão. Não encontrei nenhuma nota de meu pai sobre esse trecho difícil.

2164-5 (*2576-7) I.A. *gryrefáhne slóh incgeláfe*, “*with his ancient sword smote the dread foe*”. Após “*sword*” segue-se no manuscrito: “(sentido exato desconhecido de *incgeláfe*)”. Junto às palavras “*dread foe*” há uma nota marginal com uma dúvida: “esse objeto de tom pavoroso: esse objeto brilhando pavorosamente”, repetido em C.

2172-4 (*2586-8) I.A. *Ne wæs þæt éðe síð, þæt se mæ´ra maga Ecgðéowes grundwong þone ofgyfan wolde*. A primeira tradução escrita trazia: “*No pleasant fare was his that* […] *the son of Ecgtheow should witting leave that field on Earth.*” Esse texto foi riscado imediatamente e substituído por: “*No easy task was his that day (nor such) that the son of Ecgtheow should of his own will forsake that*

field on earth.” Na sequência, “*pleasant fare*” foi recuperado da frase rejeitada e escrito em cima de “*easy task*”. A palavra “*renowned*” foi escrita a lápis antes de “*son of Ecgtheow*” com a minha letra na época (mas sem o necessário acento em “*renownéd*”). *Mæ´ra* foi mudado para: *se mæ´ra maga Ecgðéowes* *2587. Talvez eu estivesse seguindo o texto em inglês antigo e tenha apontado sua ausência para meu pai. A palavra “*renowned*” aparece no texto C, mas “*easy task*” foi mantido.

2258-9 (*2688-9) “*the destroyer of the folk, the fell fire-dragon*” (I.A. *þéodsceaða* [...] *frécne fýrdraca*). Na margem, meu pai escreveu: “*CH the public scourge, the dreadful salamander!*” Em 2309-10 (*2749), ele anotou junto a “*clear jewels cunning-wrought*” (I.A. *swegle searogimmas*): “*bright artistic gems!*”.

Essas duas expressões, totalmente inadequadas, da tradução original de *Beowulf* por J. R. Clark Hall (1911) apareceram nas “Observações à guisa de prefácio”, de meu pai, na edição revisada de Clark Hall por C. L. Wrenn (1940, p. xiii).

2260-2 (*2690-2) I.A. *þá him rúm ágeald, hát ond heaðogrim, heals ealne ymbeféng biteran bánum*. A tradução, como foi escrita, trazia: “*(the dragon rushed upon Beowulf) now that a clear field was given him. His neck with his sharp bony teeth he seized now all about*”. As palavras “*hát ond heaðogrim*” foram, portanto, omitidas, mas estão escritas à margem do manuscrito com a minha letra, e sua tradução, “*burning and fierce in battle*”, aparece no texto C como foi datilografado.

Não é possível inferir se fiz essa observação e mostrei a meu pai, mas percebo que, em certa medida, pelo menos, segui o poema em inglês antigo ao datilografar o texto C a

partir do manuscrito B(ii). Isso pode ser verificado pela palavra "(*giong*)" escrita por mim a lápis acima da palavra "*went*" na linha 2283 (*Đá se æðeling gíong* *2715, "*Then the prince went*" [Então o príncipe foi]). Não sei por que fiz isso. Talvez tivesse pensado que "*giong*" fosse aqui o adjetivo "*young*" [jovem] e não tivesse percebido que também podia ser o passado de *gangan*, "ir". Comento este assunto trivial aqui (e também na nota referente a 2172-4) porque provavelmente esclarece a data do texto que datilografei. Estava cursando a graduação havia pouco tempo em Oxford, em 1942, quando uma modalidade de exame muito restrita foi introduzida para um "Curso de graduação em humanidades em tempo de guerra", e um dos seus elementos era parte de *Beowulf*.

2265 (*2695) "*unbowed*" (I.A. *andlongne*). Nota marginal: "ou '*steadfast throughout*' [firme o tempo todo]".

2271-2 (*2703) "*Drew forth a deadly dagger*" (I.A. *wæll-seaxe gebræ´d*). Nota marginal: "É Beowulf (quem) desfere o *coup de grace.*"

2274-5 (*2706) '*valour had vanquished life*" (I.A. *ferh ellen wræc*). Nota marginal junto a "*vanquished*": "*driven forth his*" [expulso sua].

2284-5 (*2717) "*that work of giants*" (I.A. *enta geweorc*). Nota marginal: "ou seja, a tumba".

2402-3 (*2858-9) I.A. *wolde dóm Godes dæ´dum ræ´dan gumena gehwylcum, swá hé nú gén déð*. Este texto foi inicialmente traduzido como: "*God's doom was ever the*

master then of every man in deeds fulfilled, even as yet now it is”, como no UT, mas uma nota de rodapé foi acrescentada ao manuscrito: “*God would then in deed accomplish his decrees for each and every man, even as yet now he doth*” [então Deus de fato cumpriria seus decretos para cada um dos homens, como ainda faz agora].

2423 (*2882) “*the gateways of his head*”, I.A. *of gewitte*. Nota de rodapé em B(ii): “bombástico, mas também o é a estranha expressão ‘*gewitte*’ = olhos, ouvidos, nariz, boca”.

2489-90 (*2963) “*king of (his) people*” (I.A. *þéodcyning*). Inseri “*his*”, ausente tanto em B(ii) quanto em C.

2548 (*3031) O manuscrito B(ii) e o texto C trazem “*Earnanæs* (*Eagle’s Head*)” [Cabeça da Águia]. Substituí por: “*Eagles’ Head*” [Cabeça das Águias].

2559-60 (*3046) “*his earthy caves*”, I.A. *eorðscrafa*. A palavra em B(ii) é certamente “*earthy*”, não “*earthly*”, como em C. Também em 2597, *eorðweall* (*3090) é traduzido como “*the earthy mound*” (outra vez “*earthly*” em C). Incidentalmente, em 2114-15 (*2515), onde Clark Hall traz Beowulf referindo-se à habitação de “*the destructive miscreant*” [o dragão] como “*his earthly vault*” (I.A. *eorðsele*, “*his house of earth*” [sua casa de terra], 2114-5), meu pai incluiu um ponto de exclamação junto a “*earthly*” em seu exemplar.

2600 (*3094) “*and all those many things he spake*”, I.A. *worn eall gespræc.* Após “*many things*” há um acréscimo explicativo: “sc. *which ye have been told*”.

2626-7 (*3126) “*No need then to cast lots who should despoil that hoard*”. Nota de rodapé em B(ii): “ou seja, não havia como ficar para trás – o dragão estava morto”.

2644-6 (*3150) “*There too a lamentable lay many a Geatish maiden with braided tresses for Beowulf made*”. Conforme foi escrito primeiro, a tradução traz: “*a lamentable lay his lady aged with braided tresses for Beowulf made*”. Essa era amplamente aceita como a melhor solução para um trecho gravemente danificado do manuscrito de *Beowulf*. Sobre essa folha, meu pai escreveu: “Isto é extremamente infeliz, pois *3137-82 (o último verso) é, sob vários aspectos, o mais belo trecho do poema (em especial na composição técnica).”

As palavras “*his lady aged*” traduziam uma palavra do inglês antigo danificada, lida como *g..méowle* (com a palavra latina *aˇnus*, “mulher velha”, escrita acima dela). Numa nota bastante breve a esse respeito, em seu comentário, meu pai disse que “a palavra conjetural *geo-méowle* é excelente em sentido e métrica, e combina com a glosa latina acima dela. A palavra ocorre em outros lugares (apenas) em *Beowulf* *2932 (2461), *iómèowlan*, acerca da idosa rainha de Ongentheow. Aqui, portanto, significa ‘senhora idosa’, a rainha anônima de Beowulf (que pode ser Hygd)”.

No manuscrito B(ii), as palavras “*his lady aged*” foram substituídas por “*many a Geatish maiden*”. Isso está presente no texto C, conforme foi datilografado. Não encontrei nenhum comentário sobre o assunto nos papéis do meu pai, mas, em um texto da conclusão de *Beowulf*, que parece ter sido destinado à recitação, aparecem as palavras “*Géatisc méowle*”. Pode também ser mencionado que um texto ilustrativo associado a uma das versões de sua conferência de 1938 sobre poesia anglo-saxã (ver

Apêndice de *A queda de Artur*) é uma tradução aliterante dos últimos versos de *Beowulf*, na qual aparece este trecho:

Woeful-hearted
men mourned sadly their master slain
while grieving song Gothland-maiden
with braided hair for Beowulf made,
sang sorrowladen, saying oft anew
that days of evil she dreaded sorely
dire deeds of war, deaths and slaughter,
shameful serfdom. Smoke rose and passed.

Com pena no coração
muitos lamentam tristes seu mestre abatido,
e com angústia grande a gauta donzela
de madeixas em trança entoa para Beowulf
canção de pesar, dizendo de tempos em tempos
que dias maldosos e medonhos ela teme,
feios feitos de guerra, ceifando co'a morte,
servidão indigna. Vai ascendendo a fumaça.

Junto ao terceiro verso, meu pai escreveu depois: "*while her grievous dirge the grey lady*" [enquanto seu doloroso canto fúnebre a senhora cinzenta], talvez sugerindo que ele lamentava a perda dessa última aparição de Hygd, se de fato era ela.

*

1 Essa “tradução” é a que foi feita por J. R. R. Tolkien para o inglês moderno. Os números de linha que antecedem as notas se referem a ela (ou aos versos do manuscrito anglo-saxão, quando têm asterisco). Como o texto traduzido em português acompanha página a página a tradução em inglês, o leitor não terá dificuldade em localizar as passagens correspondentes nesse idioma. (N. do E.)

2 Em inglês, *Geats.* (N. do T.)

3 “Gente amante do vento”. (N. do T.)

NOTA INTRODUTÓRIA AO COMENTÁRIO

Na Universidade de Oxford, nos anos em que meu pai foi professor de anglo-saxão[1], os candidatos à graduação em *bachelor of arts* na faculdade de inglês eram obrigados a fazer um ou mais cursos, com temas variados, sobre a literatura inglesa mais antiga (anglo-saxã). Poucos, de fato, eram aqueles (“os filólogos”) que escolhiam fazer o curso com ênfase expressa e extensivamente “medieval”. A grande maioria dos graduandos fazia o que era conhecido como “curso geral” em literatura inglesa. Nesse curso, uma das nove monografias que constituíam o exame final tratava do inglês antigo e, para realizá-la, era obrigatório ler uma parte substancial de *Beowulf* no idioma original. A tradução de trechos dele era obrigatória no exame.

A parte indicada do poema era do começo até o verso 1650, o que equivalia a pouco mais da metade dele, um momento de parada com que meu pai não concordava. As conferências das quais deriva, em grande parte, o comentário deste livro eram intituladas, em sua forma escrita, “Conferências para a escola geral, texto, 1-1650”. Ao incluir uma seleção delas junto com a tradução que ele fez de *Beowulf*, espero ter encontrado um ambiente adequado para elucidá-las.

É preciso dizer que os escritos preparatórios, e muitas vezes as reescritas subsequentes dessas conferências, oferecem muitas dificuldades e complexidades intrínsecas, difíceis de desenredar, e não acredito que fosse possível uma ordenação definitiva. O mais notável, porém, é o fato

de que as partes mais antigas do comentário têm uma característica especial. Foram escritas com muito cuidado, de modo bastante legível, e com uniformidade suficiente para dar a entender que todas foram redigidas mais ou menos ao mesmo tempo. Há muitos acréscimos e alterações posteriores, mas relativamente poucas correções ou hesitações ao longo da redação original. Essa obra não termina de modo abrupto, mas, após alguns milhares de versos do texto em inglês antigo, ela se torna pouco a pouco mais grosseira e muito menos uniforme, com notas escritas apressadamente a lápis, não a caneta, recortadas, abreviadas e de caráter alusivo, com frequência muito difíceis de ler, e que acabam desaparecendo. (Assim, há uma longa lacuna (ver comentário) no comentário que consta neste livro, e as notas que se seguem a ele derivam de outro conjunto de conferências, destinado aos "filólogos", extensas discussões, escritas com clareza, sobre os principais problemas de interpretação do texto de *Beowulf*. Também usei essas conferências, ocasionalmente, em outras partes do comentário.)

Parece inevitável concluir que as partes anteriores de seu comentário, bem escritas, foram uma tarefa abandonada por meu pai, feitas com base em material mais antigo (e sem dúvida mais grosseiro), apesar de a evidência para tanto se limitar a algumas páginas em que o texto a lápis, apagado, pode ser visto sob o texto escrito a tinta, com capricho. Não há indicações de suas intenções, mas parece improvável que ele pensasse em uma possível publicação. Acho muito mais provável que sua intenção fosse simplesmente esclarecer seu material, tornado complexo e confuso em virtude da repetição e modificação dessas conferências ao longo dos anos.

Acrescento aqui algumas indicações de como tratei essas conferências para incluí-las neste livro. Em primeiro

lugar, devo esclarecer que a seleção das conferências foi feita levando em consideração não somente sua adequação para esse fim, mas também em vista da necessidade de me manter nos limites de tamanho.

Acréscimos. Minhas anotações, de todos os tipos, que constam sobretudo em notas de rodapé, aparecem entre colchetes, mas citações da *tradução*, que, logicamente, são acréscimos às conferências, em geral não estão destacadas. Como observei no prefácio, fiz as referências de linhas e versos, em toda parte, de duas maneiras: as linhas da tradução e os versos do inglês antigo[2]. Evidentemente, isso implicou inúmeras referências duplas, e tentei evitar a confusão acrescentando um asterisco antes das referências ao poema propriamente dito. É preciso notar que, a não ser que haja indicação em contrário, no cabeçalho de cada nota do comentário a palavra ou frase traduzida é quase sempre aquela encontrada na tradução[3], independentemente de qualquer leitura que possa ser defendida na nota. (É preciso ter em mente que, ao escrever as conferências, meu pai não consultou sua tradução de modo consistente.) A citação em anglo-saxão no cabeçalho é o texto encontrado na edição de Klaeber, a não ser que seja dito o contrário.

O único acréscimo especial e relevante que fiz foi introduzir trechos da história do rei Sheave, escrita por meu pai, nas notas das linhas 3, Scyld Scefing, e 21, o sepultamento naval.

Omissões e alterações. Em sua publicação *Finn and Hengest* das conferências de meu pai sobre o episódio de “Finnsburg” em *Beowulf*, o professor Alan Bliss escreveu: “Não tentei alterar o estilo coloquial, adequado às conferências, apesar de este às vezes ser estranho de se ler no formato impresso. Se o próprio Tolkien tivesse revisado

sua obra para ser publicada, sem dúvida teria feito muitas alterações estilísticas.” Nesse caso, creio que o tom de uma voz falante – o estilo direto, espontâneo e acessível – é caráter essencial dessas conferências escritas, e os textos foram publicados exatamente como ele os escreveu.

Em geral, não usei princípios invariáveis, mas tratei cada nota, mais longa ou mais breve, do modo que julguei melhor para a finalidade. Com frequência, achei necessário ou desejável fazer omissões nos casos em que meu pai introduz detalhes etimológicos difíceis, detalhes sintáticos, gramaticais ou métricos que não afetam a tradução, ou fiz breves resumos. Aqui e ali, onde ocorreram omissões, algumas frases foram levemente modificadas, mas procurei não alterar seu sentido.

Ao longo dessas conferências, meu pai às vezes repetiu, de certa forma, opiniões que já expressara em outro contexto. Em tais casos, mantive a repetição, pois removê-la poderia prejudicar o argumento posterior. E não tentei “melhorar” o texto onde apareciam expressões inadequadas, como acontece nas composições redigidas às pressas (por exemplo, a palavra “*mysterious*” [misterioso/misteriosa] usada três vezes em rápida sequência, ver comentário), pois esse é um declive escorregadio.

No difícil tópico do uso de acentos ou sinais de duração, ao imprimir o texto em inglês antigo, os escritos do meu pai variavam tanto que resolvi adotar o modo que ele usou em seu texto em inglês antigo de *Sellic Spell* (Ver texto), com acento agudo no lugar de mácron, por exemplo: ó e não o¯ em toda parte.

No que se refere à grafia dos nomes em inglês antigo, tanto na tradução quanto no corpo do comentário, ele usou th ao lado de ð ou þ (estes ele empregava

indiscriminadamente), portanto: *Hrothgar*, *Hroðgar*. Não vi vantagem em manter tais variações, por isso escrevi *Hrothgar*, *Ecgtheow*, *Sigeferth* etc., sem acento, mas, em todos os casos, empreguei æ e Æ (em vez de ae e Ae): *Hæðcyn*, *Æschere*.

*

1 A língua anglo-saxã, também chamada de inglês antigo, foi usada até aproximadamente o ano 1100, quando a influência do francês, trazido pelos invasores normandos em 1066, começou a se fazer sentir mais nitidamente. (N. do T.)

2 Aqui também a “tradução” é aquela feita por J. R. R. Tolkien para o inglês moderno. Os números de linha que antecedem os comentários e que precedem ou sucedem as citações no texto se referem a ela (ou aos versos do manuscrito anglo-saxão, quando têm asterisco), não ao texto retraduzido para o português. (N. do T.)

3 Tradução de Tolkien do anglo-saxão para o inglês moderno. (N. do T.)

COMENTÁRIOS COMPLEMENTARES À TRADUÇÃO DE *BEOWULF*

1 *Lo!* [Tradução de *Hwæt*, a primeira palavra do poema.]

Uma genuína anacruse, ou nota “ascendente” no início de um poema, derivada da tradição dos menestréis: originalmente, um chamado de atenção. Está “fora da métrica”. Ocorre no início de outros poemas, mas não se restringe ao começo de poemas, nem à poesia.

3; *4 *Scyld Scefing*

Scyld é o ancestral epônimo dos Scyldingas, a casa real danesa à qual pertence Hrothgar, rei dos daneses desse poema. Seu nome é simplesmente “Escudo”[1], e trata-se de uma “ficção”, isto é, um nome deduzido do nome familiar “heráldico” Scyldingas depois que estes se tornaram famosos. Esse processo foi auxiliado pelo fato de que a terminação do inglês antigo (e germânico) *-ing*, que podia significar “conectado com, associado com, provido de” etc., também era a terminação patronímica usual. A invenção do “Escudo’ epônimo foi provavelmente danesa, isto é, de fato obra dos *þylas* e *scopas*[2] durante a vida dos reis dos quais ouvimos falar em *Beowulf*, certamente os históricos Healfdene e Hrothgar.

Quanto a *Scefing*, pode, como vemos, significar “provido de um feixe”[3], “conectado de algum modo com um feixe de trigo”, ou filho de um vulto chamado Sheaf. A favor desta última hipótese está o fato de que existem tradições

inglesas sobre um ancestral mítico (o que não é o mesmo que apônimo ou fictício) chamado *Scéaf* ou *Scéafa*, pertencente a antigos mitos culturais do norte, e sobre suas associações especiais com os daneses. A favor da primeira hipótese está o fato de que Scyld provém do desconhecido, como bebê, e o nome de seu pai, se é que tinha um, não podia ser conhecido por ele nem pelos daneses que o receberam. Mas tais assuntos poéticos não são estritamente lógicos. Apenas em *Beowulf* se fundem desse modo as duas tradições divergentes sobre os daneses, a heráldica e a mítica. Penso que o poeta queria dizer (Shield) Sheafing como patronímico. Estava mesclando a glória belicosa, vaga e fictícia do ancestral epônimo da casa conquistadora com o mito mais misterioso, muito mais antigo e mais poético da misteriosa chegada do bebê, do deus do trigo ou do herói cultural, seu descendente, no começo da história de um povo, e acrescentando-lhe uma misteriosa partida arturiana, *de volta ao desconhecido*, enriquecida por tradições de sepultamentos navais no passado pagão, não muito remoto – para fazer um magnífico e sugestivo *exordium* e um pano de fundo de seu relato.

[Em 1964 meu pai escreveu em uma carta (*As cartas de J. R. R. Tolkien*, n.º 257) acerca de "um livro abortado sobre viagem no tempo (*The Lost Road* [A estrada perdida]) [...]. Começava com uma afinidade pai-filho entre Edwin e Elwin no presente e devia remontar ao tempo lendário por meio de Eädwine e Ælfwine, de cerca de 918 d.C., e Audoin e Alboin da lenda lombarda, e por fim às tradições do Mar do Norte acerca da chegada de heróis do trigo e culturais, ancestrais de linhagens reais, em barcos (e sua partida em navios fúnebres)." Publiquei o que ele escreveu sobre *Sheaf* ("rei Sheave") em *The Lost Road and Other Writings* [A estrada perdida e outros escritos], 1987 (*The History of Middle-earth* [A história da Terra Média], vol. V, pp. 85 ss.), que pode servir de referência ao leitor. Apresentei o texto da conferência reproduzido anteriormente, e parece-me adequado citar aqui, mais uma vez, partes da história do rei Sheave na versão em prosa e verso aliterante que ele escreveu na época. A primeira (*ibid*., p. 85) começa assim:

> O navio chegou à costa e andou sobre a areia, rangendo nos seixos partidos. À meia-luz, com o sol se pondo, os homens desceram até ele e olharam para

dentro. Lá estava deitado um menino, adormecido. Era belo de rosto e de corpo, de cabelos escuros e pele branca, mas trajado de ouro. As partes internas do barco eram enfeitadas de ouro. Havia um recipiente de ouro cheio de água límpida ao seu lado. À sua direita estava uma harpa e, sob sua cabeça, um feixe de trigo cujas hastes e espigas reluziam como ouro na penumbra. Os homens não sabiam o que era. Pasmos, puxaram o barco para o alto da praia, ergueram o menino, levaram-no para cima e deitaram-no a dormir numa casa de madeira em seu *burh*[4].

Do poema, que totaliza 153 versos (*ibid*., pp. 87-91), cito o trecho correspondente àquele da versão em prosa que acabo de mencionar:

The ship came shining to the shore driven
and strode upon the sand, till its stem rested
on sand and shingle. The sun went down.
The clouds overcame the cold heavens.
In fear and wonder to the fallow water
sadhearted men swiftly hastened
to the broken beaches the boat seeking,
gleaming-timbered in the grey twilight.
They looked within, and there laid sleeping
a boy they saw breathing softly:
his face was fair, his form lovely,
his limbs were white, his locks raven
golden-braided. Gilt and carven
with wondrous work was the wood about him.

In golden vessel gleaming water
stood beside him; strung with silver
a harp of gold neath his hand rested;
his sleeping head was soft pillowed
on a sheaf of corn shimmering palely
as the fallow gold doth from far countries
west of Angol. Wonder filled them.
The boat they hauled and on the beach moored it
high above the breakers; then with hands lifted
from the bosom its burden. The boy slumbered.
On his bed they bore him to their bleak dwellings
darkwalled and drear in a dim region
between waste and sea.

[O navio chegou reluzente, impelido à costa,
e andou na areia, até sua haste se apoiar
na areia e nos seixos. O sol se pôs.
As nuvens cobriram os céus frios.
Com medo e pasmo, à água bruta
homens de coração triste logo se apressaram,
buscando o barco nas praias quebradas,
de madeiras brilhantes na penumbra cinzenta.
Olharam dentro, e ali jazendo a dormir
viram um menino respirando suavemente.
Seu rosto era belo, sua forma encantadora,
seus membros eram brancos, seus cachos negros
trançados de ouro. Dourada e entalhada

com trabalho admirável era a madeira à sua volta.
Num vaso dourado, havia água luzente
junto dele; encordoada de prata,
uma harpa de ouro jazia sob sua mão;
sua cabeça dormente tinha por macio travesseiro
um feixe de trigo tremeluzindo pálido
como o ouro bruto de países distantes
a oeste de Angol. Encheram-se de espanto.
Puxaram o barco e o amarraram na praia,
alto, acima das vagas. Depois, com as mãos, ergueram
do seu seio a carga. O menino cochilava.
No leito, o levaram às suas habitações áridas
de paredes escuras, tristes, numa região sombria
entre o ermo e o mar.]

Essa obra sobre *Sheaf*, ou "rei Sheave" provavelmente data de 1937 e ressurgiria cerca de oito anos mais tarde em *The Notion Club Papers* [Os papéis do Notion Club], publicado em *Sauron Defeated* [A derrota de Sauron], 1992 (*The History of Middle-earth*, v. IX, pp. 269-76.)

4 *the seats where they drank their mead*; *5 *meodosetla*

A palavra em inglês antigo *meodosetl* é uma expressão compendiosa para "bancos no salão onde os cavaleiros se sentavam banqueteando". O simbolismo e as conotações emocionais de *mead*[5] e *ale*[6] são bem diferentes nos poemas em inglês antigo, sobretudo no que restou dos versos heroicos e cortesãos, das associações modernas. "Scyld

negou aos homens os bancos do hidromel”, isto é, destruiu os reis das tribos menores e seus salões. [Ver nota referente a 627.]

7-8 *over the sea where the whale rides*; *10 *ofer hronráde*

hronráde é um “*kenning*” para o “mar”. E o que é um *kenning*? (Ver minha introdução à tradução de Clark Hall revisada por Wrenn, 1940). *Kenning* é uma palavra islandesa que significa, neste uso técnico particular, “descrição”. Da crítica islandesa antiga dos versos aliterantes nórdicos, ela foi tomada e usada por nós como termo técnico para aqueles compostos pictóricos descritivos ou breves expressões que podem ser usados no lugar da palavra simples e normal. Assim, dizer que “ele navegou sobre o banho do alcatraz” (I.A. *ganotes bæþ*) é usar um *kenning* para o mar. Podemos, é claro, inventar um *kenning* para nosso próprio uso, e todos devem ter sido inventados, em algum momento, por algum poeta, mas a tradição da linguagem dos versos em inglês antigo continha certo número de *kennings* bem estabelecidos para coisas tais como o mar, a batalha, os guerreiros e outras. Faziam parte da sua “dicção poética”, assim como “onda” por “água” (com base no uso poético latino de *unda*) faz parte da “dicção” do século XVIII.

Diversos *kennings* marinhos referem-se ao mar como lugar onde mergulham ou viajam as aves ou outros animais marinhos. Assim, *ganotes bæþ* (que por extenso significa “o lugar onde o alcatraz mergulha, como um homem se banhando”), ou *hwælweg* (“o lugar para onde as baleias vão em suas viagens”, como cavalos, homens ou carroças seguem sobre as planícies da Terra), ou as “trilhas das focas” (*seolhpaþu*), ou os “banhos das focas” (*seolhbaþu*).

hronrád evidentemente está relacionado com essas expressões. Ainda assim, é bastante incorreto traduzir essa palavra (como com muita frequência acontece) como “estrada da baleia”. É incorreto estilisticamente, porque compostos desse tipo, por si sós, soam desajeitados ou bizarros em inglês moderno, mesmo quando seus componentes são selecionados de maneira correta. Neste caso particular, a infeliz associação sonora com “estrada de ferro” aumenta a inaptidão[7].

É incorreto, de fato, pois *rád* é o ancestral da palavra em inglês moderno “*road*”[8], mas não quer dizer “*road*”. A etimologia não é um guia seguro para o sentido. *rád* é o substantivo de ação de *rídan*, “*ride*”[9], e significa *riding* – isto é, “andar a cavalo; mover-se como o cavalo (ou a carruagem), ou como o navio ancorado”; portanto, “uma viagem a cavalo” (ou, mais raramente, de navio), “um trajeto (não importa quão errante)”. Não significa a própria “trilha” – muito menos as trilhas duras, pavimentadas, permanentes e mais ou menos retas que associamos com “*road*”.

Também *hron* (*hran*) é uma palavra peculiar ao inglês antigo. Denomina uma espécie de “baleia”, da família dos mamíferos semelhantes a peixes. Não se sabe precisamente a que se refere, mas provavelmente a um animal como o boto ou o golfinho. Seja como for, não exatamente um *hwæl* de verdade. Há uma informação, em inglês antigo, de que um *hron* tinha cerca de sete vezes o tamanho de uma foca, e um *hwæl*, cerca de sete vezes o tamanho de um *hron*.

O *kenning* em questão, portanto, significa “andadura do golfinho”, isto é, os ambientes aquosos nos quais se podem ver golfinhos e membros menores da família das baleias brincando, ou parecendo galopar como uma fileira de cavaleiros na planície. Essa é a imagem e comparação que o *kenning* pretendia evocar, o que “estrada da baleia” não

consegue transmitir – pois sugere uma espécie de máquina a vapor semissubmarina correndo ao longo de trilhos submersos por todo o Atlântico.

13 *being without a prince*; *15 *aldorléase*

Creio que essa referência a um “interregno” antes da fundação da casa dos Scyldings está claramente conectada à queda de Heremod, mencionada depois, 731 ss. (*898 ss.), 1435 ss. (*1709 ss.). Heremod ocorre nas genealogias dos reis ingleses que também usam as tradições de Scyld e/ou Sceaf acima de Sceaf e/ou Scyld.

13-14 *the Lord of Life*; *16 *Líffréa*

O uso de *Líffré(g)a* como *kenning* de Deus é provavelmente um caso de dicção poética cristã. *Beowulf* só foi composto na forma como o conhecemos hoje (embora sejam muito antigas algumas das tradições que ele perpetua) depois que muitos versos cristãos já haviam sido escritos, isto é, após a época de Cædmon[10].

14; *18 *Beow*

[Tanto aqui quanto na linha 41 (*53), o manuscrito em I.A. tem *Beowulf*, não *Beow*. Mas esse Beowulf, filho de Scyld, não é o herói do poema. Em outras conferências, meu pai estudou detidamente e com grande sutileza a história bastante emaranhada dessa antiga genealogia, com detalhes que vão muito além da finalidade deste livro. Porém, em conferências mais concisas, que tratavam principalmente do próprio texto de *Beowulf*, ele discutiu a questão dos “dois Beowulfs” na forma que se segue.]

Esse poema, sem título no manuscrito, foi chamado de *Beowulf* modernamente, por consenso, muito justificado: Beowulf é de fato o “herói” e, sem dúvida, nenhum poema

poderia concentrar-se mais exclusivamente sobre um herói do que esse. Aqui ficamos sabendo que Beowulf era filho e herdeiro de Scyld, e, em 41 ss. (*53 ss.), que sucedeu ao pai, e que sucedeu a ele seu filho Healfdene. O Beowulf do *exordium* (*1-52, 1-40), portanto, não é o herói do poema, um dos mais estranhos fatos da literatura em inglês antigo, e se torna ainda mais estranho ao verificarmos que Beowulf é de fato um nome muito raro. Em inglês antigo, aparece somente nesse poema, e em *biuulf*, nome de um abade (de outro modo desconhecido) inserido no *Liber Vitæ* (ou lista de benfeitores) de Durham.

A questão está ligada a *Scyld* e *Scefing*, com todas as tradições conservadas e mescladas no *exordium* e com a interpretação geral do poema. Apontarei esses aspectos.

A estranheza do uso do nome raro Beowulf, dado a duas pessoas distintas nesse mesmo poema, só pode ter uma destas explicações:

(a) *por mero acidente*: esses dois personagens da tradição simplesmente tinham o mesmo nome, e ao autor nada restava a fazer;

(b) *por erro*: os nomes foram assemelhados pelos escribas, uma vez que o poeta escreveu o poema;

(c) *por escolha deliberada*: o poeta deu esse nome aos dois personagens, ou assemelhou seus nomes, de propósito, com algum objetivo pessoal, ou por causa de alguma teoria em que acreditava.

A primeira explicação é altamente improvável. Ademais, há evidências bastante conclusivas de que o personagem da genealogia mítica deveria ter o nome mítico, monossilábico e não heroico *Beow* (“cevada”) combinando com *Scéaf* (“feixe”).

Beow foi alterado para *Beowulf* pelo poeta? Ou é um equívoco do escriba? *Beow* seria muito mais bem escandido em ambas as ocorrências no poema do que Beowulf, filho de Scyld. Mas, como grande licença é concedida a nomes próprios, isso não é conclusivo.

Com exceção desse poema, não há vestígio de nenhum Beowulf relacionado com Scyld ou Sceaf. Mas isso tampouco é conclusivo, visto que nosso poeta não está simplesmente repetindo, e sim usando e reformulando antigas tradições para atender a seus propósitos. Em nenhum outro lugar Scyld e Sceaf aparecem combinados, nem foi acrescentada a misteriosa chegada de barco, com gloriosa partida de navio para destino desconhecido. O funeral com que o poema termina ecoa deliberadamente o funeral com que começa. Isso é um aspecto da arte. Mas não se pode fazer com que também cubra uma assimilação *deliberada* de nomes, por diferentes razões:

(1) O poeta, apesar de ser poeta e estar disposto a modificar e selecionar seu material para adequá-lo aos seus propósitos, respeitava antigas tradições, em especial as dinásticas, e a sequência lendária *Sceaf – Beow* era bem conhecida em sua época, e assim permaneceu por muito tempo.

(2) A semelhança de nomes não o ajudaria em seu propósito artístico, mas o limitaria. O segundo funeral "ecoa" o primeiro, mas eles são assim "comparados" apenas para destacar seu completo contraste. O primeiro assinala a partida de um estranho semidivino resgatado, que deixa um povo antes desamparado sob uma casa gloriosa. O segundo, a queda do último defensor da liberdade de um povo, que o deixa sem esperança.

(3) Finalmente, é claro, o primeiro funeral não era o de Beow/Beowulf, e sim o de Scyld.

Nosso manuscrito é de cerca do ano 1000 d.C., 250 anos, aproximadamente, depois que o poema foi composto. Sem dúvida ele permaneceu famoso, de modo que até os escribas contratados para fazer uma nova cópia podiam muito bem conhecer o conteúdo geral e saber que seu herói era Beowulf antes mesmo de tomarem a pena. Mas o conhecimento dos antigos assuntos lendários e dinásticos havia esmaecido.

Pessoalmente, acredito que o poeta faz de Beow o filho de Scyld e que Beowulf é uma alteração posterior. Trata-se sem dúvida de uma alteração, porém sem motivo. Portanto, é improvável que tenha sido feita pelo poeta, um artista, um homem sensível a repetições e correspondências significativas. Ainda assim, ninguém jamais foi capaz de mostrar que essa correspondência não passa de um aborrecimento e uma desatenção. O Beowulf dos gautas não tem nenhuma conexão de linhagem com o Beowulf dos Scyldings e nunca faz alusão a ele, como certamente faria quando entrou marchando em Heorot; ou como Hrothgar faria quando a linhagem de Beowulf, o gauta, está em discussão.

A saída que se buscou – asseverar que os dois Beowulfs são personagens diferentes do poema e que isso é devido aos azares da tradição: o mesmo herói folclórico foi dividido em dois –não me atrai. Não creio que nenhum dos Beowulfs seja histórico. O primeiro sem dúvida não é – um mero degrau de uma genealogia fictícia precedendo o primeiro nome histórico, *Healfdene*; nada mais se sabe dele, e sua única função é passar adiante o reino. O segundo só é histórico, se é que é, no mesmo sentido e grau do rei Artur: um germe histórico, talvez uma pessoa real, sobre o qual praticamente tudo que se conta é emprestado do mito, do folclore ou da pura invenção. Mas os dois não estão no mesmo plano “não histórico”. Beow/Beowulf (“Cevada”) é a glorificação (pelos genealogistas) de um mito rústico de

ritual do grão. Beowulf, o homem-urso, o matador de gigantes, vem de um mundo diverso: os contos de fadas.

Bem, creio que o infeliz “acaso” que pôs um personagem na genealogia dos Scyldings cujo nome começava com as mesmas letras de Beowulf, herói de contos de fadas, com a ajuda de dois escribas, ambos não conhecedores de nomes próprios e descuidados com relação a eles – o próprio *Caim* bíblico é transformado em *camp* (“batalha”) no verso *1261 (1048) – produziu uma das mais evidentes e diversionistas pistas falsas já arrastadas por cima de um rastro literário já bem difícil de seguir.

16 *in Scedeland*; *19 *Scedelandum in*

Scedeland contém a forma anglo-saxã do nome, muito antigo que está presente atualmente no nome *Escandinávia*; sua forma original era *Skaðin-* (cf. nórdico antigo *Skaði*, “a giganta que andava em raquetes de neve”). O antigo nome *Skadinauj¯o* ou *Skadinaw¯ı* (“a ilha ou península de *Skaðin-*)”, que parece conter os nomes atuais Noruega e Suécia, mas provavelmente não o nome Dinamarca moderno, foi latinizado como *Scadinavia: Scandinavia*, que é uma forma literária alterada.

A forma em inglês antigo era *Scedenígg* (*1686; *Sceden-isle* 1415) e a forma em nórdico antigo era *Skáney* (< *Skaðney*), de onde vem o nome em sueco moderno *Skåne*. As formas nórdicas (antiga e moderna) costumavam ser aplicadas à ponta extrema da Suécia (Skåne), a qual, antigamente e até os tempos modernos, pertence à Dinamarca e era realmente (creio) o antigo lar dos daneses. *Scedelandum* provavelmente significa o mesmo que Escandinávia. *Scedenigge* em *1686, porém, é sem dúvida a terra dos daneses.

17-18 *he dwells in his father's bosom*; *21 *on fæder [bea]rme*

O manuscrito está danificado nas extremidades e aqui só *rme* (com espaço para duas ou três letras precedentes) conservou-se. *bearm* significa literalmente "colo", e figurativamente "proteção, posse". É o melhor preenchimento da lacuna. Cf. 31-2 "*on his lap lay treasures*" (*40 *him on bearm læg*), onde *bearm* é usado em sentido literal, mas em um contexto que explica sua conotação: as joias foram postas em seu colo como sinal de sua propriedade e realeza. A doutrina dizia que um jovem (um príncipe) deveria começar, antes mesmo que seu pai morresse, a prática da primeira virtude dos reis nórdicos, a generosidade, ofertando presentes a cavaleiros leais, presentes que tecnicamente ainda estão no *bearm* de seu pai. São os presentes e os tesouros, não o jovem, que aparecem no colo do pai!

[A tradução (conforme apresentada anteriormente) não corresponde a isso.]

18-19; *22-4 *that* [...] *there cleave to him loyal knights of his table* (I.A. *gewunigen wilgesíþas*) *and the people stand by him* (I.A. *léode gelæ´sten*)

Este é um exemplo de "paralelismo" em inglês antigo: o verbo e o sujeito são repetidos, porém com variações, enquanto o objeto "*him*" permanece o mesmo. "Paralelismo" não é mera repetição, nem mera verbosidade ou jogo de palavras, dada a necessidade de "caçar a letra", como mostra esse simples exemplo. Os *wilgesíþas* são os "queridos companheiros", os membros da távola redonda do rei, os cavaleiros de seu lar ou *comitatus*, que se põem ao seu lado em caso de necessidade; *léode* tem sentido mais geral: homens, gente principal, que o seguem e lhe prestam serviço.

21; *26 ss. O sepultamento naval de Scyld

[Meu pai observou que, como seu objetivo nessas conferências era "auxiliar a análise do Beowulf", ele não podia discutir que luz poderia ser lançada sobre o sepultamento naval de Scyld por outras tradições heroicas nórdicas e pela arqueologia, mas ainda assim escreveu acerca do assunto, como se segue.]

Pode-se dizer brevemente que funerais navais de chefes, nórdicos e ingleses, constituíram fatos históricos (conforme revelado pela tradição e pela arqueologia) e que a datação é razoavelmente segura. É claro que não podemos "datar" o Scyld fictício, mas o tempo dramático de *Beowulf* é o século VI, com um pano de fundo de tradições mais obscuras e mais antigas do século V, ao qual pertencem Healfdene, Ongentheow &c., e permite boa aproximação da datação arqueológica dos funerais navais.

O autor de *Beowulf* não era pagão, mas escreveu em uma época em que o passado pagão ainda estava muito próximo, tanto que não somente eram lembrados alguns fatos, mas também humores e motivos. Sem dúvida, sua fonte era primariamente oral e literária: a efetiva menção e descrição dessas coisas em baladas e contos. Deve ter existido muito mais evidência "arqueológica" visível em seus dias, na Inglaterra, do que agora. Mas isso não ajuda no caso de um verdadeiro sepultamento naval (em que o navio efetivamente é posto à deriva), e um homem dos West Marches (como creio que era nosso poeta) não veria com frequência morros tumulares como os de Sutton Hoo[11]. Se os viu, necessitaria da tradição (balada ou história) para explicar seu conteúdo e finalidade. Naqueles dias, as pessoas que escavavam túmulos e levavam os tesouros dedicados aos mortos ainda eram chamadas de ladrões, não de arqueólogos.

Provavelmente, não há muita intensificação da imagem (por exagero, digamos). Como Scyld acabou seus dias como

rei glorioso e conquistador e teve um sepultamento naval, poderia de fato ter sido acompanhado de grande volume de objetos valiosos, e *of feorwegum frætwa gelæ´ded* (*37; "*treasures brought from regions far away*" [tesouros trazidos de regiões muito distantes] 29) seria verdadeiro. O tesouro da tumba de Sutton Hoo, por exemplo, continha objetos oriundos do Império Romano do Oriente. A posição do corpo no centro, junto ao mastro, com tesouros no colo e em volta, também tem apoio arqueológico.

Mais interessantes, no entanto, são os versos finais e a sugestão – é pouco mais do que isso. O poeta não é explícito, e é provável que a ideia de que Scyld retornou a alguma terra misteriosa de onde viera não estivesse plenamente formada em sua mente. Ele veio do desconhecido além do Grande Mar, e voltou para lá. Uma intrusão milagrosa na história, que mesmo assim produziu efeitos históricos reais: uma nova Dinamarca e os herdeiros de Scyld em Scedeland. Essa deve ter sido a sua ideia, pois é quase certo que devemos atribuir a ele a decisão de dar a Scyld Scefing um sepultamento naval. A milagrosa chegada em um barco ele tirou de antigas tradições acerca do mítico herói cultural Sceaf. Foi ele quem a adequou, usando tradições de sepultamento naval, para obter uma "partida" emocionante e sugestiva. Seja como for, em nenhum outro lugar encontramos esse desfecho para Scyld ou Sceaf.

Nos últimos versos: "Os homens não podem fazer relato seguro dos portos onde aquele navio foi descarregado", percebemos um eco do "humor" dos tempos pagãos, quando o sepultamento naval era praticado. Aquilo que chamaríamos de ritual de partida por um mar cuja margem oposta era desconhecida e a crença real em uma terra mágica ou outro mundo localizado "além do mar" mal podem ser distinguidos, e para nenhum desses elementos ou motivos o simbolismo consciente ou a crença efetiva são

verdadeiros. Era um *murnende mód* repleto de dúvida e trevas.

Os versos são preciosos. É muito raro encontrarmos um texto escrito tão próximo do “tempo arqueológico” no norte. O tempo que separa *Beowulf* de Sutton Hoo não é mais de um século.

[Apresento aqui a conclusão da breve história em prosa de Sheaf, escrita por meu pai para *The Lost Road*, cujo trecho inicial incluí na nota ao verso 3, Scyld Scefing. O poema aliterante “King Sheave” (rei Sheave), intimamente associado a ele, não alcançou sua partida.

Mas, após longos anos, Sheaf convocou seus amigos e conselheiros e lhes disse que iria partir. A sombra da velhice recaíra sobre ele (vinda do leste), e Sheaf iria retornar ao lugar de onde viera. Seguiu-se grande lamentação. Ele deitou em seu leito dourado. Parecia que estava em sono profundo. Seus senhores, obedecendo às suas ordens de quando ele ainda governava e tinha o dom da fala, puseram-no em um navio. Foi deitado ao lado do mastro, que era alto, com as velas douradas. Tesouros de ouro e gemas, finas vestes e objetos valiosos foram colocados ao seu lado. Seu estandarte dourado tremulava sobre sua cabeça. Foi enfeitado mais ricamente do que quando chegou ao meio deles. Lançaram-no ao mar, cujas águas o levaram, e o navio carregou-o sem leme para muito longe, no extremo oeste, longe da vista ou dos pensamentos dos homens. Ninguém sabe quem o recebeu, e em qual porto, ao fim de sua jornada. Alguns disseram que o navio encontrou a Rota Plana. Mas nenhum dos filhos de Sheaf seguiu esse caminho. No começo, muitos viveram até atingir idade bastante avançada, mas, ao caírem sob a sombra do leste, foram sepultados em grandes túmulos de pedra ou em morros semelhantes a colinas verdes, a maioria deles

localizados junto ao mar ocidental, altos e largos sobre os ombros da terra, de onde podem ser vistos pelos homens que guiam seus navios em meio às sombras do mar.]

Assim termina o *exordium* propriamente dito, conferindo o pano de fundo de mistério e antiguidade por trás da renomada casa dos Scyldings. No manuscrito, a numeração de “seções” ou “cantos” começa por “I” em *Đá wæs on burgum* (*53, 41). Mas, na verdade, ainda não chegamos à ação. Outro trecho se segue, 41-69 (*53-85), oferecendo um relato complementar da corte “arturiana” de Heorot, gloriosa e condenada, já roída pelo cancro da traição. Os membros da “casa” são mencionados de passagem, assim como suas relações políticas externas e a construção do “salão” de Heorot. Isso mostra-se adequado e habilidoso. É uma transição necessária da antiguidade remota na qual iniciamos e fornece a “cena” real diante da qual a ação se desenrolará. São importantes tanto a política (as relações entre daneses e suecos, 48-9, *62-3) quanto o salão em si. É nesse nexo de relações políticas e planos reais que o poeta anglo-saxão vê e coloca sua história, do mesmo modo que vê e localiza seu monstro na famosa construção Heorot. O significado de muito do que se segue fica perdido se não nos dermos conta de que pôr Grendel em Heorot é como contar uma história de fantasmas acontecida em Camelot (como efeito romântico) e na Torre de Londres (como historicidade), se não nos dermos conta de que a casa danesa estava aliada com os inimigos mortais dos gautas: os suecos.

44; *57 *Healfdene*

Aqui aparece pela primeira vez o nome *Healfdene* (em nórdico, *Halfdanr*). Ele não era usado na Inglaterra como nome próprio, apesar de aqui ter sido utilizado na forma inglesa. Assim, sem dúvida foi o conhecimento de Healfdene Scylding que fez com que o rei viking Healfdene, que atacou a Inglaterra em 871 e depois, tenha recebido o seu nome em nórdico [na Crônica Anglo-Saxônica], enquanto os nomes dos outros chefes aparecem todos em formas estranhamente distorcidas, como Sidroc.

Halfdanr tornou-se um nome escandinavo bastante popular. Seu uso e sua popularidade parecem remontar à antiga fama de Halfdanr Skjöldungr, o equivalente do nosso personagem. Apesar de a lenda dos Scyldings ter sido muito modificada no idioma nórdico e de Halfdanr com frequência ser lembrado apenas como vulto isolado, os mesmos epítetos que encontramos em *Beowulf* também estão ligados a ele em nórdico. Ele é chamado de *hæ´str Skjöldunga* (“mais elevado”, que originalmente pode ter significado “mais alto” ou “mais glorioso”); ele é *Halfdanr gamli*, “Healfdene, o Velho” (“*aged and fierce in war*” [velho e feroz na guerra] 45, *gamol ond gúðréouw* *58), que dizem ter vivido até atingir idade avançada e ter mantido seu poder até o fim da vida, de morte natural (cf. *þenden lifde* *57, “*while he lived*” [enquanto viveu] 45, que interpretamos como significando “até o fim da vida”), apesar de não ter perdido nenhuma oportunidade de exercer sua *atrocitas* (cf. *gúðréouw*), como afirma Saxo[12].

Podemos ao menos concluir que um vulto dominante da antiga lenda danesa foi *Halfdane* e que existe uma conexão entre as tradições nórdica e inglesa, pois ambas têm a mesma base histórica.

48-9 *[a daughter] I have heard that was Onela’s queen, dear consort of the warrior Scylfing*; *62-3 (leitura do manuscrito)

hýrde ic þæt elan cwén Heaðo-Scilfingas healsgebedda

Não há nenhuma lacuna nem sinal de confusão no manuscrito, mas o que está danificado pode ser visto (a) por ser *62 metricamente deficiente e (b) pela ausência de verbo após *þæt*. Podemos pelo menos ter certeza de que *wæs* faz parte do que se perdeu entre *elan* e *cwén*. Também sabemos que mais material desapareceu, porque *62 ainda não pode ser bem escandido com a adição de *wæs*, e *Elan* é um nome impossível – como primeira conjetura, quase certa, trata-se de um genitivo paralelo a – *Scilfingas* (*as* = *aes* = *es*). Portanto, podemos presumir, com razoável segurança, que a parte que faltava era (a) um nome de mulher, (b) *wæs*, (c) um nome de homem terminado em *-elan*. Também o nome da mulher e o do seu marido de modo conveniente aliteravam, mas não sabemos qual era a letra inicial, visto que um nome de princesa não começava necessariamente pela letra dinástica (cf. *Fréawaru*, irmã de *Hréðríc* e *Hróðmund*, filhos de *Hróðgár*).

Para auxiliar nossas conjeturas adicionais, temos *Scilfingas*, que era o nome da grande casa sueca. Essa aliança pode ter sido, e provavelmente foi, ligada à inimizade não muito remota entre daneses e gautas (não se podia ser amigo ao mesmo tempo dos gautas e dos suecos!) – cf. 1554-8 “*Thou hast accomplished that between these peoples, the Geatish folk and spearmen of the Danes, a mutual peace shall be, and strife and hateful enmities shall sleep which erewhile they used*” (*1855-8). O fato de o mais famoso dos Scylfings ter sido Onela, filho de Ongentheow (2197, 2463; *2616, 2932), é tão notável que qualquer outro nome necessitaria de evidências muito fortes. Mas não há nenhum outro vestígio desse casamento de Onela.

65 (*81) ss. *The hall towered high* [...] *awaiting the warring billows of destroying fire* [...]

Aqui temos uma referência à sina[13] reservada a Heorot, o glorioso salão. É característico do nosso poeta (e da maioria dos poetas anglo-saxões que deixaram algum vestígio) inserir essa obscura nota do destino imediatamente após descrever o esplendor recém-construído do salão. A "sina" deriva, é claro, de baladas ou contos em que a destruição de Heorot pelo fogo era um evento (do passado).

"*The murderous hatred between father-in-law and son-in-law*" (67-8, *84) refere-se à contenda entre um povo chamado Heathobeardan e os Scyldings. Penso que, na expansão do poderio danês, representada pela ascensão de Healfdene (*héah ond gúðréouw*), ilhas não originalmente danesas haviam sido ocupadas. Cf. os versos sobre Scyld no começo (3-4). O local de Heorot tinha significado religioso[14]. Ademais, tinha sido ocupado ou controlado anteriormente pelos Heathobeardan. Foi a luta pelo local sagrado que tornou a contenda tão amarga. É coerente com o caráter de Hrothgar (como representado) que ele busque encerrar essa contenda não pela guerra, e sim por um casamento político entre Freawaru e Ingeld, o jovem herdeiro da monarquia Heathobeard que sobrevivera à queda do pai. Parece que o casamento estava prestes a acontecer na época da visita de Beowulf, que esta realmente ocorreu, que a "política" não alcançou sucesso, e que Ingeld atacou Heorot.

Heorot foi incendiado, mas Ingeld foi totalmente destruído por Hrothgar e seu sobrinho Hrothulf. Assim, Heorot evidentemente não durou muito tempo. Foi construído após a derrota avassaladora dos Heathobeardan. A isso refere-se (creio) *herespéd* no verso *64 ("*fortune in war*" 50). Grendel invadiu-o logo em seguida. Os doze anos durante os quais Hrothgar suportou os assédios de Grendel

(118, *147) são longos o bastante para permitir que Ingeld cresça, transformando-se em um perigoso jovem príncipe, com idade suficiente para liderar uma guerra de vingança. Quer isso seja história, quer derive de suas fontes lendárias, parece claro que aqui nosso poeta elaborou bastante bem a cronologia e situou a visita de Beowulf onde deveria no esquema temporal político. Desse modo, consegue exibir a sagacidade política de Beowulf, fazendo-o prever e predizer eventos (que os ouvintes sabiam que aconteceriam de fato). [Ver 1697-1739, *2020-69.]

67 *the time was not far off*; *83 *ne wæs hit lenge þá gén*

Esse não é um "dilema" no que se refere ao sentido. O sentido geral está claro: Heorot ainda era glorioso, mas estava fadado ao incêndio. Toda a história de Heorot estava na mente do poeta e da plateia, mas ele estava cônscio do tempo dramático (como em toda parte). A sina final da dinastia de Healfdene e do grande salão construído por Hrothgar lançou uma sombra sobre a corte de Heorot, no inglês antigo, assim como, mais tarde, uma sombra se abateu sobre Artur e Camelot. A questão real é: o que é *lenge*?

[Após uma extensa análise das possibilidades histórico-linguísticas, meu pai escreveu que achava mais provável que o poeta tivesse escrito *longe*, notando que o trecho contém muitos erros menores. Ver as "Notas sobre o texto de tradução", linha 67.]

O tempo "não foi longo" porque, à época da visita de Beowulf, o casamento da filha de Hrothgar com Ingeld não estava longe e a história do que aconteceu (contada por Beowulf como profecia) sugere que os problemas surgiram logo após o casamento.

82-3 *a fiend of hell*; *101 *féond on helle*

A expressão em inglês antigo *féond on helle* é muito curiosa. Implica, é claro, que Grendel é um “demônio do Inferno”, uma criatura irrecuperavelmente condenada. Ainda assim, a expressão permanece notável, pois Grendel não está “no Inferno”, mas sim, muito concretamente, na Dinamarca, e não é um espírito condenado, pois é mortal e precisa ser morto antes de ir para o Inferno. Há, evidentemente, uma confissão ou dúvida na mente do poeta (e de sua época) sobre esses monstros hostis à humanidade. Continuam sendo monstros reais, com sangue, que podem ser mortos (com a espada certa). Porém, já são descritos com termos aplicáveis a espíritos malignos, daí (*102) *gæ´st*[15]. Se *féond on helle* é devido a uma espécie de ideia semiteológica pela qual um dos seres malditos, de aspecto humano deformado, por ser condenado trazia seu inferno sempre consigo no coração e no espírito, ou se está relacionado à adoção descuidada de uma frase “cristã” (*féond on helle* simplesmente = “demônio, diabo”), é difícil determinar. A segunda opção exigiria que a fraseologia cristã já estivesse bem desenvolvida e fixada quando *Beowulf* foi escrito. A frase seguiu em frente. Em inglês médio, *fend in helle* ainda é usado apenas como “diabo”. Wyclif usa *fend in helle* com referência a um frade, muito vivo e corpóreo, a caminhar pela Inglaterra. (Deve-se recordar que *féond* propriamente = “inimigo”, apenas, e ainda, quando não definido, traz esse sentido em *Beowulf*.)

86-92; *106-14

[As observações de meu pai são apresentadas assim: “Um trecho importante para a crítica geral. Ver minha conferência [isto é, *The Monsters and the Critics*; p. 170]. Aqui (como nossa atenção está voltada principalmente ao *texto*) podemos notar o seguinte.”]

Minha opinião é que *106-14 é sem dúvida genuíno, obra do poeta efetivo, criador de *Beowulf* tal como conhecemos. Ele mostra o estudo do Antigo Testamento que lhe é característico. A comparação entre as antigas lendas nativas de contenda e heroísmo com as Escrituras tinha-lhe apresentado dois problemas, ou despertado nele duas linhas de pensamento.

(1) Onde entram os monstros? Como podem ser igualados com o relato bíblico da Antiguidade? Ele também percebeu o paralelo entre a contenda lendária dos homens de antanho com esses implacáveis inimigos deformados, emboscados em escuros covis, e a contenda dos cristãos com os diabos caídos do Inferno [*a lápis aqui, mais tarde:* um plano bem distinto da imaginação].

(2) O que devemos pensar da nobreza e do heroísmo do passado pagão? Foi tudo simplesmente ruim, condenável?

Nas linhas 134-50 (*168-88), chegamos a suas ideias sobre essa segunda e mais difícil questão (na época dele, um tema muito mais vivo e controverso). Creio que ele tentou igualar os nobres vultos de sua Antiguidade nórdica com os nobres vultos, sábios, juízes e reis de Israel – antes de Cristo. Também eles eram “condenados” por causa da Queda, mesmo sendo membros do povo escolhido. A redenção de Cristo poderia funcionar retrospectivamente. Mas, na descida de Cristo ao inferno, por que (digamos) Hrothgar não estaria também entre os salvos? Pois o povo de Israel também podia apostatar, em tempos de provação, passando a adorar ídolos e falsos deuses. Por essa razão, creio que, quando os anglo-saxões fizeram de *Sceaf* o filho de Noé nascido na arca, isso não foi mera fantasia genealógica, mero truque para fazer as linhagens de seus reis remontarem a Adão. (Pois isso não é particularmente glorioso. Se você faz a sua árvore genealógica comprida demais, ela se mescla com aquela obscura árvore de longas raízes da qual nascem todos os homens. Qualquer servo da

casa de Æthelwulf podia afirmar descender de Adão.) Foi, isso sim, um processo, devido a uma linha de pensamento intimamente relacionada às ideias do poeta de *Beowulf*. Conferiu aos reis nórdicos um lugar em um capítulo não escrito (por assim dizer) do Antigo Testamento.

[O trecho seguinte é mais facilmente compreendido se o texto em I.A. (*104-16) e a tradução (85-94) forem apresentados juntos.]

fífelcynnes eard
wonsæ´lí wer weardode hwíle,
siþðan him Scyppend forscrifen hæfde
in Cáines cynne – þone cwealm gewræc
éce Drihten, þæs þe hé Ábel slóg;
ne gefeah hé þæ´re fæ´hðe, ac hé hine feor forwræc
Metod for þý máne mancynne fram.
Þanon untýdras ealle onwócon,
eotenas ond ylfe ond orcnéas,
swylce gígantas, þá wið Gode wunnon
lange þráge; hé him ðæs léan forgeald.
Gewát ðá néosian, syþðan niht becóm,
héan húses [...]

[85] [Grendel] unhappy one, inhabited long while the troll-kind’s home; for the Maker had proscribed him with the race of Cain. That bloodshed, for that Cain slew Abel, the Eternal Lord avenged: no joy had he of that violent deed, but God drove him for that crime far from mankind. Of him all evil broods were born, ogres and goblins and haunting shapes of hell, and the giants too,

that long time warred [92] with God – for that he gave them their reward.

Then went Grendel forth when night was come to spy on that lofty house [...]

[86] [Grendel] infeliz dele, por muito tempo habitou o lar da espécie dos trolls; pois o Criador o proscrevera com a raça de Caim. Esse derramamento de sangue, quando Caim matou Abel, o Senhor Eterno vingou; ele não se alegrou por seu feito violento, mas Deus o expulsou, por esse crime, para longe da humanidade. Dele nasceram todos os bandos maléficos, ogros e trasgos e formas pavorosas do Inferno, e os gigantes também, que por muito tempo combateram Deus – [94] por isso Ele lhes deu sua retribuição.

Então Grendel partiu, quando a noite era chegada, para espionar aquela casa altiva [...]]

A resposta de nosso poeta, no primeiro caso, ele encontrou no livro de Gênesis. Os monstros deformados que zombavam dos homens eram descendentes de Caim. E a referência aos “gigantes” de outrora confirmou o assunto para ele. A mescla é claramente observável: ele começa com as palavras nórdicas *eotenas*, *ylfe* (dois tipos de criaturas não humanas, porém com forma humana), e termina com a palavra *gigantas*, emprestada da versão latina das Escrituras [Gênesis 6,4].

Ainda assim – e este é o ponto realmente pertinente à minha tarefa –, as linhas 86-92 (*106-14) configuram-se como *inserção* ou *acréscimo*, não como interpolação. Isto é, parece-me que levam a marca do estilo, do ritmo e do pensamento do “autor”; mas interrompem a sequência simples da narrativa e a sintaxe. Observe-se que não há

nenhum sujeito para *gewát* *115 (“*went forth*” [partiu] 93, onde “Grendel” foi acrescentado na tradução). É difícil resistir à forte suspeita de que antigamente essa era a sequência imediata de *weardode hwíle*, *105 (“*inhabited long while*” [por muito tempo habitou] 85). Leia-se o trecho omitindo *106-14, 86 (“*for the Maker*” [pois o Criador [...]])-92, e sentirá a força disso.

Creio que, em toda essa parte inicial de *Beowulf*, nosso poeta atém-se muito de perto a algum antigo material já em versos, e em alguns trechos pouco faz além de revisá-lo. Uma das coisas que fez nesse processo foi inserir o trecho 86-92 (*106-14), que expressa o que pensa sobre os monstros nórdicos.

Ou, naturalmente, durante o longo processo de composição que deve subjazer à construção final de um poema tão extenso e complexo, ele pode ter aperfeiçoado e ampliado seus próprios esboços de conto de fadas, mais primitivos, mais simples, mais chãos. Essas coisas acontecem. Em qualquer um dos casos, obtém-se um trecho muito bom, mas mesmo assim separável e intrusivo. Podem-se encontrar coisas similares em Chaucer. *The Nun’s Priest’s Tale* [O conto do padre que acompanhava a freira] obviamente se baseia em material antigo e foi muito trabalhado por Chaucer. Aqui e ali podem-se erguer grandes nacos e dizer: “Ah! Mestre Geoffrey, você enxertou isto. Acha que é uma melhora, não é? Bem, talvez seja. Talvez.”

90-1 *haunting shapes of hell*; *112 *orcnéas*

A palavra em I.A. ocorre apenas neste caso. *orc* é glosa do latim *Orcus* [Inferno, morte]. *neas* certamente é *né-as*, plural da antiga palavra (poética) *né* (“corpo morto”). Isso também aparece em *né-fugol* (“ave necrófaga”). Seu tema

original em germânico era *nawi-s*, do gótico *naus* (plural *naweis*), do nórdico antigo *ná-r*.

"Necromancia" sugere parte das associações horríveis dessa palavra. Creio que o significado, aqui, é a terrível imaginação nórdica a que ousei dar o nome de "criaturas tumulares"[16]: os "mortos-vivos", essas criaturas medonhas que habitam em tumbas e morros tumulares. Eles não estão vivos. Abandonaram a humanidade, e estão "mortos-vivos". Com força e maldade sobre-humanas, podem estrangular os homens e despedaçá-los. Glámr, na história de Grettir, o Forte, é um exemplo bem conhecido.

107-8 *Nor was it longer space than but one night*; *134-5 *Næs hit lengra fyrst, ac ymb áne niht*

O ataque em duas noites sucessivas provavelmente é um detalhe que sobrevive dos "contos de fadas". *ymb áne niht* ("após uma noite") significa "no dia (ou na noite) seguinte", em inglês antigo.

[A tradução parece não concordar com isso.]

123-7; *154-8 Aqui temos uma referência aos arranjos legais em caso de *fæ´hþ* ["contenda"].

[Aqui convém explicitar mais uma vez, juntos, o texto em inglês antigo e a tradução.]

sibbe ne wolde
155 wið manna hwone mægenes Deniga,
feorhbealo feorran, féa þingian,
né þæ´r næ´nig witena wénan þorfte
beorhtre bote to banan folmum;

[123] truce would he not have with any man of the Danish host, nor would withhold his deadly cruelty, nor accept terms of payment; and there no cause had any of the counsellors to look for golden recompense from the slayer’s hands;]

[127] Não quis trégua com nenhum homem da hoste danesa, nem refreou sua crueldade mortal, nem aceitou termos de pagamento. E nenhum dos conselheiros tinha motivo para esperar recompensa dourada das mãos do assassino.

Sobre a expressão *féa þingian*, cf. *470 *Siððan þá fæ´hðe féo þingode* (379-80 “*Thereafter that feud I settled with payment*” [Depois liquidei a contenda com pagamento]). O verbo *þingian* é encontrado em *Beowulf* nessa expressão com *féo* nesses dois momentos e também no verso *1843 (1545), onde possui o sentido muito frequente de “fazer um discurso” [“*discourse*” (verbo) na tradução]. Outros sentidos são: “interceder por, suplicar” e “arranjar, decidir um assunto”. O elemento de ligação desses significados diversos é o substantivo *þing*, do qual deriva o verbo. Seu sentido básico é: “um momento indicado”, donde “uma reunião”, “debate, discussão”. A evolução do sentido inespecífico “*thing*” (“coisa”), já ocorrida no inglês antigo, é muito semelhante à evolução do latim *causa* “argumento, caso legal” > italiano *cosa*, francês *chose*[17]. Os termos da decisão de um *fæ´hþ* eram discutidos em uma reunião dos representantes de ambas as partes. Daí *fæ´hþe féo* (dativo) *þingian* significa chegar a um acordo em um *þing* a respeito do “*wergild*”[18] a ser pago pela parte que cometeu a ofensa.

Essencialmente, o *fæ´hþ* era a condição de ser *odiado* (excluído das relações amigáveis) por causa de um ato (ou série de atos) de hostilidade por uma parte (família, tribo,

povo) contra outra. Em geral, o ato consistia em ferir ou matar alguém. Obter compensação ou executar vingança era então um dever que recaía sobre o parente mais próximo do homem morto. Tratado desse modo, como "vendeta", o *fæ´hþ* podia se transformar em estado de guerra permanente entre grandes famílias (ou povos), como no caso dos suecos e dos gautas, e não era passível de acerto, exceto pelo extermínio de uma das partes. Esse parece, enfim, ter sido o destino da casa real dos gautas.

Mas surgiu um sistema legal mitigante, em especial entre as famílias de um único grupo unido (tribo ou nação). A parte que cometeu a ofensa podia "decidir a contenda" mediante pagamento, e foram estabelecidas várias complexas escalas de valores. Esse pagamento era chamado de *wergild.* Cada homem, de acordo com sua condição, tinha um preço ou *wer*. É claro que acertos desse tipo dependiam da disposição de ambas as partes em aceitar o arranjo e se ater a ele. Boas relações (e a honra dos injuriados) só podiam ser restabelecidas mediante compensação. Se ela fosse recusada ou impossível de encontrar, ou a injúria fosse grande demais, a honra exigia vingança. As lendas, sagas e histórias antigas contêm muitos casos de recusa de *wergild* (de pagá-lo ou aceitá-lo) e de vingança empreendida mais tarde, apesar do acerto legal, de modo que o *fæ´hþ* recomeçava.

O que está implícito aí é que nunca houve nenhuma esperança de tal acerto. Grendel era um "alienígena" que não reconhecia a autoridade de Hrothgar nem de nenhuma lei humana. Nem era possível conferenciar com ele e fazer acordos, pois ele não estaria disposto a isso. Ao contrário, ele amontoou *fæ´hþ* sobre *fæ´hþ*, matando daneses sempre que podia.

A tradução literal dos versos *154-6, portanto, é: "*peace he would not have with any man of the host of the Danes (would not) remove the peril to life, (would not) settle the*

feud with wergild.” [paz ele não aceitava com nenhum homem das hostes dos daneses, (não) removia o risco à vida, (não) acertava a contenda com *wergild*”].

126 *golden recompense*; *158 *beorhtre bóte*

beorht significa “brilhante, claro em luz e som, ruidoso ou reluzente”. Apesar de a aplicação da palavra a pessoas ou seus atos (como no latim *clárus*), quando deveríamos dizer “glorioso, esplêndido, magnífico”, ser natural e comum, a aplicação aqui é surpreendente e incomum. “Não podiam esperar uma recompensa dourada (brilhante)” é uma *litotes* fortíssima. Significa: “de fato, não podiam esperar a própria mesquinhez, não podiam esperar absolutamente nada”.

130 *sorcerers of hell*; *163 *helrúnan*

O inglês antigo possuía uma palavra, *hel-rún*, também na forma fraca *helle-rúne*, *hel-rúne*. Ela ocorre em glosas equiparadas a *hægtesse*, *wicce* (“feiticeira”) e com palavras latinas como *Pythonissa* (“adivinha”). Aqui provavelmente existe uma contraparte masculina (como *wicca* ao lado de *wicce*), tenha ela sido formada para essa ocasião ou não. Afora o inglês antigo, temos o alto-alemão antigo *helliruna* (“necromancia”), e a palavra em gótico extremamente interessante, apesar de conservada corrupta, semilatinizada, *haliurunnas*, na história dos godos de Jordanes, que segundo ele significa *magas mulieres* (ver a seguir).

Discutir todas as acepções dessa palavra tomaria muito tempo. Seus elementos são *hell*, “inferno” (em gótico, *halja*), e *rún*, “segredo”. A primeira palavra é aparentada com *helan*, “encobrir” (em latim, *céláre*). Significa, portanto,

o mundo oculto, os infernos, Hades, o Reino dos Mortos. No paganismo, “o oculto, os mistérios” inevitavelmente conduzem para as trevas inferiores.

rún é uma palavra (cujo significado provavelmente é “sussurro”) que implica qualquer conhecimento secreto passado adiante de modo privado. Ocorre também no celta, no irlandês antigo *rún* (“segredo”), no galês *rhin* (“segredo, mistério, encantamento”) e muito provavelmente chegou ao germânico por derivação do celta. Pode ter um sentido bom – em *1325 *rúnwita*, “*one who knew my secret counsels, my confidant*” [alguém que conhecia meus conselhos secretos, meu confidente] é equiparado a *ræ´dbora* (1106-7 “*where his and his wisdom mine*” [meus conselhos eram dele e a sabedoria dele era minha]). Mas um *hel-rúne* era alguém que tinha obscuros conhecimentos secretos – e a associação de Inferno com os mortos mostra que a glosa em alto-alemão antigo “necromancia” é muito próxima. A associação especial da “necromancia” com as mulheres é muito antiga e muito tenaz. As “*Weird Sisters*”[19] de *Macbeth* são boas ilustrações da imemorial imaginação obscura de *helrúnan*.

Aqui, no entanto, a palavra não é usada informalmente, não apenas como uma palavra pagã arcaica, para dar à imagem uma coloração obscura.

A feiticeira ou “necromante” era, como Grendel, uma proscrita, e também como Grendel equilibrava-se na imaginação entre o humano e o monstruoso ou demoníaco. Apesar de seres humanos reais poderem se interessar por saberes obscuros e abomináveis (e ter associações secretas), havia um limite mal definido entre gente assim, com seus poderes adquiridos, e os verdadeiros seres demoníacos, “*weird sisters*”. Assim, Wulfstan[20] emparelha *wiccan* (feiticeiras) e *wælcyrian* (valquírias).

Com relação a Grendel, a história contada por Jordanes (evidentemente derivada de baladas e lendas góticas perdidas) é particularmente interessante e ilustrativa. O rei Filimer (antigo rei do período da migração gótica rumo ao sul, ao Mar de Azov), relata ele, expulsou de seu acampamento mulheres que praticavam artes mágicas: *magas mulieres quas patrio sermone haliurunnas is ipse cognominat*, isto é, "as magas que ele mesmo (Filimer) chama em sua língua ancestral (gótico) de *haliurunnas*". Essa é provavelmente uma corruptela de *haliarúnas*, acusativo plural latino de *haliarúna*, latinizado do gótico *haljarúna* = I.A. *hell-rún*. As mulheres banidas para o deserto encontraram ali os espíritos malignos do ermo, e do casamento profano entre feiticeiras e demônios nasceu a repugnante raça dos hunos.

Temos aqui outro ponto de contato entre as Escrituras e a lenda germânica. Uma espécie de paralelo inverso da dedução, tirada de Gênesis 4 e 6, de que os gigantes e monstros eram descendentes de Caim, o proscrito [ver a nota a 86-92]. E Grendel, descendente de Caim, é posto entre os *helrúnan*. É mais do que provável que obscuras lendas antigas que tratassem da origem de seres malignos imaginados, de verdadeira gente proscrita e de inimigos odiados de raça alienígena estavam associadas, no inglês pagão antigo, com a antiga palavra *hell-rún*, como aquele longínquo eco de lenda gótica conservado na história truncada de Jordanes.

Em verdade, diz-se que "os homens não sabem aonde os *helrúnan* vão em suas andanças". A treva vai com eles. Seus propósitos secretos e malignos são insondáveis, exceto pelo fato de serem perigosos e hostis ao homem além da esperança de paz. Onde moravam as *weird sisters* e por quais estranhos artifícios suas trilhas se cruzaram com a de Macbeth, para azar dele?

135-50; *170-88 [Uma nota sobre 134-5, *168-9, ver comentário.]

Todo esse trecho apresenta uma das seções mais interessantes, e a mais difícil, para a crítica geral do poema. Não pode ser tratado sem se considerar o poema como um todo, em especial sua "teologia", ou teorias que abordem seu modo de composição. Já tratei esse aspecto em particular, de certo modo, num apêndice à minha conferência *The Monsters and the Critics*. [Para outras referências à conferência, ver a nota, anterior, e também as notas 1, 2, 3.] Aqui tentarei apresentar minhas opiniões incluídas em um breve resumo.

Tal como o conhecemos, *Beowulf* é obra de uma única mão e de uma única mente – comparável a uma peça (digamos, *Rei Lear*) de Shakespeare. Assim, pode ter fontes variadas; discrepâncias menores devido a imperfeições no seu tratamento e na sua mescla; e pode ter sofrido alguma "corrupção" (por exemplo, remendos ou edições ocasionais e deliberadas, e muitos erros informais menores) durante o tempo transcorrido entre o que o autor escreveu e a versão que temos. Mas ele passa uma impressão artística unificada: a marca de uma única imaginação, e o tom de um único estilo poético. As "discrepâncias" menores, em regra, pouco o depreciam.

Mas, nesse caso, há algo mais sério a tratar. Uma contradição explícita de uma das ideias-guia do poema. O choque é comparável ao que sentiríamos se, de repente, ouvíssemos Lear ridicularizando o Quarto Mandamento, ou Cordelia elogiando Goneril e Regan.

Qual é a ideia-guia e qual é a contradição?

A "ideia-guia" é que os nobres pagãos do passado, que não haviam escutado o Evangelho, sabiam da existência de Deus Todo-Poderoso, o reconheciam como "bom" e doador de todas as coisas boas, mas ainda estavam (devido à

Queda) afastados Dele, de forma que, em tempos de desgraça, enchiam-se de desespero e dúvida – essa era a hora em que ficavam especialmente vulneráveis às ciladas do Demônio: oravam para ídolos e falsos deuses pedindo auxílio.

É provável que as fontes desse pensamento fossem, em primeiro lugar, o Antigo Testamento, ele próprio ou sua forma versificada cædmoniana; e, em segundo lugar, os relatos e conhecimentos efetivos dos pagãos nórdicos contemporâneos. A antiga ideia de que o autor de *Beowulf* estava apenas confuso e somente dispunha de alguns fragmentos da história do Antigo Testamento de que recordava, mesmo estando além do alcance dos reais ensinamentos cristãos, é, evidentemente, absurda. O poema pertence à época da grande explosão de iniciativa missionária que inflamou toda a Inglaterra, quando os ingleses estavam ocupados com a conversão da Frísia e da Germânia e a reorganização da desordenada Gália. Pertence aos dias, na verdade, de S. Wynfrith (ou Bonifácio), o apóstolo da Germânia e mártir na Frísia, o inglês que se acredita ter tido mais influência na história europeia do que qualquer inglês depois dele. O poema mais intimamente ligado a *Beowulf* é *Andreas*, um romance missionário. *Beowulf* não é uma alegoria missionária, mas vem de uma época em que o nobre pagão e seus heroicos ancestrais (venerados em versos) eram um tópico candente e um problema contemporâneo, na pátria e no estrangeiro.

Precisamos observar duas coisas: o simples fato de que o poeta escreveu um poema sobre o passado pagão mostra que ele não pertencia ao partido que condenava os heróis (nórdicos ou clássicos) à perdição. Passado pagão, com certeza. O poeta estava bem cônscio disso. Sabia que em seus dias a Dinamarca e a Suécia ainda eram pagãs. Portanto, sua imagem de Hrothgar e Beowulf é proposital. Mais ainda, o monoteísmo deles deve-se a uma clara teoria

baseada em fatos, e não apenas a mera devoção rígida, uma espécie de censura cristã pouco inteligente. Devoção e censura dessa espécie nem teriam permitido que o poema fosse escrito.

Então, o que o autor fez com seu material, derivado do passado pagão inglês não muito remoto? Menos, creio, do que se poderia supor. Pontos de contato entre a crença pagã e as Escrituras (em especial o Antigo Testamento, que lhe contava a verdade sobre o homem antes de Cristo) interessavam-lhe em particular. Ele os relacionou e comentou, como em 86-92 (*106-14). Mas eliminou os nomes das divindades pagãs. Por quê? Porque achava que eram mentiras, e porque acreditava que gente como Hrothgar sabia disso e só recorria a deuses pagãos e seus ídolos quando submetida a especial tentação pelo Demônio. Os deuses pagãos, fossem mera ficção vã, ou ficção enxertada nas lembranças de reis mortos do passado, eram fraudes do Maligno. Ele nos fala em pessoa quando diz, em *176-8, que "imploravam ao Aniquilador das Almas que os ajudasse em sua desgraça" [tradução 140-1 "*implored the slayer of souls to afford them help against the sufferings of the people*" [imploravam ao aniquilador das almas que lhes prestasse auxílio contra o sofrimento do povo]. Ele não está acusando os daneses de satanismo direto e consciente; mas está afirmando que, de fato, orando aos ídolos, estavam orando ao Demônio.

Até aqui, tudo bem. Uma leitura de todo o *Beowulf* e um escrutínio de cada linha e expressão de significado teológico mostram que essa clara teoria racional foi consistentemente cumprida. Agora a contradição. Eis uma tradução de *170-88.

> That was great torment to the lord of the Scyldingas, an anguish of heart. Many a man of might sat often communing, counsel they took what it were

best for stouthearted men to do against these dire terrors. At times they vowed sacrifices to idols [in their heathen fanes >] in pagan tabernacles, with prayers implored the Slayer of Souls to furnish help to them against the people's sufferings. Such was their wont, the hope of heathen men: of hell they were mindful in their hearts' thought; the Author they [knew >] comprehended not, the Judge of Deeds, nor had they heard of the Lord God, nor verily had they learned to praise the Guardian of the Heavens, the King of Glory. Woe to him that through [fiendish malice >] (probably) the malice of fiends / shall thrust down his soul into the fire's embrace, to look for no comfort nor any change! Joy to him that is permitted after his death-day to [go seek >] find the Lord, and in the father's bosom to seek for peace!

[Se esse texto for comparado com as linhas 135-50 da tradução completa de *Beowulf*, ficará óbvio que meu pai tinha esta última diante de si. Um aspecto curioso é que a alteração posterior a lápis no texto presente, de *fanes* [santuários] para *tabernacles* [tabernáculos], também foi feita no texto datilografado C (linha 140 da tradução completa), enquanto *fiendish malice* [malícia demoníaca], que constava do texto presente conforme escrito, era no texto datilografado C uma emenda a lápis de *rebellious malice* [malícia rebelde].]

Algumas notas sobre o assunto são necessárias.

*180 *(ne) cúþon* e *181 *(ne) wiston* [no trecho traduzido anteriormente, "não conheciam (> compreendiam)" e "nem tinham ouvido falar"]. *cunnan* e *witan* são distintos, como o latim *cognosco* e *scio*. Por motivos que apareceram mais tarde – para reduzir, na medida do possível, a discrepância do trecho –, dei plena importância a essa distinção, traduzindo *wiston* para "*had heard of*" ["ouvido falar"]. *cunnan* é "saber (tudo) a respeito, compreender (a natureza

de)”, no sentido de se conhecer pessoas e lugares; *witan*, “saber fatos”[21]. Assim, estritamente, *Metod híe ne cúþon* (*180, 143) poderia significar apenas “tinham pouco ou nenhum conhecimento sobre Metod (o poder que ordena e governa o mundo; Deus ou a Providência)”. Mas *ne wiston híe Drihten God* (*181, 144) só pode significar “não sabiam de fato da existência de Deus, nem mesmo sabiam quem Ele era”. Na verdade, duvido que essa distinção realmente esteja presente nesse trecho, que considero uma interpolação tardia: provavelmente, ambas as frases querem dizer “não sabiam que Deus existia”. A distinção entre *cunnan* e *witan* dissolveu-se, mas *cunnan* ficou cada vez mais limitado ao sentido de “saber como fazer (algo)”, donde nosso “*can*”; enquanto *gecnawan* (“reconhecer”) lentamente teve sua esfera estendida, até englobar em inglês moderno tanto *cunnan* quanto *witan*, e “*I wot*” se tornou obsoleto.

bið *183, *186 (em *Wá bið þæ´m*, “*Woe to him*” [Ai daquele], e *Wél bið þæ´m*, “*Joy to him*” [Feliz daquele], no trecho traduzido anteriomente). Essas duas expressões são gerais ou “gnômicas”, e não estritamente “futuras”. Portanto, omiti *bið*, já que o moderno “*woe to him*” tem essa referência geral. *bið*, em inglês antigo, é bem distinto de *is*. Este último é “presente do indicativo”, denotando fatos reais contemporâneos. *seo sunne is hát* só pode significar “o sol está, agora, neste momento, quente, posso senti-lo, é um dia quente”. *seo sunne bið hát* significa (a) “o sol estará quente” ou (b) “o sol é quente – pertence à categoria das coisas quentes”. “Nem tudo que reluz é ouro” requer *bið* em inglês antigo se for um provérbio: *ne bið eal þe glitnað gold*. *Nis eal þe glitnað gold* só poderia referir-se a uma coleção de coisas reluzentes que você de fato tem diante de si e significaria: “Eis algumas coisas reluzentes, mas na verdade nem todas são de ouro, algumas são de latão.”

slíðne níð *184 “*through fiendish malice*” [por malícia demoníaca] 146; (provavelmente) “*through the malice of fiends*” [por malícia dos demônios] na tradução do trecho anterior]. Essa expressão talvez não seja tão simples quanto parece. Na verdade, possivelmente até possa ajudar a “datar” o trecho e a caracterizá-lo como pertencendo a um período posterior ao do corpo principal do poema.

A palavra *slíðe* ocorre em todas as línguas germânicas, com o sentido geral de “cruel, desastroso, medonho”. Esse sentido mostra-se adequado em outros trechos poéticos, por exemplo, em *Beowulf* *2398 *slíðra geslyhta* (2018 “*cruel slaying*” [matança cruel]). Só ocorre em contextos religiosos aqui e em *Elene* 857 (*on þá slíðan tíd*, usado acerca da crucificação)[22]. Ainda assim, a palavra tinha alguma conexão especial com a religião pré-cristã, ou a mitologia. Em nórdico antigo, *slíðr* é não apenas um adjetivo, mas também o nome do rio que corre em torno do reino de Hel, deusa dos obscuros infernos. Isso constitui um interessante paralelo com o nome grego Στυξ (“Estige”) em relação a στυγειν (“odiar, abominar”) e στυγερός (“odiado, odioso”). Parece provável que a palavra guardava um sabor “pagão” em inglês antigo, significando “demoníaco”. Isso parece confirmado pelos seguintes fatos curiosos. Fora da poesia, ela só se encontra em uma glosa do Livro dos Salmos (na verdade, no Livro dos Salmos de Canterbury de Eadwine). Ali o adjetivo *slíðe*, *slíðeleca*, e o substantivo *slíðness* são usados quatro vezes como glosa de *sculptile*, *sculptilia*, que no contexto significam “ídolos”. É preciso admitir que, quando encontramos *slíðne níð* em *Beowulf*, precisamente num anátema contra os idólatras, parece haver uma conexão mais do que provável. Isso pode ser explicado mais facilmente presumindo que *slíðe* havia adquirido o sentido de “demoníaco, diabólico”, em parte através de algumas associações antigas com o *hell* pagão, talvez, e em parte pela linha de evolução que conferiu um sentido diabólico a

palavras como *scaþa*, *féond*, *bana* etc. A glosa do Livro dos Salmos, portanto, é apenas aproximada e significa “demônios” ou “coisas demoníacas”, não “imagens esculpidas”. O *slíðe níð* de *Beowulf* significa “malícia demoníaca”, e percebemos que provavelmente não se aplica à malícia dos próprios condenados, e sim à do *gastbona* (“o Aniquilador das Almas”) que os iludiu e arruinou. Mas percebemos também que se trata provavelmente de um exemplo de dicção “cristã” mais recente, ao contrário do uso da palavra em outros pontos de *Beowulf* ou em versos mais primitivos em inglês antigo – um exemplo que, na poesia, só tem um paralelo possível, um emprego, num poema assinado de Cynewulf, *Elene* [como mencionado anteriormente], enquanto Cynewulf, por motivos razoáveis, tem sido suspeito de mexer com *Beowulf* em outros lugares [ver comentário].

Voltemos agora à “contradição”. Ela reside nas palavras “nem tinham ouvido falar do Senhor Deus” (144). Isso é bem diferente das discrepâncias menores que se observam em *Beowulf* (e em muitas outras obras importantes da arte literária). Qual é a explicação? A teologia dos daneses (e até dos *witan*, “sábios, conselheiros”) pode ter diferido da de seu sábio rei? É isso o que o poeta quer dizer? Não seria impossível. Os “sábios” de ambos os povos, daneses e suecos, sem dúvida eram “conservadores” e provavelmente tenazes pagãos praticantes. São os *snotere ceorlas* (“homens sábios”) dos gautas, que na linha 166 (*204) são mencionados como tendo “observado os presságios”, como os *auspices* romanos. Aqui os *witan* daneses são especificamente acusados de praticar sacrifícios.

Mas um pouco de reflexão mostra que essa não é uma saída. As linhas não dizem simplesmente que os *witan* eram pagãos obstinados, que recorriam a ídolos em tempos de tensão e tentação. Isso não seria uma discrepância, pois declaram que eram totalmente ignorantes de Deus e de sua

existência. Mas seria impossível que algum *wita* se associasse ao rei Hrothgar e que permanecesse associado a ele, nem que fosse por um só dia. Mesmo o *scop* de Heorot cantava os louvores do Ælmihtiga, 75 ss., *92 ss.

Então o poeta era um tolo? Aí só há duas possibilidades. Primeira, o poeta cometeu um grave disparate. Bem no começo do seu poema, num trecho-chave crucial, escreveu palavras totalmente inconsistentes com o restante do poema e jamais as revisou. Segunda, o texto sofreu alteração desde que deixou as mãos do poeta.

Ao final, os leitores de *Beowulf* escolhem uma ou outra opção por si sós. Pessoalmente, escolho a segunda, pelas razões que se seguem.

Beowulf, como um todo, é admiravelmente consistente e mostra todos os sinais de ter sido retrabalhado com cuidado, de modo que as referências progressivas e regressivas estão todas interligadas. É difícil acreditar que essa importante discrepância tenha permanecido inalterada, mesmo que ele de fato pudesse ter cometido o disparate (digamos, em algum esboço prévio, antes que suas ideias estivessem claras). É muito mais provável que, desde o começo, tivesse sua ideia geral sobre o que seria o “bom pagão” já formada.

Voltemos então à *interpolação* ou *reescrita*. Encontramos evidências, bastante independentes do trecho presente, de que *Beowulf* se mostrou atraente a algum reescritor no que se refere a aspectos teológicos. Mas, se houve interpolação ou reescrita, é provável que tenha ocorrido em outro ponto no qual o interesse teológico ressaltava de modo especial. Portanto, vamos procurar algum sinal, agora discernível, no presente trecho, de outra voz e mão; e alguma razão que possa ter motivado esse reescritor, nesse momento em especial. Com respeito ao sinal, já observamos que, em *þurh slíðne níð*, há o indício de

outra dicção mais tardia. Fora isso, temos apenas julgamentos baseados em estilo e ritmo: notoriamente subjetivos, e passíveis de serem tão pouco convincentes aos demais quanto são convincentes aos que os fazem. Seja como for, só posso registrar que, ao menos na última parte desse trecho, identifica-se uma "voz" bem diferente do restante dos versos em que está inserida. Com respeito à razão que possa ter motivado o escritor, a melhor maneira de esclarecer minha opinião é esboçar de modo breve o que acho que aconteceu na história do texto.

Nesse momento, *costumes pagãos* foram especialmente mencionados no material original usado pelo nosso poeta, pois Heorot e seu sítio tinham, nas antigas tradições acerca dos Scyldings, uma associação especial com um culto pagão. [Com a nota seguinte, na discussão "Freawaru e Ingeld".]

(*Nota*. Assim, *æt hærgtrafum* *175 (139-40 "*in their heathen tabernacle*s" [em seus tabernáculos pagãos]) é um elemento antigo, totalmente incompreendido pelo escriba e, portanto, mantido com sua vogal dialetal *hærg*, pelo saxão ocidental *hearg*, e corrompido para *hræ*rg. A plena elucidação deste aspecto pertence ao âmbito da contenda com os Heathobeards. Mas parece-me claro que a contenda tratava sobretudo da posse ou do controle do centro de um "culto" e de um templo. O culto era ligado à religião da fertilidade, que mais tarde, na Escandinávia, foi associada aos nomes Njo˛rðr, Frey, Yngvi-Frey. Depois que os Scyldings se tornaram senhores desse centro, observamos que os daneses assumem nomes reminiscentes do culto: Hrothgar é chamado (*1044) de *eodor Ingwina*, "Defesa dos clientes de Ing" (850-1 "guardião dos servos de Ing"); sua filha é *Fréawaru* (1700, *2022), "Proteção de Fréa = Frey"); e, mais, Sceaf e Beow, pertencentes a um mito do trigo,

ficaram mesclados com Scyld entre os ancestrais de Hrothgar.

hærgtrafu ocorre apenas aqui, e creio que se trata de um elemento muito antigo. Significa “tabernáculos pagãos” (*hærg* é um templo ou altar pagão que agora é encontrado apenas em antigos topônimos, como Harrow-on-the-Hill; *træf* é uma tenda). Portanto, é ainda mais notável que o *lugar* da sede dos Skjoldungar, em nórdico antigo, seja Lejre (forma do nome em dinamarquês moderno) < *Hleiðr* (genitivo *Hleiðrar*) ou *Hleiðrar-garðr*, pois esse nome parece ser uma denominação antiga de tenda ou tabernáculo, ou pelo menos pode ser mais facilmente relacionado com o gótico *hleiþra*, “tenda”.)

Agora nosso poeta editou seu material antigo. Parece ter mantido nesse ponto a referência a *blót* [nórdico antigo, “sacrifício, banquete sacrificial”] ou *wígweorþung* (*176; 139 “*sacrifices to idols*” [sacrifícios a ídolos]). Por quê? Estava lá, e era bem coerente com sua teoria mantê-lo lá, pois sabia muito bem que aqueles antigos tinham costumes pagãos, como o augúrio mencionado em 166 (*204), e adoravam falsos deuses, aos quais podiam recorrer em tempos de sofrimento e desespero. Mas ele só incluiu o que era consistente com sua teoria, sua crença e sua consciência, e comentou que, pelo sacrifício a ídolos (quando eram tentados a isso), eles estavam se voltando para o Demônio. E foi isso que depois causou dificuldades. O “cristão” posterior não achou que esse comentário fosse bastante longo ou suficientemente forte. Creio que podemos escutar a “voz” do poeta original de modo bem claro, pelo menos até o ponto de *hæ´þenra hyht* (*179, “*the hope of heathens*” [esperança dos pagãos] 142). Em algum lugar depois desse ponto, o material novo foi adicionado com habilidade, possivelmente ao custo de um ou dois versos do original.

Helle gemundon in módsefan *179-80, 142-3 pode ser do poeta original – "*they remembered hell in their hearts*" [no coração tinham consciência do Inferno] –, tal é a natural influência descendente nos tempos pagãos. Uma vez ultrapassada essa esquina, tudo seria fácil para o poeta original. Sua "edição" do material mais antigo normalmente não envolveria mais do que o silêncio acerca dos nomes dos falsos deuses (quando ele os reconhecia; aparentemente, *Ingwina* não estava claro para ele, ou pode ter sido considerado apenas genealógico) e a mudança interna da referência das palavras. Por exemplo, em *381-2 (306-7) *Hine hálig god ús onsende*, no contexto do poema, não é necessariamente uma expressão cristã, mas pelo menos é monoteísta. Porém, poderia ter sido incluída uma balada pagã nesse momento. Tanto *hálig* quanto *god* são pré-cristãos! Se Hrothgar houvesse oferecido *blót* a Fréa em sua aflição e depois tivesse visto um jovem campeão chegando inesperadamente, ainda assim poderia muito bem ter exclamado *Hine hálig god ús onsende* no material pagão original.

[Nesse conjunto de conferências, meu pai tinha de fato desconsiderado o problema representado pelas linhas 134-5, *168-9, a despeito de suas palavras que se seguem.]

134-5; *168-9

Agora devemos retornar ao dilema que deixamos sem resolver. Esse dístico é talvez o mais difícil de *Beowulf*. Mas isso, por si só, é um alerta. Em termos de estilo e dicção, *Beowulf* não é um poema obscuro, longe disso. Uma vez que se conheçam as palavras, é mais fácil de ler do que outros poemas em inglês antigo. Portanto, é legítimo suspeitar, desde o início, que estamos enfrentando corrupção ou alteração do texto original.

Mas o dístico não parece estar corrompido: ninguém tentou com seriedade encontrar alívio na emenda. Seja como for, nenhuma emenda digna de consideração foi jamais proposta. O dilema é de tradução.

[Apresento aqui, juntos, o texto em inglês antigo e a tradução completa do texto, por ser necessário para acompanhar o argumento.

164 Swá fela fyrena féond mancynnes,
atol ángengea oft gefremede
heardra hýnða; Heorot eardode,
sincfáge sel sweartum nihtum;
168 nó hé þone gifstól grétan móste
máþðum for Metode, né his myne wisse.
Þæt wæs wræ´c micel wine Scyldinga,
módes brecða.

131-6 Thus many a deed of evil that foe of men stalking dreadfully alone did often work, many a grievous outrage; in Heorot's hall bright with gems in the dark nights he dwelt. Never might he approach the precious Throne of grace in the presence of God, [Who took no thought of him >] nor did he know His will. That was great torment to the Scyldings' lord, anguish of heart.

135-40 Assim, muitas vezes esse inimigo dos homens, em medonha espreita solitária, fez muitas coisas malignas, muitas afrontas atrozes. No salão de Heorot, brilhante de gemas, passava as noites escuras. Jamais pôde se aproximar do preciosoTrono da graça na presença de Deus, [que não pensava nele >] nem sabia qual a Sua

vontade. Foi grande tormento para o senhor dos Scyldings, angústia do coração.]

As dificuldades são: quais são as referências de *hé* *168, *his* *169? *hé* = Grendel, Hrothgar, *Metod, gifstól*, *maþðum*? Também os sentidos exatos de *grétan*, *maþðum* e *myne wisse* são duvidosos.

À primeira vista, parece que *hé* refere-se a Grendel, e *gifstól*, ao trono de Hrothgar, e o que se pretendeu foi um contraste entre o comportamento habitual de um nobre cavaleiro no salão e a conduta do intruso malvado que não reconhece a autoridade legal do rei. Em favor de *hé* = Grendel está o fato de que Grendel apareceu como sujeito desde *164, 131. Mas, antes de testar essa hipótese, precisamos analisar as palavras duvidosas.

grétan significa fundamentalmente “saudar, dirigir-se a, cumprimentar”, mas em inglês antigo, através dos usos “abordar, voltar-se para”, pode ser usado (como uma *litotes*) no sentido de “atacar”, ou pode significar ou implicar “pôr a mão em, tocar” (como em *gomenwudu gréted* *1065, “*the harp was touched to mirth*” [a harpa foi tocada com alegria] 868-9). Mas percebemos que o sentido mais comum de *gifstól grétan* não é “tocar”, e sim “saudar, dirigir-se ao trono (das dádivas)”. *maþm* significa “presente” e, portanto, pode repetir ou referir-se ao elemento *gif-* de *gifstól*, mas não pode se referir ao *gifstól* todo – não pode significar “o trono”. *maþm* é algo dado em troca ou como recompensa (“um objeto precioso” só secundariamente), e reis, mesmo em contos de fadas, não oferecem seus tronos de presente. É, no entanto, um objeto que um rei em seu trono poderia dar, de modo que parece claro que *grétan* é usado em dois sentidos levemente diferentes: dirigir-se a (aproximar-se) e pôr as mãos em, tocar.

myne é um substantivo relacionado a *munan*, assim como *cyme* [“vinda”] o é com *cuman*. *munan* significa “pensar em, ter em mente ou como propósito”. Assim, *myne* significa “pensar em (uma pessoa ou coisa); intenção, vontade; recordação”. Na verdade, em outros lugares em geral é registrado em sentido positivo, de forma que contextualmente pode significar “boa vontade (para com), pensamento favorável (a)”. Ora, *witan*, em inglês antigo, pode ser usado com deverbal, no sentido de “conhecer, sentir”; por exemplo: *witan ege*, “sentir medo, temer”. Assim, poder-se-ia supor que *witan myne* signifique “pensar em, lembrar-se de”. Mas o seu sentido usual, em poesia, é propósito, desejo e, se um genitivo o acompanhar, será subjetivo, e não objetivo (como no frequente *módes myne*). Dessa forma, *ne his myne wisse* mais provavelmente quer dizer “e não conhecia seu propósito/desejo”, mas poderia significar “e não pensava nele”.

Porém, deve-se observar que, a não ser que se inclua mais um *hé* – por emenda direta – antes de *his*, o sujeito de *wisse* deve ser o mesmo de *móste.* Da maneira como a linha se apresenta, o sujeito não pode ser Deus, de modo algum.

Com essas preliminares, constata-se de imediato que o trono não pode ser o de Hrothgar. “Grendel não podia tocar (ou abordar) o generoso trono, receber uma dádiva na presença de (ou por causa de) Deus, e não conhecia Seu propósito (ou não pensava Nele)”. Isso certamente não seria *módes brecða* (*171) para Hrothgar, mesmo que fosse verdade. Mas pode ser? Por que Grendel não poderia se aproximar do trono, se tinha o controle exclusivo de Heorot durante toda a noite? Não havia proteção mágica nem divina para o trono, nem para o salão ou seus habitantes, e sem dúvida Grendel poderia ter sentado no trono do rei e roído ossos ali (o que talvez fosse *módes brecða*). E responder que o que se quer dizer é que Grendel não podia chegar junto ao trono e obter um *maþum*, como um *þegn* honesto, o que poderia ter feito, se desejasse, não é uma solução. Os versos *154-8 (123-7) declaram que não desejava fazê-lo. Se tivesse desejado paz ou trégua, os daneses teriam lhe dado boas-vindas. Não foi *Metod*, e sim a maldade de Grendel que o separou do *dréam* [por exemplo, *Beowulf* *88, “*the din of revelry*” [o barulho do divertimento] 72]. E, de qualquer maneira, vemos que *for Metode* não se encaixa em nenhuma tentativa de interpretação.

Fica claro, portanto, que a linguagem é teológica. *gifstól* é o trono de Deus, e constitui um exemplo do uso frequente de linguagem heroica com significação teológica. *gif-* (e seu equivalente *maþum*) refere-se à *graça* ou *misericórdia* divina. Daí *giefstól* = trono de Deus em *Crist* [poema de Cynewulf], linha 572.

Tentemos de novo. “Nunca (ou de nenhum modo) ele podia recorrer ao gracioso trono e à sua generosidade na

presença de Deus (ou por causa de Deus, isto é, porque Deus não permitia isso), e não conhecia Sua vontade.” Grendel certamente está sob a maldição de Deus, como descendente de Caim. Mas essa ideia não se encaixa aqui, porque, a não ser que se insira um novo *hé* (como eu disse), *ne his myne wisse* não pode ser distorcido para adquirir um sentido semelhante a “nem Ele (Deus) pensava nele”.

Na verdade, será que essa observação se aplica seguramente a Grendel? Não. Certamente (creio) não se aplica. O fato de Grendel ter sido excluído da misericórdia foi abordado, e não apresenta interesse particular neste ponto. Decerto, não fazia parte do tormento de Hrothgar. Na minha opinião, sem dúvida é a Hrothgar que essas palavras se referem. Iniciar um novo assunto com *hé* e só apresentar o novo nome mais tarde (*wine Scyldinga*) é prática frequente do poeta de *Beowulf*. É especialmente inadequada aqui, talvez, pois a mudança de referencial de *hé* (após *eardode* “habitou” *166 = Grendel) é súbita. Mas essa mudança nem se compara, em termos de não adequação, com a tentativa de tornar o dístico (*168-9) parte do *wræc* de Hrothgar, como deve ser se *hé* ainda se refere a Grendel.

O caráter súbito da mudança, creio, deve-se ao fato de que esse pequeno dístico (tratando da graça de Deus e da posição dos pagãos em relação a Ele) é uma interpolação ou elaboração, provavelmente do mesmo autor que alterou o trecho seguinte. Ressalte-se que é destacável sem prejuízo da métrica – algo muito raro em *Beowulf* – e apresenta maior coerência. Apesar de, sem dúvida, a incapacidade de orar por misericórdia ser *módes brecða* para Hrothgar, fica muito claro que *módes brecða* realmente se refere às destruições promovidas por Grendel e à morte de seus cavaleiros. Na minha opinião, parece evidente que *Swá fela fyrena* *164 (131, “*Thus many a deed at evil*” [Assim muitas coisas malignas]) esteve outrora muito mais próximo de

Swá ðá mæ´lceare *189 (151, “*Even thus over the sorrows of that time*” [Assim mesmo, nos pesares daqueles tempos]).

A exclusão do dístico *168-9, e de *180-8 (143 “*nor knew they the Creator*” [não conheciam o Criador] – 150) melhoraria muito toda a sequência[23], mesmo presumindo que (digamos) uma e meia a duas e meia linhas do poema “intocado” após *180 tenham sido agora removidas e perdidas. Vamos traduzir, portanto, como:

“Ele (Hrothgar) de nenhum modo (ou nunca) podia aproximar-se do trono da graça, recebendo uma dádiva diante de Deus, e não conhecia Sua vontade.” Isso, apesar de não ser a possível alternativa “e não pensava Nele”, não seria totalmente inconsistente com o poema principal. Mas de fato é mais provável que venha da mão do homem que escreveu *Metod híe ne cúþon, ne wiston híe Drihten God*. [Ver também comentário.]

151-2 *Even thus over the sorrows of that time did the son of Healfdene brood unceasingly*; *189-90 *Swá ðá mæ´lceare maga Healfdenes singála séað*

séað [passado de *séoðan*, inglês moderno *seethe*, “ferver, fervilhar”]: cf. *1992-3 *Ic ðæs módceare sorhwylmum séað* (1674-6 “*On this account did care about my heart well ever up in surging sorrow*” [Por esse motivo muitas vezes a preocupação dominou o meu coração, em crescente aflição]). Os poetas ingleses antigos descrevem as emoções, em especial as de grande pesar, [?] injúria ou ira frustrada, em termos de uma panela em ebulição. Os *wylmas* (ondulações crescentes quentes) sobem e queimam o *hreþer* ou interior. A palavra *wylm* (*wælm*, *welm*) tem relação com *weallan*, “ferver, ondular” (intransitivo). Em geral, é usada em sentido literal, como borbulhamentos,

jorros, ondulações; no caso de emoções, somente em compostos como *sorg-*, *bréost-*, *cear-*.

(*Nota*. Exceto em *Beowulf* *2507-8 *hildegráp heortan wylmas, bánhús gebræc*, sobre Dæghrefn morto esmagado por Beowulf. Mas aqui é realmente físico: *heortan wylmas* = *pulsações do coração* = *coração pulsante*. [Tradução 2107-9: "*a warrior's gripe it was that quenched his beating heart crushing his frame of bones*" [a força das mãos foi de um guerreiro que extinguiu seu coração que batia, esmagando-lhe a armação dos ossos].] A palavra sobrevive, por exemplo, em Ewelme (perto de Oxford), cujo nome não se origina daqueles de duas árvores, e sim do I.A. *æ´-welm*, "jorrar para fora", nome de uma fonte.)

O verbo *séoðan* também significava "ferver", mas, ao contrário do seu derivado moderno, era transitivo, significando "pôr para ferver, cozinhar (por fervura)". Implica, portanto, um processo prolongado, consciente e introspectivo, que nós, com uma metáfora diferente (mas ainda referente a manter algo "quente"), chamamos de "*brooding*"[24].

163-4 *With that voyage little fault did wise men find*; *202-3 *Ðone síðfæt him snotere ceorlas lýthwón lógon*

lýthwón: advérbio, "muito pouco". Esse hábito de "atenuação"[25] (pois pode tornar-se um hábito, e essa é uma "expressão idiomática linguística" que não tem mais nenhum efeito especial) é muito comum no inglês antigo. Aqui, tudo o que se exige de quem lê o texto é que perceba que a expressão literal "pouco defeito encontraram nessa viagem" não significa que suas objeções não eram importantes, apesar de existirem algumas, nem que nada encontraram para dizer em contrário (como no inglês moderno "*he little knows what's coming to him*" = "não faz

ideia”) e disseram “Muito bem, vai se quiseres”, o que significa “aprovaram o projeto”. Assim como o *unwáclícne*, “nem vil nem miserável”, da pira funeral de Beowulf (*3138; 2636 “*not niggardly*” [sem avareza]) significa “com pródigo esplendor”.

A forma como se expressaria isso em linguagem moderna é menos importante do que a análise da real implicação das palavras do inglês antigo. Às vezes, a atenuação original cabe; outras vezes, não. No inglês antigo, a atenuação não é mero hábito coloquial, apesar de constituir, por assim dizer, um modo linguístico. Ocorre com grande frequência em momentos de “alta tensão”, nos quais os romancistas posteriores (medievais) tendiam a empilhar palavras e superlativos, como se o poeta (e o modo linguístico que herdou) subitamente se desse conta de que gritar só torna surdo, e que às vezes é mais eficaz baixar a voz.

[Nesse ponto, meu pai “recomendou à atenção” de sua plateia o banquete em Heorot na noite da chegada de Beowulf, *491-8.]

> Then for the Geatish knights together in company a bench was made free in the drinking-hall. There to their seats went those men stout of heart, resplendent in valour. An esquire his office heeded, he that bore in hand the jewelled ale-goblet, and poured gleaming out the sweet drink. Ever and anon a minstrel sang clear in Heorot. There was mirth of mighty men, no little assembly of the manhood of Danes and Weder-Geatas.

[Ao se comparar esse trecho com o mesmo trecho na tradução completa do poema, 398-405, ver-se-á que meu pai a tinha à sua frente, pois essa versão difere dela em muito poucos aspectos. Isso já foi observado antes, ver comentário.]

Heroico, refreado, tocante – com base no efeito da métrica e de uma ou duas palavras “carregadas”, cheias de implicações: *deall*, *duguð*. [*þrýðum dealle* *494, “*resplendent in their strenght*” [esplendorosos em sua força] 400; *duguð unlýtel* *498, “*no little assembly of the tried valour* [não [era] pequena a assembleia do valor experiente] 404.]

(*Nota*. *deall*: palavra poética (conservada apenas na poesia inglesa antiga) que significa algo como “esplendoroso”, visto que a rigor se referia à riqueza e ao brilho exteriores e visuais. Mas aqui, pela arte compressiva da poesia anglo-saxã, aplica-se a *þrýð*, “força”, de modo que aqueles familiarizados com a expressão idiomática, ou que possuem uma compreensão dela, podem visualizar uma imagem de homens altos, fisicamente admiráveis, com um semblante em que os olhos que os avaliam ignoram suas armaduras preciosas e chegam à sua estatura e postura.

duguð: palavra que significa “valor experiente”, mas que havia muito tempo se aplicava ao conjunto de homens mais velhos e experientes na guerra, em contraste com *iuguð*: os jovens, os escudeiros, homens apenas promissores; de modo que *duguð unlýtel* transmitia uma visão de muitos rostos altivos e severos à luz das tochas e da fogueira.)

É apenas um vislumbre de “descrição” entremeado de ações e do choque de pessoas, brevemente repetido em *611-12 (*Đær wæs hæleþa hleahtor, hlyn swynsode, word wæ´ron wynsume*; 497-8 “*There was laughter of mighty men, the din of singing; sweet were the words*” [Ouviram-se risos de homens valentes, o ruído de cantos; doces eram as palavras]). Mas isso pode ser contrastado com o banquete de Ano-Novo em Camelot, em *Sir Gawain and the Green Knight*. Ali o autor repentinamente se dá conta de que precisa prosseguir com a ação: “*Now wyl I of hor seruise say yow no more*”, exclama ele, “*for vch wy3e* [todos] *may wel wit no wont þat þer were*” (*Gawain* 130-1). Mas quanto

melhor é dizer menos e não avisar que disse! No entanto, ele é relativamente modesto. Para a plena vulgaridade de gritos e exagero, há que observar o banquete quando, na *Morte Arthure* aliterante, Artur recebe a embaixada de Roma [ver *A queda de Artur*, 2013, p. 108]. Deixando de lado a repugnante e incrível descrição da comida, em lugar do *þegn* (*494, "*an esquire*" [um escudeiro] 401) ou da bondosa rainha Wealhtheow, cumprindo seu antigo rito de apresentar a taça cerimonial ao rei e depois honrando o convidado principal (498 ss., *612 ss.), temos Sir Cay, principal mordomo do rei, ocupado com os copos dele – em número de sessenta! (*Morte Arthure* 170-219).

Essa atenuação do inglês antigo – apesar de relacionada ao gosto da época e a um modo de expressar-se que preferia a condensação e a brevidade (como no *kenning*) – é bastante frequente. Eu poderia tê-la comentado antes. Por exemplo, em *Nalæs hí hine læ´ssan lácum téodan* (*43, 33-4), literalmente "não o enfeitaram com menos ofertas de presentes" = "enfeitaram-no com muitas mais", mas com um ardil adicional: ele chegou sem nenhum presente nem equipamento. Era *féasceaft funden* (*7), "indigente" ("*forlorn*" [abandonado] 5), solitário, criança, em um barquinho, apenas (de acordo com algumas tradições que sobreviveram ao tempo) com uma espiga de trigo ao seu lado.

Ambos os trechos revelam dois aspectos: *primeiro*, o "significado" que o poeta buscou não pode ser deduzido de uma mera tradução literal, ou de sua adequação ao uso moderno, sem levar em conta as características idiomáticas; *segundo,* invariavelmente precisamos saber mais do que sabemos (enfrentando *Beowulf* diretamente e sem nenhum conhecimento prévio). Assim, em *43 precisamos ter alguma ideia da tradição de "Sheaf". Aqui [isto é, 163-5, *202-3], provavelmente, guarda relação com o

folclore do qual, em parte, Beowulf surgiu como personagem. Apesar de o poeta julgar necessário acrescentar “*dear though he were to then*” [por muito que ele lhes fosse caro] (164-5) (visto que Beowulf agora está na posição de filho da irmã do rei [Hygelac; ver 300-1], uma posição de amor e afeto tradicionais), a viva aprovação com que o desejo de Beowulf de partir em uma aventura [foi saudado] muito provavelmente deriva de uma situação de conto de fadas em que as pessoas ficavam contentes por se livrarem do jovem forte e desajeitado. Cf. *2183 ss. *Héan wæs lange, swá hyne Géata bearn gódne ne tealdon* etc. (1835 ss. “*Long was he contemned, for the sons of the Geats did not account him worthy* [Por muito tempo foi desdenhado, pois os filhos dos gautas não o consideravam digno] etc.).

165-6 *they observed the omens*; *204 *hæ´l scéawedon*

Em sua *Germania* [capítulo X], Tácito diz que os Germanii davam a maior atenção a “áuspices” e “sortes”: *auspicia sortesque ut qui maxime observant*. Não que, na realidade, eles parecessem diferir, nesse aspecto, de outros povos indo-europeus, nem dos romanos de um período anterior, como mostra a palavra *auspex*, “observador de aves”, para a observação de presságios, e *auspicium* (donde nossa “ocasião auspiciosa”, em que, como aqui em *Beowulf*, supõe-se que os presságios sejam bons).

É interessante considerar por que o autor manteve essa referência à prática pagã, sem comentá-la.

171-82; *210-24

Um bom trecho descritivo. A longa marcha para o mar é comprimida em *fyrst forð gewát* (“Time passed on” [O

tempo passou], 171). Por um momento, a visão é do topo de um penhasco. O barco é visto lá embaixo, meio posto sobre a praia, com a proa de frente para a areia. Vemos os homens ocupados em carregá-lo e depois empurrando-o para a água com remos ou varas. O vento infla as velas e ele parte depressa, como sugere a espuma na proa, como uma gaivota branca, que dá a impressão de distância crescente, rebatendo o brilho de montanhas e penhascos longínquos em uma terra estranha.

Compare-se a descrição, no poema *Elene*, de Cynewulf, 225-35[26], de Elene navegando para a Terra Santa. O esforço de lidar com uma situação muito mais importante produziu apenas um amontoado de vocabulário poético para os navios e o mar, sem nenhuma imagem afetiva concreta.

[Em seu ensaio prefaciante *On Metre* [Da métrica] da edição revista (1940) da tradução de *Beowulf* por J. R. Clark Hall (reproduzido em *The Monsters and the Critics and Other Essays*, 1983), meu pai escolheu esse trecho sobre a viagem dos gautas à Dinamarca como exemplo de texto em inglês antigo, junto com uma tradução aliterante. Mencionei isso para comparar com sua tradução em prosa (171 ss.), na nota introdutória a esta.]

181-2; *223-4

[Meu pai empenhou muito tempo e reflexão em certos trechos de *Beowulf* nos quais o texto é peculiarmente difícil de interpretar por uma ou outra razão e as emendas rivalizam e formam um pântano espesso, e que são conhecidos como dilemas. Nesse caso, a discussão que ele fez da linha estende-se por muitas páginas de exame minucioso e muito refletido, demasiado longo para ser incluído aqui. Mas ver-se-á que o assunto tem interesse quando se considerar a datação relativa de seus escritos sobre *Beowulf*. Portanto, cito aqui seu enunciado inicial dos problemas e dou uma breve indicação de suas soluções prediletas, omitindo suas discussões, detalhadamente argumentadas e convincentes.]

þá wæs sund liden, eoletes æt ende (leitura do manuscrito)

Uma observação de “resumo”, ou “conclusão”, no final da viagem. Apesar de iniciar no que chamamos de meio do verso, *Þanon* *224 (“Dali”), seguindo-se a *ende*, realmente encabeça o próximo “capítulo” ou “subcapítulo”. A “conclusão”, apesar de estar claro seu sentido geral, “o barco chegara ao fim de sua viagem”, contém duas dificuldades: *liden* e *eoletes*.

[Para a palavra desconhecida *eoletes*, ele aceitou a emenda *eoledes*, que tem o significado de “jornada aquática, viagem”. Sobre *liden*, particípio passado do verbo *líðan*, escreveu o que se segue.]

liden. A tradução que se mostra à primeira vista, “então o mar foi atravessado”, parece fraca e evidente, até para uma “conclusão”, que normalmente é mais pesada e dirigida, mesmo quando repetitiva, e depara com a dificuldade relacionada ao verbo *líðan*, que em outros textos em inglês antigo é sempre intransitivo (praticamente sempre usado em referência a viagens ou jornadas sobre a água). Creio que essa objeção é bastante forte, se não decisiva.

[Acreditava também que “uma conclusão objetiva pictórica mencionando o barco com o qual a travessia começou (*flota* *210) seria muito melhor que uma simples afirmação “passiva” – e mais provável. Sua conclusão foi aceitar a sugestão de um substantivo não registrado: *sundlida*, “navegante, navio” (comparando *ýðlida*, sobre a mesma nau, com *ýð*, “onda”, *198, 181): “então o navio estava no fim de sua viagem marítima]. Mas aceitou também uma emenda adicional, a *sundlidan* (dativo), como sendo mais idiomática e próxima à leitura do manuscrito: “então, para aquele navio, a viagem estava terminada”.

No texto mais antigo de sua tradução em prosa do poema, ele traduziu as palavras *þá wæs sund liden, eoletes æt ende* para: “as águas foram ultrapassadas; estavam no fim de seu caminho marítimo”, que corrigiu mais tarde para: “*Then for that sailing ship the voyage was at an end*” [estava então terminada a jornada daquele veleiro]. Ver-se-á que essa é a versão à qual chegou ao escrever seu comentário. Essa era a redação do exemplar datilografado (C). Nesse texto, meu pai riscou *voyage* [viagem] e substituiu por *journey* [jornada]. Essa é, portanto, a tradução usada neste livro.

Pode-se também mencionar que, em seu artigo *On Metre* (citado na nota a 171-82 anterior), em seu texto em inglês antigo desse trecho ele escreveu as

palavras *þá wæs sundlidan* e creditou a emenda em uma nota de rodapé.]

184 *their mail-shirts they shook*; *226 *syrcan hrysedon*

[Esse é outro caso em que meu pai veio a contradizer sua própria tradução que fez originalmente e que dizia: “*their mail-shirts chashed*” [suas cotas de malha entrechocaram-se]. Na edição de Klaeber, o verbo *hryssan* (passado *hrysedon*) é glosado: “sacudir, chacoalhar”, e é considerado aqui (excepcionalmente) intransitivo; a frase *syrcan hrysedon* é “assindética”, isto é, está inserida na frase maior sem conjunção. Ele escreveu o que se segue.]

hrysedon é transitivo: sempre será em outros lugares onde está registrado. Em qualquer caso, o verbo significa “sacudir violentamente”, não “chacoalhar”, de modo que [a ideia de] uma interpolação assindética de *syrcan hrysedon*, com sujeito *syrcan*, ensanduichado entre dois verbos no passado e no plural cujos sujeitos são os gautas, é ao mesmo tempo desnecessária e improvável. Os homens devem ter realizado a sacudida. Provavelmente, não usaram suas cotas de malha durante a navegação (sem dúvida, faziam parte de *beorhte frætwe* [*214, 174 “*their bright harness*” [seus arneses luzidios] que levaram para bordo e puseram no depósito), e então as desenrolaram e sacudiram antes de as envergarem de imediato (já que agora estavam em terra estrangeira). Em qualquer caso, e, certamente, se tivessem usado as cotas de malha, estas necessitariam de alguns cuidados após uma travessia no mar em barco aberto, embora tal travessia apareça representada como tendo durado menos de dois dias.

189-90 *anxiety smote him*; *232 *hine fyrwyt bræc*

fyrwyt (melhor grafado *firwit*) normalmente é glosado: “curiosidade, interesse”, o que faz com que soe muito estranha a frequência da expressão *hine firwit bræc* (Klaeber diz: “Gostaríamos de conhecer a origem dessa

singular expressão”; não é muito difícil perceber!). Mas a frase, sem dúvida, foi criada para ocasiões especiais, e “curiosidade” ou “interesse”, que atualmente costumam remeter a uma atitude que pode ser frívola, não são uma boa glosa. *firwit* muitas vezes se aproxima de “cuidado, solicitude, ansiedade”. É a emoção de quem vê ou ouve algo sobre o qual o põe alerta e requer investigação ou ação imediata, ou de quem ansiosamente aguarda uma notícia muito importante. (O tratamento “passivo” da pessoa e “ativo” da emoção está de acordo com a representação geral da emoção no inglês antigo.) Assim, em *1985 *hyne fyrwet bræc* (1668-9 “*eagerness pierced his heart*” [seu coração estava ansioso]), refere-se ao desejo de Hygelac, que, impaciente, quer saber sobre a aventura de Beowulf; em *2784, a mesma frase (2342 “*Anxiety pierced his uplifted heart*” [Seu coração enaltecido era trespassado pela ansiedade]) se refere à grande ansiedade do homem que esteve no covil do dragão para saber se Beowulf ainda estava vivo para ver o butim antes de morrer.

Aqui o guarda costeiro subitamente vê homens estranhos amarrando um navio e tirando dele equipamento bélico. Ele fica bastante alarmado. “Ao perceber o que ocorria, ficou extremamente perturbado” talvez seja uma versão adequada. Ele tinha meios para fazer soar o alarme, se necessário. Havia homens por perto (*magu*þ*egnas* *293, “*My young esquires*” [meus jovens escudeiros] 236). Apesar de brandir a lança ferozmente e de falar usando termos hostis (revestidos de expressão cortês), não poderia sozinho ter resistido ao desembarque de quinze homens. Se suas suspeitas se justificassem, poderia fugir para pedir ajuda, já que estava montado. Não é preciso imaginá-lo chegando a cavalo até o alcance fácil de uma lança! Seu desafio foi clamado em voz alta e clara, de uma boa distância.

202-3 *no hall-servant is he in brave show of weapons*; *249-50 *nis þæt seldguma wæpnum geweorðad*

O composto *seldguma* ocorre apenas aqui. Pelo contexto, significa alguém de condição inferior. Portanto, *nis þæt seldguma* etc., “que ele não é homem comum”, é um modo de dizer “ele deve ser um homem de condição superior”. É com essa intenção positiva que aparece *wæpnum geweorðad* (“em brava exibição de armamento”), e o guarda não quis dizer (como a ordem das palavras poderia sugerir): “Este não é um homem humilde que apenas carrega boas armas.” “Sem dúvida, este é um homem de condição, com suas nobres armas” aproxima-se mais do significado.

[Desse modo, meu pai rejeitou sua tradução: “não é [lacaio >] servo do salão em brava exibição de armamento”.]

A dificuldade está em explicar *seldguma*. Evidentemente, suporíamos que significasse “um homem com assento no salão”, isto é, um dos guerreiros que normalmente fazem parte da casa do rei, uma variante de *geselda* – para isso, ver *1984, onde Beowulf é de fato chamado de *sínne geseldan* em relação a Hygelac (1668 “*the companion at his side*” [o companheiro ao seu lado]). *seldguma* parece indicar exatamente o que Beowulf era. Apesar de parente do rei, era jovem, sem experiência bélica (embora fosse o herói de muitas aventuras de ousadia e força juvenil), e não era alguém de condição superior na corte (um dos *witan*). A explicação, provavelmente, é que estamos nos atendo ao elogio do guarda. Em casa, Beowulf poderia parecer apenas um dos *geogoð*, se bem que notável. Para um estranho com olhos inexperientes e atentos, parece filho de rei ou um chefe jovem. “Este não é apenas um dos cavaleiros do rei, mas sua estatura, seu belo

semblante e seu porte sem par, se não estou enganado, (mostram que é um príncipe).”

Mas a implicação desse elogio é parcialmente hostil e suspeita: tal tripulação e tal líder partiram rumo a uma grande empresa. Qual é ela?

205 *false spies*; *253 *léasscéaweras*

léasscéaweras: “observadores mentirosos”, isto é, espiões com intenção traiçoeira. O guarda está sendo hostil e tão insolente quanto a situação permite. É ao uso de tais palavras de opróbrio que se refere a palavra *hearm*, “insulto”, no verso *1892, quando, na partida, o guarda saudou Beowulf e seus companheiros como amigos: *nó hé mid hearme* [...] *gæstas grétte* (1587-8 “*Not with unfriendly words [...] did he hail the guests*” [Não foi com palavras hostis que recebeu os visitantes]).

213; *263 *Ecgtheow*

Ecgtheow não alitera com *Beowulf*. É notável que, apesar de Beowulf ser, de modo evidente, em parte um personagem não histórico de conto de fadas, o autor lhe dá um pai e outros parentes próximos. Havia claramente tradições relacionadas a esses nomes – em especial a Ecgtheow (cf. 370 ss., *459 ss.) – que o autor não inventou. Suas referências com certeza aludem a coisas que (muitos em) sua plateia conheciam. Cf. também o parentesco com *Wígláf*, filho de *Wíhstán* dos *Wægmundingas* (ver 2365-6, *2813-14).

Nomes com *Ecg-* são comuns, mas *Ecgtheow* não é encontrado em outro lugar (exceto no nórdico antigo *Eggþér*, e nesse caso somente como um *glaðr Eggþér*, pastor dos gigantes, que se sentava e tocava harpa (num

morro); e, portanto, é muito improvável que seja pura ficção. Há duas possibilidades: enquanto Ecgtheow e os Wægmundingas tinham seu lugar na tradição lendária histórica, nosso autor inseriu Beowulf nessa família para lhe conferir o papel principesco que o personagem exigia; havia tradições de uma pessoa "X" na história que liderou ou tentou liderar o reino gauta contra os suecos após o final (com Heardred) da dinastia Hrædling; com esse vulto, a história popular havia sido mesclada (por razões que agora não podemos descobrir), provavelmente num período anterior, muito tempo antes que nosso autor compusesse seu poema[27].

A primeira possibilidade parece muito improvável. Se as tradições sobre Ecgtheow e sua contenda e o refúgio na corte danesa (ver 370-5) ainda eram lembradas sem relação com "Beowulf", o que tal plateia pensaria do procedimento? E se supusermos que Ecgtheow foi escolhido por causa de sua conexão danesa para tornar [plausível?] a aceitação de um gauta na corte (não muito amigável) de Heorot, o que dizer dos Wægmundingas? Algumas das coisas ditas sobre eles são estranhas. Wiglaf, parente e último companheiro leal de Beowulf, é chamado de *léod Scylfinga*, *2603, "lígio dos Scylfingas", a dinastia sueca[28]. Ficamos sabendo que seu pai Weohstan/Wihstan havia sido um dos cavaleiros do rei sueco Onela e quem de fato matou Eanmund, sobrinho rebelde de Onela, cujo irmão, Eadgils, se refugiara com Heardred dos gautas e que (como vingança pela morte de Heardred nas mãos de Onela) mais tarde foi apoiado por Beowulf, recebendo ajuda para matar Onela e se tornar rei dos suecos[29]. Esse parece ser exatamente o tipo de situação confusa e o tipo de família, com fidelidade dividida e possivelmente com propriedades de ambos os lados, da qual poderia provir um homem capaz de manter alguma independência gauta após o fim de sua dinastia, pelo menos durante o reinado de Eadgils. Já que sua situação precária

era efêmera, ele seria um vulto a respeito do qual podiam surgir “lendas” (em vez de tradições genealógicas autênticas), sobretudo se houvesse a ajuda de acidentes de similaridade. Por exemplo, ele era de origem obscura; era grande, forte e desajeitado; pode até mesmo ter possuído um nome ou apelido que se referisse a uma dessas histórias.

232-3 *A man of keen wit* [...] *will discern the truth in both words and deeds*; *287-9 *sceal scearp scyldwiga gescád witan, worda ond worca*

sceal significa basicamente “está destinado (a fazer), tem obrigação (de fazer)”. Daí seu uso como equivalente do futuro, assim como podemos dizer: “*it’s bound to rain if I don’t take an umbrella*” [“Quando eu não levo o meu guarda-chuva, com certeza chove.”]. Portanto, não é aqui, creio, expressão de dever ou necessidade que surge de cargo ou função, e sim “gnômica”. A troca do que chamaríamos de “chavões”, opiniões aceitas sobre o modo como as coisas acontecem no mundo, era mais respeitada em meios heroicos do que (digamos) nos modernos meios acadêmicos. (O “gnoma” definitivo é proposto ao final da fala de Beowulf a Hrothgar: *Gæ´ð á wyrd swá hío scel!* *455, “*Fate goeth ever as she must*” [O destino sempre segue como deve ser] 367.) Se o guarda costeiro expressasse uma opinião numa situação particular, diria: “um homem em minha posição precisa manter-se alerta e reconhecer um mentiroso quando o encontra”. O que ele diz na verdade é: “um homem de discernimento naturalmente será capaz de reconhecer um homem honesto”. Deduz-se que ele é um homem de discernimento, do contrário não estaria nessa posição.

Usamos *will* (não *shall*) em tais afirmativas “gerais” toda vez que empregamos um verbo auxiliar. Assim, o “gnoma”

draca sceal on hlæ´we não é “um dragão há de estar [*shall be*] num morro tumular”, que no nosso uso implicaria desejo ou propósito de “eu”, falante, mas sim “um dragão será [*will be*] encontrado num morro tumular”, porque é essa a sua natureza, ou “dragões se encontram em túmulos”. Portanto, vamos traduzir para: “Um homem de perspicácia, que considera as coisas adequadamente, naturalmente demonstra discernimento ao julgar palavras e feitos”.

246-8; *303-6

[“Levaria tempo demais”, disse meu pai, “discutir esse assunto e criticar as muitas variantes editoriais”, mas dispôs-se a “dar-lhes breve e dogmaticamente minha opinião”. Eu a dou aqui, com pequena redução, e começo pelo trecho na forma do manuscrito sem emendas e da tradução.

Eoforlíc scionon
ofer hléorberan gehroden golde,
fáh ond fýrheard, ferhwearde héold
gúþmód grummon. Guman ónetton [...]

[246] Figures of the boar shone above cheek-guards, adorned with gold, glittering, fire-tempered; fierce and challenging war-mask kept guard over life. The men hastened [...]]

[249] Figuras de javali luziam sobre as guardas do rosto, enfeitadas de ouro, rebrilhando, temperadas no fogo; a máscara de guerra, feroz e desafiadora, protegia a vida. Os homens apressaram-se [...]]

Esse é um dilema bem conhecido da tradução e do texto, visto que pelo menos *gúþmód grummon* deve estar corrompido. O trecho intrigou o escriba, seja por já estar corrompido ou difícil de ler em certos lugares, seja porque ele não conseguia extrair-lhe muito significado, seja ainda pelos dois motivos combinados. Um dos sinais disso é a retenção de várias formas “dialetais”, isto é, não do saxão ocidental, as quais provavelmente teriam sido alteradas caso o escriba tivesse se sentido mais confiante: *scionon*, *beran* por *bergan* (saxão ocidental *beorgan*); *ferh* por *feorh*.

A principal dificuldade está em *gúþmód grummon.* Neste caso, minha solução não é (acredito) encontrada em outros lugares. Primeiramente, creio que todo o trecho é um exemplo do “singular representativo”, com frequência usado em descrições. Por exemplo, soldados passam marchando (todos equipados mais ou menos da mesma forma) – o elmo brilha, a crista sacode, a lança reluz, a cota de malha tilinta. Mas esse trecho é ainda mais seletivo. Só um elmo é descrito, provavelmente o objeto mais notável e temível (para um espectador) do equipamento de um guerreiro nórdico totalmente armado da era heroica. (Um método semelhante é usado em 261-2, *321-3, onde a cota de malha é escolhida.) A aparente e desajeitada mudança de flexão verbal *scionon – héold* deve-se a uma mudança de sujeito sintático, não de objeto visual: só um elmo é descrito, mas cada um tinha mais de um *eoforlíc*, uma “imagem de javali”, representativa do animal como símbolo de ferocidade, também com significado religioso ou mágico nos tempos pagãos. A representação de um javali como crista de elmo é um fato arqueológico indubitável, porém não mais de um em cada elmo.

Ainda assim, um único elmo podia ser descrito como tendo mais de uma “imagem de javali”. Isso é dito sobre o elmo de Beowulf, descrito (1211-12, *1453) como sendo “colocadas (chapeadas) com *swínlícum* [dativo plural]” pelo

ferreiro que o fez. Os *eoforlíc* não são, portanto, “cristas”, e sim representações de javalis, de homens com cabeça de javali ou máscaras com presas colocadas numa faixa decorativa logo acima das guardas do rosto [lendo *hléorberga* por *hléorberan*], como está dito de fato. Então qual é o sujeito de *héold*? Outro sujeito singular, mas também parte do elmo, relacionado com o *eoforlíc*, é necessário. Não pode ser encontrado no verso *305, portanto deve estar oculto na expressão corrompida *gúþmód grummon*. Desse modo, proponho que se leia *gúþmód gríma*. Suponho um processo de corrupção, não necessariamente realizado por inteiro, em uma única etapa, pelo qual *gríma* foi assimilado (por um processo muitas vezes exemplificado na corrupção desatenta) a *gruman* antes de *guman* (*306). Uma vez que isso não significava nada, depois foi transformado na palavra real *grummon*, “rugiam ou vociferavam”, o que a um escriba desorientado poderia parecer vagamente adequado ao contexto, mas de fato não é.

O *gríma* era uma máscara ou viseira que cobria (parcialmente) o rosto. É certo que os elmos daquela companhia tinham tais *gríman*, visto que Wulfgar o diz à porta de Heorot: *grímhelmas* *334, *heregríman* *396; “*your masked helms*” [vossos elmos mascarados] 271, 320. O fato de terem ou poderem ter forma feroz ou horripilante, destinados (como a pintura de guerra mais primitiva) a assustar os agressores (e, portanto, a funcionar como salva-vidas), é demonstrado pelo frequente uso de *gríma* para um bicho-papão ou uma aparição aterrorizante.

É verdade que *gúþmód gríma*, “a máscara de espírito bélico”, parece exigir a transferência de um epíteto próprio do guerreiro à sua armadura. Essa não é uma grande dificuldade. Armas podem ser descritas como *fús* ou *fúslíc*, isto é, “ávidas por avançar, ávidas pela batalha”. Mas a

gríma ou máscara provavelmente representava um rosto, humano ou animal, e *gúþmód* era a expressão desse rosto.

288-496; *356-610 Os discursos na corte

Com esses discursos ficamos mais larga e plenamente inteirados da “cortesia” em palavras e postura, conforme concebida pelo poeta, sem dúvida modelada nos melhores modos contemporâneos. Wulfgar não era um “serviçal”, e sim um oficial da corte. Era seu dever avaliar o mérito dos forasteiros à porta e aconselhar se deveriam ser admitidos.

290-1 *well he knew the customs of courtly men*; *359 *cúþe hé duguðe þéaw*

duguð é propriamente um substantivo abstrato relacionado com *dugan*, “ter valor, servir” etc. Portanto, seu sentido básico é “mérito, utilidade, valor”. A palavra manteve esse sentido, mas também surgiram aplicações especiais. Sem dúvida, com o auxílio parcial da rima com *iugoþ*, *geogoþ*, “juventude”, ela começou a ser usada para indicar a idade em que um homem tinha maior utilidade, estava em sua plenitude. Depois, podia naturalmente ser usada (como *iugoþ*) para o conjunto de todos os homens, ou de todos os homens de determinado lugar que tinham *duguþ*. Sendo assim, muitas vezes a palavra pode significar “hoste de homens (plenamente adultos e experientes na guerra)”. Esse é sempre o seu sentido em *dugoþ ond iugoþ*. Mas, quando está isolada, frequentemente tem o sentido de “hoste (de guerreiros), esplêndida hoste”. Muitas vezes, não é possível determinar se o sentido, em determinado trecho, está mais intimamente ligado a “hoste gloriosa” ou ao sentido mais antigo, “mérito, valor, excelência”.

Assim acontece em *duguðe þéaw*. Pode ser “os modos da virtude viril, da aptidão e do mérito”, ou “os modos do *duguþ*, dos cavaleiros e homens bem treinados da corte”. Em qualquer caso, quer dizer: “os modos corretos de um cavaleiro”.

Quando a cena está finalmente armada e os dois principais personagens “heroicos”, Hrothgar e Beowulf, se encontram por fim, temos de considerar com mais cuidado as várias linhas nas quais esse poema foi tecido.

Eram dois os seus materiais fundamentais: a lenda “histórica” e o conto de fadas. A “lenda histórica” deriva das tradições sobre homens reais, eventos reais, políticas reais, de terras geográficas verdadeiras, mas passou através das mentes dos poetas. Até que ponto as realidades históricas de personagens e eventos foram preservadas (mais do que alguns supõem, imagino) desse modo é outra questão. O conto de fadas (ou conto folclórico, se preferirem esse nome), de qualquer modo, foi alterado, pois, nesse caso, foi consolidado no interior da “História”. E creio que não foi a primeira vez que nosso poeta fez isso. Beowulf e o monstro já haviam sido enxertados na corte de Heorot antes mesmo de ele escrever esse poema. Mas, não importando como foi feito, se por um poeta ou por vários deles, sofreu grandes alterações não apenas nos detalhes, mas no tom, e não manteve a História intocada. Para compreender o que quero dizer, basta considerar quão diferentes são a magia, o reino encantado e que tais na corte de Camelot, na época de Artur – que estão situados histórica e geograficamente –, de um mero conto de fadas; e quão diferente é o ambiente da corte de Artur, apesar de toda a sua atmosfera “histórica”, por causa desse elemento de fadas. E mais, acima de tudo, trabalhando com essa poderosa mescla, temos o mais recente poeta, o nosso poeta, o Mallory das lendas de Heorot, com suas ideias contemporâneas de virtude e

cortesia, sua teologia, sua compreensão particular (muitas vezes de cunho dramático) dos seus personagens: Hrothgar e Beowulf. Só tendo em mente essas três coisas conseguiremos realmente compreender essas conversas e esses discursos, Wulfgar, Beowulf, Hrothgar, Unferth. Por trás da severa e jovem altivez de Beowulf, bastante crível na superfície, está a rudeza do desajeitado campeão de conto de fadas, penetrando à força na casa. Por trás da cortesia (tingida de ironia) de Hrothgar está a incredulidade do senhor da casa assombrada; por trás do seu lamento pelos cavaleiros desaparecidos escondem-se ainda os alertas dados para assustar o recém-chegado, com relatos sobre como todos os que tentaram lidar com o monstro tiveram um triste fim.

Vou analisar o primeiro discurso de Beowulf a Hrothgar e a resposta de Hrothgar, em um momento, para mostrar o que quero dizer e sobretudo para tentar determinar o que Hrothgar realmente queria dizer no final de sua resposta.

É claro que é feito com cuidado o encaixe de Beowulf no pano de fundo “histórico”. Diz-se que seu pai foi um refugiado na corte danesa. Ele próprio é sobrinho do rei governante de Gautland[30], neto do falecido rei Hrethel. As relações políticas entre Gautland e a Dinamarca são usadas para proporcionar um maquinário pelo qual Hrothgar pode saber algo sobre ele e revelá-lo a nós indiretamente. Ainda assim, o elemento do conto de fadas espia através de todas as frestas. O que as trocas diplomáticas entre as cortes da Dinamarca e de Gautland permitiram que Hrothgar soubesse? Que o sobrinho do rei era um homem a ser vigiado, desfrutando de considerável popularidade, com probabilidade de mais tarde tornar-se um poder no país, mais velho que Heardred, o próprio filho do rei, mas aparentemente leal até então, e sem probabilidade de tentar tomar o trono? Sim, mas não neste caso. Aqui só ficamos sabendo que o sobrinho do rei possuía a

característica típica dos contos de fadas, de ter a força de trinta homens nas mãos!

Pelo menos é assim na parte do poema que estamos analisando. Mas o entretecimento de “história e política” é contínuo. Evidentemente os emissários trouxeram notícias políticas junto com novas do “reino encantado”. A política não está esquecida. O campeão do conto folclórico é também príncipe de um reino de verdade. A política é um dos filamentos do longo sermão de Hrothgar (1426 ss., *1700 ss.) – contra a altivez mal colocada e a ambição injusta. A situação dinástica em Gautland é claramente insinuada no discurso de despedida de Hrothgar (1546-53, *1844-53). E esse mesmo elemento, a nobre lealdade, que faz parte do caráter de Beowulf como pessoa política, de repente é posto em contato com seu talento mais folclórico (a força de suas mãos) no discurso do próprio Beowulf. Ficamos sabendo que sua competição com Grendel será um embate braçal, não um cortesão embate de armas. “Conto de fadas aqui!”, podemos exclamar. Mas Beowulf, como é concebido agora, tem uma resposta pronta. Grendel não sabe usar armas civilizadas. Não tirarei vantagem injusta, visto que espero sempre manter a estima de meu lígio senhor Hygelac! (350 ss., *433 ss.).

E então chegamos e um personagem novo e muito fascinante, Unferth. A qual livro ele pertence? Ao Livro dos Reis, ou aos Contos Maravilhosos? É muito difícil decidir, pois Unferth é o próprio elo entre os dois mundos. Está equilibrado com precisão entre eles.

Sua função na história é bastante clara. É uma pessoa importante na corte danesa. É um *byle* [ver nota de rodapé], e como tal seu papel é saber tudo sobre as pessoas. Seu caráter (inveja) e sua função (conhecimentos dos homens e dos reinos) se transformam no mecanismo pelo qual obtemos informações adicionais para completar nossa imagem sobre Beowulf, o Forte; e a “*flyting*”

[controvérsia, disputa] que se segue serve para levar Beowulf a fazer uma “promessa”, diante da corte, de que vai imediatamente (*ungeára nú* *602, “*ere long*” [pouco falta] 488) lutar com Grendel. Não pode desistir disso, e por fim Hrothgar fica realmente convencido. Sua *wén* (*383, “*hope*” [esperança] 308) torna-se certeza, pois agora a determinação de Beowulf está fora de dúvida (495-6, *609-10).

Mas, se olharmos mais de perto e considerarmos outros detalhes, encontraremos muito a ponderar. Minha opinião é que Unferth é um personagem composto. Nesse conto, um vulto produzido pelo contato de dois elementos: a história cortesã e o conto de fadas. É, portanto, muito semelhante ao próprio Beowulf e, assim como este, não é inteiramente fictício (é evidente). Tinha um pai, Ecglaf (ver nota a 406) e irmãos. A história de que os matou [477-8, *587] – um fato ou acusação muito surpreendente – dificilmente terá sido inventado para essa ocasião. Devemos supor que havia (é natural, e não peculiar à lenda inglesa antiga) uma tendência, num período em que as genealogias, muitas vezes longas, e as inter-relações das famílias ainda faziam parte da tradição e da cultura nativas, de os vultos ficcionais – derivados de contos folclóricos ou meramente do tratamento poético-dramático da “História” – se mesclarem com personagens menores, mais ou menos históricos. É à dramatização da lenda histórica pelos poetas, e não ao conto folclórico, que Unferth pertence por seu lado fictício. Seu nome é significativo porque é “significativo”, isto é: ele tem um nome adequado à sua função. Unferth significa Não Paz, Discórdia; e a primeira coisa que ouvimos sobre ele é que libertou um encantamento para a criação da contenda (407; *onband beadurúne* *501). O nome foi feito para o vulto: um vulto sinistro na renomada corte de Heorot. Não ocorre em nenhum outro lugar (e mesmo em nosso texto é sempre grafado *Hunferð*, um nome não incomum, a despeito da aliteração). Não ocorre na Escandinávia, apesar

de aqui Unferth ser uma pessoa importante em uma famosa corte danesa.

Evidentemente ele é em larga medida uma criação, um elemento da agourenta situação de Heorot, conforme esta foi dramatizada pelos poetas ingleses: um parente literário daqueles conselheiros malvados que dominam o ouvido de reis idosos. Em poemas tratando de Heorot em si, da sina dos Scyldings, do velho rei, de seu jovem herdeiro Hrethric e do poderoso vulto de Hrothulf [filho de Halga, irmão de Hrothgar], o sobrinho criador de intrigas em segundo plano, é bem provável que Unferth tivesse um papel a desempenhar, bem à parte de sua aparição em *Beowulf*. Nessa medida, ele provém da lenda "histórica", talvez com a atribuição de algumas características históricas reais. Mas aqui ele provém dos Contos Maravilhosos, não do Livro dos Reis. As coisas que sabe e revela sobre Beowulf vêm da lenda nórdica.

[No trecho que se segue, meu pai tratou obliquamente do intrincado assunto da relação de um episódio de *Beowulf* (a descida do herói à lagoa onde habitavam os monstros) com a história encontrada em contos folclóricos escandinavos, em particular a da *Grettis Saga* islandesa. É universalmente aceito que essas narrativas são correlacionadas e, por mais remotas que sejam em todas as circunstâncias, mantiveram uma extraordinária conexão linguística. Ela aparece na palavra *hæftméce*, não encontrada em nenhum outro lugar em inglês antigo, aplicada à espada Hrunting, e na palavra islandesa *heptisax*, não encontrada em nenhum outro lugar em nórdico, definida no texto como um montante com cabo (punho) de madeira, mas que na saga tem um significado diferente daquele da história.]

Além disso, ele é possuidor da curiosa arma *Hrunting*, a *hæftméce* (*1457, "*that hafted blade*" [lâmina empunhada] 1215), que desempenhava um papel definido no conto de fadas da descida à caverna mágica. Não no "conto folclórico geral", mas em uma forma nórdica particular da qual deriva nosso *Beowulf*; pois na forma islandesa o *heptisax* reaparece (apesar de ter uma função diferente). Desconfio

que, por esse lado, Unferth representa o traidor que, após conduzir o herói à caverna, abandona-o, deixando-o à própria sorte (por exemplo, cortando ou soltando a corda pela qual ele desceu). Nada disso resta em nosso conto, exceto o fato de que a *hæftméce* em que Beowulf confiava lhe faltou por completo. A deserção é atenuada e obscurecida: nada resta dela a não ser o fato de que os daneses presumiram que estava tudo acabado para Beowulf e foram embora (1341-3, *1600-2).

Isso é conjectura, e ainda mais difícil porque, sem dúvida, as alterações feitas de ambos os lados, da história da corte e do conto de fadas, como resultado de sua fusão, decorrem de um processo, não do trabalho de um poeta. Ainda assim, não creio que possamos compreender a "*flyting*" de Beowulf e Unferth, nem apreciar plenamente o uso que nosso poeta fez da situação sem levar em conta tais aspectos.

Mas em *Beowulf*, tal como existe, ainda é mais interessante considerar o uso dramático que o autor faz de Unferth, um uso bem mais efetivo, porque ele não precisou inventá-lo, já estava em Heorot, com histórias que eram bem conhecidas da plateia do autor.

Os homens dos gautas estavam sentados juntos num banco (398-9, *491-2). O próprio Beowulf encontrava-se em lugar de honra (como ficamos sabendo em seu relato a Hygelac, 1690-2, *2011-13), ao lado do jovem filho de Hrothgar. Portanto, não longe do próprio rei e perto de Unferth, que estava sentado aos pés do monarca (406-7, *500). Assim, a irrupção de Unferth não é berrada para Beowulf, de longe – uma selvagem descortesia que não teria sido tolerada por Hrothgar. Ele falou com clareza, com malícia, mas inicialmente sem descortesia aparente, certamente não com violência. (Seu objeto principal eram os ouvidos do rei e das pessoas próximas importantes.) Lidas corretamente, suas palavras deveriam começar em tom aparentemente

polido, de modo que inicialmente pudessem ser entendidas pelos ouvintes como corteses, até de admiração. Em termos mais ou menos modernos: “Você é o grande Beowulf, o que participou daquela famosa competição de nado com Breca?” Visto que claramente Breca (histórico ou não, aqui não importa) era um personagem famoso em histórias de natação e caçada no mar, isso soaria bastante lisonjeiro, e os homens que estavam próximos dele levantariam as orelhas. Note-se então com que arte o tom se altera. Era uma louca travessura. Depois vem a mentira (como deve ser interpretada): “Breca derrotou você, ele era o mais forte.” Isso seria dito de maneira que soasse como algo esperado, próprio de alguém que simplesmente relata fatos (que era a função de um *þyle*: saber e recordar). A posição de Breca como chefe independente é informada para tornar a mentira mais convincente (423-6, *520-3). Só no final (426-31, *523-8) é que o tom de Unferth se torna mais malicioso e ameaçador ou desdenhoso. Mas em nenhum momento ele grita ou vocifera.

Por outro lado, Beowulf demonstra ressentimento de imediato. Começa acusando Unferth de ter bebido demais. Prossegue em tom e estilo mais altos e combativos do que Unferth usou até ali, dando seu próprio relato. Lendo em voz alta, é quase impossível não sentir nem representar a paixão crescente de Beowulf ao relembrar os eventos. Depois, já totalmente possuído pela ira, volta-se contra Unferth. Cada frase sobe a outro nível de desdém e raiva, até que, por fim, esquecendo toda a cortesia, ele fala com desprezo da coragem danesa e promete combater Grendel com valentia gauta.

A “*flyting*” é um trecho memorável, excelente, mesmo para os padrões modernos, por mais que tendamos a criticá-lo: por exemplo nas referências um tanto repetitivas ao nado no mar. Mas é preciso lembrar que, apesar de “dramático”, não se trata de drama, e sim de poesia

narrativa (ou retórica bombástica). É claro que existe uma função narrativa na economia do conto. Unferth inflama a faísca da natureza apaixonada (mas não selvagem!) de Beowulf, levando-o a prometer publicamente que irá desafiar Grendel de imediato. Ele não pode recuar. Mais ainda, agora realmente encontramos e conhecemos Beowulf e seu caráter. Inabalável, leal, cavalheiresco (de acordo com o sentimento da época do autor), mas com um ardor latente. Está do lado do bem. Seus inimigos são feras selvagens, criaturas monstruosas e malignas, ou os adversários de seu rei e seu povo. Mas, quando provocado, ele é capaz de atos violentos e sobre-humanos. Apesar de não seguir por completo os conselhos sóbrios da sabedoria[31], ainda assim satisfaz sua recomendação mais importante. Profere *gilp* (promessas altivas) no calor do coração, mas cumpre sua promessa até o último dia, quando ela lhe custa a vida.

300 *while he was yet a boy*; *372 *cnihtwesende*

Não é fácil imaginar como Hrothgar conheceu Beowulf quando era “menino”, qualquer que seja a idade precisa que isso signifique. Se Beowulf alguma vez estivera antes na Dinamarca, na corte de Hrothgar – por exemplo, com seu pai, quando Ecgtheow era refugiado –, é estranho que ele nunca mencione o fato. Se Hrothgar alguma vez fez uma visita à geralmente hostil corte de Hrethel, isso também seria curioso, e também não é mencionado.

É possível que o poeta apenas quisesse apresentar alguns fatos sobre Beowulf e achasse que os discursos de Hrothgar eram um método conveniente e dramático, sem considerar muito de perto os detalhes de seu maquinário. Mas não creio que realmente seja esse o caso. Teria sido fácil fazer que qualquer outro personagem (por exemplo, um dos que haviam participado da missão à terra dos

gautas (303-4, *377-9)) desse as informações necessárias. É mais provável que Beowulf já tivesse um lugar nas lendas da Dinamarca e de Gautland antes que nosso poeta trabalhasse a história, e aqui (à sua maneira) ele está somente apresentando outros relatos e alusões ao herói. Creio que a intenção é mostrar que Beowulf esteve na corte de Hrothgar quando era criança. Pode não recordar muita coisa a respeito dela ou dos motivos da estada do pai no estrangeiro, mas *sóhte holdne wine* (*376) diz Hrothgar: "ele voltou para visitar um amigo que não o esqueceu" [cf. tradução 302-3, "*seeking a friend and patron*" [buscando um amigo e patrono]. Nesse caso, *Đonne,* "Então" (*377), é mais claro – "Então mais tarde", quando Hrothgar teve a oportunidade de saber mais, ouviu dizer que o garotinho tinha crescido e se tornado um campeão da luta corporal. [Cf. a tradução 303-6, "*Voyagers by sea [...] have* since *reported that he hath in the grasp of his hand the might and power of thirthy men*" [Viajantes do mar [...] relataram *desde então* que ele tem no aperto da mão a força e o poder de trinta homens.]

301 *his only daughter*; *375 *ángan dohtor*

Reis de verdade têm "filhas únicas", e essa filha única não era exatamente o tipo que com frequência se encontra nos contos de fadas: a filha única que tampouco tem irmãos, com quem o pretendente felizardo acaba obtendo também o reino. No entanto, a filha de Hrethel não tem nome. É também o elemento de ligação entre Beowulf e o reino dos gautas, que Beowulf (porém não seu pai) conquista no final. Ela pode ser considerada, sem dúvida, um elemento de conto de fadas – não conhecemos a história de Ecgtheow nem como a ele foi concedida a mão da filha do rei Hrethel, apesar de provavelmente ter existido um relato sobre isso –, porém ela pode ser fictícia, um mero

elo forjado mais tarde entre a lenda e a dinastia histórica de Hrethel e seus três filhos, os últimos atores gautas na antiga contenda entre seu povo e os suecos.

Em termos de História, essa contenda parece ter terminado mais ou menos a favor dos suecos, com a extinção da linhagem separada dos reis gautas e a união dos territórios em um só reino. Sob alguns aspectos, um equivalente mais antigo da Inglaterra e da Escócia, mas com uma diferença: a coroa e a capital permaneceram no norte; o rei foi aclamado rei dos suecos e dos gautas (em latim, Suio-Gothorum); e, em certa medida, leis e costumes diferentes coexistiram na terra meridional. Evidentemente, logo surgiram lendas sobre os últimos vultos da antiga dinastia gauta e sua queda. Se houve alguma base histórica para Beowulf, o último rei, cuja queda pressagiou o fim da independência do povo (como está claramente prenunciado no poema *Beowulf*), ela deve consistir em algum personagem que não era de linhagem real direta e por algum tempo manteve uma posição precária após a invasão sueca, quando foi morto o último rei legítimo, Heardred, filho de Hygelac, tendo o pai perdido a vida e a frota no temerário ataque aos Países Baixos. [Ver nota a 213.]

Mesmo que haja tanta História por trás de Beowulf, ele é, em termos gerais, um vulto de conto de fadas que se infiltrou no lugar desse longínquo e esquecido Hereward the Wake[32], um matador de monstros e de dragões. Também a história contada (da flecha acidental) sobre o filho mais velho de Hrethel, Herebeald, tem cheiro de lenda, não importa o que pensemos sobre a historicidade da morte de William Rufus. E há demasiada *ánga dohtor*. Não somente Hrethel apresenta sua filha única ao campeão Ecgtheow, mas seu filho Hygelac apresenta a sua filha única ao campeão Eofor (2518-9, *2997).

Parece provável que aqui tenha ocorrido uma duplicação. De algum modo, a tradição do casamento da filha única do rei com um campeão ligou-se tanto a Hrethel quanto ao rei que o sucedeu, Hygelac. Possivelmente, as histórias de Ecgtheow e Eofor de alguma forma sejam duplicatas. Seja como for, a "filha única" que foi dada a Eofor (junto com uma rica recompensa em terra ou dinheiro, 2514-16) pela morte do rei sueco Ongentheow não pode ter sido filha de Hygd, "a muito jovem" (1619), que era esposa de Hygelac à época de nossa história, e que era mãe de Heardred, homem muito mais jovem que Beowulf. [Ver nota a 1666-7.]

303-4 *gifts and treasures for the Geats*; *378 *gifsceattas Géata*

gifsceattas Géata deve ser tomado com o significado de "presentes para os gautas", como se vê em *þyder to þance* *379. A situação política não é clara. Em geral, a frieza, se não a hostilidade, parece ter predominado na relação entre daneses e gautas, algo bem natural, pois eram vizinhos. Havia também uma aliança matrimonial entre a casa dos Scylfings sueca e a casa dos Scyldings danesa. A própria irmã de Hrothgar, de acordo com esse relato, casara-se com um príncipe Scylfing e, se estiver correta a provável conjectura de que ele não era outro senão Onela [ver nota a 48-9], ela era esposa de um príncipe que travava uma disputa mortal com Hygelac, filho de Hrethel, no momento mesmo em que Beowulf – sobrinho e cavaleiro devotado de Hygelac, conquistador e "assassino" (pelas mãos de seu vassalo Eofor) do pai de Onela – chegava à Dinamarca! Hrothgar insinua que Beowulf pusera fim às hostilidades então existentes[33]. A hostilidade encaixa-se muito bem na situação. Onde então se encaixa o transporte de presentes sobre o mar? Note-se que *to þance* não significa

necessariamente “em agradecimento”, mas sim “para ganhar ou expressar boa vontade”. [Cf. a tradução, 304: “*in token of good will*” [como sinais de boa vontade.]

Trata-se de uma mera peça de maquinário, inventada para que Hrothgar pudesse saber mais sobre Beowulf. Mas outros métodos que não contrariam a situação geral poderiam facilmente ter sido imaginados: ver a nota a 300, *while he was yet a boy*. Portanto, é bem provável que o poeta estivesse fazendo alusão a algo bastante específico e definido nas tradições sobre os relacionamentos das três casas reais: uma troca de cortesias em alguma ocasião particular, como o casamento de Hygelac. Cortesias desse tipo – sem necessariamente implicar nenhuma mudança de diplomacia ou de “política externa” – não eram incomuns. Na época antiga, os reis ingleses enviavam presentes *to þance* a muitas pessoas notáveis. Alfred, por exemplo, mandou presentes a pessoas tão distantes como o Patriarca de Jerusalém.

Mas não concordo com a leitura editorial usual da situação, pela qual daneses e suecos eram naturalmente hostis, enquanto as relações das casas reais danesa e gauta eram excelentes. Essa opinião só se sustenta ao se ignorar a aliança matrimonial à qual o poeta faz alusão, deliberada e acentuadamente, como sendo o próprio pano de fundo da situação política em Heorot (48-9, *62-3), e ao se confundir o claro significado das palavras de adeus de Hrothgar. Ela também se deve à supervalorização das fontes nórdicas, que remetem a uma situação posterior. Após a queda dos Hrethlingas e a tomada da terra dos gautas, os daneses e suecos, vizinhos poderosos e agressivos, naturalmente se tornaram hostis, e assim permaneceram até os tempos modernos. Mas em *Beowulf* identificamos claros ecos de uma situação política anterior, quando a terra dos gautas era independente, às vezes dominante, e vizinha dos daneses. Essas tradições (provavelmente de base histórica)

foram, porém, um tanto alteradas pela intrusão da “lenda”: Beowulf e Ecgtheow. Para além da política está o interesse pessoal, quase avuncular, de Hrothgar pelo filho de Ecgtheow, neto do rei gauta Hrethel.

A situação apresentada pelo poeta, porém, não é necessariamente confusa e contraditória. Sem dúvida, é um traço dominante do caráter de Hrothgar, conforme mostrado (e é muito provável que isso fosse verdade em relação ao seu caráter histórico), o fato de ele ser um diplomata cauteloso, preferindo resolver através de negociação seus problemas externos. Esse traço é o maquinário essencial da tragédia dos Heathobards, pela qual Freawaru, filha de Hrothgar, casou-se com o príncipe Heathobard Ingeld, herdeiro da mais amarga das contendas contra a casa dos Scyldings. E foi justamente na época em que o perigo se tornara outra vez agudo que Hrothgar tentou, com um golpe político (*ræ´d* 2027), evitar a guerra (1703-5, *2027-9). Ingeld, salvo quando seu pai foi destruído, agora era adulto e alcançara a idade em que a honra exigiria que pensasse em vingar o pai. Assim, é bastante provável, e coerente com o caráter político de Hrothgar (bem diferente de Ecgtheow e seu filho), que ele tenha tentado uma política de apaziguamento no exato momento em que os gautas se tornaram realmente perigosos. Esse momento seria após a morte desastrosa do velho rei sueco Ongentheow e a ascensão de Hygelac, terceiro filho de Hrethel, muito belicoso e ambicioso[34].

Há evidências, externas a *Beowulf*, de que Ohthere, filho do rei morto Ongentheow, de fato só governou um reino muito limitado; de que foi sepultado em Vendel, na Suécia, e não nos grandes morros tumulares dos reis na Velha Uppsala; e de que, no seu reinado, os gautas dominaram e provavelmente controlaram grande parte do território sueco. Essa era a situação até Hygelac realizar seu ataque temerário e fatal à Frísia. Em algum momento, durante esse

período (a ascensão de Hygelac, ou o seu casamento, ou o nascimento do seu herdeiro), seria bem típico de Hrothgar enviar uma missão levando presentes aos gautas *to þance*, para sinalizar que a amizade entre as duas casas era possível e poderia ser lucrativa.

Hrothgar não precisava ter esquecido sua irmã, mas nessa leitura ela seria apenas a esposa de Onela, segundo filho de Ongentheow, um príncipe de casa reduzida, irmão de um pequeno rei que, de qualquer modo, tinha dois filhos (Eanmund e Eadgils). O reflorescimento sueco chegou com a queda de Hygelac, mas isso estava longe, num futuro imprevisto, na época aludida nas linhas 303-4 (*377-9). O acesso ao trono de Onela, a expulsão dos filhos do seu irmão, a invasão da terra dos gautas (enquanto enfrentavam o desastre da perda do rei, do exército e da frota) e o fato de ter matado Heardred, o último Hrethling, são fatos que ocorreram após a época de Hrothgar. [Ver a nota a 213, nota de rodapé 29.] Depois, quando a Suécia tornou-se dominante e, ao anexar o país dos gautas, virou o poderoso e agressivo vizinho da Dinamarca, teve início aquela “hostilidade radical” entre os reis daneses e suecos, mencionada na lenda e na história nórdicas, e que durou muito tempo, até as épocas medieval e moderna.

305-6 *the might and power of thirty men*; *379-80 *þrítiges manna mægencræft*

Cf. “*thirty knights (Grendel) seized*” [trinta cavaleiros [Grendel] apanhou], 98, *123. Um número exagerado de contos de fadas em ambos os trechos. Em nenhum deles muito significativo por si só, de modo que a variação pouco teria importado. Não há necessidade métrica que favoreça *þritig* em nenhum dos lugares (para um escritor hábil), e pode-se razoavelmente deduzir que a igualdade de número tinha a intenção de ser significativa e percebida (pela

plateia do autor; também muito provavelmente, no interior do conto, pela corte de Hrothgar). Grendel era capaz de matar trinta combatentes ao mesmo tempo (e levar consigo pelo menos a maior parte dos seus restos). Beowulf tinha a força de trinta homens. Era um número igual, que encerrava uma possível esperança.

þritig é mencionado mais uma vez em conexão com Beowulf, 1988-90, *2359-62. Ele escapou da grande derrota diante dos francos nadando, carregando trinta armaduras.

320-1 *Leave here your warlike shields*; *397 *læ´tað hildebord hér onbídan*

Note-se a proibição de armas ou equipamentos de combate no salão. Entrar com lança e escudo era como entrar, hoje em dia, de chapéu na cabeça. A base dessas regras, é claro, eram o medo e a prudência, em meio aos perigos sempre presentes de uma era heroica, mas tornaram-se parte do ritual, dos bons modos. Compare-se a proibição de sacar a espada no refeitório dos oficiais. É claro que espadas também eram perigosas, mas, evidentemente, eram consideradas parte do vestuário de um cavaleiro, e de qualquer modo ele não estaria disposto a pôr de lado sua espada, um objeto de grande valor e muitas vezes herdado. Mas contra esse perigo existiam leis muito severas, que protegiam a "paz" do salão de um rei. Na Escandinávia, causar uma rixa no salão de um rei era algo punível com a morte. Entre as leis do rei saxão ocidental Ine encontramos:

Gif hwá gefeohte on cyninges húse, síe hé scyldig ealles his ierfes ond síe on cyninges dóme hwæðer hé líf áge þe náge.

"Se algum homem lutar na casa do rei, há de perder toda a sua propriedade, e ficará por conta do rei julgar se será morto ou não."

A despeito das cortesias verbais, até as duas partes terem certeza de seu bom acolhimento e da missão dos forasteiros, a atitude era semelhante à de um general ao receber emissários de outro exército e de homens visitando o acampamento inimigo. Muitas vezes homens desesperados haviam forçado a entrada para executar uma rixa de sangue. Muitas vezes homens haviam sido subitamente cercados por inimigos armados em um salão hostil. Assim, Beowulf põe alguns vigias diante de seus escudos e suas lanças (323-5).

329 *Hail to thee, Hrothgar!*; *407 *Wes þú, Hróðgár, hál!*

Wes hál, normalmente com *þú* inserido, é a costumeira fórmula polida de saudação em inglês antigo. Eles lhe desejavam boa saúde quando o encontravam. Nós apenas perguntamos: "como vai?". De *wes heil*, a fórmula, alterada sob a influência do nórdico e dos costumes nórdicos com relação à bebida, originou o substantivo *wassail*[35]. Não conheço evidências de que *wes hál* estivesse especialmente associado a compromissos de bebida em inglês antigo. De fato, em *617, a fórmula usada pela rainha aparentemente não era *wes hál*, e sim *béo þú blíðe* (*æt þisse béorþege*) ou algo parecido [assim, *bæd hine blíðne æt þæ´re béorþege* *617, "*wished him joy at the ale-quaffing*" [lhe desejou alegria ao beber a cerveja] 501-2].

329 ss.; *407 ss.

Beowulf imediatamente se revela altivo e confiante, mas não "fanfarrão". Afirmar que ele era "fanfarrão" deve-se a um entendimento equivocado da situação e a uma dificuldade lexicográfica. A fala de Beowulf certamente é uma *gilpcwide* (*640, "*proud utterance*" [altiva declaração]

519), que encontramos glosada como “fala fanfarrona”. Mas a glosa é falsa. As pessoas gostam de escutar “fanfarronices”? Entretanto, o poeta diz que a rainha se encantou com a *gilpcwide* de Beowulf. E, quando os lexicógrafos chegaram a *gilpgeorn*, eles foram obrigados a glosar essa palavra como “ávido de glória” (e não de vaidade). O problema é que, enquanto as palavras inglesas antigas *gielpan* e *gielp* eram neutras, com sentido bom ou mau, de acordo com a situação, mas em geral mau (visto que a vaidade não era admirada), não temos palavra neutra ou que tenda ao bem. *Boast* [jactância] deriva de uma palavra do inglês médio que significava um mero ruído, enquanto *vaunt* [bazófia] contém o latim *vanum*, “vazio”. Mas *gielp* não significava “gabolice vazia”: isso era *idel gielp*, e era desprezível. Significava fala altiva, ou exultação. E, em determinadas circunstâncias, tais coisas não eram menosprezadas. Pronunciar um *gielp* depois de ter realizado uma ação pode soar para nós como certa “jactância”, mas ela devia ser comedida e *sincera*. Pronunciá-lo antes de uma ação era assunto sério, que envolvia a promessa de executá-la, e não fazê-lo significava ignomínia. Um conselho a esse respeito pode ser encontrado em *The Wanderer* 69-72 e 112-13: “Um homem sábio [...] nunca deve ser demasiado ávido de *gielp*, até ter conhecimento pleno. Um homem deve ponderar quando pronuncia um *béot* (outra palavra com frequência traduzida como “jactância”, porém o mais correto é “voto”), até que, por muito que seu coração esteja comovido, saiba claramente aonde conduz o pensamento de sua mente.” E mais tarde: “Bom é aquele que cumpre sua palavra, e jamais um homem deve revelar de forma demasiado temerária a selvagem emoção (I.A. *torn*) de seu peito, a não ser que já tenha descoberto como realizar o feito com valentia.” Isto é, ele não deve dizer “vou matá-lo por causa disso”, a não ser que tenha a intenção de executar o ato e enxergue uma maneira de fazê-lo compatível com os seus meios e a sua vontade.

É claro que aqui a situação é a de um jovem que veio de longe para realizar uma tarefa difícil e perigosa e que até então havia derrotado homens velhos e melhores. Ele já "deu sua cartada" e, apesar de o poeta, com seu modo seletivo, só ter feito Beowulf mencionar sua missão ao guarda costeiro, fica claro, pelas palavras de Hrothgar (306-9, *381-5), que uma insinuação a respeito também foi feita a Wulfgar. Portanto, ele precisa de credenciais e as entrega de pronto. Observe-se que ele não bate no peito nem berra ou se prontifica a demonstrar sua força de modo primitivo, como alguns comentadores fariam crer.

334-5 *as soon as the light of evening is hid beneath heaven's pale*; *413-14 *siððan æ´fenléoht under heofenes hádor beholen weorþeð*

[Apresento aqui a discussão de meu pai sobre a leitura *hádor* no manuscrito e a emenda proposta *haðor* de forma mais concisa.]

A palavra *hádor* é um adjetivo que significa "claro, brilhante", e em nenhum outro lugar é empregado como substantivo. Usa-se acerca do som (voz), nos versos *496-7 *Scop hwílum sang hádor on Heorote*, 403 "*the minstrel sang clear in Heorot*" [o menestrel cantou claro em Heorot]). No mais, encontra-se quase sempre com referência ao céu (ou ao sol e às estrelas). Mas tal associação ocorre em uma descrição de claridade. Esta, por sua vez, é a descrição da chegada de uma (sinistra) treva, da "ocultação" da luz do sol, de um ambiente sombrio em comparação com o dia.

A princípio, por esse motivo, prefiro *haðor*. Também parece tolice dizer que a luz do anoitecer está oculta pela claridade do céu. O substantivo *haðor* (palavra poética como *hádor*, porém mais rara) é encontrado em outros lugares na forma *heaðor*, "(lugar de) confinamento". Em *Beowulf* ocorre no verbo *geheaðerod* *3072, 2582, com o

sentido de “fechado em, envolto em”. *under* era usado com muita frequência ao se descrever uma posição no interior ou um movimento para dentro de um espaço confinado, sobretudo no caso de recintos ou prisões, “entre quatro paredes”. Cf. *1037 *in under eoderas* (onde *eoderas* são as cercas externas das cortes), 845 “*in amid the courts*” [em meio à corte].

É preciso lembrar que, ainda no ano 800 d.C., os homens conservavam de forma mais próxima e vívida a ideia de uma “Terra plana”, e muitos elementos da expressão geocêntrica de uma Terra plana sobreviveram ao longo do tempo: dizemos que o sol se levanta e se põe, que as pessoas vão aos confins da Terra, e assim por diante. Homens educados sabiam então, pelo menos em termos de aprendizado escolar, que a Terra era redonda, mas isso não afetava as imagens da poesia (nem em demasia os reais sentimentos dos poetas). A vasta Terra era iluminada de dia pelo sol; a noite vinha quando ele afundava além das cercas ou da borda da Terra e descia devagar no escuro mundo inferior, pelo qual viajava, até que na manhã seguinte voltava a se erguer acima das cercas orientais. Suponho que seja difícil encontrar (na Europa) qualquer pessoa que na época atual imagine o sol ou a lua descendo nas trevas ou vagando à noite pelos obscuros abismos embaixo do mundo, na medida em que as pessoas pensam em tais coisas: a noite não é muito importante, e os homens urbanos mal olham para o céu.

Creio que aqui *haðor* tem um sentido semelhante ao de *eoderas* (ver página anterior). Cf. *eodera ymbhwyrft*, verso 113, em *Juliana* [um poema de Cynewulf], o total envolvimento da Terra dentro do “horizonte” – a cerca limítrofe. Também no poema *Exodus*, 251, *leoht ofer lindum lyftedora bræc*, “sobre os escudos [da hoste] a luz irrompeu através das cercas do céu”[36]. Ali o céu não é o sol, e sim o

“pilar de fogo”, que no poema é imaginado como uma espécie de sol milagroso ou bola de fogo à noite.

Portanto, lendo *haðor*, podemos traduzir *under heofenes haðor beholen weorþeð* para “está oculto no interior das cercas do céu”.

[No final de sua discussão, meu pai escreveu posteriormente o seguinte, a lápis:]

A tradução que apresentei, “*hid beneath heaven’s* pale” [se esconde atrás da barreira do céu], é um esforço (talvez não muito louvável) de encontrar uma palavra inglesa, ou palavras que tenham conexão com luz ou cercas.

338-9 *when I returned from the toils of my foes, earning their enmity*; *419-20 *ðá ic of searwum cwóm, fáh from féondum*

Isso provavelmente não seria difícil se conhecêssemos os contos aos quais é feita alusão. Não creio que *searu* possa ter o sentido de “batalha”. O germânico *sarwa-* tem etimologia desconhecida ou incerta, mas evidentemente significava habilidade (de um ferreiro ou artesão), qualquer dispositivo que requeresse habilidade para planejar e fazer. Aplicava-se em especial a “armas” nas quais se empregava muita astúcia e habilidade – sem dúvida, em particular à malha de anéis, custosa e difícil de produzir. Mas também podia ser usado no sentido de artifício, habilidade, astúcia, como em *1038, 846; *2764, 2324; assim como remetendo a dispositivos malignos, tramas, maquinações ou armadilhas de fato, apesar de isso não estar exemplificado em *Beowulf*, exceto em *searoníð*, “malícia astuciosa”. Cf. o verbo derivado *syrwan*, *besyrwan*, “tramar contra, lograr, laçar”.

Aqui, creio, a opção é entre emendar a *on searwum*, “em meu equipamento de guerra”, ou [mantendo *of*]

“escapado dos ‘laços’ (dispositivos malignos) de meus inimigos”. Esta última emenda é muito mais provável (sobretudo em se tratando de *eotenas*, sendo Grendel um deles; cf. 581-2 “*he purposed of the race of men someone to share*” [pretendia apanhar em cilada algum da raça dos homens], *sumne besyrwan* *713). Seja como for, *on searwum* é uma frase frequente, e provavelmente não seria alterada com *of*.

Aqui, o inglês antigo *fáh* é traduzido como “hostil”, como comumente é feito, mas essa tradução não é correta, porque *fáh* não significa “hostil”, e sim “odiado”, descreve precisamente o estado do *ofensor* com relação ao *ofendido*. Assim, aqui, a implicação é que Beowulf tinha dado ao seu inimigo “algo para lembrar”: tinha destruído o *eotena cyn*. Tradução: “quando retornei dos laços (?*ou* das garras) dos (meus) inimigos, merecendo seu ódio”. Ver “Notas sobre o texto da tradução”, nota a 338-9.

338-43; *419-24

Alguns consideram que há uma discrepância entre esse trecho e outros relatos das proezas juvenis de Beowulf, como o episódio de Breca, 447 ss., *549 ss., especialmente em 466-7 “*it was my lot with sword to slay nine sea-demons*” [foi minha sina matar com a espada nove demônios marinhos], *574-5 *mé gesæ´lde þæt ic mid sweorde ofslóh niceras nigene*. Mas mesmo que, em ambos os lugares, a referência seja à mesma façanha, não haveria nenhuma discrepância. Assim como esse trecho, o anterior, que consta no nosso texto, já se refere a mais de uma façanha. Beowulf afirma ter realizado muitas: “*on many a renowned deed I ventured in my youth*” [Em muitos feitos renomados me aventurei na juventude] 330-1, *hæbbe ic mæ´rða fela ongunnen on geogoðe* *408-9, e ele só menciona uma seleção. Não seria boa política mencionar de novo os

mesmos eventos quando desafiado, na mesma noite, por Unferth.

Nem seria conforme à prática do autor. Quando sua narrativa envolve repetição, ele fornece detalhes diferentes em cada momento. Só sabemos que Beowulf foi posto num assento honrado no salão, ao lado do filho de Hrothgar, ou de sua filha Freawaru, quando o próprio Beowulf relata a Hygelac (1689 ss., *2009 ss.), mas não há discrepância. No devido tempo ficamos sabendo de mais coisas.

Pode ser interessante, então, olhar com mais cuidado o relato anterior. Se o fizermos, veremos que *Géatmæcgum* (*491, "*the young Geatish knights*" [os jovens cavaleiros gautas" 398) não inclui o próprio Beowulf [ver as "Notas sobre o texto da tradução", nota a 398]. *mæcg*, apesar de muitas vezes ser usado de modo vago, como a maioria das palavras empregadas para indicar "homem", significava propriamente "um menino, um rapaz", e muitas vezes é assim empregado, mas nunca referindo-se a um líder. Portanto, aqui não inclui o homem chamado de *se yldesta* (*258, "*the chief*" [o chefe] 209), *aldor* da companhia (*369, "*the captain*" [o capitão] 298); e em *829 (674) *Géatmecga* (*léod*) não é um nome tribal (como em *Weder-Géata léod* etc.), mas refere-se ao grupo específico liderado por Beowulf. Não foi apenas uma cortesia natural ao filho da irmã de um rei vizinho Beowulf ser sido posto em um assento especial junto ao monarca. Isso também explica a proximidade entre Beowulf e Unferth, "sentado aos pés do senhor dos Scyldings". Unferth não anuncia seu desafio pelo salão, mas fala suas palavras como se estivesse se dirigindo a um vizinho, sem dúvida visando especialmente os ouvidos do rei [ver comentário].

Ao compararmos as duas falas de Beowulf, vamos observar que a primeira [dirigida a Hrothgar] se refere a uma façanha contra *eotenas* (que não são monstros aquáticos) e a outra contra *niceras*.

[Apresento aqui o texto em inglês antigo da primeira façanha, junto com a tradução de meu pai.

selfe ofesáwon, ðá ic of searwum cwóm
fáh from féondum, þær ic fífe geband,
ýðde eotena cyn, ond on ýðum slóg
niceras nihtes, nearoþearfe dréah,
wræc Wedera níð – wéan áhsodon – ,
forgrand gramum;

[337] they had themselves observed it, when I returned from the toils of my foes, earning their enmity, where five I bound, making desolate the race of monsters, and when I slew amid the waves by night the water-demons, enduring bitter need, avenging the afflictions of the windloving Geats, destroying those hostile things – woe they had asked for.

[340] eles próprios o observaram quando regressei das armadilhas de meus inimigos, merecendo a hostilidade destes, onde atei cinco, tornando desolada a raça dos monstros, e quando matei entre as ondas, de noite, os demônios da água, sofrendo amarga privação, vingando as aflições dos gautas amantes do vento, destruindo aquelas coisas hostis – desgraça que nos tinham pedido.]

Sem dúvida, foi a referência de Beowulf a *niceras* (monstros aquáticos) que provocou a referência especial de Unferth à competição com Breca. Mas os eventos não são os mesmos: o primeiro é um ataque de vingança contra monstros que causaram dano aos gautas e “pediram pela

desgraça” (*wéan ahsodon*); o segundo é principalmente uma competição de nado e resistência, em que os monstros da água são incidentais.

A grafia dos verbos *geband* e *ýðde* sem conjunção sinaliza que o segundo relaciona-se à mesma ação que o primeiro: “onde atei cinco, destroçando a espécie dos ogros”. Mas a interposição, no verso *421, de *ond* (com que o autor é econômico, já que se trata de uma conjunção que une frases) marca claramente o que se segue como assunto separado ou complementar, agora mais bem apreciado, enfatizando “e”: “e matei *nicors* nas ondas à noite”[37].

Parece-me muito provável que *fífe*, “cinco”, no verso *420 seja um erro, usado no lugar de *fífel*, plural neutro, “monstros”. Essa palavra praticamente foi esquecida. Só aparece em um dos fragmentos do poema em inglês antigo *Waldere*, mas ocorre em *Beowulf* *104, no composto *fífelcynnes eard* (86 “*the troll-kind’s home*” [lar da espécie dos trolls]), sobre a casa de Grendel, o que mostra a conexão de *fífel* com *eoten*. Essa palavra parece representar a espécie *eoten* pelo seu lado enorme, desajeitado, pesado e estúpido. Assim, em nórdico antigo, *fífl*, “palhaço, grosseirão, tolo”. De qualquer maneira, *geband* não é *ofslóh*, de modo que, mesmo mantendo o numeral *fífe*, evidentemente não há ligação direta com *574-5 *ic mid sweorde ofslóh niceras nigene* (466-7).

Essas referências são alusivas e obscuras. Mesmo para quem tinha familiaridade com essas palavras (*fífel*, *eoten*, *nicor*), como supomos com relação à plateia que o autor visava, elas só podiam ter interesse como alusões a histórias conhecidas. Duas deduções são legítimas:

(1) O entretenimento no salão (por *scop*, ou *þyle*, ou artista oficioso) não se limitava a genealogias e lendas de grandes reis, senhores e heróis. Incluía também “contos de

fadas” e histórias de prodígios e magia. E tais assuntos não eram menosprezados pelos mais poderosos, pelos reis[38].

(2) Histórias prontas, realmente associadas a um personagem chamado Beowulf, já eram conhecidas quando nosso autor escrevia, de modo que era adequado fazer alusões a elas.

Eu mesmo faria uma dedução adicional, por mais que seja discutível: a de que tais contos populares eram mais ou menos anônimos, mas que alguns já tinham sido *ligados* ao nome de Beowulf – isto é, que Beowulf originalmente era independente deles, e que portanto não é necessário (ou provável) que o nome derive dos feitos ou do caráter do herói dos contos populares.

348-50 (o pedido de Beowulf a Hrothgar) *that only I may, and my proud company of men, this dauntless company, make Heorot clean*; *431-2 *þæt ic móte ána* [acrescentado: *ond*] *mínra eorla gedryht,* [Ms. *ond*] *þes hearda héap, Heorot fæ´lsian*.

É possível considerar *[ond] mínra* [...] *héap* como um acréscimo para mostrar a cortesia de Beowulf com seus companheiros e para se adequar à versão galante da história, pela qual Beowulf teria defrontado sozinho com Grendel. As palavras são certamente adequadas à história como foi contada, pois todos os gautas dormem no salão, mas só Beowulf luta corpo a corpo com Grendel. Mas não creio que o autor quisesse dizer ou implicar mais do que o fez. Por um lado, é possível, ou mesmo provável, que, na forma dos *sellíc spell* mais próximos em que se baseia essa versão, Beowulf tivesse companheiros e/ou concorrentes no salão quando Grendel apareceu[39]. Por outro lado, creio que um estudo mais cuidadoso do texto levará a uma reinterpretação de *ána*.

Se esse fosse um acréscimo autoral, para acomodar a história de um campeão solitário, de um "homem-urso" a Beowulf, príncipe com comitiva, seria extremamente malfeito. No manuscrito, não há elo de conexão antes de *mínra*, mas é essencial que exista um: *gedryht* e *héap* são nominativos, mas diferentes de *ic*. Porém, são eles mesmos paralelos e equivalentes e não deveriam ter, e certamente não teriam, um *ond* conectivo, como no manuscrito. Ele foi colocado em lugar errado, deveria estar antes de *mínra*. Se insistirmos em *ána* no sentido pleno, "eu mesmo *solo*", continua sendo, como afirmei, um remendo malfeito, quase absurdo: "Peço que eu sozinho, e minha tropa de homens etc., tenha permissão de livrar Heorot." A referência perfunctória a seus homens torna-se uma ideia posterior, de modo demasiado óbvio para ser modesta ou mesmo polida.

A solução reside, creio, na consideração de *ána*. Não se trata, como parece que ainda se afirma de maneira unânime, de um adjetivo fraco que concorda com (e portanto se aplica apenas a) um substantivo singular. É um advérbio que costuma qualificar um substantivo singular, mas não necessariamente. Pode ser encontrado qualificando um grupo, separado de outros. Portanto, a tradução mais próxima de *431 é: "que apenas eu e minha companhia tenhamos permissão" (e ninguém mais), isto é, do salão deveriam ser retirados todos os daneses[40]. O verbo *móte* naturalmente concorda com o *ic* adjacente, e este é posto em primeiro lugar, pois Beowulf é o líder e, como fica claro desde o início, qualquer esperança de sucesso depende de sua força pessoal. É óbvio que ele, e só ele, será o real vencedor contra Grendel. Portanto, Hrothgar entrega o salão a ele, 532-5, *655-8. Mas o *gedryht* não devia ser isento de função, uma mera escolta de honra, possíveis testemunhas do embate. Ninguém (nem mesmo Beowulf) conhecia o resultado, na história, nem nós saberíamos, se chegássemos a esse ponto sem conhecer a história e com o

apetite fresco, não embotado pela experiência literária. O autor fez o que pôde para tornar o caso duvidoso. Ver especialmente 353-67, *438-55. E se Beowulf se metesse em graves dificuldades, ou fosse dominado e morto? Seus companheiros estariam em situação semelhante, digamos, ao *heorðwerod* de Byrhtnoth[41] [os homens de sua casa]: teriam de prosseguir lutando sem esperança, para vingar seu líder e redimir sua honra (e a de Hygelac). Eles são claramente informados disso (apesar de, é claro, saberem antes de zarpar) pelo próprio Beowulf em 356-9, *442-5. Grendel devoraria todos, se pudesse, e eles tinham muito medo de que ele o pudesse, e o fizesse. Ver 564-9, *691-6.

Partiram, é claro, com grande confiança em Beowulf, apesar de terem ouvido terríveis rumores sobre Grendel (119 ss., *149 ss.). Creio que não seria nem um pouco fantasioso supor que "*they had learned that a bloody death had ere now [...] swept away all too many of the Danish folk*" [haviam aprendido que uma morte sangrenta [...] arrebatara, antes disso, inúmeros dentre a gente danesa] (567-9; *híe hæfdon gefrúnen* etc. *694 ss.) se refira ao que haviam descoberto desde a chegada. Unferth não estaria apenas irritado com as palavras altivas (e desdenhosas) de Beowulf, em especial 483-8, *595-601. Mesmo que Beowulf tivesse sido mais brando, seria natural que os homens do salão passassem aos forasteiros a mais horrível imagem de Grendel e de seus feitos selvagens, para salvarem suas aparências. Os jovens foram dormir com os pressentimentos mais desanimadores, não aliviados com a jactância súbita de seu líder de enfrentar Grendel desarmado!

351 ss.; *435 ss. [Beowulf não quer usar armas contra Grendel]

Às vezes mencionado como "engenhosa racionalização". Remete à história primitiva segundo a qual

aquele homem selvagem, ou menino-urso, só lutava como animal. Mas é bastante improvável que tal característica esteja por trás de *Beowulf* e, de todo modo, deve remontar a um tempo muito anterior ao do nosso autor, antes da ligação do "conto folclórico" com um personagem real (com família).

De fato, Beowulf não é representado como incapaz de usar armas. Ele está sempre armado dos pés à cabeça. Na juventude, ele e Breca partiram apenas com suas espadas (439, *539), e Beowulf matou um monstro aquático com uma arma (452-3, *556-7). Acabou matando nove *niceras* com sua espada (466-7, *574-5). Mais tarde, passa a ter uma espada famosa que tinha o nome de Nægling (2252, *2680). Era, no entanto, muito forte e capaz (como, de fato, todos os guerreiros heroicos!) de irromper em fúria insana. Na batalha em que Hygelac tombou, Beowulf abateu Dæghrefn, o campeão franco (que havia matado o seu senhor Hygelac?), com as mãos[42], provavelmente esganando-o ou quebrando seu pescoço, pois Beowulf não abraça nem esmaga. Sua força está sobretudo nas mãos e no aperto dos dedos. [*Acrescentado posteriormente*: Mas as palavras usadas acerca da morte de Dæghrefn (2107-9, *2507-8) poderiam aplicar-se a um abraço mortal em que o corpo dele foi esmagado, apesar de não necessariamente terem tal emprego.] Em sua ira, é provável que ele quebre a espada pela simples violência e força do golpe: "*too strong that hand, that as I have heard with its swing overtaxed each sword*" [era forte demais aquela mão que, como ouvi dizer, sobrepujava todas as espadas com seu balanço] (2254-6, *2684-6).

Na verdade, se analisarmos o poema sem o viés de registros anteriores de contos folclóricos, *Beowulf* pode parecer derivado da imaginação de um povo costeiro e ilhéu, familiarizado com o mar mais do que com a floresta e a montanha. Também pode parecer mais aparentado com

animais marinhos, no sentido de suas qualidades lendárias derivarem desses animais. Sua maior proeza está no nado, e *niceras* são seus adversários especiais. Isso não tem muito a ver com ursos[43].

Podemos supor que o aspecto de mago/troll de Grendel, que o capacitava a tornar inúteis as armas humanas contra si, não devia ser conhecido por Beowulf. A ideia é usada mais tarde para explicar por que seus homens não podiam ajudá-lo (647-55, *794-805). Mas uma espada “mágica” ou feita por um gigante provou ser eficaz na caverna de Grendel.

358-9 *the Gothic knights, the strong band of Hrethmen*; *443-5 *Geotena léode* [...] *mægen Hréðmanna*

Esses versos são muito interessantes, não pela poesia e pela narrativa, e sim porque acidentalmente, devido à perda de grande parte da literatura em inglês antigo, toda referência a nomes antigos do passado heroico possui interesse especial. Mas, muitas vezes, a investigação é dificultada porque, na época em que foi feito nosso exemplar tardio de *Beowulf*, as antigas tradições já estavam desaparecendo e eram obscuras para os copistas as referências a elas, sujeitas a corrupção. Copistas de todos os tempos, em todos os casos (e os dois que fizeram o manuscrito de *Beowulf* não eram exceção), tendem a confundir nomes próprios.

Dessa forma, aqui, na medida em que nos é permitido descobrir, *Geotena* não é a forma correta de nenhum nome germânico ou tribal, e a questão é qual nome expressaria de modo mais aceitável o *Geotena* do escriba. Muita tinta se derramou em torno dessa questão, mas, na minha opinião, a maior parte deveria ter ficado no tinteiro, e o que foi usado pode agora ser lavado, pois foi usado sobretudo em prol do que só pode ser descrito como a “estupidez juta” –

“os géatas são os jutos”. Se permitimos à abelha-rainha entrar em nosso gorro, ela vai depositar nele uma colmeia de larvas[44]. Não iniciarei aqui uma discussão com aqueles que sofreram esse infortúnio. Ainda assim, muita coisa pode ser dita. Tentarei resumir os pontos principais.

O manuscrito tem *mægen hreð manna*. Os escribas do inglês antigo normalmente não escrevem juntas as palavras compostas, de modo que estamos livres para juntá-las ou não, conforme nos pareça adequado. Aprovo a junção *mægen Hréðmanna* como nome nacional.

(1) *hréþ* é uma palavra poética, em inglês antigo (ocorrendo sozinha duas vezes, em outros momentos). Também são encontradas as formas variantes *hróþ* e *hróþor*, além do verbo *hréðan*, “exultar, triunfar”. O sentido básico era de “som”: “exultação, (gritos) de triunfo”. O substantivo podia formar a primeira parte de nomes pessoais: assim *Hróþgar*, *Hréþric*, *Hróþulf*. As fontes nórdicas mostram que esses vultos da tradição danesa realmente continham este elemento *hróþ*, mas ele não era aplicado a *Scyldingas* ou daneses em geral.

(2) Um elemento *hréþ-* (nunca *hróþ-*), no entanto, está especialmente associado aos “godos”, I.A. *Gotan*. Assim, *Hréðgotan* no poema inglês antigo *Widsith* e no poema de Cynewulf *Elene* [nota de rodapé à pág. 270]. Nesse sentido (“godos”) *hréþ* pode ficar isolado, como em *Hréþa here* [exército] = godos em *Elene*.

(3) Mas esse uso de *hréþ-* se revela como uma alteração posterior (em inglês) de um elemento diferente: I.A. *hræ´d* (germânico **hraidi*). Porque *hræ´d* ocorre em *Widsith*: *Hræ´da here* = *Hréþa here*; e porque esse *hræ´d-* I.A. corresponde ao nórdico antigo *hreið-*, como em *Hreiðgotar*. No nórdico, isso mais tarde foi alterado para *Reiðgotar*,

devido à ligação especial dos godos com a equitação e a cavalaria.

(4) Agora encontramos o mesmo elemento, e a mesma variação, entre os géatas. O membro mais velho da linhagem real gauta mencionado em *Beowulf* é *Hréþel*, mas seu nome também está presente nas formas *Hræ´dles*, *Hræ´dlan*.

Isso é significativo, porque muitos outros aspectos interligam os godos (*Gotan*) e os géatas (nórdico antigo *Gautar*). (a) Os géatas/*Gautar* ocupavam uma área no sul da atual Suécia. Os godos eram oriundos da Suécia, e seu nome sobrevive em Gotlândia, nome da grande ilha ao largo de sua costa leste. (b) Os dois nomes, sem dúvida, estão interligados na origem: *got/géat* estão em relação de *ablaut*[45], exatamente como *goten*, particípio passado "derramado" relaciona-se com *géat*, passado singular do mesmo verbo. (c) O nome *Gautr* é, no nórdico antigo, utilizado com frequência para remeter ao deus Óðinn (Odin), cujo culto tinha uma ligação especial com os godos. (d) *Gaut* aparece nas tradições góticas encabeçando a linhagem real gótica dos Amalungs, à qual pertencia Teodorico. (e) Finalmente, eu acrescentaria que Óðinn, evidentemente, era, na origem, o deus do vento ou da tempestade. Notamos que os géatas são chamados de *Weder-géatas* ou simplesmente de *Wederas*: géatas do vento, ou povo do vento, enquanto a única etimologia plausível (e, na verdade, inteiramente correta) do elemento *hræ´d/hreið* é sua conexão com o inglês antigo e com o nórdico antigo *hríð*, "tempestade". (Esta palavra provavelmente também aparece no nome em inglês antigo do mês de março: *hrædmonað*, *hredmonað*, e também duas vezes *hreðmonað*.)

Desse modo, é bastante curioso o fato de termos aqui, no mesmo trecho, o nome *Hréðmanna* e a forma *Geotena*, e

não géata. Parece-me que a explicação mais provável disso é que, originalmente, o texto trazia *Gotena*. Provavelmente porque o autor derivou os nomes de tradições que reconheciam a identidade original de godos e géatas, ou porque a palavra *hréð-manna* (ou *hræ´d-*) sugeriu "godos" a algum escriba ou editor interveniente, num tempo em que tais palavras heroicas antigas ainda eram mais bem relembradas do que por volta do ano 1000 d.C. Assim, o presente *Geotena* é uma mescla de *géata*, a palavra esperada, e *Gotena*, a palavra na cópia. Logo a seguir aparece um erro semelhante no verso *461 (373), manuscrito *Gara*, onde era esperado *géata*, mas o texto trazia *Wedera*[46].

359-64; *445-51

Essa insistência, ao custo de manter Beowulf ou de lhe proporcionar um funeral adequado, é curiosa. É claro que guerreiros e campeões eram caros. Comiam e bebiam muito. Em tempos de paz, nos intervalos de outros esportes, sua ocupação principal eram as corridas a cavalo, os combates a cavalo, as apostas, rivalidades e rixas. Se tivesse uma mesa ruim, o rei logo ganharia um apelido ruim (como *matar-illr*, "miserável com comida", em nórdico antigo). Eles tinham de ser ricamente recompensados pelos seus feitos de valentia. Não ser generoso em tais casos era a pior atitude de um rei, depois do assassinato de parentes ou companheiros. Quando eram engajados dentre homens de outras tribos ou terras, tinham de receber pagamento generoso (cf. 2099, *2496)[47]. Ainda assim, quando Beowulf oferece ao rei, num banquete em que ele está sendo entretido e acolhido honradamente, o consolo de que alimentá-lo não será mais motivo de ansiedade (*sorgian* *451 – uma palavra forte, sempre referindo-se a "preocupações" que levam a pensamentos dolorosos), isso soa muito

esquisito. Parece um eco do conto folclórico subjacente. Pelo menos (derivado daí) deve ter feito parte do caráter de Beowulf, já conhecido da plateia do autor, que ele fosse um prodigioso glutão, talvez até muito mais voraz do que o normal, assim como sua força era trinta vezes maior. O humor não é evidente em *Beowulf* . Na verdade, estaria fora de lugar se fosse uma intromissão – mas uma leitura cuidadosa com frequência detectará ironia no que é dito, seja dentro da própria história, seja percebida por quem a escuta. Aqui um sorriso efêmero poderá passar pelo rosto do ouvinte (bem versado em contos antigos), e ele poderá ter um pensamento também efêmero: “o rei não percebeu quanto iria custar a manutenção de Beowulf!”[48].

359-60 *in burial to shroud my head*; *446 *hafalan hýdan*

Aqui o significado é “dar-me ritos fúnebres”, mas a cerimônia toda só é indicada por um item (um rito ou costume preliminar): cobrir a cabeça do morto, o que não era caro. Mas o rito de honra pleno conjecturado era a cremação numa pira, com acompanhamentos custosos. (Beowulf expressa o desejo de que sua couraça não deva ir à pira e sim ser devolvida a Hygelac.) Cf. a referência a Æschere, morto pela mãe de Grendel, 1782 ss., *2124 ss., onde se diz que os daneses não podiam colocá-lo numa pira porque fora todo devorado[49], com exceção da cabeça, 1185, *1420-1. Portanto, possivelmente haja uma ironia em *hafalan hýdan*. Beowulf não percebeu que a cabeça poderia ser tudo o que restaria dele.

367 *Fate goeth ever as she must!*; *455 *Gæ´ð á wyrd swá hío scel!*

É difícil determinar, em qualquer trecho que contenha *wyrd*: (1) até que ponto a palavra foi "personalizada" mais do que em termos gramaticais; (2) o que ela "significa" precisamente, isto é, até que ponto ela tinha, ou mantinha, para os falantes ou ouvintes algum ingrediente consciente do que podemos chamar de reflexão mito-filosófica em fórmulas evidentemente bem conhecidas. Mas tais questões exigiriam uma resposta longa demais para este contexto. O tema de *wyrd* só diz respeito à crítica de *Beowulf*, em particular, na medida em que concerne à "teologia" do autor, o que exige uma pesquisa ou conferência especial, examinando-se as referências às Escrituras, ao paganismo, a Deus ou ao "Destino" no poema. Quem estiver interessado no poema, ou no espírito e na imaginação do período, poderá, evidentemente, fazer isso por conta própria. Eu faria duas advertências, óbvias mas com frequência negligenciadas.

(a) Existe no poema um elemento dramático, perceptível de maneira mais intensa na concepção e na apresentação dos personagens Beowulf e Hrothgar. É importante verificar se expressões "teológicas" ocorrem numa fala de Beowulf, de Hrothgar ou de algum outro "personagem", ou se são usadas pelo próprio poeta, dirigindo-se diretamente à sua plateia.

(b) Expressões envolvendo *destino*, *sorte* etc. sujeitam-se, em todos os tempos, a se tornar fórmulas cujo conteúdo desapareceu. Tornam-se itens de dicção coloquial. Se alguém diz que "a sorte favorece os bravos", não se pode de imediato deduzir daí seu temperamento, suas crenças ou sua filosofia, se é que as tem, nem se haveria de escrever sorte com S maiúsculo, ou se tem, mesmo de modo fantasioso, alguma ideia sobre uma "pessoa", a qual existe independentemente dele próprio e de suas frases herdadas, que gira uma roda para cima ou para baixo em momentos de capricho.

A maior parte das expressões que contêm *wyrd* é tautológica, de forma manifesta ou verbalmente encoberta. Não porque as pessoas fossem tolas demais para perceber isso, mas porque chamar a atenção para a tautologia inevitável revela um humor resignado ou "fatalista". A expressão *gæ´ð á wyrd swá hío scel* é pouco mais do que uma variante gramatical de *che sará sará*, "o que será, será". Note-se que *wyrd* é um substantivo feminino, e é mais do que provável que, se traduzirmos o inevitável *hío* do inglês antigo pela palavra "ela", estaremos exagerando muito o grau consciente de personificação da fórmula. *wyrd* é gramaticalmente apenas o deverbal de *weorðan*, "resultar, tornar-se, acontecer". Aqui o verbo é omitido, ou substituído por *gán*, "seguir". Mas em *2525-6 *unc sceal weorðan* [...] *swá unc wyrd getéoð* a tautologia está verbalmente manifesta: "acontecer-nos-á [...] como o acontecimento designa" (tradução do poema: 2122-4 "*to us [...] shall it be done [...] even as Fate [...] decrees to us* [a nós [...] há de acontecer [...] tudo o que o destino [...] decretar]).

Assim, em muitas frases, *wyrd*, personalizado em termos gramaticais, funciona praticamente como substituto do passivo, com agente "anônimo": *572 *wyrd oft nereð* [...] *eorl þonne his ellen deah*, "um homem muitas vezes será preservado se a coragem não lhe falhar" (tradução do poema: 465-6 "*fate oft saveth a man not doomed to die, when his valour fails not*" [Amiúde o destino salva o homem não fadado a morrer, quando sua bravura não falta]; *1205 *hine wyrd fornam*, "foi destruído" (996 "*fate took him*" [O destino o levou]); *2574 *swá him wyrd ne gescráf*, "como não lhe estava designado" (2163 "*for him fate decreed it not*" [o destino não lhe concedeu])].

Mas aqui estou minimizando deliberadamente. Nem de longe é a história toda: *wyrd* significa "um acontecimento", evento, e pode ser usado apenas nesse sentido: *3029-30 *hé*

ne léag fela wyrda né worda, “ele não ocultou nada do que ocorrera ou fora dito” (tradução: 2546 “*[...] of what had chanced or had been said*” [[...] sobre as coisas que haviam ocorrido ou sido ditas]). Mas tem outros significados, como “morte” (assim *2420 *wyrd ungemete néah*, 2037 *“the fate very nigh indeed*” [o destino, em verdade muito próximo]) e pode ser mencionado como um “poder” ou uma ordem por si só, ou como subordinado ou até igualado a Metod ou outras palavras comumente usadas como sinônimos de Deus – como Deus até. (O caso mais claro de “subordinação” é *1056 *nefne him wítig God wyrd forstóde*, 861-2 “*had not the foreseeing God [...] fended fate from them*” [não tivesse o Deus previdente [...] afastado deles a sina] – se *wyrd* não significar simplesmente “morte”). Ver também a nota a 465-6.

369 *for my deserts*; *457 *For gewyrhtum*

[Em lugar da leitura sem sentido do manuscrito, *fere fyhtum*, meu pai aceitou a emenda *for gewyrhtum*, “por causa de meus feitos meritórios”.]

Pode-se observar que o próprio Beowulf não mencionou esse motivo de gratidão (335 ss., *415 ss.). Disse que os conselheiros de seu reino haviam insistido que fosse porque era um homem forte, que conseguia combater com sucesso os monstros. A resposta de Hrothgar é propositadamente meio fria e tingida de ironia, ao contrário de sua esperançosa recepção a Beowulf, ao responder a Wulfgar (306-8; *381-4). Apesar de estar de acordo com a economia do poeta, ao apresentar apenas gradativamente as informações sobre Ecgtheow, o modo abrupto como a dívida do pai de Beowulf com ele mesmo é apresentada na resposta de Hrothgar transforma-a em evidente reprovação, mesmo tendo sido dita com um sorriso.

O pensamento de Hrothgar pode ser representado assim: “Ele deveria ter mencionado o pai e tudo o que fiz por ele. Parece tão forte quanto os relatos o descreveram, e é muito autoconfiante. Assim como esses jovens, duvido que se dê conta do terror de Grendel, e certamente ele não sente pena de minha vergonha.” Ele responde, em termos modernos: “Meu *caro* Beowulf! Muito bom de sua parte vir a este país, onde certa vez tivemos a honra de receber seu pai e ajudá-lo em suas dificuldades. *Alguns poderão* se lembrar de quando ele matou Heatholaf. Depois disso, a sua gente ficou contente em se livrar dele, e ele buscou refúgio aqui. Mas isso, claro, foi muito tempo atrás, quando fazia bem pouco tempo que eu sucedera a meu caro irmão. Resolvi o caso com algum custo para o tesouro, e seu pai me jurou lealdade. Quanto a Grendel, é *doloroso* ser lembrado de como ele me envergonhou. Mas dificilmente os boatos equivalem à verdade: ele matou multidões de homens, muitos deles cavaleiros de grande fama e coragem. Tantas e tantas vezes, só o que sobrou deles pela manhã foram poças de sangue no salão. Bem, bem, agora sente-se e coma e beba alguma coisa. (Ainda não é noite.) Mais tarde poderá se dedicar a incrementar seus triunfos – se tiver entusiasmo para tentar.”

377 *Heorogar*; *467 *Heregar*

A forma correta do nome parece ser *Heorogar* [*heoru*, “espada”], como em 47 (*61) e 1813 (*2158, *Hiorogar*). É frequente a variação nas formas de nomes pessoais, mesmo daqueles bem conhecidos, pela qual o primeiro elemento conserva a aliteração, mas é transformado em outro elemento mais ou menos semelhante. Não obstante, trata-se de um erro que tem origem no escriba. Os nomes reais dos indivíduos tinham, sem dúvida, apenas uma forma correta, de uso formal. Era fácil ocorrer a confusão entre

heoro- e *here-*, por serem formas muito parecidas e pertencerem a uma esfera de significado semelhante. *here*, “exército”, permaneceu em uso, mas *heoru* como palavra separada estava virtualmente obsoleta mesmo em verso, ocorrendo uma vez em *Beowulf* *1285 (1070). Era muito frequente em compostos poéticos, mas a maioria deles mostra que o significado real de *heoru* estava esquecido, e *heoro-* só transmite um vago sentido de “impiedoso, cruel, sangue”, ou pode ter sido entendido como *here-*, “hoste guerreira”.

386-7 *God may easily* [...]; *478 *God éaþe mæg* [...]

O sentido e a implicação exatos disso não são certos. O equivalente, estritamente literal, é “Deus pode (tem o poder de) fazer isso facilmente”. Pode parecer pouco razoável a objeção de que, para o Onipotente, não se aplicam graus de facilidade ou dificuldade. Ainda assim, duvido de que aqui *éaþe* tenha o significado (um tanto absurdo no contexto) de “facilmente, sem dificuldade”. *éaþe*, com muita frequência, e *mæg*, em muitos casos, são usados para indicar possibilidade e probabilidade (nas circunstâncias), e não facilidade e habilidade pessoal. Nesse caso, *éaþe* estará mais próximo de “bem”, como em: “ele bem poderá vir”, “pode bem ser que”, e *mæg*, de “pode”, de forma que uma versão mais próxima seria: “Deus bem pode fazer isso”, sendo o elemento desconhecido não o poder de Deus, mas sim Sua vontade. Seja como for, em termos de emoção e propósito, essa é uma súplica de piedade, apesar de não possuir forma de oração. É, se quisermos, uma afirmativa piedosa, que Deus poderá ouvir e (talvez) atender.

395-7; *489-90 [As palavras finais do primeiro discurso de Hrothgar a Beowulf]

[Apresento primeiro os versos em inglês antigo, *489-90, tais como aparecem no manuscrito. Meu pai discutiu extensamente o problema do texto e de sua solução em suas conferências sobre os “dilemas” textuais de *Beowulf* e de modo mais breve em seu comentário geral. Incluo aqui, extraída das conferências, sua discussão sobre o que o rei provavelmente teria dito a Beowulf (compare-se com a nota a 369), antes de apresentar sua interpretação, dada de forma abreviada, das palavras em inglês antigo.

Site nú tó symle ond on sæ´l meoto
sigehréð secgum swá þín sefa hwette.]

Parece necessário fazer algumas conjecturas preliminares sobre o que Hrothgar provavelmente teria dito nesse ponto. Em geral, seu discurso é uma antístrofe à fala de abertura de Beowulf. O que Beowulf disse, em resumo, foi: “Vim de longe para lutar com Grendel. Já tive experiência no combate de monstros. Espero ter êxito, mas (modestamente) é claro que nunca se sabe.” A última parte é expressa com cortesia elaborada: “Deus decidirá. É claro que Grendel devorará a nós, gautas, se puder. Nesse caso, não te darei mais trabalho e não terás de me alimentar. Manda minha couraça de volta a Hygelac, pois pertenceu a seu pai. As coisas ficarão como o destino mandar.”

Sob o manto do discurso e da cortesia esmeradas, ouve-se a altiva confiança de um campeão jovem e forte, e também, mais atrás e fracamente, a voz do conto de fadas: o “rapaz improvável”, o menino-urso desajeitado e ambicioso, que dá trabalho para manter e alimentar, mas que agora se oferece para fazer jus ao que consome (ou pôr fim a isso) testando sua habilidade contra o monstro que até então derrotou todos que o enfrentaram.

O que Hrothgar responde? Primeiro, polidamente ressalta que tem o direito de aceitar a oferta de Beowulf, pois foi amigo do pai dele[50]. Isso não deriva dos contos de fadas, mas faz parte do cimento que foi inventado para fixar

o elemento de conto de fadas firmemente em seu lugar, diante do pano de fundo da lenda “histórica”. Segue-se um trecho que deriva de modo mais próximo dos contos de fadas: o pretenso campeão é avisado do terrível poder do monstro, 381-95, *473-88. Aí é inserido *God éaþe mæg* [...] [ver nota a 386-7], que parece ter sido acrescentado para definir a atitude de Hrothgar diante de *wyrd* (*wyrd*, diz o rei, “mas só porque Deus permitiu que Grendel fizesse isso”) e em resposta às palavras de Beowulf 355-6 e 367 (*440-1, *455). Então Hrothgar conclui, com as palavras obscuras que temos de interpretar. Tendo em mente, na medida do possível, o antigo elemento dos contos de fadas e o pano de fundo cortesão, e a situação na história como o poeta resolveu contá-la, o que é mais provável que Hrothgar teria dito? Sem dúvida, o mais provável é: “Muitos banquetearam aqui e juraram enfrentar Grendel. De cada vez, tudo o que restou deles na manhã seguinte foi sangue no salão. Mas senta-te *agora* e te banqueteia. Mais tarde podes pensar em tua bazófia/ou na batalha, se tiveres coragem para tanto.” Deve notar-se que foi só mais tarde, quando Beowulf reafirmou seu juramento, que Hrothgar, alegre, deu-se conta de que o jovem realmente estava falando sério (495-6, *609-10). [Ver nota a 290-1.]

É claro que Hrothgar poderia ter dito outras coisas. Por exemplo: “Escuta e pondera as gloriosas canções de meus menestréis (elas soerguerão teu coração).” Um menestrel começa a cantar (403, *496). Ele também poderia ter dito: “Fala livremente com os homens no salão. Narra para eles relatos de vitória, sem excluir teus próprios feitos, tais como fizeste para nós.” Isso poderia ser entendido como um destaque especial à fala exaltada de Unferth. Assim que conseguiu se fazer ouvir, depois que o *scop* terminou, o *þyle* iniciou sua fala: era seu papel saber tudo sobre todas as pessoas. Mas estava com raiva. Hrothgar (nessa visão)

convidara o forasteiro a contar aos homens tudo sobre suas aventuras.

Entre essas alternativas – que são as mais prováveis, e na verdade os únicos significados (creio) que, mesmo sob tortura, as palavras do manuscrito podem ser forçadas a entregar –, a primeira parece de longe a mais provável. O menestrel canta com voz clara, mas apenas como acompanhamento normal de um banquete: sua canção não é relatada nem tornada significativa. A malícia de Unferth não precisava de nenhuma cortesia diplomática para ser aguçada. De fato, sua irrupção revela-se mais como uma forma mais violenta e descortês do alerta de Hrothgar (de acordo com a primeira alternativa). “Sim,” ele diz com efeito, “ouviste o que disse o rei: sangue nos bancos pela manhã. És sem dúvida um excelente sujeito, mas não tão excelente quanto pensas ser. Nem sempre tiveste sucesso. E não terás sucesso com Grendel – se mais tarde achares que tens coragem de velar esperando-o.”

A respeito desse trecho embaraçoso, existem mais soluções e propostas do que as palavras que ele contém – para mencionar só as melhores.

A principal dificuldade central é *meoto*. Só há uma certeza: *Site nú tó symle ond* [...] indica que deve seguir-se outro imperativo singular, o qual só pode ser retirado de *on sæ´l* ou de *meoto*. Uma análise das possibilidades mostra que *onsæ´l* não pode ser imperativo singular, nem *meoto* pode ser substantivo (somente seria se *onsæ´l* fosse verbo). Então, se *meoto* é um imperativo singular, deve estar no lugar de *meota* ou constituir um pequeno erro relativo a esta última, em forma dialetal (como de costume, conservado intacto quando nem o escriba nem os editores sabiam identificar a palavra), isto é, o imperativo singular de **meotian* = saxão ocidental **metian*. Ora, tal palavra

teria uma excelente etimologia, corresponderia exatamente ao gótico *mitón*, “deliberar, ponderar, considerar”. Mais ainda, ocorre de fato no poema em inglês antigo *Genesis*, verso 1917, imperativo singular *geþanc meta þíne móde*, cujo significado é: “pondera o pensamento de tua mente”; *on sæ´l* significa então “no devido tempo”.

Outra dificuldade é *sige hréð secgum*. Nesse caso precisa ser encontrado o objeto de *meta*/*meota*. *sigehréð secgum*, “vitória para os homens”, é uma possibilidade. Mas, na minha opinião, parece claro que *sige Hréðsecgum*, “vitória para os Hrethmen” (ver nota a 358-9), é o que se pretende dizer. (Sobre o acréscimo de uma palavra que significa “homem” a um nome tribal, isso ocorre imediatamente depois, em *Géatmæcgum* *491, 398.)

Beowulf deve voltar seus pensamentos para a conquista de uma vitória para os gautas, empreitada na qual muitos outros fracassaram. Nesse caso, Hrothgar recorda de fato a expressão de Beowulf, *mægen Hréðmanna* (*445, 359): “Imagino que se conseguir, como já fez antes aos homens, vá devorar a tropa de Hrethmen”, diz Beowulf modestamente. “Quando chegar a hora, conquista a vitória para os Hrethmen, se teu coração tiver coragem”, retruca Hrothgar. A frase é semelhante.

Por fim, aqui *hwette* é subjuntivo presente (do futuro ainda não realizado), “conforme (= se) teu coração te atice”. *hwettan* é um palavra forte (“aguçar, incitar, atiçar”), e inadequada à maioria das demais interpretações do trecho[51].

406 *Unferth, son of Ecglaf*; *499 *Unferð, Ecgláfes bearn*

De modo bastante contrário do habitual, o autor repentinamente tira Unferth “do chapéu”, sem aviso prévio, e apresenta a sua ficha completa: nome e patronímico. O

procedimento excepcional deve ter um significado. Certamente, demonstra que Unferth, filho de Ecglaf, já era uma figura bastante conhecida na corte de Heorot, mesmo antes que nosso autor escrevesse seu *Beowulf*. Nenhuma visita a Heorot estaria completa sem um vislumbre dele – seria como ir a Camelot e nunca ouvir falar de Sir Kay. A plateia aguardava sua aparição, e agora ficaria avidamente atenta. Seu humor e seu comportamento já estavam incorporados nele (assim como Kay caracterizava-se por uma rude descortesia): invejoso, inteligente, porém malicioso e "com língua de serpente". O que ele haveria de dizer?

O mínimo, com certeza, mas era assim que ele costumava se apresentar: um homem cauteloso, sentado "aos pés do rei", reservado, de início quase despercebido pelos forasteiros, escutando tudo o que se dizia, tomando o cuidado de esperar antes de falar, até que sua entrada fosse mais impactante. O patronímico era importante, pois estava ligado a tradições sinistras sobre como tratava sua família. Isso pertencia a ele de modo pessoal, à parte de sua ligação com a história de Grendel.

Quer tenha um "núcleo" histórico (o que é bem provável) ou não, Unferth pertence principalmente ao mundo político-dinástico das tradições inglesas acerca dos Scyldings e da corte de Heorot. Mas, quando histórias como as de Grendel começaram a se ligar a Heorot nas lendas, provavelmente tornou-se inevitável, dada a sua posição, que ele também fosse envolvido nelas. Parece improvável que nosso poeta fosse o primeiro a lidar com a história de Heorot e fazer essa ligação. Nesse caso, algum contato ou embate entre Beowulf, perdição de Grendel, e Unferth já devia ter-se tornado parte da tradição. Mas é provável que o embate e a "*flyting*" tenham assumido muito maior importância do que antes, graças ao nosso autor. Evidentemente, ele empenhou muito esforço neles.

Transformou-os em um de seus principais temas e não decepcionou o interesse que despertara com suas linhas 406-7 (*499-501).

A originalidade do autor de nosso *Beowulf* provavelmente em nenhum ponto foi demonstrada por pura invenção (mesmo de personagens ou eventos menores), e sim, primeiro, para (1) tornar *central* o tema de Grendel, antes só um dos acréscimos à história de Heorot, e secundária com relação a ela: seus dois eixos principais eram a contenda dos Heathobards, e a ambição de Hrothulf e a destrutiva rixa familiar após a morte de Hrothgar. (2) Para enriquecer todo o poema com referências a outros ciclos de histórias, não apenas à contenda gauta-sueca – que a posição de Beowulf no papel de personagem principal certamente envolvia – mas também a importantes aspectos da história inglesa (Offa), juta e frísia (Hengest), assim como referências ocasionais à tradição sueca, danesa e gótica ou de outros povos menores (Wendlas, Wylfingas, Helmingas etc.). Assim (como ainda sentimos, apesar de nossa visão estar agora enevoada e a paisagem escurecida), seu poema é como uma peça que se passa em um recinto com janelas através das quais se pode ter uma visão distante de grande parte das tradições inglesas acerca do mundo de seu lar original.

Ecglaf pode soar como uma contrapartida inventada de Ecgtheow. Mas a semelhança provavelmente é apenas acidental, sustentando a visão de que a colocação "histórica" dos dois personagens (Unferth e Beowulf) foi um processo independente do seu contato passageiro – em vez de pô-la em dúvida. Uma semelhança inventada teria sido mais explorada.

452 ss.; *555 ss. [A luta de Beowulf com um monstro marinho]

Um bom exemplo de como é difícil compreender *Beowulf* (e traduzi-lo). Muitas vezes, como aqui, existem dois tipos de obstáculos. Como o autor se refere a coisas ou ações que ele e sua plateia conhecem muito bem, não tem necessidade de ser preciso. Mas nós podemos estar bem pouco familiarizados com elas. Portanto, ele pode se dar ao luxo de ser literário ou "poético" naquilo que diz, isto é, de não expressar as coisas de maneira óbvia. Entretanto, as noções que ele e seus contemporâneos tinham de estilo literário podem ser bastante contrárias a nossos gostos ou hábitos. Assim, podemos receber (ou sentir que estamos recebendo) um ou dois versos ininteligíveis sobre algo que não percebemos com clareza ou nem sequer percebemos.

Não temos (ou pelo menos eu não tenho) nenhuma familiaridade, como ator ou espectador, com ferozes lutas de espada corpo a corpo, nem com toda a variedade de espadas. Mas não é preciso muito esforço da imaginação para se ter ideia da situação de apuro em que Beowulf se envolveu. Ele foi agarrado por um animal marinho de enorme força e, sem dúvida, foi bastante apertado. Foi preciso ter muita força para resistir ao aperto de modo a não ser dilacerado ou mordido. Mas ele só dispunha de uma de suas mãos, a outra segurava uma espada desprotegida (439, *539). Trata-se de uma arma de pelo menos sessenta centímetros de comprimento. Só com grande esforço conseguiria retraí-la de modo a nivelar a ponta (453, *orde* *556) com o inimigo. Então seria pequena a distância, ou não haveria distância nenhuma, para golpeá-lo, e enfiar a espada através do seu couro duro exigiria enorme força na mão e no braço. Foi um grande feito. Mas está registrado (dificilmente "descrito"!) com as palavras: "firme o ser cruel me segurou agarrado. Ainda assim foi-me concedido encontrar o feroz assassino com a ponta da espada belicosa; o choque do combate destruiu aquela poderosa fera marinha por meio desta mão" (451-4). A grande força

manual naquela única estocada tremenda é (ou foi para a plateia do poeta) enfatizada pela curiosa expressão impessoal. O esforço desesperado de criar uma oportunidade momentânea para a estocada é (simultaneamente à "modéstia de esportista" da expressão de Beowulf) exibido em *hwæþre mé gyfeþe wearð* [...] (*555). "*Nonetheless, it was granted to me*" [Ainda assim foi-me concedido [...]] (452). Imagino que em termos modernos o mais próximo seria: "No entanto, veio-me uma oportunidade" ou: "No entanto, encontrei uma oportunidade de enfiar a ponta de minha espada no monstro."

465-6 *Fate oft saveth a man not doomed to die, when his valour fails not*; *572-3 *Wyrd oft nereð unfæ´gne eorl, þonne his ellen déah*

(Cf. a nota a 367, *Fate goeth ever as she must!*) Essa, como está escrita, é a referência mais "ilógica" ao Destino que se pode inventar. O Destino com frequência protege (do Destino?) um homem que no momento não está destinado a morrer, quando sua coragem não falha; protege-o de algo – da morte (já destinada)!

Para elucidar isso, é necessária uma nota extensa. Indo de imediato ao núcleo da questão: emocionalmente e em pensamento (na medida em que isso nunca esteve claro), essa é, basicamente, uma afirmativa não apenas do valor em si da vontade (e da coragem) humana, mas também de seu efeito prático como possibilidade. Isto é, na verdade, uma negação do Destino absoluto. É sem dúvida um "dito" não originalmente inventado por nosso autor, mas que agradaria a um personagem como Beowulf e provavelmente proviria dele, jovem, forte, destemido. Penso que é um dito originalmente da linguagem popular, e não "heroica" ou aristocrática, e que seu caráter "ilógico" fica muito reduzido se, sob essa luz, percebemos que *wyrd* não é (ou era) o

Destino filosófico, e sim a fortuna ou a sorte, e *unfæ´gne* provavelmente não significa (ou não significava) “não destinado a morrer”, e sim “não assustado pelas circunstâncias, não acovardado”. “A sorte (como muitas vezes se vê) salva aquele que não se assusta, quando seu vigor não falha” não parece tão absurdo.

Quanto a *ellen*, “vigor”, está bem adequado. Não é uma palavra puramente poética, apesar de usada sobretudo em versos heroicos. Apesar de às vezes aparecer em contextos nos quais “força” serviria, não significa “força física”, nem o instrumento corpóreo, e sim a força e o calor do espírito que impelem o homem à ação vigorosa. Não se limita a “coragem/valor” moderna/o, visto que não se mostrava apenas em situações de perigo ou de conquista do medo. Basicamente, *ellen* se referia ao espírito competitivo, combativo de indivíduos altivos. Um corredor numa competição precisa demonstrar *ellen*. Mesmo a inveja e a malícia de Unferth demonstravam *ellen*.

Quanto a *wyrd*, o sentido “a virada dos eventos, como as coisas vão” é encontrado na “poesia heroica” (por exemplo, em *Beowulf*, *hé ne léag fela wyrda né worda*, “ele não ocultou nada do que ocorrera ou fora dito”, citado na nota a 367). Mas não tem o sentido usual, e um significado equivalente a “sorte” ou “fortuna” deve ser visto como algo que pertence principalmente à linguagem popular, menos preocupada com destinos elevados.

Quanto a *unfæ´ge*: *fæ´ge* é uma palavra difícil, mas é muito provável que originalmente fosse uma palavra popular (mesmo do ambiente agrícola), sem referência à sina ou ao Destino: “maduro (para cair), amolecido, podre”. Mesmo na poesia heroica, o sentido “fadado a morrer” é mais contextual do que está contido na palavra em si, e, em muitos casos, “perto da morte” é o que realmente quer dizer. Na linguagem popular, um *fæ´ge man* não era um homem “fadado”, mas alguém sem tutano e vigor (ou que

os tinha perdido), cujo *ellen ne déah*. *unfæ´ge* só se encontra nesse apotegma (*572-3) e outra vez em *2291 [tradução: 1929-30 "*one whose fate is not to die*" [alguém que não esteja fadado a morrer]]. No apotegma, o sentido popular "não enfraquecido" encaixa bem, como podemos perceber. Em *2291, o sentido preciso é menos claro, visto que se refere ao homem que roubou o tesouro do dragão e assim despertou sua fúria e causou a morte de Beowulf. Mas, infelizmente, tanto pelo modo excessivamente alusivo como essa história é contada quanto pelos graves danos no manuscrito, que tornaram ilegível o relato do ataque ao tesouro (*2226-31, 1875-8), temos dúvidas relativas à história e ao caráter do homem. Se era alguém que demonstrava firmeza e pelo menos a vontade e a coragem do desespero em seu feito terrível, então *unfæ´ge*, em *2291, pode concordar com *573. Creio que isso é provável. De fato, ele avançara até aquele lugar com furtiva astúcia (*dyrnan cræfte* *2290, 1928), passando perto da cabeça do dragão. Portanto, um homem resoluto, pela graça de Deus (*Waldendes hyldo* *2292-3, "*the favour of the Lord*" [o favor do Senhor] 1931), poderia muito bem escapar ileso!

Ficamos sabendo que o atacante não saqueou o tesouro de bom grado (*Nealles mid gewealdum* *2221, "*By no means of intent*" [Não com intenção] 1869). Era um escravo fugitivo que cometera um crime (*synbysig* *2226, "*a man burdened with guilt*" [homem oprimido pela culpa] 1873-4) e fugia de *heteswengeas* (*2224, "*the lashes of wrath*" [impulsos da ira] 1872-3), o que provavelmente implicava a morte, não apenas uma terrível surra. Se, como parece mais provável, as palavras seguintes são *ærnes þearfa*, "sem nenhum abrigo", então, como sugere o que se pode ler no trecho extremamente danificado, ele não sabia, antes de entrar, que penetrara no covil e no tesouro de um dragão. *ðám gyste gryrebróga stód* *2227 ("*upon the trespasser dire terror fell*" [recaiu um terror horrendo sobre o transgressor]

1875-6). Mas isso não o torna um débil covarde. Ele mostrou coragem exemplar. A despeito da temível situação, viu que poderia virá-la a seu favor. Evidentemente, não se rendeu ao pânico, nem guinchou (como alguém *fæ´ge*), o que teria sido o seu fim. Agarrou uma grande taça revestida de ouro (1922, *fæ´ted wæ´ge* *2282) e escapou, levou-a ao seu senhor e comprou com ela o seu perdão. O ato de um homem bastante firme. Deduzimos que seu crime fora violento e também que a *fæ´ted wæ´ge* possuía imenso valor! O fato de mais tarde ele ser chamado de *hæft hygegiómor* (*2408, "*a captive with gloomy heart*" [cativo, de coração abatido] 2026) e ser forçado a voltar *héan* e *ofer willan* ("em vergonha" e "contra a vontade") ao covil como guia não deprecia nem um pouco seu ato. Agora ele era acusado de despertar um dragão que incendiara e devastara a região e destruíra a casa e o trono do rei, e podia muito bem estar *hygegiómor*.

Visto que *unfæ´gne* (*573) é a primeira ocorrência de *fæ´ge* em *Beowulf*, acrescento uma nota sobre essa palavra, com referência especial à afirmação sobre o seu "significado original" (ver comentário).

Parece-me que nesse caso os etimologistas devem ter razão. *fæ´ge*, derivado do germânico **faigɪ̄*, não significava "fadado" na origem. Provavelmente, significava, como afirmei, "maduro" ou "maduro demais" (em referência a frutas etc.) > "podre, esfarelando", (no caso de pessoas) > "perto do fim do seu tempo, a ponto de morrer". Esse é realmente o sentido neste trecho do antigo poema inglês *Guthlac* (que parece pouco menos "ilógico" que *Beowulf* *572-3: *Wyrd ne meahte in fæ´gum leng feorh gehealdan* [...] *þonne him gedémed wæs*, ou seja: "O destino não podia manter a vida do homem por mais tempo do que lhe fora estabelecido"). São Guthlac estava "às portas da morte" em decorrência de uma doença fatal. No entanto, *fæ´ge* teve uma curiosa mudança de sentido. Permaneceu em parte no

nível anterior, mas foi também afetado pelas ideias em voga (vagas e nem um pouco filosóficas) sobre o Destino, em especial a determinação do momento da morte de um homem, e pela observação real dos humores e do comportamento humano. Referindo-se a pessoas, seu sentido estendeu-se: “podre etc.” > “mole, lerdo, inerte, pobre de espírito”. Mas isso podia ser mesclado com o que parecia para as pessoas uma situação inevitável, sobretudo se as suas ideias sobre o “Destino” fossem firmes o bastante para torná-las “fatalistas”: “jogam a toalha”, cedem às circunstâncias, não fazem esforço para se salvar ou, em alguns casos, agem de forma turbulenta e irracional, tornando-se “destinadas à morte” e dando certeza à desgraça pelos seus próprios atos. É a essa “perda de coragem” – uma forma de covardia (na visão germânica, uma perda de *ellen*, porém não simples timidez, mas algo que faria buscar a fuga, se possível) – que *fæ´ge* e *unfæ´ge* muitas vezes se referem. Os elos na evolução do sentido (que devem remontar a muito tempo atrás) agora, em grande medida, estão perdidos. Mas o fato de o sentido “sem espírito, sem coragem, *ellenléas*” existir no inglês antigo, à parte os trechos onde se menciona o “Destino”, pode ser visto na fórmula *(ne) forht ne fæ´ge*, “nem tímido nem irresoluto”.

512 ss. *fair words he said:* [...]; 630 ss. [*Béowulf*] *gyddode* [...]

gyddode, “pronunciou um *gidd*”. Isso com frequência se traduz como “balada, canção”. Apesar de poder se referir a coisas “cantadas”, seu sentido era mais amplo. Significava qualquer forma de palavras (breves[52] ou longas) de estilo composto ou premeditado, ou discurso em ocasião formal. Nesse último caso, os que tinham habilidade retórica sem dúvida eram capazes de enfeitar as palavras de improviso, com aliteração e outras graças, mas o que em essência

caracterizava um *gidd* era, provavelmente, o uso de um tom de recitação, que poderíamos chamar de “melopeia”, e não de “canto” – a retórica (“fazer um discurso”), a recitação (de um conto) e mais tarde a leitura em voz alta (como em discursos ou sermões vernáculos) deviam ser muito mais parecidos entre si naquela época do que o são hoje. Um tom de conversa coloquial podia não ser admirado. Por outro lado, os naturais altos e baixos da voz e suas ênfases não eram desconsiderados ou distorcidos como no canto moderno. Ao contrário, eram realçados, o ritmo era retardado, e a enunciação, mais “pomposa”. A palavra *gyddum* em *151 (121 “*in songs*” [em canções]) implica que o conhecimento dos distúrbios em Heorot não era apenas boato ou falatório popular, mas que “contos” formais – em versos ou de outra forma – haviam sido compostos sobre o tópico. Podemos notar aqui que o *gidd* de Beowulf (513-19, *632-8) preenche exatamente sete versos, é natural e direto em sua construção, e foi muito pouco alterado ou “enfeitado” para se encaixar no poema. Possivelmente, não era muito diferente das palavras reais que um homem de criação cortesã haveria de produzir de improviso em tal ocasião. [Ver também comentário.]

524-30; *644-51

[Apresento aqui o texto em inglês antigo desse trecho, junto com a tradução de meu pai, conforme inserida neste livro.

644 oþ þæt semninga

sunu Healfdenes sécean wolde
æ´fenræste; wiste þæ´m áhlæ´can
tó þæ´m héahsele hilde geþinged,
siððan híe sunnan léoht geséon meahton
oþðe nípende niht ofer ealle,
scaduhelma gesceapu scríðan cwóman
wan under wolcnum. Werod eall árás.

[524] until on a sudden the son of Healfdene desired to seek his nightly couch. He knew that onslaught against that lofty hall had been purposed in the demon's heart from the hours when they could see the light of the sun until darkling night and the shapes of mantling shadow came gliding over the world, dark beneath the clouds. All the host arose.

[527] até que de repente o filho de Healfdene resolveu buscar o leito noturno. Sabia que um assalto contra aquele elevado salão estava planejado no coração do demônio desde as horas em que podiam ver a luz do sol até a noite sombria e as formas da sombra envolvente virem deslizando sobre o mundo, escuras sob as nuvens. Toda a hoste ergueu-se.

Em uma longa discussão em suas conferências sobre os dilemas textuais de *Beowulf*, ele escreveu que "o sentido geral do texto sem dúvida é, de modo breve, este: 'Hrothgar sabia que Grendel viria (como vinha toda noite) na hora determinada, isto é, com o cair da escuridão'." Opunha-se à interpretação de Frederic Klaeber, de que "os versos *648 ss. evidentemente significam: 'da hora em que podiam ver a luz do sol até o cair da noite' [...] O rei sabia que o combate fora a intenção de Grendel durante todo o dia: Grendel estivera esperando da manhã até a noite para renovar seu ataque ao salão." Acreditava que *648-9 não devia ser lido dessa forma, a referir-se ao pensamento e ao propósito de Grendel, e sim, ao contrário, devia dar a hora e a razão para a súbita partida de Hrothgar, seguida da dispersão da assembleia (*Werod eall*

árás). Nesse caso (escreveu), "*siððan* significa 'assim que' > transformando-se aos poucos, como sói acontecer, em 'já que' = 'porque'; *oþðe* não quer dizer 'até'; e *geséon meahton* provavelmente está corrompido." Sobre este último aspecto, cito seu texto na íntegra.]

Independentemente de como se interprete o restante, a última expressão deve se referir a um sinal da noite que se avizinha (pois a resolução de Grendel de chegar depois do anoitecer, assim como o desejo de Hrothgar de deixar o salão, surgiu ali). A não ser que *híe sunnan léoht geséon meahton* possa ser lido como tal sinal, sem emenda, um negativo deve ter sido omitido[53]. Eu costumava sugerir que essas palavras significavam: "podiam ver o sol iluminando o salão, pois ele descera tão baixo que estava no nível (digamos) das janelas do oeste". Mas, mesmo que fosse fato conhecido que Heorot tinha uma localização e construção que tornasse isso possível, seria algo muito rebuscado, não natural para um antigo poeta inglês, enquanto a frase com *oþðe*, que continua e elabora a imagem, se refere à observação do pôr do sol e do cair da noite a céu aberto.

O *ne* foi omitido. Sem ele, o verso tem um "tom falso" muito mais intenso do que com ele. Os estudiosos "lógicos" sempre relutam em admitir que um negativo foi omitido; inseri-lo faz uma grande diferença lógica! Mas, do ponto de vista paleográfico ou psicológico, a omissão é um evento provável, que pode ocorrer com facilidade. *ne* é uma palavra curta. Num caso como esse, segue-se a *n*. Foneticamente, reduzia-se a *nə*, *n* em pronúncia coloquial, e de fato muitas vezes era quase inaudível, ou mesmo foneticamente omitido. Daí o hábito, já disseminado no inglês antigo, de reforçar o *ne* pré-verbal com outro advérbio negativo: *ná* etc.

[Com relação ao significado de *oþðe*, "ou", meu pai observou: "Não há dúvida de que *oþðe* pode às vezes ser usado não para 'ou' como alternativa

exclusiva, e sim para introduzir um modo de expressão alternativo (e mais enfático), ou para acrescentar algum aspecto implicado, mas não expresso previamente". Aqui ele traduziria essa palavra para "ou para dizer mais", "e ainda mais". Ele propôs a seguinte tradução:]

until suddenly Healfdene's son (Hrothgar) was eager to go his bed at evening, knowing that it was due time for the monster to come on a raid to the high hall, since they (he and all the people in that place) could not see the light of the sun, and more, darkling night over all, shapes of mantling shadow were coming stalking gloomy under the clouds. All the host arose.

até que subitamente o filho de Healfdene (Hrothgar) ficou ávido por deitar-se à tardinha, sabendo que era o tempo esperado para o monstro vir atacar o elevado salão, uma vez que eles (ele e todas as pessoas daquele lugar) não conseguiam ver a luz do sol, e mais ainda, com a noite sombria acima de tudo, formas de sombra envolvente vinham caminhando obscuras sob as nuvens. Toda a hoste se ergueu.

[Ver-se-á que agora ele rejeitara a tradução (linhas 527-8) "desde as horas em que podiam ver a luz do sol até a noite sombria [...]", mas não alterou o texto datilografado C, sob esse aspecto.]

549 *esquire*; *673 *ombihtþegne*

O *ombihtþegn* deve ter sido um dos gautas. Nada está dito sobre as diferenças de grau e função entre os quinze gautas quando partiram. Mas percebemos, pouco a pouco, que, não importa o que possa dizer a pesquisa folclórica sobre supostas origens, a ideia que o autor tinha e que, evidentemente, esperava que a plateia tivesse de Beowulf era a de um "príncipe": um jovem de alta condição em sua própria corte, filho da irmã de um rei poderoso, de grande

valentia. Assim, ele tinha um *þegn* a seu serviço pessoal, como "escudeiro"[54]. O dever desse homem era cuidar das armas e pô-las à disposição quando necessário. A palavra "*esquire*" deriva do latim *scútum*, "escudo" (*scútárius*, "portador de escudo" > francês antigo *esquier*), que, com a evolução da heráldica e de cavaleiros montados com panóplia, se tornou algo mais pessoal e simbólico, e também maior e mais pesado. Aqui o *ombihtþegn* tem como responsabilidade principal a custosa e ornamentada espada – o item de armamento mais precioso e pessoal. Isso está ligado à promessa de Beowulf de evitar as armas. Imediatamente após entregar a espada ele a repete, mas, como mostra o inglês antigo *sweordbora* = escudeiro[55], a espada era, em todo caso, naquela data, a responsabilidade principal de tal pessoa.

555-6 *Nought doth he know of gentle arms*; *681 *nát hé þára góda*

[Meu pai argumentou que o significado desse texto era: "Grendel não sabe o que é certo e apropriado (para um cavaleiro), para responder-me com um golpe de arma." "A palavra *þára* não se refere a nada dito antes, mas é um exemplo de artigo definido usado em relação ao que é bem conhecido, ou costumeiro – semelhante ao uso atual de 'o' com adjetivo (agora comumente singular), como em 'o bom' = 'o que é bom', mas *góda* aqui é o genitivo plural do substantivo *gód*." Ele não mencionou nessa nota sua tradução "*gentle arms*" [armas corteses] (556), usada no sentido de "nobres, honradas", que se encontra em ambos os textos.]

567 *Nay, they had learned* [...]; *694 *ac híe hæfdon gefrúnen* [...]

Como tinham aprendido isso? [O fato de que uma morte sangrenta, naquele salão de vinho, arrebatara, antes disso, inúmeros dentre a gente danesa.] É evidente que o verso não se refere aos relatos de Grendel que chegaram à terra dos gautas. O grupo não partiu com "esperança

desamparada” ou em aventura suicida. Do modo como a história está contada, os *witan* gautas apoiaram Beowulf em seu desejo de lutar com Grendel e acreditavam que o feito estaria ao seu alcance. Sucesso e a esperança de voltar para junto de seus companheiros eram coisas que dependiam de Beowulf, e eles não podem ter duvidado da sua habilidade desde o começo. Assim, a referência é, sem dúvida, à conversa no salão. Apesar de, como sugeri [ver comentário e comentário], os companheiros de Beowulf provavelmente não estarem sentados junto a ele, perto do rei, mas reunidos num banco mais abaixo do salão, com certeza ouviram o relato de Hrothgar (propositadamente alarmante) sobre os ataques de Grendel, 381-95, *473-88. Tendo ouvido, não ficariam muito impressionados com a zombaria de Unferth, 427-31, *525-8, mas é difícil duvidar de que os daneses, seus vizinhos e companheiros de salão, tivessem elaborado ainda mais a horripilante história para salvar as “aparências” danesas. De fato, após o discurso de Beowulf, o qual, apesar de dirigido a Unferth, cresce em ira e força de expressão até a conclusão desafiadora, percebemos que haveria um bom número de daneses dispostos a fazer os companheiros do jovem e atrevido capitão gauta estremecerem diante da ideia de uma noite em Heorot.

569-70 *a victorious fortune in battle*; *697 *wígspéda gewiofu*

[A conclusão desta nota é muito rudimentar, escrita às pressas, e introduzi um breve trecho na tentativa de consertar um texto aparentemente falho.]

wígspéda gewiofu é uma frase notável. Significa, evidentemente: “(lhes concedera) destinos de vitórias”, aparentemente plural, porque uma concessão foi feita a cada homem (com exceção de Hondscioh; ver 1745 ss., *2076 ss.).

A palavra *gewife* é um deverbal cujo significado original era “produto de tecer (junto)”. No entanto, só é encontrado, como visto acima, no sentido figurado de “propósito, destino, fortuna”. É de admirar que essa palavra aparentemente “mitológica” (ou alegórica) só seja encontrada em *Beowulf* entre os textos literários, apesar de outras palavras, pertencentes à mesma área de pensamento (por exemplo, *wyrd*), serem usadas com frequência. Isso provavelmente indica que a “figura” pictórica do tecer, em conexão com o “destino”, estava obsoleta e logo deixou de ser corrente.

Klaeber diz: “Como o contexto mostra, o conceito de ‘tecer’ o destino (pelas Parcas, Nornas, Valquírias – aqui ele faz referência a Grimm e outros) tornou-se mera figura de linguagem”. Duvido muito de que o uso de “tecer”, nesse contexto, alguma vez tenha sido mais do que isso. Há muita mistificação, inexatidão e um fantasioso “tecer de teias” em todas as discussões sobre “mitologia”, não menos em relação à suposta mitologia primitiva ou germânica comum, e as obras citadas por Klaeber não são exceção. Grimm (*Deutsche Mythologie*), em especial, apresenta um maravilhoso nexo de citações e referências, mas creio que quem abordar criticamente o tratamento que dá às “Parcas” e assuntos correlatos perceberá que, em geral, duas “evidências” não sustentam suas teorias, mesmo quando não as invalidam. Infelizmente, sua grande obra agora está ultrapassada, marcada (1) pela linguagem imprecisa, o que é natural para a sua época; (2) pelo desejo de ver a maior quantidade possível de “paganismo” em toda a parte; (3) pela recusa em dar importância ao fato de que nada foi escrito em línguas germânicas antes que se pusessem a trabalhar pessoas familiarizadas com a erudição greco-latina; e (4) por confundir assuntos que, embora possam ser afins, são diferentes em sua origem, em seu propósito e em

sua inspiração, como, as Parcas e as Valkyrjur, ou tecer e fiar.

Consideremos uma questão fundamental: tecer. Apesar de constituírem atividades correlatas, tecer e fiar são operações bem distintas (com sugestões imaginativas totalmente diferentes). Mais ainda, tecer implica o uso de uma máquina razoavelmente elaborada (o tear) e de implementos, e não constituía uma atividade estritamente feminina; permaneceu um ofício predominantemente masculino até Bottom e além. A imagem de três velhas irmãs sentadas junto a um tear (ou três teares?) a determinar o comprimento da vida do homem não pode ter sido uma ideia primitiva. Por outro lado, fiar (a produção de fios) era uma atividade muito mais antiga, associada sobretudo às mulheres (como ainda nos recordam "*distaff side*"[56] e "*spinster*"[57]). [Os nomes gregos das Parcas (*Moirai*, em latim *Parcae*) eram Clotho, Lachesis e Atropos. Clotho é "a Fiandeira" que fia o fio da vida;] Lachesis, "repartição, quinhão", é o comprimento determinado desse fio; mas Atropos, a "indesviável", simplesmente representa a inexorabilidade do quinhão, que nenhuma vontade humana pode alterar. Seja como for, a alegoria trata do comprimento da vida humana, e não se trata de uma alegoria "histórica" geral. Nada sabemos sobre a antiga "mitologia" itálica, mas as palavras itálicas relativas a "tecelagem" não aparecem nunca em tal área do pensamento. Os usos literários são derivados do grego. O latim *Parca* era originalmente singular. De acordo com Walde, provavelmente é o nome de uma divindade envolvida com o nascimento (*parere*) – a ancestral, por assim dizer, da fada-madrinha nos batizados.

569 ss.; *696 ss.

[Aqui é mais simples seguir o comentário a partir do texto em inglês antigo, que apresento junto com a tradução de meu pai.

Ac him Dryhten forgeaf
wígspéda gewiofu, Wedera léodum,
frófor ond fultum, þæt híe féond heora
ðurh ánes cræft ealle ofercómon,
selfes mihtum. Sóð is gecýþed,
þæt mihtig God manna cynnes
wéold wídeferhð. Cóm on wanre niht
scríðan sceadugenga. Scéotend swæ´fon,
þá þæt hornreced healdan scoldon,
ealle bútan ánum. Þæt wæs yldum cuþ,
þæt híe ne móste, þá Metod nolde,
se scynscaþa under sceadu bregdan,
ac hé wæccende wráþum on andan
bád bolgenmód beadwa geþinges.

[569] Yet God granted them a victorious fortune in battle, even to those Geatish warriors, yea succor and aid, that they, through the prowess of one and through his single might, overcame their enemy. Manifest is this truth, that mighty God hath ruled the race of men through all the ages.

There came, in darkling night passing, a shadow walking. The spearmen slept whose duty was to guard the gabled hall. All except one. Well-known it was to men that, if God willed it not, the robber-fiend no power had to drag them to the shades; but he there wakeful in his foe’s despite abode grimhearted the debate of war.

[571] Porém Deus lhes concedeu uma sorte vitoriosa em combate, a esses mesmos guerreiros gautas, verdadeiro socorro e auxílio, para que eles, pela proeza de um e por seu poderio singular, sobrepujassem o inimigo. É manifesta esta verdade, de que o poderoso Deus governou a raça dos homens por todas as eras.

Chegou, atravessando a noite escura, uma sombra ambulante. Dormiam os lanceiros, cujo dever era guardar o salão de empena. Todos, exceto um. Os homens bem o sabiam que, se Deus assim não quisesse, o demônio salteador não teria força para arrastá-los às sombras. Mas ele, ali, acordado a despeito do inimigo, aguardava com o coração agitado o embate da guerra.]

Ressalte-se que não há interrupção ou "solavanco" em *bregdan* *707 [uma referência à pontuação no texto de Klaeber: *bregdan;* **-**]: *ac* refere-se precisamente ao que está dito ali, mesmo que *he* seja, é claro, o "um" (*ánum* *705) que sozinho ficou desperto e alerta. *Þæt wæs yldum cúþ* não é uma mera repetição maçante da mesma ideia já expressa em *700 ss., *Sóð is gecýþed* [...]. A moralização do poeta pode não estar de acordo com nossa forma de pensar em geral, ou especificamente nesse caso. Eu preferiria que ele não tivesse inserido *Þæt wæs yldum cúþ* [...] *under sceadu bregdan* em sua notável descrição da chegada de Grendel. Ainda assim, a inserção tem seu valor. Faz parte da caracterização do herói Beowulf, e combina com *Wyrd oft nereð* etc. [ver nota a 465-6]. Ao mesmo tempo, reforça *696-9 (anterior): a reflexão de que Deus age através dos homens e seus poderes (que Ele provê). *Sóð is gecýþed* é uma "exclamação" do autor para você, que supostamente compartilha sua religião, apesar de talvez não ter refletido muito a respeito dela. Mas depois retornamos à história: *Þæt wæs yldum cúþ* significa "era então reconhecido de

modo geral” e, portanto, pelo próprio Beowulf. *Mas* ele acreditava em *ellen* [ver nota a 465-6], e não se deitou simplesmente “resignado”. Sua força era dádiva de Deus (“*God’s grace to him*” [graça de Deus para ele] 546-7, *Metodes hyldo* *670), e ele pretendia usá-la, mesmo que, como último recurso, o resultado estivesse nas mãos Dele. Fazia parte de seu *ellen* o fato de seu coração não estar repleto de medo, e sim de ira. Tudo o que aprendera sobre o monstro, desde que chegara, fizera que odiasse Grendel ainda mais e o deixara mais decidido a derrotá-lo.

[A partir deste ponto, o texto prossegue por várias páginas adicionais, certamente escritas, creio, ao mesmo tempo que a nota precedente; mas elas foram separadas mais tarde por meu pai com este título:]

Digressão sobre referências ao poder de Deus como ordenador de eventos (Metod) em *Beowulf*, especialmente com respeito a *700-9 [572-9]

[Há também uma versão datilografada desse texto, intitulada apenas DIGRESSÃO, uma cópia do manuscrito de notável exatidão e praticamente sem qualquer divergência de nenhum detalhe. Parece tão improvável que um copista tenha feito isso quanto que meu pai tenha copiado um texto seu sem fazer a menor alteração.]

Não pode haver dúvida de que, como o autor de *Sir Gawain and the Green Knight*, o autor de *Beowulf* estava profundamente interessado no “código” contemporâneo da classe aristocrática, em seus valores e pressupostos, e toda a sua história é contada tendo-os em mente, mas com atitude crítica. Também, como o poeta posterior, ele percebia vivamente a história que estava contando (com monstro e tudo) em si, e contou-a muito bem[58], moral à parte, com uma compreensão igualmente clara do caráter de seus atores. Mas é evidente que a diferença entre os dois poemas é muito grande. Primeiro, os dois tratam de aspectos relativos a moralidade e “código” totalmente diferentes. Segundo, o poeta posterior raramente se dirige à

sua plateia, nem faz comentários. Ele lidava com um problema muito mais simples, do ponto de vista do tratamento literário, dirigindo-se a uma plateia "cristã", a membros de uma religião estabelecida havia muitas centenas de anos, e não se preocupava com seus fundamentos, e sim com uma excrescência ou "heresia" que era ou fora corrente, "na moda". Criticava a imagem do "homem honrado", como ela ainda aparecia nas mentes dos homens de estirpe e criação. A história que contou, em parte por seu caráter intrínseco, em parte por sua habilidade em moldar sua versão, era muito mais adequada ao seu propósito, e a "moral" ou as "morais" surgiam naturalmente das ações e falas de seus personagens. Suas raras intromissões pessoais são principalmente as de um simples narrador que diz "vou agora contar isto" ou "vou deixar aquilo de lado" – com uma exceção importante: o longo trecho 624-665[59], onde é apresentada a imagem do "cavaleiro perfeito" do autor e são descritos os seus "valores".

Mas o autor de *Beowulf* escrevia para uma sociedade em que o cristianismo não se estabelecera havia muito tempo, apenas algumas gerações, talvez; e na qual os reis e os nobres conheciam e honravam os nomes de seus ancestrais pagãos, não tão remotos. Seus *scops* e *þyles* ainda lembravam e narravam histórias e contos, mais longos ou mais breves, oriundos de um tempo de puro paganismo. O cristianismo pouco fizera, na classe nobre, para amenizar os sentimentos por trás do código de honra. Coragem física (e pura força corporal), altivez, um individualismo selvagem que não tolerava humilhação e o dever (e o prazer) da vingança eram as principais características do "homem honrado". As crenças principais em um só Deus, criador e soberano de tudo, talvez insondável em Suas decisões neste ou naquele caso, mas ainda assim "benévolo" com todos os homens, e com cada

homem em particular, e em uma vida no além não haviam destronado o Destino, inexorável, desinteressado do bem e do mal, nem a oposição a ele feita pelo orgulho inflexível, pela vontade própria, com a recompensa de *dóm*: glória, o louvor dos homens (não do Juiz), agora ou no além. É claro que o destino e a glória nunca foram completamente destronados, mas é uma questão de grau.

A intensidade do "sentimento" e seu poder sobre as ações e a aprovação delas por uma classe nobre belicosa, até (digamos) perto do início do século IX, dificilmente podem ser avaliados agora. A história que o poeta escolheu contar (e todo o seu pano de fundo em contendas e ódios pessoais e nacionais) estava impregnada deles, assim como a própria linguagem que ele tinha de usar. Era uma boa história, em grande parte já conhecida e popular entre o tipo de homens aos quais ele se dirigia. Mas está bastante claro que ele a recontou com um objetivo, o qual, junto com a mudança de valores que ele pretendia, pode ser brevemente representado assim:

"Existe um Deus, soberano supremo do mundo, e verdadeiro Rei de toda a humanidade. Através Dele todos os eventos (*wyrd*) são governados [*acrescentado depois no manuscrito:* pois Ele é o Metod, o Ordenador]. Dele provêm todas as coisas boas e dádivas (inclusive a coragem e a força). Sempre foi assim. Era assim nos dias dos pais de vossos pais. Ainda mais, eles o sabiam, bem como todos os descendentes de Adão, exceto quando seduzidos pelo Demônio, ou caindo em desespero em tempos ruins. Homens bons e sábios daqueles tempos temiam a Deus e Lhe agradeciam.

"Eis o grande guerreiro Beowulf. Vós o admirais. Ele merecia isso. Deus lhe deu a espantosa dádiva de uma força sobre-humana, a qual ele reconhecia como dádiva. Quando menino, ele naturalmente era temerário e imprudente, gostava de exibir sua força. Mas agora ele chegou à idade

adulta. Ainda é altivo e autoconfiante, nada anormal em alguém tão indômito, mas está cônscio de Deus. Observareis que, apesar de ávido por glória e pela aprovação dos homens bons, a autoexaltação não é o que o move. Pode merecer glória por seus feitos, mas todos eles de fato são realizados como serviço aos demais. Seu primeiro grande feito é sobrepujar um monstro que levou desgraça inenarrável a Hrothgar e sua gente: Grendel, um *féond mancynnes*. Seus outros feitos são realizados como serviço a seu rei e a sua gente: ele morre em defesa deles. Beowulf não é a primeira preocupação de Beowulf. Ele é leal, mesmo em desvantagem. A lealdade, vós também a admirais, apesar de ela ser menos praticada hoje em dia do que a coragem e a competição.

"Ele era primo do rei. Quando Hygelac lançou fora sua vida e a maior parte de sua força de combate numa temerária incursão em território franco, só deixou um herdeiro, um menino, Heardred. Beowulf era o principal nobre e o maior guerreiro do reino, mas ele (ao contrário de Hróðulf, de quem as histórias fazem grande caso) não tentou pô-lo de lado, apesar da iminência de um terrível combate contra os suecos. Sucedeu ao trono só quando esse povo havia assassinado Heardred. Ajudou a reestabelecer o reino. Morreu livrando-o de um monstro maior e mais terrível do que Grendel.

"Esta, então, é a história de um grande guerreiro de outrora, que usou as dádivas que Deus lhe deu, de coragem, força e linhagem, de maneira justa e nobre. Pode ter sido feroz na batalha, mas no trato com os homens não foi injusto nem tirânico. Foi lembrado como *milde* e *monðwæ´re* [nos últimos versos do poema]. Viveu muito tempo atrás, e em seu tempo e no seu país não haviam chegado notícias de Cristo. Deus parecia estar longe, e o Demônio, perto. Os homens não tinham esperança. Ele morreu com pesar, temendo a ira de Deus. Mas Deus é

misericordioso. E para vós, que hoje são jovens e impacientes, a morte também virá um dia, mas vós tendes a esperança do Paraíso. Se usardes vossas dádivas como Deus quer, *Brúc ealles wel!*”[60]

Mas, para apresentar essa “mensagem” na sua época, o poeta precisava mencionar constantemente sua história, recordando Deus como Soberano, Doador e Juiz. Pode ter feito isso mais do que o necessário, ou mais do que nos parece necessário, em alguns lugares até de forma pouco razoável, mas ele não estava escrevendo para nós. Há pouca dúvida de que aquilo que escreveu causou uma grande impressão em seu tempo e continuou sendo lido muito tempo depois. Uma recompensa (que ele mal podia ter esperado) foi-lhe concedida: sua obra haveria de ser a principal peça de poesia em inglês antigo a sobreviver às ruínas do tempo, ainda proveitosa para os homens lerem por seu próprio mérito, muito além do valor que adquiriu como janela para o passado. Uma punição por seus pequenos defeitos (que ele não merecia) é que homens ignorantes, mesmo da sua própria fé, zombem do poema ou o chamem de “café pequeno”. O fato de agora sua obra não poder ser lida sem dificuldade, nem compreendida e valorizada em detalhes sem muito esforço, deve-se sob Deus a *wyrd*, a sina dos homens de viverem brevemente num mundo onde tudo murcha e é esquecido. A língua inglesa mudou – mas não necessariamente melhorou – em mil anos. *wyrd* delegou ao esquecimento quase toda a sua parentela. Mas *Beowulf* sobrevive, por algum tempo, enquanto a erudição possui alguma honra em sua terra. E por quanto tempo será isso? *God ána wát*[61].

627 *a ghastly fear*; *769 *ealuscerwen*

O sentido geral do trecho está claro. O sentido contextual de *ealuscerwen* está definido dentro de limites

bastante estritos, e deve significar algo como “horror”. Mas trata-se de um bom exemplo da dificuldade com que às vezes nos deparamos ao descobrir a etimologia e o significado original, o sentido e as associações contemporâneos de uma palavra que (provavelmente por acaso) ocorra só uma vez em inglês antigo. “Sobre todos os daneses, sobre moradores do vilarejo, sobre todos os corações audazes, sobre todos os homens, caiu *ealuscerwen.*” Notamos que, como é usual, o narrador insere no meio da descrição do que está acontecendo *dentro* do salão um breve “instantâneo” do que ocorre fora dele. Há um terrível alarido em Heorot. É ouvido em todas as casas do *burg* real agrupado na vizinhança. Os daneses, por muito que sejam *céne*, sentem *ealuscerwen* ouvindo-o. Depois, após uma calmaria, quando Beowulf e Grendel combatem, o ruído irrompe outra vez, e os daneses sentem *atelíc egesa* (*784, “*dread fear*” [medo pavoroso] 639-40). *ealuscerwen*, portanto, provavelmente quer dizer algo como *atelíc egesa*, “pavor horrível”.

Mas como é que essa palavra, um composto que tem como primeiro elemento *ealu*, “cerveja escura”, assume esse sentido? Aqui *ealu* significa “cerveja escura”?

Sim, significa. Quer originalmente tenha significado “cerveja escura” ou não, acredita-se que *ealu-* fosse idêntico à palavra comum *ealu*, “cerveja escura”. Isso é demonstrado em um trecho do poema *Andreas* [uma lenda apócrifa de Santo André]. Este trecho (*Andreas* 1524-7) descreve a aniquilação dos marmedônios pagãos e canibais por uma enchente milagrosa: *fámige walcan/ mid æ´rdege eorðan þehton;/ myclade mereflód; meoduscerwen wearð/ æfter symbeldæge* [“as ondas espumantes ao raiar do dia cobriram a terra; a enchente de água ampliou-se; houve *meoduscerwen* após o dia do banquete”]. Não podemos duvidar de que as expressões “mead”-*scerwen*, “de hidromel”, e “ale”-*scerwen*, “de cerveja escura”, ambas

remetendo a “pesar” ou “horror”, são aparentadas. *Andreas* claramente imita *Beowulf* em certos trechos. Esse pode ser um deles. Nesse caso, a comparação mostra que poeta de *Andreas* conhecia *ealuscerwen* de *Beowulf*, tomou *ealu* por “cerveja escura” e produziu uma variante, *meoduscerwen*, confiando no conhecimento que seu público tinha de *Beowulf*.

Mas as situações, em *Andreas* e *Beowulf*, não são realmente semelhantes, e podemos ir mais além: a não ser que em *ealuscerwen* fosse claramente entendido, pelos que ouviam os versos em inglês antigo, que o sentido de “cerveja escura” estava relacionado com o sentido de “pesar/horror” do composto, seria forçado, para não dizer ridículo, criar uma mera variante imitativa com “hidromel”.

Portanto, o problema da interpretação realmente não é afetado pelas relações entre *Andreas* e *Beowulf*, ou pela questão relativa ao fato de *Andreas* estar simplesmente imitando *Beowulf*, ou se ambos extraíam em comum do estoque herdado de palavras poéticas do inglês antigo, e de descrições de medo e desgraça em inglês antigo, seguindo-se ao júbilo e ao banquete. A chave do problema, portanto, está em *scerwen*.

[Meu pai achava provável que *scerwen* fosse um substantivo abstrato derivado do verbo *scerwan*, registrado apenas na forma composta *be-scerwan*, “privar”. Verbos provavelmente aparentados, sem o elemento *w*, como no I.A. *scerian*, *scirian*, têm o significado de “distribuir, designar”. Mas, ao notar que a palavras com o sentido de “retirar, privar, roubar” pode-se acrescentar o prefixo *be-* com mudança de construção e não de sentido, ele concluiu que um possível significado do elemento *scerwen* era “arrancar, roubar, privar”, e deu a sua opinião de que *ealuscerwen* e *meoduscerwen* significam basicamente “corte, privação de cerveja escura ou hidromel”.]

Essas palavras assumiram o sentido de “horror e pesar” não apenas de modo grosseiro, porque um anúncio informando “não temos cerveja hoje à noite” num antigo salão inglês causaria horror e pesar (ou mesmo pânico),

mas porque *ealu* e *meodu* eram símbolos do júbilo e do prazer da paz, da vida no melhor que ela tem, breve e passageiro. Assim, na abertura do poema diz-se que Scyld "negou os bancos de hidromel" aos inimigos. Isso não quer dizer que ele entrou marchando e arrancou os assentos de baixo dos inimigos, mas que foi transtornada toda a vida, a paz e a honra dos reis e senhores que se opunham a ele, cada um em seu próprio salão.

Se essa interpretação está correta, então de fato o uso em *Andreas* está mais próximo do emprego original, mais simples, e em *Beowulf* está mais distante. E a ocorrência desses dois *hapax legomena* [palavras registradas apenas uma vez] em *Andreas* e *Beowulf* não é evidência da relação direta entre os poemas. *meoduscerwen æfter symbeldæge*: um rude fim do júbilo após a alegria, esse é o tipo de frase na qual "privação de hidromel ou cerveja escura" assumiu seu sentido de desgosto e horror. Em *Beowulf* houve um banquete, mas sua descrição aparece muitos versos depois. E "um rude despertar" na verdade não combina muito bem com o contexto. A chegada de Grendel era esperada. Seus ataques haviam durado doze anos. O que causou o *ealuscerwen* foram seus gritos hediondos e o alarido da cruel batalha no salão.

Outras explicações se ajustam ainda menos. Por exemplo, "repartição de cerveja" [ver nota editorial anterior], usado ironicamente como "bebida amarga". Outra vez o trecho de *Andreas* é muito mais adequado: os pagãos estão se afogando. Mas ainda creio que essa explicação é impossível. *meodu* e *ealu* são bons símbolos e não podem simplesmente ser usados para significar o contrário. O uso de *Beowulf* seria incrível. Se *meoduscerwen* significasse "distribuição de hidromel", então, em tal contexto, qualquer poeta inglês antigo teria inserido uma negativa, ou um adjetivo com sentido negativo, como de fato vemos mais

adiante no mesmo trecho de *Andreas*, *Þæt wæs biter béorþegu*, 1533: “esse foi um amargo beber de cerveja”.

687-8 *had dragged his footsteps, bleeding out his life*; *846 *feorhlastas bær*

“Carregou seus rastros de vida” – o que isso quer dizer? Provavelmente, “arrastou uma trilha marcada com seu sangue vital”. *feorh* significa vitalidade ou princípio vital, e cada parte ou elemento em que este reside. Cf. *2981 *wæs in feorh dropen*, 2503 “*he was stricken mortally*” [foi atingido de morte]; e para um trecho onde *feorh* parece evidentemente significar “sangue” cf. *1151-2 *Đá wæs heal roden féonda féorum*, 944-5 “*then was that hall reddened with the life-blood of their foes*” [Então aquele salão ficou rubro com o sangue vital de seus inimigos].

691-2 *doomed to die he plunged*; *850 *déaðfæ´ge déog*

[A palavra *déog* não ocorre em nenhum outro lugar. Meu pai examinou as tentativas de identificá-la ou substituí-la e concluiu que “o melhor que se pode fazer” é supor que seja uma corruptela de *déaf* , “mergulhou, mergulhara”, passado singular de *dúfan*.]

705-10; *867-74 [Trecho acerca da composição dos versos]

Essa é uma referência interessante (e única em inglês antigo) ao modo de composição aliterante. (Compare o interessante trecho 1767 ss., *2105 ss., no qual é descrito o desempenho de Hrothgar como narrador e cantor. Ele trata do tipo e do conteúdo das composições “literárias”.) É claro que esse trecho atraiu a atenção e teve várias traduções e interpretações, algumas delas errôneas na minha opinião, em especial as que comparam o excerto de *Beowulf* com o famoso fragmento de *Sir Gawain and the Green Knight*,

versos 30-6. Deveriam ser comparados, no entanto, também os versos 42-4 do prólogo do *Conto do pároco*, de Chaucer.

[*Beowulf* *867 ss. Hwílum cyninges þegn
guma gilphlæden, gidda gemyndig,
sé þe ealfela ealdgesegena
870 worn gemunde, word óþer fand
sóðe gebunden; secg oft ongan
síð Béowulfes snyttrum styrian,
ond on spéd wrecan spel geráde,
wordum wrixlan;

tradução 705-10

At whiles a servant of the king, a man laden with proud memories who had lays in mind and recalled a host and multitude of tales of old – word followed word, each truly linked to each – this man in his turn began with skill to treat in poetry the quest of Beowulf and in flowing words to utter his ready tale, interweaving words.

711 Por vezes um servo do rei, homem carregado de altivas lembranças que guardava canções na memória e relembrava abundância e variedade de contos de antanho – palavra seguindo palavra, cada uma de fato ligada à outra –, esse homem, por sua vez, começava com habilidade a tratar em poesia a demanda de Beowulf e a exprimir em versos fluentes sua pronta história, entretecendo palavras.

Sir Gawain 30-6 IfZe wyl listen þis laye bot on little quile,
I schal tele hit astit, as I in toune herde with tonge,
As hit is stad and stoken
In stori stif and stronge,

With lel letteres token,
In londe so hatZ ben longe.

tradução (J. R. R. T.), […]

estrofe 2 as it is fixed and fettered
in story brave and bold,
thus linked and truly lettered
as was loved in this land of old.

[…]
como está fixado e preso
em conto bravo e audaz,
assim verdadeiramente ligado e letrado
como apreciavam nesta terra antigamente.

The Parson's Prologue But trusteth wel, I am a Southren man,

42-4 I kan nat geeste "rum, ram, ruf," by lettre,
Ne, God woot, rym holde I but litel bettre;

Prólogo do Pároco Mas prestai atenção, sou homem do sul,

42-4 Não consigo compor "rum, ram, ruf," por letras,
Não, Deus sabe, faço rimas só um pouco melhor;

A análise e a comparação dos dois excertos (contemporâneos) em inglês médio pertencem principalmente aos estudos do inglês médio e têm como núcleo o uso de *lel letteres* em *Sir Gawain* e de *by lettre* no *Conto do pároco*: a origem de nosso termo moderno (e inexato) “aliteração”. Era um uso que, evidentemente, surgiu de uma competição e de um debate, no século XIV, entre a “aliteração” e a “rima” como recursos estruturais nos versos. Não havia tal competição ou debate nos tempos do inglês antigo. É claro que a rima agradava ou atraía a atenção dos ouvidos dos poetas. A rima vocálica e a rima consonantal (*flo¯d/blo¯d* ou *sund/sand*) eram usadas ocasionalmente, mas como adorno ou efeito especial, não estruturalmente. A aliteração era tida como coisa normal. Portanto, não podemos presumir apressadamente que ela está referida em *Beowulf.* Poderia estar, mas, *prima facie*, não é provável que estivesse.

À primeira vista, existe uma semelhança entre as expressões *with lel letteres loken* e *word óþer fand sóðe gebunden* que não escapou à atenção. Essa semelhança por vezes amplia-se ao se considerar *word óþer fand sóðe gebunden* uma afirmação parentética, supostamente deste tipo: “uma palavra levava a (encontrava) outra verdadeiramente ligada (a ela)”. Mas isso fracassa antes mesmo de considerarmos *sóðe gebunden* porque *cyninges þegn* *867 fica sem verbo – *secg eft ongan* claramente inicia uma nova sentença – e porque, apesar de *word óþer* ser inglês antigo adequado para “uma palavra x outra palavra”, o uso de *fand* (com sujeito *word*) no sentido suposto é bastante questionável em qualquer contexto. Num contexto literário, referindo-se expressamente à composição poética, o verbo *fand* sem dúvida deve ter como sujeito “menestrel/poeta”, que “encontra, inventa, faz”. Não pode haver dúvida de que a pontuação com ponto e vírgula em *gebunden* está correta. O sujeito é *þegn*, *guma gilphlæden*

que, versado em antigas baladas e tradições, agora é mostrado como tendo criado “outras palavras”, um novo elogio poético que não constava em seu repertório anterior como tal, apesar de, como vemos, ele fazer extensas referências a seu *ealdgesegena* (*869) acerca de Sigemund e Heremod.

No entanto, seja como for, e com qualquer pontuação, *sóðe gebunden* não pode, creio, referir-se à “aliteração”, nem ser comparado com *lel letteres loken*, como muitas vezes se supõe (cf. Klaeber, nota ao verso *870 ss.: “para a verdadeira ‘ligação’ aliterante, *sóðe gebunden*, cp. *Sir Gawain and the Green Knight* 35: *with lel letteres loken*”). Se for traduzido para “verdadeiramente ligado”, uma falsa semelhança (para falantes do inglês moderno) é criada com fixado (= ligado) “lealmente”[62], pois *treowe*, *trewe*, *true*, “confiável, verdadeiro”, equivalem mais ou menos a *leël*, *lel* (*leial*, *loial*). Mas, se o inglês moderno confundiu *verus* e *fidelis*, *sannr* e *tryggr*, *wahr* e *treu*, o inglês antigo não o fizera ainda: I.A. *sóð* não é equivalente a *treowe*, *triewe*. Seu sentido usual e principal é *verus*, (o que é) verdadeiro de fato, na realidade, (o que está) de acordo com a verdade. O sentido de *sóðe gebunden* no verso *871 não pode ser “verdadeiramente e de fato ligado”, mas deve estar relacionado com esse sentido básico. *sóðe* provavelmente não é advérbio, e sim o instrumental do substantivo (= mais tarde *mid sóðe*). Em todo caso, a junção ou união [? presente] não é de domínio externo, mas sim de referência à “verdade” (veracidade): justamente. Isto é, trata-se de uma ligação, não de *métrica,* mas de *dicção*: muito provavelmente uma alusão à propriedade dos sinônimos ou equivalentes usados no estilo de versificação “ligado” do inglês antigo, que devia compartilhar uma correspondência real e justa com a coisa ou ação de que se fala – outro aspecto da característica do verso aliterante, mais tarde descrita como *wordum wrixlan* (*874). *sóðe gebunden*

descreve a verdade e correção dos termos usados, *wordum wrixlan* descreve a real variação das palavras (com diferentes sons e efeitos métricos). É de tais questões, da correção e homogeneidade do uso de sinônimos e "*kennings*", que se ocupa grande parte do *Skáldskaparmál* em nórdico antigo.

Desaparece assim o paralelismo estreito entre os trechos de *Beowulf* e *Gawain*. A preocupação dos antigos menestréis da corte com sua arte, muito mais polida e sofisticada, dizia respeito ao estilo; os poetas aliterantes do século XIV preocupavam-se sobretudo em conservar seu *rum-ram-ruf* nativo. Mas continua sendo muito interessante que os dois autores mais talentosos a usar o verso inglês "aliterante", e cuja obra foi preservada, se sentissem motivados a fazer uma alusão ao seu meio poético.

[A tradução dos versos *870-1 feita por meu pai, citada no começo desta nota, "palavra seguindo palavra, cada uma de fato ligada à outra", interpreta as palavras do inglês antigo na maneira à qual ele se opôs firmemente aqui, mas o texto da tradução não foi alterado posteriormente.]

708 ss.; *871 ss. [*Síð Béowulfes*: A demanda de Beowulf]

Obviamente, é impossível discutir plenamente em uma "nota" essas duas referências à "matéria" heroica no elogio do poeta a Beowulf: Sigemund e Heremod.

Os aspectos que podem ser enfatizados são estes. (1) o resumo do conteúdo do elogio, Sigemund e Heremod, é uma história (ou histórias) dentro de uma história (o elogio) dentro de uma história (*Beowulf*). Portanto, é "superficial" para nós, que gostaríamos de saber mais; não há dúvida, porém, que ele destaca os "pontos altos" para aqueles que *sabiam*: cada frase tinha um ponto.

(2) A balada relatada só termina na linha 747 (*915). Sigemund e Heremod estavam interligados na imaginação

dos homens, nem que fosse apenas como exemplos supremos de *wrecca* (ver a nota a 731, *898). O final é de fato "superficial", com a conclusão retornando outra vez a Beowulf. Podemos supor que o menestrel disse, ou teria dito na vida real, mais do que: "Esse aí, Beowulf, demonstrou ser mais satisfatório para a humanidade e seus amigos; o outro estava possuído pela perversidade." Mas o começo simplesmente está ausente, porque essa é apenas uma história dentro de uma história, e *síð Béowulfes* foi contado a vocês[63].

(3) A história de Sigemund sobrevive como parte da lenda germânica mais renomada e longeva – o complexo *Völsunga saga/Niebelungenlied* [*Saga dos Volsungos/Canção dos Nibelungos*] – e, portanto ainda resta bastante para convidar à comparação (e à perplexidade). A dificuldade da lenda de Heremod é do tipo contrário. Provavelmente pela própria razão dada aqui (734-5, *901-2), porque a fama de Heremod foi eclipsada pela de Sigemund, essa lenda se perdeu, havendo apenas alusões a ela. Porém, quando *Beowulf* foi escrito, ela evidentemente ainda era bem conhecida na Inglaterra.

(4) Em conteúdo e estrutura, o sumário relatado ilustra o modo (de que o próprio *Beowulf* é um exemplo) como poetas *gilphlæden*, na composição de tais elogios ou baladas que enaltecem as virtudes de um herói escolhido, sem dúvida aprovado por seu público, lançavam mão de *ealdgesegene* para enfeitar e destacar, através de contraste, sua descrição da figura central (para essas palavras em I.A. ver comentário).

(5) Mas essa é uma balada dentro de uma balada – isto é, um enfeite ou destaque *ficcional* da história de *Beowulf* feito por seu autor. Nosso autor, então (não o suposto poeta contemporâneo), foi quem de fato selecionou as ilustrações, de Sigemund e Heremod. É muito improvável, portanto, que

sua escolha tenha sido aleatória, pois era importante para seus propósitos, em seu poema como um todo. Várias razões podem ser conjecturadas.

Esse último aspecto merece um pouco mais de reflexão. Até onde se pode crer que essas “razões” são apenas “conjecturas”, ou até onde se descobrirá a verdade, isso depende do grau de respeito que se tenha pelo talento artístico (ou ao menos pelo extremo cuidado) com que *Beowulf* foi composto. Esse respeito, creio, amplia-se com o estudo. Seguem-se algumas das razões que podem ser conjecturadas ou percebidas.

(a) Sigemund e Heremod eram ambos *wreccan*, como está implícito em *898-901, *Sé wæs wreccena wíde mæ´rost* [...] (731 “*He was far and wide of adventurers the most renowned*” [Por toda parte foi ele o mais renomado dos aventureiros [...]]). Essa palavra é interessante e importante, e representada de modo bastante inadequado pelas glosas usuais dos dicionários. Beowulf não era precisamente (como sua história é contada aqui) um *wrecca.* Mas sua façanha tinha algo em comum com os feitos de *wreccan*: não foi realizada como ato de dever, e sim com espírito de aventura, e foi efetuada longe de casa, a serviço do rei de outro povo.

(b) Sigemund também era matador de monstros (718-19, *883-4), porém realizou sozinho (723, *888) sua façanha mais conhecida, como na luta corporal entre Beowulf e Grendel.

(c) Ainda mais importante, creio, Sigemund lutou com um dragão e o matou. Sobre esse fato importante, ver a nota a 710-34. Ressalte-se que, se você acreditar (eu não creio) que nosso poeta, seja por “engano”, seja de propósito, relacionou Sigemund à morte de um dragão sem que isso fosse verdade, esse ponto não será enfraquecido, e sim reforçado. Mas penso que *Beowulf* está impregnado de “ironia”, com observações, referências e alusões que, para

serem plenamente compreendidas, é preciso considerar *o poema inteiro*, levar em conta tanto o que se diz ou aconteceu quanto o que irá acontecer. Assim, quando o menestrel aparece cantando seu elogio, Beowulf só tinha lutado com Grendel, porém, antes de completar sua façanha, ele precisará ter a coragem de entrar na caverna de um monstro sozinho e ali derrotá-lo. Ainda, antes de sua vida estar completa, ele irá combater e matar um dragão e morrer na vitória. Sigemund foi (ou era representado como sendo) o mais eminente matador de dragões (com certeza, nos tempos mais antigos da lenda, não se tratava de uma façanha comum). Evidentemente, ao exaltar Beowulf, o menestrel de Hrothgar assemelhou-o a Sigemund, mas não sabia que Beowulf haveria de enfrentar um dragão no final, por um motivo diferente (o de Sigemund é representado como saque, 726-9, *893-6) e com resultado diverso. Provavelmente, nunca conseguiremos saber se essa "ironia" foi introduzida para a satisfação do próprio poeta (e para os mais perceptivos dentre seus ouvintes ou leitores, quando tivessem ouvido o poema inteiro) ou se podia ser reconhecida de imediato (isto é, porque o fim de Beowulf e/ou do reino gauta em um combate de dragão já fazia parte da lenda antes que nosso poema tivesse sido composto). Mas parece-me impossível crer que tenha sido acidental, que Sigemund, como matador de dragão, tenha sido tomado como principal figura de comparação, sem nenhuma referência ao fim de Beowulf (fosse conforme planejado por nosso poeta ou como consagrado através da lenda).

(d) Heremod é apresentado porque esses dois grandes vultos, Sigemund e Heremod, já estavam associados em histórias de *wreccan.* Outra razão é que ele era danês, e essa é uma canção feita por um menestrel da corte de Hrothgar, e sua lenda, evidentemente, tratava de perto a ascensão e a origem da linhagem de Healfdene. O

desastroso declínio e queda de Heremod havia terminado na dinastia anterior e deixado o interregno (aludido nas linhas 12-13, *14-16). E, é claro, porque seu declínio à perversidade[64] dava um bom desfecho "por contraste escuro" ao caráter de Beowulf. A ironia está presente mais uma vez. O bardo cantava sobre um jovem e, apesar de em seu elogio atribuir ao herói todas as virtudes régias, não podia saber que Beowulf iria (como sabia o autor) terminar com os louvores: *manna mildust ond monðwæ´rust, léodum líðost ond lofgeornost*. Comparem-se as palavras do velho rei, sábio e paternal, que outra vez alude a Heremod (1435-49, *1709-24), mas se dirige a um jovem no entusiasmo de seu duplo triunfo e lhe apresenta Heremod como advertência exemplar: "Aprende com isto, e compreende o que é a virtude generosa!" *Đú þé læ´r be þon, gumcyste ongit!*

Hrothgar era um rei velho e sábio, e podia fazer tal advertência. Ele nada mais tinha a ganhar e já recompensara Beowulf com cortesia régia e com presentes principescos, aos quais estava prestes a acrescentar "doze objetos preciosos" na despedida (1566, *1867). É bem possível que o menestrel não fosse tão sincero. Membros do seu ofício estavam acostumados a sugerir, indiretamente ou, na maioria das vezes, diretamente, que a virtude da generosidade na recompensa por serviços prestados poderia muito bem ser praticada de imediato, possivelmente com bons efeitos sobre composições futuras. Beowulf não podia (à vista dos presentes e do ouro que recebera)[65] alegar como Gawain: *that he had no men wyth no maleZ with menskful þingeZ* (1809; "nenhum portador com bagagem e coisas belas", estrofe 72). Ele só podia fazer um cortês agradecimento pelos serviços. Recompensou o guarda costeiro com uma espada (um presente muito importante). Tantas coisas costumeiras foram omitidas que

fica difícil duvidar de que o *guma gilphlæden* também tenha sido “lembrado”.

(e) Um último aspecto pode ser vislumbrado na curiosa repetição da “sombria figura” de Heremod (pelo menestrel e pelo rei), vestígio de uma tradição mais antiga e mais histórica acerca da dinastia de Heorot: de Healfdene e seus filhos. É como escutar com insistência sobre a perversidade de Ricardo III numa corte Tudor. A ausência de um ancestral histórico entre Healfdene e o mítico Beow, além de seu nome peculiar, é uma indicação forte de que ele era um “homem novo” e, na melhor das hipóteses, não descendia direta ou claramente dos reis precedentes. Sem dúvida, como outros intrusos de sucesso, uma vez que estava seguramente estabelecido pela força, apressou-se em justificar sua posição com referência à desordem e à desgraça que o precedeu e, mais tarde, pela invenção de uma genealogia para ele (que se assemelha a uma peça Tudor de origem arturiana).

710-34; *874-900 [O esboço da história de Sigemund]

[Nesta nota, meu pai se voltou para a questão de o extermínio do dragão ter sido atribuído a Sigemund e não a seu filho. Outra discussão que fez sobre esse assunto está relatada em *A lenda de Sigurd e Gudrún*, 2010, pp. 418-422.]

Acho impossível crer que aqui a “matança de dragão” seja atribuída a Sigemund “por engano”. Nessa conexão, o “engano” precisa ser examinado. O que pode significar? Quando usado em relação a um aspecto puramente lendário, como matar um dragão, deve indicar que o crítico imagina que houve, em algum lugar, em algum tempo, uma lenda de Sigemund “verdadeira”, ou pelo menos original ou autêntica, cujas aberrações são “errôneas”. Mas essa suposição é ela mesma errônea, com respeito a qualquer lenda antiga ou conjunto de lendas. Tais coisas nunca

existiram de fato, exceto em poemas ou histórias reais contadas por indivíduos reais, usando, recontando, remanejando o que já tinham ouvido ou lido. Mas, no caso do autor de *Beowulf*, sua versão podia "fugir à normalidade", isto é, podia omitir elementos que, no seu tempo, costumavam ser incluídos numa história de Sigemund, o *wrecca*, ou podia acrescentar fatos que até então não constavam na história. (Nesse caso, é claro, tais fatos com certeza seriam retirados de outras histórias semelhantes.) É provável que seja esse o caso presente?

Não. Primeiro, é bastante improvável que, num resumo da história de Sigemund, incluído por um motivo específico e apresentado como balada de outro menestrel, o autor de *Beowulf* fizesse o conto divergir do que era corrente em seu tempo, num aspecto importante.

Segundo, essa é confessadamente a mais antiga referência à história de Sigemund que existe hoje em dia, mesmo sob o aspecto da data do manuscrito. Assim, é provável que as diferenças que apresenta em relação às formas posteriores do conto sejam devidas a um "arcaísmo", são os relatos posteriores que estão "errados", que alteraram a história.

É claro que nenhuma conclusão definitiva pode ser extraída da ausência, no resumo em inglês antigo, de qualquer referência ao filho de Sigemund ou à sua ligação com os burgúndios e os filhos de Gifeca. Em tal resumo, com tal propósito, o autor de *Beowulf* naturalmente concluiria a referência a Sigemund com sua façanha suprema. No entanto, é provável que a história dos Volsungos (*Wælsinges gewin* 877, 712-3) ainda não estivesse ligada à saga burgúndia. É possível que Sigemund ainda não tivesse recebido um filho, diferente de Fitela[66]. O assunto burgúndio-Átila, no entanto, era bem conhecido na Inglaterra, como demonstram referências nos antigos

poemas *Widsith* e *Waldere*. Para contos populares e recontados muitas vezes, é uma tendência bem conhecida que eles sejam ampliados até se tornarem “ciclos”, absorvendo ou sendo ligados a outras histórias com as quais inicialmente tinham conexões tênues ou até nenhuma conexão. Um dos métodos usados nesse processo é proporcionar um filho ao herói original, seja recém-inventado, seja um personagem de outra história. Em qualquer dos casos, o filho tenderá a viver aventuras semelhantes, com variações, às do pai.

Parece-me que isso aconteceu no caso de Sigemund. Mas a “matança do dragão”, a suprema façanha que transformou seu autor no herói mais renomado do norte, não podia ser duplicada. Foi, portanto, assumida pelo filho. Mas ela não se ajusta tão bem a ele. Em verdade, é desnecessária à sua história trágica, e em alemão está praticamente esquecida. Sigemund, não importa o “núcleo” histórico a que sua história pertença, faz parte de um passado mais remoto, mais primitivo (de fato mais selvagem), em que *eotenas* e *dracan* são mais apropriados. Na *Saga dos Volsungos*, um “centão”[67] feito de diferentes fontes e diferentes baladas, tem-se consciência dessa divisão. Pode-se observar também que, enquanto o nome de Sigemund permanece fixo, o de seu filho, usando o mesmo prefixo *Sige-*, não o é: nas fontes nórdicas, é *Sigurðr* (que seria I.A. *Sigeweard*); nas fontes alemãs, *Sigfrit* (*Siegfried*), que seria I.A. *Sigeferþ*. Seria estranho o nome do exterminador de dragão original, herói principal, não possuir forma fixa.

731; *898 *wrecca*

Fundamentam-se no mundo social e político germânico dos primeiros séculos de nossa era as evoluções divergentes dessa palavra. Por um lado, ao nosso

“*wretch*”[68]; por outro, ao alemão *Rocke*, “cavaleiro valoroso, herói” (de antigamente). Ambas as linhas estavam plenamente desenvolvidas em inglês antigo.

wrecca originalmente significa “eLivros”, um homem expulso da sua terra, por qualquer razão: crime, colapso ou conquista de seu povo ou de sua linhagem principesca, pressão econômica ou desejo de melhores oportunidades e, com frequência (se fosse de alta estirpe), lutas dinásticas entre membros da “família real”. Em *2613 *wræcca(n) wineléasum* (2194 “*a lordless exile*” [eLivros, sem senhor]) aplica-se a Eanmund, filho do rei sueco anterior, Ohthere, expulso por seu tio Onela. Em *898 (731) *sé wæs wreccena wíde mæ´rost* pode-se ver, por outro lado, que um *wrecca* podia conquistar grande renome. Cf. *The Fight at Finnsburg* [O combate em Finnsburg] 25, onde Sigeferþ se gaba de sua condição: *Sigeferþ is mín nama, ic eom Secgena léod, wreccea wíde cúð* [conhecido em toda a parte]. O termo é também aplicado a Hengest, *1137 (“o eLivros” 932). Portanto, pode não significar nada além do fato de que Hengest se tornara nominalmente, por necessidade, “homem” de Finn e aceitava o alojamento oferecido e a sua “manutenção”, mesmo em terra estrangeira. Mas é provável que Hengest já fosse um *wrecca*, um “aventureiro”, um homem que com seu *héap*, sua comitiva pessoal, havia entrado para o serviço de Hnæf, apesar de ser juto. Então, exceto pelo fato de não ser “legalmente” um eLivros, o próprio Beowulf pertencia, nessa ocasião, à classe *wrecca*. Com uma comitiva pessoal escolhida por ele mesmo (*héap* *400, 323; *432, 349), partira, em tempo de paz em sua terra, em busca de aventura e lucro, e ofereceu seu serviço ao rei de outro povo. Seu pai, Ecgtheow, fora *wrecca* em todos os sentidos, tendo sido expulso da própria terra por seus feitos (372-4, *461-2) e tomado serviço com o rei danês (“ele fez-me juramentos” 381, *472).

Mas é claro que, na “vida real”, a posição de um *wrecca* era infeliz. Só um homem de caráter e de muita coragem podia sobreviver por muito tempo em estado de proscrição, que dirá ganhar renome ou fortuna. A maioria desses homens vivia “desgraçadamente” ou perecia. Muitos deles sem dúvida eram proscritos ou eLivross com justiça, por serem homens de mau caráter. Daí, em linguagem não heroica, *wrecca* já significava “*wretch*”, um homem sem lar, desgraçado e infeliz, ou um homem desprezível e malvado.

769-71 *Lo! this may she say, if yet she lives, whosoever among women did bring forth this son among the peoples of earth*; *942-6 *Hwæt, þæt secgan mæg efne swá hwylc mægþa swá þone magan cende æfter gumcynnum, gif héo gýt lyfað*

A “*exclamatio*” *Hwæt* ss. tem sido considerada reminiscência das Escrituras. Mas, de fato, não há nenhuma semelhança verbal próxima entre as palavras de Hrothgar e Lucas 11,27: Bem-aventurado o ventre que te concebeu [...]. A “*exclamatio*”, no entanto, tem aspecto de acréscimo que não se encaixa na situação. Hrothgar sabia tudo sobre os pais de Beowulf, e ele mesmo diz (300-1 ss., *373-5 ss.) que a mãe dele era filha única de Hrethel. Porém, aqui ele diz: “quem quer que seja a mulher que gerou este filho, se ainda está viva”. A dificuldade não pode ser resolvida tornando “geral” a exclamação. Ela está expressa no presente do indicativo. Nessa situação, com Hrothgar sabendo dos fatos, uma expressão geral tomaria a forma: “Eis que qualquer mulher que tenha gerado tal filho haveria de louvar a Deus por esse favor.” *mæg* e *gyf héo g´yt lyfað* (“pode” e “se ela ainda viver”) não se encaixam. A maneira usual de interpretar *þone magan* (“este filho”) é o demonstrativo indicando Beowulf (aqui presente). [Acrescentado posteriormente:] É possível que o louvor da mãe do

vencedor fosse um antigo elemento da lenda popular do “homem forte” e não tivesse sido totalmente assimilado à sua base histórica.

783-5 *Yet rather had I wished that thou might see him here, Grendel himself, thy foe in his array sick unto death!*; *960-2 *Úþe ic swíþor, þæt ðú hine selfne geséon móste, féond on frætewum fylwérigne!*

Isso é com frequência mal interpretado, mesmo por aqueles que têm a obrigação de conhecer a gramática e a sintaxe do inglês antigo. Por exemplo, a antiga “cola”[69] de J. R. Clark Hall diz: “Desejo de coração que tu mesmo (*sic*! por *ðú hine selfne*) pudesses tê-lo visto”, isto é: “Desejo (agora) que tu (Hrothgar) tivesses estado lá então!” Essa (à parte a gramática do inglês antigo) é uma observação ao mesmo tempo tola e insolente. Ainda assim, foi mantida na revisão de Clark Hall por C. L. Wrenn.

Na verdade, Beowulf fala: “Eu teria apreciado muito mais que fosses capaz de ver o próprio Grendel”, querendo dizer (de modo desaprovador): “Sinto muito por só ter um braço para te mostrar; preferiria ter-te apresentado o próprio Grendel, completo – e morto.”

Úþe swíþor: *úþe* é o passado do subjuntivo (de *unnan*), usado em desejo não cumprido ou irrealizável: = “Eu teria ficado mais intensamente satisfeito”; *móste*, também subjuntivo (porque também se refere a algo apenas pensado, não a um fato), é passado devido à sequência de tempos normalmente empregada (como em latim) no I.A. e no inglês moderno. Assim: “Eu teria ficado mais contente se ele estivesse aqui agora”, que se entenderia, portanto, como: “Eu teria ficado mais satisfeito se tu tivesses visto a ele próprio, teu inimigo, em seu equipamento de guerra,

jazendo abatido” (literalmente “exausto do abate”, *fyl-wérigne*, isto é, *exausto* = morto após ter sido derrubado).

on frætewum provavelmente foi usado de modo descuidado, visto que os guerreiros tombados em combate costumavam estar *on frætewum*, a não ser que fossem despojados. Mas é perigoso atribuir tal “descuido” a esse autor. A imagem que Beowulf tinha em mente era a de Grendel completo, mas morto. Ele não usava “armadura” como os homens, mas tinha o equivalente a armas em suas mãos: cada um de seus dedos (como logo ficamos sabendo) possuía uma unha longa, dilacerante como aço. Agora Grendel não está lá inteiro, e parte de seu *frætwe* já foi arrancado.

785-6 *I purposed in hard bonds swiftly to bind him upon his deathbed*; *963-4 *Ic hine hrædlíce heardan clammum on wælbedde wríþan þóhte*

Como demonstra *wæl-*, isso não quer dizer que Beowulf pensava em apanhá-lo vivo e amarrá-lo. É uma perífrase poética (de construção mais admirada na época do que hoje em dia) equivalente a “matá-lo com meus apertos de mão”, elaborada em 786-7 (*965-6), “*that by the grasp of my hands he should be forced to lie struggling for life*” [para que, pelo aperto das minhas mãos, ele fosse forçado a jazer lutando pela vida].

789-90 *I did not cleave fast enough for that*; *968 *nó ic him þæs georne ætfealh*

Essa é uma modéstia apropriada e quase verdadeira. Se Beowulf fosse ainda mais forte, poderia ter segurado o ogro de modo que ele não conseguisse fugir, deixando um braço para trás. Pode observar-se que Grendel só estendeu uma

de suas mãos para agarrar Beowulf (*746, *748; 608-10). Desse modo, Beowulf nunca pôde segurar mais do que uma das mãos antes de Grendel se afastar e tentar fugir.

791-2 *Nonetheless he hath left behind upon his trail his hand and arm and shoulder*; *970-2 *Hwæþere hé his folme forlét tó lífwraþe lást weardian, earm ond eaxle*

Cf. *lífwrаðe* *2877, “sustento da vida” = defesa contra a morte (2419 “*succour of his life*” [socorro à vida]). Assim, aqui, *tó lífwraþe* = “como defesa contra a morte” = “de modo a salvar sua vida (pela fuga)”. Se o braço de Grendel não tivesse se rompido, Beowulf o teria estrangulado. Apesar de não haver sugestão, no relato da luta corpo a corpo (608 ss., *745 ss.), de que a perda de um braço fosse de algum modo desejada por Grendel, como último recurso desesperado para escapar, o uso de *swice* *966, “logrado, fraudado” [*bútan his líc swice*; “*had not his body escaped me*” [se o corpo dele não me tivesse escapado] 787-8], e essas linhas certamente sugerem que tal ideia já fez parte da história.

[Ver-se-á que as palavras *tó lífwraþe* foram deixadas sem tradução no texto datilografado original B(i) e que a omissão não foi consertada depois.]

lást weardian, “guardar a pista”, muito frequente em verso = “ficar para trás”.

797 *the great Day of Doom*; *978 *miclan dómes*

Note-se a referência ao Dia do Juízo (chamado em inglês antigo de *(se) micla dóm*, *dómdæg* e *dómes dæg*), aqui feita pelo próprio Beowulf. Grendel é considerado um “homem” com uma alma que sobrevive à morte – cf. 693 “*yielded up his life and heathen soul*” [entregou a vida e a

alma pagã], *851-2 *feorh álegde, hæ´þene sáwle* –, como descendente de Caim. A ignorância sobre as crenças germânicas, intocadas pelo ensinamento cristão (como o eram, inevitavelmente, antes de poderem ser escritas), torna impossível dizer se as referências a um Dia Derradeiro são puramente cristãs ou não. *Hell*[70] era uma palavra nativa. A punição dos maus é em parte contemplada na "mitologia pagã" nórdica antiga, e o poema *Völuspá* lhes reserva um lugar de tormento. Porém, Hell, como Hades, era a "terra oculta" de todos os mortos, dissociado do conceito odínico de Valhöll [Valhala].

803-5 (sobre as unhas das mãos de Grendel:) *At the tip was each one of the stout nails most like unto steel, grievous and cruel were the spurs upon the hand of that savage thing. All agreed* [...] *984-7 (Ms.) *foran æ´ghwylc wæs steda nægla gehwylc/ style gelicost hæþenes hand sporu hilde/* [verso da página] *hilde rinces egl unheoru æghwylc gecwæð* [...]

O manuscrito evidentemente está em parte corrompido. Na minha opinião, existe *hwylc* demais. Minha suspeita é despertada principalmente pelo primeiro *æ´ghwylc* em *984, que não é necessário ao sentido e está na mesma linha do manuscrito que *gehwylc*. Este último encontra-se em seu lugar idiomático correto; o primeiro, não.

A tentativa de manter as leituras do manuscrito (exceto pelo *hilde* repetido) leva a uma pontuação deste tipo: *foran gehwylc wæs, steda nægla gehwylc, stýle gelícost* [...], "na frente (isto é, na ponta) cada um (dos dedos) era, cada lugar das unhas, semelhante ao aço". Isso não convence. De qualquer modo, são as próprias unhas, projetando-se das pontas dos dedos como espigões, que se assemelham ao aço, não os "lugares das unhas".

Uma maneira de superar essa dificuldade foi encontrada na emenda de *steda* a *stíðra*, genitivo plural, “rígido”. Cf. *1533 *stíð ond stýlecg* aplicado à espada Hrunting (1282 “*steeledged and strong*” [forte e com gume de aço]). Não é possível encontrar nenhuma razão para corromper uma palavra tão conhecida e contextualmente inteligível como *stíðra* para *steda*. A métrica resultante é quase impossível de acreditar. A correção feita pelo cancelamento de *gehwylc* envolve a palavra errada, como sugeri antes. O inglês antigo raramente modifica a ordem idiomática das palavras e, quando um advérbio enfático usurpa o primeiro lugar de uma frase, como *foran*, aqui, o sujeito tem de seguir o verbo. Como consequência, *æ´ghwylc* *984 deve ser uma antecipação mal colocada ou uma corruptela por antecipação de uma palavra que não é nem substantivo nem adjetivo, isto é, não é sujeito. A primeira alternativa implica que uma palavra relativamente paralela a *nægla gehwylc* foi perdida depois de *wæs*. A segunda é mais provável sob todos os aspectos. Eu diria que a palavra real que foi corrompida a *æ´ghwylc* por antecipação é *æ´ghwæ´r*, “em cada ponto”.

O corolário dessa decisão, que mantém *gehwylc*, é que *steda* só pode ser substituído por uma palavra escandida como um monossílabo longo ou duas sílabas breves, produzindo assim um verso E normal[71]. A emenda de longe mais provável, na minha opinião, é *stede-nægla*. A corruptela de *stede* a *steda*, por assimilação antecipatória de terminações verbais, seria um exemplo de um dos erros de transcrição mais comuns, em especial em idiomas flexionados. A palavra *stede-nægl* não ocorre em outro lugar, mas teria um sentido evidente: um prego fixo, cravado na madeira de modo a se projetar como um espigão de ferro. Seria o equivalente de *stedigra nægla*[72].

Assim, chegamos a:

foran æ´ghwæ´r wæs
stedenægla gehwylc stýle gelícost

"Em cada ponta, cada uma das unhas fixas era como um espigão de aço."[73]

egl. Visto que as unhas de Grendel foram comparadas provavelmente a espigões de ferro fixados num poste de madeira e a esporas, é improvável que a palavra *egl* deva ser identificada aqui com *egl*, *egle*, vocábulo que significa "barba de cevada". É muito mais provável que constitua um erro: *eglu*, neutro plural do adjetivo *egle*, "aflitivo, repulsivo".

A tradução final do fragmento, portanto, será:

"(Olharam fixamente a mão posta acima do alto telhado, contemplando os dedos do demônio.) Na extremidade, em cada ponto, cada uma das unhas fixas era como aço, esporas na mão do guerreiro selvagem, horríveis e monstruosas eram elas."

813-15 *Sorely shattered was all that shining house within, from their iron bars the hinges of the doors were wrenched away*; *997-9 *Wæs þæt beorhte bold tóbrocen swíðe/ eal inneweard írenbendum fæst/ heorras tóhlidene*

[Para o texto original de tradução, ver as "Notas sobre o texto da tradução".]

Se considerarmos o contexto e o sentido desses versos, perceberemos que *fæst* não só é metricamente supérfluo, mas destrói o sentido. O poeta fala do despedaçamento de Heorot, não de sua solidez. Pareceria evidente, se bem que

notável, que esse trecho foi corrompido por reminiscência de *773-5: *þæs fæste wæs/ innan ond útan írenbendum/ searoþoncum besmiþod* (631-2 “*stout was it smithied within and without with bonds of iron cunningly contrived*” [fora firmemente trancada, dentro e fora, com amarras de ferro tramadas com astúcia]). Ali, *fæste* é necessário, e é desse trecho que se insinuou no texto do verso *998: deveria ser removido. Deveríamos, portanto, ler, pontuar e traduzir deste modo: *Wæs þæt beorhte bold tóbrocen swíðe/ eal inneweard, írenbendum/ heorras tohlidene* (“*the shining house was all broken up within; the door-hinges were wrenched away from the iron bars*.” [a casa reluzente foi toda destroçada por dentro; as dobradiças das portas foram arrancadas das barras de ferro.]).

Aqui *írenbendum* são as barras de ferro transversais que atravessam a porta, servindo em parte para reforçá-la e unir entre si as diversas pranchas ou vigas, em parte para levar em suas extremidades os anéis ou ganchos (que se ajustam dentro dos ganchos ou sobre eles no batente da porta), os *heorras*. O que está descrito é provavelmente o arrombamento da porta, que se abriu para fora, no esforço de Grendel para escapar, de modo que as barras com anéis foram arrancadas dos ganchos dos batentes (a outra parte das “dobradiças”).

817-18 *No easy thing is it to escape – let him strive who will*; *1002-3 *Nó þæt ýðe byð tó befleonne – fremme sé þe wille*

O contexto geral aponta que é da morte que não é fácil (ou seja, impossível) escapar, mas *þæt* é o indefinido “*it*”[74] e não se refere a nenhuma palavra anterior ou posterior. Um equivalente moderno aproximado seria: “escapar não é fácil”. *fremme* não significa “tentar”. Porém, para fazer a equivalência “não fácil = impossível”, o poeta diz: “aquele que desejar, que alcance”.

1393 *a mighty sword and old*; *1663 *ealdsweord éacen*

Cf. 1307-8, *1560-1: a espada era tão grande que ninguém senão Beowulf poderia empunhá-la. Mas *éacen* provavelmente significa mais do que isso. Ela tinha um poder "extra" [sentido etimológico], sobrenormal, pois está efetivamente demonstrado que matava monstros que haviam feito um encantamento em todas as espadas mortais ordinárias. Cf. 654-5, *801-5.

1395-6 *[I slew[...]] the guardians of the house*; *1666 [...] *húses hyrdas*

Não podemos buscar um refúgio gramatical medíocre para a acusação de "inconsistência" na história, tratando isso como um plural "genérico", como *mécum wunde* *565, *bearnum ond bróðrum* *1074. Por uma razão: esses não são paralelos adequados: *mécum* implica golpes de espada [na tradução, 461]; *bearnum ond bróðrum* provavelmente é uma antiga expressão idiomática gramatical "dual". [A tradução, de maneira muito peculiar, mantém o plural, "de irmãos e filhos", 877.] Mas onde está a discrepância? Grendel teve um ferimento mortal no combate em Heorot e aparentemente morreu de modo miserável no leito antes de Beowulf chegar ao seu covil. Mas, em *1618-19, lemos sobre Beowulf: *Sóna wæs on sunde sé þe ær æt sæcce gebád/ wíghryre wráðra, wæter up þurhdéaf* (1357-9 "*Soon was he swimming swift, who had erewhile lived to see his* enemies *fall in war. Up dived he through the water*". [Logo ele passou a nadar depressa, aquele que antes sobrevivera para ver os inimigos tombarem na guerra. Emergiu através da água]). Aqui (*1666) ele diz que matou, quando teve oportunidade, "os guardiões da casa". Em *1668-9 (1398-9), fala que levou o punho para longe dos inimigos. Certamente, só no desejo obstinado de encontrar erros poderia haver "discrepância"

nisso, ou sinais de “outra versão da história”! *1618-19 e *1668-9 são ambos perfeitamente verdadeiros e coerentes com a história contada. No momento em que Beowulf subiu de volta do mergulho, ele de fato sobreviveu à queda em combate de ambos os seus inimigos e levou o punho para longe da casa de Grendel e sua mãe, onde ambos jaziam mortos. Em *1666, não há discrepância real se considerarmos que *sléan* significa “golpear”, e Beowulf de fato decepou a cabeça de Grendel “quando teve oportunidade” (*þá mé sæl ágeald*, *1665), e que, apesar de o monstro estar “morto”, isso era necessário para o assentamento final de seu espírito selvagem. Considere-se a dificuldade que Thorhallr teve com Glámr, o servo morto, antes que Grettir lhe cortasse a cabeça e a pusesse junto à sua coxa[75].

1416-97;* 1687-1784

Todo esse trecho é muito importante para a crítica geral de *Beowulf*. Temos em 1416-25 (*1687-98) um fragmento no qual é descrito o antigo punho de espada, muito interessante e importante, em especial no que se refere à datação de *Beowulf* e à mescla e fusão das Escrituras com lendas pagãs setentrionais. O interesse arqueológico é apenas secundário: pois, se nunca antes tinham sido encontradas espadas com inscrições rúnicas informando os nomes dos donos, o poeta claramente descreve uma, e é a conexão estabelecida entre os *eotenas* do norte e os *gigantes* das Escrituras que é realmente significativa.

Temos então o sermão de Hrothgar. Aí temos motivos cristãos (virtualmente medievais) entretecidos com o “*exemplum*” pagão de Heremod. O uso de Heremod como “contraste escuro” – uma “advertência” – por Hrothgar une o louvor após a segunda façanha àquele após a primeira, em que Heremod também é apresentado.

A parte “cristã” do sermão é muito interessante. Serve para completar (antes de finalmente nos despedirmos dele) o retrato do patriarcal Hrothgar. Mas, como veremos, levanta de modo muito especial e agudo as questões: (a) se nosso *Beowulf* foi emendado desde que foi composto, isto é, se foi retocado por outro poeta – não se trata de mera corrupção e cópia feitas pelo escriba; (b) se foi conhecido e copiado por outros poetas ainda existentes; e (c) se Cynewulf está envolvido em algum dos dois processos anteriores, ou em ambos.

Sobre a questão da fusão das Escrituras e da mitologia nórdica, de Caim-Grendel e dos gigantes, revelei o que acredito em *The Monsters and the Critics*.

A principal fonte bíblica da referência aos gigantes é Gênesis 6,4 (possivelmente ligado a 4,22 e à referência a Tubalcaim, sexta geração dos descendentes de Caim, “instrutor de todo artífice de bronze e ferro”). Mas, como eu disse alhures, o principal defeito de nossa crítica é a ignorância sobre a mitologia *nativa*. Em inglês antigo, nada temos em que nos basear, exceto essas mesmas referências, escassas e já mescladas, que estamos tentando entender. Fora isso, temos principalmente o nórdico antigo (preservado tardiamente). Não duvido de que a tradição inglesa concordasse com o nórdico antigo no que poderíamos chamar de princípio filosófico: a hostilidade essencial dos monstros, mesmo daqueles com forma mais ou menos humana (gigantes e trolls), aos “humanos”, ou humano-divinos. Mas ignoramos detalhes mais específicos, que ajudariam a explicar 1418-19 (*1689-91)? Provavelmente, sim[76]. Mas, se continha, agora ela está perdida, exceto em *Beowulf* *1689 ss. Referências como *eald enta geweorc* [“a antiga obra de gigantes”] (não limitada a *Beowulf*) e *ealdseword eotonisc* [“antiga espada forjada por gigantes”] são, por si mesmas, suficientes para

mostrar que havia na Inglaterra uma antiga imagem de "gigantes" e que, por um lado, eles eram "homens poderosos que houve outrora, homens de renome" (na linguagem do Gênesis 6,4) e, por outro, realizaram obras incríveis, além do alcance humano. Foram-lhes atribuídas não somente maravilhas de origem geológica, relíquias de pedreiros e ferreiros do passado, mas também obras concebidas apenas na imaginação dos poetas, obras humanas ampliadas e dotadas de poder adicional: *éacen*; objetos de assombro e magia. No entanto, eles odiavam os homens, e eram seus inimigos. Se as tradições dos ogros do norte forem associadas a Caim, proscrito e assassino, então fica claro que referências como Gênesis 4,22 acerca de Tubalcaim e do artesanato em bronze e ferro se fundem com a tradição de *ealdsweord eotonisc*. Encontramos no covil de Grendel *enta ærgeweorc* *1679 ("*the works of trolls of old*" [obra dos trolls de outrora] 1408-9), uma espada de tamanho sobre-humano e de poder sobrenatural, obra do *giganta cyn*, relíquia do Dilúvio: em verdade *ealde láfe* (*1688, "*relic of old days*" [relíquia dos dias de antanho] 1417)[77].

É claro que todo o processo de fusão, na extremidade superior ou mitológica – onde o contato era mais próximo, sendo as próprias Escrituras mais "mitológicas" em seu modo de expressão –, era intrincado. Mas pelo menos podemos dizer que a fusão (ao menos a que encontramos em *Beowulf*) certamente não é a de um pagão que recorda alguns poucos trechos de sermões passados. É produto, como eu disse alhures[78], de profunda reflexão e emoção. É de fato produto de erudição, de um homem ou de homens que sabiam ler as Escrituras, que haviam lido com seus olhos as palavras: *Tubalcain qui fuit malleator et faber in cuncta opera aeris et ferri* – e *Gigantes autem erant super terram in diebus illis* [Gênesis 4,22 e 6,4]. (A própria palavra *gígant* deriva do latim e é assemelhada a *eoten* e *ent*.)[79]

Quando passamos ao sermão de Hrothgar, não precisamos exagerar na “erudição”. Não precisamos ver em *swigedon ealle*, “*all were silent*” [todos silenciaram] (*1699, 1426), uma reminiscência da Eneida, Livro II [em seus versos iniciais]: *Conticuere omnes intentique ora tenebant. Inde toro pater Æneas sic orsus ab alto* [“Todos calaram, e fixaram o olhar atentamente nele. Então, do seu leito elevado, o pai Eneias começou assim”][80]. Não precisamos ler Virgílio para imaginar o silêncio quando um rei venerável inicia um discurso solene. Mas, por outro lado, não devemos nos surpreender ao descobrir que, junto com a Bíblia, o poeta demonstra conhecer uma tradição homilética peremptoriamente cristã, com modo de expressão alegórico ou simbólico, de sabor “medieval” para nós.

No entanto mesmo assim há algo estranho aqui. Naturalmente, a “mescla” pode ser observada outra vez. Existe uma alusão à história puramente germânica, nórdica, de Heremod, aqui com referência especial a seu pecado pouco principesco da cobiça: *nallas béagas geaf Denum æfter dóme* *1719-20, “*He gave not things of gold unto the Danes to earn him praise*” [Não deu aos daneses objetos de ouro para conquistar louvor] 1443-4. Mais adiante, isso encontra um paralelo evidente na figura do obscuro “homem afortunado” destruído pelo orgulho, e do sucesso corrompido pela avareza: *gýtsað gromhýdig, nallas on gylp seleð fætte béagas* *1749-50, “*his grim heart fills with greed; in no wise doth he deal gold-plated rings to earn him praise*” [seu austero coração se enche de cobiça; de nenhum modo distribui anéis revestidos de ouro para conquistar louvor] 1468-9. Apesar de ser possível considerar isso como produto de um interpolador homilético, expandindo a moral de *1719-20, não duvido de que a elaboração homilética da moral é devida sobretudo ao “autor”, e de que a mesma mão escreveu tanto *1719-20 quanto *1749-50, e pretendeu que fizessem eco entre si.

Porém, duas coisas devem ser observadas. Primeiro (um aspecto que em si não prova nenhum “remendo” feito por mãos posteriores): o “sermão” ou *giedd* é, em termos artísticos, longo demais, além de não ser adequado em toda a sua extensão. Tem um colorido demasiado “cristão” para o bom patriarca pré-cristão Hrothgar. Essa censura se aplica em especial à referência à “consciência” (*sáwele hyrde*, “guardião da alma”) e às setas alegóricas do maligno (*bona* (*bana*), “matador”), *1740-7, 1460-7, mesmo se aceitarmos como “beowulfiano” o trecho *Wundor is tó secganne* (*1724, 1450) a *hé þæt wyrse ne con*, “*he knows nothing of worse fate*” [nada conhece da pior sorte] (*1739, 1460-1) e também, por exemplo, (digamos) de *1753, 1472 em diante, em que o tema do fim da juventude e da sorte é ainda mais elaborado. Cf. o paralelo próximo especialmente com *1761-8, 1479-84 proporcionado por *The Seafarer* [O navegante] 66-71[81].

Mas isso não é tudo. Há uma conexão excepcional muito clara – convincente, inevitável – entre o sermão de Hrothgar *1724-68, 1450-84 e o poema em inglês antigo *Crist* 659 ss. e 756-78. A semelhança é tanto em matéria quanto em modos de expressão. Por exemplo, *þonne wróhtbora* [...] *onsendeð* de seu *brægdbogan biterne stræ´l* [*Crist* 763-5, “quando o autor do mal [...] envia uma seta amarga de seu arco enganoso”; ao lado do *Beowulf* *1743-6 *bona swiðe néah, sé þe of flánbogan fyrenum scéoteð. Þonne bið on hreþre under helm drepen biteran stræ´le* (1463-6)]. De fato, seria possível dizer que o “sermão” de *1724-68 (1450-84) muitas vezes se lê e se ouve mais como o autor de *Crist* do que como o autor do restante de *Beowulf*.

O autor de *Crist* (certamente do trecho rúnico, 797 ss., e, portanto, quase certamente do que o precede) foi Cynewulf[82]. Entre as suas obras “assinadas” estão *Elene* e *The Fates of the Apostles* [Os destinos dos apóstolos]. Nesses poemas existem numerosos paralelismos de

expressão com *Beowulf*, encontrados também em outros poemas, por exemplo, *Guthlac* (provavelmente não de Cynewulf) e *Andreas* (certamente, não). Disso nada mais podemos deduzir a não ser o fato de que *Beowulf* era conhecido e admirado pelos poetas posteriores[83] – o que em si é bem provável. Mas a sensação (independente da pesquisa) de que o sermão está sobrecarregado e é parcialmente discrepante em tom e estilo se assenta em base bem diversa. Não duvido de que Cynewulf conhecia e admirava *Beowulf* e lhe fez eco, e estou absolutamente convencido de que ele não o revisou nem reescreveu: o estilo, o temperamento e a mente são bem diferentes dos dele. Mas creio que Klaeber descreve bem as conclusões a extrair. Em primeiro lugar, o discurso do rei constitui um elemento orgânico na estrutura do épico, e o fato de o rei fazer um sermão de "dicção elevada" está inteiramente de acordo com seu caráter, conforme imaginado e descrito no poema, e com o temperamento moral e a seriedade de *Beowulf* como um todo. Em segundo lugar, a interpretação mais razoável da situação e das semelhanças exatas é, ainda assim, que a mão do próprio Cynewulf retocou o discurso do rei e transformou-o, de fato, de *giedd* em genuína homilia.

Por quê? Porque ali estava o ponto de contato mais próximo entre os dois autores e suas ideias. Não importa o que pensemos sobre seu gosto – julgo-o, conforme exibido em seus poemas assinados, ruim na pior hipótese e fraco na melhor –, Hrothgar provavelmente interessava a ele, em especial o sermão. Era uma oportunidade boa demais para perder, e ele a agarrou, sem, é claro, observar (isso estava muito além dele) que, tornando a moral mais explícita e enfeitando-a com a alegoria homilética de seu tempo, ele estava danificando uma grande obra (a qual a longo prazo seria mais profundamente significativa e instrutiva do que seus versos caracteristicamente "cristãos").

Creio, de fato, que é bem provável que existam outros toques de melhoria “cynewulfianos” no texto de *Beowulf*. Provavelmente o mais evidente seja *168-9 (134-5)[84]. O fragmento não é apenas inadequado (e obscuro, porque sua ideia, que se baseia em “graça” e perdição, de fato não está em harmonia com o contexto), mas facilmente separável, e não somente separável, pois eliminá-lo constituiria uma óbvia melhoria na tessitura e no sentido dos versos. Mas o fato de ser separável não é um critério infalível se estivermos realmente lidando com Cynewulf. Ele era um homem eloquente, com rico *wordhord*, e um hábil artesão da palavra. Era perfeitamente capaz de administrar encaixes.

Assim, se passarmos da conclusão geral (e, creio, praticamente certa) de que aqui há o trabalho de um autor posterior para a questão do detalhe preciso – o que foi que ele fez? –, não chegaremos a nenhum resultado claro. Não é tanto apenas uma questão de “interpolação”, mas de efetivo reescrever, o que poderia mesclar de modo intrincado o velho e o novo[85].

1583; *1887

Aqui termina a “Primeira parte” de *Beowulf*, com palavras prenhes e um emocionante contraste entre a velhice e a juventude. Quer essa parte originalmente correspondesse ao poema inteiro, quer não (como alguns acreditam), e a segunda parte constituísse uma ampliação posterior feita pelo mesmo autor no poema todo, como o conhecemos hoje, a estrutura está bem clara.

Na “Primeira parte” é narrada a ascensão de Beowulf, seu surgimento como pleno *hæleþ*, sua maioridade e aquisição de *blæ´d*, fama e fortuna, glorificada pela força e pela esperança da juventude. Insinua-se nela que Beowulf

escapou à tentação do *blæ´d*, não sucumbiu à arrogância nem à cobiça. Mas nessa parte também há o prenúncio da chegada da velhice, a amarga sabedoria da experiência. É muito comovente encontrar o jovem e altivo Beowulf tão parecido com Hrothgar assim que termina a ligação ou interlúdio de seu retorno ao lar (1584-1851, *1888-2199). As primeiras palavras que diz são uma reminiscência: 2041-3 "*In youth from many an onslaught of war I came back safe, from many a day of battle. I do recall it all*" [Na juventude, voltei a salvo de muitas investidas de guerra, de muitos dias de batalha. Recordo-me de tudo]; *2426-7 *Fela ic on giogoðe gúðræ´sa genæs, orleghwíla; ic þæt eall gemon*. Compare-se com Hrothgar, 1485-9, *1769-73. O contraste entre a juventude e a velhice, e a velhice e a morte, inevitável sequela da juventude e do triunfo, vista na ascensão (parte I) e queda (parte II) de Beowulf, torna-se muito mais vívido desse modo, ao colocar a juventude diante da velhice para ser julgada.

Por fim, para nós – e, não duvido, também para o poeta e seus contemporâneos –, todo o poema é dignificado pela conexão com a grande corte dos Scyldings, a dourada casa de Heorot, gloriosa e condenada, a qual lhe confere algo que poderíamos chamar de atmosfera e pano de fundo arturianos.

1623 *The fierce mood of Thryth* [...]; *1931 *Ms. *mod þryðo wæg* [...]

[Apresento aqui o trecho que trata de Hygd, esposa de Hygelac, rei dos gautas, no qual ocorrem essas palavras (um dos chãos mais batidos da crítica textual do inglês antigo), tanto no texto original (*1929-32) quanto na tradução (1621-4).

næs hío hnáh swá þéah,
1930 né tó gnéað gifa Géata léodum,

máðmgestréona, mod þryðo wæg
fremu folces cwén, firen ondrysne

[1621[Yet no niggard was she, nor too sparing of gifts and precious treasures to the Geatish men. The fierce mood of Thryth she did not show, good queen of men, nor her dire wickedness.

[1631] Porém não era avara, nem demasiado frugal com presentes e tesouros preciosos aos homens gautas. Não demonstrava o humor selvagem de Thryth, boa rainha dos homens, nem sua horrenda malvadeza.]

Na primeira parte de sua extensa nota, meu pai estava preocupado em defender sua opinião, compartilhada por vários editores de *Beowulf*, sobre como as palavras do manuscrito aqui sublinhadas deveriam ser emendadas e interpretadas apenas com base textual e linguística (isto é, sem referência à lenda de Offa; ver 1637 ss., *1949 ss.).]

Se não soubéssemos sobre Offa e sua noiva mais do que sabemos sobre Hygd, é perfeitamente claro que temos aqui outro caso de elogio por contraste (compare-se a forma como Heremod é apresentado, 734, 1435; *901, *1709). Por esse paralelo, também deveríamos ser levados a procurar um nome (da rainha de Offa) no começo de uma referência a ela. Somente em *mod þryðo wæg* existe alguma chance de encontrá-lo.

Apesar de as transições poderem ser abruptas em *Beowulf* – a que ocorre em 734, *901, é bastante abrupta –, é improvável que Hygd não seja mais referida após *máðmgestréona*. É possível somente se lermos *Módþrýðo wæg* com *Módþrýðo* como nome próprio. A sequência será então: “Hygd era boa, não era má. Módþrýðo (outrora) demonstrou, boa rainha de seu povo (como se tornou mais

tarde), terrível malvadeza.” A colocação do nome bem no começo, abruptamente, é suficiente para conferir o sentido necessário de “por outro lado”. Mas torna *fremu folces cwén* muito estranho, e isso só é explicado em 1634 ss. (*1945 ss.). Ademais, entre os cerca de 150 nomes germânicos terminados em *-þrýþ* (*-truda*, *-druda*, *-þrúðr* etc.), não existe em nenhum outro lugar nada correspondente a *Módþrýðo*.

[Após uma discussão adicional acerca das dificuldades históricas formais em presumir o nome próprio *Módþrýðo*, meu pai o rejeitou enfaticamente e disse que *mód Þrýðo wæg* “parece a única interpretação possível do manuscrito”. Tomou *Þrýðo* pelo nome *Þrýðe* com a terminação *-o* da Ânglia (Nortúmbria) dos casos oblíquos, correspondente ao saxão ocidental *-an*. O *-o* foi “mantido pelo escriba porque ele estava perplexo com o sentido do trecho”. O significado, portanto, é: “o temperamento de Þrýðe (Thryth)”.]

Mas *mód Þrýðo wæg* faz com que digamos: “Hygd era boa: demonstrava o temperamento de Þrýðe, boa rainha, sua atroz malvadeza.” Isso é o contrário da natural intenção de contraste. Somos levados a presumir que *ne* foi omitido. Para *ne* no início do contraste, ver *1709 (1435). E, em defesa da emenda *mód Þrýðo [ne] wæg*, precisamos observar: *ne* (ou qualquer partícula negativa em qualquer idioma) parece ser *logicamente* muito importante, revertendo de modo preciso o sentido, de maneira que é difícil conceber que seja omitido. Na verdade, ela é uma palavra pequena e fácil de omitir na *escrita*, por motivos meramente mecânicos, em especial porque os escribas não seguem os detalhes do sentido (e aqui o escriba, como acontecia sempre que estava diante de nomes lendários, ficou confuso). Mesmo na fala, muitas vezes é reduzida a um elemento bastante fugidio, a despeito da contínua renovação linguística, e ainda assim às vezes é omitido de modo não proposital.

[Sobre essas observações acerca da omissão de partículas negativas, ver comentário. – O significado do fragmento emendado é apresentado nesta nota: “Hygd não era malvada. O humor de Þrythe, ela, boa rainha de seu povo, não

demonstrou: sua atroz malvadeza.” Ver-se-á que isso está bem próximo das palavras da tradução de meu pai que aparecem no início desta nota.

Em seguida a essa discussão, ele se voltou para a intrincada questão das lendas da esposa de Offa. Houve dois reis com o nome Offa: o rei da Mércia, no século VIII (Offa II), e o rei de Angel, o antigo lar dos anglos em Schleswig (Offa I), suposto ancestral muito remoto do primeiro. Cito aqui somente suas observações finais sobre a “esposa de Offa”. Após fazer suas considerações sobre a ideia de que a história da esposa malvada de Offa II originalmente pertencia a Offa de Angel, ele prosseguiu como se segue.]

Isso, creio, é suficiente para mostrar que, na “lenda histórica”, Offa de Angel, alegado (e provavelmente real) ancestral de Offa da Mércia, tinha uma lenda matrimonial: que sua esposa se chamava Þrýþ (ou Þrýðe), mais tarde latinizada para Drida. Sua história original era do tipo Atalanta: a donzela perigosa que destrói todos os pretendentes fracos, mas é finalmente conquistada por um homem forte e então se torna uma boa esposa.

Por que ela está posta aqui? Evidentemente, de acordo com o método que já observamos em Sigemund e Heremod, para realçar e alocar louvor ou censura. Porém, é mais “arrastada para dentro”, assim parece à primeira vista, do que qualquer outro “episódio”. Sigemund e sua vitória sobre o dragão têm uma aptidão orgânica e irônica em comparação com o jovem Beowulf, que será morto por um dragão. Heremod é danês e ligado a Sigemund, por um lado. Por outro, constitui uma boa ilustração concreta dos vícios contra os quais Hrothgar prega. O *Fréswæl* (o “episódio de Finn”), como busquei mostrar, está intimamente ligado com os Scyldings e a casa de Healfdene.

Ora, a conexão, mesmo com a reposição do negativo defendida anteriormente, entre Hygd e Þrýðe é um tanto abrupta. Ainda assim, não pode ser demonstrado que o trecho de Offa de *Beowulf* é mais tardio do que o restante, ou contemporâneo de Offa II. A ideia de que é uma velada

alusão contemporânea pode certamente ser descartada, não apenas porque é bem pouco velada se for contemporânea de um rei chamado Offa (seu autor, se escapasse com a cabeça, logo se veria como menestrel errante procurando novo patrocinador), mas sim porque, historicamente, a rainha de Offa era como Hygd, não como Þrýðe.

Se a história de Offa é uma elaboração e um acréscimo, isso foi feito pelo próprio autor, que achou adequado – e provavelmente imaginou que tivesse algum tipo de adequação (assim como podemos ver em Heremod e Finn e Sigemund). Ele não era, como muitos supõem, um mero inseridor de velhos contos. Agora, provavelmente, não somos capazes de descobrir quais ele possuía, por ignorarmos o importante nexo de "lendas históricas" relativas às origens inglesas e às grandes casas reais e nobres.

1633-4 *he of Hemming's race [Offa] made light of that*; *1944 *Húru þæt onhohsnode[e] Hemminges mæg*

[Meu pai acreditava que Hemming fosse o avô materno de Offa. A tradução depende da etimologia proposta para a palavra não registrada *onhohsnode*. A versão comum, "pôr um fim nisso", pressupõe a existência de um verbo não registrado no antigo inglês, **(on)hohsin(w)ian*, derivado de *hohsinu*, "tendão do jarrete" ("*hock-sinew*"), aqui supostamente no sentido figurado de "parar, refrear". No decorrer de uma discussão longa e detalhada sobre formas cognatas em outras línguas germânicas, meu pai rejeitou isso como "metáfora forçada e improvável" e observou que "em nenhum lugar encontramos nada a não ser o significado literal de 'aleijar' um cavalo". "O que isso tem a ver com a história?", disse ele, caçoando dos proponentes dessa etimologia, "se até mesmo a corredora Atalanta não foi vencida por estar aleijada!" (Atalanta, na mitologia grega, era uma caçadora que não se casaria com nenhum homem que não a derrotasse na corrida, e se um pretendente a derrotasse seria morto.)

Ele próprio preferia, com muita hesitação, outra etimologia proposta, de um verbo não registrado (**on-hoxnian*), relacionado de algum modo com o antigo inglês *husc*, *hux*, "desdém, escárnio", e o verbo *hyscan*; daí sua tradução: "pouco se importava com isso". Concluiu a nota com uma tradução do trecho em estilo diferente:]

Ainda assim, o descendente de Hemming (Offa) riu de tudo isso, e os homens no salão (bisbilhotando ao beberem cerveja) acrescentaram que ela cometeu menos crimes (isto é, mais nenhum) desde o momento em que se tornou a noiva coberta de ouro do jovem guerreiro.

1666-7 *to the hands of mighty men*; *1983 Ms. *hæ[ð]num tó handa*

[O manuscrito traz *hæ num*; a terceira letra, ð, que ainda é legível, foi apagada pelo escriba. Em sua tradução, meu pai acrescentou, na ocasião em que o texto foi datilografado, uma nota de rodapé a *mighty men* (poderosos): "*or* Hæðenas, *name of a people*". ("ou *Hæðenas*, nome de um povo")]

O que quer dizer o manuscrito e qual o motivo para a rasura? É fácil reescrever o texto e inserir *hæleðum* como substituição, mas parece uma solução pouco crível e não explica o manuscrito. A rasura (nunca corrigida) demonstra que o escriba ficou incomodado, e é mais do que provável que tenhamos mais uma vez um nome próprio pertencente à tradição heroica. Visto que primeiro o escriba escreveu *hæðnum*, se ele realmente estivesse preparando o caminho para a correção *hæleðum* (uma palavra comum, com a qual ele não se atrapalha em nenhum outro lugar), poderíamos esperar que tivesse apagado o *n* (para inserir *le* antes do *ð*, acima da linha) ou o *ð* e o *n* juntos.

Há também o nome próprio **Hæ´dne*. Ocorre no poema *Widsith* (verso 81), *(ic wæs) mid Hæðnum*. Em termos de *Widsith*, é difícil duvidar de que essas pessoas fossem os *Heiðnir* do antigo nórdico, mais tarde (com a perda, regular no antigo nórdico, de *ð* antes de *n*) *Heinir*, moradores de *Heiðmörk* (a moderna *Hedemarken*), na Noruega, junto à fronteira sueca. A rasura pode ser devida à forma idêntica a *hæ´ðen*, "pagão", palavra à qual eram feitas associações malignas especiais no ano 1000 d.C. (época do escriba) e

associações não positivas em relação à virtuosa Hygd, mas, se fosse o caso, por que não apagar a palavra toda? Ou pode ser em razão da existência, em inglês antigo, da forma *Hæ´ne* (com alteração semelhante àquela encontrada no nórdico antigo ou com efetivo conhecimento da forma nórdica posterior). A primeira hipótese é bem pouco provável sem considerar a segunda. Eu restauraria como *Hæ´ðnum*.

Os editores perguntam: por que esse povo apareceria no salão de Hygelac? A resposta provavelmente é dada por *Widsith* 81 e por indícios existentes em outras histórias. Os *Hæ´ðne* eram o povo da própria Hygd e, exatamente como os daneses, estavam na corte Heathobard no papel de seguidores da rainha danesa Freawaru, filha de Hrothgar (1697 ss., *2020 ss.). Também os *Hæ´ðne* estavam na corte de Hygelac como acompanhantes da rainha Hygd.

No verso 81 de *Widsith* aparece: *(ic wæs) mid hæðnum ond mid hæleþum ond mid hundingum*. À parte a comparação com *Beowulf*, uma emenda provável de *mid hæleþum* é *mid hæreþum*: a corruptela de um nome próprio para substantivo comum de forma semelhante está bem atestada (cf. *Cain* para *camp* *1261, *Eomer* para *geomor* *1960 etc. em *Beowulf*). Mas quando, em *Beowulf*, encontramos *Hæreðes dohtor* imediatamente antes de *hæðnum* (1664, *1981), a conexão entre *Widsith* 81 e *Beowulf* se torna bastante provável.

Os *Hæreðe* são a tribo norueguesa *Ho˛rðar* (raiz **harud¯*), cf. Hardangerfiord – incidentalmente, existe uma referência, num registro da Crônica Anglo-saxã[86] (787), à primeira chegada dos nórdicos em três navios “da terra de Hereða”. O uso da raiz de um nome tribal como nome próprio, entre vizinhos, é um fenômeno comum, assim como acontece com os modernos Scott, Inglis, Walsh[87]. Não é possível descobrir hoje a verdadeira relação entre *Hæreð*,

pai de Hygd (presumivelmente, um príncipe dos *Hæ´ðne*), e os *Hæreþe.*

Apesar de o trecho mostrar-se obscuro (porque não sabemos o que o poeta presume que se conhece) e também corrompido, observamos que Hygd tinha ou recebeu de nosso autor um lugar no mundo setentrional geográfico real. Seu nome é esquisito (não registrado em nenhum outro lugar, e não há outro registro do nome da rainha de Hygelac). Alitera com o nome do marido e é etimologicamente aparentado com ele: *Hygd* (cf. *ge-hygd*, "pensamento")/*Hyge-lac*. Mas também alitera com o nome do pai. Creio que o aspecto "abstrato" é fortuito. Os nomes femininos derivavam frequentemente de palavras abstratas. Ocasionalmente, ocorrem de forma não composta, como *Hild*, "guerra", *Þrýþ*, "força". Afinal, *Hyge-lac* poderia ser interpretado como "atividade da mente", porém não se trata de uma abstração. Não é razoável duvidar de que ele é um rei gauta histórico do século VI chamado *Hugila(i)k*.

No entanto, não se pode negar que o relato de nosso poeta sobre Hygelac é um tanto peculiar e não está livre da suspeita de se confundir com o de Hrethel (e vice-versa).

Ele era um *geongne gúðcyning* (*1969, "*the young warrior-king*" [o jovem rei guerreiro] 1654) na época do retorno de Beowulf. Sua esposa era *swíðe geong* (*1926, "*very young*" [muito jovem] 1619) e, portanto, é provável que não estivesse casada fazia muito tempo, embora fosse tempo suficiente para mostrar-se uma patrocinadora generosa. Seu filho Heardred era demasiado jovem para governar quando Hygelac tombou na Frísia (1996-2001, *2370-6). Porém, quando Hæthcyn, filho de Hrethel, tombou diante do rei Ongentheow da Suécia, ficamos sabendo que Hygelac (o filho sobrevivente) chegou com reforços (2471-4, *2943-5) e que Ongentheow sucumbiu à espada de Eofor, cavaleiro de Hygelac. Eofor foi recompensado com terras e riquezas (2514-16, *2993-5) e a mão da filha única de Hygelac (2518-19,

*2997). Cf. “deu a Eofor sua única filha [...] por ter honrado sua casa” com Hrothgar, acerca de Beowulf: “*His sire of old was called Ecgtheow; to him Hrethel of the Geats gave as bride his only daughter*” [Seu pai outrora chamava-se Ecgtheow; a ele Hrethel dos gautas deu por noiva a única filha] (300-1, *373-5). Duas filhas únicas na família, cada uma dada a um seguidor, algo um tanto estranho[88]!

Segundo os cálculos de praxe, Hrethel é de época próxima à de Healfdene (século V) e, portanto, os três filhos e uma filha de Hrethel são quase contemporâneos dos três filhos e uma filha de Healfdene (ver 46-9, *59-63). Sendo assim, Hygelac deveria ter mais ou menos a mesma idade de Halga, terceiro filho de Healfdene, e não ser muito mais jovem que Hrothgar. Porém, Hrothgar é representado como um ancião curvado pelos anos e cheio de reminiscências pesarosas, enquanto Hygelac é um *bregoróf cyning* (*1925, 1618), chamado de “jovem” (1654, *1969), com uma esposa muito jovem.

Esse contraste pode ser parcialmente explicado pela natureza e pelos limites da “lenda histórica”. As linhas principais dos personagens tradicionais das antigas baladas históricas dependiam, em grande medida, das circunstâncias de sua morte. Um personagem, uma vez fixado, tende a aparecer do mesmo modo todas as vezes que sobe ao palco. Artur é sempre jovem e ávido de novidades. Vitória tornou-se indelevelmente fixada pelo grande ato de viver e reinar por tanto tempo como rainha idosa e viúva. Na “lenda histórica” do tipo anglo-saxão, todo jovem cavaleiro que visitasse a corte da Inglaterra, digamos, vinte ou trinta anos depois da morte da rainha, provavelmente encontraria no trono um vulto pequeno mas venerável, vestido de preto e com cabelos brancos. Hygelac, por outro lado, morreu em campo como guerreiro ainda vigoroso, deixando um herdeiro menor de idade.

Não obstante, logo torna-se evidente que “sua filha única”, casada com Eofor após *Hrefnesholt* [Ravenswood (Bosque dos Corvos), 2464, *2935], não pode ser filha de Hygd, a qual deve ser a segunda esposa. E, quanto mais tentamos separar Hygelac de Hrothgar em idade, e quanto mais jovem fazemos Hygelac morrer, mostra-se mais impossível que ele tivesse uma filha casadoura para dar a Eofor. De fato, praticamente a única dificuldade em elaborar uma cronologia satisfatória que se encaixe nas afirmativas de *Beowulf* é ou a extrema juventude de Hygd ou a filha única. Algo parece não ter dado muito certo com a “história” de Hygelac[89].

425		Nascimento de Healfdene	
440		~	Ongentheow
455		~	Hrothgar
465		~	Onela
465		~	irmã de Hrothgar
475		~	Hygelac
495	*ou depois*	~	Beowulf

Ongentheow foi morto em *Hrefnesholt*, com sessenta e cinco anos de idade, no ano 505 d.C. Hygelac tinha então trinta anos. Se possuía uma filha, era uma criança de cerca de sete anos.

Beowulf visitou Heorot por volta de 515 d.C. Hrothgar, com sessenta anos, era realmente velho nessa época.

Hygelac casou-se com Hygd (sua segunda esposa?) por volta de 510 d.C. Tinha trinta e cinco anos e Hygd apenas cerca de dezoito. Heardred nasceu por volta de 511 d.C. Hygd ainda tinha perto de vinte e três anos na época do retorno de Beowulf. Hygelac tinha quarenta.

Hygelac tombou na Frísia mais ou menos no ano 525 d.C, com cinquenta anos de idade. Heardred era menor de idade, tinha cerca de catorze anos. Beowulf era, então, um experimentado guerreiro de trinta anos.

É possível que a tradição da *ánge dohtor* realmente pertença a Hrethel, mas a intrusão de Beowulf (não histórico, de qualquer modo, como membro efetivo da casa real) pelo nosso poeta, ou a mescla de “lenda histórica” e conto folclórico nas tradições que ele conhecia, parece ter confundido as coisas. Muito provavelmente mais coerente com a “história”, a *ánge dohtor* de Hrethel, irmã de Hygelac, é quem foi dada em casamento a Eofor por Hygelac. (Ecgtheow substituiu Eofor e causou duplicação da “filha única”.)

FREAWARU E INGELD

1697-1739; *2020-69

Nessas linhas temos o quinto[90] dentre os “episódios” principais de *Beowulf*, o mais difícil e importante após Finn e Hengest. Em certo sentido, não se trata de um “episódio” ou alusão, mas sim parte essencial da metade danesa da cena, assim como as referências às guerras sueco-gautas e a queda de Hygelac fazem parte da metade gauta.

Os objetivos do fragmento estão mais claros do que em qualquer outro caso: nele é completada a figura de Heorot, são interligadas as metades danesa e gauta da cena (pois essa referência às dificuldades da corte de Heorot é de fato pronunciada no salão de Hygelac), além de ser conferido um toque peculiarmente realista a todo o pano de fundo. Beowulf relata ao rei (à guisa de embaixador) aquilo que viu e aprendeu acerca da política dinástica no sul. É um uso extremamente engenhoso e “histórico” da tradição, selecionado, como veremos, com cuidadosa atenção à cronologia. Por fim, retrata o próprio Beowulf. Toda a história é contada no futuro, e em geral esse expediente é quase

bem-sucedido – se permitirmos a Beowulf uma larga medida de sagacidade, não apenas considerando os mexericos da corte e o julgamento do caráter de reis e rainhas, mas também prevendo como provavelmente se comportam antigos servidores. E é contada desse modo exatamente para que Beowulf demonstre sagacidade régia e aptidão para reinar, não apenas uma grande força física, pois todos sabiam que aquilo que ele predisse de fato aconteceu. Esse elemento de sabedoria política, combinado com valentia, já foi mencionado por Hrothgar em 1546 ss., *1844 ss., louvando Beowulf por aproveitar a oportunidade para propor e prometer uma *aliança* entre gautas e daneses, que antes haviam sido inimigos.

É no todo um "episódio" muito justificável, admiravelmente concebido para os objetivos do poema (e bem pouco merecedor das censuras que lhe foram impingidas). Sua única fraqueza, na verdade, é que o "atiçamento" do velho *æscwiga* (1715 ss., *2041 ss.) é demasiado preciso em detalhes, muito claramente extraído de uma balada acerca do que *de fato* aconteceu, para ser realmente coerente com uma genuína "previsão".

Fraquezas puramente acidentais para nós (pelas quais o poeta não pode ser culpado) são as partes dúbias do texto que sobreviveu e o fato de que não conhecemos em detalhes a história à qual ele fazia alusão. Sabemos que ela era bem conhecida, de modo que uma referência alusiva seria suficiente para os propósitos do poeta. Mas precisamos juntar muitas evidências esparsas para percebermos hoje em dia do que se trata.

Todo o caso dos Heathobards e sua contenda com a casa de Healfdene é da maior importância e interesse, atinge o ponto central da primitiva história danesa (e inglesa). Porém, agora, devo limitar-me mais ou menos ao que é essencial à referência de *Beowulf* e, em particular, a Freawaru e Ingeld.

Vejamos primeiro o que pode ser descoberto no trecho de *Beowulf*. Por ele ficamos sabendo (1697-1702, *2020-5) que Freawaru era filha de Hrothgar e estava prometida a Ingeld, filho de Froda, o que significa, de acordo com o antigo costume nórdico, que o banquete de casamento, provavelmente em Heorot (casa do pai da noiva), estava para acontecer (na época da visita de Beowulf) e sua data já havia sido marcada. Portanto, era natural conversar sobre isso no salão. Ficamos sabendo também que Hrothgar considerava o matrimônio politicamente sensato (*þæt ræ´d talað* *2027, "*accounts it policy*" [tem por política] 1703) e esperava, com isso, dar por encerrada uma longa contenda. Note-se que isso não significa necessariamente, apesar de poder significar, que Hrothgar havia combinado o matrimônio. Como o poeta passa de imediato à consideração sobre um povo chamado *Heaðobeardan* e uma batalha fatal (1714-15, *2039-40), é evidente que Ingeld e Froda são Heathobards e que a etapa da contenda que antecedera o momento escolhido pelo poeta fora uma derrota desastrosa que os daneses impingiram aos Heathobards. Apesar de isso não estar explícito, parece certo que, entre os pais da presente geração de Heathobards, que depois foram mortos e espoliados, estava o próprio rei Froda, pai de Ingeld. É para conciliar a contenda de sangue que Ingeld tem contra ele que Hrothgar aprova o casamento.

De 1715 (*2041) temos um pronunciamento profético – na verdade, um esboço baseado em baladas que tratam do caso como história – acerca do fracasso do matrimônio e do reacendimento da contenda. É evidente que Freawaru levou consigo ao salão de Ingeld um séquito de daneses. Na verdade, tenham ou não se comportado de forma arrogante, vários deles causaram ofensa por portarem espadas e provavelmente outros tesouros conquistados na antiga batalha dos pais dos homens da corte de Ingeld. Assim, a

contenda se renova. Um velho seguidor carrancudo (do tipo que ainda pode ser encontrado, mais zeloso da honra da casa do que o senhor) atiça um jovem até ele matar um dos daneses que usa os adornos de seu pai. O Heathobard escapa e a trégua é rompida de ambos os lados.

O matador sem dúvida não é Ingeld (*mín wine* *2047, traduzido como "*my Lord*" [meu senhor] 1721, pode significar apenas "meu amigo"; cf. *wine mín Unferð* *530, 432-3), pois parece evidente que a contenda pessoal de Ingeld era contra o rei danês, não apenas contra um dos jovens cavaleiros. Também as importantes linhas 1735-7, *2064-6 mostram-no em conflito entre o amor da esposa e a velha contenda.

Parece que um ou vários daneses retaliaram, matando um Heathobard, e depois Ingeld foi envolvido. O "episódio" não nos leva além desse ponto. Podemos ver que ele se baseia em uma história ou lenda histórica bastante extensa, lenta, detalhada, com muitos atores, à moda inglesa, e não contraída, concentrada e intensamente pessoal, à moda nórdica.

O que aconteceu depois pode ser adivinhado pela alusão feita nos versos *81-5, linhas 65-9, pela qual fica claro que Heorot estava fadado às chamas quando fosse reacendida uma contenda mortal entre sogro e genro. É provável que a afirmação de que Heorot fora tão bem construído que os daneses pensavam que apenas o fogo poderia destruí-lo (635-9, *778-82) também seja uma alusão ao fato de que a tradição registrava sua destruição final num incêndio.

Há duas outras alusões a essa história em fontes inglesas. Em *Widsith* 45-9 ficamos sabendo que Ingeld foi de fato derrotado em Heorot e ali foi destruído o poderio dos Heathobards. Combinado com *Beowulf* *81-5, isso demonstra que Ingeld deve ter subitamente reassumido a contenda e

perpetrado um ataque contra Hrothgar, que Heorot foi destruído pelo fogo, mas, não obstante, que os Heathobards foram definitivamente derrotados. Ingeld deve ter sido morto. Não sabemos qual terá sido o destino da infeliz Freawaru.

A outra alusão “inglesa” encontra-se em uma versão de uma carta de Alcuíno, celebrado teólogo e erudito da Nortúmbria, datada do ano 797 d.C. – isto é, perto da provável data de composição de *Beowulf* –, a Speratus, bispo de Lindisfarne. Alcuíno diz: *Verba dei legantur in sacerdotali convivio; ibi decet lectorem audiri non citharistam, sermones patrum non carmina gentilium. Quid Hinieldus cum Christo?* [Na reitoria dos monges devem ser lidas as palavras de Deus. Ali convém que seja ouvido o leitor, não o harpista, o discurso dos pais, não as canções dos gentios. O que Ingeld tem a ver com Cristo?] Esse interessante trecho nada mais nos diz para nosso propósito senão que o nome de Ingeld provavelmente era pronunciado *Injeld* e que baladas acerca dele devem ter sido bastante populares, pois foi escolhido como típico herói pagão. Para a crítica geral, o fragmento nos diz bem mais. Alcuíno repreende os monges por escutarem baladas inglesas nativas cantadas ao som da harpa e por se interessarem por reis pagãos que agora lamentam seus pecados no Inferno. Essa repreensão, é claro, é prova da existência de um espírito reformista severo e intransigente e ao mesmo tempo de frouxidão (provavelmente censurável para os monges). Seja como for, demonstra a possibilidade de combinar o latim com erudição vernácula no século VIII. Há também uma *via media* que, não menos cristã do que Alcuíno, ainda assim não condena todo o passado ao esquecimento (ou ao Inferno), mas pondera-o com maior discernimento e profundidade. Essa é a via do poeta que escreveu *Beowulf*. Mais pesarosamente, ele se refere aos homens de outrora como ignorantes de Deus[91].

Na tradição, Heorot parece ter sido recordado sobretudo como centro de culto pagão. Podemos supor que isso é importante para a contenda e as batalhas que ocorreram em torno daquele local, que a batalha era na realidade pela posse de um santuário [sobre isto, ver a nota a *æt hærgtrafum*]. A evidência puramente inglesa não nos leva além disso.

[Aqui meu pai escreveu: “Considerar as fontes nórdicas nos faria divagar demais.” Mas, tendo-o dito, ele passou a fazer exatamente isso (e acrescentou as palavras “em sua totalidade” após “fontes nórdicas”). Apresento essa seção de “Freawaru e Ingeld” de forma um tanto resumida.]

Nesse conflito, e nas lendas a ele relacionadas, tocamos em algo muito antigo e central para a história quase esquecida do norte germânico dos tempos pagãos. Todas as etapas, exceto as finais, mostram-se indistintas e remotas nas primitivas tradições em inglês antigo. Em nórdico, o tema todo foi confundido e distorcido pela adoção e “danesificação” de tradições que na origem não eram danesas (nem escandinavas?), mas pertenciam à península e às ilhas de povos que podemos chamar (por falta de uma palavra melhor) de anglo-frísios, expelidos ou absorvidos pelos daneses nos primeiros séculos de nossa era.

Em especial a tentativa ingênua de cronistas posteriores de acomodar todos numa linhagem real danesa unilinear produziu muitos resultados bizarros, como a conversão de antigas guerras entre povos em parricídio e fratricídio entre reis Skiöldung e seus filhos. Além disso, tudo o que se relaciona com o mundo heroico mais antigo foi recoberto e obscurecido pelo período sub-heroico, especialmente o escandinavo, ou era viking, uma era que, de muitas formas, representou não um avanço, e sim uma recaída em violência e barbárie: um triunfo de Oðinn e dos corvos[92], do derramamento de sangue, em prol de si mesmo, sobre os deuses do trigo e da fertilidade (os Vanir). Isso é

simbolizado na própria mitologia nórdica que permaneceu pela guerra de Oðinn e dos Æsir contra Njörðr [pai de Frey e Freyja] e os Vanir.

Os Heathobards estão associados sobretudo à paz[93]. O nórdico *Fróði*, *friðr* [“paz”] está ligado de modo peculiar com o nome de *Fróda*. No segundo plano da tradição está a grande paz, a *Fróðafriðr*, em que o trigo era abundante e não havia guerra nem roubo[94]. Ora, as fontes escandinavas posteriores duplicaram, triplicaram, multiplicaram de modo ainda mais intenso o número de Frothos e Ingelli (Ingjalds) em sua linhagem danesa, num esforço de acomodar versões de histórias. Mas, não obstante, a tradição dos Heathobards deve ter contido pelo menos dois Fródas: um era o pai histórico de seu último rei Ingeld; o outro, o ancestral mais remoto (talvez mítico): o Fróda da Grande Paz. A tradição da Grande Paz pode ser apenas um modo lendário de simbolizar um reinado poderoso, em que (digamos) os Heathobards eram líderes de uma confederação que possuía um centro religioso, ou pode ser mitológica na origem: uma representação como ancestral dinástico do Deus do culto e da Era Dourada. As duas coisas podem muito bem estar combinadas.

Nossa história refere-se à época dos começos da expansão escandinava e dos distúrbios nas ilhas. Assim como a história de Hóc e Hnæf e Hengest reflete a incursão dos daneses na Jutlândia e na península, a história dos Heathobards mostra como eles tomaram a Zelândia, centro daquele mundo e sede de seu culto. E a Zelândia ficou sendo desde então o coração da Dinamarca. Ainda existem Hleiðr – agora o vilarejo de Leire –, e Roskilde, a Cantuária da Dinamarca, bem como a moderna capital comercial de Copenhague: *Kaupmannahöfn* (“porto dos mercadores”). Não foi uma guerra religiosa: os cultos odínicos dos tempos vikings (que agora tanto avultam em nossa imaginação do norte) mal haviam surgido. Foi uma tentativa de se

apoderar do centro do mundo anglo-frísio e conquistá-lo – que teve sucesso e, sem dúvida, foi um fator primordial da migração rumo ao oeste. As conquistas lendariamente atribuídas a Scyld (o ancestral epônimo) por certo pertencem, na história, a Healfdene ou a seu pai verdadeiro[95]. E vemos os daneses dessa casa assumindo o culto: são chamados de *Ingwine*. O terceiro filho de Healfdene é *Halga*, "o sagrado", e a filha de Hrothgar tem o nome inspirado em Frey, "o senhor": *Freawaru*. É provável que não seja por acaso nem mera invenção de nosso poeta (apesar de a forma precisa da mescla só se encontrar no *exordium*) que encontramos na genealogia da casa de Healfdene, misturado ao epônimo militar heráldico Scyld, o herói do trigo *Sceaf* e *Beowulf* I, certamente uma alteração (ou corruptela) de *Beow*, "cevada" [ver a nota a 14]. E podemos notar que, em *Widsith*, *Sceafa*, "feixe", é rei dos langobardos. A conexão entre langobardos e Heathobards é muito provável. Os Heathobards não podem ser idênticos aos langobardos ou lombardos, que já haviam migrado do norte remoto no século II a.C., mas podem representar o povo do qual os langobardos se originaram. Há muitos exemplos de nomes remanescentes no norte, nos antigos lares, enquanto migrantes (como rúgios, godos e vândalos) levaram os nomes para longe, rumo ao sul.

A luta para controlar a Zelândia e o santuário e local sagrado de Hleiðr (onde foi construído o grande salão de Heorot) dá importância à amarga contenda. Chegando ao fim da luta (lembrada em lendas e baladas históricas ou semi-históricas), podemos inferir (creio) que os daneses mantiveram a posse enquanto Healfdene estava vivo, e que esse arrebatado velho rei viveu até idade avançada e morreu sem ter sido alcançado pelas espadas vingativas. A tradição de sua *atrocitas* e de sua idade avançada – que corresponde exatamente aos epítetos *gamol ond guðreouw* em inglês antigo [ver a nota a 44] – ainda está ligada a ele

em nórdico, mesmo quando se encontra totalmente isolado de todas as suas conexões verdadeiras. Até o adjetivo em inglês antigo *héah* encontra um eco.

Mas os Heathobards não foram destruídos e houve, evidentemente, um período em que se recuperaram. É possível que, entre as histórias das fontes nórdicas tardias, persistam vestígios da antiga tradição, quando ouvimos falar do mau tratamento dado pelo rei Fróði a Hróarr e Helgi. Heorogar só é lembrado em inglês. Sabemos que ele morreu muito tempo atrás, quando Hrothgar era jovem (375-9, *465-9). Sua morte quase certamente está ligada ao reflorescimento Heathobard. Seja verdadeira ou não a afirmação de Hrothgar de que, mesmo na juventude, dominava "*a spacious realm*" [um extenso reino] (376-7, *ginne ríce* *466), é provável que os daneses tenham perdido o controle de Hleiðr. Mas os Heathobards foram de novo severamente derrotados, dessa vez claramente por Hrothgar. A nota de senilidade e desejo de paz (produzida pelo fato de o poeta retratá-lo como ancião no fim de um longo reinado) não deve fazer com que nos iludamos a ponto de o considerarmos um mero pacificador e consolidador de um poderio herdado. Há muitos indícios que apontam o contrário. Sua juventude belicosa é mencionada (847-50, *1040-2). Teve de lutar para se restabelecer quando sucedeu ao irmão Heorogar. Pode-se notar, em particular, que foi após uma grande vitória que ele estabeleceu sua sede e construiu Heorot (50 ss., *64 ss.) – *þá wæs Hróðgáre herespéd gyfen*. Essa, creio, foi claramente a grande batalha (mencionada no episódio de Freawaru) em que Fróda foi morto. Hrothgar retomou Hleiðr e tornou-se outra vez senhor de uma confederação (como Healfdene, na lenda Scyld, tinha sido). Sobre o local cobiçado ele construiu seu grande salão.

Não podemos esperar uma cronologia perfeitamente consistente em um épico baseado em inúmeras baladas de

cerca de trezentos anos atrás e, com certeza, a imagem de Hrothgar como um rei ancião e venerável a perturbou, além, sem dúvida, da intrusão do lendário Grendel. Como é contado em nosso poema, sabemos que houve um período (indefinido) em que Hrothgar morou com esplendor em Heorot, mas nele não é informado que muito brevemente Grendel chegou para perturbá-lo (apesar de ser sugerido no poema que foi prontamente). Não se deve esperar precisão quando o conto de fadas se intromente na lenda histórica. Mas ficamos sabendo que Grendel atacou Heorot ao longo de doze anos (118, *twelf wintra tíd* *147, = "*for many a year*" [durante muitos anos] 122-3, *fela misséra* *153)[96]. Ora, se for verdadeira minha suposição de que Heorot foi construído depois da derrota de Fróda (e que o poeta se referia, na linha 50-1, *64-5, à batalha mencionada em 1714-15, *2039-40), esse período está bem adequado. Parece que o poeta sabia, pela tradição, quanto tempo se passara entre a construção de Heorot e o casamento de Freawaru e, portanto, podia indicar (e devia fazer isso) um número bastante preciso de anos. Se Grendel assombrou Heorot, isso deve ter acontecido antes da última irrupção da contenda dos Heathobards e da destruição de Heorot e se prolongado por um tempo um pouco mais curto. Isso também definiu a localização da visita de Beowulf (e o fim da assombração) em um tempo imediatamente anterior à questão dos Heathobards. [Ver a nota a 65 ss.] Vemos assim que a alusão de Beowulf ao noivado de Freawaru também possui adequação e propósito cronológicos. Na data de sua visita, Ingeld está noivo, mas não casado. O fato de ele não ter tombado na batalha junto com o pai indica que, na data da batalha, era muito jovem. Quinze anos (mais ou menos) se passaram (incluindo doze anos das assombrações de Grendel): antes ele tinha quase dez anos, agora tem cerca de vinte e cinco. Isso se encaixa perfeitamente.

Nota. A razoabilidade e o ar histórico da cronologia, quando consideramos as tradições acerca de Heorot e dos Heathobards, só são realçados pelo contraste com a inexatidão em 1485, *1769, em que, visando destacar, com o exemplo de Grendel, a moral do orgulho antes da queda e ressaltar a imagem venerável do rei patriarcal, o poeta faz Hrothgar dizer que gozara *hund misséra* (literalmente cinquenta anos [“cem meios anos”]) de prosperidade antes de Grendel chegar. Quer se relacione ao período antes da construção de Heorot, quer à primeira glória pacífica de Heorot, quer a ambos, é claro que isso é impossível.

Agora chegamos à verdadeira história de Freawaru e Ingeld. A comparação das tradições inglesa e nórdica, bastante independentes, mostra que duas coisas são comuns a ambas e, portanto, “originais”: o atiçamento pelo velho servidor e o motivo amoroso. Mas a nórdica (como vista, por exemplo, em Saxo) está alterada. Pode ser considerada dramática e intensa, se quisermos, mas na verdade é teatral e, certamente, brutalizada. Pode ser um ganho dramático fazer de Ingeld o objeto do “atiçamento” e torná-lo matador e rompedor da trégua[97]. Mas, sem dúvida, um Ingeld devasso, que mostrou “arrependimento” no assassinato de seus convidados à mesa, não teria se tornado herói dos menestréis ingleses. Aqui temos algo muito raro nas antigas lendas setentrionais (e quase singular no que chegou até nós em inglês antigo): uma história de amor. Isso se evidencia pela continuidade desse elemento (se bem que transmutado) em nórdico e em inglês. Em nórdico, o amor de Ingeld, na atmosfera viking feroz e brutalizada, torna-se degradado, um sinal de indolência e capricho. Ninguém jamais deveria ter cedido a ele e esquecido o dever do assassinato. Em inglês é diferente. O amor é um bom motivo, e a rivalidade entre ele e o chamado por vingança do pai assassinado é considerada

um genuíno conflito trágico; do contrário, a história de Ingeld não seria heroica, nem, certamente, uma história que um menestrel conseguiria vender por um único dragão (muito menos por uma selva shylockiana)[98]. Mas o amor referido é o amor apaixonado, não a simples reverência à rainha, à consorte, à mãe dos filhos do rei. A sugestão geral do relato (em nórdico e em inglês) é que a tragédia ocorreu logo após o casamento. E isso nos conduz a um aspecto da história que a evidência inglesa não explica: como se realizou o amor de Ingeld e Freawaru no conto, e não historicamente (o matrimônio pode muito bem ter ocorrido e pode ter sido puramente "político" de ambos os lados)[99]. Aqui a história foi "romântica" – um encontro fortuito, um príncipe disfarçado espionando o baluarte do inimigo – ou mais realista: uma embaixada, um convite a Heorot sob salvo-conduto, um banquete em que a linda princesa cativou o coração de Ingeld, como *eorlum on ende ealuwæ ´ge bær*? (*2021, 1698-9). Não temos como saber. Creio que, para o inglês antigo, a última hipótese é provável. É possível que aqui o "mito" tenha outra vez tocado a "lenda histórica", exatamente como as tradições da Era Dourada se reuniram em torno do nome de Fróda (ver comentário). É quase impossível não se impressionar com o fato de que os nomes do casal de amantes *Fréawaru* e *Ingeld* incluem um elemento de Frey (*Frea* e *Ing*) e de que Frey se apaixonou perdidamente por Gerðr, filha de seus inimigos, do gigante Gymir. No entanto, isso não prova que Ingeld, Freawaru ou o amor entre eles sejam totalmente "míticos". A história costuma se assemelhar ao "mito", em parte porque ambos são fundamentalmente feitos da mesma matéria. Se nenhum jovem nunca tivesse se apaixonado à primeira vista e descoberto que antigas contendas se interpunham entre ele e o seu amor, o deus Frey jamais teria visto Gerðr. Ao mesmo tempo, é mais provável que tal amor, na verdade,

surja no seio de um povo e de uma família cujas tradições são de Frey e dos Vanir, não de Odin, o godo.

1708 ss.; *2032 ss.

[A discussão de meu pai sobre os difíceis versos *2032 ss. no episódio envolvendo Freawaru e Ingeld é mais fácil de compreender se o texto em inglês antigo for apresentado (na pontuação de Klaeber) junto à sua tradução, dada neste livro.

Mæg þæs þonne ofþyncan ðéodne Heaðo-Beardna
ond þegna gehwám þára léoda,
þonne he mid fæmnan on flett gæ´ð:
dryhtbearn Dena, duguða biwenede;
on him gladiað gomelra láfe,
heard ond hringmæ´l Heaða-Beardna gestréon,
þenden hie ðám wæ´pnum wealdan móston,
oð ðæt hie forlæ´ddon tó ðám lindplegan
swæ´se gesíðas ond hyra sylfra feorh.
Þonne cwið æt béore se ðe béah gesyhð,
eald æscwiga, se ðe eall geman [...]

1708 This, maybe, will in that purposed time displease the Heathobardish king and each knight of that folk, when one walks down their hall beside the lady, a noble scion of the Danes amid their host (*passage corrupt and doubtful*). On him will gaily gleam things prized by their sires of old, a stout sword ring-adorned once treasure of the Heathobards, while yet their weapons they could wield, until they led their comrades dear and their own lives to ruin in the clash of shields. Then will one speak

at the ale, seeing that costly thing, a soldier old who remembers all [...]

1720 Quem sabe no tempo estabelecido desagrade ao rei dos Heathobards e a cada cavaleiro dessa gente quando um homem atravessar o salão ao lado da senhora, nobre herdeiro dos daneses em meio à sua hoste (*trecho corrompido e duvidoso*). Alegremente reluzirão nele objetos outrora prezados pelos seus antepassados, a robusta espada enfeitada de anéis que foi antigamente tesouro dos Heathobards, enquanto ainda podiam empunhar suas armas, antes de levarem à ruína seus caros companheiros e suas próprias vidas no choque dos escudos. Então, vendo aquele objeto precioso, alguém há de falar enquanto bebe cerveja, um velho soldado que se lembra de tudo [...]

Sou incapaz de explicar a frase da linha 1708 “no tempo estabelecido”.]

*2034: Aqui, como em *2054, temos Ms. *gæð*. É uma convenção um tanto absurda não emendar essa palavra e sim marcá-la com um circunflexo *gæˆð.* Porém, nesse caso, a emenda é tão necessária quanto no caso de qualquer outra substituição feita pelo escriba de sinônimos não métricos ou equivalentes dialetais. Exigimos *gangeð*.

*2035: Esse verso – o único realmente difícil e dúbio do episódio – admite grande número de interpretações (se a emenda for permitida). Mesmo que as interpretações incoerentes sejam descartadas, ainda haverá, infelizmente, uma ampla escolha. Ninguém poderia dizer que a nota *2034 ss. de Klaeber é cristalina! No entanto, o assunto poderá ser simplificado um pouco se começarmos com uma preferência por uma sintaxe razoável, partindo do pressuposto de que

ela também era preferida pelos poetas. Eis uma tentativa de traduzir o contexto:

> “Pode, então, ofender o rei dos Heathobards e todos os senhores desse povo, naquela ocasião em que ele caminha para dentro do salão com a senhora, um nobre herdeiro dos daneses ?em meio a uma companhia de experimentados guerreiros? (lendo *bi werede* [*werod*, “companhia”] como *biwenede*): sobre eles reluzirão alegremente as heranças dos anciãos (isto é, da geração anterior, dos pais dos presentes), duros e adornados com anéis, as posses dos próprios Heathobards, enquanto ainda lhes era permitido (ou seja, pelo destino) empunhar essas armas e até que conduzissem à ruína no choque dos escudos seus caros companheiros e suas próprias vidas. Nesse tempo há de falar por ocasião da bebida um velho servidor, que vê um anel (?), alguém que recorda tudo, o assassinato de homens com lanças, soturno será seu humor [...]”

Está claro que as espadas são a principal causa do distúrbio[100]. Isso apresenta de imediato algumas dificuldades:

he *2034: Quem é? E como “ele” pode (se, como deveria ser, *he* *2034 e *him* *2036 se aplicam à mesma pessoa) usar mais de uma espada?

dryhtbearn *2035: Significado? Número?

béah *2041: O que é isso? Poderia ser uma espada?

Começando por *dryhtbearn*: não pode referir-se a Ingeld. Esse não é um banquete de casamento, mas obviamente um episódio que se passa na terra dos Heathobards. Não se refere a Freawaru. *dryhtlic* certamente pode significar “nobre” e se aplica a Hildeburh (*drihtlíce wíf*

*1158, “*that royal lady*” [aquela senhora real] 950), mas isso deriva de *dryht*, “corte, os guerreiros reunidos de um rei”. Como primeiro elemento de um composto, mantém seu sentido usual: um *dryhtbearn* é um jovem membro de um *dryht*, um jovem cavaleiro ou soldado.

Mas existe uma dificuldade relacionada ao número: *he*, singular, seguido de *dryhtbearn*, *him*, plural (pela lógica da situação e por *biwenede* *2035, que, se for mantido, deve ser um particípio passado plural). Mesmo que *he* possa ser usado no lugar de *sum* (como às vezes ocorre em inglês antigo), “um homem”, a mudança de número é drástica.

Existe outra dificuldade. O significado de *biwenede*, “tratado, entretido”, está evidenciado na linha *1821 (*bewenede*, “*cherished*” [tratados] 1528). Mas o uso do genitivo plural *duguða* de forma instrumental = “esplendidamente” nem está evidenciado, nem é provável.

É evidente que emendas são necessárias. A própria dificuldade que o fragmento impõe, a despeito do fato de que a situação geral não está em dúvida, basta para sugerir que o texto está corrompido em um ou mais lugares.

Creio que precisamos escolher entre *duguða bi werede*, “entre uma companhia dos experimentados guerreiros”, e *duguðe* (ou *duguðum*) *biwenede*, “nobremente entretido”. Essa última alteração torna muito desejável a emenda adicional: *he* [...] *gangeð* *2034 para o plural *hie gangað*. Assim, eu leria: *þonne hie mid fæmnan on flet gangað, dryhtbearn Dena duguðe biwenede: on him gladiað* [...], “quando eles, com a senhora, caminham pelo salão, jovens cavaleiros daneses da escolta nobremente entretidos. Sobre eles reluzem alegremente” etc. Está claro, creio, que a alteração para *hie gangað* permite um grande aperfeiçoamento, o que resulta numa frase usual e estilisticamente normal – mantendo-se *biwenede*.

béah *2041: A resposta é não. *béah*, que nomeia um colar de metal torcido, um bracelete espiralado ou uma couraça, não pode significar “espada”. Aqui a dificuldade talvez esteja atrelada à nossa falta de conhecimento sobre detalhes específicos da história inglesa. O senhor danês escolhido pelo *æscwiga* (*2042) podia muito bem também trazer um anel, ou joia herdada, no braço ou no pescoço.

Ainda assim, mais adiante, o *æscwiga* menciona apenas “espada” (*dýre íren* *2050, “*his prizéd blade*” [sua lâmina prezada] 1721-2). *beah* muito provavelmente é uma corruptela, por exemplo, de *bá*, “ambos”: a odiada senhora danesa e seu cavaleiro. Mas isso exigiria *bi werede*, pois teríamos de manter *he* no verso *2034. Então deveríamos ler *him* *2036, plural, com referência a *duguða*, os cavaleiros daneses. Assim: “quando ele, com a senhora, caminha pelo salão, um jovem cavaleiro da corte danesa na companhia armada de sua cavalaria, sobre eles reluz a herança de seus pais”.

No geral, inclino-me a isto: com ou sem alteração de *beah*. “*he*” pode muito bem ter sido na história (como contada nas baladas que nosso poeta conhecia) um homem com nome, com um papel específico a desempenhar, assim como o nome do *æscwiga* e o do jovem Heathobard e seu pai eram todos, provavelmente, conhecidos. Mas – e este ponto, creio, normalmente tem sido negligenciado – o expediente de dar isso a Beowulf como profecia forçou o poeta ao vago anonimato. Não importa o quanto Beowulf fosse um jovem astuto, ele não poderia adivinhar (sem amplo conhecimento da corte Heathobard) qual velho servidor iria “atiçar” e de qual Heathobard iria vingar-se. Além disso, não poderia saber quais jovens daneses seriam escolhidos como vítimas. Note-se o anonimato de *he* e *æscwiga, þín fæder* e *hyne* (*2048, *2050; 1721, 1723), em contraste com o nome Withergyld, quase gratuito (*2051),

quando Beowulf se refere à batalha passada sobre a qual ele podia saber! Vemos de imediato que Withergyld não pode ser o pai [isto é, do “jovem guerreiro”, *2044, 1718-19] nem nada mais do que um dos “senhores dos Heathobards”, famosos por terem tombado com Froda.

1746; *2076 [“Handshoe”]

Com o Ms. *Þær wæs Hondscio hilde onsæ´ge*, cf. *2482-3 *Hæðcynne wearð* [...] *gúð onsæ´ge* (2087-8 “*upon Hæthcyn [...] war fell disastrous*” [sobre Hæthcyn [...] a guerra se abateu desastrosa]). O sentido é, portanto, “(morte na) batalha abateu-se sobre Handscioh”, e a emenda para passar para *hild* é necessária e certa. É provável que o escriba (como alguns editores depois dele) não conseguisse acreditar em um homem chamado Handshoe[101] = “luva”, daí ter entendido o verso como significando: “uma luva (isto é, a *glóf* de *2085, “*pouch*” [sacola] 1753) abateu-se com guerra (intenção hostil) [*hilde*] sobre o homem condenado”.

No entanto, não é preciso duvidar do nome. Não ocorre em outro lugar em inglês antigo, mas está evidenciado em alemão, por exemplo no topônimo *Handschuhes-heim* e tem paralelo no nome nórdico *Vo¿ttr*, “luva”. Ao mesmo tempo, deduzimos que havia muitas histórias e personagens associados às cortes de Hrothgar e Hygelac em inglês antigo, dos quais *Beowulf* só nos fornece indicações. Aqui temos de suspeitar de um elemento de conto de fadas: um homem chamado “Handshoe” caber numa “luva” é um fato bastante notável[102] (e soa como Grimm!), não menos se observarmos que *Handshoe* só é registrado aqui, e só aqui *glóf* é aparentemente usado como “sacola”.

Na verdade, a “sacola” de Grendel aqui deve significar “luva”. Conforme concebido originalmente, Grendel era tão grande que um homem podia caber em sua luva. Compare-

se a aventura de Þórr no interior da luva do gigante Skrýmir em *Gylfaginning*[103].

1767 ss. *There was mirth and minstrelsy* [...]; *2105 *Þæ´r wæs gidd ond gléo* [...]

Esse trecho, obviamente, é ao mesmo tempo interessante e importante para a história literária. O autor de *Beowulf* tem o interesse especial de um poeta em seu ofício. Compare-se a referência ao aspecto técnico do verso em *867-74 [ver a nota a 705-10]. Aqui temos, sem dúvida, uma referência a formas de composição: "gêneros"; e ao tema. Infelizmente, os registros de verso e prosa em inglês antigo, bastante escassos, não permitem interpretar o trecho com clareza.

Parte do que restou preservado está escrito em verso, sobretudo em versos eruditos polidos, escritos em caprichada letra livresca e conservados em alguns dos poucos e custosos livros da antiga Inglaterra que restaram. A não ser o importante exemplo de *The Battle of Maldon* [A batalha de Maldon] – de um tipo mais livre, precipitado e tópico, com leis métricas mais frouxas, mas que representa, provavelmente, um tipo praticado em todas as épocas – e de algumas sobras (como versos na *Crônica* ou os encantamentos), o que temos só oferece um vislumbre indireto da arte do menestrel no salão inglês. Do que temos preservado, só o Hino de Cædmon é atestadamente improvisado[104].

Outra parte está escrita em prosa. Não temos contos nem "sagas", pouco ou nada da obra do *þyle* [ver a nota a 3], exceto a glosa *þylcræft* (= "retórica") e, provavelmente, antigas genealogias reais e ao tema por trás de alguns dos anais dos primeiros anos da *Crônica* (como aqueles sobre Hengest e Horsa). Mais uma vez, há uma exceção: o

episódio resumido da “saga” acerca de Cynewulf e Cyneheard na entrada da *Crônica* para o ano 755 d.C., que se destaca (em modo e materialmente) por derivar de uma história contada (sem ser uma de fato).

Ainda assim, podemos observar alguns aspectos. O próprio rei toca e recita. Para a Inglaterra, temos poucas evidências (exceto a história tardia, apócrifa e não crível sobre a visita de Alfred105 ao acampamento dinamarquês), mas é bem conhecido que os nobres e reis praticavam a arte do menestrel na Escandinávia. De fato, o *skáld* nórdico em geral era membro de uma grande casa e também um guerreiro.

Nota. Beowulf diz expressamente que isso ocorreu na noite seguinte à derrota de Grendel e antes da vinda da mãe dele, após o rei lhe dar presentes. Refere-se, portanto, ao tempo previamente descrito entre *1063 e *1237, 867-1025. Mas ali não há menção a Hrothgar cantando ou tocando harpa. Isso não é necessariamente uma “discrepância”, é um recurso para avivar o relato duplo, contar alguns fatos na narrativa e outros no relato. A “discrepância” só estaria presente se fosse impossível encaixar as apresentações de Hrothgar [isto é, no relato anterior da ocasião]. Um banquete setentrional durava muito tempo. As apresentações de Hrothgar (nem todas aconteceram em seguida: *hwílum* [...] *hwílum* *2107-13, 1769-74) dificilmente terão ocorrido em *1063-5, 867-9, quando só se mencionam canto e execução em instrumento na presença de (*fore*) Hrothgar. É *Hróðgáres scop*, não o rei, quem canta sobre o *Fréswæl* (*1066, 870). Mas podem ter ocorrido em *1160, *Gamen eft ástáh* (952-3 “*Merry noise arose once more*” [Outra vez ouviu-se feliz algazarra]), e no longo intervalo, após a perambulação de Wealhtheow, mencionada brevemente, *1232-3 *Þær wæs symbla cyst, druncon wín weras*, 1021-2.

[Incluo aqui o texto original *2105-13 e a tradução de meu pai (1767-74) do trecho em que Beowulf descreve Hygelac e a apresentação de Hrothgar no banquete.

Þæ´r wæs gidd and gléo; gomela Scylding
felafricgende feorran rehte;
hwílum hildedéor hearpan wynne,
gomenwudu grétte, hwílum gyd áwræc
sóð ond sárlíc, hwílum syllíc spell
rehte æfter rihte rúmheort cyning;
hwílum eft ongan eldo gebunden,
gomel gúðwiga gioguðe cwíðan,
hildestrengo;

[1767] There was mirth and minstrelsy: the aged Scylding, full of ancient lore, told tales of long ago; now did he, once bold in battle, touch the harp to mirth, the instrument of music; now a lay recited true and bitter; or again, greathearted king, some wondrous tale rehearsed in order due; or yet again, warrior of old wars, in age’s fetters did lament his youth and strength in arms.

[1783] Houve júbilo e canção de menestréis. O idoso Scylding, detentor de antigo e extenso saber, contou histórias de antanho. Ora ele, outrora ousado na batalha, tocou a harpa alegremente, o instrumento da música, ora cantou uma balada correta e amarga, ou então, rei de grande coração, relatou um conto assombroso na devida ordem, ou, ainda, guerreiro de antigas guerras, lamentou nos grilhões da velhice sua juventude e sua força nas armas.]

Pouco ou nada sabemos sobre a relação entre tocar harpa e os versos e a recitação. A natureza dos versos em inglês antigo, como é em *Beowulf*, torna improvável que fossem "cantados" no sentido moderno[106]. As palavras *feorran rehte* *2106 (1769) parecem referir-se ao relato de baladas ou contos dos tempos passados. As mesmas palavras *feorran reccan* são usadas acerca do *scop* que cantou uma balada da "Criação" (*91, 74). Em *2107-8 notamos que a harpa é mencionada como algo distinto de *feorran reccan*, e de *gyd*, *syllíc spell*, da "elegia" do final.

gyd (saxão ocidental primitivo *giedd*, outros dialetos *gedd*): é uma palavra de aplicação ampla ou vaga na poesia inglesa antiga[107]. Parece possível empregá-la para qualquer pronunciamento, discurso ou recitação formal. Assim, Hrothgar chama seu discurso ou sermão de *gyd* *1723 ("*considered words*" [palavras refletidas] 1447), enquanto as palavras formais de Beowulf, ao entregar os presentes a Hygelac, são chamadas de *gyd* *2154 ("*appointed words*" [palavras escolhidas] 1810). Mas, pelos seus vários usos e pela conexão com *gléo* (como *gidd ond gléo* *2105), fica evidente que pode significar o que chamaríamos de balada. Note-se que a balada de Finn e Hengest é chamada *gléomannes gyd* *1160 ("*the minstrel's tale*" [o conto do menestrel] 952). Assim, está bem claro que *gyd* [...] *sóð ond sárlíc* *2108-9 se refere a uma balada heroica trágica (tratando de lenda histórica), como o *Fréswæl*[108].

spell: assim, é muito interessante ver *gyd* contrastado como *sóð* com *syllíc spell*, "um conto maravilhoso". Não que *spell* signifique "conto de fadas", significa apenas "narrativa, relato, história". A canção do menestrel sobre o feito de Beowulf é um *spel* *873 ("*tale*" [história] 710). Mas aqui existe uma clara distinção, em termos de *enfoque*, entre o *sóð* e o *syllíc*, que provavelmente não difere muito da distinção que faríamos entre o "histórico" e o "lendário" (ou melhor, maravilhoso, mítico). Sigemund e seu dragão

poderiam ser um caso – um dragão era *sellíc*; cf. *sellice sædracan* *1426 (“*strange dragons of the sea*” [estranhos dragões do mar] 1189). Mas todo esse material perdido (que chamamos de conto de fadas), do qual só restam vestígios do norte – como Grendel, além de alusões ocasionais na Edda Maior e, é claro, também na Edda de Snorri Sturluson, como nos contos acerca de Thor –, provavelmente é o que se quer dizer. Porém, note-se *rehte æfter rihte* *2110. Não era apenas uma invenção desregrada, mas sim um conto conhecido e corretamente desdobrado.

cwíðan: aqui temos a linha “elegíaca” da lamentação, e o inglês antigo nos fornece mais exemplos. Existem vestígios no próprio *Beowulf*. O trecho (por exemplo, *2247 ss. *Heald þú nú, hrúse* [...], 1892 “*Keep thou now, Earth [...]* [Guarda agora, Terra [...]]) mostra-se como uma lamentação convencional e é de fato apresentado como o lamento do último sobrevivente de uma raça de reis. Cf. *2444 ss. *Swá bið geómorlíc* [...], 2057 ss. “*In like wise is it grievous [...]*” [Do mesmo modo, é aflitivo [...]], apesar de isso não ser apresentado como lamento real. Os versos mais bem-sucedidos e emocionantes do próprio *Beowulf*, *3143, 2639, até o fim, são um lamento. E partes de *The Wanderer* e *The Seafarer* naturalmente vêm à mente. Na verdade, é tão próxima a semelhança entre as palavras de Hrothgar *1761-8 (1479-84) com parte de *The Seafarer*, já notada [ver comentário e a nota editorial], que se justifica deduzir que o tipo de pronunciamento poético que nosso autor tinha em mente em *2112 [com referência a Hrothgar, ver comentário] não era distinto: *yldo him on fareð, onsýn blácað, gomelfeax gnornað, wát his iúwine, æðelinga bearn eorþan forgiefene*[109] (*The Seafarer* 91 ss.). Na verdade, tais versos derivam de uma variedade muito antiga da expressão poética do norte. Mas a situação especial dos ingleses – um povo em meio às ruínas, isolado das terras antigas, as terras dos heróis de suas antigas canções, e pouco a pouco,

à medida que crescia seu conhecimento, sentindo-se verdadeiramente na Idade das Trevas após a partida da glória de Roma[110] – conferiu a esse sentimento uma especial comoção, uma especial vivacidade pictórica. Os dois trechos de *Beowulf* citados anteriormente estão repletos da visão de salões desertos e arruinados. *gesyhð* [...] *wínsele wéstne, windge reste réte berofene, rídend swefað, hæleð in hoðman* *2455-8 "*he sees [...] the hall of feasting, the resting places sweapt by the wind robbed of laughter – the riders asleep, mighty men gone down into the dark*" [vê [...] o salão do banquete, os locais de repouso varridos pelo vento e destituídos de riso. Os cavaleiros dormem, homens poderosos que desceram à treva] 2064-7. Assim é também *The Wanderer*. Ninguém teria compreendido melhor ou sido mais capaz de desempenhar o papel de Hrothgar do que Alfred – que ganhou o louvor da mãe pelos *poemata saxonica*, as baladas de seus heroicos pais do norte –, e ainda assim sentia-se quase solitário na Idade das Trevas, tentando salvar dos destroços do tempo algumas centelhas que sobreviviam da Era Dourada, de Roma e dos poderosos *Cáseras* e construtores do mundo decaído.

1857 ss. *then into Beowulf's hands came that broad realm* [...]; *2207 ss. *syððan Béowulfe brade ríce on hand gehwearf* [...]

Com *Béowulfe*, começamos no fólio 179r uma página tristemente dilapidada, mutilada na borda direita, bastante desbotada, e "renovada", nos lugares visíveis, com alguma letra mais recente (e não autorizada), a letra de alguém que ou ignorava o inglês antigo ou estava bem confuso com a tendência do fragmento. É uma pena! Aqui o poeta salta direto para a história do dragão e a arrebatadora aventura do fugitivo que se esconde numa caverna por acaso,

descobre que ela é um depósito de tesouro e quase pisa na cabeça do dragão (*2290, 1929), no escuro, esquadrinhando o lugar. E todo esse texto está muito estragado, e *2226-31 (1875-8) praticamente ininteligível. Levando em conta o modo do inglês antigo, esse é um tratamento bem emocionante dessa situação "de conto de fadas", notável pela "comiseração" que o autor demonstra tanto pelo desgraçado fugitivo quanto pelo dragão. Mas é característico desse modo o fato de a narrativa não ser "reta". Primeiro, ouvimos falar do dragão. Depois, que "alguém" entrou na colina e levou uma taça. Em seguida, que a gente próxima logo percebeu a ira do dragão. Na sequência, ficamos sabendo mais sobre o intruso: era um escravo fugitivo (de senhor desconhecido). Foram perdidos, porém, alguns preciosos detalhes de sua experiência na colina. Mas é só em *2289-90 (1929) que se diz que ele pisou perto da cabeça do dragão. Também é característico do nosso poeta (e do inglês antigo como o conhecemos em sua totalidade) que a cena na colina se transforme, de imediato, em um *retrospecto elegíaco* sobre os senhores esquecidos que depositaram seu ouro no depósito e depois morreram, um por um, até o ouro ficar sem dono, presa aberta para o dragão.

Mas isso *não* é antiartístico. Por um lado, ocupa o "espaço emocional" entre a pilhagem do tesouro e os versos, curiosamente vívidos e perceptivos, sobre o dragão bufando de raiva, frustrado, com a cobiça ofendida quando descobre o roubo, versos que ganham bastante com as palavras finais da "elegia" interposta: *ne byð him wihte ðý sél* *2277 ("*no whit doth it profit him*" [nem um pouco lhe aproveita] 1918) – a última palavra em natureza dos dragões. Também, é claro, o sentimento pelo próprio tesouro e o senso de história triste são exatamente o que faz todo o trecho não se configurar apenas como "uma simples história de tesouro, apenas mais um conto de dragão". Tudo é

sombrio, trágico, sinistro, curiosamente real. O “tesouro” não é somente uma riqueza afortunada que permitirá a quem o encontrar divertir-se ou casar-se com a princesa. Está carregado de história, conduzindo de volta às obscuras eras pagãs além da memória das canções, mas não além do alcance da imaginação. É só quando se revela seu papel no próprio enredo – atrair para a morte o invencível Beowulf – que ficamos sabendo que, na verdade, ele é encantado, *iúmonna gold galdre bewunden* *3052 (“*the gold of bygone men was wound about with spells*” [o ouro de homens passados estava enredado em encantamentos] 2564), que a quintessência do “tesouro enterrado” está destilada em quatro palavras, que é maldito (*3069-73, 2579-84).

Assim, esse trecho rivaliza com o *exordium* sobre o sepultamento naval (*32-52, 25-40) como sendo aquele objeto raríssimo, uma verdadeira expressão poética de sentimento e imaginação sobre material “arqueológico” de um período arqueológico ou subarqueológico. Muitas dessas colinas existiam na Escandinávia e mesmo na Inglaterra no século VIII, e já eram antigas o bastante para que seu propósito e sua história estivessem envoltos em névoa. Aqui ficamos sabendo o que pensavam delas os homens do tempo da penumbra. E, é claro, a escrita e a elegia são boas por si sós, e não desperdiçadas – já que as cinzas do próprio Beowulf serão depositadas em uma colina que abriga grande parte desse mesmo ouro (apesar de muito dele também ter derretido no fogo, *3010-15, 2530-4) e submergirão no esquecimento dos séculos –, não fosse pelo poeta e pelo fortuito abrandamento do tempo: poupar este único poema dentre tantos. Pois também isto o destino quase decretou: *þæt sceal brond fretan, æled þeccean*: a isto a madeira ardente há de devorar, o fogo há de envolver. Dos outros nada sabemos.

*

1 Em inglês moderno, *shield.* (N. do T.)

2 [A palavra *scop* significava “poeta, menestrel”; o significado de *þyle* era muito variado e pode ser incerto em casos particulares. Em outro lugar destas conferências, meu pai escreveu:

> Aprender de cor, de outros membros mais velhos do seu ofício, era parte da ocupação do *scop* ou menestrel, e do *þyle*, “registrador” de genealogias e de histórias em prosa. Mas também era seu dever fazer baladas, ou contos, ou listas mnemônicas acerca de assuntos submetidos à sua própria observação contemporânea, ou que chegavam até ele pessoalmente, assim como notícias de longe.]

3 “Feixe” é *sheaf* em inglês moderno. (N. do T.)

4 “Fortaleza” ou “reduto”, em anglo-saxão. (N. do T.)

5 “Hidromel”: bebida alcoólica produzida pela fermentação de uma mistura de mel e água (N. do T.)

6 Bebida alcoólica produzida pela fermentação de uma infusão de malte. Pode ser traduzido, *grosso modo*, como “cerveja”. (N. do T.)

7 “Estrada da baleia” e “estrada de ferro” são, respectivamente, *whale road* e *railroad* em inglês moderno e, portanto, quase homófonos. (N. do T.)

8 “Estrada”, em inglês moderno. (N. do T.)

9 Verbo inglês que significa cavalgar, andar, montar, passear em veículo ou montaria. *Riding* é o gerúndio ou substantivo equivalente (passeio, andadura, o montar). (N. do T.)

10 [“O Hino de Cædmon é conhecido como a única peça autêntica que restou da outrora renomada poesia sacra do vaqueiro de Whitby, Cædmon, que viveu no século VII. Os nove versos do hino foram registrados pelo Venerável

Beda e se encontram numa cópia do século VIII de sua *História eclesiástica* em latim. Estão, portanto, entre os mais antigos fragmentos registrados do idioma inglês.”

“Em vida, Cædmon produziu uma grande quantidade de poemas sobre temas bíblicos do Antigo e do Novo Testamento, e também teve muitos imitadores. Beda dizia que nenhum podia se comparar a ele. Mas não somos mais capazes de julgar por nós mesmos, pois praticamente todos desapareceram. Da obra de Cædmon, que tanto emocionou os homens da era anterior (séculos VII e VIII), o único que restou, certamente genuíno, é esse primeiro hino.

Um grande livro de poesia bíblica chegou até nós: MS Junius 11, muitas vezes chamado de Manuscrito Cædmoniano. Costumava ficar nas prateleiras de exibição da Biblioteca Bodleiana, e qualquer pessoa que se desse ao trabalho de subir pelas escadas serpenteantes podia olhá-lo. Não sei agora onde está. Foi escrito com a pena, pelos escribas, por volta de 1000 d.C. Mas, apesar de conter material muito antigo (embora vestido com ortografia mais tardia), não representa a obra de Cædmon.”

J. R. R. T., *trechos de conferências sobre poesia em inglês antigo.*]

11 Localidade na Inglaterra onde foram encontrados os restos de um funeral do século VII, em um navio enterrado num morro tumular. (N. do T.)

12 [“Saxo Grammaticus (o letrado), cujos volumes iniciais da *Historia Danica* são um repositório da tradição e da poesia escandinava, escritos em um latim difícil e bombástico, mas sempre divertido” (R.W. Chambers). Saxo era dinamarquês; prosperou no final do século XII, mas quase nada se sabe sobre sua vida. Acerca de *Haldanus*, escreveu que o mais notável sobre ele era que,

“apesar de ter utilizado todas as oportunidades que os tempos ofereciam para exibir sua ferocidade, sua vida terminou com a velhice, e não com a espada”.]

13 Em inglês, *doom.* (N. do T.)

14 As conexões religiosas eram com os deuses culturais, em nórdico: Njöðr e Frey (Yngvi-Frey). Daí *Fróda* e *Ingeld* aparecerem como nomes de Heathobeards. Mas, mesmo após a captura danesa desse local, encontramos o nome *Fréawaru*, dado à filha de Hrothgar, e os daneses reivindicam o título de “Amigos de Ing”.

15 [Em todos os textos, essa palavra é traduzida como “criatura”, 83. Junto dessa referência a *gæ´st*, meu pai mais tarde escreveu uma nota a lápis sugerindo que deve existir uma confusão com *gæst*, *gest* (“forasteiro”). Isso, além do significado de *féond on helle*, foi discutido por ele no Apêndice (a), *Grendel’s titles* [Os títulos de Grendel], em *The Monsters and the Critics* [Os monstros e os críticos], nos quais afirmou sobre a palavra *gæ´st* que, “em qualquer caso, ela tampouco pode ser traduzida pelo moderno *ghost* [alma] ou *spirit* [espírito]. *Creature* [criatura] é provavelmente o máximo de que nós podemos nos aproximar agora.”]

16 Por exemplo, em *O Senhor dos Anéis.* (N. do T.)

17 Também “cousa, coisa” em português. (N. do T.)

18 Ver adiante. (N. do T.)

19 “Irmãs Misteriosas”, as bruxas cujas profecias influenciam os atos dos personagens. (N. do T.)

20 [Wulfstan: eminente erudito e eclesiástico, arcebispo de York, falecido em 1023.]

21 A distinção é mais fácil de compreender para quem fala português: *cunnan* ≈ “conhecer”, *witan* ≈ “saber”, dois conceitos que em inglês moderno são expressos por *know.* (N. do T.)

22 [A referência é ao poema em inglês antigo *Elene*, um de vários poemas que se sabe serem obra de um poeta chamado Cynewulf, uma vez que ele entreteceu, em trechos de seus versos, os nomes das letras rúnicas que formam o seu nome.]

23 [Para tornar isso mais claro à vista, além dos parênteses que cercam as linhas 134-5 (tradução de *168-9), que meu pai acrescentou no texto datilografado, inseri parênteses também em torno das linhas 143-50 (tradução de *180-8).]

24 Literalmente, “chocar”. Em português, usamos “ruminar”. (N. do T.)

25 Em inglês, *understatement*, equivalente a “subafirmação”, termo bastante comum na língua moderna. (N. do T.)

26 [Sobre Cynewulf, ver a nota de rodapé 22. O assunto desse poema é a descoberta da verdadeira cruz por Santa Helena, mãe do imperador Constantino.]

27 [Heardred era filho de Hygelac. A dinastia Hrædling: os descendentes de Hrethel (Hrædla), pai de Hygelac. Sobre a forma *Hræ´dla*, *Hræ´dling* ver a nota a 358-9].

28 [Na tradução completa, 2186, *léod Scylfinga* é traduzido como “*a lord Scylfing race*” (“senhor da raça Scylfing”).]

29 [Os filhos de Ongentheow, rei dos suecos, eram Ohthere e Onela (ver a nota a 48-9). Eanmund e Eadgils eram filhos de Ohthere. Quando Onela se tornou rei, seus sobrinhos fugiram do país e se refugiaram com o rei dos gautas, que era então Heardred, filho de Hygelac, morto na Frísia (2003-4). Tanto Heardred quanto Eanmund foram mortos no ataque subsequente de Onela. O matador de Eanmund foi Wihstan, pai de Wiglaf (2194-5). Beowulf tornou-se então rei dos gautas. Mais tarde, com a ajuda de Beowulf, Eadgils, filho de Ohthere, rumou para o norte e matou

Onela, seu tio, tornando-se ele próprio rei dos suecos (2012-16). Ver a nota a 303-4, no final.]

30 [*Gautar* é a forma em nórdico antigo do I.A. *Geatas*.]

31 [Aqui meu pai fez uma referência, porém só a números de versos, a trechos do antigo poema inglês conhecido por *The Wanderer* (O peregrino). Esses conselhos são citados, traduzidos, na nota 329 ss.]

Trata-se de antigo poema inglês, conhecido graças a uma cópia do séc. X, sobre as meditações de um eLivros solitário. (N. do T.)

32 Líder da resistência inglesa à invasão normanda no século XI. O apelido *the Wake* pode significar "o Vigilante" (N. do T.)

33 Em seu discurso de despedida, Hrothgar diz (*1855-63): "*Thou hast achieved this, that between the peoples, Geats and Danes, mutual peace shall be, and the strife and cruel enmity shall cease, that they before waged, that while I rule this wide realm, treasures shall be exchanged, and many men shall with good will greet one another over the sea where the gannet bathes, many a ring-prowed ship over the deep shall bring gifts and tokens of friendship*" [Realizaste isto, que entre os povos dos gautas e daneses haja paz mútua, e que cessem a contenda e a cruel inimizade que praticaram antes; que, enquanto eu governar este amplo reino, tesouros sejam trocados, e muitos homens com boa vontade se saúdem por sobre o mar onde o alcatraz se banha, muitos navios de proa com anéis tragam sobre as profundezas presentes e sinais de amizade.] Naturalmente, isso pode ser interpretado que, até a chegada de Beowulf, havia tensão e mesmo guerra entre os dois reinos. [Compare-se esse trecho com o da tradução completa, 1554-62.]

34 Uma dedução legítima de seu sucesso militar na guerra sueca, transformando a derrota em esmagadora vitória, e

de seu grande ataque (histórico) ao reino franco, o que por si reflete: (a) dominação sobre os suecos e ausência de temor em suas fronteiras setentrionais; (b) amizade com o rei danês; e (c) poder e cobiça.

35 Corresponde ao nosso “saúde” ao beber. (N. do T.)

36 [Na edição que meu pai fez de *Exodus*, publicada por Joan Turville-Petre em 1981, p. 57, ele observou: “*Lyft-edoras* é provavelmente ‘bordas do céu’, isto é, o horizonte; *eodor* significa ao mesmo tempo ‘cerca (proteção)’ e ‘recinto cercado, corte’. A frase deveria, portanto, significar ‘irrompeu através das cercas do céu’.”]

37 [À luz dessas considerações, meu pai alterou a forma original da tradução no texto datilografado C: “quando atei cinco, *e tornei desolada* a raça dos monstros, e quando matei entre as ondas” para “*onde* atei cinco, *tornando* desolada”. Ele também sublinhou o “e” em “e quando matei”.]

38 Considere-se o notável trecho 1767-74, *2105-13, quando Beowulf relata que o próprio Hrothgar, no banquete em comemoração à morte de Grendel, executou e aparentemente deu exemplos da maioria dos “gêneros” de entretenimento: tocar harpa; cantar baladas, históricas e trágicas; contar histórias maravilhosas [*syllíc spell* *2109] corretamente (isto é, de acordo com a forma tradicional); fazer um lamento elegíaco sobre a passagem da juventude à velhice.

39 Ver minha “reconstrução” ou exemplo de *Sellíc Spell*, que espero ler mais tarde. Creio que Beowulf tinha um (ou dois) companheiros, também ávidos por tentar a façanha. Ele o fez no turno derradeiro. E [isso] explica sua passividade enquanto Grendel mata e devora Handshoe (1745-9, *2076-80), evidentemente o *slæ´pendne rinc* de *741 (“*a sleeping man*” [um homem adormecido], 609).

40 Creio que parte do objetivo do trecho *ic ána*, em que Beowulf pede a Hrothgar que deixe apenas gautas no salão, é que pelo menos alguns dos mais bravos guerreiros daneses teriam desejado ficar também, para salvar a honra danesa, depois de tal desafio feito por forasteiros.

41 Líder dos anglo-saxões na batalha de Maldon contra os vikings, no ano 991, que tomou a decisão, a um só tempo heroica e fatal, de deixar o inimigo se deslocar para uma posição mais favorável. A busca pelo seu corpo depois da batalha é o tema de um poema de Tolkien, *The Homecoming of Beorhtnoth, Beorhthelm's Son* [A volta ao lar de Beorhtnoth, filho de Beorhthelm]. (N. do T.)

42 [Após essas palavras, meu pai citou o texto em inglês antigo, verso *2502, [*ic* [...] *Dæghrefne wearð*] *tó handbonan*, em sua tradução: 2103 "*my hands were Dæghrefn's death*" [minhas mãos foram a morte de Dæghrefn]. Mas, na sequência, ele riscou as palavras *tó handbonan* e escreveu na margem: "*handbona* significa 'matador de fato' e pode ser usado em caso de matar com armas. Assim, em *2506, é necessário dizer (depois de usar *handbona*) *ne wæs ecg bona* '*no sword-edge was his slayer*' [não foi o gume de espada que o matou]", 2107.]

43 O urso-branco (*Ursus maritimus*) pode parecer um elemento de ligação, mas o "urso-polar" parece só ter sido conhecido, mesmo na Escandinávia, depois da colonização da Islândia (final do século IX) e da Groenlândia (final do século X). Chamavam-no então de *hvítabjörn*. Segundo a tradição, o primeiro *hvítabjörn* foi levado para a Noruega por Ingimund, o Velho, por volta do ano 900 d.C. Seja como for, isso nos faz lembrar histórias das ilhas setentrionais sobre criaturas marinhas demoníacas, às vezes com forma de foca, que entravam nas casas dos homens que moravam à beira-mar, chegando a gerar filhotes com suas mulheres ou levando-

as embora junto com elas. Alguns desses episódios podem estar referidos nos *Wedera níð* [*423, "*the afflictions of the windloving Geats*" [as aflições dos gautas amantes do vento] 341-2] que Beowulf vingou [ver comentário, nota a 338-43]. [Junto à parte final desta nota, meu pai escreveu que eram necessárias referências, mas que naquele momento não lhe era possível recuperá-las.]

44 Referência à expressão inglesa *to have a bee in your bonnet*, "ter uma abelha no gorro", que significa "estar obcecado". (N. do T.)

45 [*ablaut*: um termo usado a respeito da alternância das vogais de formas verbais relacionadas, como *drink*, *drank*, *drunk*.] (N. da ed. inglesa.) Em português esse fenômeno, aqui exemplificado com o infinitivo, o pretérito e o particípio passado de *drink*, "beber", se chama *apofonia* (N. do T.)

46 [O texto original da tradução de meu pai (356-9) de *443-5 era: "*Methinks he will [...] devour without fear the Geatish folk, as oft he hath the proud hosts of your men*." [Parece-me que irá [...] devorar sem medo a gente gauta, assim como muitas vezes devorou as altivas hostes de teus homens]. Isso depende da interpretação do texto como *mægenhréð manna*. Em uma nota a esse comentário sobre o assunto, ele observou que *mægenhréð*, "triunfo de poder dos homens", não ocorre em nenhum outro lugar e, "mesmo que isso deva significar 'força triunfal [isto é, tropa] de homens', é um modo singularmente infeliz de se referir a homens que na verdade foram mortos e devorados". O texto posterior foi inserido a lápis no texto datilografado C. (Ver as "Notas sobre o texto da tradução", nota a 356-9.)

47 Como "astros" do futebol adquiridos para reforçar um time, mas com esta diferença: era o campeão quem recebia o dinheiro ou outro pagamento, não o chefe ou o

povo que ele deixara. A não ser, é claro, que, como Ecgtheow, ele tivesse se metido em dificuldades (uma contenda), caso em que sua adesão podia ser conseguida saldando suas dívidas (ver 379-80, *470).

48 Na verdade, do modo como o esquema temporal é apresentado, Beowulf só foi "alimentado" por Hrothgar durante três dias: no dia de sua chegada, seguido pelo combate com Grendel; no dia do banquete da vitória, seguido pela chegada da mãe de Grendel; no dia do ataque ao covil de Grendel, seguido pelo banquete final. Beowulf partiu cedo no dia seguinte.

49 [Isso não é realmente afirmado: só está dito que "Ela levara o cadáver em suas garras demoníacas para debaixo da torrente da montanha".]

50 [Acrescentado depois:] Há aqui um tom de ironia: "Vieste *feorran*? [*430; "*from so far away*" [de tão longe] 348] "Não foi longe demais para teu pai quando ele precisou de ajuda. Não é longe demais, então, para vir pagar a dívida."

51 [Para as alterações sucessivas feitas na tradução desse trecho, ver as "Notas sobre o texto da tradução", nota a 395-7.]

52 Por exemplo, podia aplicar-se a provérbios ou chavões da sabedoria tradicional. Pronunciamentos como o de 465-6, tema da última nota, eram um *gidd*.

53 [Klaeber era de opinião de que a emenda *geséon [ne] meahton* "tem um som falso. Esperaríamos pelo menos algo como *leng geséon ne meahton*" ("não podiam mais ver (o sol)").]

54 Em inglês, *esquire.* (N. do T.)

55 Literalmente, "portador da espada". (N. do T.)

56 "Lado da roca", em inglês moderno, o ramo feminino. (N. do T.)

57 Literalmente, “fiandeira”, usado em inglês moderno para designar uma solteirona (N. do T.)

58 Em todo caso, na primeira parte. Na segunda parte, talvez menos. Seja como for, ela é demasiado interrompida pelo peso histórico exterior ao evento imediato.

59 [*Sir Gawain and the Green Knight*, traduzido por J. R. R. Tolkien, estrofes 27-28.]

60 [*Beowulf* *2162 “*Use all the gifts with honour”* [Usa todos os presentes com honra] 1816.]

61 [Só Deus sabe.]

62 Aqui “leal” significa “devido, fazendo o que é requerido (no momento requerido)”, como faria um servo “leal”. Assim, na peça *Noah*, de Towneley (século XV): “*This forty dayes has rayn beyn; it will therefor abate full* lele” [“Choveu por quarenta dias; portanto abrandará bem *lealmente*”].

63 *Béowulfes síð* pode muito bem ter sido o nome real pelo qual era conhecida a balada (ou as baladas) anterior que tratava da chegada de Beowulf a Heorot.

64 Os crimes não régios de avareza e falta de generosidade, de traição e assassinato de homens da própria corte são motivo de acusação contra ele em 1436 ss., *1711 ss.

65 É claro que estava subentendido que ele doaria grande parte daquela riqueza ao seu senhor, Hygelac, quando voltasse. De fato, está registrado que ele deu a Hygelac os quatro primeiros presentes (1807 ss., *2152 ss., onde ficamos sabendo que a couraça tinha sido de Heorogar e estava sendo enviada especialmente para Hygelac) e também quatro cavalos. À rainha Hygd, deu o colar de Wealhtheow.

66 Se, como parece muito provável, por detrás das palavras *eam his nefan* (*881), “*mother’s brother to nephew*” [de

irmão da mãe ao sobrinho] [tradução 716-17: “*of such matters, brother to his sister’s son*” [de tais assuntos, irmão, ao filho de sua irmã]], o que é correto, apesar de incompleto, estiver a mesma história da *Saga dos Volsungos*, pela qual Sinfiötli era filho de Sigmundr e sua irmã.

67 Colagem poética, normalmente feita de versos conhecidos, para compor uma obra nova (em latim e inglês, *cento*). (N. do T.)

68 Em inglês moderno, “infeliz, desgraçado”. (N. do T.)

69 No sentido de texto usado para “ajudar nos exames” ou, no mínimo, proporcionar melhor compreensão do original. (N. do T.)

70 “Inferno”, em inglês antigo e também moderno. (N. do T.)

71 Na poesia aliterante, como teorizada por Tolkien, um verso (mais propriamente um hemistíquio, ou meio verso) do tipo E é aquele que contém uma sílaba tônica seguida de duas átonas, depois mais uma tônica. (N. do T.)

72 *Stedig*, “fixado, imóvel”, só está registrado no sentido derivado de “estéril”, mas deve ter existido no sentido original, como ancestral de nosso “*steady*”, pois há um verbo derivado daí, *stedigian*, “fazer parar, deter”.

73 [A tradução 803-4, citada acima, que remonta ao primeiro texto datilografado, “At the tip was each one of the stout nails most like unto steel” [Na ponta, cada uma das sólidas garras era muito semelhante ao aço], mostra a emenda de *steda* para *stíðra*.]

74 O pronome neutro do inglês moderno. (N. do T.)

75 [A história de Glámr pode ser facilmente encontrada em *Beowulf, An Introduction* [Beowulf, uma introdução], de R. W. Chambers, onde são dados extratos da *Grettis Saga*, com tradução.]

76 Tradições de dilúvio estão espalhadas pelo mundo todo. O nórdico antigo não conserva nenhuma. A belíssima referência à terra recém-verdejante erguendo-se do mar, e das cascatas caindo dela, enquanto a águia que pesca nas encostas das montanhas a sobrevoa, não é totalmente relevante. Em *Völuspá*, ao menos no poema que possuímos, essa cena parece se referir ao futuro após a destruição no fim do mundo.

77 Deve-se observar especialmente que a palavra *gígant* só é usada em versos, no inglês antigo, com referência a gigantes "bíblicos" em *Beowulf* *113, 91 (descendentes de Caim), *1690, 1419 (o Dilúvio), e no antigo poema inglês *Genesis A*, 1268, exceto pela espada do covil de Grendel, que é *gíganta weorc* (*1562, 1308-9).

78 [Em *The Monsters and the Critics*, p. 20 dos ensaios reunidos, George Allen & Unwin, Londres, 1983.]

79 [Esse assunto prossegue numa discussão sobre o que o poeta de *Beowulf*, mesmo que não soubesse ler latim, poderia aprender com a poesia bíblica em inglês antigo acerca de Tubalcaim, o grande artesão de metais ancestral, ou da punição divina dos gigantes pelo Dilúvio (citando o antigo poema incompleto conhecido por *Genesis A*, 1083 ss. e 1265 ss.].

80 [É difícil crer que tal sugestão tenha sido feita alguma vez, e talvez nunca tenha sido.]

81 [Neste ponto, meu pai escreveu numa nota de rodapé: "Ver minha conferência no Apêndice (B)." Esse é o texto essencial sobrescrito (*b*) "*Lof*" *e* "*Dom*"*;* "*Hell*" *e* "*Heofon*", seguindo o texto de *The Monsters and the Critics*, no qual citou, sem tradução, tanto o trecho de *The Seafarer* quanto as palavras de Hrothgar mencionadas aqui (mas com as palavras *eft sona bið* publicadas erroneamente como *oft sona bið*). Destas últimas, disse que eram "uma parte de seu discurso que certamente

pode ser atribuída ao autor original de *Beowulf*, não importa quanta revisão ou expansão o discurso possa ter sofrido de outro modo". Apresento aqui o trecho de *The Seafarer* traduzido: "Não creio que as riquezas terrenas durem para sempre. Uma de três coisas sempre pende na balança até a hora derradeira do homem: doença ou velhice ou violência da espada arrancarão a vida do que está fadado e prestes a partir."]

82 [Ver a breve nota editorial sobre as "assinaturas" de Cynewulf.]

83 Com muita frequência, a única dedução certeira é que todos os autores eram "anglo-saxões" e escreviam nos contornos de uma tradição literária comum, algo que já sabíamos.

84 [Essas linhas são discutidas amplamente. Ver comentários ss.]

85 ["No entanto, eis minha opinião", escreveu meu pai neste ponto, e segue-se sua discussão detalhada sobre as probabilidades em diferentes trechos; excluí isso, visto que é extenso e difícil de seguir em meio às abundantes referências duplas de linhas e versos.]

86 Conjunto de anais da história anglo-saxã. (N. do T.)

87 Variantes de *Scot*, *English*, *Welsh*, "escocês", "inglês", "galês". (N. do T.)

88 [Sobre isso, ver a nota a 301.]

89 [Omito aqui as especulações posteriores e detalhadas de meu pai sobre a cronologia, retomando-a com o que ele considerava ser uma cronologia "razoável". Sobre a inclusão de Beowulf, ele observou: "Seja 'histórico' ou não, não importa, Beowulf foi encaixado na cronologia dinástica pelo poeta, presumivelmente não sem alguma reflexão, ou por tradições mais antigas do que o poeta."

No que se segue, ele alterou bastante as datas, e dou as definitivas.]

90 Ou a continuação do primeiro, visto que o assunto já é mencionado em 65-9, *81-5. Os demais são Sigemund, Heremod, Finn e Hengest, e Offa.

91 [É difícil saber como interpretar essa observação, à luz da discussão na nota a 135-50 (*170-88).]

92 E do senhor guerreiro das hostes, descendente de Odin, com seus túmulos e mortos, e Valhala dos poderosos abatidos, sobre o rei-sacerdote, o templo, o camponês e senhor dos rebanhos.

93 Apesar de *Beowulf* e *Widsith*, como oponentes dos daneses, trazerem o prefixo *Heaðo-*. Isso provavelmente significa “guerra”. Mas esse é um “acréscimo épico”, relacionado ao conflito danês, que também permite que eles aliterem com o H- dos nomes dos Scyldings.

94 É dito de Fróði por Snorri Sturluson, em *Skáldskaparmál* 43, que nos tempos da *Fróðafriðr* nenhum homem fazia mal a outro, e que não havia ladrões, de modo que um anel de ouro ficou no chão por três anos junto à estrada em Jalangsheath.

95 [Ver comentário com o trecho seguinte do texto.]

96 Durante esse tempo, recorreu-se ao sacrifício pagão. Creio, por vários motivos, que o trecho *175-188 (139-50), em particular *180 ss. (143 ss.), foi modificado e expandido [ver a nota a 135-50]. Mas, essencialmente, a discrepância entre o Hrothgar patriarcal e temente a Deus e esse relato se deve ao material. Heorot era um local associado sobretudo à religião pagã: *blót* [nórdico antigo: “adoração, banquete sacrificatório”]. As reais lendas ou baladas oriundas dos tempos pagãos usadas por nosso poeta provavelmente davam considerável importância ao *blót* para ganharem relevo nesse momento da história. *Hleiðr*

(*Hleiðrargarðr*) deve (creio) ter relação com o gótico *hleiþra*, “tenda, tabernáculo”. Neste caso, tem sentido praticamente idêntico a *hærgtrafum* *175 (140). [Ver comentário.]

Considerando que as tradições inglesas são muito mais antigas do que as nórdicas, pode esperar-se que elas tenham conservado muito melhor os nomes individuais, mas perderam a origem geográfica deles, enquanto o nórdico, muito posterior, deve ter confundido os nomes e as relações, mas respeitou a geografia: o inglês não menciona a Zelândia nem Leire; o nórdico esqueceu Heorogar e Heorot.

97 [Sobre Saxo, ver a nota a 44. Em seu relato grotesco, a história de Ingeld (Ingellus) é totalmente alterada. Seu pai, Frotho, foi morto à traição, mas “a alma de Ingellus foi pervertida da honra”, e Saxo descreve esse debochado monstro de gula e preguiça numa lenta torrente de denúncia. Ingellus casou-se com a filha de Swerting, assassino de seu pai, e tratou seus filhos como amigos queridos. Sabendo que isso acontecia, Starkad, o guerreiro idoso e um tanto medonho, ao chegar ao salão de Ingellus pronunciou uma condenação tão devastadora para sua conduta que se acendeu em Ingellus o espírito da vingança: ergueu-se de um salto e abateu os filhos de Swerting que participavam do banquete.

Os comentários de meu pai foram evidentemente feitos em resposta à observação de Klaeber: “Comparada com *Beowulf*, a versão de Saxo marca um avanço dramático [...] no fato de que o próprio Ingellus executa a vingança, enquanto no poema inglês o assassinato de um dos criados da rainha por um guerreiro anônimo precipita a catástrofe.”]

98 [A referência é *The Monsters and the Critics*, p. 11, onde meu pai citou o professor R. W. Chambers em sua edição

de *Widsith*, p. 79: “Neste conflito entre palavra empenhada e dever de vingança temos uma situação que os antigos poetas heroicos adoravam, e não teriam vendido por uma selva de dragões.” A referência a Shylock é do *Mercador de Veneza*, III.i.112: “Eu não o teria dado por uma selva de macacos.”]

99 Foi observado anteriormente (ver comentário) que *þæt ræ´d talað* (*2027) não prova que o matrimônio foi inventado e planejado por Hrothgar, mas somente que ele enxergou sua vantagem política.

100 Sobre o uso (frequente) de *láf* (*2036) como “espada” (a herança proeminente), cf. *795 *ealde láfe* “*his ancient blade*” [as antigas lâminas] 648, e *1488 (1243); para o uso de *hringmæ´l* como “espada”, cf. *1521 *hringmæ´l* “*the weapon ring-dorned*” [a arma enfeitada de anéis] 1272 e, similarmente, *1564, 1311.

101 Literalmente, “sapato da mão”, em inglês moderno. (N. do T.)

102 [Handshoe [Guante] desempenha importante papel em *Sellic Spell*, de meu pai (ver.]

103 [Na história contada por Snorri Sturluson em *Gylfaginning*, §44, Thor e seus companheirtos, buscando abrigo para a noite, toparam no escuro com um grande salão, com uma entrada na extremidade que era tão larga quanto o salão. Lá dentro encontraram um recinto lateral onde passaram a noite. Mas, de manhã, Thor viu que o recinto lateral era o polegar da luva do gigante Skrýmir.]

104 Os versos são corretamente tomados como amostra em estilo, dicção e métrica. O milagre não está em sua excelência, e sim numa boa realização regulamentar, feita pelo vaqueiro obtuso e tímido. Ver também nota de rodapé 10.

105 O Grande, rei da Inglaterra de 871 a 899. (N. do T.)

106 Em sua estrutura essencial, eles são retóricos, recitativos, aliados à fala, porém dignificados, sonoros e cadenciados.

107 Uma discussão definida da palavra encontra-se na nota a 512 ss..

108 *gyd* é frequentemente unido a *geomor*, “triste”: como em *151 *gyddum geómore* (“*sadly in songs*” [tristemente em canções] 121), e em *1118 *geómrode giddum* sobre o lamento de Hildeburh (914), e portanto seria igualmente aplicável à “elegia” ou lamento com que o rei conclui (*2111 ss.). Note que o lamento do ancião por seu filho é chamado de *gyd* (*2446, 2059 “*a dirge*” [um canto fúnebre]).

109 [A velhice o acomete, seu semblante se torna pálido, encanecido, ele se aflige sabendo que seus amigos dos dias passados, filhos de príncipes, foram dados à terra.]

110 Dagas sind gewitene

ealle onmédlan eorþan ríces;

nearon nú cyningas ne cáseras

ne goldgiefan swylce iú wæ´ron *The Seafarer* 80-3

[Os dias se foram, toda a pompa e o orgulho do reino daTerra. Agora não há reis, nem imperadores, nem doadores de ouro, como houve outrora.]

SELLIC SPELL

Introdução

A única declaração geral de meu pai sobre sua obra *Sellic Spell* que encontrei é a nota abaixo, muito apressada e a lápis, difícil de ler:

> Esta versão é *uma* história, não *a* história. Constitui, apenas em certa medida, uma tentativa de reconstruir o conto anglo-saxão que se esconde por trás do elemento de conto folclórico de *Beowulf* . Em muitos momentos não é possível fazer isso com segurança, em outros (por exemplo, na omissão da viagem da mãe de Grendel) minha história não é bem a mesma.
>
> O objetivo principal é ressaltar a diferença de estilo, tom e atmosfera quando se elimina o que é particularmente heroico ou *histórico*. É claro que não sabemos precisamente quais eram o estilo e o tom do que se perdeu em inglês antigo. Dei ao meu conto o aspecto de expressão nórdica, redigindo-o primeiro em inglês antigo. E, ao torná-lo atemporal, segui um hábito comum dos contos folclóricos, tais como os recebemos.
>
> No que tange a *Beowulf*, tentei [?desenhar] uma forma de história que tornaria mais fácil a conexão com a lenda histórica, em especial no personagem Imigo [*Unfriend*], e também que “explicasse” Guante [*Handshoe*] e o desaparecimento dos companheiros no conto que possuímos. É mera conjectura que o terceiro

companheiro, Freixo [*Ashwood*], de algum modo tenha alguma relação com o guarda costeiro.

A filha única aparece como elemento típico do conto folclórico. Associei-a a Beowulf. Mas aqui o processo original era, evidentemente, mais intrincado. Mais de um conto (ou conjunto de contos) estava associado com as casas reais danesa e gauta.

Esse texto certamente foi escrito depois de terminado o texto final de *Sellic Spell*, como mostram a referência à "viagem da mãe de Grendel" (isto é, o ataque que fez a Heorot, ausente do texto final) e o nome "Imigo" [*Unfriend*] (que só substituiu "Sempaz" [*Unpeace*] no texto datilografado "D"). Uma nota escrita na mesma página, ao mesmo tempo, pode ser mencionada aqui:

Lobelho [*Bee-wolf*]: na minha opinião, a etimologia mais provável é um *kenning*[a], à parte as evidentes características "ursinas" que se mantiveram em Beowulf (por exemplo, Dæghrefn).

(Acerca de Dæghrefn, ver o comentário sobre *Beowulf*).

A elaboração do texto

A história do texto de *Sellic Spell* é simples de explicar, mas extremamente complexa em detalhes. Existe um manuscrito inicial que chamarei de "A", que continuou sendo o texto do meu pai. Ele desenvolveu a história em etapas. Reescreveu muitos trechos e introduziu novos elementos em diferentes momentos, mas parece que não retomou o que já estava pronto para acomodar elementos alterados na narrativa. Assim, o texto A, tal como está, parece uma

colcha de retalhos confusa e, pelo menos à primeira vista, inconsistente. Mas a “história imaginada” oferecia tal diversidade de escolhas que ele tinha ampla liberdade para recuar diante de um aspecto demasiado óbvio de acabamento final.

Existe também parte de um manuscrito “B”, escrito de modo grosseiro. Nele, a história do ataque do monstro ao Salão Dourado, relatado em A, assumiu uma nova estrutura. Essa estrutura não existe em A, mas apenas aspectos dela, como acréscimos e alterações marginais. Acredito que meu pai pretendia que o manuscrito B fosse um apêndice extenso do manuscrito A. Diante disso, todo o desenvolvimento de *Sellic Spell* foi de fato completado nesse manuscrito sobrecarregado, do qual derivou diretamente um bom manuscrito “C”, com algumas emendas aqui e ali, que revela com clareza a forma final da história.

O manuscrito C foi seguido de perto por um texto cuidadosamente datilografado D, que muito provavelmente produzi ao mesmo tempo que datilografei a tradução de *Beowulf.* Seguiu-se a esse manuscrito um texto profissional “E”, escrito à máquina, cópia exata do texto D corrigido, com muito poucas alterações do autor.

Parece-me desnecessário explanar, em todos os seus detalhes, o desenvolvimento do texto, porém um relato mais breve pode ser interessante. Portanto, apresento aqui primeiro o texto final de *Sellic Spell*, conforme registrado na versão datilografada E, e em seguida comparo a primeira com a última versão e incluo o texto em inglês antigo.

*

O nome Sellic Spell

Esse nome provém da linha *2109 (1772 na tradução), quando Beowulf, ao narrar a Hygelac seus feitos em Heorot, descreveu os atos de Hrothgar no banquete que se seguiu à derrota de Grendel: *hwílum syllíc spell rehte æfter rihte rúmheort cyning*, "*or again greathearted king, some wondrous tale rehearsed in order due*" [ou então, rei de grande coração, relatou um conto assombroso na devida ordem]. *syllíc* e *sellíc* são diferentes formas da mesma palavra. Em nota apressada no texto datilografado E, meu pai escreveu:

> Título retirado da enumeração dos "tipos" de histórias a serem recitadas num banquete (*Beowulf* *2108 ss.): *gyd*: balada heroica "histórica e trágica"; *syllíc spell*: "contos estranhos"; e "lamento elegíaco".

Ver também o comentário de *Beowulf*.

Em sua conferência sobre as linhas 348-50 da tradução (ver comentário), ao expressar sua crença de que, "na forma dos *sellíc spell* mais próximos, anteriores [ao poema], Beowulf tivesse companheiros e/ou concorrentes no salão quando Grendel apareceu", ele acrescentou uma nota: "Ver minha 'reconstrução' ou exemplo de *Sellíc Spell*, que espero ler mais tarde. Creio que Beowulf tinha um (ou dois) companheiros, também ávidos por tentar a façanha. Ele o fez no turno derradeiro."

Como se pode ver em documentos cujas laterais em branco foram usadas por meu pai, o trabalho em *Sellíc Spell* pertence, pelo menos em grande parte, ao começo da década de 1940.

*

§ 1 SELLIC SPELL: O TEXTO FINAL

Era uma vez um rei que vivia no norte do mundo e tinha apenas uma filha. Na sua casa havia um jovem rapaz que não era como os outros. Certo dia, alguns caçadores encontraram um grande urso nas montanhas. Seguiram sua pista até seu covil e o mataram. No covil, acharam um menino. Ficaram admirados: era uma bela criança de cerca de três anos de idade, com boa saúde, mas que não sabia falar uma palavra. Pareceu aos caçadores que o menino devia ter sido criado pelos ursos, pois grunhia como um filhote.

Carregaram com eles o menino e, como não conseguiam descobrir de onde vinha nem quem era sua família, foram falar com o rei, que ordenou que o levassem para a sua casa, o criassem e lhe ensinassem os costumes dos homens. Pouca alegria o rei teve com a criança abandonada, pois o menino cresceu e se tornou carrancudo e desajeitado, e demorou a aprender a língua do país. Não trabalhava nem aprendeu a usar ferramentas ou armas. Gostava muito de mel, e muitas vezes procurava por ele na floresta, ou pilhava as colmeias dos fazendeiros. Como não tinha um nome próprio, a gente o chamava de Lobelho[b], que depois se tornou o seu nome. Era tido em pouca conta. No salão, ficava abandonado num canto, sem lugar nos bancos. Muitas vezes, sentava-se no chão e pouco conversava.

Mas, mês após mês, ano após ano, Lobelho crescia, e à medida que crescia ficava mais forte, até que primeiro os meninos e rapazes e depois os próprios homens começaram a temê-lo. Aos sete anos, tinha nas mãos a força de sete homens. Quando a barba começou a despontar, o aperto de seus braços parecia o abraço de urso. Não usava ferramentas nem armas, pois as lâminas se partiam em

suas mãos, e envergava qualquer arco até quebrar. Se ficasse furioso, era capaz de esmagar um homem com seu abraço. Por sorte, era preguiçoso e demorava para se enraivecer, mas as pessoas não se aproximavam dele.

Lobelho costumava nadar no mar, tanto no inverno quanto no verão. Era quente como um urso-polar[1]. Seu corpo tinha o fulgor do urso, como os homens diziam, de forma que não temia o frio.

Naqueles dias, havia um grande nadador, chamado Vagalhão, oriundo da Terra da Espuma. Certo dia, Vagalhão encontrou Lobelho na praia quando este tinha acabado de sair do mar, onde estivera nadando.

“Eu poderia ensiná-lo a nadar”, disse Vagalhão, “mas talvez você não ouse nadar para longe, na água funda.”

“Se começarmos a nadar juntos”, falou Lobelho, “não serei eu quem voltará para casa primeiro”, e mergulhou de volta ao mar. “Agora segue-me se puderes!”, exclamou.

Nadaram cinco dias seguidos, e nem uma só vez Vagalhão conseguiu passar adiante de Lobelho, porque este nadava em volta do outro e o impedia de ultrapassá-lo. “Temo que possas te cansar e te afogar”, falou Lobelho, o que fez Vagalhão enfurecer-se.

De repente, o vento se ergueu e soprou o mar, formando colinas. Vagalhão foi lançado para cima e para baixo e levado embora para um país distante. Quando voltou à Terra da Espuma, após uma longa jornada, contou que havia deixado Lobelho muito para trás e o vencera no nado. Os nixes[2] ficaram alvoroçados com a tempestade e emergiram do fundo do mar. Viram Lobelho e ficaram irados, pois pensavam que ele fosse Vagalhão e que havia provocado a tempestade. Um deles agarrou Lobelho e começou a arrastá-lo para o fundo. Os nixes pensavam que

naquela noite fariam um banquete sob as ondas. Mas Lobelho lutou com o monstro e o matou, e assim fez também com os outros. Quando a aurora chegou, vários nixes flutuavam mortos sobre a água. Os homens muito se admiraram com a visão dos monstros, quando eles foram lançados à praia.

O vento amainou e o sol se ergueu. Lobelho viu muitos promontórios se projetando para o mar. As ondas o levaram a um país estranho, bem ao norte, onde habitavam os fineses. Demorou muito tempo antes que retornasse ao lar.

“Onde estiveste?”, perguntaram-lhe.

“Nadando”, respondeu.

Acharam seu aspecto assustador. Ele trazia marcas de feridas, como se tivesse lutado com feras selvagens.

O tempo passou e Lobelho tornou-se um homem. Era maior do que qualquer outro homem daquela terra naqueles dias, e sua força correspondia à de trinta homens. Certa noite, ele estava sentado num canto, como de costume, e ouviu homens conversando no salão. Um deles contava como o rei de uma terra distante construíra uma casa para si. O telhado era de ouro e todos os bancos eram entalhados e dourados; o piso reluzia; panos dourados pendiam das paredes. Havia banquetes nessa casa, e risos de homens, e música. Nela o hidromel era doce e forte. Mas a casa ficava vazia assim que o sol se punha. Ninguém ousava dormir nela, pois um ogro a assombrava, devorava todos os homens que conseguia apanhar ou os levava para o seu covil. Durante toda a noite, o monstro era senhor do Salão Dourado, e ninguém conseguia resistir a ele.

De repente, Lobelho se ergueu. “Precisam de um homem nessa terra”, falou. “Vou em busca desse rei.”

As pessoas acharam que isso era tolice, mas não tentaram demover Lobelho, pois pensavam que o ogro poderia devorar outros homens que fariam mais falta.

Lobelho partiu no dia seguinte. No caminho, topou com um homem. “Quem és tu?”, perguntou o homem, “e aonde vais?”

“Chamam-me de Lobelho”, respondeu, “e estou buscando o rei do Salão Dourado.”

“Então vou contigo,” disse o outro. “Meu nome é Guante.” Ele tinha esse nome porque usava grandes luvas de couro nas mãos e com elas era capaz de lançar rochas e fazer em pedaços grandes pedras, mas sem elas não podia fazer mais do que os outros homens.

Guante e Lobelho prosseguiram juntos. Chegaram ao mar, tomaram um barco e zarparam. O vento os levou para muito longe. Muito tempo depois, avistaram os penhascos de uma terra estranha e altas montanhas que se erguiam do mar espumante. O vento impeliu seu navio para a costa. Guante saltou em terra e puxou o barco bem alto, na praia. Lobelho mal pôs o pé na areia quando um homem foi ao encontro deles. Não deu boas-vindas aos forasteiros. Era um sujeito soturno, com uma grande lança de freixo, que brandia selvagemente. Perguntou-lhes seus nomes e o que pretendiam.

Lobelho, de pé, respondeu-lhe altivo: “Estamos procurando o rei do Salão Dourado. Ele tem alguma espécie de contratempo com um ogro, se as histórias que se contam são verdadeiras. Meu nome é Lobelho e meu companheiro se chama Guante.”

“Meu nome é Freixo”, disse o homem, “e com minha lança consigo pôr em fuga um exército de homens.” Sacudiu então sua comprida lança de freixo, de forma que ela assobiou ao vento. “Eu também estou indo para o Salão Dourado”, falou, “não fica longe daqui.”

Então Freixo, Guante e Lobelho seguiram caminho até chegar a uma estrada reta, larga e bem-feita. Prosseguiram até que viram diante deles a casa do rei, em um vale verde. Todo o vale era iluminado pela luz do telhado dourado.

Quando chegaram às portas do salão, os guardas iam detê-los e interrogá-los, mas Freixo brandiu sua lança e eles recuaram. Guante encostou as luvas nas grandes portas e de repente as abriu. Então os três companheiros entraram no salão a passos largos e pararam diante do assento do rei, velho e com uma barba comprida e branca.

“Quem és tu que entras em minha casa com tanta audácia?”, perguntou. “E qual é tua incumbência?”

“Lobelho é meu nome”, respondeu o jovem. “Vim de além-mar. Ouvi dizer em minha terra que és incomodado por um inimigo que destrói teus homens, e que darias muito ouro para te livrares dele.”

“Ai de mim, o que ouviste é verdade”, respondeu o rei. “Um ogro chamado Triturador tem assombrado esta casa faz muitos anos, e eu daria uma rica recompensa a qualquer homem que me ajudasse a me desvencilhar dele. Mas ele é forte além da medida dos homens mortais e derrotou a todos com quem lutou. Agora ninguém ousa permanecer neste salão depois do cair da noite. Que esperança possuis de ter melhor sorte?”

“Em meus braços tenho mais força do que a maioria”, disse Lobelho. “Enfrentei pelejas difíceis na vida, como os nixes sabem. Mas posso arriscar a sorte com esse Triturador.”

Os homens acharam que essa fala era audaz, mas não muito esperançosa.

“E eu posso ajudar, apesar de não parecer muita coisa”, disse o segundo. “Eu sou Guante. Com minhas luvas, consigo derrubar rochas enormes e fazer grandes pedras

em pedaços. E posso testar se Triturador será mais resistente.”

Essas palavras pareceram mais promissoras a todos, apesar de alguns acharem provável que Triturador de fato demonstraria ser mais duro do que pedra.

“E eu também possuo um poder”, falou o terceiro. “Eu sou Freixo. Com minha lança, posso pôr em fuga um exército de homens. Ninguém ousa me enfrentar quando a ergo!”

Os homens acharam que era mais provável que esse conseguisse vencer Triturador, se de fato sua arma tinha o poder que ele afirmava e se o ogro não tinha encantamentos mais poderosos. O rei ficou muito contente com os hóspedes e lhe veio a esperança de que talvez o fim de suas preocupações estivesse à mão. Os três companheiros foram convidados para o banquete. Deram-lhes assentos entre os cavaleiros do rei. Quando a bebida foi servida, a própria rainha dirigiu-se até eles, deu a cada um uma taça de hidromel e desejou que se alegrassem e tivessem boa sorte.

“Meu coração se alegra”, disse ela, “ao ver homens neste salão outra vez.”

Alguns dos homens do rei levaram a mal essas palavras, e ninguém mais do que Imigo[3], o ferreiro do rei. Ele se tinha em alta conta. Possuía espírito aguçado, e o rei dava grande valor aos seus conselhos, apesar de alguns dizerem que ele usava encantamentos secretos e que seus conselhos com mais frequência provocavam rivalidade do que paz. Esse homem voltou-se para Lobelho:

“Será que ouvi bem que teu nome é Lobelho?”, perguntou. “Não pode haver muitos com tal nome. Certamente foi a ti que Vagalhão desafiou para uma competição de nado, e te deixou muito para trás, e voltou

nadando para seu país. Esperemos que de lá para cá tu tenhas te tornado mais homem, pois Triturador te tratará com menos gentileza do que Vagalhão.”

“Meu bom Imigo,” respondeu Lobelho, “o hidromel confundiu tua cabeça e não contas a história direito. Fui eu quem venceu a competição, e não o pobre Vagalhão, apesar de eu ser na época somente um rapaz. E de fato tornei-me mais homem desde então. Mas vamos lá, sejamos amigos!” Então Lobelho envolveu Imigo com os braços. Foi um abraço leve, pelos seus cálculos, porém o suficiente. E quando Lobelho o soltou, Imigo tornou-se muito amigável com ele sempre que estava por perto.

Logo depois o sol começou a se pôr no oeste e as sombras se estenderam sobre a Terra. Os homens começaram a deixar o salão. Então o rei chamou os três companheiros.

“A escuridão está chegando,” disse ele, “e logo será a hora de Triturador. Estais dispostos a enfrentá-lo agora?”

Afirmaram que poderiam enfrentá-lo tanto naquela noite quanto em qualquer outra. Mas nem Guante nem Freixo acreditavam que precisariam da ajuda do outro, e muito menos da ajuda de Lobelho. Não queriam dividir a recompensa.

“Muito bem!”, disse o rei. “Se não fizerdes isso juntos, um de vós deve ficar e tentar a sorte sozinho. Quem há de ser?”

“Ficarei eu”, disse Freixo, “pois fui o primeiro a pisar nesta terra.”

O rei concordou e mandou Freixo tomar conta de sua casa. Desejou-lhe boa sorte e prometeu-lhe grandes presentes pela manhã, se ele lá estivesse para reclamá-los. Então o rei e todos os seus cavaleiros deixaram o salão. Para Guante e Lobelho foram preparados leitos em outro

lugar. A casa ficou vazia e escura. Freixo fez sua cama junto a uma coluna e deitou-se. Apesar de pretender ficar desperto e vigilante, logo adormeceu.

Durante a noite, Triturador se ergueu do covil, muito longe, além das charnecas sombrias, e desceu altivo até o Salão Dourado. Estava faminto e pretendia apanhar mais um homem para sua refeição. Caminhou por sobre a terra, sob a sombra das nuvens, e chegou por fim à casa do rei. Agarrou as grandes portas e abriu-as com um puxão. Depois deu um passo para dentro, curvando-se para não bater a cabeça nas vigas do telhado. Percorreu com os olhos, ferozmente, todo o salão, e uma luz se destacou neles como raios luminosos de uma fornalha. Ao ver que outra vez um homem dormia ali, riu. Nisso Freixo despertou e viu os olhos de Triturador. Saltou da cama, e um grande pavor se apossou dele. Sua lança estava encostada em uma coluna próxima a ele, mas, quando tateou para alcançá-la, ela caiu ao chão com um estrépito. Quando ele se inclinou, Triturador o agarrou. O combate não durou muito. Triturador arrancou a cabeça de Freixo e levou-a embora.

Pela manhã, quando os homens voltaram ao salão, só restavam a lança e algumas manchas de sangue no chão. O medo que tinham de Triturador aumentou quando viram aquilo. Quando a tarde seguinte se aproximou, começaram a abandonar o salão mais cedo e mais apressados do que antes.

“Logo será a hora de Triturador”, disse o rei. “Ainda estais dispostos a esperar por ele, vendo o que aconteceu a Freixo?”

“Eu, de qualquer modo, estou disposto”, respondeu Guante. “E reivindico o próximo turno, pois fui eu quem saltou primeiro de nosso barco.”

Lobelho não se opôs. Imigo sussurrou a alguns que estavam próximos que o forasteiro parecia bem contente de

deixar a tarefa para seu companheiro. “Se esse Guante fracassar”, disse, “não creio que nosso Lobelho ouse cumprir sua bravata.”

Então Guante foi deixado a sós. Achava que sabia o que acontecera a Freixo: ele não ficara alerta e o ogro o agarrara antes que pudesse usar sua arma.

“Não serei apanhado assim”, falou, e vestiu as luvas antes de se deitar. Não tinha a mente inteiramente tranquila e ficou muito tempo deitado, desperto. Porém, no fim, o sono o dominou. Mas sonhos ruins o perturbaram, e ele se debateu durante o sono.

No meio da noite, Triturador voltou para ver se algum outro campeão seria tolo o bastante a ponto de dormir no salão e lhe fornecer carne. Quando descobriu que de fato isso estava acontecendo, riu em voz alta, e uma luz semelhante a chamas saltou dos seus olhos. Guante despertou, e um grande terror se apossou dele. Levantou-se de um salto. Não estava usando as luvas, pois elas haviam deslizado de suas mãos quando se debatia em sonhos. Antes que pudesse encontrá-las, Triturador já o tinha nas garras. Despedaçou o campeão e enfiou os pedaços em uma grande bolsa que trazia presa no cinto. Depois foi embora, muito contente com a caçada.

Pela manhã, os homens não encontraram vestígio de Guante. Apenas suas luvas, que permaneciam em sua cama revolta. Agora ficaram ainda com mais medo do ogro. Alguns relutavam em permanecer no salão mesmo à luz do dia. O rei estava abatido. Suas preocupações pareciam ter se tornado piores do que antes. Mas Lobelho não desanimou.

“Não percas a esperança, senhor!”, disse, “pois ainda resta um. A terceira vez há de valer por todas, como muitas vezes se viu. Ainda pretendo esperar o ogro esta noite.

Tenho uma grande vontade de trocar uma palavra com esse Triturador. Não preciso de nenhuma ajuda, a não ser dos meus dois braços. Se eles falharem, finalmente estarás livre de mim e não precisarás mais me alimentar, nem me sepultar, ao que parece!”

Os homens louvaram essas palavras audazes, mas Imigo nada disse. O rei ficou muito contente, e a rainha outra vez levou a taça de bebida a Lobelho com as próprias mãos.

“Muitas vezes o destino poupa a quem não o teme”, disse ela. “Bebe e alegra-te, e que a sorte te acompanhe!”

Por fim o sol se pôs, e chegou a hora de Lobelho montar guarda. O rei despediu-se dele, esperando voltar a vê-lo pela manhã, mas supondo que não o veria. Prometeu então dar-lhe o triplo da recompensa se ele derrotasse o monstro.

“Se Triturador ainda estiver tão faminto, que se arrisque a voltar esta noite”, disse Lobelho. “Quem sabe encontre mais do que busca. Se as garras são suas armas e o corpo a corpo é seu jogo, há de encontrar alguém acostumado com tal diversão.”

Quando, por fim, o rei e toda a sua gente haviam partido e Lobelho foi deixado a sós no salão escuro, ele arrumou a cama, mas não se deitou, nem dormiu. Uma grande sonolência tomou conta dele, mas sentou-se, envolto em um velho manto, e apoiou as costas em uma viga.

Naquela noite, Triturador foi tomado por uma fome que o corroía por dentro e por um grande desejo de ver se haveria um terceiro campeão tolo a ponto de se deitar no salão. Caminhou depressa sob a lua e chegou às terras dos homens antes da metade da noite. Sem demora, entrou no salão a passos largos. Quando as portas estavam arrombadas à sua frente, ele se inclinou para diante, com as mãos na soleira. A luz de seus olhos parecia dois grandes

faróis. Lobelho estava sentado, imóvel, evitando ser descoberto.

Quando Triturador viu que havia outra vez uma cama armada no salão, riu bastante e bateu palmas. O ruído que fez foi como o estrépito do ferro. Imediatamente caminhou até a cama e se curvou sobre ela, acreditando que faria com aquele homem o mesmo que fez com os outros. Pôs as grandes garras em Lobelho e o empurrou para trás. Mas Lobelho suportou o peso e apoiou as costas mais firmemente contra a viga atrás dele. Então apertou os dedos nos dois braços de Triturador, acima do pulso. Nunca em sua vida o ogro ficara tão espantado. O aperto daqueles dedos era o mais forte que havia sentido na vida. Tentou, mas não conseguia usar nenhuma das mãos enquanto eles o seguravam. De repente, seu coração o traiu, e ele sentiu medo. Rapidamente mudou de ideia, desejando apenas fugir, sair da casa e voltar ao seu covil. Aquela não era, de modo algum, a comida que buscava. Mas Lobelho não o deixou ir. E, quando Triturador recuou, levantou-se com um salto e se atracou com ele. Seus dedos estalaram de tanta força que o ogro fez ao se afastar. Pé ante pé, Triturador se esforçou para chegar até a porta, com Lobelho agarrando-se a ele, firmando os pés em qualquer verga ou peitoril que lhe desse apoio. O salão ressoava com o combate. Triturador rugia e urrava. Os homens da vila nos arredores despertaram, tremendo. Pensavam que toda a casa do rei iria desabar. As colunas gemiam, os bancos foram emborcados, tábuas estilhaçaram-se e o chão se partiu.

Por fim, os dois chegaram à porta. Então Triturador soltou-se com um puxão, mas só conseguiu livrar um braço, pois Lobelho ainda o segurava pelo outro. Fazendo muita força, o ogro se arrastou para um lado, e Lobelho para o outro. O osso e os tendões se romperam no ombro, com grande estalido, e o braço de Triturador, suas garras e tudo o mais ficaram nas mãos de Lobelho. Triturador caiu para

trás, porta afora, e desapareceu na noite com um uivo. Lobelho, contente, riu. Dependurou o grande braço bem alto, sobre o portal, em sinal de vitória. Quando a manhã chegou, ele estava ali, enorme e medonho, com a pele como couro de dragão, com os seus cinco grandes dedos, cada um com uma unha que parecia um espigão de aço. Os homens o contemplaram com espanto e estremeceram.

“Esse foi um puxão forte!”, diziam. “Jamais uma espada ou um machado poderiam ter decepado um galho assim!” Passaram a falar alto, louvando Lobelho, considerando-o o mais forte dos homens. Imigo lá estava: olhou o braço e nada mais encontrou para dizer.

O rei foi para lá ao ouvir a notícia. Postou-se diante das portas do salão e regozijou-se. “Eis uma visão que jamais esperei ver”, disse. “As maravilhas nunca cessam! Um jovem fez com as mãos nuas o que nenhum de nós seria capaz de fazer com arma ou astúcia. De que mãe há de ser filho esse Lobelho? Pois parece ter a força dos ursos, não dos homens.”

Porém Lobelho fez pouco caso de seu feito. “Não saiu como eu queria, senhor”, falou. “Aqui não há mais do que um braço para mostrar. Preferiria dar-te a carcaça toda, a cabeça, a pele e tudo o mais. E quem sabe tivesse conseguido, se Triturador fosse mais rijo, mas ele me logrou partindo-se em dois.”

“Sim, a tarefa – ai de nós! – está feita só pela metade!”, disse Imigo. “Temo que um monstro tão forte não morra de uma ferida, por muito grave que pareça. Quando Triturador estiver curado, apenas com uma das mãos ainda poderá causar muito dano. Sua ira e seu desejo de vingança poderão compensar a perda da outra mão.”

A alegria do rei e de seus homens murchou muito com essas palavras. “Então o que pensas que deva ser feito, meu bom Imigo?”, perguntou o rei.

“Eu perguntaria a Lobelho o que ele propõe, já que agora ele é o grande homem aqui”, falou Imigo, inclinando-se profundamente.[4]

“Se me perguntares isso, senhor”, disse Lobelho, “creio que Triturador deve ser rastreado até o covil, talvez enquanto ainda estiver um tanto exausto da luta que tivemos.”

“Mas quem ousará fazer isso?”, perguntou o rei.

“Eu ousaria,”, disse Lobelho, “se soubesse onde encontrar Triturador.” “Quanto a isso”, falou o rei, “não há muita dúvida. Os homens que caminham no ermo muitas vezes trouxeram notícias de suas andanças. Viram-no de longe, caminhando a sós nos desertos. Sua toca fica a muitas milhas daqui, em uma lagoa oculta, por trás de uma cachoeira que despenca de um penhasco negro para as sombras embaixo. Lá sopra o vento e os lobos uivam nas colinas. Árvores mortas pendem pelas raízes sobre a lagoa. À noite o fogo bruxuleia sobre a água. Ninguém sabe a profundidade desse lago.”

“Não é agradável esse lugar do qual falas”, observou Lobelho, “mas ele precisa ser purificado, e logo, se esse contratempo acabar. Irei até lá. Visitarei Triturador em seu próprio lar, e não importa quantas portas sua casa tenha, ele não há de me escapar!”

O rei encantou-se com essas palavras e prometeu dar a Lobelho o triplo dos presentes que já conquistara, caso realizasse essa nova tarefa. “Os presentes terão de esperar até que eu volte”, falou Lobelho. “Agora, só o que peço é um companheiro que conheça os caminhos de tua terra para me guiar até o local. Se coubesse a mim escolher, pediria a ajuda de Imigo, pois parece que o consideram homem de grande sagacidade.”

“De fato, Imigo há de ir contigo”, falou o rei. “Tua escolha é boa. Ele viajou muito e ninguém conhece mais os caminhos e segredos desta terra do que ele.”

Ao ouvir isso, Imigo achou que as coisas não tinham acontecido bem do modo que desejara, mas não se atreveu a recusar ajuda, para não perder os favorecimentos do rei e toda a honra no salão. “Será um prazer mostrar a meu amigo Lobelho as maravilhas desta terra”, falou, e riu, arreganhando os dentes, supondo que sua perspicácia poderia lhe servir naquela empreitada.

Então o rei mandou que trouxessem carne e bebida para os viajantes. Do seu tesouro levaram uma couraça reluzente feita de anéis de aço. “Esta pelo menos hás de ter”, disse o rei a Lobelho, “como sinal de muitos presentes que estão por vir. Usa-a agora com sorte.”

Era de manhã cedo, e as sombras ainda chegavam longas do leste, quando Imigo e Lobelho partiram. Lobelho levou consigo as luvas de Guante, e Imigo, a lança de Freixo, mas ela era tão pesada que rapidamente ele se cansou, e Lobelho pegou-a também. Logo toparam com o rastro de Triturador, pois ele derramara muito sangue no caminho. Seguiram as pegadas, subindo e descendo vales, deixando bem para trás os lares dos homens. Prosseguiram sobre as charnecas enevoadas rumo às altas montanhas. Por fim, chegaram a uma trilha íngreme e estreita que serpenteava entre as rochas. Ela passava pelas portas escuras de muitas cavernas, pelas casas de nixes que caçavam nas lagoas lá embaixo. Escalaram trilha acima até alcançarem o bosque de árvores mortas suspensas pelas raízes. Olharam da beira do penhasco e viram uma cachoeira que mergulhava na água negra. Longe, abaixo deles, o lago fervilhava e formava redemoinhos. No topo da cachoeira, eles encontraram a cabeça de Freixo olhando fixamente para o céu.

“Parece-me que me trouxeste ao lugar certo”, disse Lobelho. Então soprou uma trompa, e seu som ecoou nas rochas. Os nixes se alvoroçaram e mergulharam no lago, bufando de raiva. “Há muitos seres hostis aqui”, falou Lobelho.

“Não acordes cães que dormem!”, avisou Imigo. “Não vejo necessidade de contar a Triturador que chegamos junto às suas portas.”

“Não me importo com os nixes”, disse Lobelho. “Lidei com outros maiores no mar.”

“Porém poderá ser difícil lidar com muitos adversários ao mesmo tempo”, observou Imigo.

“Muitos adversários só podem dar uma morte ao homem”, retrucou Lobelho, depois ergueu-se e se aprontou. Envergava a cota de malha que ganhara do rei. Do seu cinto pendiam as luvas que Guante deixara para trás. Na mão direita segurava a lança de Freixo.

“Como vais descer, meu amigo?”, perguntou Imigo.

“Não será a primeira vez que mergulho em águas profundas”, respondeu Lobelho. “E, apesar de este penhasco ter dez braças[c] de altura, já vi mais altos.”

“E como hás de voltar, meu amigo, quando todos os teus adversários estiverem derrotados?”, questionou Imigo, e riu consigo mesmo, pensando que Lobelho era muito menos inteligente do que ele, porém mais forte. “Olha aqui, meu amigo”, falou. “Pensando em ti, trouxe uma corda comprida. Amarrá-la-ei nesta ponta e a lançarei sobre o penhasco até a água. Podes confiar: ficarei esperando. E, quando voltares (como espero que aconteça), eu te puxarei para cima.”

Lobelho agradeceu. “Tens boa vontade,” falou, “não importa tua força. Se achares que sou um tanto pesado para ser puxado, sem dúvida poderei me arranjar para

escalar.” Então, sem mais delongas, mergulhou do penhasco, e a última coisa que Imigo viu foram as solas de seus pés quando ele penetrou na água.

Lobelho desceu por muito tempo e não encontrou o fundo. Os nixes se juntaram em torno dele e o puxaram violentamente com as presas, mas a couraça de malha fora forjada com habilidade e eles não feriram seu corpo. Acontece que Triturador tinha uma mãe, uma velha ogra de incontáveis anos, mais feroz do que uma loba. E, se era grande a força de seus membros, era ainda maior a força de seus encantamentos. A lagoa e todas as terras em torno estavam em seu poder. Ela habitava ali havia muitas eras, em sua caverna atrás da cachoeira, e ninguém ousava perturbá-la. Sentada ali, lamentava as feridas do filho, com o coração repleto de ira. Logo ficou sabendo que um forasteiro do mundo superior penetrara em seu reino. Com raiva, saiu de casa.

Quando por fim Lobelho chegou ao fundo do lago, ela estava a postos, esperando-o. Antes que ele conseguisse se pôr de pé, ela o agarrou por trás, e os nixes foram em seu auxílio. Pouca coisa Lobelho podia fazer contra todos eles, já que estava em água profunda. Eles o arrastaram para o covil da ogra. Lobelho foi sacudido e golpeado. As pancadas quase lhe tiraram todo o fôlego, pois seus inimigos o arrastaram através do grande redemoinho que fervilhava sob a cachoeira. A boca da caverna de Triturador ficava no penhasco atrás da cachoeira, apenas um pouco abaixo do nível da água. Arrastaram-no para dentro e depois subiram por uma passagem inclinada que saía da porta. Então, de repente, os nixes recuaram. Lobelho percebeu que não estava mais na água e que havia um alto teto de pedra sobre sua cabeça. A caverna era muito grande. Uma fogueira ardia dentro dela.

Rapidamente Lobelho livrou-se à força, virou-se e viu a mãe de Triturador, a velha ogra com presas, como um lobo.

Deu-lhe uma estocada com a lança, mas ela não se amedrontou nem um pouco, pois a arma não tinha poderes naquele lugar. Com um golpe da mão, ela partiu a haste ao meio. Lobelho lançou fora o bastão[5], mas ela foi mais rápida. Era muito forte ali, em sua própria casa, na qual muitos encantamentos haviam sido urdidos. Pegou-o pelos ombros e lançou-o ao chão, ao lado da parede, e de imediato sentou-se sobre o seu peito, sacou do cinto um punhal reluzente e o colocou na sua garganta. Chegou muito perto de vingar o filho. Não fosse a malha do rei em seu pescoço, aquele teria sido o fim de Lobelho.

"É pesada esta bruxa!", disse Lobelho, e tentou tirá-la de cima de seu peito. Segurou-a pelos braços, como antes segurara Triturador, e de repente puxou-a para si. Ela gritou ao sentir a força de seu abraço. Mas Lobelho virou-se e, rolando, jogou-a para baixo dele, empurrou-a contra o chão e pôs-se de pé num salto. Ao fazer isso, viu, pendendo em uma parede próxima, uma grande espada. Era antiga e pesada, obra de gigantes de antanho. E nenhum homem mortal naqueles tempos, exceto Lobelho, seria capaz de empunhá-la. Rapidamente ele se apossou dela e deu um golpe tão forte no pescoço da ogra que o couro se partiu, os ossos rebentaram, a cabeça rolou pela passagem, caindo na água lá embaixo, pingando sangue. Ela jazia morta no chão. Lobelho não lamentou sua morte.

Quando a espada desceu, uma luz cintilou sob o teto, como um relâmpago, e toda a caverna ficou mais clara do que o dia. Pareceu a Lobelho que a luz vinha da espada e que a lâmina estava em chamas. Percebeu então que havia outra sala mais para dentro. Dirigiu-se para lá. Descobriu que a entrada estava bloqueada por uma enorme pedra que se erguia muito acima de sua cabeça. De nenhum modo conseguiu mexer a pedra, por mais que a empurrasse com todas as forças que tinha. Lembrou-se então das luvas que

trazia penduradas no cinto e vestiu-as. Ao pôr as mãos na pedra, jogou-a de lado, como se fosse um tapume.

Entrou na sala e viu ali grande fortuna em ouro e gemas que Triturador reunira ao longo dos anos. No canto mais remoto havia uma cama, sobre a qual ele estava deitado. Triturador não se moveu, mas, mesmo morto, seus olhos ainda tinham um olhar tão maligno que Lobelho deu um passo para trás. Ele então ergueu a espada para o alto e decepou a cabeça do monstro, a qual rolou da cama, e o fogo dos seus olhos se extinguiu. No mesmo momento, a luz da espada se apagou.

Enquanto isso, em cima do penhasco, Imigo esperava. O tempo lhe parecia longo. Não pretendia ficar naquele local perigoso mais tempo do que o necessário. Por fim, pareceu-lhe, ao espiar para baixo, que a névoa e as sombras se erguiam da lagoa. Em meio a um raio de sol, viu a água do redemoinho bem abaixo tingida de vermelho, parecendo sangue. Pensou que talvez fosse o sangue de Lobelho. Esse pensamento não lhe desagradou, pois não esquecera o abraço. Fosse como fosse, julgou que já era mais do que hora de partir. O meio-dia passara. Ergueu-se, seguiu até a corda, afrouxou os nós para que ela deslizasse e caísse caso alguém a puxasse de baixo. Partiu muito contente. Achava que, mesmo que Lobelho escapasse dos monstros, estaria ferido e exausto, e se a corda lhe faltasse certamente pereceria na lagoa. Desse modo, esperava livrar-se do forasteiro impertinente que o humilhara no salão.

No escuro, às apalpadelas, Lobelho achou a saída da sala interior. Voltou até a fogueira na caverna e apanhou um tição aceso. Então teve uma estranha visão. A grande espada que trazia na mão direita estava derretendo como um pingente de gelo ao sol. Desfez-se em gotas até nada mais restar senão o punho, tão quente e peçonhento era o sangue de Triturador e de sua mãe. Lobelho guardou o punho e levou do tesouro em ouro e gemas o que conseguiu

pôr no saco de Triturador. Levou também a cabeça do monstro, e esta não era um fardo leve. Quatro outros homens juntos achariam que era tudo o que conseguiriam carregar.

Por fim, Lobelho deixou a caverna, desceu por uma passagem até as portas e mergulhou outra vez na lagoa. Foi um nado longo e vigoroso, pois ele levava uma carga pesada. Teve muito trabalho para passar sob o redemoinho onde a água caía do penhasco. Mas nenhum nixe estava à vista no lago. As sombras se ergueram da água e o sol brilhou sobre ela. Pareceu tão clara e reluzente quanto antes estava sombria e escura.

Lobelho chegou até a corda e chamou, mas Imigo não deu resposta. Então ele puxou a ponta da corda e começou a subir. Escalara apenas alguns palmos quando a corda deslizou e ele caiu de volta na lagoa, com forte impacto. Achou isso muito estranho, não era o que estava esperando.

“Esse sujeito, Imigo”, pensou, “pode se vangloriar da sua habilidade, mas, apesar de tudo, não parece que seja capaz de prender a ponta de uma corda. E, agora, ou um animal selvagem o apanhou, ou lhe faltou coragem e ele me abandonou, o que é mais provável.”

Lobelho nadou em volta por algum tempo, mas não havia como subir pelo penhasco por nenhum lado da cachoeira. Apenas os pássaros conseguiriam. Portanto, deu a volta e nadou longe, pelas beiras do lago. Ficou tão exausto que precisou largar parte do tesouro que trouxera da caverna, o que muito o afligiu. Chegou por fim a um lugar onde as margens eram mais baixas e menos íngremes. Com muita luta, arrastou-se para fora da água e subiu nas rochas planas onde os nixes costumavam se deitar ao luar. Mas o sol ainda brilhava quente a partir do oeste, e ele descansou ali por algum tempo.

Finalmente reuniu seus fardos e prosseguiu ao longo da margem. Subiu de volta à cabeceira da queda-d’água e encontrou a trilha por onde viera. Foi longa e difícil a jornada sobre as charnecas e as colinas, ao retornar aos lares dos homens. Já era de manhã quando ele chegou aos campos lavrados e reencontrou a estrada que levava ao Salão Dourado.

O rei estava ali dentro. Havia muita gente em torno dele. Imigo, mais uma vez, estava contando a mesma história da noite anterior. Muitos estariam mais contentes se ele relatasse que Triturador com certeza havia sido destruído, mas alguns não lamentavam muito a perda do forasteiro. No meio da história, quando falava sobre o sangue que fervilhava na lagoa, as portas se abriram e Lobelho entrou a passos largos, percorrendo todo o salão. O chão estremeceu sob seus pés.

Ninguém falou nada. Todos permaneceram sentados em silêncio, assombrados, menos Imigo, que deixou seu lugar diante do assento do rei e escapuliu. Lobelho saudou o rei e ergueu pelos cabelos a enorme cabeça de Triturador. Todos a contemplaram temerosos. A rainha estremeceu e ocultou o rosto.

“Vê, senhor, o que eu trouxe das águas profundas!”, disse Lobelho. “Aqui há boa caça, e não é fácil consegui-la! Quase perdi a vida sob as ondas. A mãe de Triturador, muito velha e malvada, era a guardiã do seu covil. Não foi fácil dominar a bruxa. Seus encantamentos eram fortes, e ela partiu ao meio a lança que levei comigo. Porém, encontrei uma espada poderosa pendurada na parede, com a qual dei cabo de Triturador e sua mãe. Não precisas mais temê-los. Suas vidas estão acabadas. Todos os que desejem, podem dormir tranquilos nesta casa, esta noite e todas as noites que virão. Eis o punho da espada! Nada mais resta dela, de tão amargo que era o sangue daqueles donos da caverna, e tão hostil ao ferro.”

Então o rei tomou o punho e o contemplou por muito tempo. Era lindamente trabalhado pela habilidosa arte de um ferreiro, envolto em um fino fio dourado, e tinha muitas gemas reluzentes nele engastadas. Trazia escrito com runas o nome do grande homem de outrora para quem a espada fora feita em seu tempo.

“Este punho merece receber nova lâmina”, disse o rei. “Quem sabe Imigo possa fazer uma nova. Ele é um ferreiro habilidoso e, além disso, conhece muitas runas.”

“E onde está meu fiel amigo?”, perguntou Lobelho. “Pensei ter ouvido sua voz ao entrar, mas não o vejo aqui para me dar as boas-vindas. Quero lhe ensinar como se atam nós.”

Alguns arrastaram Imigo para fora de um canto onde ele se escondia. “Bem, homenzinho!”, disse Lobelho. “Então chegaste em casa antes de mim? Não tens nem coração nem esperteza, pois não consegues esperar um amigo nem prender uma corda. Ou, se consegues, és um tratante traiçoeiro.”

Lobelho ergueu Imigo, que gritou de medo, pois tinha certeza de que ele iria lhe dar um abraço mortal. “Não, não vou matar-te”, disse Lobelho, “pois tu és homem do rei. Mas, se eu fosse rei, não te toleraria rastejando em minha casa.” Então deu-lhe uma boa surra e deixou-o ir. Imigo se arrastou para fora e não voltou a entrar no salão por muitos dias. Depois disso, sempre houve mais amizade e menos rixa. Imigo fora humilhado, e daí em diante tornou-se homem de menos palavras. Quanto à cabeça de Triturador, tomaram-na e queimaram-na até virar cinzas, que espalharam ao vento, longe das habitações dos homens.

Foi alegre o banquete no Salão Dourado naquela noite. Durante todo o dia, os artesãos e construtores estiveram ocupados consertando os danos: tábuas e lambris foram remendados, os bancos foram polidos e postos em ordem,

tecidos bordados de muitas cores foram pendurados nas paredes, acenderam-se muitas luzes. Quando estava tudo pronto, Lobelho sentou-se, com altas honras, ao lado do rei, e recebeu ricos presentes: um machado e um belo escudo, um estandarte de tecido dourado, um elmo feito com tal habilidade por ferreiros de outros tempos que nenhuma lâmina poderia fendê-lo, e que trazia um javali dourado encimando-o como uma crista. O rei deu-lhe um cavalo com uma bonita sela e arreios reluzentes. E a rainha ofereceu-lhe seus próprios presentes: um anel de ouro de grande peso, belas vestes, um colar reluzente, com gemas, que ela colocou em seu pescoço. Todo o ouro que ele obtivera na caverna de Triturador o rei lhe devolveu, como compensação por seus companheiros Guante e Freixo, que o ogro matara. Doze bons homens, devidamente armados, foram designados pelo rei para serem seus seguidores e o servirem.

Lobelho em verdade se tornara um grande homem, e achava que seu quinhão havia mudado para melhor, pois o modo como o tratavam ali era muito diferente daquele como o faziam em seu país. Viveu alegre naquela terra por algum tempo, e todos eram amigos dele. Imigo trabalhou muito e empregou toda a sua habilidade para fabricar uma grande e boa lâmina. Havia nela muitos sinais e figuras. Nas bordas, havia serpentes desenhadas, para que sua mordida fosse mortal. Com permissão do rei, Imigo ajustou a lâmina ao antigo punho e deu a espada a Lobelho como oferenda de paz. Lobelho a aceitou com prazer e o perdoou. Deu à espada o nome de Punhodouro e usou-a para sempre, nunca mais desprezou as armas.

Havia uma grande amizade entre o rei e seu hóspede, e de bom grado ele teria mantido Lobelho a seu lado. Estava velho, seus filhos ainda não haviam atingido a maioridade e parecia-lhe que Lobelho valia por um exército de homens. Mas, à medida que o tempo passava, apossou-se de Lobelho

um grande desejo de voltar a contemplar sua terra além-mar e de mostrar à gente de lá quanta honra conquistara em suas viagens. Assim, disse adeus ao rei do Salão Dourado, o qual lhe deu outro navio mais esplêndido do que o velho barco que ainda estava na praia. Lobelho e seus homens o carregaram, com todo o ouro e os belos objetos que ele ganhara, içaram as velas e se fizeram ao mar.

Não passou muito tempo para que a gente da costa enxergasse velas brancas sobre a água, como as asas de uma ave que plana com o vento. À medida que o lindo navio, com escudos brilhantes dependurados nas bordas e um estandarte de ouro, se aproximava, eles se perguntavam de onde estaria vindo e qual haveria de ser sua demanda. Quando a nau chegou a terra, dela desembarcou um grande senhor, muito alto, trajado com uma cota de malha reluzente, com um elmo de crista alta na cabeça, acompanhado de doze cavaleiros. Perguntaram-lhe como se chamava.

“Costumavam chamar-me de Lobelho quando eu estava em casa”, respondeu, “e não vejo motivo para mudar.”

Então a gente se surpreendeu, e a notícia do retorno de Lobelho se espalhou como fogo. Mas ele não esperou, e foi imediatamente ver o rei, seu pai de criação. Entrou a passos largos no salão onde antigamente se sentava num canto. Agora era bem diferente o seu porte. Altivo, saudou o rei.

O rei olhou-o com espanto. “Bem, bem! Então retornaste, afinal!”, falou. “Quem acreditaria que Lobelho haveria de derrotar o ogro e libertar o grande Salão Dourado? Nunca imaginei isso!”

“Talvez não, senhor”, disse Lobelho, “mas muitos têm em sua reserva um tesouro cujo valor desconhecem. Fizeste pouco caso do enjeitado que foi trazido do covil do urso. Ainda assim, mereces alguma gratidão por ter me criado, tal

como foi.” E Lobelho deu ao rei todo o ouro que tirara da caverna, e ele recebeu o presente com muito gosto.

Agora Lobelho era um homem poderoso naquela terra. Lutou por seu rei em muitas guerras importantes e conquistou para ele muitas vitórias. Dizem que às vezes, no calor da batalha, largava a espada, lançava fora o escudo, agarrava o capitão de seus inimigos e acabava com sua vida esmagando-o com os braços. O temor de sua força e de sua valentia espalhou-se por todos os lugares. Tornou-se um grande senhor, com extensas terras e muitos anéis. Casou-se com a filha única do rei. E depois que os dias do rei chegaram ao fim, Lobelho tornou-se rei em seu lugar, e viveu em glória por muito tempo. A vida inteira foi um grande apreciador de mel, e o hidromel de seu salão era sempre dos melhores.

*

Notas ao texto

1 *urso-polar* [*ice-bear*]: uma nota a lápis junto a “*ice-bear*”, feita por meu pai na cópia a carbono do segundo texto datilografado |E|, diz:

> Parece caber, mas não cabe. O islandês *ís-björn* é moderno. O termo islandês antigo era *hvíta-björn*, “urso-branco”; mas ele era desconhecido na Europa antes do ano 900 d.C. (após o descobrimento da Islândia) e, portanto, não poderia aparecer em uma antiga lenda que remonta a antes do ano 500 d.C., a data aproximada de Hrothgar etc.
>
> Ver também o comentário de *Beowulf*.

2 *nixes*: meu pai não sabia com segurança como reproduzir de maneira adequada a palavra em inglês antigo *nicor*,

plural *niceras*, comumente traduzida como “*water-demon*” [monstro aquático] (termo que ele próprio usou em sua tradução de *Beowulf*). O inglês antigo *nicor*, grafado *nicker*, por muito tempo foi considerado palavra arcaica em inglês, e as palavras alemãs aparentadas *nix*, *nixy* são encontradas em documentos ingleses do século XIX.

Nos manuscritos A e C de *Sellic Spell*, meu pai simplesmente manteve a forma em inglês antigo *nicor*, plural *nicors*. Isso foi naturalmente mantido no texto datilografado D; mas neste, na primeira ocorrência da palavra, meu pai emendou para *nickers and nixes*, e depois riscou *nickers and*. Em todas as ocorrências seguintes de *nicors*, ele alterou essa palavra para *nixes*, exceto na linha 8 (ver texto no port.): onde aparecia “Lobelho lutou com o *nicor*”, ele alterou para “monstro”, e na linha 8 (ver texto no port.), na qual ele mudou para *nixy* [“nixe”].

O segundo texto datilografado E tem *nixes* em toda parte, exceto nos dois casos mencionados; porém, na maioria das vezes, ele escreveu por cima *nickers*, a lápis, fraco, talvez como alternativa, e não alteração.

3 *Imigo* [*Unfriend*]: em todos os textos, exceto no texto E, o nome era *Unpeace* [*Sempaz*], mas no texto D meu pai alterou para *Unfriend* em toda parte. No texto E o datilógrafo corrigiu *Unpeace* para *Unfriend* nas primeiras duas ocorrências, depois para *Unpeace*.

4 No original, *louting low* “*bowing low*”.

5 *bastão* [*truncheon*]: usado no sentido primitivo da palavra: fragmento de uma lança, ou haste de uma lança.

*

§ 2 UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS FORMAS MAIS ANTIGA E FINAL DA HISTÓRIA

> Aqui apresento, nos trechos relevantes, o texto (manuscrito A) de *Sellic Spell* na sua forma mais antiga, antes de terem sido feitas nele quaisquer alterações significativas, na medida em que isso pôde ser verificado. Como esse manuscrito estava na primeira etapa de composição, ou em uma etapa bem inicial, há muitas correções de detalhes de expressões que foram feitas, obviamente, ou muito provavelmente, no momento em que ele foi escrito. Nesses casos, publiquei sem comentários o texto corrigido ou indiquei a natureza da correção quando era interessante. Ver ainda, sobre a natureza do texto manuscrito A, *A elaboração do texto* [Introdução, pp. 459-60].]

Era uma vez um rei que vivia no norte do mundo. Em sua casa havia um jovem rapaz que não era como outros jovens rapazes. Quando criança, tinha sido encontrado no covil de um urso, no alto das montanhas, e os caçadores o levaram para o rei, pois ninguém sabia de onde vinha a criança, nem a quem pertencia; e por ter vivido com os ursos, ele não sabia falar. O rei o deu para criar, mas o pai de criação teve pouco proveito dele. Era um menino carrancudo e desajeitado, e demorou a aprender a língua dos homens. Não trabalhava nem aprendeu a usar ferramentas ou armas. Era tido em pouca conta. No salão, era empurrado para um canto e não lhe davam lugar entre a gente melhor. Ao crescer, no entanto – e cresceu espantosamente rápido –, tornou-se cada vez mais forte, até que os homens começaram a temê-lo. Tinha nas mãos a força de muitos homens, e o aperto de seus braços parecia um abraço de

urso. Não usava espada, mas se ficasse furioso podia esmagar um homem com seu abraço.

Até esse ponto, pode observar-se que não houve menção à filha única do rei, que o enjeitado não foi criado por ele e, mais surpreendente, que não foi chamado de Lobelho, tampouco há o motivo para isso. Porém, um acréscimo ao manuscrito, feito muito provavelmente na época da composição do texto ou próximo a ela, após as palavras “ferramentas ou armas” informa:

Gostava de mel e, como não tinha nome, a gente o chamava de Lobelho.

O texto continua deste ponto:

Lobelho era um grande nadador. Era quente como um urso-polar, e seu corpo tinha o fulgor do urso, como os homens diziam, de forma que não temia o frio.

Naqueles tempos, havia um grande nadador, chamado Vagalhão, oriundo da Terra da Espuma. Certo dia, Vagalhão encontrou Lobelho na praia, quando este tinha acabado de sair do mar, onde estivera nadando.

A partir desse ponto, o texto original foi preservado quase palavra por palavra até a forma final, até “como se tivesse lutado com feras selvagens” (ver texto, linha 19). A única diferença a apontar é o uso da palavra *nicors* em lugar de *nixes* (sobre isso, ver nota sobre *nixes*).

Algum tempo depois, quando Lobelho havia crescido até atingir a estatura de um homem e mais, chegou à região a notícia de que o rei de um país além-mar estava sendo incomodado por um ogro. De que espécie era o monstro, e de onde vinha, ninguém sabia, mas diziam que ele costumava emboscar os homens nas sombras e devorá-los ali mesmo, ou levá-los para o seu covil, muitos de uma só vez. Ricos ou pobres, jovens ou velhos, não poupava ninguém que conseguisse apanhar. Lobelho escutou essas histórias, mas nada disse. E chegaram mais notícias. Contava-se que o ogro já havia invadido o salão do rei e devorado trinta cavaleiros. O salão tinha telhado de ouro, todos os seus bancos eram dourados e entalhados, o hidromel e a cerveja nele eram dos melhores, porém nem o rei nem nenhum dos seus homens ousava ficar no salão depois que o sol se punha. O rei oferecera ricas recompensas a qualquer homem que o livrasse de seu inimigo, mas ninguém se apresentara, e por toda a noite o monstro era senhor da casa do rei.

Quando ouviu isso, Lobelho se ergueu. “Precisam de um homem nessa terra”, falou. “É melhor que eu vá [...]” [*ilegível*]. Os antigos acharam que pouco proveito viria de tal aventura, mas ninguém [...] [*ilegível*] tentou dissuadir Lobelho, pensando que o ogro poderia devorar outros que fariam mais falta. Lobelho encontrou um homem disposto a ir com ele. Era um sujeito chamado Guante, que tinha esse nome porque usava luvas de pele de urso nas suas grandes mãos. Lobelho e Guante zarparam num barco e no dia seguinte, ou no dia depois desse, avistaram a terra do rei do Salão Dourado. Assim que desembarcaram, um homem aproximou-se e perguntou o que pretendiam. Sua aparência demonstrava que os forasteiros não eram bem-vindos. Mas Lobelho, que a essa altura estava muito crescido e assustador, ergueu-se e retrucou altivo: “Vim descobrir a verdade sobre as histórias que os homens contam sobre

esta terra”, disse. “Ouvi dizer que um inimigo visita a casa de teu rei à noite, e nenhum homem desta terra ousa permanecer nela para enfrentá-lo. Quem sabe é conversa vã, mas, se for verdade, creio que poderei ser útil.”

“Quem sabe possas!”, falou o homem, dando um passo para trás e erguendo os olhos para Lobelho. “É melhor que vás informar ao rei a tua missão.” Conduziu Lobelho e Guante até que pudessem ver o telhado dourado da casa do rei, reluzindo diante deles em um vale verde. “Agora não podeis errar a estrada”, disse o homem, e lhes desejou bom dia.

> Ver-se-á que, na história, como foi contada originalmente, a qualidade mágica das luvas de Guante não foi mencionada nesse ponto, e o homem não amistoso que encontrou Lobelho e Guante na costa não tinha nome nem papel a desempenhar além de lhes mostrar o caminho para o Salão Dourado. No texto que substituiu esse texto original, o homem ainda era anônimo, mas “era um sujeito de aspecto soturno, com uma grande lança que brandia selvagemente”, e quando se despediram, à vista do Salão Dourado, ele disse: “Desejo-vos bom dia e boa sorte, apesar de não ter esperança de ver algum de vós retornar.”

Pouco tempo depois, Lobelho e Guante chegaram à porta do salão. Lobelho deixou os guardas de lado e entrou no salão a passos largos, até parar diante do assento do rei, e saudou-o:

“Salve, rei do Salão Dourado! Vim por sobre o mar. Ouvi dizer que sois incomodado por [uma criatura chamada Grendel >] um monstro que devora teus homens, e que darás muito ouro para te livrares dele.”

“Ai de mim, o que ouviste é verdade!”, respondeu o rei. “Um ogro chamado [Grendel >] Triturador tem molestado minha gente faz anos, e eu daria rica recompensa a qualquer homem que pudesse destruí-lo. Mas quem és tu e qual é tua missão?”

“Lobelho é meu nome”, respondeu. “Em minhas mãos tenho a força de trinta homens. [A criatura que chamas de Grendel, essa é minha missão. >] Minha missão é enfrentar esse ogro. Lidei com gente de sua espécie antes, e também matei nicors. Já que não há homem nesta terra que ouse enfrentá-lo, esperarei aqui esta noite e trocarei uma palavra com esse [Grendel >] Triturador. Não preciso de ajuda, a não ser dos meus dois braços. Se eles me falharem, pelo menos estarás livre de mim, e não precisarás me alimentar, nem me sepultar, se o que se conta for verdadeiro.”

O rei ficou exultante ao ouvir tal fala e lhe veio a esperança de que talvez o fim de suas preocupações estivesse próximo. Lobelho foi convidado para o banquete e [posto ao lado dos próprios filhos do rei >] lhe deram um assento entre os homens do rei. Quando a bebida foi servida, a rainha foi até ele, deu-lhe uma taça de hidromel e desejou-lhe boa sorte. “Meu coração se alegra”, disse ela, “ao ver um homem neste salão outra vez.”

[As palavras da rainha pouco agradaram a >] Alguns homens do rei levaram a mal essas palavras, e ninguém mais do que / Sempaz. Ele se tinha em alta conta, pois gozava de alto privilégio com o rei. Possuía espírito aguçado, e o rei dava grande valor aos seus conselhos, apesar de alguns desconfiarem dele e dizerem que tinha mau-olhado, sabia realizar encantamentos de magia e seus conselhos com mais frequência provocavam rivalidade em vez de paz. Sempaz voltou-se para Lobelho.

As palavras desdenhosas de Sempaz a Lobelho acerca da competição de nado com Vagalhão e o abraço de urso dado por Lobelho em Sempaz como resposta bem pouco diferem da forma final, mas, como se verá, a história que vem depois é totalmente diferente, por mais que boa parte do texto tenha sido mantida na forma final.

Logo depois, o sol começou a se pôr no oeste e as sombras se estenderam sobre a terra. O rei se ergueu, e os homens se apressaram a deixar o salão. Ele ordenou a Lobelho que tomasse conta da sua casa e lhe desejou boa sorte, prometendo-lhe grandes recompensas pela manhã se ele estivesse ali para reclamá-las.

Quando o rei e toda a gente haviam partido, Lobelho e Guante fizeram suas camas. “Se Triturador vier hoje à noite”, disse Lobelho, “encontrará mais do que procura. Se as garras são suas armas e o corpo a corpo é seu jogo, há de encontrar alguém acostumado com tal diversão e que gosta mais dela do que de brincar com instrumentos de ferro.” Então deitou a cabeça no travesseiro e logo caiu em sono profundo. Mas Guante não estava tão tranquilo, e deixou uma espada desembainhada junto de si.

Durante a noite, Triturador se ergueu do covil, muito longe, além das charnecas sombrias, e desceu altivo até o Salão Dourado. Estava faminto e pretendia apanhar um ou dois homens para sua refeição. Caminhou a passos largos sobre a terra, sob a sombra das nuvens, e chegou por fim à casa do rei – não pela primeira vez, mas nunca antes sua sorte fora tão má. Agarrou as grandes portas, abriu-as com um puxão e deu um passo para dentro, [e ao entrar >] curvando-se para não bater a cabeça nas vigas do telhado. Percorreu ferozmente o salão com o olhar, e seus olhos brilharam como os raios luminosos de uma fornalha.

Quando viu que mais uma vez havia homens dormindo no salão, ele riu.

Guante despertou e, assim que viu Triturador, apanhou a espada e golpeou o ogro, mas não lhe causou nenhum ferimento, porque ele havia jogado um encantamento sobre o ferro, e nenhuma espada comum lhe perfurava o couro. De imediato agarrou Guante, o fez em pedaços, os quais enfiou na luva sem dedos que trazia pendurada no cinto. Lobelho despertou do sono profundo e, ao ver o que acontecera com seu companheiro, ficou inflamado de ira, mas manteve-se deitado, imóvel, por algum tempo, observando o que o ogro faria em seguida. Triturador pensou que ele estivesse adormecido e foi até a cama, pretendendo fazer com ele o que fizera com o outro homem. Pôs as grandes garras em Lobelho e o pressionou contra a cama.

A partir desse ponto, a história original no texto manuscrito A, da luta de Lobelho com Triturador, foi bem pouco modificada na forma final, mas ficou faltando toda a narrativa de sua invasão no Salão Dourado por três noites sucessivas, e dos assassinatos de Freixo e Guante, antes da luta com Lobelho. Freixo, como presença no Salão Dourado, ainda nem tinha entrado na história, nem foi feita menção à natureza mágica das luvas de Guante. A frase “Guante despertou e, assim que viu Triturador, apanhou a espada” foi alterada para: “Guante despertou, viu os olhos de Triturador, e tal foi o medo que se apossou dele que saltou da cama, esquecendo as luvas, e apanhou a espada.” Depois das palavras “pedaços, os quais enfiou na luva”, meu pai acrescentou: “Logo nada restava senão as luvas de Guante sobre o banco junto à sua

cama.” A natureza maravilhosa das luvas evidentemente entrara agora num trecho de reposição do texto manuscrito A.

A história original não foi alterada até as falas que se seguiram à vitória de Lobelho. Mas, depois do que ele disse ao rei: “Triturador me logrou, partindo-se”, falou: “Porém, não creio que tenha escapado com vida. Há de morrer desse ferimento, e estarás livre dele daqui em diante.” Sempaz nada disse nesse momento do texto original A (em contraste com seus presságios na versão final, que levaram à expedição de Lobelho e Imigo até o covil de Triturador).

Depois disso, segue-se no texto A um fragmento que meu pai usou na sequência, sem grande alteração, no final das façanhas de Lobelho no lago, ver texto, e que leva a uma versão totalmente diferente da história final.

Logo os artesãos e construtores se ocuparam de consertar os danos no salão: as portas foram colocadas nos gonzos, os bancos foram polidos e postos em ordem, os tecidos dourados foram pendurados de volta nas paredes, acenderam-se muitas luzes.

Houve um alegre banquete naquele dia, e Lobelho recebeu um assento de honra, ao lado dos filhos do rei. Enquanto todos bebiam, o menestrel do rei entoou uma canção em louvor de sua vitória. Então o monarca cumpriu sua promessa e mandou que dessem ricos presentes a Lobelho: uma couraça dourada, uma espada do tesouro do rei, um estandarte de tecido dourado, um elmo feito pelos ferreiros de outrora com tal habilidade que nenhuma lâmina poderia fendê-lo. O rei ainda deu a Lobelho uma grande soma em ouro, como compensação por seu companheiro Guante, que o ogro matara. A rainha também ofereceu-lhe

seus presentes: muitos anéis dourados, belas vestes, um colar reluzente com gemas que colocou no seu pescoço[d]. Agora Lobelho se tornara de fato um grande homem, e achava que sua sorte havia mudado para melhor; pois o modo como o tratavam ali era muito diferente daquele como o faziam em seu país. Todos os homens o louvavam, e Sempaz mostrava-se extremamente amistoso.

À tardinha, quando o banquete estava terminando, os homens do rei permaneceram no salão, como fora seu costume antes de começar a assombração, armaram suas camas e empilharam as armas nos bancos junto a si. Mas Lobelho foi alojado em aposentos próprios. Deitou em uma linda cama e dormiu a noite toda, pois estava exausto e dolorido de tanto combater.

Quando todos os homens dormiam e a noite estava escura, aconteceu algo que ninguém esperava: Triturador foi vingado. Ele não era desprovido de parentela que assumisse sua rixa. Muito longe, além das charnecas, a mãe dele, em seu covil, pranteou pelo filho, até que, cheia de ira e pesar, a própria velha ogra partiu estrada afora. Enquanto os homens estavam deitados, sem pensar em nenhum mal, ela chegou ao Salão Dourado e se esgueirou para dentro dele. De imediato pôs as garras no homem que dormia mais perto da porta e lhe dilacerou a carne. Os homens despertaram com seus gritos, sonolentos e pasmos. Tatearam procurando as espadas, sem tempo de colocar elmo nem cota de malha. Vendo tantos homens, a velha ogra fugiu, pois, mesmo sendo muito grande, não tinha a força de seu filho Triturador e não estava acostumada a andar muito longe, até os lares dos homens. Mas não saiu de mãos vazias. Estrangulou o homem que agarrou e levou-o embora, enquanto todo o salão estava em polvorosa e os homens corriam para lá e para cá, golpeando o ar. Quando chegou a manhã, descobriram que ela levara o capitão dos cavaleiros do rei, perda que a todos muito afligiu.

Quando o rei soube da notícia, ficou pleno de pesar e mandou chamar Lobelho. Este, vendo o rei tão abatido, saudou-o e perguntou se seu sono havia sido perturbado por sonhos ruins. “Não foram sonhos!”, disse o rei. “O mal voltou outra vez à minha casa. Meu capitão foi apanhado, o melhor de meus cavaleiros. Será que um dia minhas desgraças terão fim? Sob as sombras da noite, um monstro o carregou para longe. Deve ser obra da mãe de Triturador, por vingança pela ferida que fizeste em seu filho.”

“Isso é novidade para mim!”, falou Lobelho. “Nunca ouvi dizer que dois monstros como esses assolavam tua terra.”

“No entanto, é assim que as coisas são”, disse o rei. “[Muito tempo atrás >] Às vezes / homens que viajam para longe me trazem [> trouxeram] notícias e dizem [> disseram] que a distância, além das charnecas, viram dois monstros andando a passos largos no ermo. O maior era como um homem deformado, e o outro, como uma grande bruxa de cabelos compridos. Mas ninguém jamais descobriu outros monstros da sua espécie, pois vivem sozinhos, e só alguns sabem onde fica o seu covil. Ele está a muitas milhas daqui, em uma lagoa oculta, por trás de uma cachoeira que despenca de um penhasco negro para as sombras lá embaixo, um lugar onde sopra o vento, os lobos uivam nas colinas e árvores mortas pendem pelas raízes sobre a lagoa. De noite o fogo bruxuleia sobre a água. Ninguém sabe a profundidade desse lago, e nenhum animal entra nele.”

“Não é um lugar agradável, isso está claro”, disse Lobelho. “No entanto, alguém tem de explorá-lo, se esse contratempo tiver de acabar. Não te desesperes, senhor, mas alegra-te! Irei até lá. Estou acostumado a nadar em águas profundas, e os nicors não me metem medo. Hei de visitar a mãe de Triturador em seu próprio lar e, não importa quantas portas sua casa tenha, ela não há de me escapar.”

Então o rei saltou de alegria e agradeceu a Lobelho por suas palavras, prometendo-lhe ouro e joias, além de todos os presentes que já havia recebido, caso cumprisse sua promessa.

“Só o que peço”, falou Lobelho, “é um companheiro que conheça os caminhos de tua terra para me guiar até o local.”

“Sempaz há de ir contigo”, disse o rei. “Tem grande perspicácia, conhece todas as histórias que foram transmitidas desde os dias de antanho e viajou muito. Ninguém conhece mais os caminhos desta terra do que ele.”

Ao ouvir a decisão do rei, Sempaz pareceu disposto, e de fato não ousava contrariá-lo, para não perder seu favorecimento e toda a honra em sua terra. “Será um prazer mostrar a meu amigo Lobelho as maravilhas desta terra”, declarou, e riu, arreganhando os dentes.

Juntos, Sempaz e Lobelho partiram, e logo encontraram a pista de Triturador e sua mãe, pois havia muito sangue derramado no chão.

> No manuscrito original, a descrição da viagem que fizeram até o penhasco acima do lago foi conservada praticamente palavra por palavra na versão final, mas a cabeça que encontraram “olhando fixamente para o céu” evidentemente não era de Freixo, e sim do “capitão dos cavaleiros do rei” (ver texto), que fora levado pela mãe de Triturador, e não havia menção a Lobelho tomando as luvas de Guante, muito menos à lança de Freixo (ver texto e texto).

“Parece que me trouxeste ao lugar certo”, disse Lobelho, e soprou uma trompa. O seu som, ao ecoar nas

rochas, pôs em alvoroço todos os nicors, e eles mergulharam no lago, bufando de raiva. “Há muitos seres hostis aqui”, falou Sempaz.

“Não me importo com os nicors. Lidei com outros maiores e piores no mar”, disse Lobelho.

“Porém, poderá ser difícil lidar com muitos adversários ao mesmo tempo”, retrucou Sempaz. “Veja, meu amigo, vou dar-te um presente para te ajudar. Não dás importância às armas, eu sei, mas não desprezes esta, pois poderá ser de grande ajuda na necessidade.” Então deu a Lobelho uma lâmina curiosa. Havia nela muitos sinais e figuras. Nas bordas, havia serpentes desenhadas, para que a mordida da lâmina fosse [...] [*ilegível* >] mortal. Mas seu cabo era longo e feito de madeira. Lobelho tomou a espada, achando que estava sendo dada por amizade, levantou-se e aprestou-se.

“Como vais descer, meu amigo?”, perguntou Sempaz.

“Não será a primeira vez que mergulho em águas profundas”, respondeu Lobelho, “e, apesar de este penhasco ter dez braças de altura, já vi mais altos.”

Sobre a espada de cabo de madeira dada a Lobelho por Sempaz, que não está presente na versão final de *Sellic Spell*, ver o comentário a *Beowulf*.

Desse ponto até o fim, o texto final de *Sellic Spell* seguiu o texto manuscrito original A, na maior parte muito fielmente, apenas com leves alterações de palavras aqui e ali. As diferenças que existem entre as duas narrativas são explicadas nas notas que se seguem.

Evidentemente, a ogra, mãe de Triturador, em seu covil, é apresentada de modo bem diferente no texto A, no qual era ela o objeto da expedição.

Os nicors se juntaram em torno dele e o puxaram violentamente com as presas. Mas a couraça de malha fora tecida com habilidade, e eles não o feriram. A velha ogra, em sua caverna, logo descobriu que um homem do mundo superior penetrara em sua lagoa, onde habitava havia muitas eras sem ser perturbada. Estava furiosa e saiu de casa.

No texto final, Lobelho enfrentou a ogra e a golpeou com a lança que fora de Freixo, mas “com um golpe da mão, ela partiu a haste ao meio”. Na versão original, na qual Freixo não fazia parte da história, a espada dada por Sempaz a Lobelho reaparece aqui:

Ele a golpeou com a espada que Sempaz lhe dera, e a lâmina traiçoeira o iludiu, pois as beiras viraram no couro dela, e com um golpe da mão ela partiu a haste de madeira ao meio.

No episódio da espada muito pesada e antiga, suspensa numa parede da caverna, com que Lobelho a decapitou, pareceu-lhe, na versão posterior, que a luz que surgiu “vinha da espada, e que a lâmina estava em chamas”. No texto A, ele pensou que a luz provinha da sala mais além, onde jazia Triturador. Aqui Lobelho lançou de lado a gigantesca pedra que bloqueava a entrada da sala com o auxílio das luvas de Guante, revelando que (conforme mencionado antes, ver texto) as luvas mágicas haviam entrado na história antes que estivesse completado o relato do manuscrito original. Quando Lobelho se livrou da pedra, no texto original conforme foi escrito, segue-se um trecho curioso:

Entrou na sala e viu ali grande riqueza em ouro e gemas que Triturador acumulara ao longo dos anos. A grande lança de Freixo estava encostada à parede. Também havia muitos ossos no chão. Ele os recolheu num saco, com a intenção de sepultá-los, pois entre eles acreditava que haveria alguns que tinham pertencido a Guante.

Esse trecho, desde “A grande lança de Freixo”, foi riscado. Essa menção é muito enigmática, pois nada existe nesse manuscrito, nem na primeira versão nem nas versões com os acréscimos e as alterações posteriores, que explique como uma lança pertencente a Freixo poderia estar encostada à parede da caverna de Triturador (ver texto).

A traição de Sempaz e a difícil fuga de Lobelho da lagoa quase não diferem nas duas versões, mas o texto final apresenta um aspecto curioso: onde aparece “Mas nenhum nixe estava à vista no lago”, o manuscrito original traz: “Nenhum nicor agora estava à vista no lago, pois todos haviam desaparecido quando as cabeças dos ogros foram decepadas.”

Na história sobre a enorme espada que Lobelho encontrou nas cavernas dos monstros, as versões diferem consideravelmente. Na versão original, a descrição da espada, quando o rei examinou o punho, que era tudo o que havia restado dela, foi mantida inalterada, mas depois seguiu-se:

Aquele tesouro ficou por muito tempo no estoque do rei do Salão Dourado. Mas não conta se mais tarde uma lâmina foi feita para ele.

Assim, não havia aqui indício da história na versão final (ver texto), em que Imigo, então ferreiro do rei, foi designado para fazer uma lâmina magnífica a ser juntada ao punho. A espada que fez foi dada a Lobelho "como oferenda de paz". Ele a recebeu e deu-lhe o nome de Punhodouro. Mas é interessante notar que "nas bordas havia serpentes desenhadas, para que sua mordida fosse mortal", pois essas mesmas palavras foram usadas na história original acerca da espada traiçoeira que Sempaz deu a Lobelho quando olhavam para a lagoa lá embaixo (ver texto).

No texto A, a descrição do banquete de encerramento, que comemorou a volta de Lobelho da lagoa, era muito menos elaborada do que na versão final, uma vez que esta (ver texto) derivou da descrição do texto A (ver texto) do primeiro banquete, celebrado após a luta de Lobelho com Triturador no Salão Dourado. Isto é tudo o que foi dito no texto A:

Foi alegre de fato o banquete naquele dia. Lobelho tomou assento, com altas honras, ao lado do rei e lhe foram dados ricos presentes. O rei lhe devolveu todo o ouro que ele tirara da caverna de Triturador e ainda mais, como compensação pela perda de seu companheiro Guante, que o ogro matara. E doze bons homens, devidamente armados, foram designados pelo rei para serem seus seguidores e o servirem.

Como foi contada no texto A, a história da partida de Lobelho do Salão Dourado e de sua recepção em seu país, de seu casamento com a filha do rei e de como se tornou rei daquela terra depois disso foi conservada sem alterações na versão final. Há apenas um último

detalhe a observar: no manuscrito A existe um acréscimo a lápis (que não se encontra em nenhum outro lugar desses papéis) às palavras de Lobelho acerca de seu nome (ver texto):

“Costumavam chamar-me de Lobelho quando eu estava em casa. Agora alguns me chamam de cavaleiro do punho dourado. Mas não vejo motivo para mudar meu nome antigo.”

*

§ 3 SELLIC SPELL: O TEXTO EM INGLÊS ANTIGO

Não é difícil perceber que o texto em inglês antigo de *Sellic Spell* só foi escrito depois que apareceu alguma versão da obra em inglês moderno, mesmo incompleta.

A abertura do texto original do texto manuscrito A, dada no § 2 (ver texto), diz:

> Era uma vez um rei que vivia no norte do mundo. Em sua casa havia um jovem rapaz que não era como outros jovens rapazes. Quando criança, tinha sido encontrado no covil de um urso, no alto das montanhas, e os caçadores o levaram para o rei. [...]

O texto da primeira revisão do texto inicial, também encontrada no texto manuscrito A, assemelha-se muito ao texto final deste trecho de abertura (ver texto § 1):

> Era uma vez um rei que vivia no norte do mundo e tinha apenas uma filha. Na sua casa havia um jovem rapaz que não era como os outros. Certo dia, alguns caçadores de sua terra encontraram um grande urso nas montanhas, seguiram sua pista até seu covil e o mataram. No covil, acharam um menino.

E o texto em inglês antigo começa assim:

> On æ´rdagum wæs wuniende be norþdæ´lum middangeardes sum cyning, þe ángan dohtor hæfde. On his húse wæs éac án cniht óþrum ungelíc. For þam þe hit æ´r gelamp þæt þæs cyninges huntan micelne beran

> geméttonon þam beorgum, ond hie spyredon æfter him to his denne, and hine þæ´r ofslógon. On þam denne fundon hie hysecild.

O exemplo seguinte é ainda mais surpreendente. No § 2, ver texto, apresentei um trecho do manuscrito A, conforme foi escrito de início, que começa assim:

> Algum tempo depois, quando Lobelho havia crescido até atingir a estatura de um homem e mais, chegou à região a notícia de que o rei de um país além-mar estava sendo incomodado por um ogro. De que espécie era o monstro, e de onde vinha, ninguém sabia, mas diziam que ele costumava emboscar os homens nas sombras. [...]

Meu pai riscou o trecho todo, linha por linha, até “pensavam que o ogro poderia devorar outros homens que fariam mais falta”, e escreveu rapidamente, a lápis, um novo texto nas entrelinhas, que se aproxima do texto final (§ 6, ver texto):

> Certo dia, quando Lobelho já estava crescido, com a estatura de um homem e mais, ouviu homens conversando no salão. Um deles contava que o rei de uma terra distante havia construído uma casa para ele. O telhado do salão era de ouro, e todos os bancos eram entalhados e dourados. [...]

Aqui, no texto em inglês antigo, aparece:

> Hit gesæ´lde, siþþan Béowulf mannes wæstm oþþe wel máran begeat, þæt he æt sumum sæ´le hýrde menn gieddian on healle. Þá cwiddode án þæt sum útlandes cyning him micel hús atimbrode. Héah wæs seo heall, and hire hróf gylden; ealle bence þæ´r inne wræ´tlice agræfene wæ´ron ond ofergylde [...]

Penso que não se pode dizer que isso de fato prova que o inglês antigo foi traduzido a partir do texto manuscrito A, mas afirmar o contrário parece incoerente e totalmente improvável. Por outro lado, se o texto em inglês antigo foi uma tradução da história já existente em inglês moderno, não consigo explicar esta afirmação de meu pai, aparentemente contraditória (introdução a *Sellic Spell*): “Dei ao meu conto o aspecto de expressão nórdica, redigindo-o primeiro em inglês antigo.”

O texto em inglês antigo, escrito com capricho, termina com estas palavras, escritas num pé de página: “*Hraþe æfter þon ongann seo sunne niþer gewítan, wurdon sceadwa lange ofer eorðan. Þá arás se cyning; menn ónetton of þæ´re healle*.” [“Logo depois, o sol começou a se pôr no oeste e as sombras se estenderam sobre a terra. O rei se ergueu, e os homens se apressaram a deixar o salão” (§ 3, ver texto).] Aqui a história apresenta a forma original do texto manuscrito A antes da mudança, quando Guante e Lobelho enfrentaram juntos a entrada de Triturador.

Em seguida à última página do texto em inglês antigo, escrito e finalizado com capricho, há duas páginas adicionais que mostram o trabalho do meu pai na etapa preliminar da versão no idioma antigo. Parecem ter sido escritas com fluência, mas foram rabiscadas com um lápis muito grosso e macio, o que torna o texto extremamente difícil de decifrar, embora seja possível fazê-lo em boa parte dele. A história continua a partir do ponto em que Hrothgar

oferece a Lobelho o salão de Heorot e é interrompida durante o combate com Triturador (um trecho que foi preservado no texto final (§ 3, ver texto): “Aquela não era, de modo algum, a comida que buscava. Mas Lobelho não o deixou ir. E, quando Triturador recuou, levantou-se com um salto.”

Segue-se o texto de *Sellic Spell* em inglês antigo. Não achei necessário fazer uma tradução, pois, a não ser que esta fosse realizada de modo exageradamente literal, seria enganosa, e o interesse desse texto, na minha opinião, reside sobretudo no fato de demonstrar a fluência de meu pai no idioma antigo.

On æ´rdagum wæs wuniende be norþdæ´lum middangeardes sum cyning, þe ángan dohtor hæfde. On his húse wæs éac án cniht óþrum ungelíc. For þam þe hit æ´r gelamp þæt þæs cyninges huntan micelne beran gemétton on þam beorgum, ond hie spyredon æfter him to his denne, and hine þæ´r ofslógon. On þam denne fundon hie hysecild. Þúhte him micel wundor, for þam þe þæt cild wæs seofonwintre, and gréat, and æghwæs gesund, bútan hit nan word ne cúþe, ac grunode swá swá wildéor; for þam þe beran hit aféddon. Hie genómon þæt cild; ac náhwæ´r ne mihton hie geáxian hwanon hit cóme, ne hwelces fæderes sunu hit wæ´re. Þá gelæ´ddon hie þæt cild to þam cyninge. Se cyning onféng his, and hét afédan hit on his hírede and manna þéawas læ´ran.

Him ne geald, swáþéah, þæt fóstorcild his fóstres léan: ac gewéox and ungehýrsum cniht gewearþ, and wæs sláw and asolcen. Late leornode he manna geþéode. Láþ wæs him æ´lc geweorc, ne nolde he ná his willes gelómena brúcan ne wæ´pnum wealdan. Hunig wæs him swíþe léof, and he sóhte hit oft be wudum; oftor þéah réafode he

béocera hýfe. For þam hét man hine Béowulf (and he æ´r næ´nne naman hæfde), and á siþþan hátte he swá.

Hine menn micles wyrðne ne tealdon: léton hine for héanne, ne ne rýmdon him næ´nne setl on þæs cyninges healle; ac he wunode on hyrne. Þær sæt he oft on þam flette. Lýt spræc he mid mannum. Þá gelamp hit æfter firste þæt se cniht weaxan ongann wundrum hrædlíce, and swá swá he híerra wéox, swá wearþ he á strengra, oþ þæt óþre cnihtas and éac weras hine ondræ´ddon. Næs þá lang to þon þæt he fíf manna mægen hæfde on his handum. Þá wéox he giet má, oþþæt his earma gripe wearþ swá swá beran clypping. Næ´nig wæ´pn ne bær he, and gif he abolgen wearþ, þá mihte he man in his fæþme tocwýsan. Swá forléton menn hine ána.

Se Béowulf gewunode þæt he swamm oft on þæ´re sæ´, sumera and wintra. Swá hát wæs he swá se hwíta bera, and his blód hæfde beran hæ´to: þý ne ondræ´dde he næ´nne ciele.

Þá wæs on þæ´re tíde sum swíþe sundhwæt cempa, Breca hátte, Brandinga cynnes. Se Breca geméttе þone cniht Béowulf be þam strande, þá he æt sume cierre cóm fram sunde be þam sæ´riman.

Þá cwæþ Breca: ‘Ic wolde georn læ´ran þé sundplegan. Ac húru þú ne dearst swimman út on gársecg!’

Þá andswarode Béowulf: ‘Gif wit bégen onginnaþ on geflit swimman, ne béo ic se þe æ´rest hám wende!’ Þá déaf he eft on þa wægas. ‘Folga me núþa be þínre mihte!’ cwæþ he.

Þá swummon hie fíf dagas, and Breca ná ne mihte Béowulf foran forswimman; ac Béowulf wæs swimmende ymb Brecan útan, ne nolde hine forlæ´tan. ‘Ic ondræ´de me þearle þæt þu méþige and adrince,’ cwæþ he. Þá wearþ Breca ierre on móde.

Þá arás fæ´ringa micel wind, and se blæst bléow swa wódlice þæt wæ´gas to heofone astigon swá swá beorgas, and hie cnysedon and hrysedon Brecan, and adrifon hine feorr onweg and feredon hine to fyrlenum lande. Þanon cóm he siþþan eft on langum síþe to his ágnum earde: sægde þæt he Béowulf léte feor behindan, and hine æt þam sunde ealles oferflite. Húru se storm onhrérde þa niceras, and hie þá úp dufon of sæ´grunde; and hie gesáwon Béowulf. Swíþe hátheorte wurdon hie, for þam þe hie wéndon þæt he Breca wæ´re and þone storm him on andan aweahte. Þá geféng hira án þone cniht: wolde hine niþer téon tó grunde. Swíþe wéndon þa niceras þæt hie wolden þá niht under sæ´ wista néotan. Hwæþre seþéah Béowulf wræ´stlode wiþ þone nicor and ofslóh hine, and swá eft óþre. Siþþan morgen cóm, þa lágon úp nigon niceras wealwiende be þæm wætere.

Þá sweþrode se wind, and astág seo sunne. Béowulf geseah manige síde næssas licgan út on þa sæ, and micle ýþa oþbæ´ron hine and awurpon hine up on elþéod, feorr be norþan, þær Finnas eardodon. Síþ cóm he eft hám. Hine þá sume frugnon: 'Hwider éodestu?' 'On sunde náthwæ´r,' cwæþ he. Þúhte him swáþéah his ansýn grimlic, and hie gesáwon on him wundswaþe swá he wiþ wildeor wræ´stlode.

Hit gesæ´lde, siþþan Béowulf mannes wæstm oþþe wel máran begeat, þæt he æt sumum sæ´le hýrde menn gieddian on healle. Þá cwiddode án þæt sum útlandes cyning him micel hús atimbrode. Héah wæs seo heall, and hire hróf gylden; ealle bence þæ´r inne wræ´tlice agræfene wæ´ron and ofergylde; scán se fáge flór, and gylden rift hangodon be þam wágum. Þær wæs æ´r manig wuldorlic symbel, micel mandréam, gamen and hleahtor wera. Nú þéah stód þæt hús ídel, siþþan seo sunne to setle éode. Næ´nig dorste þæ´r inne slæ´pan; for þam þe þyrsa náthwilc seomode on þæ´re healle: ealle þe he besierwan mihte oþþe fræ´t he oþþe út aferede to his denne. Ealle niht

rixode se eoten on þæ´re gyldenan healle þæs cyninges, ne nán mann mihte him wiþstandan.

Þá semninga gestód Béowulf úp. ‘Him is mannes þearf þæ´r on lande,’ cwæþ he. ‘Þone cyning wille ic ofer sæ´ sécan!’

Þás word þuhton manigum dysig. Lýt lógon hie him swáþéah þone síþ; for þam þe hie tealdon þæt se þyrs oþre manige nytwyrþran etan mihte.

Béowulf fór ánliepe fram hám: ac on færendum wege geméttе he sumne mann þe hine áxode hú he hátte and hwider he fóre.

Þá andswarode he: ‘Ic hátte Béowulf, and ic séce Gyldenhealle cyning.’

Þá cwæþ se mann: ‘Nú wille ic þé féran mid. Handscóh is mín nama’ – and he hátte swá, for þam þe he his handa mid miclum hýdigum glófum werede, and þá he glófa on hæfde, þá mihte he gréat clúd onweg ascúfan and micle stánas to-slítan; ac þá he hie næfde, ne mihte ná má þonne óþre menn.

Fóron þá forþ samod Handscóh and Béowulf þæt hie to þæ´re sæ´ cómon. Þæ´r begéaton hie scip, and tobræ´ddon segl, and se norþwind bær hie feorr onweg. Gesáwon hie æfter fierste fremede land licgan him beforan: héah clifu blicon bufan sande. Þæ´r æt síþmestan dydon hie hira scip úp on strand.

Sóna swá hie úp éodon, swá cóm him ongéan wígmanna sum; ne sægde he ná þæt hie wilcuman wæren; lócode grimlíce, and mid spere handum acweahte wódlíce. Hie gefrægn þa cuman unfréondlíce æfter hira namum and hira æ´rende.

Þá gestód Béowulf and him andwyrde módiglíce. ‘Béowulf is mín nama,’ cwæþ he, ‘and þes mín geféra hátte Handscóh. Wé sécaþ þæs Gyldenhealle cyninges land.

Wolde ic georn geweorc habban þe geþungenes mannes gemet síe. Þæ´r on lande scolde man þæt findan, þæs þe we secgan hýrdon; for þam þe séo gesegen on mínum éþle gebræ´ded wæs þæt féonda náthwilc þæs cyninges healle nihtes sóhte, ne næ´nig híredman his abídan ne dorste. Gif þas word sóþ wæ´ren, dohte ic þam cyninge.'

'Húru þu dohte!' cwæþ se mann: stóp onbæc, and lócode úp wundriende on þone cuman (and he, Béowulf wæs þá swíþe héah aweaxen, and his limu wæ´ron grýtran þonne óþerra manna gemet). 'For sóþe hæfþ éow se wind on þæs cyninges ríce gelæ´ded. Nis nú feorr heonan þæt hús þe gé tó sécaþ.'

Þá wísode he Béowulfe and his geféran forþ ofer land, oþþæt hie brádne weg fundon: þá þæ´r gesáwon hie þæs cyninges hús scínan him beforan, on grénre dene: líexte geond þæt déope land se léoma þæs gyldenan hrófes.

Þá cwæþ se wísiend: 'þæ´r stent séo heall þe gé tó fundiaþ. Ne magon gé nú þæs weges missan! Háte ic éow wel faran: swá ne wéne ic ná þæs þe ic þéow siþþan æ´fre eft geséon móte!'

Þæs ymb lýtel fæc cómon hie, Handscóh and Béowulf, tó þæ´re healle durum. Þæ´r ascéaf Béowulf þa duruweardas: cóm þá inn gán módig æfter flóre, þæt he fore þam cynesetle gestód and þone cyning grétte.

'Wes þú, hláford, hál on þínre Gyldenhealle!' cwæþ he. 'Ic eom nú hér cumen líþan ofer sæ´. Hýrde ic þæt þé elwihta sum gedrecce. Man me sægde þæt he þínne folgaþ æ´te and þæt þú mid fela goldes þám léanian wolde þam þe þé æt him ahredde.'

Þá andswarode se cyning: 'Wálá! Sóþ is þætte þu gehíerdest. Án þyrs se þe Grendel hátte nú fela géara hergaþ mín folc. Swá hwelcum menn swá hine fordyde, wolde ic þá dæ´d mæ´rlíce léanian. Ac hwá eart þu? Oþþe hwelc æ´rende hæfstu tó mé?'

‘Béowulf is mín nama,’ cwæþ he. ‘Hæbbe ic on mínum handum þrítigra manna mægen. Þæt is mín æ´rende þæt ic on þisne þyrs lócige. Wæs ic æ´r ymb óþre swylce abisgod. Niceras éac ofslóh ic. Þý næ´nig hér on lande is þe him wiþstandan durre, þý wille ic hér toniht his abídan, maþelian mid þissum Grendle swá me wel þynce. Óþerne fultum nelle ic habban búte míne earmas twégen. Gif þás mé swícen, húru þu bist orsorg mín: náþer ne þyrfe þu mé leng feormian, ne mé bebyrigan mid ealle, búte þa spell léogen.’

Þá blissode se cyning swíþe þæs þe he þás spræ´ce hierde; ongann wénan þæs þe his gedeorfa bót nú æt síþmestan him gehende wæ´re. Swá gebéad he Béowulfe þæt he tó symble eode; hét settan hine onmang his híredmanna. Þá þá sæ´l gewearþ þæt man fletsittendum drync agéat, þá cóm self seo cwén tó Béowulfe, scencte him full medwes and him hæ´lo abéad. ‘Swíþe gladu eom ic on móde,’ cwæþ heo, ‘þe ic eft tó sóþe mann on þisse healle geséo!’

Þás word yfele lícodon þam híredmannum, and hira nánum ofþuhton hie má þonne Unfriþe. Se Unfriþ tealde hine mycles wyrðne, for þam þe he þam cyninge léof wæs. Húru he wæs swíþe gewittig mann: þý wæ´ron his ræ´das dýre his hláforde. Óþre sume cwæ´don þéah þæt he drýcræftig wæ´re and galdor cúþe: oftor aweahten his ræ´das unsibbe þonne hie geþwæ´rnesse setten.

Se ilca mann wende hine nú tó Béowulfe weard, and cwæþ him þus: ‘Hýrde ic nú æ´r on riht þæt þú þé Béowulf nemnede? Seldcúþ nama, féawum gemæ´ne, þæs ic wéne. Witodlíce þú wæ´re hit þe he Breca þé sundgeflit béad, and he þá lét þé feorr behindan, and swamm eft hám tó his ágenum earde: swá gelæ´ste he his béot wiþ þé. Wén hæbbe ic þæs þe Grendel þé læssan áre dón wille þonne Breca, búte þú micle swíþor duge nú þonne æ´r.’

‘Lá! léofa Unfriþ!’ cwæþ Béowulf. ‘Hwæt! Þu woffast béore druncen, dollíce gesegest eall on unriht! Eornostlíce wæs ic hit þe mín béot gelæ´ste, nealles se earma Breca. Þéah wæs ic þá giet cniht án. Sóþlíce is mín wæstm hwéne mára núþa. Ac uton nú gefrýnd weorþan!’

Þá nóm he Unfriþ úp, ymbfæþmode hine, and clypte hine leohtlíce (swá him þúhte). Wæs hit þéah þam óþrum genóg, and siþþan Béowulf hine alíesde, þá lét Unfriþ swíþe fréondlíce, þá hwíle þe Béowulf wæs him néah gesett.

Hraþe æfter þon ongann seo sunne niþer gewítan, wurdon sceadwa lange ofer eorðan. Þá arás se cyning; menn ónetton of þæ´re healle.

*

a *Kennings* – como detalha a nota do tradutor geral – são palavras compostas, empregadas usual e exclusivamente em textos poéticos medievais, em línguas germânicas, para designar ideias frequentes, por exemplo, “estrada da baleia” (mar) e “corcel das ondas” (navio). (N. do T.)

b No original, *Beewolf* (“Lobo das Abelhas”, apelido do menino). Nesta tradução, optou-se por “Lobelho”, em português, contração de “Lobo-Abelha”, com terminação masculina. (N. do T.)

c Cerca de 18 metros (N. do T.)

d Esse é um lugar conveniente para destacar um acréscimo muito curioso que meu pai fez mais tarde, às pressas, nesse ponto do texto manuscrito A, mas que depois riscou:

> E ela acrescentou um anel: “Este poderá servir em caso de necessidade, meu amigo Lobelho”, disse a rainha. “Se alguma vez a esperança parecer ter esvaecido, vira-

o no teu dedo, e teu chamado de auxílio será respondido, pois o anel foi feito pela bela gente de outrora.”

A BALADA DE BEOWULF

Os dois poemas que se seguem, ou as duas versões de um mesmo poema, foram datilografados por meu pai no mesmo tipo *midget* usado para o texto B da sua tradução de *Beowulf* (ver texto). Uma versão tem o título BEOWULF E GRENDEL datilografado, com o número I acrescentado a tinta; o título do outro poema, também datilografado, era simplesmente BEOWULF, mas ele acrescentou a tinta E OS MONSTROS, juntamente com o número II.

Não há dúvida de que a versão I foi a primeira, como se poderia supor, por causa da emenda a tinta feita no primeiro verso da sexta estrofe. *A ship there sailed on pinions wild*, na versão I, mudou para: *On the sails of a ship the sunlight smiled*, que é a forma do verso na penúltima estrofe da versão II, do modo como foi datilografada. Esta versão repete muitos dos versos da versão I, mas foi bastante alterada e ampliada com a introdução da história da mãe de Grendel.

Não encontrei nenhuma menção a essas baladas, nem mesmo de modo sutil, entre os escritos de meu pai (exceto o nome “Beowulf” escrito a lápis numa antiga lista datilografada de seus poemas), mas os textos são precedidos de uma página em que ele escreveu a tinta: “Etapas na adição de novo material à Balada de Beowulf.” Isso, é claro, foi acrescentado quando já existiam as duas versões, uma sugestão satírica da importância desses poemas expressa no vocabulário acadêmico desse ramo dos estudos de *Beowulf*.

Nessa página de rosto há também uma nota a lápis: “Destinado a ser cantado.” Como mencionei no prefácio, lembro-me de meu pai cantando essa balada para mim quando eu tinha sete ou oito anos de idade, no começo da década de 1930 (evidentemente, antes disso pode ser que ela já existisse). Creio que é muito provável que foi a primeira versão, *Beowulf e Grendel*, que ele cantou para mim.

A BALADA DE BEOWULF

I

Beowulf e Grendel

Grendel surgiu na madrugada;
nos olhos, luz enluarada,
foi sobre os charcos sua estrada
        até que chegou a Heorot.
Trevas no vale, luz na janela,
ficou à escuta diante dela,
maldisse o riso, a canção bela
        e o som da harpa em Heorot.

Hrothgar em luto está no trono
pelos seus mortos, em abandono,
e Grendel envia ao eterno sono
        trinta varões de Heorot.
Qual cisne alado vem o navio
na espuma branca do mar bravio;
tem na fronte um elmo luzidio
        que o vento trouxe a Heorot.
Beowulf repousa na almofada,

Grendel na treva, madrugada,
invade a sala, porta é arrombada,
agarra o guarda de Heorot.
Urso incitado no covil,
Beowulf combate-o com brio,
arranca braço e garra, frio,
derrama o sangue em Heorot.

“Filho de Ecgtheow”, esconjura,
“Se cortas minha cabeça impura,
teu leito de morte é pedra dura,
e rubra a sina de Heorot!”
“Pois seja leito de pedra dura
esse em que a morte me procura”:
ali decapita a criatura
e a cabeça alça em Heorot.

Alegres bebem hidromel
e Hrothgar dá seu tesouro,
espada, joia e corcel
a Beowulf dá em Heorot.
A lua as janelas alumia;
Beowulf bebe e espia,
no olho da fera a luz é fria
diante da chama de Heorot.

O sol às velas dá alento,

a carga é de ouro a contento,
e sopra livre e bravo o vento
deixando a terra de Heorot.
Da costa se ergue voz cordial
louvando o senhor da nau;
mas sua viagem é final,
a sina é longe de Heorot.

Cabeça vil pende no salão,
ri-se das trovas, da canção,
mas fogo vem, espada à mão,
e cala a harpa em Heorot.
Herói exausto da aventura
jaz em seu leito de pedra dura;
veneno o queima, não tem cura,
recorda a luz de Heorot.

II

Beowulf e os monstros

Grendel surgiu na madrugada;
nos olhos, luz enluarada,
foi sobre os charcos, sua estrada,
até que chegou a Heorot.
Trevas no vale, luz na janela,
ficou à escuta diante dela,
maldisse o riso, a canção bela
e o som da harpa em Heorot.

Extinta a luz, riso calado;
Grendel entrou, está saciado;
é rubro o sangue derramado
no piso luzente de Heorot.
Não arrosta o monstro nenhum danês
nem suporta o peso dos feros pés;
no salão, a sós, seu assento fez
o amo-demônio de Heorot.

Na alba, Hrothgar, em seu trono,
traz luto aos mortos, em abandono,
e Grendel envia ao eterno sono

trinta varões dos Danos.
Qual cisne alado vem o navio
na espuma branca do mar bravio,
tem na fronte um elmo luzidio
o que a sina trouxe aos Danos.

Repousa Beowulf na almofada,
Grendel com ânsia, madrugada,
invade a sala, porta é arrombada,
agarra o guarda de Heorot.
Urso incitado no covil,
Beowulf combate-o com brio,
arranca braço e garra, frio,
e verte o sangue em Heorot.

À mesa roda o hidromel,
alegre a tropa, o rei fiel;
espada, joia e corcel
regalos faz a Beowulf.
Dormem os Danos sem cuidado
da fera que vem pra seu lado
vingar o filho vitimado
c’o sangue vertido por Beowulf.

O riso cala, a luz expira;
a mãe dos trolls lhes causa ira,
captura a vítima e se vira

uivando, foge de Heorot.
Qual sombra em névoa na montanha
de vento frio que a urze apanha,
na fuga a fúria é tamanha
pois tombou seu filho em Heorot.

Um só a segue na íngreme via,
foge com presa, vilania,
ao covil atrás da cascata fria
enquanto choram em Heorot.
Sobre os charcos de névoa glacial
onde o lobo uiva no matagal,
junto ao cói do dragão e monstro feral
e longe das luzes de Heorot.

Íngreme margem de águas transidas
tem árvores secas e retorcidas;
nas águas negras foram-se as vidas
dos campeões dos Danos.
Trovão em meio às chamas vem,
caldeira de fumos e fogos do além,
lá vive ela, demônios também,
ali entre os ossos dos Danos.

Diz Beowulf: “Amigos, vou vos deixar!
solitário será o meu caminhar”,
e seu elmo luzente mergulha no mar

pra vingar a dor de Heorot.
Os monstros roem sua malha de aço;
as presas brancas lhe seguem o passo;
luz verde brilha no fundo paço
de salões mais altos que Heorot.

A ogra espreita junto ao portal;
é rubra a garra, o dedo feral,
jazem caveiras da hoste mortal
embaixo dos pés de Beowulf.
As unhas lhe puxam a armadura,
com sede à garganta vai presa impura,
e rompe-se a espada e mais não dura
a que Unferth deu a Beowulf.

No abismo sombrio a morte é chegada
onde jaz um defunto sobre uma ossada,
onde Grendel dorme em seu sono, mais nada,
e não anda mais até Heorot.
Na parede há espada enorme, que antes
foi forjada por raça de altos gigantes;
Beowulf a toma e fere em instantes
a inimiga de Heorot.

“Filho de Ecgtheow”, esconjura,
“Se cortas minha cabeça impura,
teu leito de morte é pedra dura,

e rubra a sina dos Danos!”
“Pois seja leito de pedra dura
esse em que a morte me procura”:
ali decapita a criatura
e a cabeça leva aos Danos.

Alegres bebem hidromel
e Hrothgar dá tesouro seu,
mas a espada Beowulf perdeu
que Unferth deu em Heorot.
A lua janelas alumia;
Beowulf bebe e espia,
no olho da fera a luz é fria
diante da chama de Heorot.

O sol às velas dá alento,
a carga é de ouro a contento,
e sopra livre e bravo o vento,
deixando a terra dos Danos.
Da costa se ergue voz cordial
louvando o senhor da nau;
mas sua viagem é final,
a sina é longe dos Danos.

Cabeça vil pende no salão,
ri-se das trovas, da canção,
mas fogo vem, espada à mão,

e cala a harpa em Heorot.
Herói exausto da aventura
jaz em seu leito de pedra dura;
veneno o queima, não tem cura,
recorda a luz de Heorot.

*

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título BEOWULF: A TRANSLATION AND COMMENTARY, por HarperCollins Publishers Ltd., em 2014.

© 2014, The Tolkien Trust, para textos e materiais de J.R.R. Tolkien
© 2014, C.R. Tolkien , para prefácio, introduções, notas e outros materiais
[monograma do Tolkien] e Tolkien® são marcas registradas do The Tolkien Estate Limited

Copyright © 2015, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

A ilustração sem título de um dragão e um guerreiro que aparece na página I deste livro foi reproduzida por cortesia da The Bodleian Library, University of Oxford e selecionada do seu acervo onde está identificada como MS. Tolkien Drawings 87, fol. 39

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, armazenado em sistemas eletrônicos recuperáveis nem transmitido por nenhuma forma ou meio eletrônico, mecânico ou outros, sem a prévia autorização por escrito do editor.

1ª edição *2015*
1ª edição digital *2015*

Tradução
Ronald Eduard Kyrmse

Acompanhamento editorial
Fernando Santos
Preparação de texto
Maria Luiza Favret
Revisões gráficas
Rogério Trentini
Ana Caperuto
Paginação
Studio 3 Desenvolvimento Editorial
Produção do arquivo ePub
Booknando Livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tolkien, J. R. R.
Beowulf [livro eletrônico] : uma tradução comentada, incluindo o conto Sellic Spell / de J. R. R. Tolkien ; editado por Christopher Tolkien ; tradução Ronald

Eduard Kyrmse. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2015.
6 Mb ; ePUB.

Título original: Beowulf : a translation and commentary.
ISBN 978-85-469-0014-5

1. Beowulf 2. Poesia épica - Anglo-saxão - História e crítica I. Tolkien, Christopher. II. Título.

15-11174

CDD-829.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Beowulf : Poesia épica : Anglo-saxão :
História e crítica 829.3

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora WMF Martins Fontes Ltda.
Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325.030 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042
e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

Table of Contents

Folha de rosto
Índice
Prefácio
Introdução à tradução
Beowulf (Inglês)
Beowulf (Português)
Notas sobre o texto da tradução
Nota introdutória ao comentário
Comentários complementares à tradução de Beowulf
Sellic Spell
A Balada de Beowulf
Créditos